URBANIDADE
DIGRESSÕES ENTRE
UNIVERSIDADE
E **CIDADE**

UM ESTUDO DE CASO DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA DO CAMPUS DE SANTIAGO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL.

HELEN MARIA PALMEIRA MEDEIROS

Helen Maria Palmeira Medeiros

Urbanidade: digressões entre universidade e cidade.
Um estudo de caso dos espaços de fronteira do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro, Portugal.

Tese para obtenção do grau de Doutora em Regime de Cotutela Internacional no Programa de Doutoramento de Arquitetura da Universidade do Porto (PDA/UPORTO) e no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU/UFPB).

Orientadoras:
Profª Drª Teresa Manuel Almeida Calix Augusto
Profª Drª Jovanka Baracuhy Cavalcanti

João Pessoa, 2023.

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M488u Medeiros, Helen Maria Palmeira.
Urbanidade : digressões entre universidade e cidade. Um estudo de caso dos espaços de fronteira do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro, Portugal / Helen Maria Palmeira Medeiros. - João Pessoa, 2023.
367 f. : il.

Orientação: Teresa Manuel Almeida Calix Augusto, Jovanka Baracuhy Cavalcanti.
Tese (Doutorado) - UFPB/CT.

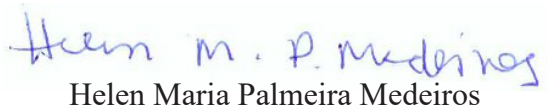
1. Arquitetura. 2. Fronteiras - Campus universitário. 3. Urbanidades. 4. Campus de Santiago - Universidade de Aveiro. I. Augusto, Teresa Manuel Almeida Calix. II. Cavalcanti, Jovanka Baracuhy. III. Título.

UFPB/BC CDU 72(043)

Elaborado por Larissa Silva Oliveira de Mesquita - CRB-15/746

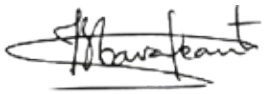
Urbanidade: digressões entre universidade e cidade. Um estudo de caso dos espaços de fronteira do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro, Portugal

Por



Helen Maria Palmeira Medeiros

Trabalho de pesquisa aprovado em 30 de agosto de 2023



Prof.ª Dr.ª Jovanka Baracuhy Cavalcanti
(Orientadora/Presidente – PPGAU/UFPB)



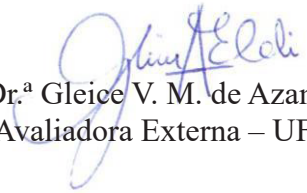
Prof.ª Dr.ª Marcele Trigueiro de A. Morais
(Avaliadora Interna – PPGAU/UFPB)



Prof.ª Dr.ª Ana Silva Fernandes
(Avaliadora Externa – U. Porto)



Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz
(Avaliador Externo – UFRJ)



Prof.ª Dr.ª Gleice V. M. de Azambuja Elali
(Avaliadora Externa – UFRN)

João Pessoa-PB - 2023

Agradecimentos

Nenhuma produção do conhecimento faz-se individualmente. Estamos sempre acompanhados dos autores que lemos; daqueles que nos dão suporte emocional, material ou institucional; dos professores e colegas que nos ajudam a aprimorar nossa capacidade intelectual, dos que confrontam nossas ideias e, assim, fazem-nos superar questões pouco desenvolvidas. Sou sinceramente grata a muitas pessoas que de um modo ou de outro participaram deste produto e o tornaram possível.

Em primeiro lugar, devo minha gratidão às professoras Teresa Calix e Jovanka Baracuhy, orientadoras deste trabalho, pela confiança e paciência. Este documento final é resultado de um esforço conjunto, construído durante uma longa jornada, que envolveu muitas idas e vindas burocráticas e acadêmicas. Contar com a constância das minhas orientadoras ajudou-me a persistir. Também não posso deixar de mencionar a professora Vera Mayrinck, a quem devo muito do meu desenvolvimento pessoal como pesquisadora.

Agradeço aos colegas dos dois programas de pós-graduação nos quais estive vinculada, pessoas queridas, com quem pude dividir um pouco da experiência de ser doutoranda. No PDA/FAUP, faço menção especial às vivências compartilhadas com Regina Milheiro e Ana Renata Santos. Às colega Marta Martins e Lina Yule, sou grata pela generosidade do encontro e trocas acadêmicas, que contribuíram na formulação do projeto de tese. Do PPGAU/UFPB, agradeço a acolhida dos queridos colegas Luciana Carvalho, Mariana Ribas, Ricardo Monteiro e Vinícius Fulgêncio.

Nos dois programas doutorais que tive oportunidade de frequentar, encontrei excelentes professores, com bastante influência sobre as reflexões desenvolvidas neste trabalho. Agradeço às aulas e conselhos dos professores Álvaro Domingues e Ana Fernandes, no PDA/FAUP e à profª Doralice Sátiro, no PPGAU/UFPB.

Ao longo dos anos, outros professsores e investigadores contribuíram no desenvolvimento deste percurso. Na medida em que seguíamos neste estudo, ficou cada vez mais evidente o quanto essas pessoas foram generosas com sua escuta ou no compartilhamento de textos relevantes para pesquisa. Por isso, agradeço aos professores Virgílio Pereira, Lígia Ferro, Frederico Sá, Sérgio Mendes, Paulo Rheingantz, Luísa Cannas e Valdênio Meneses.

Para o desenvolvimento do trabalho, pudemos contar com o compartilhamento de dados dos colegas estudantes da Universidade de Aveiro, que estavam a concluir sua Licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação: Ana Beatriz Ponte, Cláudia Amaro, João Nunes Silva e Patrícia Oliveira. Agradecemos também à Câmara Municipal de Aveiro pelo fornecimento do Mapa Base

do Concelho em arquivo editável, a partir do qual foi possível produzir todos os mapas temáticos constantes neste documento.

Uma investigação de doutorado, ainda mais vinculada a duas instituições, não se faz sem administração, burocracias, papéis e muitos humanos dedicados em suas funções e cargos, que prestam auxílios inestimáveis aos investigadores. Por isso, agradeço profundamente a eles que, sem qualquer exagero, foram fundamentais para que este trabalho chegasse à sua conclusão. Especialmente, cito os senhores Luís Valentim, Marta Lourenço, Conceição Novença, Ângela Matos, Bárbara Costa e Susete Maia, que nos deram suporte em diferentes setores da UPORTO. Na UFPB, agradeço aos técnicos Sinval Maciel, Rodrigo Costa, Alinildo Pontes, Wellington Guimarães e Ana Berenice Martorelli. Enquanto também servidora técnica de uma universidade, sou grata pelo exemplo de profissionalismo de cada um de vocês.

Não posso deixar de fazer referência à Universidade Estadual da Paraíba, pela possibilidade do afastamento funcional que nos deu oportunidade de investir neste estudo. Aos meus superiores, agradeço pelo incentivo constante do profº Álvaro Farias e pela compreensão da profª Alessandra Teixeira. Sou grata aos meus colegas de setor, principalmente a Luina Marinho, que cobriu minha ausência durante o período de afastamento, além de ser alguém com quem pude sempre compartilhar alguns dos desafios e realizações de ser arquiteta naquela instituição.

Agradeço aos amigos que vibraram comigo no início desta jornada e que igualmente se alegrarão na sua conclusão. Nomeadamente, faço menção às amigas Virgínia Palmeira, Cinthia Oliveira e Carla Vanessa Sales que, ao passarem elas mesmas por um percurso semelhante em outros campos disciplinares, foram essenciais no compartilhar de experiências, na escuta, na fraternidade, enfim. Aqui, agradeço também à Rayanne Chagas, pela escuta profissional, pela dedicação.

Finalmente, toda gratidão à minha família. Ao meu companheiro André, pela cumplicidade, conversas, trocas de experiência, suporte, influência intelectual e paciência. A Madruguinha, embora ele não seja capaz de compreender esta linguagem, pela alegria e companhia canina fiel durante horas seguidas sob meus pés, nos momentos solitários e exaustivos de escrita continuada. Aos meus pais, pela dedicação e referência que são. Em especial, agradeço pela influência e incentivo da minha mãe, meu primeiro e mais valoroso exemplo de resiliência, perseverança e amor pelo conhecimento.

Nota prévia

Em Portugal, é comum iniciar-se um trabalho com uma advertência como: "este trabalho está escrito segundo o novo acordo ortográfico". É disso que se trata esta nota. Mas não. O português atravessou o Atlântico, achou nova casa, incorporou e foi incorporado por culturas outras. Ampliou-se, ganhou novas semânticas, novas ortografias, novos sons... e isso, antes de ser o que nos diferencia, é nossa riqueza comum. Deveria, portanto, ser mais motivo de orgulho do que de disputas identitárias. Dito isso, advirto que este trabalho está escrito em português brasileiro, o que tem vantagens para o leitor e para mim, a autora, pois é nessa versão de nosso idioma que tenho maior domínio e possibilidade de produzir um texto mais compreensível. Entretanto, não haveremos de desperdiçar as vantagens de ter-se um trabalho desenvolvido sob o amparo de uma cooperação internacional entre instituições portuguesa e brasileira. Nesse sentido, faremos algumas vantajosas apropriações e ressalvas. Aos leitores portugueses, pedimos que não tomem por "terno" (que, no Brasil, significa mais do que qualidade da ternura), o termo "fato", equivalente ao vosso "facto". Outra ressalva diz respeito ao termo "gleba", tão comumente utilizado em textos técnicos brasileiros, mas desconhecido até mesmo por professores doutores de teoria urbana em Portugal. Assim, preferir-se-ão as expressões "grandes lotes", "grandes terrenos" ou semelhantes. Já os termos "área de entorno" e "envolvente" têm aplicações semelhantes, sendo ambos utilizados conforme melhor proveito de um termo ou outro para o sentido do texto, visto que "envolvente" (mais utilizado em Portugal) pode também denotar uma ideia de comprometimento, de algo que se mistura. No que se refere à sintaxe, pedimos ao leitor português que não tome por erro a ausência de acento agudo nas conjugações da primeira pessoa do plural de verbos terminados em "ar", quando utilizados no pretérito perfeito do indicativo, tais como "aceitámos" ou "demonstrámos", por exemplo. Essa é uma diferenciação que não corresponde às normas gramaticais do português brasileiro. Finalmente, tentei minimizar os gerúndios que, no Brasil, às vezes, é excessivamente utilizados na linguagem coloquial. Outras diferenciações poderão aparecer em notas ao longo do texto.

Resumo

A presente tese é o resultado de uma investigação qualitativa de estudo de caso único e exploratório que tem como objeto a urbanidade por meio da integração socioespacial dos espaços de fronteira de campi universitários periféricos. A denominação de espaços de fronteira refere-se aos espaços abertos localizados entre os limites da parcela urbana e o edificado, frequentemente resultante de recuos impostos por regulações urbanísticas. Tem-se a compreensão de que esses espaços poderiam contribuir para a urbanidade, ao atuarem como espaços mediadores e ampliadores dos espaços de interação pública das cidades que emergem nos entornos universitários, a partir da implantação dos campi. Uma sensibilidade etnográfica é especialmente útil para o desenvolvimento da pesquisa de campo, em que se teve atenção às situações de permanência e movimentos de humanos nos espaços abertos e de fronteira do estudo de caso, o Campus de Santiago da Universidade de Aveiro (Aveiro, Portugal), bem como de seu entorno imediato. Essas atividades de campo serviram para explorarmos as possibilidades de estabelecer princípios projetuais para os espaços de fronteira de campi universitários. Em paralelo, discute-se a própria noção de urbanidade como categoria de estudo e a validade de sua associação com o espaço construído dos espaços de fronteira. Com o auxílio das proposições da Teoria Ator-Rede, passa-se a considerar que as urbanidades são experiências múltiplas *do* e *no* espaço urbano, que tendem à integração socioespacial. Por seu caráter relacional e múltiplo, o par urbanidades-desurbanidades é indissociável e representa uma latência em cada ator humano e não-humano. Finalmente, a urbanidade é dinâmica e imponderável, por isso, o esforço de identificação dos atores sociais e seus coletivos, dos interesses que os impelem à ação, bem como das eventuais controvérsias de que se ocupam pode ser útil para uma aproximação empírica das diversas urbanidades-desurbanidades presentes no entorno universitário. Apesar de digressiva, a aproximação das urbanidades-desurbanidades funciona como uma calibragem às percepções de campo. Por fim, apesar de restrito a um único estudo de caso, as considerações teóricas e metodológicas aqui apresentadas podem ser utilizadas para o desenvolvimento de pesquisas e análises em casos existentes em diferentes contextos, inclusive, no brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: campus universitário, espaços de fronteira, urbanidades, Campus de Santiago.

Abstract

This thesis is the result of a qualitative investigation of a single and exploratory case study that has as its object urbanity through the socio-spatial integration of the edge spaces of peripheral university campuses. The denomination of edge spaces refers to the open spaces located between the limits of the urban plot and the building, often resulting from obligations imposed by urban regulations. There is an understanding that these spaces could contribute to urbanity, by acting as mediators and amplifiers of public interaction spaces in cities that emerge in university surroundings, from the settlement of campuses. An ethnographic sensitivity is especially useful for the development of field research, in which attention was paid to situations of permanence and movements of humans in the open and edge spaces of the case study, the Campus of Santiago of the University of Aveiro (Aveiro, Portugal), as well as its immediate surroundings. These field activities served for us to explore the possibilities of establishing design principles for the edge spaces of university campuses. In parallel, it discusses the very notion of urbanity as a category of study and the validity of its association with the built environment of edge spaces. With the aid of the propositions of the Actor-Network Theory, it is considered that the urbanities are multiple experiences of and in the urban space, which tend to socio-spatial integration. Due to its relational and plural character, the pair urbanities-disurbanities is inseparable and represents a latency in each human and non-human actor. Finally, urbanity is dynamic and imponderable, therefore, the effort to identify the social actors and their collectives, the interests that drive them to action, as well as the eventual controversies they deal with may be helpful for an empirical approach of the various urbanities-disurbanities present in the university surroundings. Despite being digressive, the approximation of urbanities-disurbanities functions as a calibration of field research perceptions. Finally, despite digressive, the approach of the urbanities-disurbanities functions as a calibration to the field perceptions, in which a series of actors and mediations are invisible. Finally, although restricted to a single case study, the theoretical and methodological considerations presented here can be used for developping researches and analysis in existing cases in different contexts, including in Brazil.

KEYWORDS: *university campus, edge spaces, urbanities, Santiago Campus.*

Lista de Figuras

01	Esquema visual da ideia inicial da investigação	37
02	Esquema visual da ideia da investigação, com alguns questionamentos iniciais	39
03	Esquema visual da ideia inicial da investigação, colocada entre urgências e incertezas	40
04	Esquema gráfico síntese com desvios técnicos, contingências, imprecisões e incertezas	56
05	Vista do Taguspark, Lisboa (Portugal)	104
06	Vista do Distrito de Inovação 22@Barcelona (Espanha)	104
07	Vista aérea do Creative Science Park, Ílhavo (Portugal)	104
08	Apresentação do projeto para o concurso da Universidade Livre de Berlim (1963).	121
09	Foto aérea (2013) do campus sul da Universidade de Copenhague (Dinamarca)	123
10	Plano de espaços abertos para a Universidade de Harvard (Estados Unidos), Josep L. Sert (1960)	126
11	Panorama da revisão de literatura sobre as relações socioespaciais entre universidade e cidade	146
12	Nuvem de autores relacionados à ideia inicial da tese	147

Lista de Fotomontagens

01	Espaços coletivos de Roma, a partir da representação de Nolli	73
02	Capas de diversas publicações que fazem uso do termo "urbanidade"	86
03	Principais tópicos relacionados às publicações levantadas	86
04	Polo I da Universidade do Porto (Portugal)	111
05	Primeiras universidades portuguesas, com edifícios organizados em torno de claustros	113
06	*Academical Village,* Universidade de Virgínia (Estados Unidos)	115
07	Campus da Universidade de Denison (Estados Unidos)	116
08	Vistas da Universidade de Columbia (Estados Unidos)	117
09	Instituto Técnico de Illinois (Estados Unidos)	118
10	Universidade de Toulouse Le-Mirail (França)	121
11	Entorno universitário da *Ohio State University* (Estados Unidos)	125
12	Campus da Universidade de Aveiro (Portugal)	127
13	Localização do Concelho de Aveiro (Portugal)	133
14	Representação das propostas para a Universidade de Aveiro no PIAS (esquerda) e no PGUAZ (direita)	135
15	Traçado proposto no PIAS (esquerda) e sobreposição com traçado construído em 2018 (direita)	136
16	Análise das propostas do PGUAZ (esquerda) e da revisão do CEFA-UP (direita)	137
17	Fotografias de algumas das várias construções arquitetonicamente relevantes do Campus de Santiago	141
18	Marcos arquitetônicos no Campus de Santiago	173
19	Espaços abertos do Campus de Santiago	177
20	Vias de circulação e entorno universitário	181
21	Elementos verdes no Campus de Santiago	184
22	Barreiras no EF 1 – Entrada Norte	191
23	Estacionamento no EF 1 – Entrada Norte	192
24	Elementos verdes no EF 1 – Entrada Norte	193
25	Entorno do EF 2	197
26	Barreiras no EF 2 e entorno imediato	198
27	Estacionamentos no EF 2 e entorno imediato	200
28	Circulação no EF 2 e entorno imediato	201
29	Caminhos no EF 2 e entorno imediato	203
30	Elementos no EF 2 e entorno imediato	204
31	Entorno imediato do EF 3	209
32	Barreiras no EF 3 e entorno imediato	210
33	Estacionamento no EF 3 e seu entorno imediato	212
34	Circulação no EF 3 e no seu entorno imediato	213
35	Caminhos no EF 3 e no seu entorno imediato	214
36	Elementos verdes no EF 3 e no seu entorno imediato	215
37	Barreiras no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato	222
38	Barreiras no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato	223
39	Estacionamentos no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato	224
40	Estacionamentos no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato	225
41	Circulação no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato	226
42	Circulação no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato	227

43 Caminhos no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato 228
44 Caminhos no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato 229
45 Elementos verdes no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato 232
46 Elementos verdes no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato 233
47 Alguns tipos de movimentos observados em campo 240
48 Alguns tipos de permanências observadas em campo 241
49 Atores humanos e não-humanos registrados nas atividades de campo 263

Lista de Mapas

01	O campus de Santiago e seu entorno imediato (2018)	138
02	Campus de Santiago, com a identificação dos autores dos edifícios construídos após a revisão do plano	140
03	Pontos de observação estacionária na pesquisa de campo realizada entre abril e agosto de 2018	150
04	Mapa pedonal elaborado pela Câmara Municipal de Aveiro (CMA), editado pela autora	168
05	Mapa temático do Campus de Santiago, com indicação dos espaços de fronteira	169
06	Usos e ocupações no entorno imediato do Campus de Santiago	171
07	Mapa temático com indicação das variáveis distribuição, densidade, compacidade e marcos	172
08	Espaços abertos do Campus de Santiago	176
09	Mapa temático da variável "circulação"	178
10	Estacionamentos no Campus de Santiago	179
11	Mapa temático da variável "caminhos"	180
12	Mapa temático dos "elementos verdes"	185
13	Mapa temático da variável "barreiras"	187
14	Caminhos no EF 1 – Entrada Norte	190
15	Circulação no EF 1 – Entrada Norte (abaixo)	190
16	Situações de permanências e movimentos observadas em campo	244
17	Situações observadas no EF 1	249
18	Situações observadas no EF 2	253
19	Situações observadas no EF 3	258
20	Situações observadas no EF 4	261

Lista de Quadros

01	Desdobramentos da noção de urbanidade, incertezas e ajustes	100
02	Correspondências de outras referências com os princípios de possibilidades de permanência, autonomia de movimentos e atração.Esquema visual da ideia inicial da investigação, colocada entre urgências e incertezas	108
03	Entrevistas, visitas e seus objetivos	148
04	Distribuição das visitas por horário e dias da semana	148
05	Lista de notícias pesquisadas por temas de interesse	162
06	Lista de perguntas exploratórias	163
07	Perguntas exploratórias relacionadas ao primeiro objetivo específico e suas possibilidades de análise	164
08	Perguntas exploratórias relacionadas ao segundo objetivo específico e suas possibilidades de análise	164
09	Perguntas exploratórias relacionadas ao terceiro objetivo específico e suas possibilidades de análise	165
10	Avaliação do EF 1, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl	194
11	Avaliação do EF 2, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl	205
12	Avaliação do EF 3, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl	217
13	Avaliação do EF 4, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl	231
14	Tipos de situações observadas *in situ*	238
15	Movimentos registrados no EF 1	248
16	Permanências registradas no EF 1	249
17	Movimentos registrados no EF 2	252
18	Permanências registradas no EF 2	254
19	Movimentos registrados no EF 3	256
20	Permanências registradas no EF 3	257
21	Movimentos registrados no EF 4	260
22	Permanências registradas no EF 4	262
23	Perguntas exploratórias referentes ao primeiro objetivo específico	279
24	Perguntas exploratórias referentes ao segundo objetivo específico	285
25	Perguntas exploratórias referentes ao terceiro objetivo específico	290

Lista de Abreviaturas e Siglas

AAUAv	Associação Académica da Universidade de Aveiro
ANT	Teoria Ator-Rede
BUGA	Bicicletas de Utilização Gratuita de Aveiro
EF	Espaço de Fronteira
CEFA-UP	Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
CIFOP	Centro Integrado de Formação de Professores
EN 109	Estrada Nacional 109
EN 235	Estrada Nacional 235
FFH	Fundo de Fomento da Habitação
PGUAZ	Plano Geral da Universidade de Aveiro – Zoneamento
PIAS	Plano Integrado de Aveiro
Rua A. H. B. V. de Aveiro	Rua da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UA	Universidade de Aveiro

Sumário

1	**Introdução**	**33**
2	**Bases teórico-metodológicas para o estudo da urbanidade**	**47**
2.1	**O avesso da tese: breve relato sobre os desvios técnicos ocorridos no desenvolvimento desta investigação**	**48**
2.2	**Contribuições da Etnografia Urbana para o estudo das situações de permanências e movimentos humanos nos espaços abertos, coletivos e públicos**	**56**
2.3	**A abordagem da Teoria Ator-Rede**	**61**
3	**Urbanidade, espaço público e de fronteira**	**71**
3.1	**Urbanismo, urbanidade e espaço público: um percurso histórico**	**71**
3.1.1	Origens do urbanismo e da urbanidade	72
3.1.2	As intervenções modernistas nas cidades: de espaços públicos a espaços livres	75
3.1.3	Revalorização dos espaços públicos e incorporação do termo urbanidade na retórica especializada	77
3.1.4	Os espaços de fronteira: uma costura necessária	79
3.1.5	A urbanização extensiva e os vazios urbanos	82
3.2	**Urbanidade: polissemia e incertezas**	**84**
3.2.1	As digressões da urbanidade	87
3.2.2	Urbanidade enquanto integração socioespacial	95
3.3	**A urbanidade por meio da integração socioespacial de espaços de fronteira**	**100**
3.3.1	A materialidade do espaço e as possibilidades de escolha	102
3.3.3	A integração socioespacial dos espaços	105
4	**Relações socioespaciais entre cidade e universidade**	**109**
4.1	**Universidade e campi universitários: uma breve revisão**	**109**
4.1.1	Das origens da universidade à consolidação do campus universitário	111
4.1.2	Os novos desafios do pós-guerra	119
4.1.3	Campi universitários e seus espaços abertos	124
4.1.4	Espaços de fronteira de campi universitários	126
4.2	**O campus de Santiago da Universidade de Aveiro e seus espaços de fronteira**	**130**
4.2.1	A cidade emergente: processo de ocupação do entorno do Campus de Santiago	**131**
5	**Procedimentos da pesquisa empírica: planejamento e escolha do estudo de caso, levantamento e tratamento de dados**	**143**
5.1	**Preparativos para a pesquisa empírica: levantamento bibliográfico e revisão de literatura**	**145**
5.2	**Primeira fase da pesquisa empírica: atividades de campo**	**147**
5.2.1	Observação direta	148
5.2.2	Entrevistas semiestruturadas	149
5.2.3	Registros de campo	153

5.3 Segunda fase da pesquisa empírica: levantamento de notícias em jornais online 159
5.4 Terceira fase da pesquisa empírica: retorno aos objetivos e sistematização de perguntas exploratórias 162
6 Caracterização físico-espacial do Campus de Santiago e seus espaços de fronteira 167
6.1 Análise físico-espacial do EF 1 – Entrada Norte 188
6.2 Análise físico-espacial do EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães 195
6.3 Análise físico-espacial do EF 3 – Av. da Universidade 207
6.4 Análise físico-espacial do EF 4 – R. da Pega e Via de Circulação Interna 219
7 O social em interação: situações de campo e interesses em negociação
7.1 Movimentos e permanências observados *in situ* 237
7.1.1 Movimentos e permanências no EF 1 – Entrada Norte 237
7.1.2 Movimentos e permanências no EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães 247
7.1.3 Movimentos e permanências no EF 3 – Av. da Universidade 249
7.1.4 Movimentos e permanências no EF 4 – R. da Pega e via de circulação interna 254
7.2 Urbanidades-desurbanidades no entorno universitário do Campus de Santiago 257
7.2.1 Estudantes e comunidade acadêmica: moradia estudantil e internacionalização 264
7.2.2 Turismo em alta: planos, ações e turistas internacionais 266
7.2.3 Moradores do entorno universitário 267
7.2.4 Mobilidade urbana: pedestres, ciclistas, automobilistas, bicicletas e obras públicas 268
7.2.5 Relações institucionais: a Universidade, a Câmara Municipal, empresas, coletivos organizados, planos, projetos e acordos. 272
7.2.6 Celulares, smartphones e dispositivos tecnológicos 276
7.2.7 Sustentabilidade: inovação tecnológica, competição institucional e a ria de Aveiro 276
7.2.8 Segurança pública 277
7.2.9 Arquitetura do Campus de Santiago 277
7.3 De volta aos objetivos de pesquisa 278
7.3.1 Relevância dos espaços de fronteira do caso estudado 279
7.3.2 Verificação da viabilidade de "autonomia de movimentos", "possibilidades de permanência" e "atração" como princípios projetuais 285
7.3.3 A aplicabilidade da urbanidade enquanto categoria de estudo dos espaços abertos, coletivos e públicos do urbano 290
8 **Conclusão** 293
Referências 303
Apêndices 315
Apêndice A – Modelo de mapa base
Apêndice B – Tabela com situações observadas em campo
Apêndice C – Fichas de inventário dos espaços de fronteira (EF)
Apêndice D – Lista de notícias levantadas na pesquisa empírica
Apêndice E – Mapas de Itinerário, Pontos de Observação Estacionária e de Situações observadas em campo

1. Introdução

Este documento é o resultado de uma investigação qualitativa de estudo de caso único e exploratório, que tem como objeto a urbanidade por meio da integração socioespacial dos espaços de fronteira de campi universitários periféricos. A pesquisa está inserida no campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo, mas tem forte aproximação de abordagens sociais, por meio das ferramentas teórico-metodológicas da Etnografia Urbana e das proposições da Teoria Ator-Rede (ANT).

Podemos dizer que se trata de um objeto composto, pois, embora esteja relacionado a um recorte físico-espacial específico, os "espaços de fronteira de campi universitários periféricos", também traz consigo uma discussão iminentemente teórica e conceitual, pois, a urbanidade é um substantivo abstrato, uma ideia. Ela é uma chave de leitura comumente utilizada nas pesquisas urbanas que visam a analisar os efeitos sociais provocados pelos arranjos físico-espaciais das cidades, sobretudo dos espaços públicos.

Em um sentido amplo, a motivação inicial desta pesquisa está relacionada ao reconhecimento do impacto urbano que novos campi universitários brasileiros causaram durante as primeiras décadas do presente século. Entre 2004 e 2013, foram criados mais de 170 novos campi de universidades públicas federais no Brasil, sem contar outras instituições destinadas ao Ensino Superior, inclusive privadas, que receberam incentivos dentro de um Programa de Expansão, Democratização e Interiorização do Ensino Superior no país, organizado pelo Ministério da Educação[1] (MEC, s.d.).

Assim, em todo o Brasil, cidades pequenas, médias e grandes receberam campi universitários, em muitos casos, esses tornando-se os equipamentos urbanos mais importantes das localidades onde foram implantados. Logo, perceberíamos que a expansão brasileira não estava dissociada de um fenômeno mundial de valorização dos espaços dedicados à produção do conhecimento, sobretudo científico e tecnológico, os recintos universitários[1] aí incluídos.

Mesmo que a ideia de campus universitário periférico tenha ficado fortemente associada aos campi estadunidenses do século XIX ou ao Movimento Moderno na Arquitetura no século seguinte, ainda há uma série de campi tardios sendo construídos, a exemplo de muitos dos novos campi brasileiros e do nosso estudo de caso, o Campus de Santiago da Universidade de Aveiro (Portugal, 1980)[2].

[1] Tomamos o termo "recinto universitário" emprestado de Videira (2017) para significar qualquer espaço destinado a servir a atividades universitárias, sejam eles campi universitários ou não.

[2] Apesar de nossa motivação inicial ter partido de uma perspectiva brasileira, por uma série de contingências, acabamos por restringir nossa investigação a um único estudo de caso português. Esse processo de desenvolvimento da

A despeito da variedade de conglomerados institucionais destinados a abrigar as atividades de produção do conhecimento, nosso interesse está voltado para a universidade porque reconhecemos o valor dessa instituição para as sociedades contemporâneas. Além disso, as missões universitárias dão algumas características próprias a essas ainda necessárias instituições seculares. No que se refere ao campus universitário periférico, sua adoção em especial deve-se à permanência dessa tipologia como uma das formas de espacialização preferencial para universidades em todo o mundo, por diversos motivos, inclusive, econômicos, estratégicos e funcionais.

Somada a isso, a implantação periférica do campus sinaliza para as dinâmicas da urbanização extensiva (Domingues, 2010), embora o campus universitário vá, paulatinamente, sendo envolvido por uma cidade emergente (Portas, 1999). De outro modo dito, uma vez que os campi são instalados afastados do tecido urbano consolidado, o poder de atração da universidade contribui para a emergência de usos e ocupações em seu entorno. A propósito, passaremos a chamar de entornos universitários ao conjunto de lotes privados, espaços públicos, abertos e coletivos localizados na continuidade físico-espacial do campus.

Outra motivação mais diretamente relacionada ao objeto de estudo tem origens na nossa atuação como arquiteta na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, Brasil). Já no início deste século, um plano diretor para o Campus I, na cidade de Campina Grande, foi solicitado a um renomado escritório de arquitetura. No entanto, de tão descolado das complexidades locais, nunca chegou a ser implementado. Rever as proposições do plano tornava-se uma tarefa urgente, ao passo que encarávamos algumas das questões anteriormente desconsideradas.

Por estar em uma área periférica, um misto de urbano e rural convivia nos arredores do campus, como se uma cidade estivesse ainda em formação. Assim, enquanto os carros driblavam bois, vacas e cavalos que eventualmente alternavam trajetos de terra batida e asfalto, uma cidade emergia a partir do estabelecimento não apenas da universidade, mas também da ocupação de outros grandes lotes institucionais ou de empreendimentos imobiliários. A sensação de insegurança nas vias e a persistência de comunidades marginalizadas eram mais algumas das questões que nos chamavam a atenção. Por isso, indagávamos como um planejamento universitário poderia contribuir para a formação dessa cidade emergente.

De pronto, dada a nossa própria formação curricular, nossa atenção foi depositada nos espaços abertos do campus e nas possibilidades de criar situações de permanência, de encontros, de modo a promover o convívio entre os diferentes humanos que atuam na área envolvente, mas não se reconhecem, não se percebem.

---

investigação é narrado no primeiro capítulo deste volume.

As vias nos arredores do campus eram utilizadas basicamente como conectores para veículos automotores, a maioria sequer dispunha de passeio para pedestres. Por isso, diante do esvaziamento do espaço público, pensávamos nos espaços abertos do campus como aqueles que poderiam contribuir para adicionar novas funções, significados e mistura social para o entorno universitário imediato, ou seja, as vias e terrenos existentes na continuidade espacial do campus. Entendíamos que isso seria contribuir para urbanidade.

Essa realidade brevemente descrita não é excepcional, pelo contrário, corresponde ao que se passa em diversas periferias urbanas, nos mais diferentes contextos territoriais. Em todo o mundo, há exemplos de campi universitários implantados em áreas afastadas do tecido urbano consolidado das cidades, que atraem outros tantos equipamentos e moradias em seu entorno, de modo a consolidar uma nova ocupação urbana ao longo dos anos. Nesse processo de consolidação, o campus universitário é um elemento central, não só por causa da atração de atividades que exerce como também pela dimensão de seu território e todo o perímetro de fronteiras que estabelece com os espaços abertos e coletivos de seu entorno imediato.

Já agora importa salientar que temos utilizado a expressão "espaços de fronteira" (EF) para fazer menção a esses espaços abertos localizados entre o edificado do lote e seu limite frente ao espaço aberto público ou outro confrontante. Em geral, esses espaços correspondem a recuos impostos por regulamentações urbanísticas e, não raro, correspondem a vazios, espaços deixados sem maior tratamento físico-espacial ou função.

Ao considerarmos o extenso perímetro dos campi universitários periféricos e a importância da universidade para a cidade que emerge em seu entorno imediato, parecia-nos que os espaços de fronteira mereceriam uma atenção mais cuidada. De uma perspectiva morfológica, entendíamos que os EF seriam espaços capazes de estruturar o espaço aberto, coletivo e público do entorno universitário. Por uma abordagem mais antropológica, tomávamos como referência a ideia dos EF como espaços de mediação, de sobreposição de domínios, portanto, com grande potencial para contribuir com a integração socioespacial, consequentemente, com a urbanidade.

Em estudos sociais, a integração socioespacial é explorada sob variadas abordagens, muito mais aprofundadas. Para o interesse de nossa investigação, a integração socioespacial, estaria relacionada à existência de convívio entre diferentes humanos em um mesmo espaço urbano compartilhado, ou seja, em presença física. Geralmente, nos trabalhos que envolvem urbanidade e espaço público, a quantidade de humanos em simultâneo no mesmo espaço e a diversidade social são indicativos importantes para "aferir" tal integração. Em outros termos: "co-presença", "mistura social" e "densidade".

Em contrapartida, os campi universitários são costumeiramente denunciados por seu potencial segregador (Batalla; Manzano, 2017; Lefebvre, 1968; Merlin, 2006), como um grande terreno de uso único (Jacobs, 1961/2019) que congrega uma comunidade de semelhantes, pouco integrada com a restante cidade que se vai construindo coletivamente em seu entorno. Além disso, o campus periférico seria um exemplo de fragmento de cidade (Pérez; Sanchez, 2017), isto é, mais um entre outras intervenções pulverizadas de modo descontínuo pelo território que, por seguirem lógicas diversas, fragmentam o território urbanizado, deixando vazios e espaçamentos, ao invés de espaços públicos pensados e articulados por um traçado consolidado.

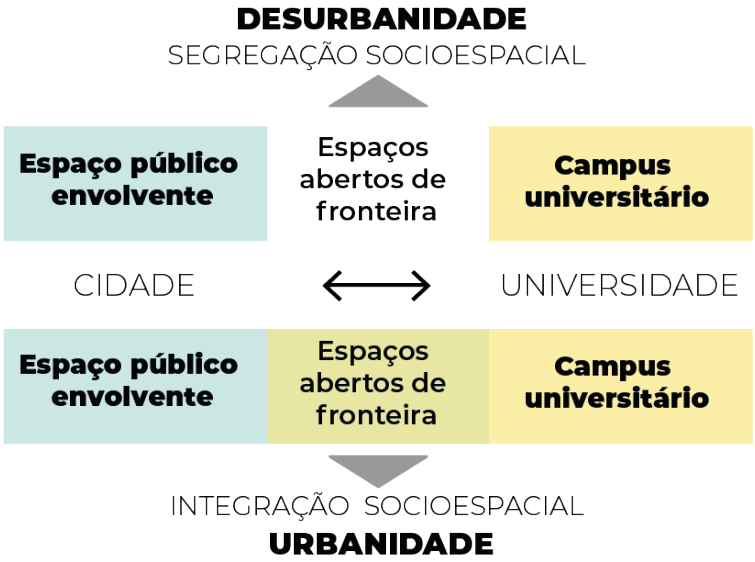
A distribuição de empreendimentos diversos pelo território urbanizado, incluindo campi universitários, é possibilitada pelo provimento de infraestruturas básicas e o mínimo necessário de vias para circulação de veículos automotores (Mangin, 2004), o restante espaço aberto entre intervenções são sobras, vazios urbanos. Assim, a ausência de tratamento físico-espacial, funções e possibilidades de uso nesses espaços sobrantes provoca o esvaziamento de humanos nas áreas abertas e coletivas do território urbanizado, espaços que anteriormente corresponderiam ao espaço público, onde os diferentes encontram-se, reconhecem-se, convivem.

Para diferentes autores (Gehl, 1971/2010; Pechman, 2008), os espaços abertos, coletivos e públicos que possam ser compartilhados por diferentes e desconhecidos humanos, em presença uns dos outros sem que haja necessidade de censura, atuariam como um antídoto a uma tendência de individualização e evitamento social, principalmente favorecida na medida em que avançam as possibilidades de escolhas individuais oferecidas por tecnologias de mobilidade e comunicação (Remy; Voyé, 1992/1994). Para alguns, a persistência de incivilidades urbanas e intolerâncias sociais estaria precisamente associada a esse processo de evitamento (Donzelot, 1999; Pechman, 2008).

A partir dessas questões, a ideia inicial de nossa investigação era a de que os espaços de fronteira poderiam contribuir para a urbanidade na medida em que favorecessem a integração socioespacial do campus com seu entorno imediato (Figura 01). Em oposição, quanto mais os espaços de fronteira favorecessem a segregação do campus, mais eles contribuiriam para a desurbanidade. A ideia de existirem "desurbanidades" não é nossa e será mais bem desenvolvida adiante.

Essa concepção não é necessariamente nova, o interesse técnico nas discussões sobre a integração socioespacial dos campi universitários periféricos com seu entorno urbano bem como o tratamento físico-espacial dispensado aos espaços de fronteira originaram-se em meados do século XX, quando, por um lado, a universidade passava a ser um fenômeno de massa e, por outro, começava-se a perceber os efeitos produzidos pelas intervenções funcionalistas sobre o

Figura 01 – Esquema visual da ideia inicial da investigação.



Fonte: a autora, 2020

território urbano. Nesse mesmo período, o termo "urbanidade" passou a fazer parte dos discursos especializados associados a um *re*-encantamento com as formas dos espaços públicos tradicionais.

Assim, apesar dos debates em torno da tipologia de "campus universitário", da valorização dos "espaços de fronteira" e da inclusão do termo "urbanidade" no repertório especializado serem contemporâneos entre si, poucas vezes viu-se os três temas combinados. Mesmo assim, a princípio, as questões sobre a urbanidade por meio da integração socioespacial de campi universitários periféricos, das quais nos ocupamos, parecem não trazer qualquer novidade frente ao que já foi amplamente desenvolvido por diversos autores desde meados do século passado. Entretanto, existem algumas imprecisões que rondam nossa proposição, sobretudo quando a noção de urbanidade passa a ser considerada.

Ao incorporarmos o termo "urbanidade", admitimos a possibilidade de extrapolar um pouco o domínio da geometria do projeto físico-espacial, da representação especializada, para nos dirigirmos às complexidades dos espaços construídos e vividos, das interações entre os diferentes humanos. Essa aproximação da *realidade vivida* traz à tona uma série de incertezas que cumpre considerarmos.

A ideia de urbanidade é tradicionalmente relacionada ao espaço público, precisamente por ser esse o espaço do convívio compartilhado *em presença*. Entretanto, sabemos que os espaços públicos físicos já não são os únicos espaços de interação pública. No urbano alargado[3], há uma variedade de espaços abertos e coletivos nem sempre públicos e que quase nunca correspondem às

[3] Utilizamos a expressão "urbano alargado" para nos referir ao território periférico urbanizado, para além do traçado consolidado do tecido urbano das cidades.

tipologias de espaços públicos relacionados aos arranjos citadinos tradicionais.

Outra questão diz respeito aos avanços tecnológicos informacionais e comunicacionais, principalmente a partir da última década do século passado. Por meio do uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC), as interações humanas mesclam-se entre materialidades e virtualidades. Em decorrência, até muitos debates de interesse público desenvolvem-se em ambientes virtualizados, função historicamente associada aos espaços públicos e coletivos físicos.

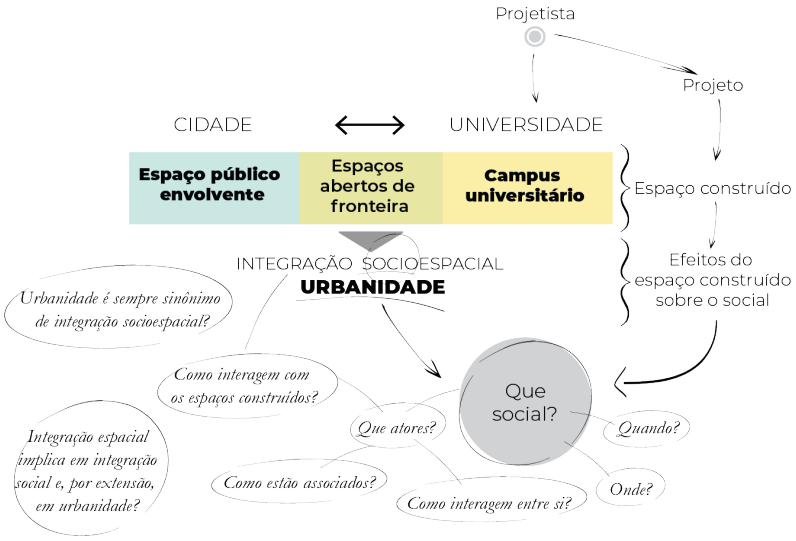
Uma consequência teórico-metodológica do reconhecimento das interações humanas a decorrer entre materialidades e virtualidades está na limitação dos indicativos "co-presença" e "mistura social" tradicionalmente utilizados para o estudo da integração socioespacial nos espaços públicos. Além das possibilidades combinatórias entre esses dois *modos de existência* (virtual e material) ser imensurável, humanos podem mutuamente invisibilizarem-se uns dos outros, mesmo que existam e vivam em proximidade física.

À gestão de proximidades e distâncias sociais, anteriormente conseguidas por uma postura blasé (Simmel, 1902/1973), somam-se as possibilidades de virtualização, permitidas pelas mediações de dispositivos tecnológicos. Assim, tais dispositivos interferem nos modos como os humanos atuam e interagem entre si nos espaços físico-materiais. Essa é uma dificuldade inerente a estudos que abordem o tema da urbanidade enquanto categoria socioespacial.

Em nosso auxílio, a Teoria Ator-Rede (ANT) ofereceu-nos uma compreensão de "sociedade" formada não apenas por humanos, mas também por uma série de dispositivos com agência, que permitem que os humanos atuem socialmente. A incorporação de atores não-humanos é uma das contribuições da ANT na nossa investigação, mais bem apresentadas adiante. Assim, não apenas humanos e os vários elementos do espaço construído participam da integração socioespacial, mas também uma série de outros objetos e seres.

A mescla entre materialidades e virtualidades também nos coloca de frente a uma segunda constatação: a invisibilidade da sociedade contida no qualitativo da integração *socioespacial*. A "sociedade" está estruturada em uma trama de relações, emaranhada e opaca, formada por atores sociais que atuam por meios virtuais e materiais (Innerarity, 2004/2009). Mesmo assim, em geral, quando arquitetos e urbanistas investigam o tema da urbanidade relacionado a um arranjo socioespacial específico, tendem a estabilizar a sociedade em um bloco homogêneo e estanque, para poderem dedicar-se a um repertório morfológico, mais adequado às valências de sua disciplina. Entretanto, é preciso reconhecer que pouco sabemos sobre essa sociedade, que não é estável, nem previsível (Figura 02).

Figura 02 – Esquema visual da ideia da da investigação, com alguns questionamentos iniciais



Fonte: a autora, 2020.

As primeiras dificuldades em relação às definições próprias de "espaço público" e "sociedade" conduzem-nos a pensar em certa crise de "classificação das coisas", se podemos dizer assim, que nos leva a refletir sobre nossas categorias e representações. A ideia de urbanidade mesma é polissêmica e cercada de incertezas. As controvérsias entre as categorias "cidade" e "urbanização" já são amplamente debatidas desde a virada do século (Ramos, 2004), nas várias disciplinas que se ocupam de estudos sobre arranjos sociomateriais dos coletivos humanos (Prato, 2018).

O reconhecimento de uma série de limitações e imprecisões coloca-nos, arquitetos e urbanistas, projetistas e investigadores, diante de uma tensão entre urgências e incertezas (Figura 03). Há uma série de questões relacionadas à *realidade vivida* que são acima de tudo práticas e imediatas, das quais não podemos desviar. Por outro lado, uma vez reconhecidas algumas incertezas, torna-se difícil desconsiderá-las.

Nesse sentido, tomamos de ocasião a oportunidade do desenvolvimento desta investigação para demorarmo-nos um tanto sobre algumas "digressões da urbanidade", a fim de responder a uma questão central: é possível que uma intervenção físico-espacial (arquitetônica) em um espaço de fronteira (EF) de campus universitário periférico contribua para a integração socioespacial, i.e., para a urbanidade da cidade que emerge em seu entorno, mesmo quando sabemos que os espaços físicos e públicos já não são os únicos espaços de interação pública e que o social se estrutura em uma trama formada pela interação de atores humanos e não-humanos em linhas de ações que combinam materialidades e virtualidades? Como?

A fim de aplicar a investigação a uma realidade empírica, desenvolvemos uma pesquisa

Figura 03 – Esquema visual da ideia inicial da investigação, colocada entre urgências e incertezas



Fonte: a autora, 2020.

qualitativa e exploratória de estudo de caso único. Para tanto, escolhemos os espaços de fronteira do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro (Portugal). Tido internacionalmente como um referencial arquitetônico de construções universitárias, é um exemplo de um campus tardio e periférico. Ao longo de suas cinco décadas, tem sido envolvido pela cidade emergente, participando das controvérsias e negociações de um espaço que se vai construindo coletivamente. No fim da década de 1980, o plano do Campus de Santiago foi alvo de revisão, por meio de uma prática laboratorial que incluía estudantes universitários, coordenado pelo arquiteto e urbanista Nuno Portas.

Com atenção aos espaços abertos e coletivos do campus, a revisão objetivava, entre outras questões, garantir a integração espacial da universidade com seu entorno. Assim, corresponde a uma área plana, totalmente aberta aos movimentos de pedestres e veículos. Da perspectiva de seus espaços de fronteira, o Campus de Santiago apresenta diferentes situações: espaços bem programados e ajardinados; deixados em solo natural, à espera de intervenções; a fazer às vezes de

rua pública; ou tornado estacionamento, nas margens de uma autoestrada.

A adoção de um caso paradigmático do ponto de vista da arquitetura, aclamado pela crítica, dá-nos oportunidade de explorar com maior propriedade as inquietações apontadas nesta pesquisa, sobretudo quando se consideram as incertezas sobre as associações imediatas que fazemos entre o espaço construído (sua disposição e dispositivos físico-espaciais) e a integração social. Por ser um caso único, não tem a força da generalização, entretanto, permite aprofundamentos na temática ao pôr em exame empírico as proposições correntes sobre temas relacionados ao planejamento universitário e à urbanidade.

Seguir pelos caminhos desviantes das incertezas implicou em assumir uma investigação qualitativa e exploratória. Não há hipóteses a serem testadas e comprovadas. Apesar disso, poderíamos afirmar que nos guiamos por uma desconfiança e um palpite. Uma vez que a sociedade não é uma categoria estável e previsível, que as tipologias de espaço público físico tradicionais não necessariamente correspondem aos espaços onde diferentes humanos interagem pública e socialmente, desconfiamos da associação direta entre urbanidade e um repertório formal e tipológico. Essa desconfiança é tanto maior quando nos damos conta da agência de variados atores não-humanos nas interações sociais.

Apesar do reconhecimento da perda do protagonismo dos espaços públicos físicos tal como tradicionalmente concebidos, suspeitamos que a materialidade do espaço construído ainda tem uma função central, afinal, humanos têm corpos físicos e necessidades materiais. Talvez mesmo por isso, as urbanizações para implantação de campi universitários tendem paulatinamente a conformarem um arranjo socioespacial, as "cidades emergentes". Trata-se, então, de incorporar a compreensão de que virtualidades também participam das interações sociais *no* e *com* essa cidade que emerge no entorno universitário.

A persistência da materialidade leva-nos a retornar a atenção nos espaços de fronteira na formação do entorno universitário, pois podem: acrescentar funções e usos aos espaços abertos; coletivos e públicos; ampliar o espaço de interação pública: dar forma e legibilidade ao espaço urbano; além de criar um espaço de mediação que facilite no manejo de proximidades e distâncias sociais e espaciais.

Apesar da desconfiança de uma relação direta entre a forma do espaço construído e urbanidade, questionamo-nos sobre a viabilidade de estabelecermos princípios projetuais para intervenções físico-espaciais em espaços de fronteira. Assim, munidas de nossa suspeita, resolvemos explorar princípios projetuais que relacionem a presença simultânea de diferentes humanos com

"autonomia de movimentos", "possibilidades de permanência" e "atração". Esses princípios foram pensados a partir da revisão de literatura, da consideração das incertezas e da observação empírica, levando em conta as relações existentes entre materialidade e virtualidade, a atuação de atores não-humanos e as possibilidades de escolhas dos atores humanos. Assumimos que a co-presença não é uma garantia de integração socioespacial, mas um ponto de partida. Essa exploração dá-nos oportunidade de testar nossas proposições, bem como aprofundar a problematização do termo urbanidade como categoria de estudo.

Tendo em mente as incertezas já apresentadas, tornou-se importante discutir a possibilidade de considerar a "urbanidade" como uma categoria de estudo, ainda mais quando relacionada à integração socioespacial. As digressões ajudaram-nos a pôr contornos à noção que temos aqui abordado e será mais bem apresentada no segundo capítulo. Contudo, com fins de manter a compreensão, cabe-nos antecipar que, nesta investigação, admitimos algumas acepções para o termo. Para nós, a urbanidade é uma categoria (intelectual) de estudo; que trata das experiências humanas nas interações sociais nos espaços compartilhados da cidade e com esses espaços; é uma latência que tende à integração socioespacial, assim como a desurbanidade tende à segregação socioespacial.

Na atualidade, a urbanidade é um termo polissêmico e, algumas vezes, controverso. Frequentemente associado aos modos de estar no espaço público, às interações que ali ocorrem e até à forma como esse espaço público está espacialmente arranjado. Nesta tese, entendemos a urbanidade como uma categoria (intelectual) de estudo dos espaços abertos, coletivos e públicos do urbano, com foco nas interações humanas e não-humanas. É espacial, pois prescinde de um espaço material compartilhado e é social porque trata das interações dos diferentes atores humanos e não-humanos.

De modo mais sistematizado, o **objetivo geral** desta investigação é: A partir do caso estudado, analisar como os espaços de fronteira de um campus universitário periférico podem contribuir para integração socioespacial, i.e., para as urbanidades do seu entorno universitário. Em decorrência, os **objetivos específicos** correspondem a:

1 - Verificar a relevância dos espaços de fronteira estudados para a integração socioespacial do campus com a cidade emergente.

2 - Verificar a viabilidade de estabelecer princípios projetuais para intervenções em espaços de fronteira de campi universitários periféricos.

3 - Analisar a validade de utilizar a urbanidade como categoria de estudo nesta investigação.

Resta evidente que não conseguiríamos avançar neste estudo apenas com as ferramentas teóricas e metodológicas do campo da arquitetura e do urbanismo. Por isso, esta tese tem forte contribuição do pensamento da ANT e do instrumental da Etnografia Urbana. As contribuições da Etnografia Urbana são mais usuais e notórias, pois, há muitos teóricos da Arquitetura e do Urbanismo interessados nos espaços públicos, que fazem uso de sensibilidades etnográficas tais como à que nos valemos aqui. Algumas das proposições desses autores tiveram influência direta na nossa construção teórica e nas nossas atividades de campo, a exemplo dos trabalhos do arquiteto Jan Gehl (1971/2010), do antropólogo Michel Agier (2011) e do sociólogo William Whyte (1943/2005).

A Etnografia Urbana está associada a uma pesquisa empírica de campo, que parte da observação de interações sociais de atores humanos em situações de movimentos e permanências pelos espaços da cidade. Está relacionada à pesquisa das situações que ocorrem *em presença* nos espaços de fronteira e, por isso, é limitada e condicionada. Nesse sentido, a Teoria Ator-Rede (ANT) contribuiu no esforço de ultrapassar alguns constrangimentos decorrentes de uma pesquisa *in situ*, ao reconhecer que há virtualidades que atuam e participam também das situações observadas em campo.

A ANT tem sido uma abordagem que nos fornece uma compreensão do social capaz de incorporar a agência das inovações tecnológicas. Também se destaca por uma postura ontológica que nos propõe uma suspensão temporária de certezas, auxiliando-nos a mapear nossas incompreensões e partir às atividades empíricas sem preconcepções que possam ser de algum modo tendenciosas. Essa postura contribui para o reconhecimento de nossas cegueiras cognitivas e na problematização de nossas categorias do pensamento, tais como "sociedade", "cidade" e "urbanidade". Ainda, por meio da aproximação com a ANT, admitimos que o espaço construído e seus dispositivos físico-espaciais têm agência social, não são neutros.

A ANT, principalmente a partir dos textos de Bruno Latour (1991/2019, 2010/2016, 2012), contribuiu de muitos modos para o desenho desta investigação, juntamente com os escritos do arquiteto Paulo Rheingantz (2011, 2012, 2019), um dos poucos que se valem da abordagem para tratar do tema da urbanidade. Apresentaremos os dois principais referenciais teórico-metodológicos desta investigação, a Etnografia Urbana e a Teoria Ator-Rede, já no próximo capítulo deste trabalho. Antes disso, na primeira seção desse mesmo capítulo, apresentaremos uma espécie de avesso desta introdução. Trata-se de uma narrativa sobre os caminhos e desvios percorridos durante o desenvolvimento da investigação, que nos conduziram ao reconhecimento das contribuições dessas duas abordagens téorico-metodológicas para nosso estudo.

No capítulo seguinte, iniciaremos uma breve revisão histórica sobre a urbanidade, os espaços públicos e de fronteira. Pretendemos demonstrar, por um lado, o crescente interesse nos espaços de fronteira e, por outro, a polissemia e incertezas em torno da noção da urbanidade, uma vez trazida para a retórica urbanística. No mesmo capítulo, apresentaremos as acepções do termo que temos utilizado nesta tese, bem como as questões que nos conduziram a explorar os princípios projetuais aqui adotados.

Embora "espaços de fronteira" e "urbanidade" sejam temáticas que podem ser consideradas para os mais diversos contextos urbanos, temos detido nossa atenção nas relações socioespaciais entre cidade e universidade nos entornos de campi periféricos. As contribuições específicas de pensar no tema da urbanidade enquanto integração socioespacial de espaços de fronteiras de campi universitários periféricos dizem respeito ao potencial atrativo da universidade, que é uma instituição de relevante interesse, na perspectiva de uma economia do conhecimento (OCDE, 1996).

Os campi universitários ocupam grandes áreas, com extensos perímetros de fronteira e, tradicionalmente, carregam consigo uma forte componente paisagística. Além disso, a universidade possui missões institucionais que a particularizam de outros grandes instituições ou empreendimentos urbanos. Essas questões serão desenvolvidas no terceiro capítulo, no qual apresentaremos o nosso estudo de caso: o campus de Santiago da Universidade de Aveiro e seus espaços de fronteira.

O quarto capítulo deste texto está dedicado a apresentar os procedimentos adotados na pesquisa empírica, desde seu planejamento, revisão de literatura até os critérios e instrumentos de análise. Esta investigação não se desenvolveu de modo linear, mas por meio de um vai-e-vem entre empiria e teoria que tem razões nas escolhas teórico-metodológicas assumidas, mas também em uma série de contingências que se interpuseram ao processo investigativo. Por isso, julgamos apropriado narrar um pouco do *avesso* desta investigação no apêndice A.

Os resultados da pesquisa empírica, bem como as discussões e análises estão apresentados nos dois últimos capítulos desta tese. Além de alcançar respostas para o caso estudado, espera-se ter conseguido estabelecer um percurso investigativo replicável a outras pesquisas em casos distintos. Também, contribuir para o debate em torno do tema da urbanidade, assim como dos temas que envolvem os espaços abertos, coletivos, públicos e de fronteira do urbano alargado.

A necessidade de se problematizar a forma como os campi universitários periféricos produzidos na segunda metade do século passado participam dos arranjos urbanos das cidades que emergiram em seus entornos é patente. Além disso, discutir a configuração espacial dos espaços de fronteiras universitários pode interessar tanto à coletividade quanto à própria universidade. Por um lado, serve como impulso para que se avance nas proposições e regulamentações dos espaços

de fronteiras; por outro, como meio de pressionar a universidade para que cumpra sua missão educativa e de extensão à sociedade, por meio da integração socioespacial de seu território com seu entorno imediato.

De outro modo, também está clara a necessidade de atualizar as discussões do tema da urbanidade, ultrapassando uma compreensão do social que invisibilize mediações essenciais de diferentes atores não-humanos que participam de nossas experiências do urbano, tais como animais, dispositivos tecnológicos entre outros. Considerarmos as incertezas que rondam a noção de urbanidade é o único meio possível de torná-la relevante enquanto categoria de estudo, escapando dos riscos de deixá-la como um mero argumento retórico de alguns discursos pretensamente especializados.

2. Bases teórico-metodológicas para o estudo da urbanidade

Neste primeiro capítulo da tese, iniciaremos pela apresentação dos principais referenciais teóricos e metodológicos empregados nesta investigação: a Etnografia Urbana e a Teoria Ator-Rede (ANT). Tal escolha de organização textual deve-se ao fato de a ANT não ser uma abordagem amplamente utilizada e consolidada nos estudos urbanos, ainda que exista desde meados da década de 1970. Para muitos acadêmicos, a ANT segue incômoda e um tanto controversa, sobretudo pela perda de ancoragens nas categorias mais estabelecidas em nossas epistemologias modernas.

A despeito das resistências, a ANT tornou-se uma abordagem inescapável neste trabalho, pois a liberdade que oferece permite que consigamos ter em atenção as interações humanas nos espaços urbanos, considerando que transitam entre materialidades e virtualidades, ainda mais com o advento das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Por meio da adoção da ANT, também é possível que nos demoremos um pouco mais na reflexão sobre a prática profissional de arquitetos e urbanistas, suas definições, categorias e modos de pensar e produzir o espaço. Nesse sentido, é especialmente útil no estudo da urbanidade, que sendo um termo tão polissêmico, é ampla e diferentemente invocado na retórica urbanística.

Finalmente, acreditamos que entender "a extensão das nossas ignorâncias" (Bourdin, 2010/2011, p.24) é um importante ponto de partida para seguirmos na construção do conhecimento sobre as interações humanas nos espaços abertos, coletivos e públicos do urbano. Suspeitamos que esses espaços ainda desempenham e permanecerão desempenhando papel relevante nas interações humanas, mas as possibilidades tecnológicas alteraram as lógicas de interação e é preciso ir à busca de métodos e ferramentas que nos auxiliem a compreendê-las.

Embora a ANT seja inquestionavelmente relevante nesta tese, ela não foi o único referencial importante, uma vez que iniciamos a pesquisa sob influência dos estudos desenvolvidos na etnografia urbana. A etnografia fornece-nos uma série de instrumentos e modos de aproximação do objeto de pesquisa, por meio de uma postura de investigação que se combina bem com a ANT.

Conforme demonstramos na narrativa sobre o desenvolvimento desta pesquisa, já na primeira seção deste capítulo, a Etnografia Urbana foi nosso primeiro encontro metodológico, se podemos dizer assim. Ao longo do percurso de investigação, as limitações práticas frente às demandas do rigor próprio do método, conduziu-nos a adotar uma "sensibilidade etnográfica" com a inclusão posterior da Teoria Ator-Rede. Após a narrativa sobre o avesso da tese, ou seja, sobre o percurso da investigação; seguiremos na apresentação das bases da Etnografia Urbana, para, em seguida, discorrer um pouco sobre a ANT e suas contribuições.

2.1 O avesso da tese: breve relato sobre os desvios técnicos ocorridos no desenvolvimento desta investigação

> "E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. [...] Que isto de método, sendo como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. É como a eloquência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha" (Assis, 1881/1998, p.31).

O enxerto acima é parte de um capítulo intitulado "Transição", no qual o narrador-personagem de Machado de Assis, um "defunto autor", analisa o modo como ele próprio conduz a história que está a contar-nos. Na literatura, esse recurso é conhecido como digressão, comumente utilizado para adicionar complexidade ao texto, quando, muitas vezes, o narrador compartilha conosco suas reflexões sobre o processo compositivo. De certo modo, a presente seção da tese ocupa um papel semelhante, uma vez que apresentamos uma breve narração a respeito do processo de desenvolvimento desta investigação.

Sendo uma digressão, poderá ser evitada sem grandes prejuízos à compreensão do que está presente neste volume. Entretanto, adotamos algumas proposições da Teoria Ator-Rede, por meio das quais podemos afirmar que nenhuma produção do conhecimento é isolada, desprovida de mediações, desvios e traduções. Como já alertado, "os fatos são feitos"[1] (Latour; Hermant, 1998/2006). Nesse sentido, acompanhar a sucessão de desvios realizados durante a realização da investigação informa tanto quanto os próprios dados apresentados e analisados.

É sabido que uma investigação se inicia com uma pergunta, com a formulação de um problema de pesquisa. Esta, nasceu de um interesse de intervenção em uma dada realidade seguida de uma desconfiança. Explicamos: ao mesmo tempo em que, enquanto arquiteta, interessava-nos no projeto e intervenção nos Espaços de Fronteira do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB; Campina Grande, Brasil) com o espaço público envolvente, suspeitávamos do potencial transformador de intervenções físico-espaciais, frente ao desconhecimento sobre o social, os diferentes interesses e os modos de interação dos atores humanos com os espaços abertos, coletivos e públicos do entorno universitário. Em síntese, persistia uma desconfiança: será mesmo que uma intervenção físico-espacial, por bem-intencionada que fosse, seria efetivamente capaz de promover urbanidade? Já há uma vasta literatura a demonstrar como as imposições da forma urbana são menos determinantes quanto questões políticas, sociais e culturais...

Esse parecia ser um tema bastante sensível no Brasil, sobretudo quando se tinha em conta

1 No francês, estabelece-se o paralelo entre "*fait*" (fato) e "*fait*" (feito), portanto, "*les faits son faits*".

a falta de qualidade físico-espacial dos espaços abertos de muitas cidades nas quais os campi universitários eram implantados. Ainda assim, a ideia do que seja urbanidade trazia consigo certa controvérsia, dada sua polissemia e utilização em diferentes abordagens dos estudos urbanos.

Outro ponto de interesse estava relacionado com as interações humanas nos espaços abertos e coletivos da cidade. Havia a intuição de que os espaços abertos deveriam ter certo protagonismo, mas não havia clareza sobre as diferentes formas de interação dos humanos com seus espaços, nem deles entre si, nos espaços. Assim, já de partida, as desconfianças existentes nos faziam considerar o desenvolvimento de uma pesquisa que partisse da observação do social *in situ*, mais do que focada nos atributos formais do espaço construído.

Por contingências pessoais, ocorreu-nos a possibilidade de iniciar nossos estudos de doutorado em Portugal, no Programa de Doutoramento em Arquitetura da Universidade do Porto (PDA/UPORTO). Ali, parecia-nos que tudo se tratava de outra disciplina, pois as problemáticas sensíveis para as cidades portuguesas nem sempre eram as mesmas das brasileiras. Questões como decréscimo demográfico, turismo predatório e internacionalização eram pautas relevantes mesmo para as pequenas cidades do país europeu. Aliás, a definição de pequena, média e grande cidade já era bastante diferente dos parâmetros brasileiros.

Enquanto estudante brasileira, estava informada de uma noção de urbanidade que provavelmente significava coisas diferentes para os colegas portugueses. Esse primeiro choque cultural, se podemos dizer assim, veio acompanhado da compreensão da máxima atribuída a Francisco de Oliveira, "as ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias" (Maricato, 2009). A expressão serve de título para um texto de Ermínia Maricato (2009), que aponta para as contradições da importação de modelos teóricos frente ao desconhecimento dos planejadores acerca de suas cidades. Nessa perspectiva, a autora ressalta a importância da aproximação à realidade empírica. A consciência das pluralidades dos modos de vida e dos diferentes arranjos espaciais põe em xeque pressupostos estabelecidos, de maneira que a empiria passa a ser imperiosa.

Ainda durante o primeiro ano de disciplinas, o convívio com outras temáticas urbanas não nos foi indiferente. Especialmente a convivência com o geógrafo Álvaro Domingues e suas provocações, levavam-nos a refletir sobre a ideia do que seja cidade, ou melhor, até que ponto a urbanidade estaria relacionada a uma materialidade específica de cidade. Uma vez que a urbanização se estendeu até mesmo pelos espaços rurais (Domingues, 2010), questionávamos sobre uma ideia de urbanidade associada a uma materialidade urbana específica.

Alguns pesquisadores do PDA/UPORTO problematizam a importação das ideias

relacionadas ao tema da urbanidade, que muitas vezes não correspondem às realidades urbanas de diferentes localidades, por isso, demandando revisões de conceitos, por serem reconhecidos como pouco precisos. Bruno Moreira (2014) questiona a noção de urbanidade, comumente associado a determinados arquétipos de cidades que não se assemelham às realidades de ocupações dispersas de regiões do Norte de Portugal. Marta Martins (2013) problematiza as imprecisões conceituais em torno dos enclaves urbanos e sua associação ao tema da urbanidade, tomando como referência a mesma região portuguesa.

A discussão sobre os diferentes modos de espacialização do urbano, para além daqueles estabelecidos como arquétipos, tem especial interesse se considerarmos a posição periférica na qual os campi universitários frequentemente são implantados. Nessas periferias, ou bordas do tecido urbano consolidado, o "desenho do chão" não necessariamente corresponde ao traçado regular das cidades tradicionais.

Especialmente a partir da leitura de *Sociedade Invísivel*, de Daniel Innerarity (2004/2009), a ideia do que seja "sociedade" passou a representar outro ponto de imprecisão a ser considerado. Em seu livro, Innerarity evidencia as dificuldades de compreender a sociedade contemporânea a partir dos métodos tradicionais de pesquisa que temos à nossa disposição, uma vez que a ideia de sociedade como uma totalidade é uma abstração de difícil verificação.

Mesmo quando abordam relações socioespaciais, investigações conduzidas por arquitetos frequentemente evitam adentrar um pouco mais no território das humanidades, restringindo as análises ao repertório que dominam. Assim, o qualitativo "social" passa a ser utilizado como uma categoria de resíduos, na qual se pode colocar tudo o que não se consegue explicar com precisão, aquilo que não cabe nas classificações espaciais pré-estabelecidas. Por meio dessa purificação, em nome de objetivação e operacionalização, diminui-se o poder de explicação do social (agora substantivo) ao perder de vista sua complexidade inerente.

Além disso, o esforço de purificação vem de uma compreensão que entende o "social" como algo eminentemente humano, em oposição ao "natural" e "técnico", como se humanos também não fossem naturais e como se a elaboração de técnicas e o avanço das ciências não constituíssem também fatos sociais. Apenas a título de exemplo do exposto, um jardim urbano é um feito social, realizado por meio de trabalho técnico e constituído por elementos naturais.

Em face das primeiras incertezas e imprecisões que já se desenhavam – a dificuldade na explicação do social; a controvérsia entre urbanização e cidade; o reconhecimento dos desencontros geográficos entre teorias e práticas; a desconfiança quanto às possibilidades das intervenções físico-espaciais – pensamos que o desenvolvimento da investigação deveria partir da observação

empírica, pois, "mais do que pensar nos espaços públicos a criar, será importante *pensar primeiro nos públicos*" (Portas *et al*, 2003, p.190, itálico no original). Sabíamos que nosso trabalho precisaria, necessariamente, aproximar-se das abordagens sociais, por isso, iniciamos um curso de Etnografia Urbana com a prof. Lígia Ferro, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

O exercício etnográfico proposto naquele curso envolvia a observação das situações de movimentos e permanências dos humanos durante uma tarde na Praça da Batalha, na cidade do Porto (Portugal). Cercada de franquias hoteleiras, foi curioso notar que coexistiam pelo menos três grupos sociais diferentes. Percebíamos o ritmo lento e o percurso descuidado dos turistas, que também ocupavam a maior parte dos espaços abertos e coletivos privados, tais como esplanadas de bares e cafés. De outra maneira, aqueles que trabalhavam nas proximidades da área e que por ela passavam, seguiam em percursos mais determinados e ritmos apressados. Em geral, evitavam seguir pelo meio da praça, escolhiam passar pela via rente ao antigo cinema, tornada quase uma via pedonal, tamanha a frequência desse percurso. Finalmente, no centro da praça estava um grupo de humanos conhecidos uns dos outros. Sentados nos bancos, pouco se movimentavam, passavam o tempo entre conversas e contemplação dos movimentos alheios. Não se percebia qualquer interação entre atores desses três grupos identificados, mas os três coexistiam no mesmo espaço, com o qual interagiam de modos totalmente diversos. A experiência vivenciada no curso levou-nos a considerar que as urbanidades eram múltiplas.

O exercício etnográfico também nos demonstrou algumas limitações de indicadores frequentemente utilizados para "aferir" urbanidade, tais como "densidade", "co-presença" e "mistura social". No exercício da praça da Batalha, percebíamos a co-presença de três grupos distintos que conviviam no mesmo espaço, mas que não interagiam entre si, algumas vezes nem se percebiam.

A Etnografia Urbana forneceu-nos alguns instrumentos de pesquisa para o início de nossas visitas no estudo de caso português, que se interpôs ao estudo bibliográfico devido a uma segunda contingência que convém destacar: o início de um processo de cotutela internacional entre o PDA/UPORTO e o Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU/UFPB, Brasil). Esse acordo tinha em vista o desenvolvimento de uma pesquisa de estudo de caso comparativo por contraste de contextos (Skocpol; Somers, 1980) entre um caso brasileiro e um português. Para nós, estava claro que a urbanidade, a partir do estudo das relações socioespaciais entre cidade e universidade mobilizaria urgências e interesses diferentes, em casos brasileiros ou portugueses.

Segundo o plano de trabalho acordado para a cotutela, os dois primeiros anos da investigação

seriam realizados em Portugal, sob a tutela da UPORTO, enquanto os anos seguintes seriam na instituição acolhedora, a UFPB, no Brasil, onde precisaríamos cumprir mais um ano curricular de disciplinas. Assim, antes do retorno ao Brasil, tornou-se necessário suspender momentaneamente o estudo bibliográfico para investir tempo nas atividades de campo do caso português, o Campus de Santiago da Universidade de Aveiro.

Para o desenvolvimento da pesquisa empírica, ainda não tínhamos uma teoria bem construída, um plano de trabalho ou quadro de referência, mas sabíamos das inquietações que nos levavam à investigação, tínhamos estudado bastante e até desenvolvido o curso de Etnografia já mencionado. Desse modo, realizamos as atividades mantendo certa "sensibilidade etnográfica", com atenção para as situações observadas *in situ*, registrando cada visita em diário de campo, desenvolvendo entrevistas com informantes privilegiados etc. (os procedimentos da pesquisa empírica estão descritos no quarto capítulo deste volume).

A partir das visitas de campo, novos pontos de imprecisão e incertezas foram sendo colocados. Uma das questões que se apresentavam dizia respeito à percepção da limitação de nossas representações frente à mutabilidade do espaço urbano. Não apenas esta, mas qualquer pesquisa do urbano está fadada a ser provisória e limitada, pois não apenas "a sociedade" é dinâmica, os espaços também o são.

Soma-se a isso, as limitações próprias de considerarmos a não neutralidade de qualquer investigador, esse também imbuído de seus valores, sistema de crenças e interesses. O rigor no levantamento dos dados em uma pesquisa social não garante que eles sejam neutros, além de serem sempre uma representação, não um congelamento de realidade. Por isso mesmo, consideramos válida essa exposição dos desvios adotados durante a investigação, pois, é um meio de salientar os termos e condições sob os quais foi desenvolvida.

Na medida em que avançávamos nas atividades de campo, aumentavam as dificuldades de sistematizar os elementos físico-espaciais em classificações já conhecidas. Contemplávamos a abundância de espaços ajardinados no Campus de Santiago e perguntávamo-nos como considerar todos eles numa mesma categoria de "espaços verdes", se claramente percebíamos a diferença existente entre áreas onde havia ou não trabalho de manutenção. Aliás, em que categoria caberiam os serviços de manutenção, que eram decisivos para fazer de um espaço mais ou menos frequentado, a despeito de quão bem programado fosse?

Das interações sociais observadas, entre outros pontos, persistia a dificuldade por não encontrar categorias nas quais fosse possível abranger telefones celulares ou animais domésticos levados a passear pelo campus, por exemplo. Como incluir uma série de objetos, seres e ações que

não cabem nas categorias físico-espaciais e sociais corriqueiras nos estudos sobre as interações humanas nos espaços urbanos, mas que percebíamos claramente em atuação direta nas situações de campo observadas?

Esses são apenas alguns dos questionamentos com que nos deparávamos enquanto desenvolvíamos revisão de literatura e a pesquisa empírica no caso português. Coletado o material necessário, chegara o momento do retorno ao Brasil, mesmo antes de iniciar o tratamento dos dados levantados.

Retomar atividades curriculares na UFPB teve ganhos e desacertos. Foi necessário suspender temporariamente as pesquisas empíricas para mergulhar em leituras de novos referenciais, participar de outras discussões nas aulas, que traziam novos contributos ao percurso teórico até então desenvolvido. Paradoxalmente, enquanto ampliávamos as reflexões e a revisão de literatura, precisávamos fechar um referencial teórico-metodológico que servisse de base para o tratamento dos dados já levantados. Em outras palavras, precisávamos construir um quadro de referência para analisar os dados, de modo que o caso português servisse como um piloto que orientasse a prática da pesquisa de campo no caso brasileiro.

Em meio à amplificação da problemática, não obtivemos êxito na síntese pretendida. Como dito, a própria pesquisa de campo colocou-nos diante de novas perguntas, não previstas no projeto da tese. Alguns pressupostos teóricos e metodológicos comumente utilizados em estudos sobre urbanidade e espaços públicos não cobriam aspectos que tinham chamado a nossa atenção nas atividades de campo no caso português. Ao fim do terceiro ano da investigação, restavam tantas pontas soltas que era necessário retornar à elucubração teórica para construir uma base consistente que desse conta das incertezas que se proliferavam.

Justamente quando sobravam incertezas, encontramo-nos com a Teoria Ator-Rede (ANT), que foi demonstrando-se promissora porque se prestava bem às dificuldades teórico-metodológicas da investigação. A Teoria Ator-Rede não tornou a investigação mais fácil, ao contrário, desenvolver uma pesquisa ANT sem muitos referenciais iniciais, pode ser bastante perturbador. Ainda assim, insistimos nesse paradigma porque nos dá subsídios para considerar as inúmeras questões e incertezas encontradas até então no desenvolvimento da investigação, além de combinar-se bem com as ferramentas da Etnografia Urbana.

Definido esse novo caminho de investigação, restava-nos a análise dos dados levantados na pesquisa empírica no Campus de Santiago da Universidade de Aveiro e o início das atividades de campo para o caso brasileiro. Nesse momento, deparamo-nos com uma terceira contingência: a

pandemia de covid-19. Como medidas para mitigar a proliferação do coronavírus SARS-Cov-2, foram estabelecidas regras de isolamento social, com impacto direto nos modos de interação dos humanos entre si e desses com seus espaços públicos, abertos e coletivos. No Brasil, as atividades presenciais em campi universitários foram logo suspensas.

Em virtude dos novos acontecimentos, a investigação precisou ser rearranjada, pois já não era possível desenvolver as pesquisas de campo do caso brasileiro. Assim, ao invés de comparativo, passamos a desenvolver um estudo de caso único. Em compensação, confirmava-se a adoção das proposições da ANT a contribuir com as imprecisões e incertezas encontradas, pois não foi uma deliberada ação humana que impeliu uma mudança generalizada nos comportamentos sociais nos espaços públicos, abertos e coletivos, mas um microrganismo. Inclusive, ficou ainda mais evidente o papel mediador dos dispositivos de tecnologia da informação, que, apesar de sabido pelos estudiosos que se debruçam sobre o tema da urbanidade, muitas vezes não cabem nas categorias de análises socioespaciais mais recorrentes.

Os dois anos de pandemia, com eventos pessoais de toda ordem, também tiveram influência direta no atraso no desenvolvimento da investigação. Esse aspecto específico não teria qualquer relevância de ser mencionado, a menos como um pedido de desculpas por trazermos à público uma tese com dados de campo que já são datados, principalmente ao se ter em conta as promessas de intervenções urbanas no entorno do Campus de Santiago que eram anunciadas na mídia entre fins de 2018 e início de 2020. A nosso favor, contudo, temos a dizer que mesmo com os dados mais recentes possíveis, ainda teríamos uma tese fadada a ser uma representação incompleta, provisória e parcial, pois a realidade urbana é dinâmica. Ainda, a data dos levantamentos tem pouca influência nas discussões e análises aqui apresentadas.

Já agora, talvez o leitor esteja a se perguntar sobre a serventia de todo esse relato. Para que tantas digressões? De fato, nosso objetivo era o de demonstrar como desconfianças, incertezas, imprecisões e contingências ajudaram a dar forma e substância; guiaram as escolhas, a formulação de perguntas, as elucubrações (Figura 04). A atenção dada ao que não se sabia precisamente fez parte da postura adotada durante o desenvolvimento da investigação, seja por genuína curiosidade, inquietação ou mesmo por honestidade intelectual.

Nesse sentido, o uso de "digressões" no título deste trabalho parece trazer uma eficiente síntese para a ideia desta investigação, pois, ao significar elucubrações, faz sentido ao que propomos a partir desta tese: explorar temas relevantes para os estudos urbanos contemporâneos a partir de incertezas. Na literatura, a digressão é um recurso frequentemente utilizado para adicionar camadas

e complexidade ao texto, como é bastante claro na obra de Almeida Garret (1845/2014), *Viagens na minha terra,* na qual o leitor acompanha a descrição dos lugares visitados pelo autor, bem como suas digressões e associações, que enriquecem seu roteiro afetivo.

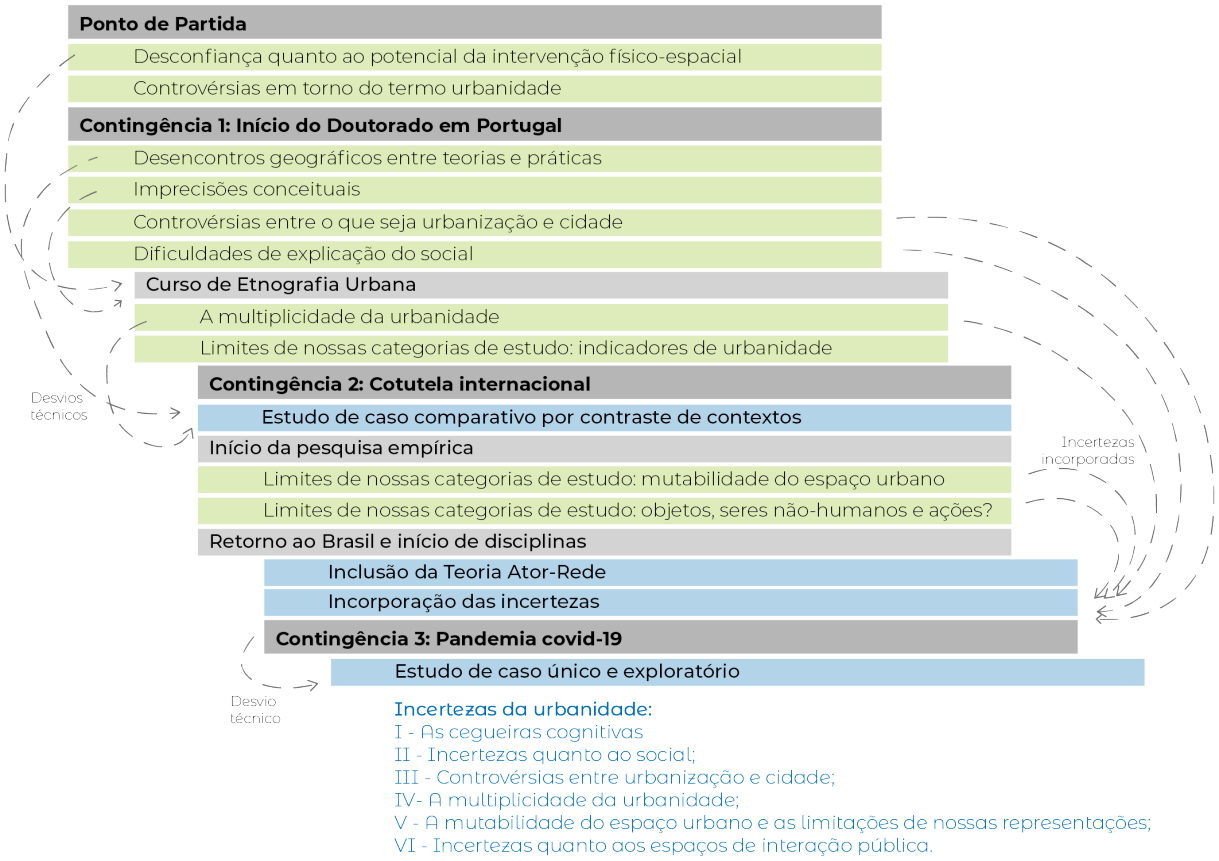
É bem verdade que existe uma acepção pejorativa do termo, quando utilizado para significar devaneio e subterfúgio, embora, "digressão" também denote a ideia de uma rota estabelecida, uma turnê, no português brasileiro. Em determinado ponto, o sentido de "digressão" encontra-se com o de "fuga", substantivo do verbo "fugir", ao significar mudança de rota, desvio, escapismo. A ideia de desvio é cara a autores alinhados com as proposições da ANT, ao assumirem que todo o trabalho de produção de conhecimento técnico e científico ocorre por meio de uma série de desvios técnicos de tradução. Apesar de passar uma conotação depreciativa, escapes e desvios são frequentemente aquilo que permite calibragem, tal como a fuga de um reservatório de água, que auxilia na regulagem de seu volume interno.

No desenho, o ponto de fuga é necessário para que se construa uma perspectiva. Já a fuga musical, consagrada por Johann Sebastian Bach, favorece a improvisação e o aprendizado das técnicas musicais, por meio de variações e repetições de vozes melódicas. As metáforas de digressão e fuga pareceram-nos oportunas para esta investigação, pois refletem as idas e vindas entre teoria e empiria diante das dificuldades epistemológicas e a necessidade de calibragem frente a algumas categorias teórico-metodológicas usuais das disciplinas do urbano.

Este é o trabalho de uma *ant*, uma formiga esforçada que segue sua rota de modo um tanto míope, desviante, mas persistente. Também poderíamos dizer que é uma investigação idiota (Stengers, 2018), por meio da qual suspendemos temporariamente o clamor das urgências e nos dedicamos a explorar incertezas e questões não tão usuais na prática investigativa de arquitetos e urbanistas. Em consequência, esperamos que este trabalho represente um ponto de fuga para o desenho de novas perspectivas temáticas e reflexões que se ocupem do estudo dos espaços de fronteira, da urbanidade e dos recintos universitários.

De um modo figurado, podemos dizer que este é um trabalho que se coloca na brecha, pois, nossa atenção está posta no hiato entre a cidade planejada e pensada por especialistas e a cidade vivida por uma pluralidade de humanos em interação com outros tantos humanos, seres e objetos. Essa brecha também se faz perceber nas dificuldades de encontrar respostas sem extrapolar fronteiras de campos disciplinares bem definidos. Por isso, nas próximas seções, apresentaremos dois referenciais teóricos e metodológicos relevantes nesta investigação e que têm forte aproximação de estudos com bases sociais.

Figura 04 – Esquema gráfico síntese com desvios técnicos, contingências, imprecisões e incertezas



Fonte: a autora, 2023.

2.2 Contribuições da Etnografia Urbana para o estudo das situações de permanências e movimentos humanos nos espaços abertos, coletivos e públicos

É comum em investigações que abordem o tema da urbanidade ou que tenham foco nas interações sociais nos espaços da cidade, a aproximação com as bases teóricas da Sociologia Urbana. Semelhantemente ao próprio Urbanismo, a organização desse campo disciplinar remonta a meados do século XIX, quando as questões em torno dos impactos da revolução industrial sobre o expressivo crescimento populacional dos aglomerados urbanos tornavam-se patentes.

As novas aglomerações colocavam em presença mútua uma multidão de desconhecidos, mais ou menos estrangeiros diante uns dos outros, a compartilhar os mesmos espaços públicos da cidade. Essa incontornável constatação foi apresentada no texto de George Simmel (1902/1973), no qual o autor investiga os efeitos da vida urbana sobre os humanos. As proposições de Simmel ainda são influentes na atualidade, inclusive, na perspectiva do filósofo Daniel Innerarity (2006/2010), para quem seu texto é um dos que "melhor exprimem as consequências culturais da cidade". A

partir das concepções de Simmel, uma série de estudos dedicados aos modos de interação humana nas cidades, tanto quanto considerações sobre dinâmicas de proximidades e distâncias sociais são elaborados até hoje.

A influência de Simmel é notável nos estudos iniciados por Robert Park e Louis Wirth, no que se convencionou chamar de Escola de Chicago. Entre as décadas de 1920 e 1930, houve ampla produção teórica e de pesquisa tomando como referência a cidade de Chicago, considerada um verdadeiro laboratório social, onde era possível desenvolver investigações essencialmente empíricas sobre as relações sociais nos espaços urbanos. Para Heitor Frúgoli Jr (2007), a Escola de Chicago foi responsável por espacializar a sociedade urbana, ao desenvolver estudos de segregação, nos quais a cidade era entendida como um mosaico de territórios, formado por grupos distintos.

Com atenção ao problema da segregação urbana, os estudos desenvolvidos por pesquisadores da Escola de Chicago tinham destacada ênfase em grupos imigrantes de diferentes origens. Dessa forma, tornou-se pioneira na prática etnográfica no contexto urbano. Um exemplo contundente é a pesquisa desenvolvida por William Foote Whyte, em *North End*, um bairro italiano de Boston. O trabalho de Whyte é um estudo de caso descritivo exemplar (Yin, 1984/2001), que está publicado no livro *Street Corner Society* (Whyte, 1943/2005), no qual também se encontra uma sistematização das bases da Etnografia Urbana.

Inicialmente utilizado por antropólogos, o método etnográfico pressupõe uma vivência continuada e direta do pesquisador com o seu objeto de estudo, frequentemente um grupo social. Assim, o estudioso desenvolve uma observação participante, com registros de campo criteriosos que possam auxiliá-lo a descrever com densidade seu objeto. Para o antropólogo Clifford Geertz (1973/2008, p.4), apesar de muitos livros apontarem a prática da Etnografia como meio de "estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante"; o que define o empreendimento é mesmo "o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma 'descrição densa'".

Embora suas origens estejam vinculadas a pesquisas de grupos étnico-culturais, a Etnografia mostrou-se eficaz para o desenvolvimento de estudos de sociologia e antropologia urbanas. O instrumental da Etnografia organizado para o contexto urbano tornou-se bastante utilizado por pesquisadores de diferentes disciplinas, incluindo arquitetos e urbanistas interessados nos efeitos sociais dos espaços que projetam, intervêm e manejam.

Na atualidade, a Etnografia Urbana é uma profícua metodologia para aqueles que têm interesse em desenvolver estudos sobre grupos sociais específicos em contextos urbanos, tais como as pesquisas sobre *Street Art* da professora Lígia Ferro (2016); ou as relações dos refugiados

com seus assentamentos, de Michel Agier (2011); ou ainda as relações de consumo de estudantes internacionais em Lisboa (Calvo, 2017).

De outra perspectiva, especialmente entre as décadas de 1960 e 1970, houve amplo interesse e debate especializado sobre a forma dos espaços públicos e no modo como diversos públicos interagiam com eles, por meio de usos e apropriações. Nessa perspectiva, as ferramentas da Etnografia Urbana foram e ainda são promissoras.

Em uma pesquisa iniciada na década de 1970, *The Street Life Project*, o já referido William Whyte (1980/2004) dedicou sua atenção aos pequenos espaços abertos da cidade, como praças, parques e ruas. As pesquisas foram desenvolvidas em Nova Iorque, com o intuito de compreender o porquê de alguns espaços como parques e *playgrounds* permanecerem pouco visitados pelo público. Os estudos de Whyte são algumas das principais referências para Fred Kent, fundador da organização não-governamental estadunidense *Project for Public Spaces* (PPS, criada em 1975). A PPS incorpora as proposições de Whyte, ao atuar na elaboração e intervenção sobre os espaços públicos com a abordagem do *placemaking*, que seria algo no sentido de promover vitalidade por meio de intervenções nesses espaços. São temáticas que se aproximam das áreas do Desenho Urbano e da Arquitetura, mas que buscam uma compreensão mais alargada, para além do arranjo físico-espacial dos espaços construídos.

Com atividades contemporâneas e interesse semelhante, o arquiteto dinamarquês Jan Gehl tem atuado há décadas principalmente em pesquisa e intervenção em espaços públicos e abertos da cidade. Sua principal obra, *Life Between Buildings*, foi publicada em dinamarquês em 1971 e traduzido pela primeira vez para o inglês em 1987, quando suas ideias passaram a ter alcance internacional. Gehl direciona sua atenção para as atividades desenvolvidas por humanos nos espaços abertos da cidade, pois, para esse arquiteto, um bom projeto do espaço aberto seria aquele que fomentasse atividades para além das estritamente necessárias.

Gehl não se vale da Etnografia Urbana propriamente dita, mas se aproxima dela na medida em que se propõe à pesquisa empírica *in situ*, no alcance do passo do pesquisador, com atenção à escala humana. Seus interesses de pesquisa sobre os espaços abertos da cidade aproximam-se bastante daqueles apresentados por Whyte (1980/2004) e pelo PPS. Apesar de compartilhar sensibilidades e interesses semelhantes, os instrumentos metodológicos utilizados por Gehl são mais flexíveis e adaptados para as necessidades de investigações que têm como objeto o espaço construído, não um grupo social específico. Algumas ferramentas de pesquisa empírica utilizadas por esse arquiteto, tanto para elaboração de projetos quanto para o desenvolvimento de estudos, são apresentadas no

Instituto Gehl[4] e no livro "A vida na cidade: como estudar" (Gehl; Svarre, 2013/2018).

Inserido na mesma temática dos modos de interação humana *no* e *com* o espaço público, destaca-se, no Brasil, o trabalho desenvolvido por um grupo de pesquisadores em fins da década de 1970, entre eles arquitetos e antropólogos. A pesquisa de Etnografia Urbana desenvolvida pelo grupo era motivada pelo questionamento quanto aos modos como ocorria o lazer em áreas tidas como despreparadas em contraposição às situações desenvolvidas nos espaços desenhados para atividades imaginadas como adequadas. Os estudos de caso escolhidos correspondiam a áreas centrais em dois bairros do Rio de Janeiro (Brasil).

Para esses pesquisadores, a etnografia de uma rua seria equivalente "não só à descrição densa (GEERTZ, 1973) de seu ambiente sócio-físico, mas também à identificação dos comportamentos de residentes e utentes a partir do suporte espacial" (Santos; Vogel, 1980/1985, p.23, sic). O extensivo trabalho realizado pelo grupo é bastante influente pelo empenho, nível de descrição e análise apresentados. Ao nosso entender, a pesquisa traz reflexões sobre as limitações do próprio método que são bastante valiosas e que demonstram a clareza de seus autores. Também anunciam algumas das incertezas que foram basilares na nossa investigação e que acabaram por nos conduzir à inclusão da Teoria Ator-Rede.

No livro em que apresentam seu estudo, já a meio da descrição de que se ocupavam, os autores demoram-se um pouco numa digressão oportuna sobre as dificuldades que encontravam no estabelecimento de categorias tipológicas, uma vez que todas deixariam resíduos, "partículas que a tipologia não consegue dissolver, [e que] formam um precipitado ameaçador para a consistência do argumento etnográfico [...]. Por esse motivo as tipologias são provisórias e é nessa qualidade que apresentamos as nossas" (Santos; Vogel, 1980/1985, p.72). Mais adiante, discutem sobre as dificuldades de estabelecer um enquadramento, uma interpretação: "O imponderável é o que não pode ser medido e pesado previamente. É mais ainda. É o que nos dá o que pensar sobre o nosso sistema de pesos e medidas, propondo questões não-factuais à classificação, e levando, às vezes, à sua reformulação" (Santos; Vogel, 1980/1985, p.75).

Ainda sobre essas classificações tipológicas pré-estabelecidas e o embaraço do pesquisador em campo que não vê correspondências diretas entre a realidade empírica e a análise estabelecida previamente no discurso, o próprio título da obra deixa evidente as dificuldades de utilização de termos corriqueiros como: "casa", "rua", "privado", "público", pois, no caso estudado, os atores humanos e seus coletivos criavam arranjos e mediações que não necessariamente correspondiam a essas categorias constituídas intelectualmente.

4 Disponível em: https://gehlinstitute.org. Acesso: 01 mai 2021.

Finalmente, uma dificuldade antecipada pelos autores está na dicotomia entre o "sócio" e o "espacial", tão presente em pesquisas com abordagens socioespaciais como as que tratam da urbanidade. As categorias "sociedade" e "espaço" costumam ser bem estabelecidas intelectualmente, mas na realidade prática, a separação de uma e outra não é evidente.

> [...] um espaço é sempre *o espaço de alguma coisa*, assim como as coisas só podem ter lugar em algum espaço. O problema da adequação de forma [espaço] e conteúdo [sociedade] se revela uma falsa questão. Daí resulta uma dificuldade prática: a etnografia de um espaço social não pode ser senão a etnografia do que se passa nele (Santos; Vogel, 1980/1985, p.49, grifos e inserções nossos).

Às dificuldades e limitações previamente elencadas por Santos e Vogel (1980/1985), somaram-se outras no decorrer de nossa pesquisa. Para nós, restava-nos evidente a necessidade de alternar escalas de análise, enquanto a pesquisa etnográfica frequentemente está focada na escala microssocial (Agier, 2011), de quem observa "de perto e de dentro" (Magnani, 2002). Entretanto, à medida em que avançávamos na pesquisa, tornava-se constrangedor não ter em conta explicações macrossociais e globais, visto o apelo da dita "economia do conhecimento" para os movimentos estruturantes da economia global, com consequências diretas sobre a universidade e o campus universitário.

Por outro lado, o rigor necessário ao método etnográfico repercutiria em dificuldades na combinação com ferramentas de outras abordagens físico-espaciais que contribuem diretamente com os propósitos deste trabalho. Nesse sentido, conforme antecipamos, ao invés de um estudo etnográfico propriamente dito, temos preferido assumir que esta é uma investigação que se guia por certa sensibilidade etnográfica, que nos permite ajustes nos instrumentos de pesquisa visando ao conhecimento das situações de permanência e movimentos cotidianos tais como eles se processam nos espaços abertos, coletivos, públicos e de fronteira.

Adotar uma sensibilidade etnográfica, portanto, corresponde a admitir uma percepção da cidade e de seus espaços, não como uma totalidade, mas a partir de uma abordagem em que se considera as interações humanas *nos* espaços e *com* esses mesmos. Nesse sentido, a cidade deixa de ser "uma coisa", um objeto inteiramente compreensível, passando a ser descrito a partir de "situações etnográficas (ou seja, do interior, pelo antropólogo que se encontra, ele próprio, presente e implicado)" (Agier, 2011, p.38).

Michel Agier (2011, p. 58) afirma que "'escrever cidade', escrever certo número de situações precisas é, talvez, tão concreto como escrever os prédios ou os edifícios", pois o que realmente se vê são "as situações que se passam na cidade" (Agier, 2011, p.56). Para esse autor, as interações da vida urbana acontecem "em situação", isto é, por meio de acontecimentos que, ao serem isolados

intelectualmente, ajudam a elaborar uma análise coerente.

Agier (2011) ressalta que os limites da situação não são espaciais, mas os da interação. Assim, quando o pesquisador tenta seguir as redes sociais que operam nas diferentes situações *in situ*, ele torna-se completamente móvel, o que é, precisamente, um problema para uma pesquisa que tem recortes físico-espaciais específicos. Essa dificuldade é ampliada quando se tem em conta as possibilidades de interações virtuais e das mediações de atores sociais não locais. Dessa forma, a observação de campo sozinha talvez não demonstre com clareza mediações e interações importantes para a adequada compreensão das situações observadas.

Na nossa experiência investigativa, a aproximação do objeto empírico dotada da tal "sensibilidade etnográfica" foi decisiva para que percebêssemos outros seres, objetos e ações que, não sendo humanos ou dispositivos físico-espaciais do espaço construído, participavam substancialmente das situações de interação observadas em campo. É nesse ponto que encontramos com a Teoria Ator-Rede, pois se trata do esforço de descrever "situações das quais as ciências e técnicas *fazem parte*, mas sob formas a cada vez diferentes, sempre surpreendentes e quase sempre disputadas" (Latour, 2010/2016, p.71).

2.3 A abordagem da Teoria Ator-Rede

A origem da Teoria Ator-Rede (ANT)[5] data do final da década de 1970, no meio de pesquisas sociais sobre as práticas laboratoriais e a construção de fatos científicos, em um campo disciplinar que passou a ser conhecido como Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS). A ANT foi elaborada em um contexto de pesquisa em que a teoria social tradicional se mostrava incapaz de atender às demandas de interpretação de um mundo repleto de objetos tecnológicos e de inovações.

Bruno Latour, um dos fundadores da ANT, juntamente com John Law e Michel Callon, rompe com a tradição das ciências sociais, organizada como disciplina desde fins do século XIX, a partir das contribuições de Émile Durkheim. Ao seu tempo, contudo, Durkheim protagonizara disputas teóricas com Gabriel Tarde, um filósofo obscurecido pela influência que aquele sociólogo teria para as disciplinas do social. Tarde queixava-se que Durkheim havia abandonado a tarefa de explicar a sociedade "ao confundir causa e efeito, substituindo a compreensão do vínculo social por um projeto político voltado para a engenharia social" (Latour, 2012, p.33).

Assim, Latour reconhece em Tarde o precursor da ANT, pois esse defendia que "o social não

5 No português e mesmo no espanhol, é comum a abreviatura "TAR" para "Teoria Ator-Rede". Apesar disso, preferimos preservar a sigla do termo em inglês *"Actor-Network Theory"* (ANT) para manter a metáfora da formiga ("ant"), que tem algum interesse para Bruno Latour (2012), um dos principais autores da ANT.

era um domínio especial da realidade, e sim um princípio de conexões" e que, portanto, não haveria razões para separações entre o "social" e "outras associações como os organismos biológicos ou mesmo os átomos" (Latour, 2012, p.35). Tarde ainda afirmava que "nenhuma ruptura com a filosofia, sobretudo a metafísica, era necessária para uma disciplina se tornar ciência social" e que "a sociologia não passava de uma espécie de interpsicologia; que o estudo da inovação, especialmente ciência e tecnologia, constituía a área de expansão da teoria social" (Latour, 2012, p.35).

Apesar do nome, a ANT não é uma teoria. Segundo Ignacio Farias (2011), embora alguns a considerem um método ou uma sensibilidade, o mais adequado talvez seja considerá-la um paradigma, pois "oferece uma posição ontológica sobre a qual fundar a investigação empírica e a partir da qual definir parâmetros, não de verdade ou veracidade, mas de plausabilidade e êxito de descrições e explicações"[6]. Ainda assim, na tentativa de escapar de qualquer engano que a ideia de paradigma possa denotar, seguimos o conselho do professor Paulo Rheingantz e passamos assumir a ANT como uma proposição[7].

Por meio das investigações das práticas de laboratório, os fundadores da ANT vão demonstrando as dificuldades impostas pelas categorias estruturantes do pensamento ocidental, que não dão conta das hibridações que ocorrem entre o que é do mundo do natural, da técnica e do social. Ao abordar a base filosófica do pensamento de Bruno Latour, Graham Harman (2007/2019, p.122) afirma que o autor "rejeita firmemente um tipo singular de vínculo entre humanos e mundo que abandona os objetos não-humanos para a observação manipuladora da ciência natural".

Para Harman (2007/2019), mesmo levando em consideração as mudanças no pensamento de Bruno Latour ao longo dos anos, permaneceram centrais desde seus primeiros escritos, as ideias de **actantes, irredução, tradução e associações.** Conforme a Teoria Ator-Rede, todos os objetos, seres e humanos são actantes ou atores (sociais) e, portanto, todos estão no mesmo nível. Essa ideia também é conhecida como o princípio de simetria, por meio do qual todos os atores humanos ou não-humanos (espaço construído, objetos tecnológicos, seres biológicos etc.) são entidades com agência sobre o social. Contudo, antecipamos que esse é um princípio analítico e não uma postura ética (Law, 1992).

Ainda segundo o pensamento de Bruno Latour, nenhuma entidade é redutível a outra, portanto, torna-se necessário o trabalho de tradução, um desvio técnico por meio do qual se demonstra como entidades influenciam-se parcialmente. **Irredução e tradução** são mais bem

6 Tradução livre de *"[la TAR] ofrece una posición ontólogica sobre la cual fundar la investigación empírica y a partir de la cual definir parámetros, no de verdad o de veracidad, pero sí de plausibilidad y éxito de descripciones y explicaciones".*

7 Observação realizada durante a arguição deste trabalho, em 30 de agosto de 2023, online.

compreendidas a partir do trabalho *Paris: Invisible City*[8], desenvolvido por Latour e a fotógrafa Emilie Hermant (2006), no qual os autores mostram as limitações e desvios necessários para representar espacialmente Paris como uma totalidade que, de outro modo, é composta por inúmeras redes sociotécnicas necessárias para a manutenção da cidade enquanto realidade sociomaterial.

A Teoria Ator-Rede também é conhecida como uma sociologia da tradução (Law, 1992), pois propõe uma substituição ao costumeiro corte epistemológico entre as ciências e o restante da existência. Em oposição, ao se deter nas humanidades da produção científica, Latour (2010/2016) vai demonstrar como as verdades científicas são desenvolvidas a partir de interesses políticos e são construídas por sofisticados desvios técnicos. Assim, ele define traduzir como "transcrever, transpor, deslocar, transferir e, portanto, transportar transformado" (Latour, 2010/2016, p.30).

Enquanto atores sociais, o curso de ação de cada um de nós é composto por desvios técnicos que tornam híbridas as fronteiras entre o que é do mundo da política, da técnica e da ciência: "quanto mais avançamos no tempo, *menos fica possível* distinguir a ação humana, o uso das técnicas, a passagem pelas ciências e a invasão da política" (Latour, 2010/2016, p.63). No mesmo texto, o autor dá como exemplo a atuação de um vereador municipal, que dificilmente defenderá uma posição na Câmara sem antes verificar o parecer de um urbanista ou sociólogo.

Perceber os desvios técnicos e as redes sociotécnicas é especialmente relevante para o estudo urbano na contemporaneidade, uma vez que os dispositivos técnicos estão completamente hibridados e são participantes da atuação humana. A simples oposição entre *espaço* e *sociedade* como duas totalidades compreensíveis já não faz sentido para além de uma possibilidade de abstração teórica. Farias (2011) ainda evidencia como a própria noção de escala, tão necessária aos estudos urbanos, é produto de construções sociais, uma estruturação do pensamento, ou seja, um desvio técnico de tradução, um modo de transpor transformado.

Finalmente, para Latour (2012), a ANT também pode ser entendida como uma sociologia da **associação**, uma vez que o social é composto por redes sociotécnicas de atores associados a outros tantos ou a coletivos de atores. De acordo com as proposições de Latour, nenhum ator é inerentemente forte ou fraco: "Nenhuma entidade é tão fraca que não pode recrutar outra. Então, os dois se juntam e tornam-se um terceiro actante, em que eles podem, portanto, se mover mais facilmente. Um redemoinho é formado e cresce ao se tornar muitos outros" (Latour *apud* Harman, 2007/2019, p.134).

A expressão "ator-rede", então, faz referência a esse caráter associativo, considerando que

8 O trabalho envolve diferentes suportes, incluindo, texto, fotografia e mídias digitais. Está disponível no site http://www.bruno-latour.fr/virtual/EN/index.html. Acesso: 28.05.2022.

cada ator é também uma rede, um nó, que se forma e desmantela no curso de sua própria ação. Assim, o social passa a ser entendido como uma trama formada por redes de associações entre diferentes atores humanos e não-humanos, ou seja, por redes sociotécnicas. Ao nos referirmos a redes sociotécnicas, admitimos a heterogeneidade da rede, já que a sociedade necessita de uma base material para existir (Law 1992), o que significa afirmar que a interação entre humanos é sempre mediada por objetos. Definitivamente, uma pesquisa ANT é caracterizada pela incorporação dos atores não-humanos, não apenas como projeções simbólicas, mas como entidades com agência.

No livro *Reagregando o social* (2012), Latour apresenta algumas instruções para quem deseja iniciar uma pesquisa social tomando a ANT como base. De acordo com o autor, um investigador da ANT deve partir para a atividade empírica sem estabelecer categorias de análise a princípio e "seguir os próprios atores", pois "a tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista... A busca de ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam" (Latour, 2012, p.44).

Não há postulados para serem refutados ou comprovados, mas rastros a serem seguidos. Nesse sentido, o pesquisador da ANT pode ser comparado a uma formiga (*ant*): "um viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejador e gregário" (Latour, 2012, p.28). A metáfora da formiga ainda evidencia o caráter coletivo e distribuído de toda a linha de ação do ator-rede.

As investigações que lidam com a realidade contemporânea, encontram-se frente a uma dificuldade patente na apreensão das novas associações de atores que configuram o social, pois as fronteiras entre grupos já não são bem definidas, há uma multiplicidade de entidades nem fixas nem estáveis a serem consideradas, acompanhadas de uma proliferação de inovações. Diante disso, "a última coisa a fazer seria limitar de antemão a forma, o tamanho, a heterogeneidade e a combinação das associações" (Latour, 2012, p.31).

A Teoria Ator-Rede pressupõe uma investigação empírica que parte das incertezas, uma vez que os atores sociais não são definidos a priori, os grupos formam-se e desfazem-se constantemente conforme as linhas de ação desses atores-rede, que também não são previsíveis. Além disso, reconhece-se que os próprios fatos são constructos sociais sustentados por interesses. Diante disso, Latour (2012) propõe o mapeamento de controvérsias.

Conforme explica Latour (2010/2016, p79-80), a palavra "controvérsia" é utilizada para designar "*todas as posições* possíveis, que vão desde a dúvida mais absoluta [...] até a certeza indiscutível [...]. Seguir, traçar ou fazer a cartografia de uma controvérsia significa, em minha linguagem, aprender a localizar *todos esses movimentos*" (itálico no original). Assim, Latour (2012, p.49) propõe

iniciar uma investigação ANT "em meio às coisas" e afirma que uma pesquisa em jornais é "um ponto de partida tão bom quanto qualquer outro".

Seguir os rastros de controvérsias (*matter-of-concern*), as posições sustentadas por atores interessados em diferentes pontos de vista, permite que identifiquemos uma série de outros atores, mediadores, grupos, desvios técnicos. Segundo Latour (2012, p.46), "as controvérsias não são um mero aborrecimento a evitar, e sim aquilo que permite ao social estabelecer-se e às várias ciências sociais contribuírem para sua construção". Finalmente, o mapeamento de controvérsias, expõe as questões de interesse e, com isso, "permite renovar de cima a baixo a própria cena do empirismo [...]. Um mundo natural feito de questões de fato não parece exatamente a mesma coisa que um mundo constituído por questões de interesse" (Latour, 2012, p.168).

O geógrafo Álvaro Domingues (2015, p.30), ao analisar a retórica especializada sobre o território, afirma que as polêmicas e matérias em discussão acabam tornando-se mais claras do que "a ilusão dos "*matter-of-fact*" – as matérias de facto – do discurso tecno-científico, exactamente pela razão de que o território não pode ser pensável como simples ocorrência mais ou menos abundante de factos". As controvérsias informam, fornecem pistas dos interesses em disputa, dos atores e grupos participantes, dos desvios técnicos, das ações assumidas.

Em tempos contemporâneos nos quais as interações sociais cruzam fronteiras materiais e virtuais, investigar os interesses, a formação e desmantelamento de coletivos, os atores humanos e não-humanos invocados, parece uma possibilidade de calibragem das interações observadas *in situ*.

Um trabalho que se propõe ao mapeamento de controvérsias no campo da arquitetura é o desenvolvido por Albena Yaneva (2012). Além de apresentar controvérsias existentes em casos específicos como o do Estádio Olímpico de Londres 2012 ou da Ópera House de Sidney, problematiza e questiona as relações entre arquitetura e sociedade. A autora afirma que acadêmicos têm tentado por décadas discernir a relação entre arquitetura e sociedade, inclusive, com alguns importantes estudos a defender a arquitetura como projeção simbólica da sociedade, mas que tratam a própria materialidade da arquitetura como neutra e passiva.

Seguir atores em suas controvérsias, reconhecer as questões de interesse, partir "em meio às coisas" desprovidos de categorias pré-estabelecidas, além de representar uma mudança de postura, impõe um desaceleramento. Isabelle Stengers (2007/2018), ao abordar a postura do pesquisador ANT, recorre à figura conceitual do idiota proposta por Deleuze e Guattari (1991/2020): aquele que desacelera os outros, "aquele que resiste à maneira como a situação é apresentada, cujas urgências mobilizam o pensamento ou a ação" (Stengers, 2007/2018, p.444). O idiota não impõe a pausa

para preenchê-la com algum outro tipo de saber, porque ele não sabe. Sua contribuição está em não permitir que nos antecipemos.

Em certa medida, existe uma postura ética em desacelerar e "dar voz aos atores". Em uma pesquisa ANT, há um esforço de não simplificação, de não redução, de não antecipação. Em outras palavras, o próprio Latour afirma que a ANT, por várias maneiras, corresponde simplesmente a "uma tentativa de dar espaço aos membros da sociedade contemporânea para definirem a si próprios quanto o oferecido pelos etnógrafos" (2012, p.69).

Por meio de uma metáfora bastante elucidativa, Latour (2014) mostra como em situações de conflito, o que está em disputa pode representar coisas distintas porque existem diferentes cosmovisões. Ele narra, então, o caso da Controvérsia de Valladolid, um debate moral ocorrido em 1550, no qual se discutia o tratamento a ser dado aos indígenas do Novo Mundo, se esses poderiam ser escravizados. O fato interessante diz respeito a como os colonizadores não faziam ideia de que, enquanto eles, europeus cristãos, discutiam para saber se os ameríndios tinham alma; no Novo Mundo, os ameríndios animistas buscavam formas de descobrir se os conquistadores tinham corpo.

Esse exemplo evidencia o problema do pesquisador que, imbuído das melhores intenções, estabelece de início classificações e teorias a serem constatadas empiricamente. Mas essas suas considerações a priori refletem a sua própria cosmovisão e não daqueles envolvidos com o problema em questão. Assim, Stengers (2007/2018, p.445-446) fala da criação de "um espaço de hesitação a respeito daquilo que fazemos quando dizemos 'bom'"; ela é "idiota" no sentido de que não se dirige às necessidades urgentes, "mas vai sussurrando que, talvez, exista aí algo de mais importante".

Essas precauções sugeridas pelos autores acima citados repercutem na constatação de que há múltiplas realidades (Mol, 1999), uma vez que, frequentemente, existem diversas cosmovisões em disputas, negociações e mediações. Nesse sentido, "por razões científicas, políticas e mesmo morais, não convém que os pesquisadores definam antes dos atores e *no lugar* deles, o elemento básico de que o mundo social é feito" (Latour, 2012, p.69).

Para um leitor mais pragmático, pode ser que a utilização da ANT nesta investigação pareça uma digressão desnecessária e um tanto caprichosa. Antes, podemos apontar a possibilidade de incorporar a agência de novos atores invisibilizados por outros referenciais metodológicos que tratam da urbanidade. Essa é uma demanda especialmente relevante na atualidade, quando os fenômenos urbanos são cada vez mais marcados pela mediação de dispositivos tecnológicos. Apesar disso, muitas abordagens que tratam do tema da urbanidade persistem na dicotomia entre espaço e sociedade.

Cada vez mais, pensar o espaço urbano tem sido admitir que não estamos a nos referir apenas a seus aspectos físicos e materiais, que há relações sociais importantes a serem consideradas. Entretanto, o social não deve ser colocado em oposição à materialidade do espaço construído do urbano, mas sim como mediado e, inclusive, possibilitado por ela (Farias, 2011). Conforme explica Rheingantz (*et al*, 2019, p.6), "associações de entidades urbanas produzem realidades emergentes que colidem, sobrepõem e interferem umas nas outras".

Existem diversos atores que fazem uso da Teoria Ator-Rede nos estudos urbanos. Os textos de Farias (2011) e Guggenheim (2016), oferecem um amplo estado da arte a esse respeito. O já citado, *Paris: Invisible City* (Latour; Hermant, 2006) é um rico demonstrativo de como seguir as redes sociotécnicas e perceber as traduções da cidade. Especialmente os textos de Latour e Yaneva (2008), Guggeheim (2016) e Till (2009) foram importantes para nossa investigação ao problematizarem as limitações de representações, categorizações e mesmo da atuação profissional no campo da arquitetura.

Relativamente ao tema da urbanidade, a ANT oferece promissoras possibilidades de investigação das associações e fluxos de relações que a sustentam. Jean-Yves Toussaint (2003) faz menção da urbanidade ao abordar os dispositivos técnicos e espaciais que estão entre as práticas e usos urbanos. Por um caminho um pouco diferente, os escritos de Paulo Rheingantz (2011, 2012, 2019) influenciaram decididamente na adoção dessa proposição nesta investigação, pois, demonstram com clareza os contributos da abordagem da ANT para pensar a urbanidade. Juntamente com outros autores, ele lembra que "a urbanidade não é algo preexistente em ruas, pessoas, mapas..., mas é uma qualidade que emerge de processos de múltiplas associações" (Rheingantz *et al*, 2019, p.6).

A urbanidade encarada como categoria de estudo, não deve ser objetivada ao ponto de suprimirmos as complexidades. A simplificação, a divisão em categorias purificadas que separam atributos espaciais das dinâmicas sociais embora seja um recurso que nos ajuda a operacionalizar a questão, não a responde, pois, passamos a tratar o espaço como algo purificado, desprovido de atuação social.

A incorporação da ANT permite-nos considerar diversos atores não-humanos com agência sobre o social, inclusive o próprio espaço construído e seus dispositivos físico-espaciais. O não estabelecimento de um quadro de referência anterior à pesquisa de campo permite-nos acessar situações, atores ou mediações que poderiam ficar invisibilizados por categorias previamente estabelecidas. Nesse sentido, podemos citar a atuação de automóveis como mobiliários urbanos ou enumerar as diversas situações em que os *smartphones* podem mediar as relações dos humanos com

os espaços urbanos, como pudemos registrar nas observações de campo no estudo de caso.

Apesar de ser uma abordagem promissora, a ANT impõe um grande desafio ao investigador, que parte para empiria cego, desprovido de um quadro de referência inicial. A ANT também não fornece ferramentas metodológicas específicas para o desenvolvimento das atividades e levantamentos empíricos. Nesse sentido, o instrumental da Etnografia Urbana combinou-se bem nesta pesquisa, somado com outras ferramentas próprias de investigações do espaço construído, mais bem apresentadas no capítulo em que abordaremos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de campo.

Outra ressalva importante diz respeito ao próprio princípio de simetria entre os diversos atores humanos e não-humanos. Nomeadamente, no caso de campi universitários, não podemos negar o poder de atuação de alguns atores sobrepondo-se a outros, tema que não encontra tanto lastro na abordagem da ANT, que considera os múltiplos atores em paridade. Ainda que a "força" de um actante possa ser medida pela quantidade de associações formadas, a explicação ofertada pela ANT afasta-se de abordagens com foco mais direto sobre dinâmicas de poder. Por esse motivo, é válido também termos em consideração os escritos daqueles que discutem o papel estruturante da economia global e seus interesses na sociedade do conhecimento (OCDE, 1996), que coloca universidades e cidades em lógicas de competição global.

Na primeira seção deste capítulo, tentamos evidenciar as contingências e os desvios técnicos que fizeram parte do percurso investigativo, com repercussões sobre o próprio trabalho. Nesse percurso, a ANT apareceu-nos após a realização da pesquisa de campo, o que impossibilitou a utilização dessa abordagem durante a prática mais diretamente relacional com o estudo de caso. As dificuldades de compreensão da própria abordagem, combinada às limitações impostas pelas contingências enfrentadas, restringiram nossas possibilidades de aprofundar no mapeamento de controvérsias, o que seria a consequência de uma pesquisa ANT propriamente dita.

Em contrapartida, ao se colocar em uma brecha entre saberes, é de se questionar o quão profundo devemos ir em determinadas abordagens, sem que nos afastemos em demasia do objeto e da questão central do trabalho. Provavelmente, essa é uma reflexão que não será esgotada nesta tese e, portanto, esperamos amadurecê-la em conjunto com outros investigadores interessados em temáticas semelhantes.

Ainda que não tenhamos uma pesquisa ANT propriamente dita, o alinhamento com suas proposições permite reconhecer atores não-humanos com agência sobre as interações sociais nos espaços urbanos; compreender o espaço construído como uma entidade social, não neutra; superar

limitações de categorias previamente estabelecidas; reconhecer e explorar a extensão de nossas ignorâncias. Especificamente no que diz respeito a nossas ignorâncias e incompreensões, o "partir em meio às coisas" trouxe-nos uma série de incertezas colocadas nesse hiato entre o que se discute teoricamente e o que se percebe na empiria. Por isso, tentamos evidenciar como as incertezas foram importantes para dar forma e organizar o nosso pensamento durante a investigação. Mais do que encontrar dados, durante as atividades empíricas, encontramos incertezas, que ajudaram a balizar a investigação e auxiliaram-nos no estabelecimento da compreensão de urbanidade admitida nesta tese. Para efeitos de sistematização, organizamos as incertezas mais persistentes no desenvolver da pesquisa em tópicos apresentados como as digressões da urbanidade, no capítulo seguinte.

3. Urbanidade, espaço público e de fronteira

No capítulo anterior, fizemos referência ao fato de "urbanidade" ser uma abstração, uma categoria construída cognitivamente. Neste, pretendemos recuperar um pouco a origem do termo, inicialmente relacionado aos modos de estar e de compartilhar o espaço público (Scocuglia, 2012). As mudanças ocorridas nos espaços públicos tradicionais nos séculos XIX e XX foram decisivas para a utilização inicial do termo e para sua apropriação nos debates técnicos do Urbano. Na atualidade, enquanto constatamos a emergência de um novo espaço público (Innerarity, 2006/2010), discutir urbanidade pode parecer um retrocesso para alguns.

Urbanidade e espaço público são frequentemente entendidos como decalques um do outro. A ideia do que seja urbanidade não é muito precisa, e nem sempre fez parte do léxico especializado. Por outro lado, a noção do que seja espaço público alterou-se com o espraiamento das intervenções sobre o território ao longo dos séculos. Aliás, a própria ideia de cidade vem sendo fonte de controvérsia acadêmica. Nesse sentido, a primeira seção deste capítulo estará ocupada de uma breve revisão histórica sobre Urbanismo, urbanidade e espaço público até chegarmos à atualidade, em que a relação direta entre espaço público e urbanidade esbarra em incertezas quanto às ideias de cidade e do protagonismo dos espaços públicos físicos como os espaços privilegiados para interação pública. Na segunda seção, discutiremos as incertezas conceituais próprias da polissemia da urbanidade. Finalmente, na terceira parte, apresentaremos uma visão mais propositiva que passa pelos espaços de fronteira.

3.1 Urbanismo, urbanidade e espaço público: um percurso histórico

Nas abordagens sobre espaços públicos, é comum recorrermos a pares de opostos. Espaços públicos são aqueles abertos e exteriores, em oposição aos espaços fechados e interiores das edificações. Ou espaços do coletivo e do público, em oposição à intimidade e privacidade da habitação. Em mapas de cheios e vazios, são o fundo onde estão impressas as figuras, que representam a massa construída.

Essas relações de cheios e vazios são especialmente reveladoras para representar a estrutura de espaços públicos de cidades históricas europeias, por muito tempo tomadas como referenciais modelares de cidade. Especialmente o mapa de Roma desenvolvido por Nolli, no século XVII, revela toda a estrutura de espaços destinados à interação pública naquela cidade, não somente os de ampla circulação, mas também os interiores de igrejas e de construções coletivas importantes

(Figura 05). Ao observarmos o mapa de Nolli, temos quase que um decalque da estrutura dos espaços que organizavam as vivências coletivas na Roma setecentista.

Até hoje, os mapas de cheios e vazios são amplamente utilizados em diagnósticos urbanos, pois eles dão-nos, inclusive, uma compreensão da densidade construtiva da cidade. Entretanto, ao longo dos anos, esse mapa foi paulatinamente perdendo seu poder revelador dos espaços de organização da vida coletiva, pois os espaços públicos aos poucos foram deixando de ser claramente identificáveis, por não corresponderem ao negativo do edificado. Na perspectiva de Philippe Panerai (*et al*, 1997/ 2004), a clareza da organização espacial bem definida das cidades tradicionais europeias foi alterada no século XIX e completamente acabada durante o século seguinte.

3.1.1 Origens do urbanismo e da urbanidade

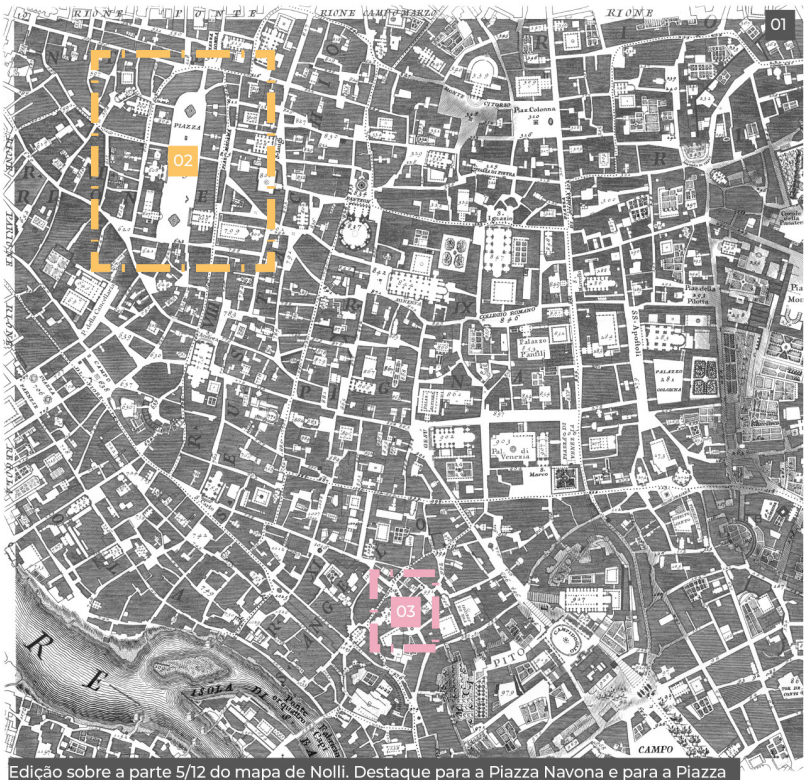
A Revolução Industrial promoveu um expressivo aumento demográfico nas cidades, quando as populações humanas passavam a ser mais urbanas do que rurais. Se, por um lado, a adequação das populações aos aglomerados urbanos tornava-se um desafio, por outro, as inovações técnicas permitiam novas possibilidades e soluções. Kenneth Frampton (1980/2003) apresenta uma série de avanços tecnológicos que viabilizaram uma "concentração urbana sem precedentes", tais como a semeadeira mecânica (capaz de substituir o trabalho de vários camponeses) e a produção em massa de trilhos de ferro.

O adensamento populacional nas cidades, sem que essas tivessem sido previamente adaptadas para tal, repercutia na convivência de humanos em condições bastante insalubres. As epidemias, tais como a de tuberculose e de cólera, assombravam os aglomerados, de modo que era patente a necessidade de reformas sanitárias, principalmente nas grandes cidades.

Relacionados a esse fenômeno, especialmente em meados do século XIX, dois verbetes começavam a ser mais utilizados: **urbanismo e urbanidade**. Enquanto, a urbanidade servia para disciplinar as práticas sociais nos diversos espaços de convívio coletivo, o urbanismo despontava como disciplina capaz de organizar os espaços da cidade.

O século XIX foi marcado por obras de ampliações e renovações urbanas com contundentes transformações na forma do tecido urbano e dos espaços públicos. De modo geral, com vistas a promover maior arejamento, circulação de ar e insolação por meio das construções urbanas, as edificações começavam a ter mais e maiores janelas, algumas habitações passavam a ser construídas afastadas dos limites dos terrenos. Com semelhante objetivo, via-se uma crescente ênfase nos espaços abertos e públicos, inclusive, com a produção de jardins e parques urbanos públicos.

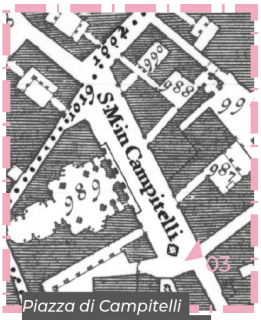
Fotomontagem 01 – Espaços coletivos de Roma, a partir da representação de Nolli



Edição sobre a parte 5/12 do mapa de Nolli. Destaque para a Piazza Navona e para a Piazza di Campitelli, apresentadas nos recortes ampliados ao lado e nas fotografias abaixo.
É possível perceber como a massa construída dá contornos aos espaços públicos e coletivos de Roma, à semelhança do que ocorre em muitas outras cidades históricas europeias.



Piazza Navona
Recorte da imagem 01 ampliado em 2x.



Piazza di Campitelli
Recorte da imagem 01 ampliado em 4x.



Vista da Piazza Navona, Roma.



Vista da Piazza di Campitelli, Roma.

Fonte: edições da autora (2023) sobre as seguintes imagens: 01 - *The new plan of Rome by Giambattista Nolli part 5/12* (1748). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Giovanni_Battista_Nolli-Nuova_Pianta_di_Roma_(1748)_05-12.JPG. Acesso: 06 jun 2023. 02 - European Comission, 2021. Disponível: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Piazza_Navona,_Roma_%283%29.jpg. Acesso: 06 jun 2023. 03 - Lalupa, 2012. Disponível: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Campitelli_-_piazza_Campitelli_1220964.JPG. Acesso: 06 jun 2023.

Nessa perspectiva, a renovação urbana promovida pelo Barão Haussmann em Paris (1853-1870) foi realmente paradigmática. Dada sua grandiosidade, bem como a influência cultural que a França exercia no mundo ocidentalizado, as intervenções de Haussmann serviram de referência para obras de renovação, higienismo e embelezamento em diversas cidades.

Com o objetivo de abrir vias amplas para a passagem de tanques militares, embelezar a cidade e garantir fluxo de ar entre as edificações, Haussmann demoliu uma Paris medieval, de ruas estreitas e tortuosas com construções aglomeradas. Em substituição, propôs uma rede de bulevares, que dispunham de amplas calçadas, bancos e vasta arborização. Marcavam fortes perspectivas com monumentos ao final, "de modo que cada passeio conduzisse a um clímax dramático. Todas essas características ajudaram a transformar Paris em um espetáculo particularmente sedutor, uma festa para os olhos e para os sentidos" (Berman, 1982/1986, p.146).

As ruas dessa Paris oitocentista inspiraram a obra de muitos artistas, tal como Baudelaire, conforme aponta Marshall Berman (1982/1986, p.137), ao demonstrar o vínculo da criação desse autor com a realidade citadina em que vivia, "a vida das ruas, dos cafés, das adegas e mansardas de Paris". Berman (1982/1986, p.144) considera o bulevar parisiense como "a mais espetacular inovação urbana do século XIX, decisivo ponto de partida para a modernização da cidade tradicional". O autor ainda afirma que, por volta de 1880, os padrões propostos em Paris foram reconhecidos mundialmente como determinantes do "verdadeiro modelo do urbanismo moderno".

A imagem desse modo de vida parisiense estava vinculada às aspirações de modernidade daquele tempo. Assim, as obras de renovação atendiam aos anseios das novas elites urbanas, enebriadas com as promessas da vida moderna. Por outro lado, também visavam a adequar as cidades para condições sanitárias e de circulação de uma massa populacional cada vez maior. Entretanto, o melhoramento das estruturas urbanas por si não garantia que os humanos instantaneamente desenvolvessem conhecimento sobre os comportamentos sociais esperados para esses espaços. Por isso, durante o mesmo período, tem-se notícia dos manuais de urbanidade, que apresentavam regras de etiqueta, boas maneiras e higiene necessárias para viabilizar o convívio nas aglomerações das cidades.

No manual de Carreño (1853/1875, p.32), a urbanidade é definida como um "conjunto de regras que temos que observar para comunicar dignidade, decoro e elegância em nossas ações e palavras, e para manifestar aos demais a benevolência, atenção e respeito que lhe são devidos", pois "a etiqueta é uma parte essencialíssima da urbanidade" (Carreño, 1853/1875, p.33). É bem verdade que tais manuais refletiam os valores e aspirações da crescente elite urbana, a burguesia. Contudo, é válido perceber o esforço de estabelecer regras para tornar a convivência entre diferentes possível,

no que se encorajava o respeito às regras de etiqueta de outros povos; o asseio e modos de se portar em sociedade; assim como "a paciência para, em sociedade, fazer sacrifícios necessários para agradar aos demais" (Carreño, 1853/1875, p.37).

A urbanidade de meados do século XIX, portanto, estava fortemente relacionada ao comportamento e boas maneiras esperados de indivíduos corteses, adaptados aos modos de vida modernos da cidade, cujo ideal estava condensado na imagem daquela Paris vibrante. Ainda que seja sutil nesse período, essa associação entre urbanidade e ideário de cidade, sobretudo de seus espaços públicos, coletivos e abertos (bulevares e cafés) persistirá, mesmo quando o termo urbanidade tiver seu significado ampliado, passando a ser utilizado nos debates especializados das disciplinas do urbano.

Até hoje, urbanidade ainda pode significar comportamento, cordialidade e boas maneiras. Em alguns países, os códigos de ética exigem que advogados cumpram seu dever de urbanidade, ou seja, que tratem com polidez, delicadeza e civilidade aqueles com os quais tiverem de lidar durante o desempenho de suas atividades profissionais[1]. Apesar disso, desde meados do século passado, o termo urbanidade incorporou novas acepções, em virtude da reação às intervenções funcionalistas nos espaços urbanos.

3.1.2 As intervenções modernistas nas cidades: de espaços públicos a espaços livres

Principalmente na primeira metade do século XX, o deslumbramento com os avanços industriais repercutiu em mudanças importantes nas cidades, quando os problemas de circulação e salubridade ainda eram um tema urgente. A Carta de Atenas (CIAM, 1933, p.6) denuncia um estado crítico das cidades, em que a intensa densidade populacional ocasionava condições de habitação nefastas, por falta de "espaço suficiente destinado à moradia, pela falta de superfícies verdes disponíveis, pela falta, enfim, de conservação das construções". As possibilidades técnicas dos novos materiais, equipamentos e construções permitiram idealizações que alteraram ainda mais significativamente as formas dos espaços públicos tradicionais.

A *Carta de Atenas*, também conhecida como a Carta do Urbanismo, representa uma das mais relevantes sínteses dos preceitos do urbanismo funcionalista. Foi redigida por ocasião do quarto Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), um dos muitos encontros de arquitetos que ocorreram a partir de 1928 e estenderam-se até alguns anos da década de 1950. A carta divide

1 Estatuto da Advocacia e Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – Lei nº 8.906/94. Estatuto da Ordem dos Advogados (Portugal) – Lei nº 145/2015..

a cidade em quatro funções (moradia, trabalho, lazer e circulação), defende o aproveitamento dos avanços técnicos na proposição de edificações em alturas, bem como argumenta em favor do uso de veículos mecânicos para diminuir o tempo de deslocamentos. A verticalização das edificações garantiria espaço suficiente, insolação e aeração. Assim, as construções em altura deveriam estar em grandes distâncias umas das outras, a fim de "liberar o solo para amplas superfícies verdes" (CIAM, 1933, p.14).

Os signatários da Carta de Atenas consideravam que "a cidade deve assegurar, nos planos espiritual e material, a liberdade individual e o benefício da ação coletiva" (CIAM, 1933, p.28). Denunciavam a arbitrariedade das intervenções privadas sobre o território das cidades e, por isso, defendiam a utilização de planos reguladores, capazes de prever e direcionar mudanças futuras em proveito da coletividade.

Em consonância com a Carta, o arquiteto Le Corbusier (1923/2008) repudiava o traçado de ruas estreitas, segundo ele, cheias de poeira, poluição e mau cheiro. Considera os arranha-céus como a arquitetura digna de seu tempo. Em 1915, propõe as *Villes Pilotis*, nas quais todas as edificações estariam sobre pilotis, de modo a triplicar a superfície circulável da cidade, por meio da separação de fluxos: veículos nas vias, pedestres nas áreas abertas sob pilotis, áreas de lazer e cafés sobre terraços em andares superiores. O repúdio à ideia da rua corredor aparece em muitos trabalhos do arquiteto, tanto que no projeto da *Ville Radieuse* (1931), ele propõe "uma densa cidade elevada acima da superfície de um parque contínuo" (Frampton, 1980/2003, p. 186).

Valorizava-se, portanto, o contínuo dos espaços livres, os grandes gramados, enquanto as vias deveriam permitir o fluxo rápido de veículos automotores. O concreto armado, as construções em módulos, os elevadores proporcionavam, a um só tempo, possibilidades de diminuição da taxa de ocupação do solo pelas edificações, então verticalizadas, e a liberação dos espaços térreos, com as construções em pilotis.

As ideias de Le Corbusier e dos CIAM ganharam acolhida internacional e diversas cidades foram objeto de intervenções sob ideais de padronização, setorização e eficiência. Vimos uma proliferação de proposições urbanísticas que alteraram as formas dos espaços públicos da cidade, bem como as relações que os humanos estabeleciam com esses espaços. A velocidade da máquina deslumbrava muitos dos arquitetos e urbanistas desse período. A ênfase nos espaços livres, em oposição à lógica da rua corredor altera drasticamente os traçados urbanos. No itinerário histórico apresentado por Philippe Panerai (*et al*, 2003) fica evidente como as mudanças urbanas sem precedentes, de Haussmann a Le Corbusier, provocaram a quebra do tecido urbano das cidades, por meio da explosão da quadra.

Entre os últimos encontros dos CIAM, formava-se um grupo de arquitetos dissidentes, o TEAM X, que desenvolveram especulações formais com interesse nas relações humanas nos espaços da cidade. A despeito da pluralidade de visões, as formas adequadas às associações humanas nos espaços construídos constituíam uma temática comum aos diferentes integrantes.

Uma das obras mais emblemáticas do grupo, o projeto do conjunto habitacional Golden Lane (Londres, 1952) foi desenvolvido pelo casal Smithson e representa os primórdios da ideia de *Cluster City*, posteriormente defendida por esses arquitetos. Os Smithson estavam interessados nas associações humanas, na identidade, nos padrões de crescimento e na necessidade de mobilidade. A proposta perseguia a ideia de criar espaços comunitários a partir da elaboração da forma da edificação, uma barra contínua ramificada, formando diferentes níveis de ajuntamentos. Apesar do esforço de oposição às ideias dos CIAM, os resultados formais da Golden Lane evidenciavam um processo de racionalização equivalente (Frampton, 1980/2003).

3.1.3 Revalorização dos espaços públicos e incorporação do termo urbanidade na retórica especializada

A racionalização dos planos urbanos e dos projetos arquitetônicos modificam as relações tradicionais dos humanos com seus espaços urbanos. Por isso, em meados do século passado, já se viam as primeiras reações críticas aos problemas atribuídos às intervenções modernistas nas cidades. A enormidade das edificações e dos espaços livres era incompatível com a escala humana, enquanto o excesso de funcionalismo dos planos enfraquecia vínculos e trocas espontâneas próprias das cidades com traçados tradicionais, em que diferentes usos se misturavam em uma mesma área. A velocidade dos automóveis em vias exclusivas promovia o esvaziamento de pedestres das ruas.

Na segunda metade do século XX, principalmente a partir da década de 1960, o termo "urbanidade" é recuperado pela retórica especializada passando a significar algo próximo a práticas sociais positivas desenvolvidas em espaços públicos formalmente adequados para o usufruto humano. Ao longo das décadas seguintes, existiu um genuíno esforço de muitos estudiosos para propor ideais de urbanidade que passavam por, entre outros, enaltecer o espaço público e a escala humana. Diferentes autores apontaram aspectos formais dos espaços públicos que poderiam traduzir-se na boa forma da cidade (Lynch, 1981/2015), necessária à urbanidade.

Um dos principais nomes desse período, a ativista e jornalista Jane Jacobs (1961/2019) referia-se às propostas funcionalistas como "anticidades", já que essas negavam a rua; impunham separações de usos, bem como padronizações que desconsideravam especificidades locais e

culturais; eram projetadas para os arranha-céus e para a velocidade do automóvel, não a do passo humano. Profundamente interessada em "uma urbanidade cheia de vida", Jane Jacobs (1961/2019, p.306) discutia a relevância da densidade urbana, tanto quanto, da mistura de usos, das fachadas ativas, do uso das calçadas, entre outros recursos formais e de planejamento em prol da vitalidade urbana. Podemos dizer que a crítica de Jacobs abre caminho para a associação do termo urbanidade com ideais de vitalidade urbana, densidade de encontros sociais e co-presença de diferentes atores sociais nos espaços públicos das cidades.

O já referido arquiteto Jan Gehl dedica-se à pesquisa e projeto de espaços públicos e abertos da cidade, com diversas publicações, consultorias e projetos desenvolvidos em diferentes lugares do mundo. Em *Life between buildings* (1987/2010), o autor dedica-se ao estudo das atividades sociais que possam desenvolver-se nos espaços abertos do urbano como uma dimensão própria da Arquitetura e do Urbanismo. À semelhança de outros contemporâneos seus, Gehl reconhece muitas qualidades na forma urbana das cidades históricas europeias, anteriores às grandes rodovias e ao tráfego do automóvel. Em 1962, o arquiteto propôs uma ousada intervenção: a pedestrianização da Rua Stroget. Situada no centro de Copenhague (Dinamarca), a rua participava de uma estrutura viária que concentrava significativo fluxo de veículos. Àquele tempo, o automóvel começava a perder seu status de artigo de luxo para tornar-se cada vez mais necessário aos deslocamentos na cidade.

A intervenção em Copenhague exemplifica as bases do trabalho desse arquiteto, interessado na criação de condições físicas que contribuam para o desenvolvimento das atividades humanas nos espaços públicos. Em sua concepção, um trânsito mais lento proporcionaria uma cidade com mais vitalidade, pois a velocidade do movimento interfere na visualização e percepção do ambiente. Por consequência, as cidades para o pedestre e para o automóvel teriam dimensões diferentes.

Gehl defende que as diferentes escalas de planejamento e projeto urbano (planejamento regional, planejamento municipal, desenho urbano) estejam interligadas e tenham como centro de sua atenção a vida diária e as situações ordinárias em que a vida acontece. Dessa forma, a coexistência no espaço e o encontro físico são aspectos cruciais a serem fomentados para gerar vitalidade urbana. São as formas mais simples de interação, mas são aquelas que dão oportunidade para que outras formas de atividades e eventos sociais ocorram, num círculo virtuoso: "*something happens because something happens because something happens*" (Gehl, 2010, p.75).

Em oposição, a cidade construída tendo como referência o tráfego de automóveis gera uma série de novos equipamentos que alteram as dimensões da cidade, provocando seu esvaziamento: parques de estacionamento, postos de gasolina, grandes instituições, entre outros, que contribuem para diminuir a quantidade de pessoas e eventos no espaço entre edifícios. Dessa forma, segundo

o referido autor, o ambiente da rua deteriora-se e assume o caráter de deserto inabitado, onde ninguém quer estar. E mais, esse seria um importante fator que contribui para o vandalismo e criminalidade nas ruas.

3.1.4 Os espaços de fronteira: uma costura necessária

Interessados em reconstituir as relações socioespaciais de espaços públicos tradicionais, muitos dos críticos à enormidade dos espaços livres modernistas passaram a direcionar sua atenção às áreas abertas localizadas nos limites dos terrenos e aos modos como essas articulam-se com o espaço público das vias. Diferentes nomenclaturas foram utilizadas, mas, nesta tese temos considerado como "espaços de fronteira": áreas abertas pertencentes aos lotes urbanos localizadas entre as edificações e o limite do lote, frequentemente o espaço público da rua. Comumente, esses espaços são resultantes dos recuos impostos por regulações urbanísticas, com o objetivo de garantir maior salubridade, circulação de ar, áreas de solo natural para drenagem das águas pluviais, entre outras necessidades técnicas.

Os espaços de fronteira são entendidos como espaços de mediação entre domínios opostos: interior e exterior, público e privado, coletivo e particular, desconhecido e familiar. Dessa maneira, já entre os integrantes do TEAM X, havia alguns arquitetos que se dedicavam a explorar a ambiguidade possibilitada por tal mediação. O arquiteto Aldo Van Eyck, nomeadamente, em sua persistente busca pela forma do lugar, defendia a ideia de ampliação dos espaços intermediários entre interior e exterior, os *in-between*.

A principal execução dessa ideia está no projeto arquitetônico desenvolvido para um orfanato em Amsterdã (1955-60), no qual os espaços de articulação entre os módulos, ou seja, os corredores, pátios e halls, são ampliados e ganham protagonismo, de modo a proporcionar encontros espontâneos, lugares para ocasiões. Van Eyck defendia a ideia de que os espaços intermediários são espaços de conciliação, portanto, deveriam ser claramente definidos como espaços articuladores que induzissem "simultânea consciência do que é significante em ambos os lados" (Van Eyck, 1961/1999, p.89).

Outro arquiteto que também integrou o TEAM X, Herman Hertzberger (1991/1996, p.12) dedicou-se a desvendar as oposições usuais entre público e privado, individual e coletivo, pois, segundo ele, nunca estamos em uma dessas polaridades, "é sempre uma questão de pessoas e grupos em inter-relação e compromisso mútuo, i.e., é sempre uma questão de coletividade e indivíduo, um em face do outro". Hertzberger associa a ideia de intervalo à de soleira, por ser nessa

plataforma que dois mundos, público e anônimo/privado e familiar, se superpõem. Para ele, o intervalo, enquanto expansão da soleira, seria a materialização da hospitalidade. Propõe a criação de espaços intermediários acessíveis quer ao público, quer ao privado, ainda que administrativamente possam pertencer a um ou outro domínio.

Para a compreensão do intervalo proposto por Hertzberger, as noções de pertença e flexibilidade são importantes. Ao mesmo tempo que o arquiteto critica a amplitude dos espaços livres propostos pelos arquitetos dos CIAM – "uma agradável paisagem de parque onde sempre nos sentimos "excluídos"" (Hertzberger, 1991/1996, p. 78), o autor elenca exemplos de recursos construtivos por meio dos quais os utilizadores poderiam sentir-se parcialmente integrantes dos espaços coletivos, ainda que não descolados completamente de um ambiente mais privativo. A flexibilidade das soluções arquitetônicas permitiria maior emancipação dos utilizadores, que atuaria em favor de maior motivação.

Contemporâneos aos arquitetos do TEAM X, outros críticos do urbanismo funcionalista dos CIAM também discutiram a relevância dos espaços intermediários. Na crítica à vastidão dos espaços livres gramados, Jane Jacobs (1961/2019) enfatiza o papel das ruas e calçadas para interação de indivíduos, entendidas por ela como os principais locais públicos da cidade. Para essa autora, a clara separação entre o espaço público e privado seria necessária para garantir segurança urbana. Na concepção de Kevin Lynch (1960/2018), os limites, as fronteiras entre dois tipos de áreas, são considerados como um dos principais elementos da imagem da cidade. Visualmente, servem para orientar o observador no sentido de identificar os espaços interiores e exteriores.

Quando os limites impedem continuidades espaciais ou visuais, eles podem ser considerados barreiras. Nesse caso, Lynch (1960/2018, p.111) argumenta em favor de limites que possam ser atravessados visual ou espacialmente, como uma costura, "uma linha de intercâmbio ao longo da qual duas áreas estão 'costuradas'". A ideia de fronteiras espaciais como costuras tem relação com a noção de espaços intermediários como articuladores dos domínios público e privado.

Em sua linguagem de padrões, Christopher Alexander (*et al*, 1977/2013) também defende a ideia de que os espaços intermediários sejam tratados como uma costura entre interior e exterior. Semelhantemente a Hertzberger e Van Eyck, ele argumenta em favor do projeto dos espaços de fronteira entre interior e exterior como um lugar em si mesmo. Alexander sugere uma série de dispositivos formais, ou padrões, que poderiam ser utilizados para dar espessura às interfaces entre edificações e espaço público, a exemplo de bancos, vitrines, jardins etc.

Segundo Alexander (*et al*, 1977/2013, p.594), os recuos frontais das edificações contribuem significativamente para destruir a rua como espaço social: "não têm serventia e quase sempre

destroem o valor das áreas externas entre as edificações". Assim, uma vez que os recuos regulamentares são obrigatórios, o arquiteto defende que sejam moldados para incorporarem-se à vida da rua. Ao citar Jan Gehl, ele ainda destaca como uma tendência humana de preferir localizar-se em áreas fronteiriças e não no centro dos espaços públicos, o que, mais uma vez, enfatizaria a relevância do tratamento físico-espacial dessas áreas de transição.

Ao desenvolver a ideia de "fronteira suave", Gehl (1986/2007, p.95) afirma que os recuos frontais de edificações são "elementos físicos de grande importância para apoiar a vida nas ruas". Suas proposições acerca das fronteiras suaves foram elaboradas em função de estudos de casos desenvolvidos em algumas ruas residenciais no Canadá, Austrália e Dinamarca. Apesar da especificidade da tipologia residencial, o autor afirma que as fronteiras suaves devem ser pensadas para todo tipo de edificação, consideradas a partir do estabelecimento de boas conexões entre o interior e o exterior combinadas com bons locais de descanso na frente dos edifícios (Gehl, 1971/2010).

Ao tratar sobre as "zonas de fronteiras desertas", Jane Jacobs (1961/2019, p.291) faz a distinção entre os espaços públicos, de livre circulação de pedestres, e o que denominou de espaços especiais, "que podem ou não ter construções; pode ou não ser propriedade pública; pode ou não ser acessível às pessoas [... que] andam em torno dele, ou ao longo dele, mas não através dele". A autora pondera sobre a interferência dessas áreas, que podem contribuir significativamente para o uso dos espaços públicos. Nessa perspectiva, Jacobs toma como ilustração casos de parques urbanos e campi universitários para demonstrar como a inclusão de atividades nas margens desses espaços, ou seja, em seus espaços de fronteira, poderiam contribuir com o aumento de atividades no entorno urbano.

A argumentação de Jacobs está pautada no fato de que as "áreas especiais" de grandes equipamentos urbanos criam zonas de fronteiras desertas nas cidades, que estariam totalmente relacionadas com a sensação de insegurança urbana, questão central para a autora. Relativamente aos campi universitários, ela alega que pelo menos alguns trechos poderiam ser "mais semelhantes a costuras do que a barreiras, situando os usos dirigidos ao público em pontos estratégicos de seu perímetro" (Jacobs, 1961/2019, p.296). Em oposição, critica as universidades por dedicarem "escasso tempo e imaginação avaliando seu papel como estabelecimentos únicos. Normalmente, fingem ser locais enclausurados ou afastados, negando nostalgicamente sua mudança para a cidade" (Jacobs, 1961/2019, p.296.).

3.1.5 A urbanização extensiva e os vazios urbanos

Apesar de toda a reação aos espaços livres do urbanismo funcionalista, nas décadas seguintes, com exceção de intervenções pontuais, a perda de ancoragens nos espaços das cidades acentuava-se com o espraiamento de intervenções pelo território. Progressivamente, o avanço das possibilidades de deslocamentos e da disponibilidade de meios comunicacionais vai permitir que a ocupação urbana extrapole os limites da cidade consolidada.

Para além dos avanços técnicos, na década de 1970, o reconhecimento de novas demandas, tais como da ecologia e do patrimônio cultural, implica em novos desafios para o planejamento urbano. As preocupações ambientais lançam a atenção a áreas de reservas que não correspondem necessariamente aos perímetros administrativos anteriormente estabelecidos, tampouco a lógicas exclusivas de ocupação humana do território. Por outro lado, as novas concepções em torno da proteção do patrimônio, com todas as complexidades que lhe são próprias, passam a incluí-lo como parte essencial do planejamento físico e territorial.

A constatação da complexidade do fenômeno urbano, com uma pluralidade de fatores a serem considerados, muito além dos aspectos morfológicos tradicionalmente relacionados às práticas do Urbanismo, abre espaço para elaboração de planos urbanos e territoriais mais flexíveis, participativos e integrativos, os planos estratégicos. Os efeitos perversos, contudo, não tardam a aparecer, pois, as mudanças de rumo na economia mundial impostas pela recessão causada por crises sucessivas do petróleo provocam transformações na forma de acumulação de capital, o que terá impacto decisivo para as cidades.

Globalmente, as cidades passam a competir entre si para atrair investimentos, por meio da realização de grandes eventos internacionais, tais como exposições e festivais, que servem de pretexto para intervenções urbanas, com ênfase nos espaços públicos e na monumentalidade das edificações (Borja, 2003). Segundo Ana Fernandes (2013, p.93), "a competitividade urbana é a regente-mor dos movimentos estruturantes da economia globalizada". Esse "urbanismo de oportunidade" assemelha-se a um jogo de dardos sobre o território (Leira, 2014), pois, às lógicas de ocupação e organização dos espaços urbanos, sobrepõem-se outras mais relacionadas às estratégias econômicas.

Assim, na passagem do século XX para o presente, o Urbanismo deparava-se com uma perplexidade diante dos fenômenos urbanos e sua complexidade, pois, já não eram apenas os grandes espaços livres modernistas os promotores de um espraiamento urbano sobre o território. No livro *Lo Urbano em 20 autores contemporâneos*, Ángel Ramos (2004) conseguiu compilar vários textos

de renomados urbanistas que apresentam diferentes definições e abordagens para esse processo de urbanização descontínua, com vistas a enfatizar um ou outro aspecto que interessasse mais a cada autor problematizar. Francesco Indovina (1990/2004) lança a discussão sobre a "cidade difusa"; Françoise Choay (1994/2004) denuncia a morte da cidade nos moldes tradicionais; Peter Marcuse (1995/2004) aborda a "cidade compartimentada" entre muros; Nuno Portas (2003/2004), trata das limitações dos planos e regulações frente à urbanização extensiva.

A utilização do termo "urbanização extensiva", tal como definida por Álvaro Domingues (2010, p.61), parece bastante apropriada para caracterizar um território de urbanização extenso e descontínuo, que "pode ocorrer algures em continuidade ou não com aglomerados existentes, seja de forma rarefeita, seja em neo-aglomerações junto de nós de auto-estradas" ou mesmo geografias "profundas", anteriormente distantes e encravadas. Assim como a ideia de "urbano alargado", faz alusão à dispersão territorial, embora dê mais realce à desconexão da urbanização com um tipo de ocupação específica do território. Dito de outra maneira, a urbanização extensiva prescinde das cidades como realidades físico-materiais.

A justaposição descoordenada de diferentes empreendimentos privados, grandes equipamentos de uso público, áreas de reservas naturais, infraestruturas urbanas, mais os traçados de malhas ferroviárias ou vias rápidas fragmenta o território, deixando uma clara percepção de descontinuidades espaciais e diminuindo a legibilidade dos espaços abertos e coletivos sobrantes. Não à toa, na virada do século vemos emergir um progressivo interesse nos vazios urbanos, nos *terrain-vague* (Sola-Morales, 2008; Cavaco, 2007).

Na perspectiva de alguns autores, os espaços urbanos atuais são marcados por uma variedade de áreas sobrantes entre as diferentes intervenções sobre o território, uma multiplicidade de espaços coletivos que nunca são pensados como elementos estruturantes, mas que "são eles que acabam por promover e organizar a construção do espaço urbano" (Portas *et al*, 2003, p.206). Segundo esses autores, as sobreposições entre parcelamentos, estrutura viária e infraestruturas criam tanto *in-between* quanto edificações. Em suma, a fragmentação do território tornou-se evidenciada quando a rua passou a ser meramente um eixo viário, deixando de garantir a continuidade do espaço público, ao passo que ficam cada vez mais evidentes os espaços intermediários, sobras de diferentes intervenções sobre o território.

Em resposta, Portas (*et al*, 2003) propõe que o Sistema de Espaços Coletivos (SEC) seja a base que deve estruturar o espaço do urbano alargado. Os espaços que compõem o SEC refletem de modo parcial a ideia de espaço público, porque nem sempre correspondem em termos de forma, função e significado àqueles das cidades tradicionais europeias. Existe uma variedade de

outros espaços que participam de modo desarticulado do SEC, tais como autopistas, espaços livres, áreas de reserva naturais cercadas, estacionamentos e recuos regulamentares das edificações.

Na medida em que os espaços urbanos tornam-se descontínuos, os vazios, espaços intermediários passam a despertar a atenção dos urbanistas, pois ali estão as possibilidades de construção de continuidades, de religação dos fragmentos em um sistema de espaços comuns que possam trazer alguma legibilidade ao espaço urbano. Inclusive, os recuos regulamentares das parcelas urbanas tornam-se especialmente relevantes, pois correspondem "a uma parte muito significativa do total de espaço colectivo disponível" (Portas *et al*, 2003, p.193), que raramente são pensados.

De modo semelhante ao que foi inicialmente proposto por diversos autores na crítica à vastidão dos espaços livres modernistas, Portas (*et al*, 2003) argumenta em favor da necessidade de pensar em uma tipologia dos "espaçamentos", sobras espaciais decorrentes de imposições de afastamentos obrigatórios das construções nas parcelas urbanas, quer sejam entre as construções, entre essas e as vias, ou mesmo em relação aos limites do lote. Os autores (Portas *et al,* 2003, p.207) argumentam que esses espaços "deveriam ser elementos de articulação entre domínios distintos e que acabam por funcionar como barreiras que fragmentam o território", pois a mera restrição construtiva, "cria um extenso e incompreensível conjunto de espaços-de-ninguém nunca pensados".

Frente à constatação da urbanização extensiva, pensar nas possibilidades de religação entre fragmentos espaciais ou em modos de recompor um Sistema de Espaços Coletivos (SEC) parece coerente de uma perspectiva físico-espacial, contudo, ao retomarmos o tema da urbanidade, esbarramos em duas incertezas das quais não podemos desviar: quanto aos espaços de interação pública e em relação à configuração físico-espacial própria do espaço urbano.

A propósito, na nossa contemporaneidade, considerar o tema da urbanidade seria um anacronismo, caso também não levássemos em conta outras incertezas latentes, que temos considerado como as "digressões da urbanidade". Retomaremos o tema das incertezas da urbanidade na próxima seção. Antes, contudo, dedicaremos algumas linhas a explorar a polissemia do termo urbanidade utilizado em estudos e publicações especializadas, outra razão que nos compele a esmiuçá-lo.

3.2 Urbanidade: polissemia e incertezas

O autêntico interesse de "contribuir para urbanidade" demandou as digressões de que nos

ocupamos neste trabalho, pois, a adoção do termo nos impôs uma série de reflexões e conduziu-nos a escolhas teóricas e metodológicas. Tal atitude tem razões no fato de reconhecermos que a urbanidade é um recurso retórico comumente utilizado, nem sempre com os mesmos sentidos. Quando esmiuçado, percebemos, as noções de urbanidade estão cercadas por incertezas.

A polissemia do termo é patente. Em uma busca rápida entre publicações dos últimos 20 anos em publicações especializadas*,* é possível encontrar títulos em que a urbanidade aparece como sendo simplesmente aquilo que é antagônico à ruralidade (Lacour; Puissant, 2007), ou a expressão direta de peculiaridades histórico-sociais (Zarecor, 2017), como no caso de cidades situadas em países do Leste Europeu; ou a questões relacionadas com estilos de vida (Latham, 2003); chegando mesmo a ser um fator de relevância para estudos acerca de estigmas em relação a doentes mentais (Ta *et al*, 2016). Na figura 06, a seguir, apresentamos uma fotomontagem a partir da junção de diversas capas de publicações que tratam sobre a urbanidade. Depois de uma breve análise em seus conteúdos, percebemos que os conteúdos informam-nos sobre tópicos e abordagens bastante variados (Figura 07).

Após as primeiras reações críticas aos efeitos do urbanismo funcionalista, no decorrer da segunda metade do século passado, a associação da ideia de urbanidade com os estudos sobre espaços públicos foi assumindo percursos variados. A Morfologia Urbana, sem dúvida, é um dos domínios em que o tema ganhou mais espaço, pois, estudiosos frequentemente estavam interessados nos efeitos sociais da forma urbana. É possível ter acesso a um rico estado da arte no que se refere ao tema da urbanidade tratado a partir da Morfologia Urbana em alguns dos textos publicados no livro *Urbanidades*. (Aguiar; Netto, 2012), no qual investigadores brasileiros tomaram para si o desafio de discutir o termo urbanidade, convertido em categoria da cidade (Aguiar, 2012).

De outra perspectiva, as práticas etnográficas incorporadas aos estudos urbanos vão trazer importante contribuição teórica e metodológica para a construção do conhecimento acerca das dinâmicas de segregação urbana nos espaços públicos. Conforme apresentamos no capítulo anterior, diversos autores, inclusive arquitetos, fizeram e ainda fazem uso do instrumental da Etnografia Urbana para desenvolver estudos e proposições, sobretudo com o interesse de verificar as práticas sociais no espaço público.

Por outro ponto de vista, ao discorrer sobre o que considerou como "uma verdadeira obsessão pelo lugar público, em princípio o antídoto mais indicado para a patologia da cidade funcional", a arquiteta Otília Arantes (1988/2015, p.87) traz uma rica revisão crítica das ideias mais influentes que, na sua concepção, tornou-se um lugar comum ideológico, associado a certa reação conservadora. Sem fazer menção ao termo "urbanidade", Alain Bourdin (2010/2011, p.24), faz crítica semelhante

Fotomontagem 02 – Capas de diversas publicações que fazem uso do termo "urbanidade"



Fonte: a autora, 2017. A partir de busca na internet, por meio do google imagens.

Fotomontagem 03 – Principais tópicos relacionados às publicações levantadas



Fonte: a autora, 2017. A partir de busca na internet, por meio do *Google Imagens*.

ao falar de uma "imagem totalmente positiva da cidade-centro – de preferência histórica –, densa em actividades, em construções, em equipamentos e em população (o que nem sempre é óbvio), portadora de todos os valores sociais". Inseridos em uma perspectiva crítica frente aos impactos urbanos decorrentes dos movimentos estruturantes da economia capitalista, principalmente após os anos de 1980, esses dois autores evidenciam a necessidade de questionarmo-nos sobre algumas convicções bastante arraigadas à prática profissional de arquitetos e urbanistas, a exemplo da noção de urbanidade.

Na atualidade, o termo é considerado como ultrapassado para alguns (EUROPA, 2009), enquanto muitos autores permanecem com sua concepção de urbanidade enraizada na reação crítica ao urbanismo dos CIAM, por meio da convicção de que os espaços, ao disporem de determinada forma ou de certos dispositivos físico-espaciais, poderiam contribuir para minimizar comportamentos incivis ou fomentar a vitalidade urbana.

Desde sua incorporação nos debates técnicos, a urbanidade tem se tornado uma espécie de categoria de estudo que congrega contribuições de diferentes domínios disciplinares, a partir de variadas abordagens e seus múltiplos aportes, que têm em comum o interesse centrado na vida urbana no espaço físico-material da cidade. Essa interdisciplinaridade da categoria, que congrega estudos dos mais morfológicos aos mais sociológicos, ainda que necessária, pode decorrer em tornarmos a ideia de urbanidade em uma palavra-contentor, um conceito vago, nos termos apontados por Alain Bourdin (2010/2011).

É no esforço de desviar de uma compreensão simplificadora que temos nos dedicado a esmiuçar a ideia de urbanidade aqui utilizada e até mesmo questionarmo-nos sobre a efetiva contribuição de a considerarmos em um estudo sobre integração socioespacial nos espaços de fronteira universitários.

3.2.1 As digressões da urbanidade

De acordo com o demonstrado, o termo urbanidade é recorrente em variadas disciplinas que tratam do urbano. Para o interesse desta investigação, importa abordar com mais atenção a compreensão de urbanidade a partir da perspectiva dos investigadores e profissionais que mais frequentemente atuam intervindo sobre os espaços das cidades, geralmente, arquitetos e urbanistas. É bem verdade que a atuação desses profissionais está cercada por urgências que os impelem, inclusive, a recorrer retoricamente ao termo urbanidade, desconsiderando algumas incertezas persistentes. Assim, frequentemente, os estudos que tratam do tema da urbanidade, costumam

estabilizar a categoria "sociedade" de modo a tornar suas especulações formais sobre o espaço urbano operativas. Tal recurso evidencia as limitações de nossas categorias epistemológicas e modos de representação, uma vez que a noção de sociedade é uma totalidade teórica que não corresponde às dinâmicas das realidades empíricas. Outras incertezas dizem respeito às próprias concepções do que seja cidade; à mutabilidade do espaço urbano; à multiplicidade da urbanidade; e ao protagonismo do espaço público físico.

3.2.1.1 As cegueiras cognitivas

A princípio, é interessante perceber que as incertezas aqui apontadas aparecem na lacuna entre a cidade discutida, problematizada, analisada e a vivida; ou, nos termos de Sennett (2018), entre a *ville* e a *citté*. Carlos Fortuna (2019, p.137) fala da cegueira cognitiva dos fazedores da cidade, pois esses não percebem a cidade do cotidiano: "a centralidade dada à dimensão do espaço da cidade faz perder de vista os lugares de que a cidade é feita". Innerarity (2004/2009, p.37) denuncia as "cegueiras induzidas pelas nossas teorias, e até pela nossa disposição crítica".

Especificamente no que tange a área de atuação da Arquitetura, a busca por uma definição precisa inibe a exploração dos arquitetos por campos do conhecimento que não reconhecem como de seus domínios. Jeremy Till (2009) chama a atenção para fazermos a necessária distinção entre arquiteto (especialista); arquitetura como profissão; arquitetura enquanto prática; e arquitetura como produto. O autor denuncia uma crença referente a "uma série de elos direta e virtuosa ao longo da linha especialista-profissão-prática-produto"[2] (Till, 2009, p.155), contudo, para ele, o arquiteto perde gradualmente sua autoridade na medida em que aumentam as contingências em cada elo. Dessa forma, o elo mais fraco seria o último, no qual o espaço já construído é exposto a atuações muito além do controle do especialista. Till afirma que a saída do domínio da certeza para o da incerteza é premeditada na arquitetura.

Essa realidade prática do campo disciplinar deixa rastros nos modos como esses profissionais pensam e teorizam sobre a cidade, geralmente em um esforço de purificar a complexidade do espaço construído para modos simplificados que possam permitir a manipulação de um léxico profissional reconhecível para a elaboração das proposições formais das quais costumam ocupar-se. Essa postura dos especialistas essencialmente focada nas valências da profissão dificulta a percepção de outros atores que participam da arquitetura ao longo de toda linha sugerida por Till.

2 Tradução livre do original: *"...the belief that there is a direct and virtuous set of links along the line expert-profession-practive-product"*.

Ao seguir pela linha que liga especialista-profissão-prática-produto, o arquiteto vê-se progressivamente esvaído de autoridade, impotente. Tal sensação tem sido ainda mais reforçada tanto mais se constata que o espaço construído (produto) é cada vez menos impositivo dos arranjos sociais. Em resposta, não é raro presenciar esforços para "marcar território", para reagir a uma sensação de perda de relevância da disciplina. Contudo, enquanto abstém-se de reconhecer e refletir sobre a complexidade de outros atores que atuam nos espaços construídos, de aventurarem-se pelas fronteiras difusas com outros campos disciplinares, muitos profissionais acabam por diminuir sua compreensão do urbano e, consequentemente, o poder de atuação de sua própria obra.

De semelhante modo, reconhecer urbanidade para além de um ideário citadino condensado em arquétipos de cidades históricas europeias ajuda-nos a corrigir a rota, a desviarmos da imposição de morais normativas (Trigueiro, 2012), de compreensões assentes em convicções de grupos dominantes que associam a ideia de urbanidade a uma "qualidade superior" (Netto, 2012), frequentemente representada por um catálogo de formas e combinações específicas que se pretendem universais. Entretanto, como bem lembrou Rômulo Krafta (2012), o que se considera virtuoso é variável conforme a geografia e o período histórico. Para ele, cada grupo define entre si os comportamentos que são socialmente aceitáveis.

Outra inquietação decorrente das incertezas quanto ao espaço urbano necessário à urbanidade diz respeito à relevância da materialidade da cidade. Na atualidade, o modo de vida urbano não necessariamente pressupõe uma vida nas cidades. A esse respeito, a colocação de Daniel Innerarity (2006/2010, p. 138) dá-nos o que pensar: "a urbanidade é mais que a forma da cidade, é um modo de vida, uma atitude, uma cultura cívica que talvez se possa realizar noutro cenário e que provavelmente já não poderá realizar-se senão noutro cenário".

De fato, concordamos que a urbanidade é mais do que a materialidade da cidade, mas consideramos que o espaço físico e seus elementos são mediadores importantes nas interações sociais. Conforme afirma Netto (2012, p.35), "nossa experiência do mundo e do Outro é frequentemente mediada pela cidade – como uma estrutura do sensorial, como emaranhados da ação e interação ancorados sob a forma de lugares e espacialidades.[...] Em ambiente urbano, somos sempre mediados em nossos atos pela materialidade particular das cidades".

Nas palavras de François Ascher (2001, p.19), "A dinâmica da urbanização está ligada ao potencial de interação oferecido pelas cidades, à sua 'urbanidade', ou seja, à potência multiforme que gera o reagrupamento de uma grande quantidade de pessoas em um mesmo lugar". Nesse sentido, a integração social passa a ser uma condição para a permanência desse aglomerado de humanos, portanto, uma condição para urbanidade.

Diante do exposto, mais do que distinguir cidade, urbano e urbanização, cabe-nos atenção para evitar os riscos de considerarmos os modelos tradicionais de cidade como únicos espaços possíveis para a urbanidade. Se fizermos isso, invisibilizamos qualquer esforço de tentar compreender as diferentes urbanidades que possam desenvolver-se em formas urbanas não previamente reconhecidas. A esse propósito, Agier (2011, p.137) problematiza a compreensão de cidade formal e apresenta os campos de refugiados como "rascunhos de cidade", pois os refugiados neles acampados "transformam-se, após dois ou três anos, em habitantes; depois, tornam-se os citadinos de uma cidade nua".

3.2.1.2 Incertezas quanto aos espaços de interação pública

Como já temos dito, os espaços públicos são entendidos como o lugar privilegiado da urbanidade, são "instrumentos de urbanidade" (Trigueiro, 2012). Não discordamos de que a urbanidade necessita ser considerada a partir de um espaço compartilhado, comum, mas precisamos atentar para algumas imprecisões. Primeiro, o espaço público há muito tempo não é apenas físico. Existem atividades, relacionamentos e situações permeadas entre espaços públicos físicos e virtuais.

Apenas como ilustrativo do exposto, Lee Rainie e Barry Wellman (2014) demonstraram como os acontecimentos ocorridos durante a primavera árabe, entre 2010 e 2012, foram organizados por meio de articulações nos espaços *online* e *offline*. Esses autores, interessados nas formas como estamos interconectados por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), mostram como principalmente *smartphones* participam das interações humanas com o espaço urbano. Tanto a internet quanto o telefone celular permitem que as pessoas usem suas misturas sociais para se mover entre seus ciclos sociais e interconectá-los.

De outro modo, as TIC enevoam as fronteiras entre espaços físicos e virtuais, públicos e privados, na medida em que a virtualidade permite-nos participar de conferências públicas a partir do espaço íntimo da casa ou fazer importantes e sigilosas transações financeiras sentados no banco de um parque público. Ao discorrer sobre a "nova urbanidade", Innerarity (2006/2010, p.136) considera que a ideia de urbanidade como o encontro de diferentes em um espaço democrático não necessariamente carece de suporte físico, pois, de acordo com sua perspectiva, "o debate público se efectua num espaço virtual [...] as ruas e as praças deixaram de ser os principais lugares de encontro e encenação".

Mesmo em uma abordagem que considere estritamente os espaços físicos, veremos que no urbano alargado o conceito de espaço público não dá conta da totalidade dos espaços que

estruturam a vida comum dos coletivos urbanos. Existem sobreposições e inconsistências de classificações. No livro *Políticas Urbanas II*, Nuno Portas (*et al*, 2003) aborda as dificuldades operacionais do termo "espaço público", pois as tipologias consagradas pouco representam os espaços existentes. Recorre, assim, à ideia de espaços coletivos, que incluiriam espaços públicos e privados. Essa ressalva é importante visto que, na atualidade, há decisões de interesse público que são resolvidas em ambientes privados. Além disso, hotéis, aeroportos, centros comerciais, condomínios residenciais, clubes etc., cada vez mais participam da organização da vida coletiva dos atores humanos da cidade, mas não correspondem à noção de espaço público e, por isso, normalmente não são pensados de modo integrado em um sistema de espaços coletivos do urbano.

A partir dos exemplos citados, é interessante notar que nem todo espaço coletivo é um espaço aberto. Esses, por sua vez, podem ser de uso coletivo, mas também podem representar espaços restritivos, como reservas ecológicas ou o jardim de um empreendimento particular. A rigor, não é apenas o termo "espaço público" que não dá conta de todas as situações em que os coletivos humanos atuam. Os termos "espaços coletivos" e "espaços abertos" sobrepõem-se em alguma medida, mas ambos deixam resíduos. Por isso, para esta investigação, as formas de tentar resolver as abordagens conceituais importam menos do que a revelação que tal esforço evidencia sobre as limitações de vincularmos a noção de urbanidade exclusivamente aos espaços públicos físicos e, principalmente, às tipologias presentes nos centros urbanos tradicionais.

Admitir as incertezas quanto aos espaços de interação pública não esvazia a relevância dos espaços públicos físicos para o tema da urbanidade, pois, continuam a ser os principais cenários dos encontros físicos espontâneos, de reconhecimento do outro. Contudo, a persistência das dicotomias público-privada, físico-virtual pode nos afastar de uma compreensão que torne possível a investigação de entrelaçamentos e co-dependências de diferentes espaços.

3.2.1.3 Incertezas quanto ao social

Conforme temos dito, urbanidade é um termo que atravessa diferentes disciplinas do urbano: da Sociologia à Arquitetura, diversos estudiosos ocupam-se de analisá-la. Ainda, temos reiteradamente afirmado que, na perspectiva de arquitetos e urbanistas, a abordagem privilegia as questões físico-espaciais, decorrendo de uma tendência de tratar os aspectos sociais com certa estabilidade. Em contrapartida, não podemos perder de vista que "vivemos numa sociedade que escapa à nossa compreensão teórica e ao nosso domínio prático em mais inquietante medida que noutras épocas menos perplexas acerca de si própria" (Innerarity, 2004/2009, p.8).

Em busca de assertividade, é comum recorrermos a análises purificadoras que separam

técnica, sociedade e natureza, muito embora no cotidiano, não estejamos a viver como categorias bem estabelecidas e separadas, como grupos sociais limpos de interferências técnicas e naturais. O social é formado de humanos, mas também de carros, roupas, certos tipos de dispositivos tecnológicos, vírus, máscaras, aplicativos e uma série de outros actantes que nos levam a atuar como sociedade. Ou seja, existe um sem-número de atores não-humanos que mediam nossas interações e que, associados a humanos, conformam o social também (Latour, 1991/2019, 2010/2016, 2012).

Essa constatação ainda é mais evidente atualmente, quando nossas experiências individuais e coletivas nos espaços urbanos são cada vez mais mediadas por meios informacionais. É patente a presença de uma variedade de atores não-humanos que participam de nossas experiências no espaço urbano, de nossas urbanidades. Defendemos que esse simples ajuste na compreensão do social é necessário para que possamos observar as situações nos espaços públicos, abertos, coletivos e de fronteira sem que invisibilizemos mediações entre coisas, pessoas, mobiliários, dispositivos urbanos etc.

Se queremos estudar urbanidade, precisamos admitir que o social não é algo estável e reconhecível, mas uma trama, "uma rede considerada do ponto de vista de sua inquietante invisibilidade" (Innerarity, 2004/2009, p.66). E a cada espaço poderá corresponder uma combinação de atores própria, verificável pela empiria, mas que apenas reflete um congelamento de um instante da realidade, provisório e incompleto, visto que os arranjos e combinações entre atores e seus coletivos formam-se e desmantelam-se a todo instante, conforme as linhas de ações desses atores.

3.2.1.4 A multiplicidade da urbanidade

Se a urbanidade tem a ver com nossas experiências sociais nos espaços urbanos, ela será tão diversa quanto os comportamentos dos atores humanos tendem a diferenciar-se e tão múltipla quanto a variedade de modos de vida. Ou seja, há urbanidades essencialmente diferentes que deixam seus vestígios nas permanências e movimentos pela cidade, nas interações de atores nos espaços abertos e coletivos do urbano. São diferentes modos de vida, idades, interesses, representações sociais, poderes, ritmos... tudo a interferir nas experiências que os diferentes atores humanos desenvolvem nos espaços urbanos.

Em consequência, podemos admitir que a urbanidade exige complemento nominal: de quem? Para quem? Das conquistas mais recentes da humanidade, sobretudo proporcionada pelo avanço das tecnologias informacionais, está a consciência e o reconhecimento dos modos plurais de vida. E não estamos a falar de pessoas que ocupam espaços diferentes. Coexistem, em nossas

cidades, urbanidades bastante diversas.

Embora alguns estudiosos do urbano vinculados às disciplinas de Arquitetura e Urbanismo valorizem os aspectos configuracionais dos espaços públicos como promotores de urbanidade, o desconhecimento dos diferentes atores e das maneiras como se relacionam com o espaço, seus modos de vida, os leva a crer que existe um garante de urbanidade a partir da forma do espaço construído.

Paulo Rheigantz (2011, 2012) desenvolve uma perspectiva interessante, na medida em que considera urbanidade-desurbanidade como um par indissociável, pois "o que pode ser entendido como urbanidade por uns, pode ser entendido como desurbanidade por outros", assim, "o entendimento de Urbanidade sempre implica na possibilidade de co-existência de Desurbanidade" (Rheingantz, 2011, p.6).

Admitir a multiplicidade da urbanidade pode parecer despropositado ou irrelevante do ponto de vista daqueles que projetam ou manejam o espaço físico das cidades. Sem dúvidas, é menos operativo do que seguir os preceitos cuidadosos de guias e manuais de intervenções em espaços públicos. Mas nos resta questionar: como "as melhores aspirações e desejos sobre a cidade" (Netto *et al*, 2012, p.249) podem ter espaço sem o conhecimento primeiro da multiplicidade de urbanidades-desurbanidades existentes, nas controvérsias e interesses dos diferentes atores que interagem nos espaços nos quais os especialistas intervêm?

3.2.1.5 A mutabilidade do espaço urbano e as limitações de nossas representações

Que o espaço urbano é dinâmico, não se duvida. No entanto, na prática dos fazedores da cidade, ou seja, de arquitetos, urbanistas, planejadores etc., o espaço construído é representado de modo estável. Bruno Latour e Albena Yaneva (2008) apresentam as dificuldades de representação do espaço tornado estático e reduzido ao espaço euclidiano, onde mediações, controvérsias e atores na realidade construída e vivida não estão representados.

> O espaço euclidiano é o espaço em que as construções são desenhadas no papel, mas não é o ambiente onde as edificações são construídas – e muito menos o mundo em que elas existem [...]. Não são apenas os arquitetos, seus clientes, os pedestres de De Certeau, os *flaneurs* de Benjamin que não vivem no espaço euclidiano – as construções mesmas também não! (LATOUR; YANEVA, 2008, p.82-83).[3]

Disso, deduz-se que o espaço urbano construído não é uma consequência direta dos desígnios de projetos, mesmo quando a proposta representada no espaço euclidiano é criteriosamente

3 Tradução livre de "*Euclidian space is the space in wich buildings are drawn on paper but not the environment in which buildings are built - and even less the world in wich they are lived [...]. It is not only the architects, his or her clients, de Certau's pedestrians, Benjamin's flaneurs that do not live in Euclidian space - it also the buildings themselves".*

seguida. E essa ressalva é relevante para o tema da urbanidade porque nossas representações podem invisibilizar mediações importantes. Além disso, uma vez que o espaço urbano é mutável, a própria urbanidade a ele atribuída também o é.

É inevitável, portanto, nos questionarmos sobre a associação do tema da urbanidade com um arranjo físico-espacial específico, quando o espaço mesmo é mutável, de modo que a própria urbanidade a ele atribuída seria fatalmente provisória. Abandonos, reformas, alterações ocorrem constantemente nos entornos urbanos. Intervenções que em algum momento contribuíram para as permanências e movimentos dos humanos nos espaços públicos podem perder seu sentido ou razão de ser.

Para Michael Guggenheim (2016), outra limitação de nossas representações seria a classificação dos espaços em função de tipologias edilícias. Segundo esse autor, "as construções perderam a conexão atmosférica com o que acontece dentro delas e ao seu redor" (Guggenheim, 2016, p.13), já que o uso de tecnologias locacionais independe das edificações enquanto tipologias, passando essas a serem meros contentores para a performação dessas tecnologias. Caixas eletrônicos não precisam estar em bancos, *vending machines* podem estar localizados em locais não comerciais. Mas, diferentemente de *smartphones* e *laptops*, as tecnologias locacionais não são móveis, precisam ser locadas *em algum lugar*. Ou seja, apesar de não demandarem uma construção tipológica específica, dependem da existência de um espaço físico e material.

A perspectiva proposta por Guggenheim (2016) é intrigante ao trazer para o centro da questão outros atores não-humanos que podem mediar as interações entre os atores humanos e desses com os espaços. Ao mesmo tempo, desestimula uma associação ligeira e estrita entre tipos morfológicos e efeitos sociais, pois evidencia o papel de uma variedade de dispositivos tecnológicos na atração de atores humanos, para além das formas das edificações e dos espaços onde tais dispositivos estão localizados.

Com atenção às incertezas que estão no lastro do tema da urbanidade, seguiremos na apresentação da compreensão utilizada para o desenvolvimento desta tese: as urbanidades refletem experiências humanas nos espaços urbanos que tendem à integração socioespacial. Em oposição, as desurbanidades tenderiam à segregação socioespacial. Nesse sentido, o par urbanidade-desurbanidade também pode ser entendido como uma latência presente em cada ator social. A reflexão acerca da validade de considerar a urbanidade como uma categoria de estudo neste trabalho é um dos resultados esperados.

3.2.2 Urbanidade enquanto integração socioespacial

A cidade caracteriza-se por um aglomerado de pessoas que nem sempre se conhecem, mas que cooperam mutuamente, desenvolvendo "trocas de natureza diversa" (Ascher, 2001, p.19). Nesse sentido, a própria existência da cidade enquanto organização pressupõe certa integração social. Trata-se da "agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo" (Simmel, 1902/1973, p.15).

A manutenção da cidade enquanto organização socioespacial depende da integração social. Por isso mesmo, temos admitido que a urbanidade tende à integração socioespacial. O arquiteto Vinícius Netto (2012, p.45) destaca o papel integrador da urbe, por meio da ideia de "urbanidade como resultado e como condição da integração social, simultaneamente, como sua construção, expressão e experiência".

A aglomeração das cidades implica no convívio com indivíduos desconhecidos entre si. De Simmel (1902/1973), passando pelos teóricos da Escola de Chicago, a Sociologia Urbana retrata o indivíduo "tipicamente urbano" como estrangeiro, justamente porque a cidade põe em presença mútua indivíduos que são estrangeiros entre si (Agier, 2011, p.64). Por isso, Innerarity (2006/2010, p. 117) afirma: "Se há alguma coisa que define urbanidade, ela será precisamente a capacidade de relacionar-se com estranhos sem sentir necessidades de lhes censurar essa estranheza nem de a suprimir".

A experiência social ofertada pela cidade, de convívio com uma coletividade plural, coloca em evidência a relevância do espaço público, entendido como "lugar de diversidade, do encontro social e da possibilidade de trocas, mesmo que sejam apenas encontros de olhares" (Scocuglia, 2012, p.80). Para Holanda (2012, p.174), "a visibilidade do outro é a quintessência da urbanidade". De fato, os espaços públicos físicos das cidades põem em presença os diferentes.

O potencial integrador dos espaços públicos motiva estudos morfológicos, de modo a garantir que sua própria configuração físico-espacial contribua para encontros entre grupos de humanos diferentes. Entretanto, é preciso admitir que, a co-presença de indivíduos desconhecidos nos espaços públicos é um ponto de partida, mas não garante integração social. O paradoxo da atitude *blasé* enaltecida por Simmel (1902/1973), que nos permite conviver com os diferentes sem os censurar, no limite, seria a invisibilidade do outro, a persistência de urbanidades invisíveis (Fortuna, 2019). Esse convívio com diferentes é uma experiência própria das cidades. Michel Agier (2011) enfatiza que a vida citadina é pontuada por proximidade e distâncias sociais. Essa experiência da

vida nas cidades, ou como diria Agier (2011, p.116), essa "maneira de estar-na-cidade" também pode ser entendida como urbanidade.

Nesta tese, entendemos que a urbanidade é uma experiência (humana) do urbano, por isso, é plural e envolve a realidade concreta da vida cotidiana expressa no entrelaçamento entre os diferentes atores humanos e não-humanos. Em concordância com Rheingantz (*et al*, 2019), entendemos que a experiência da urbanidade-desurbanidade não é pré-existente em atores específicos, ela emerge de processos de várias associações, ou seja, é essencialmente relacional.

Essa compreensão proposta por Rheingantz (2011, 2012, 2019) evidencia a imprevisibilidade da urbanidade, já que a experiência se desenvolve por meio de associações de atores sociais em redes que se formam e desfazem no curso das ações. Nem os atores mesmos, nem o próprio espaço urbano são estáticos. Assim, como alerta Rômulo Krafta (2012, p.127), a metamorfose contínua da cidade torna a noção de urbanidade dependente "da suspensão do tempo e da vontade dos agentes envolvidos na produção da cidade".

Ao longo desta seção, temos enfatizado as dificuldades que rondam as definições de urbanidade, pois essa é polissêmica e cercada de incertezas. Defendemos a ideia de que o interesse pela urbanidade enquanto categoria de estudo está alinhado com o esforço de reconciliação entre *ville* e *citté* (Sennett, 2018), de superação do hiato entre fazer e viver cidade (Fortuna, 2019). Por isso mesmo, não podemos desviar das dificuldades teóricas que as concepções desse termo acarretam.

A partir das incertezas apresentadas, propomos ajustes necessários para que avancemos em busca de maior precisão sobre o que estamos tratando quando utilizamos urbanidade como categoria de estudo. Primeiro, o reconhecimento de nossas "cegueiras cognitivas" implica em considerarmos a necessidade de construir a noção de urbanidade enquanto categoria de estudo empiricamente, por meio de investigações atentas que suspendam temporariamente os esforços de separação e categorização epistemológicas. Precisamente por isto, temos reconhecido na Etnografia Urbana e na Teoria Ator-Rede um conjunto de ferramentas e proposições promissoras.

A urbanidade é múltipla, relacionada a arranjos socioespaciais diversos, não estando restrita a configurações espaciais mais ou menos propícias. Isso não quer dizer que advogamos em favor de uma cidade genérica (Koolhaas, 1994/2004), mas sim do reconhecimento dos limites de atuação da arquitetura (projeto e produto), pois o par urbanidade-desurbanidade vai existir em diferentes realidades socioespaciais, seja em um bairro central de Berlim ou em uma favela do Rio de Janeiro (Andrade, 2012). Aliás, como dissemos anteriormente, ao citar o exemplo dos campos de refugiados, as definições de cidade nem sempre dão conta de todos os arranjos sociomateriais possíveis.

A urbanidade **tende à integração socioespacial**, pois aponta para a manutenção das cidades

como realidades sociomateriais caracterizadas pela concentração (de alta ou baixa densidade) de humanos e não-humanos cooperando entre si com suas valências parciais e complementares. A integração social não é reflexo direto da integração físico-espacial, pois isso só seria possível, caso considerássemos a sociedade como uma categoria estabilizada e previsível.

Já admitimos que o social é formado por inúmeras redes de associações de humanos e não-humanos que se formam e desmantelam constantemente conforme o fluxo de ação de cada ator, por meio de suas próprias escolhas. Por isso, co-presença, mixidade social, densidade, mistura de usos podem ser indicadores reveladores sobre as dinâmicas sociais das cidades, mas partir desses parâmetros sem uma análise mais criteriosa dos arranjos sociomateriais, das mediações existentes, pode conduzir às cegueiras de nossas próprias teorias e posturas críticas. Mais do que a configuração físico-espacial, existem diversos atores não-humanos que de algum modo participam das urbanidades, desde os imediatamente dados em campo, como dispositivos comunicacionais móveis, animais e plantas; sejam planos e projetos institucionais; sejam arquitetos, urbanistas e gestores a trabalharem em escritórios alhures; sejam coletivos organizados, empresas e instituições.

Não se trata de desespacializar a problemática, como se o espaço construído não tivesse qualquer interferência sobre o tema da urbanidade. Trazer a investigação do social para o centro da questão da urbanidade não exclui a relevância da materialidade e da agência do espaço construído. Pelo contrário, os inúmeros dispositivos físicos e espaciais também atuam socialmente, não são neutros. Se o espaço construído é um coletivo de atores (também) sociais, ele media o comportamento e interação de outros atores sociais, inclusive dos humanos.

Dado que o social não é estável, nem previsível, os atores humanos podem integrar diferentes espaços urbanos em suas redes de associações conforme seus interesses próprios, tirando dos espaços físicos públicos a exclusividade do papel de catalisador da integração social. Espaços virtuais, espaços coletivos privados, por exemplo, são associados e desassociados às interações humanas na cidade. Nomeadamente, podemos considerar as mediações de aplicativos com ofertas de vagas em veículos particulares, que promovem uma plataforma de encontro virtual de humanos interessados em compartilhar viagens. Esses atores podem criar redes de integração entre estacionamentos de restaurantes ou de centros comerciais e praças públicas de modo que nenhum planejador urbano que esteja preso às concepções tradicionais de sistemas de espaços públicos da cidade poderia prever. Precisamente nesse exemplo, temos uma demonstração clara do hiato entre a cidade planejada e vivida, simplesmente pela fixação de parâmetros pré-existentes e não pelo seguir atento às redes de atuação dos atores sociais.

Essa compreensão do social que temos aqui defendido evidencia a imprevisibilidade da

própria urbanidade, que nunca pode ser claramente determinada, apenas traduzida de modo parcial, limitado e provisório. Por ser uma **experiência humana *do* e *no* espaço urbano**, a urbanidade torna-se difícil de precisar. Ela será tão múltipla quanto são irrepetíveis os atores humanos e suas cosmovisões. Além disso, como demonstramos, o próprio espaço urbano é mutável. Ora, se as urbanidades são experiências compostas por fluxos contínuos de relações, determiná-la é um esforço inglório. No máximo, consegue-se tecer uma narrativa momentânea, provisória e imprecisa.

Apesar da imprecisão da urbanidade, essa pode ser uma chave de leitura relevante no empenho de aproximar a *ville* da *cité*, se a utilizarmos com base na empiria, reconhecendo em cada realidade as combinações de humanos e não-humanos atuantes no recorte utilizado, suas interações, associações, interesses e controvérsias que estruturam e dão matéria às inúmeras experiências de urbanidades-desurbanidades.

Considerar urbanidade-desurbanidade como um par indissociável, tal como propôs Rheingantz (2012), permite-nos alguma calibragem. Já que as experiências da urbanidade também são variadas conforme diferentes cosmovisões, as compreensões do que sejam os comportamentos adequados ao convívio coletivo nem sempre serão as mesmas. A atuação dos diferentes atores sociais nos espaços segue conforme seus interesses próprios, o que nem sempre é livre de conflito ou controvérsia. Dessa forma, explorar os interesses que mobilizam as ações e as controvérsias nas quais os atores sociais estão engajados, ajuda-nos a aproximarmos um pouco mais da compreensão das urbanidades-desurbanidades relacionadas a recortes físico-espaciais específicos a que se pretenda investigar.

Ainda assim, partimos da compreensão de que a urbanidade tende à integração socioespacial, o que nos permite admitir que comportamentos que tendam à segregação social; à perda de confiança, do reconhecimento das diferenças; incivilidades ou qualquer comportamento que conduzam a algum tipo de dissociação do urbano estará relacionado a desurbanidades.

O potencial de urbanidade-desurbanidade está em cada ator social porque a experiência da urbanidade é passiva, mas também uma construção ativa. O que nos leva a considerar a responsabilidade urbana como uma latência de cada ator social que participa desse arranjo sociomaterial. Todo e qualquer ator social, humanos, carros, jardins, cercas etc., carrega consigo o potencial de urbanidade-desurbanidade, mas também a responsabilidade de contribuir na manutenção da agregação urbana.

A essa responsabilidade urbana, poderíamos nos referir como "dever de urbanidade" e, nesse sentido, incorporarmos aqui todo um quadro de profissionais que, não estando presentes diretamente nas interações materiais *com* e *no* espaço construído, participam delas por meio de suas

intervenções. Portanto, é necessário reconhecer que arquitetos, urbanistas, planejadores, gestores, mantenedores são também atores sociais que participam de modo virtualizado das urbanidades-desurbanidades.

Finalmente, é importante esclarecer que a atualização das concepções aqui proposta não quer dizer que pretendemos suplantar abordagens anteriores. Ao contrário, os ajustes ora apresentados representam um reconhecimento do caminho intelectual desenvolvido por inúmeros estudiosos, pois somente a partir de uma revisão de literatura atenta pudemos tomar alguma posição analítica. Ao mesmo tempo, seguimos em consonância com o pensamento de vários investigadores do social e do urbano que, pelo menos desde a virada do presente século, têm enfatizado algumas perplexidades de nossa contemporaneidade, a proliferação de incertezas e as dificuldades teórico-metodológicas que acarretam.

A seguir, apresentamos um quadro resumo dos desdobramentos do termo urbanidade (Quadro 01), de acordo com o que dissertamos nesta segunda seção de capítulo. A cada desdobramento, relacionamos algumas das incertezas evidenciadas anteriormente, que demandam ajustes teóricos e metodológicos na nossa concepção de urbanidade.

Esta seção representou um breve *détour* pelas polissemias e incertezas do termo urbanidade, um passo atrás para problematizar em maior profundidade as implicações dessa categoria de estudo. Mas é sob a pressão das urgências que os especialistas atuam. O que propusemos com essa digressão, portanto, nada mais foi do que suspender temporariamente o clamor das urgências de intervenção sobre os espaços da cidade para investigarmos os pressupostos que comumente tomamos como verdadeiros, em favor de um pragmatismo projetual.

A emergência das TIC, a crescente fragmentação dos espaços urbanos, o espraiamento de empreendimentos desconectados pelo território, o evitamento do espaço público, a perda de legibilidade do espaço urbano são todos temas urgentes de nossa contemporaneidade. Todas essas questões estão profundamente relacionadas ao próprio espaço público físico.

Mesmo com as incertezas em torno das espacialidades que compõem as urbanidades, podemos afirmar que os espaços abertos, coletivos e públicos do urbano ainda são protagonistas nesse debate, pois, a despeito das possibilidades virtuais, existe a persistência de nossa materialidade, o apelo do sensorial. Nas palavras do jornalista David Sax (2016), trata-se da "vingança dos analógicos", já que os conteúdos do mundo virtual dependem em alguma medida da realidade concreta e material.

Nessa compreensão e reconhecendo a responsabilidade urbana latente em cada ator social, trazemos de volta ao debate os espaços de fronteira, importantes (e desprezados) espaços de interligação e sobreposição de diferentes domínios. Geralmente pouco tratados espacialmente,

nem sempre de acesso permitido, esses espaços poderiam e deveriam contribuir para dar mais legibilidade ao espaço urbano; mediar proximidades e distâncias sociais; e ampliar os espaços de interação pública, em última instância, contribuindo para as múltiplas urbanidades.

Quadro 01 – Desdobramentos da noção de urbanidade, incertezas e ajustes

Desdobramentos	Incertezas	Ajustes teórico-metodológicos
	- Incertezas quanto ao espaço urbano; - A multiplicidade da urbanidade. As definições de cidade não dão conta de todas as possibilidades de arranjos sociomateriais. As urbanidades serão tão variadas quanto forem diversos os arranjos urbanos.	- Existe urbanidade em qualquer assentamento urbano; - A diferentes arranjos sociomateriais corresponderão diferentes urbanidades, logo, não é possível utilizar as mesmas pré-definições construtivas para "aferir" urbanidade em realidades diferentes.
A urbanidade tende à integração socioespacial.	- As cegueiras cognitivas; - Incertezas quanto ao social; - Incertezas quanto ao espaço de interação pública. A integração social só poderia ser um resultado direto da integração espacial se o social fosse entendido como uma categoria estabilizada, previsível. Uma vez que o social não é estável, nem previsível, os atores sociais podem integrar diferentes espaços urbanos em suas redes de associações, retirando do espaço público físico a exclusividade do papel de catalisador da integração social.	- A urbanidade é uma realidade empírica e, portanto, sua tradução deve partir da empiria; - Integração espacial não implica, necessariamente, em integração social; - A centralidade do espaço público não deve invisibilizar a atuação de outros espaços urbanos nos arranjos sociomateriais.
A urbanidade é uma experiência socioespacial, de atores humanos e não-humanos própria do urbano.	- Incertezas quanto ao social; - A mutabilidade do espaço urbano; - A multiplicidade da urbanidade. Por ser experienciada socialmente, a urbanidade torna-se difícil de precisar. Tal imprecisão também se refere ao espaço urbano, ele próprio mutável. A experiência da urbanidade é relacional, portanto, é tão múltipla quanto são irrepetíveis as associações entre atores humanos e não-humanos. Além disso, varia na medida em que o espaço construído é modificado e os inúmeros atores sociais atuam.	- A urbanidade é imponderável, múltipla, diversa, imprecisa. Por isso, só se conseguem traduções limitadas e provisórias. - O par urbanidade-desurbanidade é indissociável, pois a urbanidade de uns pode representar desurbanidade para outros.

Fonte: a autora, 2020.

3.3. A urbanidade por meio da integração socioespacial de espaços de fronteira

As digressões de que nos ocupamos anteriormente também trazem consequências e ajustes necessários para o que temos considerado como espaços de fronteira. A partir das incertezas apontadas, parece despropositado e até datado insistir em espaços físicos de mediação entre interior e exterior, público e privado, como um meio de contribuir para as urbanidades. À primeira vista,

precisaríamos ignorar uma série de afirmações apresentadas nas seções anteriores, pois, temos discutido sobre como as dinâmicas de virtualização e mobilidade diminuem o protagonismo dos espaços públicos físicos na organização da vida coletiva. Nesse sentido, os próprios indicadores de co-presença e mistura social seriam pouco reveladores da existência de uma integração social. Também anunciamos que a experiência da urbanidade poderia estar associada a diferentes tipos de arranjos urbanos, não apenas a cidades.

Em oposição, nossa persistência nas possibilidades de contribuir para integração socioespacial por meio de espaços de fronteira baseia-se em algumas considerações que decorrem de reflexões advindas das próprias digressões de que nos ocupamos. Apesar de sabermos que, na contemporaneidade, o território urbanizado é pulverizado por ocupações descontínuas, por meio de um processo de urbanização extensiva, especificamente no que se refere a campi universitários periféricos, temos observado em muitos casos a emergência de um entorno citadino, que se vai formando ao longo das décadas posteriores à sua implantação.

Utilizamos aqui a denominação de "cidade emergente" (Portas, 1999) para nos referirmos a um desenvolvimento urbano paulatino que ocorre a partir da implantação de um campus periférico. O termo "cidade emergente" foi bastante utilizado pelo arquiteto e urbanista Nuno Portas (1997/2005, 1999), ao defender o papel catalítico dos espaços públicos e coletivos na formação de continuidades entre a cidade consolidada e essa urbanização alargada, extensiva. Na sua compreensão, os espaços públicos e coletivos do urbano são os mais permanentes e estruturantes, suportes para as demais intervenções sobre o território, por isso, deveriam contribuir para "fazer-cidade-fora-da-cidade, de formas diferentes, já que os processos urbanísticos e os modos de vida também os são"[4] (Portas, 1999, p.57).

Conforme veremos no próximo capítulo, consideramos que especificamente campi periféricos evidenciam uma dinâmica de formação de uma cidade emergente nos seus entornos universitários, um dos motivos pelos quais temos dedicado especial atenção a esses recintos. Esse processo evidencia a própria mutabilidade do espaço urbano e as consequentes controvérsias advindas de um espaço público, aberto e coletivo que se constrói coletivamente a partir da negociação (mas nem sempre) de diferentes interesses.

Em termos físico-espaciais, podemos afirmar que a formação de cidades emergentes pode ser percebida não apenas pelo aumento de usos e ocupações dos terrenos envolventes, mas também pelo provimento de uma série de dispositivos físico-espaciais: as vias expressas e estradas vão

4 No original: *"hacer-ciudad-fuera-de-la-ciudad, de formas diferentes puesto que los procesos urbanísticos y los modos de vida también lo son"*.

ganhando calçadas, estacionamentos, pontos de cruzamentos, passagens para pedestres... nesse sentido, sobretudo, movimentos e permanências de pedestres são indícios contundentes desse processo de formação de cidade. E é mesmo nessa perspectiva citadina que nos interessa abordar a urbanidade nesta investigação.

Reconhecermos a emergência de um entorno universitário não nos livra da constatação de que os espaços públicos físicos já não são os únicos onde interagimos pública e socialmente. Nesse sentido, desenvolvemos algumas reflexões sobre as relações entre materialidades e virtualidades que nos fazem considerar, ainda assim, a importância da materialidade dos espaços públicos, abertos e coletivos para nossas urbanidades.

3.3.1 A materialidade do espaço e as possibilidades de escolha

Em muitos dos textos sobre o urbano em que se argumenta em favor do relevante papel dos espaços públicos, abertos e coletivos para a sociedade contemporânea, as possibilidades de escolha são colocadas como algo que contribui para a segregação socioespacial, pois os humanos passam a preferir congregar-se em grupos afinitários (Donzelot, 1999), com evitamento daqueles que são diferentes de si ou que possam representar alguma ameaça (Gauchet, 2002). As possibilidades de escolha seriam um reflexo de um contexto socioeconômico liberal (Gauchet, 2002; Pechman, 2008), que permite a formação de agrupamentos de humanos socialmente semelhantes, de modo que a própria fragmentação do espaço urbano passa a ser um reflexo de uma sociedade que tende a fragmentar-se (Portas *et al*, 2003).

Especialmente relacionados às possibilidades de escolha, os dispositivos de transporte e comunicação são frequentemente referidos. Desde meados do século XX, a construção de vias preferenciais para os velozes automóveis particulares é tratada como um problema sério nas cidades em todo mundo. A partir da virada do século, a verdadeira revolução promovida pela internet e os dispositivos de informação, tais como *smartphones* garantiu uma maior possibilidade de individualização de escolhas e movimentos, além da substituição de interações anteriormente desenvolvidas presencialmente, por outras virtualizadas, mediadas por dispositivos. A reação crítica à interferência das TIC nas interações sociais é claramente encontrada nos textos de Sherry Turkle (2017).

A postura crítica dos autores acima referidos, sem dúvida, serviu de combustível para o interesse na problemática desta investigação. Contudo, no desenvolvimento do trabalho, optamos por não partirmos da crítica para a empiria, mas seu inverso. Conforme sugerido por estudiosos

da ANT, vale-nos primeiro avaliar empiricamente o desenrolar das redes, bem como os interesses e controvérsias que estão no cerne das escolhas dos atores humanos e seus coletivos. Além disso, cabe-nos aqui sublinhar algumas tendências que observamos no que se refere aos processos de virtualizações por meio das TIC e às possibilidades de escolha que acabam por recolocar o espaço físico e material no centro do interesse social.

É curioso perceber duas tendências paradoxais ao que comumente é associado aos processos de virtualização e às possibilidades de escolhas individuais. Primeiro, no que se refere à virtualização da realidade, as considerações do jornalista David Sax (2017) sobre a presença de objetos e ideias essencialmente analógicos em nossa contemporaneidade dá-nos o que refletir. A título de ilustração, o autor faz menção dos escritórios de grandes empresas de tecnologia no Vale do Silício, com espaços apelativos e lúdicos, repletos de objetos analógicos que poderiam (e era de se esperar, dada as especificidades dos produtos dessas empresas) ser facilmente substituídos por dispositivos tecnológicos. O autor aponta para a efemeridade dos produtos digitais, que têm pouca presença na materialidade, assim, os escritórios de empresas de tecnologia acabam por ser sua ancoragem com a materialidade, o que lhes confere uma dimensão de concretude.

O que Sax (2017) apresenta ressoa no que podemos observar na atualidade, a propósito da ênfase físico-espacial dos parques tecnológicos e dos Distritos de Inovação. Os parques de ciência e tecnologia são "ramificações do conceito de campus porque privilegiam e atraem funções inéditas: empresas, empreendimentos imobiliários, hotéis, campos de golfe e outras instalações para práticas desportivas de difusão social restrita" (Matos, 1999, p.362). Tem-se como exemplo o Taguspark (1992), em Lisboa (Figura 08) e o *Creative Science Park*, localizado entre os municípios de Ílhavo e Aveiro, inaugurado em 2018 (Figura 10). Por outro lado, os distritos de inovação combinam estratégias de renovação urbana de áreas centrais degradadas para convertê-las em densos centros (*hubs*) de atividade econômica com foco em inovação tecnológica e empreendedorismo. Pioneiro, o 22@Barcelona foi iniciado em 2000 (Figura 09).

O que essas iniciativas parecem demonstrar é o paradoxo da virtualidade: quanto mais interações virtuais são desenvolvidas, mais a materialidade torna-se sedutora. A complexidade da experiência material envolve nossa corporeidade em interação com clima, odores diversos, multiplicidades sonoras, as texturas e sensações táteis variadas etc. A riqueza sensorial da experiência material ainda não é possível reproduzir por meios virtuais, ao contrário, é mesmo a partir dessa realidade que se acresce conteúdo e substância às interações virtuais.

Semelhantemente, as possibilidades de escolha também acarretam uma reação paradoxal, quando as surpresas de acasos contingenciais podem desempenhar um fator de atratividade. Isso

porque, no extremo, as escolhas saturam-nos de nós mesmos, roubam-nos as possibilidades de surpresas positivas que interações não pré-estabelecidas podem nos fornecer. Esse é especialmente o potencial atrativo dos espaços abertos e coletivos do urbano, pois são os lugares privilegiados para interações não previstas, em que se permite ser surpreendido por eventos aleatórios. É o local dos curiosos, em que podemos confrontar e reconhecer as múltiplas urbanidades que enriquecem nossas vivências.

Figura 05 – Vista do Taguspark, Lisboa (Portugal), à esquerda;
Figura 06 – Vista do Distrito de Inovação 22@Barcelona (Espanha), à direita.





Fonte: 08 – Fred Mendonca, 2007. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:TagusPark.JPG. Acesso: 09 fev. 2020. 09 – Barcelona Catalonia. Disponível em: http://keepsonrocking.cat/portfolio_page/barcelona22/. Acesso: 09 fev. 2020.

Figura 07 – Vista aérea do Creative Science Park, Ílhavo (Portugal).



Fonte: Município de Ílhavo. Disponível em: http://www.visitilhavo.pt/dossiers-tematicos/equipamentos-e-servicos-publicos-locais/poi/pci-creative-science-park-aveiro-region. Acesso: 06 jun 2023.

Admitir o potencial da materialidade e as possibilidades de escolha está intrinsecamente relacionado ao esforço de compreensão das urbanidades contemporâneas. Instintiva ou conscientemente, há um número razoável de escolhas que se faz quando se está na cidade: estar só ou em grupo, em local sombreado ou sob o sol, em reclusão ou em evidência, locomover-se a pé, de bicicleta, de automóvel particular, de transporte coletivo. Estar fora, no espaço aberto e coletivo da cidade, quando não há obrigatoriedade disso, é uma escolha.

Sabendo que a materialidade desempenha uma importância central no cotidiano dos humanos, que estão a escolher constantemente os modos de estar e de movimentar-se pela cidade, consideramos a conveniência de espaços abertos e coletivos que forneçam opções para as múltiplas urbanidades. Em outras palavras, quanto mais um dado espaço aberto e coletivo forneça condições para movimentos autônomos e opções de permanências com possibilidades de escolha para variados atores e coletivos sociais, mais eles contribuirão para a co-presença de humanos nos espaços, que, sabemos, não é garante de integração socioespacial, mas um ponto de partida.

3.3.2 A integração socioespacial dos espaços de fronteira na cidade emergente

Os espaços de fronteira existem em decorrência de imposições regulamentares, para cumprir funções objetivas e específicas: espaços com solo natural para drenagem, afastamentos mínimos entre edificações para garantir circulação de ar; afastamentos necessários de infraestruturas urbanas etc. São áreas *non aedificandi* frequentemente aproveitadas para estacionamentos ou jardins que formam uma composição estética com as edificações ocupantes dos lotes.

Os modos de tratamento dos limites entre a rua e a parcela urbana, quando permitem a permeabilidade visual, como grades, cercas ou muros baixos, ampliam visualmente o espaço público. Em adição, quando esses limites não impedem o atravessamento de um espaço ao outro, amplia-se física e espacialmente o entorno público, ou, nos termos de Alexander (1977/2013), amplia-se a espessura dessa fronteira. Nesse caso, frequentemente o espaço de fronteira é comparado a uma soleira, um espaço de mediação entre domínios espaciais diferentes.

A palavra para soleira no francês (*seuil*) é a mesma para limiar, substantivo que, no português, utilizamos para exprimir uma mudança iminente, uma passagem e, com menor frequência, para nos referirmos à soleira da porta. O interesse por debater o papel mediador da soleira está presente em autores vinculados principalmente à antropologia do espaço (Segaud, 1983/2016; Toussaint, 2005), que enfatizam a posição ambivalente da soleira: "como mediador, o limiar organiza as relações sociais; paradoxalmente, preenche a dupla função de separar e vincular. [...] Mas o limiar também

serve para distribuir os indivíduos no espaço" (Segaud, 1983/2016, p.171-173).

A mediação possibilitada por espaços de fronteira permite que humanos possam regular suas proximidades e distâncias, suas reclusões ou publicidades. Como disse Segaud (1983/2016, p.171), "o limiar instaura a interação e permite gerenciar a relação com o outro". Nesse sentido, oferece um espaço de familiaridade em meio ao espaço aberto e desconhecido. Segundo Agier (2011, p.115), "independentemente das formas materiais que ela é chamada a ter, a dimensão familiar da cidade é uma parte essencial da vida na cidade […]. É ela que permite a ancoragem social mínima de cada um". Para ele, a vida na cidade é pontuada por proximidades e distâncias sociais: "Essa tensão entre os mundos e os espaços familiares, por um lado, e os que continuam a ser remotos e desconhecidos, por outro, determina a nossa maneira de estar-na-cidade (como se diz 'estar-no-mundo')" (Agier, 2011, p.116).

Por estabelecer um espaço de mediação entre o conhecido e o desconhecido, a integração físico-espacial do espaço de fronteira atuaria em favor da segurança urbana, uma vez que forneceria opções de gestão de exposição, se é possível dizer assim, para um humano que eventualmente se sinta ameaçado por alguém ou alguma situação. Ainda, ao criar uma "intromissão controlada", o espaço de fronteira integrado física e espacialmente ao espaço público, aberto e coletivo atuaria em contrário ao efeito perverso do poder de escolha, potencializado por dinâmicas de redes sociais virtualizadas: a tendência de congregação de humanos entre iguais.

Finalmente, a integração físico-espacial do espaço de fronteira contribuiria para ampliar o espaço de interação pública, auxiliando na formação da cidade emergente, ao acrescentar novas possibilidades de usos e funções ao espaço coletivo das vias que margeiam. Nesse sentido, importa-nos considerar a possibilidade de incentivar a co-presença e a mistura social entre humanos que possam passar a ocupar esses espaços. Como temos dito, a presença física compartilhada de diferentes atores humanos não é uma garantia de integração socioespacial, mas é um ponto de partida. Ainda, é um recurso próprio da materialidade do espaço urbano público, aberto e coletivo.

Se por um lado temos vindo a admitir as limitações de estabelecer um repertório formal propício à integração socioespacial, por outro, reconhecemos que os dispositivos físico-espaciais do espaço construído também têm agência social. Nesse sentindo, questionamo-nos sobre a possibilidade de estabelecermos princípios projetuais para intervenções em espaços de fronteira que atuem na ampliação do espaço de interação pública. No nosso estudo de caso, esses princípios servirão de fio condutor da análise tanto das condições ofertadas pelos espaços quanto das próprias interações humanas com seus espaços.

Por meio de observações de campo, é possível registrar as atividades desenvolvidas pelos

humanos em interação com o espaço e, entre si, no espaço, que ocorrem por meio de situações de permanências e movimentos pela cidade. Em geral, os espaços abertos, coletivos e públicos são os espaços onde humanos movimentam-se, sejam como pedestres, seja com o uso de outros dispositivos, como bicicletas, carros, ônibus etc.

A integração socioespacial por meio dos espaços de fronteira pressupõe o suprimento de necessidades de **movimentos e permanências** nos espaços abertos e coletivos. A capacidade desses espaços desempenharem algum tipo de **atração** para diferentes humanos também deve ser perseguida, pois, como dissemos, o estar nos espaços abertos e coletivos da cidade é uma questão de escolha. Esses três pontos são centrais em nossa análise físico-espacial, que toma como referência alguns estudos anteriores, de Luisa Videira (2017) e de Jan Gehl (1971/2010, 2018). Para a análise das situações de movimentos e permanências em campo, os parâmetros propostos por Agier (2011) e Gehl (1971/2010) contribuíram para a análise dos dados levantados durante a pesquisa empírica deste trabalho e serão mais bem apresentadas adiante, quando abordarmos os procedimentos metodológicos adotados na investigação.

As variáveis de análise da forma proposta por Videira (2017) partem de categorias pré-estabelecidas conforme a tradição de pensamento da Morfologia Urbana, o que, em certa medida, parece contradizer o que tem se defendido até aqui para o tema da urbanidade. Contudo, são bastante úteis para a análise físico-espacial do caso estudado bem como para a contraposição entre as características dos espaços construídos estudados frente às situações observadas em campo e as digressões da urbanidade consideradas.

Finalmente, a análise de Jan Gehl está mais relacionada à consideração da influência do espaço construído no comportamento dos humanos. Esse autor propõe a observação de 12 critérios no julgamento do que seja um bom espaço público (GEHL; SVARRE, 2018). Esses critérios estão divididos em três eixos. O primeiro, que versa sobre proteção, inclui: proteção contra tráfego e acidentes; contra danos causados por outros; contra experiências sensoriais desagradáveis. Na sequência, temos os critérios relacionados ao conforto: opções de mobilidade; opções de permanência; opções para sentar-se; opções de vista; opções para conversar; opções para brincar, jogar ou exercitar-se. Por fim, no que se refere à satisfação, o autor considera: a escala humana; oportunidades de aproveitar o clima; a disponibilidade de boa experiência estética e sensorial.

A utilização de expressões como "bom", "bonito", "agradável" entre os critérios utilizados por Gehl denunciam certa fragilidade, pois, induzem à pessoalidade na análise. Essa característica costuma ser um dos principais pontos de crítica a seu trabalho. De outro modo, também demonstram um esforço de facilitar a análise dos espaços abertos mesmo entre aqueles que não

estejam familiarizados com o vocabulário e os debates técnicos. Por sua linguagem acessível e pelo volume de trabalhos dedicados aos espaços abertos, as ideias de Gehl têm grande acolhida por entusiastas da temática. Assim, mesmo com nossa ressalva, permanecemos com a utilização de suas sistematizações, úteis para contrapormos às situações de interações observadas em campo.

Os critérios de análise propostos por Gehl são mais abrangentes do que as variáveis propostas por Videira (2017). A escala de análise também diverge, pois, enquanto as variáveis da forma podem ser analisadas e representadas a partir do *voo de pássaro*, a verificação dos critérios estabelecidos por Gehl pressupõe a caminhada, o inventário, uma escala mais aproximada da realidade encontrada *in situ*. A seguir, relacionamos os tópicos de análise de cada metodologia aos princípios de movimentos, permanências e atração (Quadro 02).

Quadro 02 - Correspondências de outras referências com os princípios de possibilidades de permanência, autonomia de movimentos e atração

	Variáveis da forma (VIDEIRA, 2017)	Critérios para espaços públicos (GEHL, 2010)
Permanências	Marcos; elementos verdes.	(Proteção) Contra tráfego e acidentes; contra danos causados por outros; contra experiências sensoriais desagradáveis. (Conforto) Opções de permanência; opções para sentar; opções para conversar; opções para brincar, jogar ou exercitar-se. (Satisfação) Boa experiência estética e sensorial.
Movimentos	Localização; Acessibilidade; Marcos; Distribuição; Compacidade; Densidade; Circulação e caminhos; Elementos verdes; e Barreiras.	(Proteção) Contra tráfego e acidentes. (Conforto) Opções de mobilidade.
Atração	Marcos; elementos verdes; circulação e caminhos.	(Conforto) Opções de vista; Opções para brincar, exercitar-se ou jogar. (Satisfação) Oportunidade para aproveitar o clima; Boa experiência estética e sensorial.

Fonte: a autora, 2021.

As relações entre os temas da urbanidade e do espaço de fronteira são aplicáveis a diferentes tipologias e usos urbanos. Entretanto, o potencial segregador do campus universitário periférico é frequentemente apontado (Portas; Barata, 1968; Lefebvre, 1968; Batalla; Manzano, 2017). Além disso, assumimos que, uma vez implantada em área periférica, a própria universidade acaba por promover a emergência de uma cidade em seu entorno. É sabido que universidades não se organizam exclusivamente em campi universitários periféricos, mas essa é uma tipologia recorrente, como veremos ao abordar as relações socioespaciais entre universidade e cidade discutidas há décadas. É um pouco sobre esse percurso que trataremos no próximo capítulo.

4. Relações socioespaciais entre cidade e universidade

Os debates técnicos sobre planejamento universitário e espaços de fronteira ganharam relevo sobretudo em meados do século XX, a partir da mesma postura crítica frente aos preceitos do urbanismo modernista e seus efeitos sobre as mais diversas cidades. De um lado, o campus universitário era encarado como um possível promotor de segregação, por corresponder a um grande território ensimesmado. Por outro, a ambiguidade dos espaços intermediários entre domínios público e privado era defendida, na busca por criar espaços de reaproximação e identidade, diante dos vastos espaços livres herdados de intervenções modernistas.

Algumas vezes, esses dois temas encontraram-se (Jacobs, 1961/2019; Alexander, 1965), mas, como veremos, em geral seguiram como linhas discursivas próprias. Neste capítulo, recuperaremos um pouco desses debates, das urgências que os mobilizaram para, na sequência, indicarmos motivos pelos quais os espaços de fronteira de campi universitários deveriam merecer especial atenção de planejadores universitários. Por suas grandes dimensões, com extensos perímetros de interface com os espaços abertos e coletivos do urbano; pela componente paisagística do campus; e pelas missões institucionais da própria universidade; os espaços de fronteira de campi universitários ganham relevo, conforme veremos adiante.

Na segunda seção deste capítulo, apresentaremos o caso de estudo de qual nos ocupamos nesta investigação, o Campus de Santiago da Universidade de Aveiro (Portugal), que corresponde a um campus periférico tardio, construído em fins da década de 1970. Conforme veremos, diferentes razões levaram-nos a selecioná-lo como nosso estudo de caso, dentre alguns, as preocupações com os espaços abertos e coletivos e sua integração espacial com a envolvente urbana, presente na revisão do plano coordenada pelo arquiteto Nuno Portas (1987-1989).

4.1 Universidade e campi universitários: uma breve revisão

Campus universitário não é sinônimo de espaço universitário, assim como universidade não é o único tipo de estabelecimento ocupado com o ensino superior. Entretanto, a longevidade dessa instituição secular, somada ao progressivo interesse que ela tem despertado depois da virada do século, coloca-a no centro de nossa atenção.

Na literatura especializada que trata do planejamento universitário, há diferentes classificações para abordar as relações entre cidade e universidade. Luísa Videira (2017) oferece um rico estado da arte a respeito das diferentes formas de categorização dos espaços universitários tendo em conta

aspectos como dimensões espaciais (Hashimshony; Haina, 2006) ou missão institucional (Hoeger, 2007), além do tipo de conhecimento neles desenvolvidos (Caldenby, 2009).

No que se refere às relações de localização e morfologia, Pablo Calvo-Sotelo (2011) divide os tipos de espaços universitários como periféricos; isolados; difusos e percebidos como tecido urbano. Alexandra Den Heijer (2011) separa os espaços universitários em: campus fora da cidade, enclausurado dentro da cidade e integrado dentro da cidade.

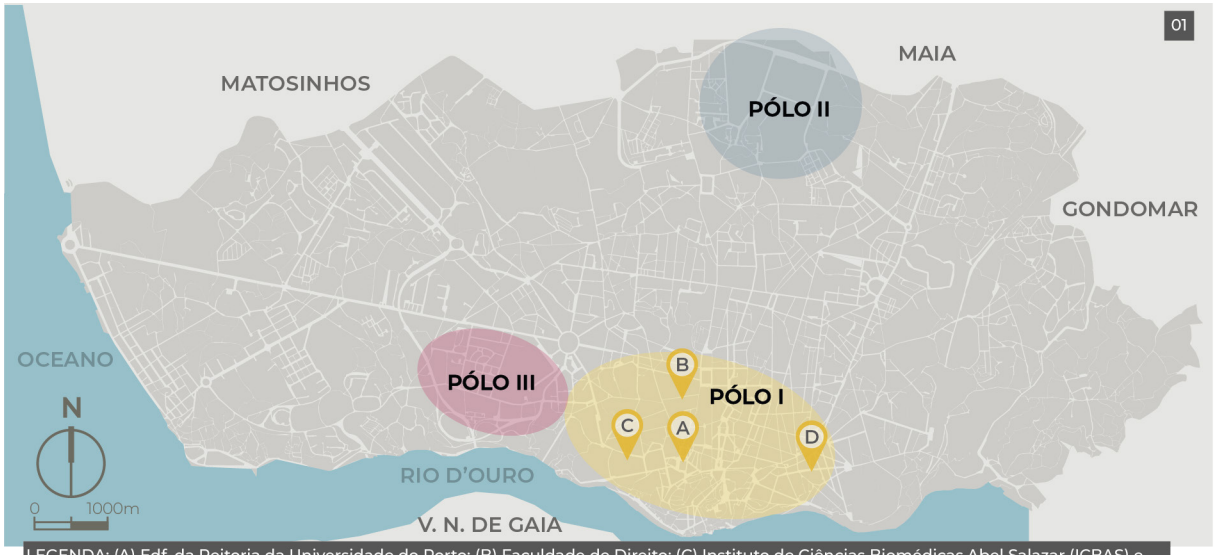
Finalmente, Videira (2017), propõe uma classificação de tipos de espaços urbanos que leva em consideração a predominância da cidade sobre a universidade ou da universidade sobre a cidade; as funções desempenhadas (viver, aprender, lazer); e o foco institucional (se é uma universidade voltada para a sociedade ou se persegue missões mais voltadas para si). A abordagem de Videira (2017) privilegia as relações morfológicas entre universidade e cidade, por isso, a autora tem o cuidado de não restringir sua classificação a campus universitário, uma tipologia entre outras tantas que representam a presença da universidade na cidade. A classificação sugerida parece bastante completa, mas não deixa de ser um retrato temporal, uma vez que, mesmo os espaços universitários construídos afastados do tecido urbano tendem a ser incorporados por esse ao longo dos anos.

A despeito das diferentes formas tipológicas como a universidade torna-se presente na cidade, teremos como foco de interesse as questões envoltas na temática do campus universitário periférico, porque essa tipologia consolidou-se e tornou-se referência em todo o mundo, além de sintetizar algumas das questões associadas ao urbano alargado. Uma vez que a universidade perdeu seu status de instituição destinada às elites (ao menos, discursivamente) e começou a responder a um fenômeno de massa, a proliferação de instituições organizadas em campi universitários passou a impactar diretamente o planejamento urbano das cidades. Por outro lado, embora o acesso à universidade tenha sido mais democratizado, não é raro o campus universitário ser tratado como um enclave urbano, um fragmento de cidade ensimesmado.

Apesar de sua ampla disseminação, a tipologia do campus universitário autônomo em áreas periféricas não é a única existente para resolver as necessidades físicas das universidades. Especialmente na Europa, há muitas instituições de ensino superior, sobretudo as mais antigas, que ocupam edificações inseridas no tecido urbano, nas quais seus espaços abertos correspondem aos espaços públicos da própria cidade. Um exemplo disso é o Pólo I da Universidade do Porto (Portugal, Fotomontagem 04).

Entretanto, o campus universitário continua sendo, em maior ou menor medida, uma tipologia preferencialmente escolhida porque, em muitos casos, as áreas onde são implantadas as universidades são terras concedidas pelos Estados. Por isso, além de corresponderem frequentemente a grandes

Fotomontagem 04 – Polo I da Universidade do Porto (Portugal)



LEGENDA: (A) Edf. da Reitoria da Universidade do Porto; (B) Faculdade de Direito; (C) Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) e Faculdade de Farmácia; (D) Faculdade de Belas Artes.



Edifício da Reitoria da Universidade do Porto (A)



Edifício da Faculdade de Belas Artes (D)

Fonte: 01 – a autora, 2017. 02 – Béria Rodriguez, 2011. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Reitoria_da_Universidade_do_Porto.JPG. Acesso em: 08 jun 2023. 03 – JotaCartas, 2010. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Faculdade_Belas_Artes_Porto.jpg. Acesso em: 08 jun 2023.

áreas localizadas nas zonas de borda ou mesmo afastadas do tecido urbano, não raro, a implantação de campi universitários é utilizada como estratégia estatal de desenvolvimento de determinadas localidades. Somam-se as vantagens da integração acadêmica e do aproveitamento de estruturas e serviços em comum aos diversos departamentos.

4.1.1 Das origens da universidade à consolidação do campus universitário

A universidade é uma invenção da Europa medieval (Haskins, 1923/2015). As primeiras universidades, Bolonha, Paris e Oxford, têm origem no século XIII e surgem a partir de escolas vinculadas ao Clero. Naquele período, as universidades não tinham construções próprias e

ocupavam, então, edifícios privados e igrejas vizinhas.

Já no século XVI contavam-se na Europa algumas dezenas de universidades. Em Portugal, a Universidade de Coimbra remonta ao ano de 1290, mas foi instalada definitivamente somente em 1537, com todas as faculdades reunidas em torno do Páteo das Escolas (Fotomontagem 05). Poucos anos depois, foi criada a Universidade de Évora, em 1559. Ainda nesse século, foram criadas as primeiras universidades americanas em São Domingos (República Dominicana, 1538), Lima (Peru, 1551) e México (México, 1551) (Charle; Verger, 1994/1996).

A Universidade de Harvard (1636) é a mais antiga universidade estadunidense. Instalada no campo, onde posteriormente viria a existir a cidade de Cambridge, seguia um esquema de implantação com edificações soltas no terreno. Jonathan Coulson (*et al*, 2015) aponta razões práticas e ideológicas para a persistência das construções isoladas nos espaços universitários das colônias inglesas na América do Norte: a vastidão de terras por serem ocupadas; questões próprias do sistema construtivo em madeira; além de distanciarem-se da organização enclausurada, fortemente associada à origem católica dos *colleges* da Inglaterra. Para Lenglart e Vince (1992), a organização de uma vida acadêmica coletiva longe das distrações da cidade demonstra a influência do puritanismo protestante, bastante difundido naquelas colônias. Inclusive, a proliferação de novas instituições de ensino superior, também no Novo Mundo, é associada ao cisma religioso provocado pela Reforma, em 1520 (Charle; Verger, 1994/1996).

A partir dessa nova organização espacial, emergia a tipologia dos *halls*, grandes áreas rurais nas quais os edifícios de usos múltiplos eram arranjados em torno de um espaço ajardinado. Esses espaços eram comumente chamados de jardins (*yards*) e, a partir da fundação da Universidade de Princenton, em 1770, passaram a ser denominados *campus* (Batalla; Manzano, 2017). É curioso perceber como a formação da identidade nacional estadunidense está fortemente associada à difusão do ensino superior, sendo sintomático que um dos autores da declaração de independência dos EUA, Thomas Jefferson, também tenha sido responsável por um dos projetos de campus mais emblemáticos.

Em 1819, Thomas Jefferson projetou o plano para a Universidade de Virgínia, o qual chamou de "*Academical Village*", construído em 1825. A proposta era a de um ambiente tal que fomentasse a vivência entre estudantes e professores, de maneira que a educação não estaria restrita apenas às aulas formais, mas também a toda interação proporcionada pela vida compartilhada. Para tanto, Jefferson propôs um conjunto edificado à semelhança dos hospitais pavilhonares do século XIX: edifícios isolados e interligados por uma passarela coberta em forma de "U", nos quais se intercalavam usos de alojamento, salas de aula, refeitório e biblioteca. Tal arranjo permitia

Fotomontagem 05 – Primeiras universidades portuguesas, com edifícios organizados em torno de claustros





Fonte: 01 – a autora, 2017. 02 – Concierge.2C, 2011. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Universidade_de_%C3%89vora_-_Claustro_geral_dos_Estudos_(1).jpg. Acesso em: 08 jun 2023.

a organização dos edifícios com abertura para um gramado principal ("*the lawn*"), propício para os encontros espontâneos e coletivos. Além disso, possibilitava futuras expansões sem comprometer a estrutura existente (Fotomontagem 06).

A utilização de edifícios isolados ao invés de um grande edifício multifuncional, que era o mais usual à época, foi justificada pela privacidade dos espaços, bem como por questões de salubridade, pois favorecia a circulação de ar e evitava a rápida proliferação de epidemias. Soma-se a isso o fato de diminuir as possibilidades de alastramento de incêndios (Jefferson, 1816). A existência de um parque na extremidade oposta à biblioteca, principal edificação do conjunto, visava ao estoque de área para futuras expansões.

Além da grande influência tipológica da Universidade de Virgínia, nos EUA de meados do século XIX, começava a ganhar expressão uma tendência de valorização paisagística do campus, por influência dos diversos campi projetados por Frederick Law Olmsted (Charle; Verger, 1994/1996), defensor do *Land-Grant College Act* (Morril Act, 1862), ato por meio do qual o governo estadunidense concedia grandes porções de terras para implantação de instituições de ensino superior.

Entre as décadas de 1860 e 1900, Olmsted projetou dezenas de campi nos EUA, a exemplo do Campus da Universidade de Denison (Fotomontagem 07). Seus campi assemelhavam-se a parques, não apenas por motivos de apreciação estética, mas também porque ele reconhecia um potencial educativo e civilizador na natureza. Os planos propostos por Olmsted respeitavam a topografia, com vias e passeios tortuosos, conforme o contorno do terreno. Apesar dessa valorização de uma paisagem pitoresca, Olmsted reconhecia as atrações culturais, comerciais, econômicas e sociais da cidade. Nesse sentido, considerava a localização do campus no subúrbio como sendo a ideal, pois permitia certa reclusão para o pensamento contemplativo sem impedir a interação regular com a cidade e as diversas instituições culturais ali estabelecidas (Schuyler, 2015).

A ideia de um campus como um parque de traçado orgânico tinha também motivos práticos, uma vez que tornava o espaço flexível para adaptar-se às mudanças e extensões necessárias ao longo dos anos. Para Olmsted, o campus não era um retiro enclausurado alheio à sociedade, mas sim uma extensão dela. Questões como a escala humana das edificações e dos espaços faziam parte de suas preocupações.

Já na virada do século XIX para o seguinte, verifica-se a emergência de uma nova influência no planejamento universitário estadunidense, o movimento *City-Beautiful*. Influenciado pelas ideias da *Beaux-Arts,* o movimento teve início com a Exposição Colombiana de Chicago, em 1893. A monumentalidade clássica das edificações era enaltecida pelo traçado formal em grandes eixos, que também permitiam visadas em perspectivas. A primeira realização notável dentro dessa tendência

Fotomontagem 06 – *Academical Village,* Universidade de Virgínia (Estados Unidos)



Gravura da Universidade de Virgínia, criada por John Serz, 1856.



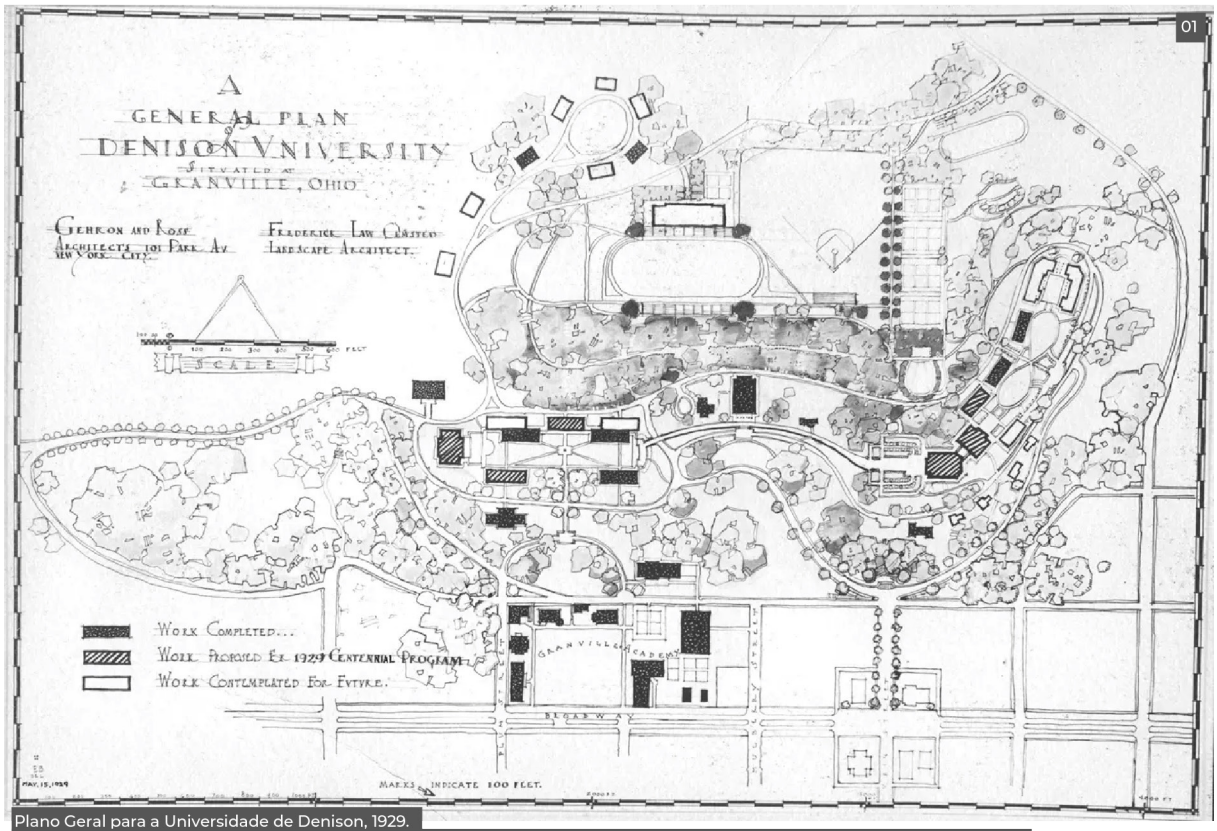
Vista da rotunda (biblioteca), edificação central no esquema de implantação projetado para a *Academical Village*.

Fonte: 01 – Coleção de História Visual da Universidade de Virgínia. Disponível em: https://search.lib.virginia.edu/sources/images/items/uva-lib:2153909. Acesso: 08 jun 2023. 02 – Bestbudbrian, 2014. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Green_and_Rotunda_at_Academical_Village.jpg. Acesso: 08 jun 2023.

foi a do campus da Universidade de Columbia (1894), em Nova York (Fotomontagem 08). É desse período que as universidades estadunidenses passam a referirem-se a si próprias como cidades: "*city of learning*", "*collegiate city*" (Coulson *et al*, 2015, p.21), o que acabaria por influenciar a utilização do termo "cidade universitária" para designar campus universitário[1].

1 A diferenciação entre campus e cidade universitária é melhor entendida a partir da leitura da crítica de Rudolph Atcon (1970) à cidade universitária, por associá-la a um referencial ultrapassado de monumentalidade (como era próprio do Movimento *City Beautiful*). Em oposição, defendia a racionalidade e funcionalidade do campus.
Ao nosso entender, a denominação de "cidade universitária" diz respeito a uma maneira de referir-se ao campus

Fotomontagem 07 – Campus da Universidade de Denison (Estados Unidos)



01

Plano Geral para a Universidade de Denison, 1929.
(Atenção para os traçados sinuosos que acompanham o relevo natural, perceptível a partir das fotografias de áreas abertas do campus, abaixo).



02

Vista do Campus da Universidade de Denison, Estados Unidos.



03

Vista de percurso próximo à capela da Universidade de Denison, Estados Unidos.

Fonte: 01 - *Olmsted Archives, National Historic Site* (Job #6373). Disponível em: https://www.nps.gov/frla/learn/historyculture/olmsted-designed-campuses.htm. Acesso: 08 jun 2023. 02 - Pbass1956, 2010. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:DeedsFieldPiperStadiumDenisonUniversity.jpg Acesso: 08 jun 2023. 03 - Pbass1956, 2010. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:AcademicQuadDenisonUniversity.JPG. Acesso: 08 jun 2023.

universitário, comumente utilizada na primeira metade do século XX, para enfatizar sua autonomia, dimensões do terreno e multiplicidade de usos. As pretensões de monumentalidade e completude impressas na denominação encontraram concretização em raros casos. Assim, na medida em que os grandes e visionários planos foram demonstrando suas limitações frente à crescente complexidade dos programas universitários, a denominação passou a ser paulatinamente abandonada.

Finalmente, ainda é possível encontrar o termo em certos contextos de discurso, para destacar a importância da universidade na cidade em que está localizada, como quem diz que Oxford é uma cidade universitária ou que *Louvain-la-Neuve* foi construída como uma cidade universitária.

Fotomontagem 08 – Vistas da Universidade de Columbia (Estados Unidos)



01 - Vista da fachada da *Butler Library* (ao centro), a partir da escadaria do Centro de Visitantes . 02 - Vista da fachada do Centro de visitantes, a partir do gramado sul, em frente da *Butler Library*. (Destaque para a formação de eixos de perspectiva nos espaços abertos do campus e para a monumentalidade das edificações do conjunto , que remetem a arquétipos construtivos clássicos).

Fonte: 01 - Marco Almbauer, 2017. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Butler_Library_(Columbia_University).jpg. Acesso: 08 jun 2023. 02 - Alex Proimos, 2011. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Outside_Columbia_University_Library_(5892425145).jpg. Acesso: 08 jun 2023.

Ao longo do século XIX, a ideia do campus universitário estadunidense consolidou-se e passou por diversas tendências. Como é possível perceber, o campus americano, da maneira que muitos tendem a se referir, não corresponde a um único modelo, mas comporta variações e tendências. Ainda que não cristalizado em um só padrão, a ideia de campus tornou-se bastante influente no mundo todo, principalmente entendida como uma grande área localizada em periferias urbanas, com edificações mais ou menos dispersas entre jardins e espaços coletivos que propiciassem atividades extraclasses de maneira a conformar uma comunidade acadêmica, na qual o valor educativo procede não apenas do aprendizado em si, mas também do modo de vida e da atitude que os espaços do campus tendem a favorecer (Merlin, 2006).

Apesar de sua origem mais antiga, o campus tornou-se uma tipologia paradigmática do Movimento Moderno, com suas ideias de grandes eixos, espaços verdes e setorização de usos, além da possibilidade de levar adiante experimentações sobre a cidade moderna, uma vez que podia ser entendido como uma "imagem modelar da 'Cidade'" (Portas; Barata, 1968).

As possibilidades de experimentações urbanísticas a partir do projeto do campus deram oportunidades para as mais diferentes especulações de arquitetos e urbanistas. Frank Lloyd Wright, por exemplo, elaborou o plano do *Florida Southern College* (1938) a partir da ideia de sua cidade ideal, a Broadacre City. Wright (1932) refuta o adensamento excessivo das grandes cidades e explica que a sua proposta é baseada em pelo menos um acre por família, o que justifica o neologismo adotado por ele, a significar algo como uma medida de amplitude. O arquiteto dizia valorizar a dignidade e liberdade individual como algo essencial na ideia de Broadacre City.

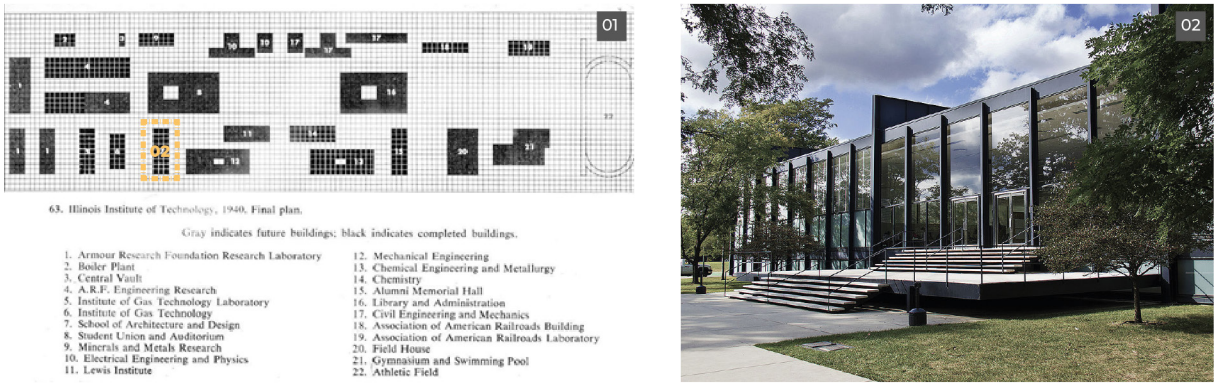
No período entre guerras, a fuga de mestres da Bauhaus por ocasião da ascensão do nazismo

na Alemanha, contribuiu para a introdução do funcionalismo e do estilo universal nos EUA (Lenglart; Vince, 1994/ 1996). Mies Van der Rohe, nomeadamente, foi diretor do departamento de arquitetura no *Illinois Institute of Technology* (IIT) entre 1938 e 1958. Em 1940, Mies desenvolveu o plano de expansão do campus do IIT (Fotomontagem 09), no qual as edificações estão distribuídas em uma grelha retangular sobre um vasto espaço livre. Os edifícios construídos com concreto, aço e amplas vidraças representavam uma grande ruptura com a arquitetura de edifícios universitários até então concebidos.

De modo elucidativo, Hugo Segawa (1999) demonstra como as ideias do Movimento Moderno foram incorporadas e adaptadas na América Latina, a partir dos projetos de novos campi universitários, na primeira metade do século XX. A vastidão de terras por ocupar talvez ajude a explicar como a tipologia do campus periférico tornou-se tão amplamente utilizada no Novo Mundo. Para além disso, era comum a influência de consultores estadunidenses em países da América Latina, a exemplo de Rudolph Atcon, consultor de assuntos educacionais não apenas no Brasil, mas também em diversos outros países americanos (Alberto, 2016). As ideias de Atcon (1970) levavam em consideração tanto os aspectos pedagógicos quanto as estruturas físicas da universidade, de tal modo que ele enaltecia o campus universitário como um espaço mais racional, integrativo e flexível à evolução institucional, mais adequado, portanto, à organização departamental, que defendia como modelo para a universidade.

No Velho Mundo, por sua vez, a tipologia do campus universitário seria principalmente exportada após a segunda guerra mundial (Merlin, 2006), quando também já era bastante refutada por estar estreitamente vinculada aos pressupostos urbanísticos dos arquitetos modernistas. Esse

Fotomontagem 09 – Instituto Técnico de Illinois (Estados Unidos)



01 - Plano para o campus do IIT, elaborado por Mies Van der Rohe, em 1940. 02 - Vista da entrada principal do SR *Crown Hall* (à semelhança de outros edifícios projetados pelo arquiteto, a edificação tem amplos panos de vidro e estrutura modular).

Fonte: 01 - *Coleção Art of the city*, Glenn Andres (editada pela autora, 2023). Disponível em: https://cat.middlebury.edu/~slides/HA220/. Acesso: 03 dez. 2019. 02 - Arturo Duarte Jr., 2012. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:S.R._Crown_Hall.jpg. Acesso: 08 jun 2023.

também é o momento em que o ensino superior é globalmente massificado. Segundo a UNESCO (1998), a partir de meados do século XX, o número de alunos matriculados no ensino superior, em todo mundo, aumentou em seis vezes[2].

4.1.2 Os novos desafios do pós-guerra

Na segunda metade do século XX, a maior democratização do ensino superior veio acompanhada de novas complexidades e questões a serem discutidas: a capacidade das instalações universitárias absorverem um número crescente de alunos; as demandas de novas especializações com necessidades programáticas específicas, tais como laboratórios; a rápida velocidade do desenvolvimento curricular das instituições, de maneira que algumas instalações existentes se tornavam rapidamente obsoletas. Além disso, os campi construídos em zonas rurais ou na periferia das cidades foram progressivamente englobados pelo tecido urbano, passando a incorporar as dinâmicas próprias da cidade e por demandar os serviços de infraestrutura dessa.

Principalmente na década de 1960, a crítica crescente ao urbanismo funcionalista juntamente com os novos desafios no planejamento dos espaços físicos para o desenvolvimento do Ensino Superior, fazem ressurgir muitos debates acerca das questões projetuais dos recintos universitários. Publicações em periódicos desse momento são importantes testemunhos da recorrência da temática. A revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*[3], nomeadamente, teve rica produção de artigos destinados a apresentar exemplos de recintos universitários pelo mundo.

Se existia alguma vantagem no modelo do campus universitário periférico, essa seria a da concentração, complementaridade entre departamentos e serviços, além de possíveis integrações acadêmicas. Entretanto, as desvantagens eram tão patentes àquele tempo – também, é importante lembrá-lo, de re-encantamento com os moldes de vida da cidade histórica europeia –, que muitos se lançaram nas especulações formais de novas soluções de espaços em que se preservassem as vantagens do campus universitário, sem o ônus do isolamento.

Na crítica aos pressupostos dos CIAM, os arquitetos do TEAM X desenvolveram ampla contribuição teórica e prática sobre o projeto da cidade e dos espaços universitários, inclusive ao

2 Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação. Conferência Mundial sobre Educação Superior, Paris, 1998. Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html. Acesso: 20 abr 2017.

3 "*Constructions Scolaires et Universitaires*". *L'Architecture d'Aujourd'hui* nº107, Avril-Mai, 1963, p.2-53; "*Écoles. Universités*", *L'Architecture d'Aujourd'hui* nº 123, Décembre 1965/ Janvier 1966, p.4-104; "*Universités*", *L'Architecture d'Aujourd'hui* nº 137, Avril-Mai 1968, p.4-99.

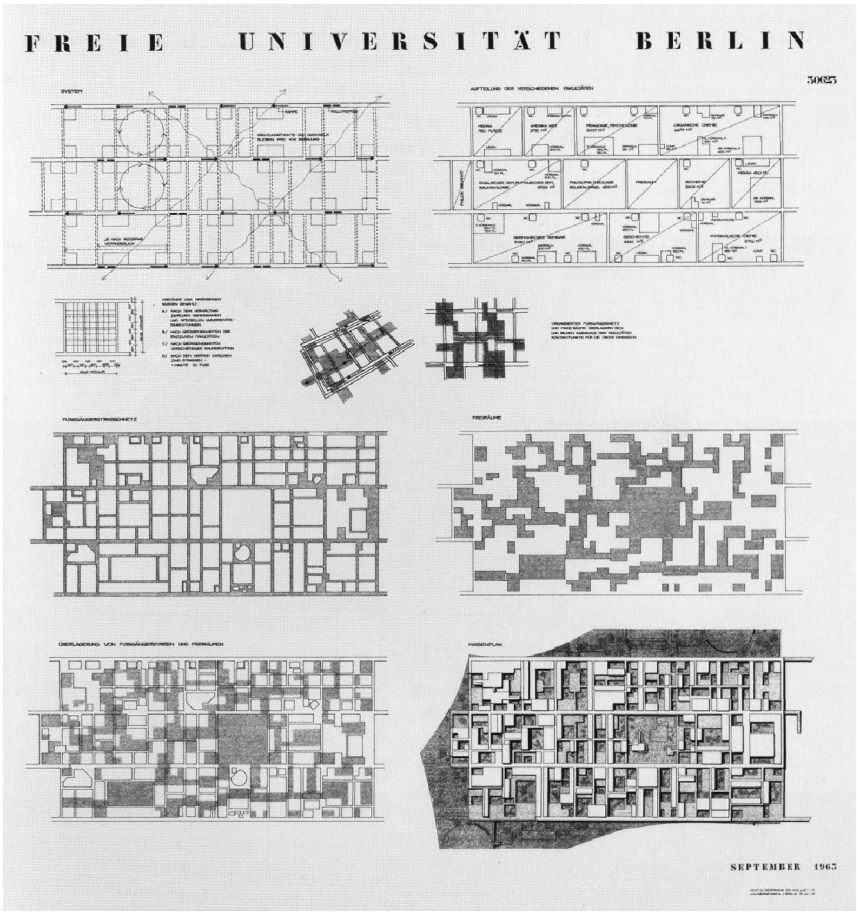
trazer à tona discussões importantes sobre as relações dos espaços coletivos, públicos e privados. Vale lembrar o projeto vencedor para o bairro Toulouse-Le Mirail (1962), de autoria do escritório Candilis-Josic-Woods. A proposta visava à criação de um bairro para 100.000 habitantes, no qual também estava prevista a implantação de uma universidade. A universidade de Toulouse-Le Mirail foi projetada segundo um sistema semelhante ao que seria utilizado para o edifício da Universidade Livre de Berlim (1963) (Figura 08), o "*mat-building*", em tradução livre, seria algo como edifício-tapete. O curioso termo faz referência ao entrançamento de uma grelha de percursos ortogonais com outra de pátios, praças e espaços abertos, conformando juntos espaços propícios a apropriações diversas de seus utilizadores.

Stéphane Gruet (2008) dirigiu um criterioso trabalho que recobre a história de Le Mirail desde sua concepção, carregada de preocupação com questões relacionadas às dimensões humanas e sociais do habitat, até a sua ocupação e utilização, de maneira a, paulatinamente, dar lugar aos mesmos graves problemas sociais que acometiam as regiões menos cuidadosamente projetadas de Toulouse. Atualmente, após mais de 50 anos de criação, o bairro enfrenta problemas de violência urbana e conflitos sociais (Vianna, 2018), o que repercutiu em recentes demolições. De semelhante modo, o conjunto edificado projetado por Candilis-Josic-Woods para a Universidade de Toulouse-Le Mirail foi demolido (Fotomontagem 10) devido a problemas estruturais e inadequações relativas às necessidades de laboratórios de pesquisa e mesmo das atividades pedagógicas atuais da instituição. Alice Bialestowski (2015) comenta que a referida universidade acabou por tornar-se isolada e ensimesmada, o oposto do que imaginariam seus criadores.

Nesse mesmo período, a posição periférica dos campi universitários é contestada por diversos autores. Christopher Alexander (1965) critica a separação de campi universitários do tecido urbano das cidades, apresentando uma lista de sistemas de atividades em que cidade e universidade sobrepõem-se. Semelhantemente, por ocasião da Insurreição de Nanterre (Paris), Lefebvre (1968) escreve contra os campi universitários afastados do tecido urbano. As revoltas de maio de 1968 tornaram-se mundialmente conhecidas, pois culminaram até mesmo em novas eleições presidenciais na França. O início de tudo, no entanto, deu-se a partir de uma insurreição no campus da Universidade Paris Nanterre, contra a separação de dormitórios femininos e masculinos. Lefebvre aponta para a segregação urbana como uma das causas para a insurreição, pois os estudantes reclamavam por uma aproximação aos centros políticos de decisão. Segundo o autor, Nanterre seria uma universidade parisiense fora de Paris.

De modo irônico, Lefebvre insinua que o lugar onde está situada a universidade até poderia vir a ser um centro urbano em 1980, mas que no momento no qual escrevia, tratava-se de um lugar

Figura 08 – Apresentação do projeto para o concurso da Universidade Livre de Berlim (1963).



Fonte: Socks, 2015 (blogue especializado). Disponível em: http://socks-studio.com/2015/10/29/. Acesso: 06 dez 2019.

Fotomontagem 10 – Universidade de Toulouse Le-Mirail (França)



01 - Vista aérea da Universidade de Toulouse-Le Mirail, em 1978.
02 - Registro de demolições na Universidade de Toulouse-Le Mirail, em 2016.

Fonte: 1 – *Aging Modernism* (blogue especializado). Disponível em: https://agingmodernism.wordpress.com/2010/07/14/le-mirail-architectural-institutions/. Acesso: 06 dez 2019. 2 - *Regards sur les chantiers d'l'UTM* (blogue). Disponível em: http://regards-utm.over-blog.com/2016/08/bye-bye-batiment-18-candilis.html. Acesso: 06 dez 2019.

suburbano de pobreza, marginalização e empreendimentos industriais. A segregação funcional imposta pelo projeto inicial deu lugar a um gueto cultural de professores e estudantes. A insurreição de Nanterre, portanto, seria em favor do próprio direito à cidade. Lefebvre afirma que a universidade, antes uma instituição marginal, agora seria central na vida contemporânea, tornando-se uma nova questão da sociedade urbana.

Martin Zerlang (1997) narra mais uma experiência de uma universidade que precisou fazer frente ao enorme crescimento institucional após a Segunda Guerra. Como muitas outras instituições europeias, a Universidade de Copenhagen foi fundada ainda no medievo, em 1479, imiscuída no tecido urbano, construindo relações estreitas com os espaços abertos e públicos no seu entorno citadino imediato. Com o aumento expressivo dos alunos na década de 1970, nem as estruturas da universidade nem as da cidade davam conta de absorver tão estreita ligação, de maneira que foi providenciada uma nova área periférica para a universidade (Figura 09). Zerlang (1997, p.243) narra que, em termos de quilômetros, a universidade não ficou tão longe do centro, mas que havia uma ponte a separar a cidade daquela área, uma espécie de "*terrain vague*", descrito como "uma ligação perdida no desenho urbano"[4]. Quando a nova locação estava prestes a completar 25 anos, começou a existir certa comoção e mesmo organização social com participação política, em favor de retornar a universidade para cidade.

Após amplo debate com envolvimento de diversos segmentos da sociedade, chegou-se à conclusão que a universidade poderia permanecer onde já estava, mas que o novo projeto do campus deveria ser construído de maneira a demonstrar abertura para seu entorno, com disponibilidade de equipamentos capazes de prover encontros entre a universidade e sua vizinhança. Como já havia um plano para construção de uma extensão da cidade no caminho do aeroporto, um pouco além do campus universitário, o projeto do novo campus passou a ser incorporado no planejamento territorial como uma espécie de ligação entre a antiga e a nova cidade.

É interessante perceber que as relações de continuidade entre cidade e universidade não foram alcançadas apenas com soluções espaciais de desenho urbano (essa era uma parte da questão), mas também pela elaboração programática mais inclusiva, além de uma integração que ocorreu por meio de dinâmicas resultantes de negociações sociais e políticas, pois envolveram comitês de discussão, debates na mídia e mesmo no parlamento dinamarquês. Nesse sentido, Zerlang (1997) argumenta que além de planos estratégicos, são necessárias participações estratégicas.

A constatação da impotência do urbanismo tecnicista de dar conta da totalidade das problemáticas envolvidas no urbano é cada vez mais patente, principalmente depois da década

4 Tradução livre do original: *"a missing link in urban design"*.

Figura 09 – Foto aérea (2013) do campus sul da Universidade de Copenhague (Dinamarca)



Fonte: By&Havn (website), 2013. Disponível em: https://byoghavn.dk/koebenhavns-universitet-aabner-sig-for-oerestad/. Acesso: 06 dez 2019

de 1970, quando diversos autores vão demonstrar a complexidade do fenômeno urbano, cada vez menos restrito ao espaço construído da cidade. A percepção de uma cidade difusa, espraiada, fragmentada é recorrente. Nesse sentido, os avanços tecnológicos informacionais tanto quanto os meios de mobilidade são apontados como motores dessa fragmentação do espaço. Mas não somente. O conhecimento e as tecnologias da informação passam a ser as grandes promessas econômicas do século atual, com a universidade, por consequência, diretamente implicada.

Assim, na virada do século XX para o presente, muitas universidades renovam seus campi para adaptarem-se a padrões internacionais e abrir espaço para empreendimentos atrativos em que atividades de pesquisa tecnológica possam ter lugar. Cecilia Batalla e David Manzano (2017) citam algumas experiências de programas europeus que, à semelhança do espanhol *Campus de Excelencia Internacional*, visam à transformação de campi em entornos de conhecimento, no qual se combina, estrategicamente, urbanismo, diferentes agentes e instituições[5].

A flexibilidade proporcionada pelas tecnologias informacionais permite diferentes escolhas, arranjos e adaptações da comunidade acadêmica, pois os espaços de ensino já não estão restritos a salas de aula. Assim, o desenho dos espaços abertos tem sido recorrentemente foco da atenção dos planos de revisão de campi universitários (Gaborggini, 2016; Batalla; Manzano, 2017; Dober, 2000), uma vez que, tal como Olmsted e Jefferson defendiam no século XIX, os espaços entre edifícios também têm papel ativo na aprendizagem. Além disso, favorecem a integração do público

5 Outros programas semelhantes ocorreram na primeira década de 2000 na Alemanha, Reino Unido e França (Batalla; Manzano, 2017, p.321).

universitário com a sociedade, de maneira que Batalla e Manzano (2017, p.323) falam de um movimento contemporâneo de revitalização de entornos universitários, no qual "os espaços livres deixaram de ser marco ornamental planificado por técnicos para converterem-se em cenário de atividades nas mãos da cidadania"[6].

4.1.3 Campi universitários e seus espaços abertos

O foco nos espaços abertos e entornos universitários não se deve apenas ao fato de esses poderem desempenhar um relevante papel pedagógico. Muitos campi construídos ao longo do século XX, afastados das aglomerações, hoje estão envoltos pelos tecidos urbanos que até eles estenderam-se. Com isso, os campi passaram a incorporar novas dinâmicas, inclusive de vizinhança. John Martin e Mark Allen (2009) falam de uma tendência de construções de residências universitárias nas fronteiras de campi estadunidenses, como meio de potencializar encontros e trocas entre estudantes e a comunidade da área envolvente. Um dos exemplos apresentados é nomeadamente o caso da entrada sul da Universidade de Ohio, na qual foram construídos edifícios de usos múltiplos (Fotomontagem 11).

Além disso, na atualidade, tem-se a constatação de que o espaço urbano fragmentado é acompanhado de um aprofundamento da segregação socioespacial em grupos afinitários. Esse é, precisamente, um dos aspectos que dirige a atenção de planejadores para os sistemas de espaços abertos e coletivos, pois, neles estão a capacidade de estruturação do espaço urbano. De acordo com Portas (*et al*, 2003), a hierarquização dos tipos de vias (da autoestrada até ao *cul-de-sac*), combinada com a fragmentação das estruturas urbanas reflete a própria sociedade, que caminha em direção a um individualismo crescente. Essa visão corrobora com o entendimento do campus universitário como fragmento de cidade (Pérez; Sanchez, 2017), com a necessidade, portanto, de a universidade religar-se à cidade como um todo.

As preocupações correntes de diversos urbanistas contemporâneos relativamente à estruturação do espaço urbano e à promoção de encontros entre diferentes já estavam refletidas nos projetos de parques desenvolvidos por Olmsted, em meados do século XIX, que os entendia como meios para transformar as grandes cidades em lugares habitáveis. Assim, seus projetos de parques seguem a ideia de "grandes salas de estar urbanas"[7] (Rybczynki, 1999, p.18), por meio das

6 Tradução livre de: "*El espacio libre ha dejado de ser marco ornamental planificado por técnicos, para convertirse em escenario de actividad em manos de la ciudadania*".

7 Tradução livre de: "*great outdoor living rooms of the city*".

Fotomontagem 11 – Entorno universitário da *Ohio State University* (Estados Unidos)



01 - Localização dos edifícios mistos citados por Martin e Allen (2009), no entorno imediato do campus. 02 - Vista do *Southern Campus Gateway*, The Ohio State University.

Fonte: 1 - Mapa obtido a partir de captura de imagem no *GoogleMaps*, com edição da autora, 2023. 2 - Analogue Kid, 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SCampusGateway.JPG. Acesso: 09 fev. 2020.

quais tentava promover os encontros de pessoas de diferentes origens sociais e étnicas em um atrativo espaço urbano democrático (Schuyler, 1996).

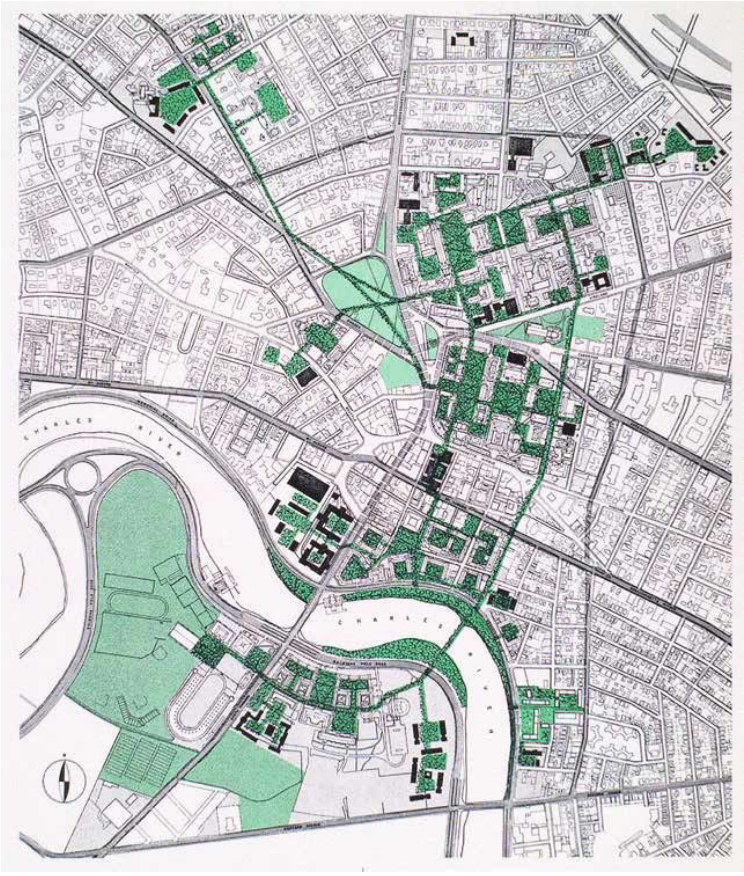
Por isso mesmo, os campi universitários projetados por Olmsted assemelhavam-se a parques, o que gerou uma tradição de planejamento universitário estadunidense de preocupação com os espaços abertos dos campi tanto quanto com suas edificações. Um exemplo contundente é o plano para a Universidade de Harvard (1956-1968) elaborado por Josep Luís Sert, no qual se apresenta uma proposta de uma rede articulada dos diversos espaços abertos (jardins, ruas, *quadrangles*) do campus (Figura 10).

Ao considerar a relevância dos espaços abertos para o planejamento do campus e da cidade, o pensamento de Nuno Portas é notável. Tendo anteriormente já debatido questões relativas ao planejamento universitário (Portas; Barata, 1968), Portas defende em vários textos o projeto do espaço aberto como a estrutura fixa da cidade, o "espaço servente" (Portas, 1999; 2003/2004), que organiza e suporta os espaços servidos que viriam posteriormente. Para ele, "a experiência das cidades mostra que os traçados do espaço público são quase sempre mais perenes que os edifícios singulares que servem" (Portas, 1997/2014).

Portas via na Arquitetura a necessidade da exatidão, da certeza, enquanto o Urbanismo lida frontalmente com a incerteza. Assume o espaço aberto e coletivo como categoria arquitetônica em si, por meio da elaboração do "projeto do chão" (Milheiro *et al*, 2005). Essa postura tem influência do pensamento desenvolvido por Habraken (1961/1972) para projetos de conjuntos habitacionais, no qual argumenta em favor da elaboração de estruturas de suporte em oposição à rigidez dos planos, de forma a permitir múltiplas participações e adaptações às imprevisibilidades futuras.

É precisamente para a revisão do plano da Universidade de Aveiro (UA, Portugal), na década

Figura 10 – Plano de espaços abertos para a Universidade de Harvard (Estados Unidos), Josep L. Sert (1960)



Fonte: Caroline Constant, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Caroline_Constant. Acesso: 09 fev. 2020.

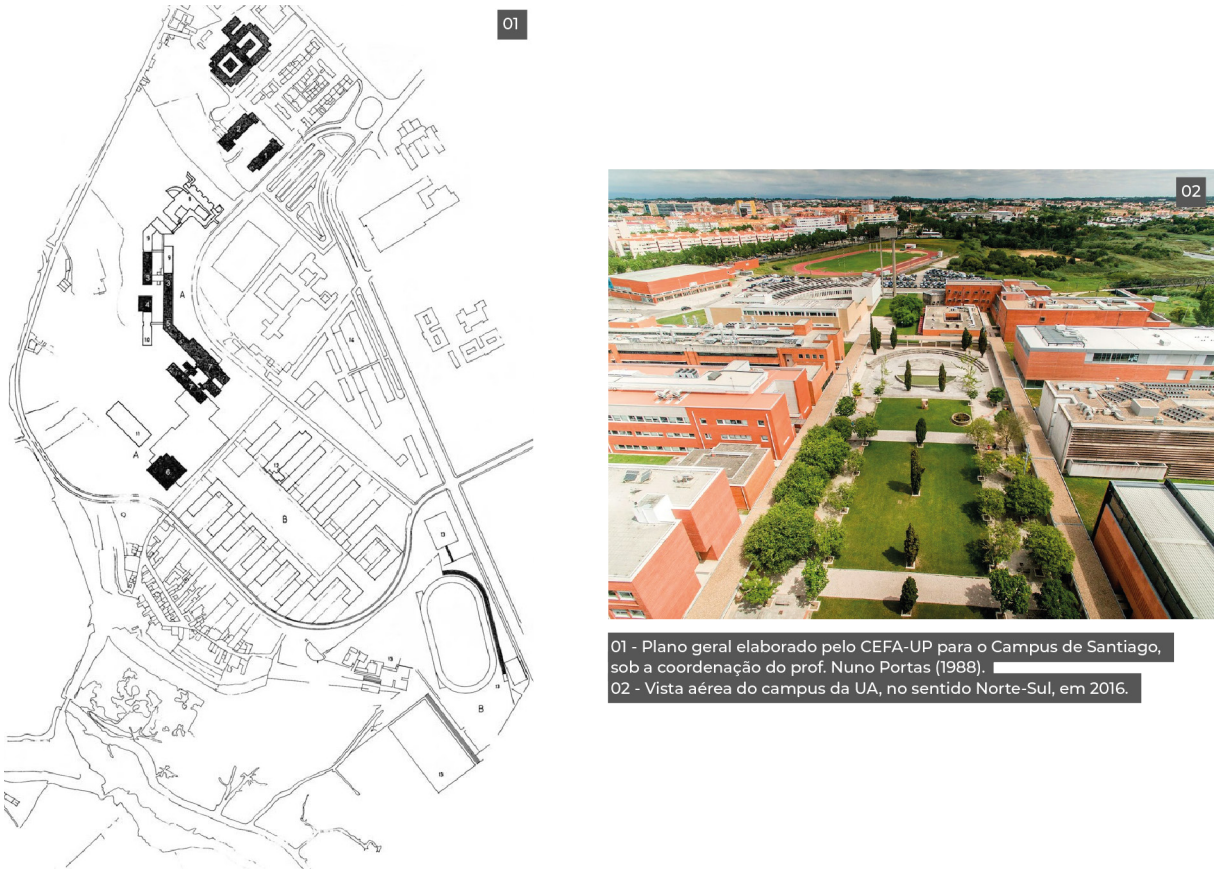
de 1980, que Portas transporta essas suas ideias de um "desenho do chão" que servirá de suporte para a inclusão de edificações e intervenções que avançam conforme lógicas outras como as de disponibilidade financeira. Assim, ao mesmo tempo em que partia do desenho dos espaços abertos como estruturadores do campus, Portas retomava suas ideias de máxima flexibilidade já defendidas na década de 1960 (Portas; Barata, 1968. Ver Fotomontagem 12).

4.1.4 Espaços de fronteira de campi universitários

Como parte da revisão de literatura, na primeira seção deste capítulo apresentamos alguns trabalhos que abordaram questões físico-espaciais de recintos universitários, até mesmo pesquisas que trataram dos espaços abertos de campi periféricos. A despeito do interesse que os espaços de fronteira possam ter despertado nos estudiosos, encontramos poucos trabalhos dedicados a esses espaços intermediários exclusivamente relacionados aos espaços de campi universitários periféricos.

A dissertação de Inês Vieira (2017) é dedicada ao estudo dos espaços entre os domínios

Fotomontagem 12 – Campus da Universidade de Aveiro (Portugal)



Fonte: 1 – MENDES, 2013, p. 228. 2 – Website institucional. Disponível em: https://www.ua.pt/pt/universidade. Acesso: 09 fev 2020.

público e privado de três importantes conjuntos edificados na cidade do Porto (Portugal). Um deles refere-se ao espaço exterior da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). A ausência de barreiras nos espaços de fronteira da FAUP, bem como a exploração cuidadosa da topografia do sítio cria relações de continuidades físico-espaciais bastante interessantes. Entretanto, dadas as suas dimensões e por ser um espaço dedicado exclusivamente a uma faculdade, o exemplo da FAUP não corresponde a um campus universitário periférico.

A temática dos espaços de transição ou de interface está frequentemente presente em abordagens sobre a forma arquitetônica do edificado (Balsini, 2014) ou a influência da legislação sobre a configuração desses espaços (Ventura, 2016). A tese de Cátia Costa (2016), relaciona as estratégias de projeto de espaços de transição de conjuntos edificados em Lisboa (Portugal) com o tema da urbanidade. Embora seus estudos de caso estejam focados principalmente em edificações e conjuntos de usos residenciais, este trabalho foi o que mais se aproximou dos interesses desta investigação.

Acreditamos que a escassez de trabalhos específicos sobre espaços de fronteira de campi

universitários reflita a variedade de temas urgentes que possam ser desenvolvidos a partir do campus como objeto de estudo. De outro modo, parece-nos que não há muitos obstáculos para abordar o tema dos espaços de fronteira em uma pesquisa que congregue casos de variados tipos de empreendimentos e usos urbanos, tais como hotéis, hospitais, escolas, universidades, clubes etc. Contudo, compreendemos que a universidade e o campus universitário periférico carregam consigo algumas excepcionalidades que merecem maior atenção.

Apesar de Jane Jacobs (1961/2019, p.285) ter incluído campi universitários na lista do que considerou "usos únicos de grandes proporções", esses espaços têm programas bastante complexos, abrigam uma pluralidade de usos e funções. Diferentemente de uma escola básica, que tem um programa quase que exclusivamente voltado para o ensino, ou de um hospital, onde se desempenham funções bastante específicas, os recintos universitários podem acumular uma variedade de usos, como centros de convenções e, inclusive, creches, escolas e hospitais. Por outro lado, a pluralidade de funções não é um privilégio exclusivo de campi universitários. Condomínios habitacionais, centros comerciais, complexos hoteleiros e até mesmo estações de transportes coletivos podem acumular programas bastante variados. Nesse caso, a distinção do campus universitário estaria associada tanto à sua forte componente paisagística quanto às missões institucionais da universidade.

Em geral, a dimensão paisagística é uma questão de relevância para campi universitários. Como vimos, desde os primeiros casos estadunidenses, a utilização de parques correspondia a estratégias de estocagem de terras para expansões futuras, mas também a criação de espaços de convívio, que carregavam um forte papel educativo para a vida em coletividade. Na atualidade, muitos campi funcionam como verdadeiros parques urbanos, o que pode ser especialmente interessante para as populações de seu entorno. Por causa dessa predisposição ao tratamento paisagístico dos espaços abertos, bem como pela variedade de usos que a universidade dispõe, frequentemente os espaços de fronteira de campi universitários podem ser mais flexíveis a intervenções do que os de terrenos ocupados por outros tipos de usos.

Um outro ponto que vale destacar é o papel da própria universidade enquanto instituição, bem como as missões sobre as quais suporta sua atuação. Atualmente, fala-se em quatro missões universitárias, sendo a primeira, o **Ensino**. Nesse sentido, seus espaços devem participar nos processos de aprendizagem dos "valores nos quais se baseia a cidadania democrática" (UNESCO, 1998), tanto quanto para a vida coletiva própria dos arranjos urbanos. Assim, espaços de fronteira podem atuar como espaços educativos na medida em que contribuam para mediar interações sociais entre os humanos ocupados com a vivência acadêmica e aqueles presentes na envolvente do

campus. A criação de um espaço compartilhado traria benefícios para o entorno imediato e para a comunidade acadêmica. De outro modo, o apuro das soluções físico-espaciais implementadas favorece a construção de um repertório de referenciais projetuais de estudantes em formação.

A missão de **Pesquisa** universitária é mais um fator que diferencia o campus de outros grandes empreendimentos urbanos. Historicamente, os espaços de campi universitários têm servido como verdadeiros laboratórios urbanos. Por suas dimensões limitadas e a complexidade de usos, dinâmicas e interações que envolve, o campus oferece oportunidade de experimentações frequentemente inviáveis na escala urbana. Um bom exemplo disso foi o próprio processo de elaboração da Revisão do Plano do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro, tornado oportunidade de prática laboratorial para alunos de arquitetura da Universidade do Porto.

Por meio dos serviços extensivos à sociedade, a universidade oferece atividades que atraem um público variado. Dificilmente outra instituição é capaz de congregar tantas e tão diversas funções. Por sua missão de **Extensão**, é esperado que o próprio campus se estenda à sua envolvente, em outras palavras, que se integre social e espacialmente a seus entornos imediatos.

Tendo em vista que nossa contemporaneidade é fortemente marcada por uma "economia do conhecimento" (OECD, 1996), a universidade torna-se uma instituição privilegiada, pois ela é um dos principais locais onde se desenvolvem pesquisas e patentes capazes de servir de base para o aprimoramento de cada vez mais sofisticadas tecnologias. Essa realidade evidencia o que Boaventura de Sousa Santos (2018) tem chamado de "capitalismo universitário", com universidades competindo entre si em *rankings* internacionais; esforços municipais para atrair o estabelecimento de instituições de ensino e pesquisa para seus territórios; bem como a implantação das próprias instituições em localizações estratégicas com o objetivo de promover expansão e desenvolvimento de determinadas localidades. A economia do conhecimento põe instituições de ensino superior em redes de cooperação e competição globais, de modo que a **Internacionalização** passou a ser considerada a quarta missão universitária (Santos; Almeida Filho, 2012).

Mais do que promover a presença de acadêmicos estrangeiros nos lugares onde estão instaladas, a internacionalização das universidades aponta para os recursos de estrutura física e espacial dos quais as instituições se valem para competir internacionalmente. Nessa perspectiva, estão mais à frente aquelas universidades que têm forte apelo para a utilização de dispositivos tecnológicos, seja por meio de interações com aplicativos em dispositivos móveis, seja pela oferta de serviços diferenciados, como pontos de abastecimento de veículos elétricos, por exemplo.

Outro fator interessante de observarmos está relacionado às previsões de Jacobs (1961/2019) quanto à estagnação e decadência das zonas de fronteiras desertas criadas por grandes equipamentos

como campi universitários. Ao contrário da predição da jornalista, o que temos verificado é que, em geral, campi periféricos têm potencial para se tornarem novas centralidades. Pelo menos é o que podemos inferir a partir da evolução urbana de alguns entornos de campi universitários construídos em meados do século XX. Seja planejado ou de modo espontâneo, ao longo dos anos, usos e ocupações complementares vão ocupando os entornos universitários.

É especialmente emblemático o caso da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), localizada na cidade do Recife (Brasil). Construída na década de 1950, em terras de um antigo engenho[8], foi concebida como uma verdadeira cidade universitária autônoma estendida sob o sol e o verde (Cabral, 2006). Já no período, a localização afastada causou controvérsias nos jornais locais (Costa, 2016). Atualmente, o campus da UFPE está completamente envolvido pelo tecido urbano, densamente ocupado.

Semelhantemente, a Universidade de Aveiro (Portugal) foi implantada, em fins da década de 1970, em uma área periférica ao sul da cidade de Aveiro, entre quintas, com poucas e esparsas construções. Hoje, a área onde está localizada é considerada cidade consolidada (Apêndice D– Notícia 19.128), que conforma juntamente com um centro comercial e outros importantes equipamentos urbanos, "uma das centralidades mais fortes da cidade" (Apêndice D –Notícia 19.69). Por essa e outras razões, o campus de Santiago da Universidade de Aveiro foi escolhido como nosso estudo de caso.

4.2 O campus de Santiago da Universidade de Aveiro e seus espaços de fronteira

Por diferentes aspectos, os espaços de fronteira do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro (UA) revelaram-se um promissor estudo de caso da nossa investigação. No que se refere à sua dimensão paisagística, não apenas o campus localiza-se em uma área privilegiada, com frente para uma das lagunas formadas pela Ria de Aveiro[9], como apresenta uma predisposição projetual para a valorização de seus espaços abertos entre edifícios, tanto pelo modo de implantação do edificado quanto pelo tratamento paisagístico realizado nesses espaços. Essa mesma predisposição projetual é percebida em algumas das áreas que fazem fronteira com o entorno imediato.

À semelhança de outros campi, estão presentes no Campus de Santiago uma variedade de usos, tais como creche, moradias, alguns estabelecimentos de serviços, entre outros. No que se

8 Terreno rural para plantio de cana-de-açúcar e seu posterior beneficiamento em açúcar e aguardente.

9 Uma ria corresponde a um braço de mar que adentra o interior da costa, formando porções de águas ramificadas e parcialmente marítimas.

refere às missões universitárias, o próprio campus serviu como laboratório para práticas de ensino e pesquisa de Arquitetura, durante o desenvolvimento da revisão de seu plano. Nesse processo, merece especial atenção a participação do professor Nuno Portas, que levou para a proposta elaborada pelo Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Univerisdade do Porto (CEFA-UP), algumas de suas considerações sobre a importância do "desenho do chão" ou, em outras palavras, o papel dos espaços abertos como suporte.

O resultado construído do estabelecido nos diversos planos elaborados para o campus é, sob muitos aspectos, um exemplo de integração físico-espacial, pois não há impedimentos de acesso à circulação pública entre o entorno e o interior do campus. Também, conforme veremos, os planos elaborados para o campus sempre partiam de articulações com outros planos e projetos a serem desenvolvidos no entorno, como no caso do Bairro de Santiago e da Ampliação do Hospital Infante D. Pedro.

Desde sua criação, a Universidade de Aveiro tem fortalecido sua participação social em planos e projetos interinstitucionais que envolvem a Câmara Municipal[10] e diversos outros agentes coletivos. De semelhante modo, tem participado ativamente de processos de cooperação e competições internacionais com outros estabelecimentos de pesquisa e ensino superior. Nesse processo, em articulação com a municipalidade e outras variadas entidades, torna-se evidente um incentivo crescente à implementação de inovações tecnológicas, algumas das quais com interferência sobre os modos de interações humanas no campus e seu entorno. Nessa perspectiva, resta-nos a dúvida sobre como a articulação social constatada no nível dos interesses institucionais e de planejamento reflete-se nas urbanidades-desurbanidades daqueles humanos presentes no entorno universitário.

Finalmente, o campus de Santiago exemplifica bem as dinâmicas da cidade emergente no entorno universitário a que temos nos referido. Na próxima seção, apresentaremos um breve relato sobre a emergência dessa cidade no entorno universitário do campus. Esse processo contínuo segue mesmo após a conclusão da pesquisa empírica realizada nesta investigação, evidenciando a constante mutabilidade do espaço urbano e uma série de interesses em negociação durante esse processo de construção coletiva da cidade emergente.

4.2.1 A cidade emergente: processo de ocupação do entorno do Campus de Santiago

A Universidade de Aveiro está localizada na cidade de mesmo nome, que, por sua vez, é

10 Equivalente à Prefeitura.

o município sede do Distrito de Aveiro, formado por 19 municípios. O Concelho[11] de Aveiro limita-se ao sul com os Concelhos de Ílhavo, Vagos e Oliveira do Bairro; a Leste com Águeda e Albergaria-A-Velha; a Norte com Murtosa e a Oeste encontra o Oceano Atlântico. Caracteriza-se por estar em uma região de planície marcada pela presença da água, uma vez que tem como principais condicionantes geográficas o mar, a ria e o Rio Vouga (Fotomontagem 13).

Os primeiros documentos que fazem menção à localidade datam do século X, em alusão às marinhas de sal que ali havia. Conforme João Pina (2014), a localidade teve expressivo desenvolvimento entre os séculos XV e XVI, com um período de declínio a partir de então. Em 1759, Aveiro foi oficialmente reconhecida como cidade. Já no século XIX, a construção do caminho de ferro levou o impulso necessário para o desenvolvimento industrial da região. Segundo Amorim (2001), até à sua construção, em 1864, chegava-se a Aveiro pelas águas.

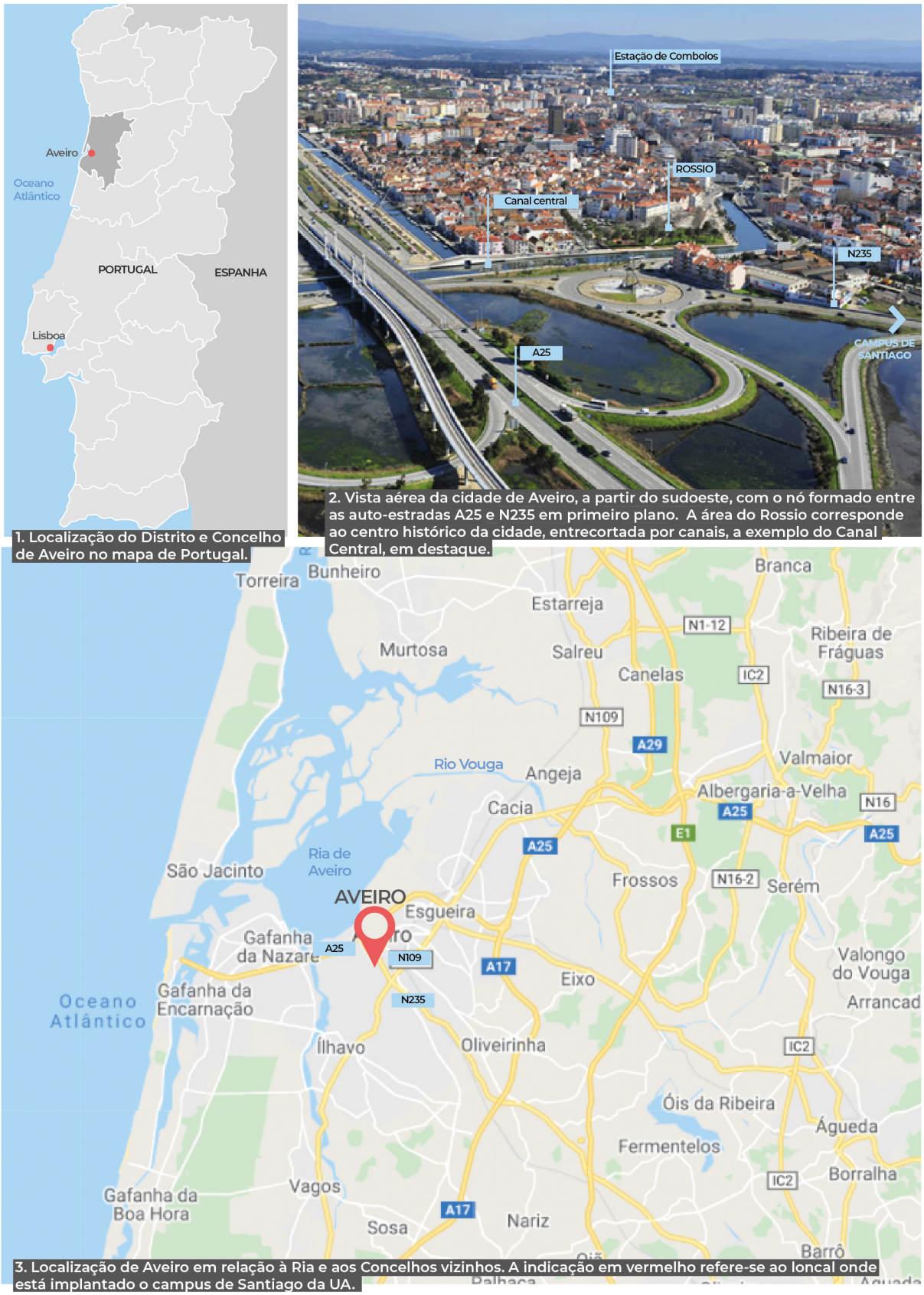
Nesse período, o centro estava nas imediações do atual Jardim do Rossio e a pequena nucleação expandia-se principalmente em direção ao Norte, sendo o Hospital Infante D. Pedro, com projeto de 1900, um dos primeiros equipamentos mais ao Sul. Próximo a ele, em 1935, foi construído o Estádio Mário Duarte. Àquele tempo, o campo de Santiago, onde posteriormente seria implantada a Universidade de Aveiro, era ocupado basicamente por terrenos agrícolas.

Criada por meio do Decreto-Lei nº 402/73, a Universidade de Aveiro (UA) iniciava suas atividades em 1974, por meio do curso de Electrónica e Telecomunicações, com 46 alunos. Logo que a Universidade de Aveiro foi criada, formou-se uma Comissão Instaladora que, entre outras ações, estava responsável pela escolha do terreno apropriado para implantação da Universidade. Em um de seus relatórios, em 1976, essa comissão defendia a implantação de uma universidade concentrada que estivesse ligada à cidade de Aveiro, capital do distrito, de tal modo a evitar que "o desenvolvimento de uma pudesse criar dificuldades à expansão da outra" (Amorim, 2001, p.34). O relatório também propunha a ocupação de uma área equivalente a 100 hectares que estivesse em um raio de até 7km de distância do centro da cidade. Tal área deveria ser de pouco valor agrícola, ter baixo preço por metragem, além de ter facilidade de acesso a infraestruturas (Amorim, 2001).

Diante desse quadro, um dos espaços cogitados era precisamente o Campo de Santiago. Naquela altura, o terreno pertencia ao Fundo de Fomento da Habitação (FFH) e existia a ideia de transformar a área em uma zona habitacional. Nas imediações, já existiam os referidos Hospital e Estádio, bem como o Bairro da Misericórdia, o Seminário Diocesano e ocupações residenciais no Lugar de S. Tiago. Tendo-se negociado parte do terreno do FFH, garantiu-se a localização das

11 Em Portugal, o termo Concelho diz respeito à divisão territorial do município, esse, um termo mais utilizado para se referir a questões administrativas.

Fotomontagem 13 – Localização do Concelho de Aveiro (Portugal)



Fonte: 1 – imagem vetorizada, 2021. 2 – Vista aérea disponível em: https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-revisao-do-pdm-so-precisa-de-aprofundar-estrategia-de-mobilidade/. Acesso: 20 ago. 2021. 3 – Imagem gerada por captura do *GoogleMaps*, 2021. Todas as imagens foram editadas pela autora.

instalações da UA. Assim, em fins da década de 1970, eram elaborados, em paralelo, três planos que contemplavam a implantação da UA: o Plano Geral de Urbanização, o Plano Integrado de Aveiro (PIAS) e o Plano Geral da Universidade de Aveiro – Zoneamento (PGUAZ) (Martins, 2017).

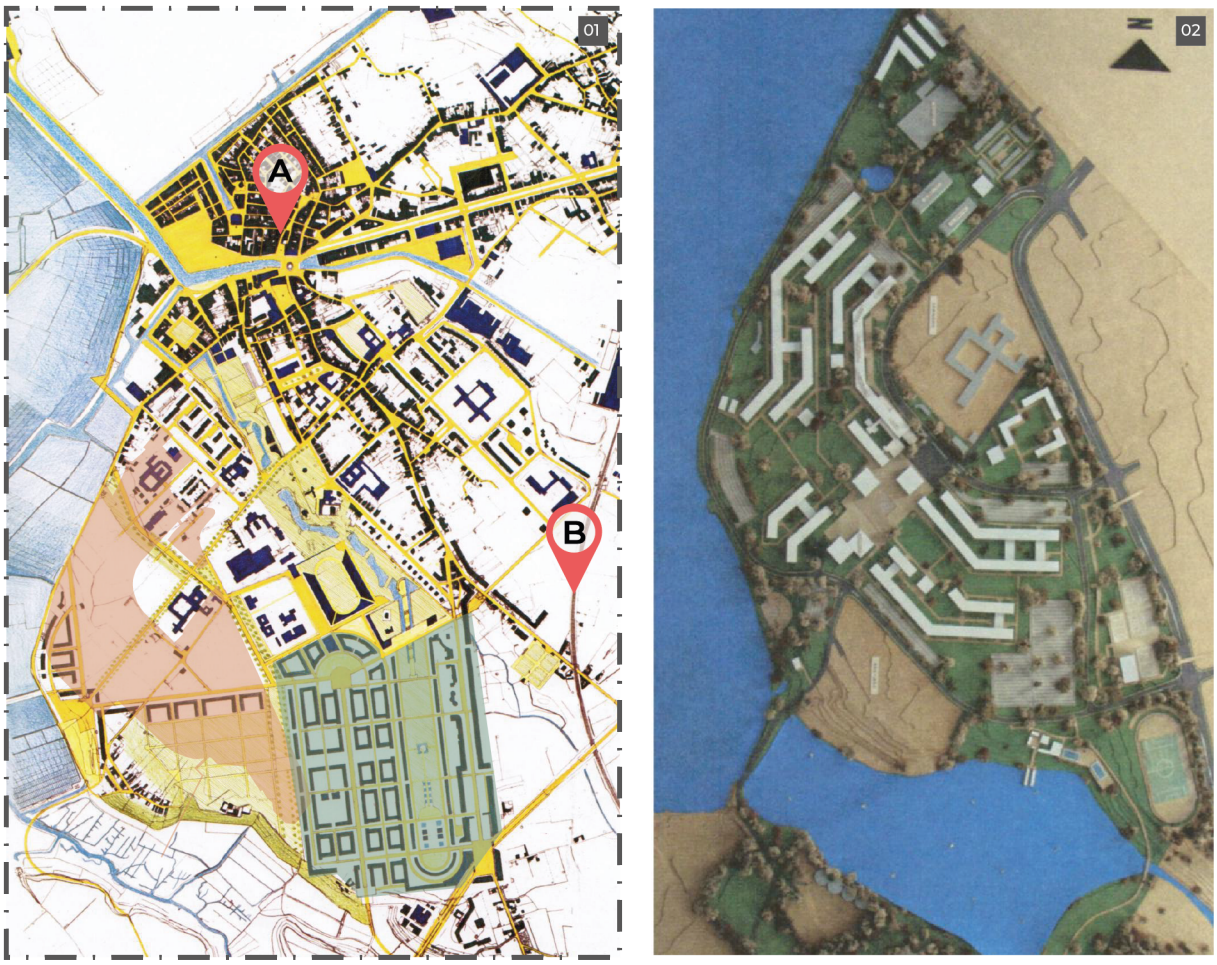
Elaborado em 1979, o PIAS propunha uma articulação com o plano do FFH e o campus da UA com a expansão da própria cidade. Na Fotomontagem 14, vê-se um mapa do PIAS, no qual se observa um traçado em grelha reservado à implantação da UA, na continuidade das parcelas dedicadas ao projeto habitacional. Segundo Mendes (2013, p.4), esse plano foi elogiado por Nuno Portas, pois, ele reconhecia no plano o cuidado na articulação do traçado proposto com pré-existências ambientais e históricas. Na Fotomontagem 15, apresentamos uma contraposição entre os traçados propostos pelo PIAS e o que efetivamente estava construído durante nosso levantamento de campo, em 2018. É interessante notar que a estrada nacional EN235 (Av. da Universidade), ainda não estava representada no PIAS.

A despeito das diferentes propostas, foi o PGUAZ, desenvolvido pelo arquiteto Rebello de Andrade que acabou por prevalecer. Atribui-se a esse plano uma influência da tipologia do campus inglês. De fato, o que se percebe é uma forte influência das proposições do TEAM X, de modo que Michel Toussaint (*et al*, 2004) considera o projeto da Golden Lane e a Universidade de Sheffield, ambos de autoria do casal Smithson, referências anteriores. A ideia de um único edifício em barra era uma ideia forte no PGUAZ (Fotomontagens 14 e 16). Sérgio Mendes (2013) credita ao plano um esforço de articulação de preceitos modernistas do CIAM, por meio da adoção de um campus isolado com a solução em único edifício, mais associado aos exercícios formais de arquitetos do TEAM X.

O PGUAZ, ao propor um campus ensimesmado não esteve livre de críticas (Mendes, 2013). Além disso, com as primeiras construções, já se percebia as dificuldades de compatibilizar as demandas institucionais e disponibilidades financeiras com a lógica construtiva proposta no plano. Em 1987, o então reitor da UA deixava a conhecer seu descontentamento com a qualidade arquitetônica das edificações propostas e decidiu-se por abandonar o PGUAZ. No mesmo ano, a Universidade de Aveiro (UA) formalizou um protocolo com o Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura do Porto (CEFA-UP) para elaboração da revisão do Plano do Campus de Santiago. A equipe de trabalho era coordenada pelo professor Nuno Portas e dispunha de arquitetos formados e estudantes.

Na revisão do plano da UA, Sérgio Mendes (2013) identifica duas influências importantes para o trabalho de Portas enquanto urbanista. A primeira, refere-se à investigação desenvolvida na Universidade de Chicago por Leslie Martin e Lionel March (1972). Esses autores discutem o papel

Fotomontagem 14 – Representação das propostas para a Universidade de Aveiro no PIAS (esquerda) e no PGUAZ (direita)



01 - Plano Integrado de Aveiro - Santiago (1979), recorte da imagem publicada no trabalho de FONSECA (2010) e editada pela autora, 2023. O recorte desta imagem é um pouco mais amplo do que o apresentado na Ilustração 24 (a seguir), para evidenciar o contraste da densidade construtiva na área do campo de Santiago e na área mais ao norte da cidade.

Fonte: 1 – FONSECA, 2010. 2 – MENDES, 2013. As imagens foram manipuladas e editadas pela autora, 2023.

da grelha como gerador do projeto urbano. A segunda, diz respeito ao livro *Supports*, de Habraken (1961/1972), no qual o autor aborda a falência dos planos urbanísticos e defende uma atuação participada. "Esta crença, condensada nesta concepção de uma cidade suportada pelos espaços públicos tradicionais, que viria a ter uma profunda influência no pensamento de Nuno Portas" (Mendes, 2013, p.312). Portanto, na revisão do plano da UA, o que se decidiu não foi a forma dos edifícios, o que poderia condicionar seus autores, mas sim o espaço de domínio público, o que seria o "projeto do chão" (Mendes, 2013).

Dentre as definições do plano do CEFA-UP para o Campus de Santiago está: a preferência

Fotomontagem 15 – Traçado proposto no PIAS (esquerda) e sobreposição com traçado construído em 2018 (direita)



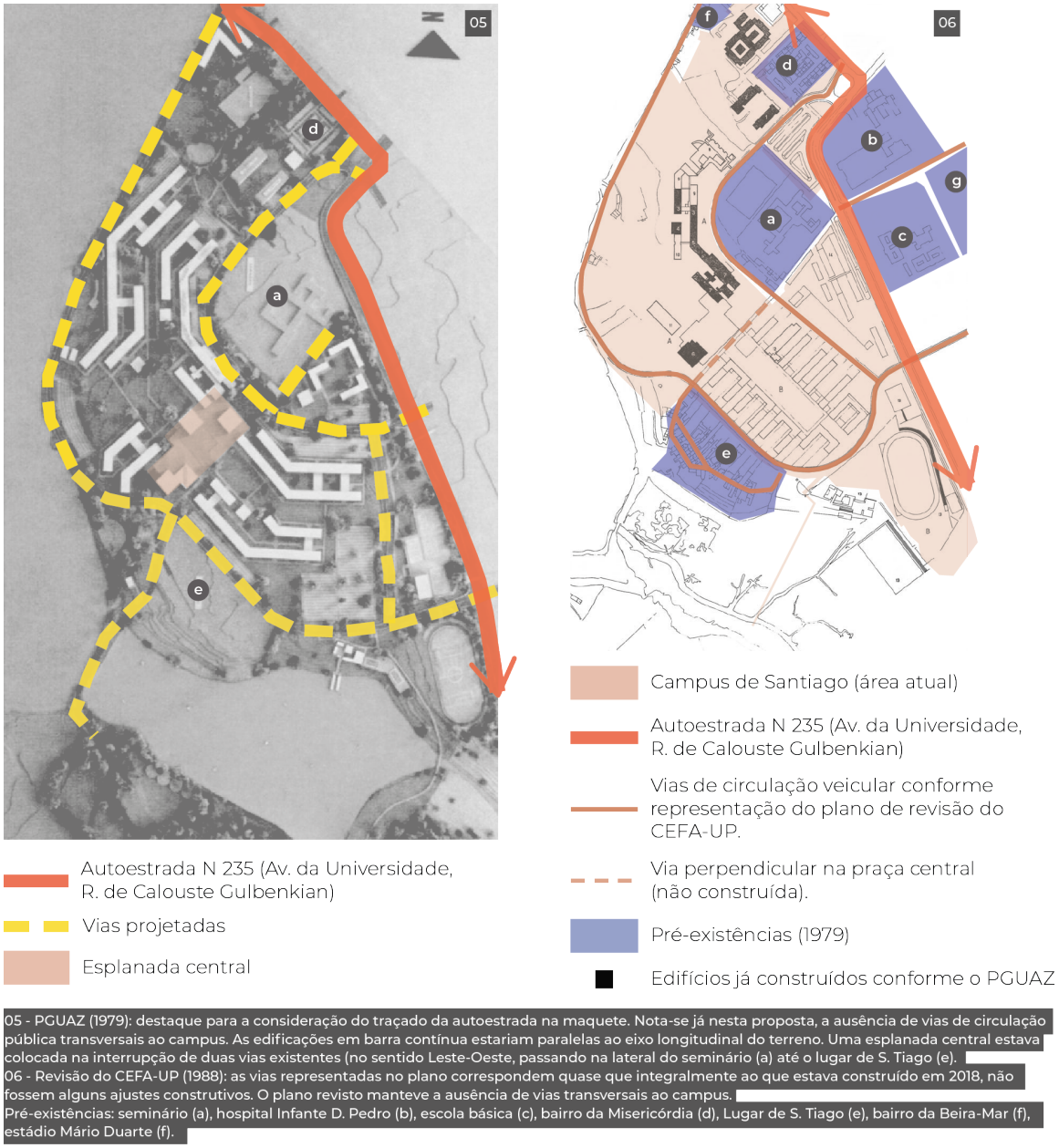
03 - Destaque para pré-existências em 1979: seminário (a), hospital Infante D. Pedro (b), escola básica (c), bairro da Misericórdia (d), Lugar de S. Tiago (e), bairro da Beira-Mar (f), estádio Mário Duarte (f). Nota-se que o traçado de vias proposto garantia a circulação pública até a laguna da Ria de Aveiro, com a formação de eixos que se encerravam em largos na frente da ria.
04 - Sobreposição das vias existentes (2018) para evidenciar a imposição do traçado da autoestrada e a ausência de vias públicas transversais ao campus da UA, ao longo de sua extensão no sentido Norte-Sul.

Fonte: Fonseca, 2010. As imagens foram manipuladas e editadas pela autora, 2023.

da "manutenção de área livre de construção até ao limite da R. da Pega" (CEFA-UP, 1989, p.3); a possibilidade de inclusão de lagoas sanitárias complementares às redes gerais na porção norte do campus; as definições das manchas para implantação dos edifícios departamentais na zona de expansão sul do campus; a construção de galerias paralelas como elemento unificador de percursos e do conjunto construído; a "predominância de acesso não mecanizado dentro da Universidade" (CEFA-UP, 1989, p.8), com indicação de zonas preferenciais para estacionamentos.

Segundo o memorial do plano (CEFA-UP, 1989, p.5), pretendia-se estabelecer "uma implantação predominantemente dirigida à definição das relações urbanas, quer com os edifícios existentes (Seminário e Capela), quer com a Av. Artur Ravara". A av. Artur Ravara da qual se faz menção corresponde ao trecho viário que atualmente é denominado de Av. da Universidade. Aliás,

Fotomontagem 16 – Análise das propostas do PGUAZ (esquerda) e da revisão do CEFA-UP (direita)



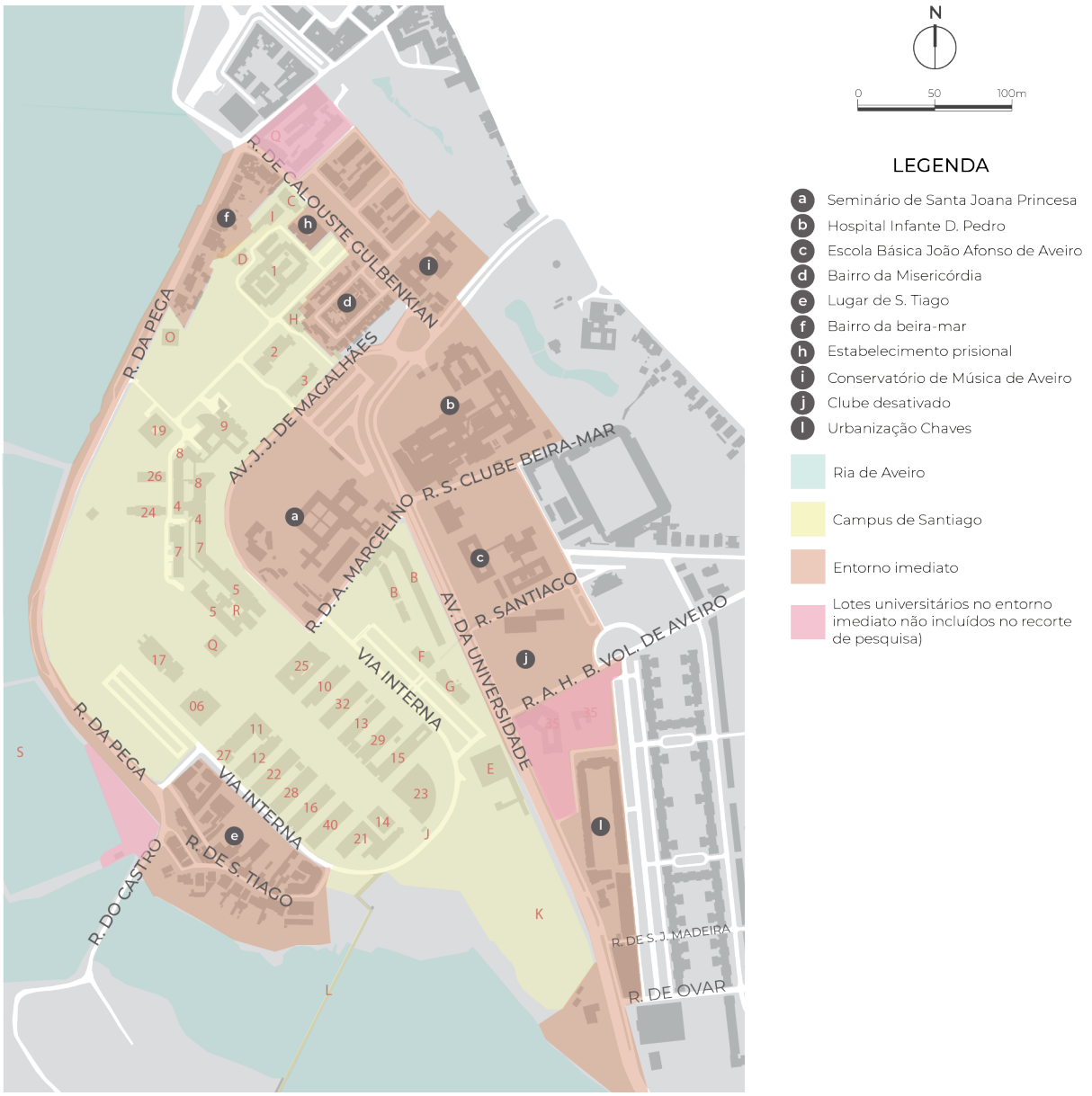
05 - PGUAZ (1979): destaque para a consideração do traçado da autoestrada na maquete. Nota-se já nesta proposta, a ausência de vias de circulação pública transversais ao campus. As edificações em barra contínua estariam paralelas ao eixo longitudinal do terreno. Uma esplanada central estava colocada na interrupção de duas vias existentes (no sentido Leste-Oeste, passando na lateral do seminário (a) até o lugar de S. Tiago (e).
06 - Revisão do CEFA-UP (1988): as vias representadas no plano correspondem quase que integralmente ao que estava construído em 2018, não fossem alguns ajustes construtivos. O plano revisto manteve a ausência de vias transversais ao campus.
Pré-existências: seminário (a), hospital Infante D. Pedro (b), escola básica (c), bairro da Misericórdia (d), Lugar de S. Tiago (e), bairro da Beira-Mar (f), estádio Mário Duarte (f).

Fonte: Mendes, 2013. As imagens foram manipuladas e editadas pela autora, 2023.

o próprio memorial serve de testemunho dessa cidade emergente, ao referir-se a uma quinta então existente ou a ruas e estradas que deixaram de existir ou foram renomeadas.

Atualmente, o campus de Santiago da UA é reconhecido internacionalmente como um exemplar conjunto de arquitetura universitária. Poderíamos enunciar que, nesse caso, o enquadramento paisagístico, as diversas edificações, bem como os espaços abertos do Campus contribuem decididamente para um espaço universitário de bastante qualidade espacial. Sua implantação, de frente para uma laguna da Ria de Aveiro, garante-lhe um excepcional enquadramento paisagístico. No Mapa 01, representamos a situação do Campus de Santiago e seu entorno imediato, conforme levantamento realizado em 2018.

Mapa 01 – O campus de Santiago e seu entorno imediato (2018)



Fonte: a autora, 2023.

Está presente no campus uma verdadeira coleção de obras arquitetônicas com autoria dos mais renomados arquitetos portugueses contemporâneos. A diversidade de autores, entretanto, não diminui a ideia de conjunto, garantida tanto pelo material das fachadas quanto por certa regularidade no gabarito das edificações (Mapa 02, Fotomontagem 17). A riqueza arquitetônica representada por essa coleção, garante a inclusão do campus da UA nos roteiros turísticos da cidade de Aveiro, a exemplo do itinerário utilizado pelo trem turístico, que passa pelo campus quatro vezes ao dia.

A localização inicialmente afastada já tem se confirmado como uma nova e importante centralidade na cidade de Aveiro, cujas noções de periferia expandiram-se "para lá da 109" (Barreto,

Apêndice D – Notícia 18.20). Para o arquiteto Pompílio Souto, esse é um "importante troço da cidade consolidada" (Apêndice D – Notícia 19.128). Em um comunicado sobre obras viárias de acesso ao Centro Comercial das Glicínias, a Sudoeste do campus da UA e, portanto, mais afastado da nucleação inicial da cidade, diz-se que:

> A Zona do Glicínias constitui uma das centralidades mais fortes da cidade, tanto pela zona habitacional que aloja, como pela Grande Superfície e Centro Comercial que exerce grande atratividade, como ainda pela proximidade de equipamentos estruturantes como o Campus da Universidade de Aveiro, o Hospital e o Centro de Saúde, ou as Escolas Secundárias José Estevão e Mário Sacramento (Apêndice D – Notícia 19.69).

A partir de meados de 2018, posteriormente às atividades de campo realizadas para esta investigação, foram iniciadas importantes obras públicas em todo o entorno imediato do campus. Apesar disso, nossa investigação atém-se ao que conseguimos levantar durante a pesquisa de campo, dadas as contingências decorridas no desenvolvimento desta investigação, já anteriormente narradas. As contundentes mudanças ocorridas no entorno universitário (mudanças de calçamentos e no sistema viário, inclusão de rotatória, construção de ciclofaixa etc.) evidenciam como o espaço urbano, mesmo estático, está em constante mudança, são imóveis mutáveis (Guggenheim, 2016). Acompanhar, ainda que de modo breve, os anúncios e discussões por ocasião da implementação dessas mudanças foi bastante elucidativo para perceber os atores sociais atuantes na área, seus interesses e as eventuais controvérsias inerentes ao processo de formação dessa cidade emergente no entorno universitário.

Uma descrição mais detalhada do espaço construído do Campus de Santiago, de seus espaços de fronteira e seu entorno imediato será apresentada mais adiante, quando estivermos a tratar dos resultados da pesquisa de campo. Antes disso, no próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos adotados durante o desenvolvimento da pesquisa empírica.

Mapa 02 – Campus de Santiago, com a identificação dos autores dos edifícios construídos após a revisão do plano



Fonte: a autora, 2020.

Fotomontagem 17 – Algumas construções arquitetonicamente relevantes do Campus de Santiago













Fonte: mapa, 25; L; Q, 17 – a autora, 2018-2023. J, 23 – PONTES, A. B. AMARO, C. SILVA, J. N. OLIVEIRA, P., 2018. Disponível em: http://planos.web.ua.pt/. Acesso: 09 jun 2023.

5. Procedimentos da pesquisa empírica: planejamento e escolha do estudo de caso, levantamento e tratamento de dados

Esta é uma pesquisa qualitativa que tem como estudo de caso único e exploratório os espaços de fronteira do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro. Afirmar ser uma pesquisa qualitativa corresponde a dizer que dados quantificáveis não são aqueles que melhor respondem às nossas questões de investigação. Nos termos de Cecília Minayo (1994/2002), as pesquisas qualitativas dedicam-se a relações, processos e fenômenos que não são captáveis por meio de equações, médias ou estatísticas. Em oposição, existem instrumentos qualitativos próprios para a aproximação da vida dos humanos em sociedade, "ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória" (Minayo, 1994/2002, p.15).

É comum a pesquisas qualitativas o uso de variados tipos de dados, por isso, Linda Groat e David Wang (2013) associam o processo investigativo a uma bricolagem, por meio do uso de várias táticas de pesquisa. A um só tempo, tal característica exige do investigador criatividade e rigor teórico-metodológico.

Outro desafio dos estudos qualitativos diz respeito ao papel do investigador, ele próprio implicado no processo de pesquisa e construção de seu objeto (Triviños, 1987). Ao discutir sobre a prática da Etnografia Urbana, Michel Agier (2011, p.32) fala da construção de uma cidade BIS, que seria a representação da cidade elaborada pelo investigador, a partir de sua leitura e interpretação dos dados levantados em campo: "a cidade produzida pelo antropólogo a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos citadinos que ele próprio observa diretamente e em situação". Paulo Rheingantz (*et al*, 2009) acrescenta mais camadas a essa questão, ao fazer alusão a uma observação incorporada, em que o investigador relaciona-se com seu objeto, não somente cognitivamente, e, portanto, suas observações são corporificadas, não são independentes de si próprio.

No que se refere à pesquisa qualitativa de estudo de caso, essa adequa-se às situações em que o foco está em fenômenos contemporâneos de um contexto da vida real, sobre os quais se tem pouco controle. Trata-se de uma investigação empírica na qual o pesquisador lida com "condições contextuais – acreditando que elas poderiam ser altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo" (Yin, 1984/2001, p.32). Segundo Augusto Triviños (1987), sua profundidade reside nos suportes teóricos que orientam a prática do investigador. Nem as hipóteses, nem os esquemas de inquisição são dados a priori e, na medida em que se aprofunda no conhecimento do objeto, a complexidade de análise tende a aumentar.

Normalmente, pesquisas de estudo de caso desenvolvem-se em três fases sequenciais: a de planejamento; a de coleta e tratamento de dados; e a de análise desses dados (Yin, 1984/2001). Na fase de planejamento, é importante o desenvolvimento de uma teoria, a seleção de casos e a projeção dos protocolos de coletas de dados. Apesar disso, nesta investigação, não seguimos um fluxo linear por essas etapas conforme sugere a sequência apresentada pelo referido autor.

Dadas as contingências durante o desenvolvimento da pesquisa e a própria influência das proposições da ANT, a formulação teórica de que nos ocupamos neste trabalho também emergiu a partir da observação direta no campo. Assim, planejamento-coleta-tratamento-análise de dados não corresponderam a um percurso temporal linear, em que cada fase seguiu a anterior. Aqui, o planejamento ocorreu enquanto a coleta, o tratamento e mesmo a análise de dados desenvolveram-se, em um processo de construção e revisão teórica concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa empírica. Parte dos percursos de elaboração e planejamento desta investigação foi transcrita anteriormente, quando tratamos das bases teórico-metodológicas desta tese.

Podemos dizer que este é um estudo de caso exploratório, pois assumimos que não havia uma teoria bem consolidada de partida, com protocolo de procedimentos bem estabelecidos a princípio, que pudesse servir de embasamento à pesquisa empírica. De fato, a investigação deu-nos oportunidade de explorar o tema da urbanidade, bem como sua associação com os espaços de fronteira do campus e o entorno universitário. Também nos forneceu condições de explorar algumas proposições sobre os espaços de fronteira, a partir das desconfianças que impulsionaram nosso interesse de investigação. Segundo Yin (1984/2001), para um estudo de caso exploratório, é necessário definir o que será explorado (a), os propósitos da exploração (b), bem como os critérios através dos quais se julgará a exploração como bem-sucedida (c), com possibilidades, inclusive, de geração de hipóteses para outros estudos.

Assim, definimos que exploraríamos (a) as características físico-espaciais do campus e de seus espaços de fronteira (1); as situações de permanências e movimentos nas quais atores humanos e não-humanos interagem nos espaços abertos e de fronteira do campus (2); os interesses dos atores humanos e seus coletivos que atuam no recorte espacial e as possíveis atrações existentes nos Espaços de Fronteira (3).

Quanto aos propósitos da investigação (b), esses estão explicitados nos objetivos de pesquisa, mas, em outros termos, poderíamos afirmar que se trata de uma ida a campo a fim de observar situações de permanências e movimentos nos espaços de fronteira de um campus universitário tido como bem-sucedido no que diz respeito à sua integração físico-espacial com seu entorno urbano imediato. Ainda, experimentar a viabilidade de considerar possibilidades de permanência, autonomia

de movimentos e atração como princípios a se ter em conta quando se projeta ou intervém sobre espaços abertos, coletivos, públicos e de fronteira. Finalmente, os dados obtidos servirão para questionarmo-nos sobre a própria noção de urbanidade adotada e a validade de sua utilização como categoria de estudo. Consideraremos nossa investigação bem-sucedida (c) se, por meio dela, pudermos suscitar novos questionamentos e vislumbrar as possibilidades de desenvolvimentos futuros a partir das reflexões aqui desenvolvidas. Em outras palavras, consideraremos exitoso se este trabalho efetivamente servir como ponto de fuga para o desenho de outras problemáticas que estejam relacionadas ao nosso objeto de estudo.

Neste capítulo, tentaremos evidenciar os procedimentos e processos desenvolvidos nesta investigação desde o planejamento da pesquisa, com levantamentos bibliográficos, revisão de literatura e escolha do estudo de caso; a aplicação dos instrumentos utilizados nas atividades empíricas e os tratamentos dos dados obtidos; bem como os critérios empregados para análise de dados.

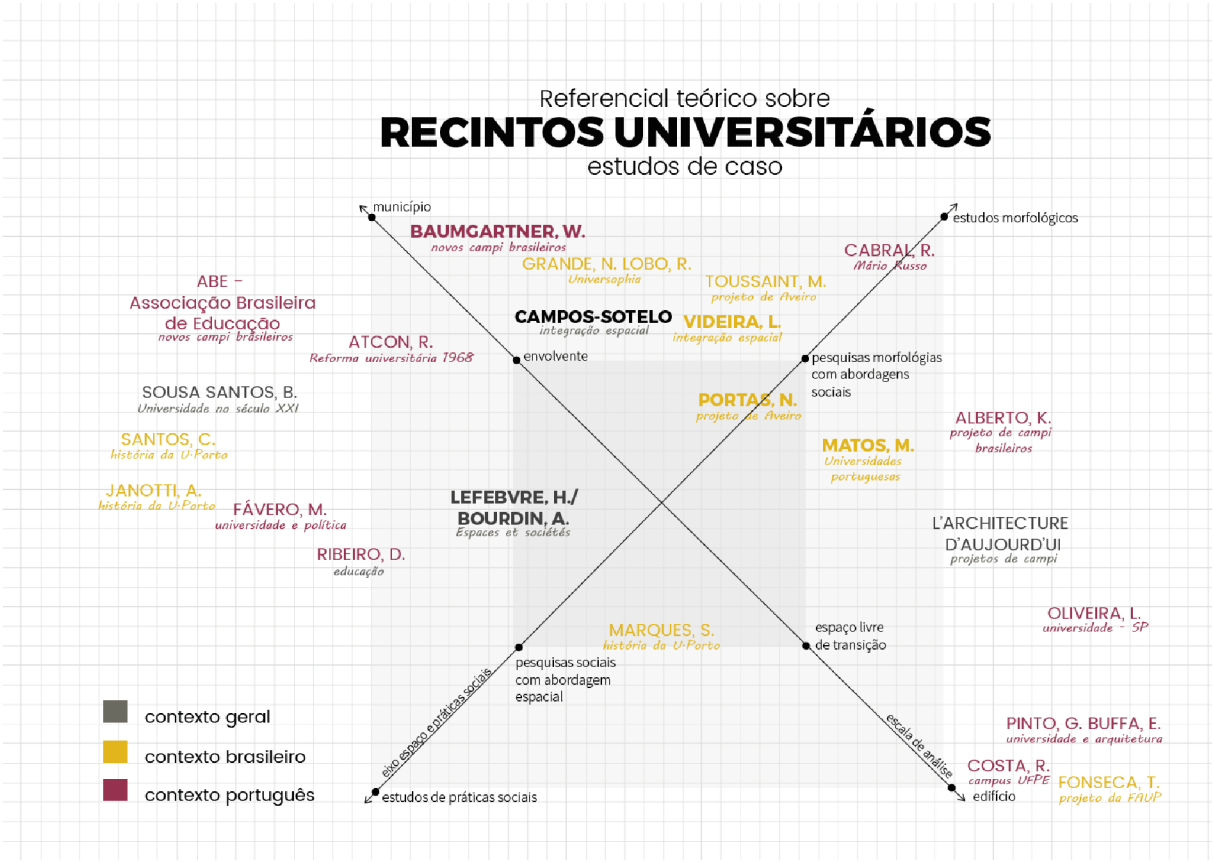
5.1 Preparativos para a pesquisa empírica: levantamento bibliográfico e revisão de literatura

Como grande parte das investigações, o início desta foi marcado por uma revisão de literatura, com o intuito de localizar o próprio trabalho em um panorama de outros já produzidos. É importante dizer que esta investigação não se iniciou já bem definida quanto ao seu objeto e escopo, mas esses foram sendo construídos no processo de revisão de literatura e a partir das observações de campo. Assim, nossas primeiras buscas diziam respeito a trabalhos produzidos que tratassem de relações socioespaciais entre espaços universitários e cidade.

Um recurso muito utilizado na revisão de literatura foi a elaboração de gráficos e nuvens de autores que nos ajudavam a visualizar o quadro de produção do conhecimento acerca dos temas que nos interessavam. Na representação gráfica a seguir (Figra 11) , uma das primeiras a serem elaboradas, espacializamos as produções dedicadas às relações socioespaciais de recintos universitários e território, posicionando-os em função de um eixo referente às escalas territoriais de análise e, de outro, às abordagens: das mais sociológicas às mais morfológicas. Esse primeiro esforço ajudou-nos a mapear a produção existente relacionada à universidade em abordagens socioespaciais.

Em outro gráfico (Figura 12), estabelecemos uma nuvem de autores que se relacionavam com a ideia central da tese naquele momento. Essa ideia foi mais adiante refeita, devido às inconsistências encontradas durante o aprofundamento da pesquisa, entretanto, o gráfico elaborado auxiliou-

Figura 11 – Panorama da revisão de literatura sobre as relações socioespaciais entre universidade e cidade



Fonte: a autora, 2016.

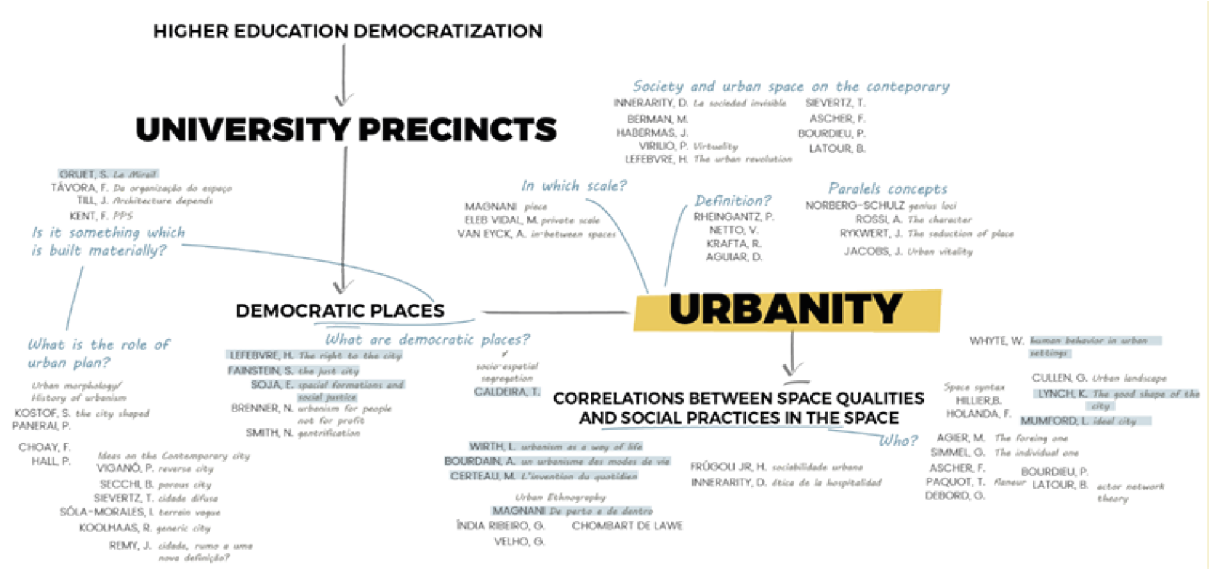
nos a localizar diferentes autores que se dedicavam a temas que estavam no entorno da ideia de urbanidade.

A elaboração desses quadros foi bastante útil na etapa de revisão de literatura e na construção de um arcabouço que servisse de sustentação teórico-metodológica à tese. A noção de urbanidade, como já reiteradamente afirmamos, é polissêmica, presente em diferentes textos e abordagens. Nesse ponto, é proveitoso relembrar que as inquietações que nos conduziram a esta investigação surgiram durante a vivência prática profissional como arquiteta, portanto, não correspondem a formulações que se iniciaram em estudos já relacionados a uma linha de pesquisa bem estabelecida.

Uma vez diante do panorama de trabalhos que dialogam com o tema da urbanidade por um lado, e das relações socioespaciais entre universidade e cidade, por outro, escolher a abordagem que melhor respondesse às nossas questões foi, por si, um desafio. A cada abordagem, encontramos um conjunto de práticas, categorias, classificações e protocolos a serem seguidos.

Ao mesmo tempo, as urgências impostas pelas contingências do próprio desenvolvimento da investigação, fizeram-nos partir a campo sem necessariamente estarmos com um referencial

Figura 12 – Nuvem de autores relacionados à ideia inicial da tese



Fonte: a autora, 2017.

teórico-metodológico bem amadurecido. Apesar disso, valemo-nos de nossas experiências anteriores e da leitura que já havíamos iniciado. Nesse sentido, resolvemos começar a pesquisa empírica no Campus de Santiago munidas do que temos chamado de "sensibilidade etnográfica", com uso principalmente de observação, entrevistas e anotações de campo. A essa pesquisa *in situ*, posteriormente somou-se uma segunda fase, com pesquisas em notícias, tornada necessária após o aprofundamento na revisão de literatura e nas reflexões desenvolvidas durante as atividades de campo.

5.2 Primeira fase da pesquisa empírica: atividades de campo

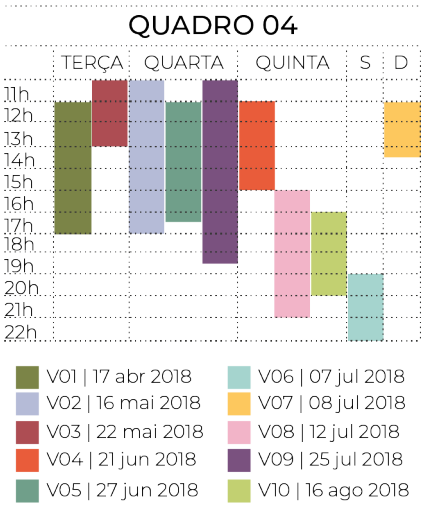
A ideia de "campo" vem da prática etnográfica e faz referência ao "recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada" (Cruz Neto, 1994/2002, p.53). Para esse autor, as atividades de campo correspondem a uma fase relacional e prática da investigação.

É importante destacar que o estudo de caso do qual nos ocupamos não era um espaço previamente conhecido, com o qual tivéssemos estabelecido algum tipo de relação anterior. Nesse sentido, considerávamos cada visita iniciada a partir do momento em que descíamos do trem que nos conduzia até a cidade de Aveiro e seguíamos por trajetos a cada vez diferente, em direção ao campus de Santiago. Houve mesmo registros de visitas em que atividades ocorridas durante o trajeto do trem foram foco de anotações reflexivas.

As visitas ocorreram entre abril e agosto de 2018. Nesse período, realizaram-se 10 visitas de campo e 05 entrevistas semiestruturadas. Cada visita tinha seu próprio objetivo específico e seu próprio itinerário, conforme apresentado no Quadro 03. As idas a campo ocorreram entre primavera e verão (abril a agosto) e escolheu-se fazer em dias da semana e horários diferenciados para conseguir observar diferentes situações, conforme apresentado no Quadro 04, a seguir.

Quadro 03 - Entrevistas, visitas e seus objetivos (esquerda)
Quadro 04 - Distribuição das visitas por horário e dias da semana (direita)

QUADRO 03		
VISITA	DATA	OBJETIVO
V01	17 abr 2018	Reconhecimento de campo - Campus de Santiago e Campus do Castro.
Entrevista com Ana Carneiro, estudante da UA que residiu no campo do Castro.		
V02	16 mai 2018	Observação das atividades no campus de Santiago.
Entrevista com Carlos Coelho, professor da UA.		
V03	22 mai 2018	Percurso e observação pela área envolvente a partir das informações apresentadas pelo informante Carlos Coelho.
V04	21 jun 2018	Percurso e observação pela área envolvente da UA, Registro de situações.
V05	27 jun 2018	Observação e registro de situações nos espaços abertos do campus.
Entrevista com Francisco Cordeiro, arquiteto funcionário da UA		
V06	07 jul 2018	Observação e registro de situações nos espaços abertos do campus em fim de semana, fora do horário comercial.
V07	08 jul 2018	Observação e registro de situações e movimentos nos espaços públicos da área envolvente bem como do próprio campus universitário em dia de fim de semana.
V08	12 jul 2018	Observação e registro de situações e movimentos ao fim da tarde e início de noite.
V09	25 jul 2018	Observação de campo e registro de situações e movimentos em período de férias acadêmicas.
Entrevista com Carlos Leão, arquiteto funcionário da câmara municipal de Aveiro		
Entrevista com João Lobo, arquiteto que desenvolveu pesquisa sobre o campus de Santiago.		
V10	16 ago 2018	Observação das atividades em diversos espaços públicos e coletivos da cidade, inclusive os espaços abertos do campus de Santiago, em período de férias.



Fonte: a autora, 2020.

5.2.1 Observação direta

A atividade de observação é central em trabalhos etnográficos, embora seja mais comum desenvolverem-se observações participantes. No nosso caso, dado o interesse de perceber como as situações de interações processam-se sem a nossa interferência, optamos por desenvolver uma observação livre e direta. Como dissemos, colocávamo-nos em estado de atenção desde o momento em que chegávamos à cidade de Aveiro. Atentávamos à presença e disposição dos espaços abertos, coletivos e públicos pelo percurso, às situações de permanências e movimentos, aos ritmos, à

presença ou não de humanos, aos meios de locomoção etc. Essa disposição esteve presente durante todas as visitas.

Em alguns momentos da pesquisa, chegamos a utilizar o termo "observação itinerante" para qualificar esse tipo de observação não participante e móvel, na medida em que o recorte espacial é amplo e que os próprios entrevistados indicavam pistas de pontos que pudessem despertar algum interesse à investigação. Não sem críticas, Magnani (2009, p.107) fala de uma modalidade "de passagem", enfatizando que a caminhada "constitui valioso recurso para um primeiro levantamento da paisagem e do entorno nos quais o objeto de estudo está inserido e com os quais mantém vínculo".

A partir da visita V04 até à V09, passamos a estabelecer pontos de observação estacionária nos espaços abertos do campus e do seu entorno imediato. Os pontos eram definidos previamente, a partir da análise do material levantado nas visitas anteriores e das informações fornecidas pelos entrevistados. Em cada ponto, permanecíamos durante um período de 15 minutos. Ao total, foram 9h45min de observação estacionária, em 39 pontos distribuídos pelo campus e seu entorno, que estão representados no Mapa 03, a seguir.

5.2.2 Entrevistas semiestruturadas

Conforme dissemos, não tínhamos relacionamento prévio com o campus de Santiago, com a Universidade ou com a cidade de Aveiro. Somado a isso, éramos estrangeira, portanto, informada de outras realidades e com o olhar condicionado pelas próprias leituras. Por isso, mesmo que ainda de modo intuitivo, parecia-nos que uma pesquisa que não buscasse as contribuições e percepções dos participantes daquele contexto, poderia ser, na pior das hipóteses, enviesada, e na melhor, insuficiente. Nesse sentido, as entrevistas seriam úteis, pois nos permitiriam obter informações relevantes e significativas que não estão disponíveis em fontes documentais (Rheingantz *et al*, 2009).

Por meio do estabelecimento de um roteiro inicial com tópicos e questões que nos auxiliam a conduzir a atividade, a entrevista semiestruturada permite que os respondentes estejam suficientemente à vontade para seguirem suas linhas de raciocínio, podendo, então, proporcionar novas questões não elaboradas previamente. Dessa forma, os próprios entrevistados participam na elaboração do conteúdo da pesquisa (Triviños, 1987).

No caso de nossa investigação, as entrevistas intercalaram-se às idas a campo, de maneira a permitir que os roteiros previamente traçados para as visitas seguintes pudessem incluir observações conforme indicações dos entrevistados. Essa disposição entre entrevistas e visitas também permitiu

Mapa 03 – Pontos de observação estacionária na pesquisa de campo realizada entre abril e agosto de 2018



Fonte: a autora, 2020. Edição a partir de mapa base fornecido pela Câmara Municipal de Aveiro.

LEGENDA
(conforme sinalização utilizada pela UA)

1	UNAVE - Associação para a Formação Profissional e Investigação/UNIFOC - Unidade Integrada de Formação Continuada/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA - Incubadora de Empresas da UA
2	Departamento de Línguas e Culturas
3	Antiga Reitoria; Gabinete dos antigos reitores; CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar; CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro; Instituto Confúcio; TEMA - Tecnologia Mecânica e Automação
4	Departamento de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5	Departamento de Educação e Psicologia/ Mediateca/ UATEC - Unidade de Transferência de Tecnologia
6	Serviços de Acção Social/ Refeitório de Santiago/Parafarmácia/Papelaria/ Snack-Bar/ Posto de Atendimento e Loja da AAUAv/ Caixas Multibanco/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais/ Quiosque/ Centro Ótico
7	Departamento de Ambiente e Ordenamento
8	Departamento de Biologia
9	Departamento de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10	Departamento de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11	Departamento de Matemática
12	Departamento de Ciências Sociais, Política e do Território
13	Departamento de Física
14	Laboratório Central de Análises
15	Departamento de Química
16	Departamento de Geociências
17	Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Departamento de Comunicação e Arte
22	Departamento de Engenharia Mecânica
23	Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24	IEETA - Instituto de Engenharia Electrónica e Telemática de Aveiro
25	Edifício Central e da Reitoria
26	Departamento de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Departamento de Engenharia Civil
29	Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31	Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32	CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografiaa
33	Edifício das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37	CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B	Residência de estudantes
C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D	IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da Univ. de Aveiro
J	Depósito de água
K	Pista de atletismo
L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
Q	Livaria e Sala de Exposições Mestre Hélder Castanheira/ Centro de Estudos de Jazz
R	Jardim da Ciência
S	Marinha de Santiago da Fonte

que pudéssemos fazer esclarecimentos e correções. Os entrevistados desempenharam importante contribuição nesta investigação, inclusive, deve-se à contribuição deles um ajuste importante no nosso objeto de estudo, quando nossa atenção passou a estar mais especificamente detida nos espaços de fronteira. Os roteiros das entrevistas foram personalizados, em função do tipo de ligação que o respondente tinha com a universidade ou com a cidade.

Quanto aos entrevistados escolhidos, eles têm diferentes relações com o campus. A estudante Ana Carneiro[12], aluna internacional, residiu por quatro anos na Residência Universitária do Campus do Castro[13] e tinha suas atividades acadêmicas no Campus de Santiago. Para ela, foram feitas questões relacionadas à sua vivência no campus e na cidade de Aveiro, aos espaços abertos da cidade que costumava frequentar, como se locomovia pela cidade, onde fazia compras etc. Em consequência, ao itinerário da visita seguinte à sua entrevista (V02), foram incorporados outros espaços da cidade, como o Rossio e o Mercado do Peixe, espaços nominalmente citados pela entrevistada. Embora esse dado seja de pouca relevância para o trabalho final, ajudou-nos na aproximação com o objeto e na reflexão de como os estudantes podem conectar os espaços e se relacionar com a cidade.

Outro entrevistado, o professor Carlos Coelho é um entre os muitos que vivem no Porto e trabalham ou estudam em Aveiro. Suas considerações sobre a integração socioespacial entre o campus de Santiago e sua área urbana envolvente foram bastante relevantes para as observações das visitas seguintes. É importante destacar que também se tentou entrevistar algum agente de segurança da universidade, pois esses profissionais têm como parte essencial de seu trabalho a observação dos espaços, dos movimentos e das situações que estão a ser desenvolvidas no campus. Entretanto, os profissionais não se sentiram aptos a prestar qualquer declaração sem uma prévia autorização da instituição, que não conseguimos a tempo.

O terceiro entrevistado, o arquiteto Francisco Cordeiro, não apenas trabalha na UA como também participou do grupo de arquitetos e estudantes responsáveis pela revisão do plano do Campus de Santiago. Para ele, foram direcionadas questões sobre os espaços abertos do campus, sobre sua participação no CEFA-UP e outros pontos identificados nas visitas anteriores.

O arquiteto Carlos Leão, embora fosse funcionário da Câmara Municipal de Aveiro, não respondeu à entrevista como seu representante, mas como um arquiteto que vive em Aveiro há décadas, que tem conhecimento das propostas existentes para a área envolvente e que nutre especial interesse por questões relacionadas ao tema da mobilidade urbana. Finalmente, o arquiteto João

12 Os nomes dos entrevistados são fictícios para preservar sua confidencialidade..

13 O Campus do Castro é separado do Campus de Santiago pelo Estreito de S. Pedro, um braço da Ria de Aveiro sobre o qual foi construída uma ponte pedonal.

Lobo desenvolveu pesquisas acadêmicas sobre o Campus de Santiago. Embora não integrasse a equipe do CEFA-UP, participou como arquiteto colaborador de um dos escritórios envolvidos nos projetos de edifícios e espaços abertos do campus.

5.2.3 Registros de campo

As observações de campo deram origem a quatro tipos principais de registros: levantamentos fotográficos, inventários do espaço construído, mapas comportamentais e diário de pesquisa. Os registros tinham como foco tanto a caracterização dos espaços de fronteira, abertos, coletivos e públicos do campus de Santiago e seu entorno imediato quanto das situações de interação observadas *in situ*.

5.2.3.1 Levantamento fotográfico

Os levantamentos fotográficos não seguiram um protocolo especial e foram realizados por meio do uso de um *smartphone*. As imagens obtidas foram importantes suportes para o tratamento e complementação dos demais registros de campo. Além disso, são importantes meios de ilustrar aspectos relevantes observados e, quando possível, de situações de interações observadas no campo.

Após cada visita, passávamos os arquivos de imagem gerados para um computador, no qual selecionávamos as fotografias relevantes, enumerávamos em função da sequência das atividades de campo e adicionávamos uma breve legenda explicativa nas propriedades do arquivo de imagem. Para o uso ilustrativo neste documento, recorremos a fotomontagens ou edições de imagem. Nesse caso, para garantir a confiabilidade das informações, as manipulações gráficas são devidamente explicitadas.

5.2.3.2 Inventários do espaço construído

Com o objetivo de caracterizar arquitetônica e urbanisticamente o recorte físico-espacial a que nos dedicamos, recorremos a algumas ferramentas já existentes e a variáveis utilizadas em outras pesquisas. Conforme dissemos anteriormente, a fase de coleta de dados de campo ocorreu em um momento no qual ainda não havia uma teoria bem estabelecida, portanto, correspondeu a uma fase em que as escolhas foram um tanto intuitivas. Podemos dizer que nos ocupamos de duas escalas de análise físico-espacial, uma mais alargada, a de *voo de pássaro*, e outra mais próxima da

experiência humana nos espaços construídos, por isso referida como "escala humana". Em uma escala mais ampliada, realizamos levantamento e mapeamento dos usos e ocupações no entorno imediato do campus e utilizamos as variáveis da forma urbana propostas no trabalho de Luisa Videira (2017). No que se refere aos aspectos mais relacionais do espaço construído com os humanos, foi especialmente relevante a ficha Inventário do Lugar disponibilizada pelo Instituto Gehl. As fichas foram utilizadas para caracterizar especificamente cada Espaço de Fronteira estudado.

A tese elaborada pela arquiteta Luisa Videira (2017), dedica-se a uma análise morfológica de variados estudos de caso de espaços universitários com diferentes tipologias físico-espaciais e diferentes modos de inserção de recintos universitários na cidade. Seu interesse estava em analisar como as tipologias morfológicas dos recintos universitários poderiam contribuir para promover maior sinergia entre esses e seus entornos. Dentre outras dez tipologias estabelecidas pela autora, os campi universitários periféricos equivaleriam a "*attached precinct – campus edging the city*", ou seja, recintos em posição periférica, nas bordas do tecido urbano, geralmente campi universitários, onde se desenvolvem atividades relacionadas ao ensino, mas também à moradia e ao lazer.

As variáveis de análise espacial utilizadas por essa pesquisadora estão baseadas em uma revisão de literatura no campo da Morfologia Urbana, que inclui autores como Kevin Lynch (1960/2018, 1981/2015), Jane Jacobs (1961/2019), Amos Rapoport (1977), Bill Hillier e Julienne Hanson (1984), entre outros. Ao total, Videira (2017) estabeleceu 12 variáveis da forma construída da cidade: Localização, Acessibilidade, Densidade, Compacidade, Caminhos, Distribuição, Marcos, Elementos Verdes, Circulação, Limites, Fronteiras e Barreiras.

Ao trazermos para nossa investigação, não utilizamos as variáveis propostas por Videira (2017) sem adaptações ou críticas. Apesar disso, foram fundamentais para fazermos nossa caracterização físico-espacial, ao direcionarem nossa atenção para aspectos relevantes dos espaços construídos, auxiliando-nos na elaboração de mapas temáticos.

As variáveis "localização", "acessibilidade", "caminhos" e "circulação" ajudaram-nos a caracterizar as condições físico-espaciais relacionadas aos movimentos pelo campus e seu entorno. Os "marcos" e os "elementos verdes" tanto podem relacionar-se às condições de permanência nos espaços quanto constituírem pontos de atração. Finalmente, "limites", "fronteiras" e "barreiras" foram especialmente úteis para estabelecermos e caracterizarmos os Espaços de Fronteira do Campus de Santiago, já que esses espaços nem sempre são de delimitação tão evidente.

Desenvolveremos a explicação mais detalhada dessas variáveis no próximo capítulo, quando também serão apresentados os mapas temáticos elaborados a partir de sua utilização. Analisaremos e discutiremos os dados interpretados a partir dessas representações.

No que se refere à caracterização físico-espacial na "escala humana", a partir da utilização da ficha *Inventário do Lugar* disponibilizada pelo Instituo Gehl[14], conseguimos direcionar nossa atenção para detalhes mais próximos das vivências nos espaços, como a disposição e disponibilidade de mobiliário urbano ou questões relacionadas à manutenção do espaço construído. Além dessa ficha, tomamos também como referência os parâmetros propostos nos *12 critérios para um espaço urbano de qualidade*, do mesmo instituto. As fichas de trabalho do Instituto Gehl foram traduzidas para o português e adaptadas para as necessidades desta investigação, com eventuais inclusões de elementos físicos ou modificações de símbolos e legendas. As relações desses parâmetros com os princípios de "autonomia de movimentos", "possibilidades de permanência" e "atração" foram abordadas no segundo capítulo (Quadro 02).

5.2.3.3 Mapas comportamentais

Embora representem uma ferramenta comum em trabalhos na área da Psicologia Ambiental (Rheingantz *et al*, 2009), os mapas comportamentais são úteis para investigações dedicadas ao estudo de interações humanas em espaços abertos, coletivos e públicos. Inclusive, esse foi um dos instrumentos a que William Whyte (1988) recorreu para sintetizar seus registros sobre o uso de pequenos espaços públicos em algumas cidades estadunidenses.

No nosso caso, poderíamos afirmar que se trata de mapas situacionais, considerando que as interações da vida urbana acontecem "em situação" (Agier, 2011). O antropólogo Michel Agier (2011) recorre às categorias conceituais de indivíduo, sociedade e espaço para fazer a diferenciação entre situações ordinárias, extraordinárias, de passagem ou rituais. Segundo ele, as situações ordinárias podem representar forte vinculação entre o indivíduo e a sociedade, mas nem sempre entre a sociedade e o espaço. As extraordinárias, ocorrem a despeito do espaço físico, enquanto as de passagem são principalmente vinculadas às interações entre o indivíduo e o espaço. As situações rituais frequentemente referem-se a grupos sociais em determinados espaços da cidade.

Para os propósitos do estudo dos espaços de fronteira, interessa-nos observar *in situ* as diferentes situações que se desenvolvem durante a prática de campo. Entretanto, em um primeiro momento, torna-se necessária a distinção entre situações de passagem e de permanência, ou os movimentos e as permanências. Nesse sentido, precisamos considerar que tanto situações de passagem quanto de permanências podem ser ordinárias, extraordinárias ou rituais. Por isso, temos preferido simplesmente referir-nos às situações de "movimentos" e "permanências".

14 https://www.instagram.com/gehlinstitute/.

Por meio dos procedimentos que adotamos nesta pesquisa, precisar o que são situações ordinárias, extraordinárias ou rituais é difícil. Ainda assim, essa classificação esteve no nosso horizonte. Nomeadamente, a passagem de um triciclo turístico (tuk tuk) é um exemplo de um movimento extraordinário, pois em nenhuma das visitas, durante todos os espaços percorridos pela cidade de Aveiro, havia sido visto qualquer veículo semelhante. Em compensação, não tínhamos como definir se a situação em que pessoas pescavam na Ria era ordinária, extraordinária ou até desviante.

Ao investigar os espaços abertos, Jan Gehl (1971/2010) sugere a observação das atividades humanas nos espaços. De acordo com ele, as atividades humanas podem ser necessárias, opcionais ou sociais. As atividades necessárias são aquelas compulsórias, como entrar e sair de um edifício, por exemplo. Na concepção desse autor, incentivar atividades opcionais deveria ser uma meta do projeto do espaço público, visto que indicam a escolha do humano por "estar lá fora". Por fim, as atividades sociais seriam aquelas que dependem da co-presença no espaço.

Refletimos que tanto atividades necessárias quanto opcionais podem ser também atividades sociais e que, boa parte das permanências "lá fora" representam escolhas, atividades opcionais[15]. Em geral, o avanço das tecnologias de mobilidade e de comunicação diminuem drasticamente qualquer imposição para estarmos no espaço aberto, coletivo e público, pois, é possível resolver muitas questões à distância e circular por veículos motorizados. Aliás, a partir dessa perspectiva, até mesmo muitos movimentos de pedestres e ciclistas podem ser considerados opcionais.

Além disso, há situações em que não podemos afirmar se o que estamos a observar refere-se a uma atividade opcional ou necessária. Uma ilustração disso é o deslocamento de ciclistas. Por meio da observação direta é difícil inferir se esse modo de locomoção é realmente necessário ou se se trata de uma escolha deliberada, por questões de convicção, prazer pessoal ou outra razão qualquer. Embora fazer compras seja uma atividade necessária, um pedestre que volta à casa das compras pode ter escolhido esse modo de deslocamento para fazer algum exercício, ao invés de pegar um automóvel.

Após a revisão das sistematizações propostas por Agier (2011) e Gehl (1971/2010), consideramos que as análises por situações são mais abrangentes e com mais conteúdo a ser explorado do que a análise por atividades. Uma mesma situação pode compreender várias

15 Ocorreu-nos pensar em situações de condições de habitações precarizadas, em que o espaço público supre funções da habitação, portanto, essa questão de estar "lá fora" já não seria uma simples opção. Aliás, é importante ter isso em mente para evitar a romantização da pobreza, da aparente vitalidade urbana das zonas mais empobrecidas das cidades. Portanto, quando estamos a afirmar que as permanências são opcionais, estamos a nos referir de modo generalizado aos entornos imediatos de campi universitários, cientes da necessidade de considerar possíveis ajustes ou exceções a essa ideia.

atividades, movimentos e permanências. A distinção precisa entre permanências e movimentos é de nosso interesse, uma vez que envolvem interações com dispositivos físico-espaciais diversos. Assim, nossa atenção esteve nas situações de movimentos e permanências, identificando, quando possível, se envolviam atividades necessárias ou opcionais. Finalmente, houve situações observadas em que a distinção entre extraordinária ou ordinária, necessária ou opcional, simplesmente não eram aplicáveis, a exemplo das interações com celulares.

Os registros de situações de permanências e movimentos observados foram marcados em mapas situacionais a partir do preenchimento de um modelo de mapa base (Apêndice A), com o qual partíamos para as atividades de campo. O mapa base servia-nos de suporte para marcação dos locais onde as situações observadas em campo desenvolviam-se. Esses registros eram complementados com anotações em diário.

As situações registradas foram observadas de passagem ou em pontos estacionários distribuídos pelos espaços abertos do campus, seus espaços de fronteira e sua envolvente urbana. Em uma tabela (Apêndice B), organizamos cada situação observada indicando dia, horário, localização do ponto de observação, a área onde foi observada (se em um dos espaços de fronteira, em algum espaço aberto do campus ou no entorno), o tipo de situação (se estacionária, de passagem, ordinária, extraordinária ou ritual), além de uma descrição da situação observada, conforme extraída das anotações de campo.

Cada situação descrita correspondia a uma numeração específica iniciada por um número indicativo da visita. Por exemplo, a situação 4.3 refere-se à terceira situação observada na visita 04. As observações de passagem seguiram semelhante codificação, apenas com a inclusão de um "P" antes da numeração.

Essa tabela auxiliou-nos a perceber a recorrência de situações, agrupá-las por tipos ou por espaços de fronteira, de modo a podermos fazer uma análise em que se cruzem os dados da caracterização físico-espacial com aqueles das situações observadas em campo. As situações também foram espacializadas em mapas, nos quais a numeração indicava o local onde cada situação observada desenvolveu-se. Esses mapas, com a representação espacial das situações e movimentos observados no campus de Santiago e seu entorno imediato estão apresentados no próximo capítulo..

Por fim, uma outra dificuldade que emerge da prática da observação direta diz respeito à identificação de co-presença entre diferentes humanos. Na maioria dos casos, estabelecemos uma série de inferências a partir de marcadores de diversidade. A faixa etária é um dos marcadores mais evidentes e ajudou-nos a estabelecer algumas distinções entre moradores, visitantes e integrantes da comunidade acadêmica, uma vez que o público universitário é majoritariamente de jovens e

adultos. Roupas e objetos são outros elementos distintivos: um ciclista fardado e equipado está em prática esportiva; em grupo e com utilização de bicicletas de utilização gratuita de Aveiro (BUGA), a passeio ou turismo. Assim, tentamos ser o mais criteriosas possível nessas distinções para evitar preconcepções equivocadas.

5.2.3.4 Diário de pesquisa

Durante as atividades de campo, eram feitas anotações textuais do que se observava diretamente, mas também das reflexões que emergiam a partir dessas observações. As anotações reflexivas são úteis para relacionar os referenciais teóricos e as leituras desenvolvidas com o que é apreendido da experiência em campo. Nesse sentido, Triviños (1987, p.157) sugere que o investigador esteja "em permanente estado de alerta intelectual".

O uso do diário de pesquisa foi de bastante relevância nesta investigação e não esteve restrito ao processo de atividades de campo. A prática do diário foi útil para manter *insights*, questionamentos e apontamentos que ajudaram a dar contornos a este trabalho. Por meio das anotações, pudemos reconhecer algumas incertezas que se apresentavam em torno do tema da urbanidade, para além daquelas desconfianças que nos motivaram a iniciar esta investigação. Os questionamentos que nos ocorriam não passavam despercebidos, assim, ajudaram-nos a sistematizar uma série de perguntas exploratórias que nos auxiliariam na própria análise dos resultados obtidos.

As atividades de campo corresponderam a uma fase bastante frutífera da investigação, na qual foram obtidos muitos dados e realizadas reflexões importantes. Ainda assim, marcou um momento em que nos deparamos com mais dúvidas e questionamentos a respeito dos temas relacionados ao objeto de estudo, tanto quanto sobre a relevância dos dados levantados e das ferramentas utilizadas para as respostas pretendidas nesta investigação.

Nomeadamente, a partir da prática de campo, passamos a dedicar maior atenção à atuação de *smartphones* nas situações observadas ou mesmo a considerar que automóveis particulares podem desempenhar funções para além de instrumentos de locomoção. Essas constatações, por óbvias que pareçam, não encontravam espaço em classificações ou variáveis de estudo que tivéssemos tido acesso até então e conduziram-nos no questionamento quanto à atuação de objetos tecnológicos e outros seres nas urbanidades humanas.

Uma limitação latente desta pesquisa de campo e comum a qualquer trabalho que se dedique ao estudo das interações sociais por meio da observação de situações em um recorte físico-espacial

específico reside no fato de que os limites das situações não são espaciais, mas o da interação (Agier, 2011). Tudo o que conseguimos observar são vestígios de interações que se iniciaram algures e que vão encerrar-se em locais e momentos não sabidos. Se acrescentarmos a isso as alternâncias entre virtualidades e materialidades permitidas por dispositivos de tecnologia de informação e comunicação, por exemplo, torna-se ainda mais difícil precisar o tipo ou a qualidade da interação estabelecida em uma dada situação observada em campo.

Outra questão diz respeito ao desconhecimento por parte da investigadora sobre quão ordinária ou não uma situação observada pode ser considerada, pois não é algo passível de ser indicado apenas a partir da observação direta, desprovida de um relacionamento mais próximo com o estudo de caso. Em pesquisas etnográficas, essa limitação é contornada por meio da observação participante, na qual o investigador estabelece relações diretas com o grupo social a que dedica seu estudo. No nosso caso, uma calibragem a essa limitação seria a busca por outros dados que pudessem nos informar sobre os humanos, não-humanos e seus coletivos associados aos espaços do Campus de Santiago e seu entorno imediato.

No início deste capítulo, fizemos menção a um processo de investigação em que revisão teórica e prática de pesquisa empírica alternavam-se. A constatação de algumas limitações das observações de campo foi um desses pontos de virada. Nesse momento, a aproximação com a Teoria Ator-Rede foi essencial, pois ela trouxe-nos a liberdade necessária para combinar os dados já obtidos com novos dados que auxiliassem a compreender as situações observadas de um modo que pudéssemos extrapolar percepções pessoais a partir de observações de momentos específicos. Nesse sentido, tornou-se bastante pertinente a utilização de notícias em veículos de comunicação, como meio de conseguir maior clareza sobre as situações já observadas, mas também levantar dados referentes aos atores relacionados, seus interesses e controvérsias que os levam a atuar sobre a envolvente do campus, seus espaços abertos e de fronteira.

5.3 Segunda fase da pesquisa empírica: levantamento de notícias em jornais online

A segunda fase da pesquisa empírica ocorreu a partir do alinhamento com as proposições da Teoria Ator-Rede. Correspondeu ao levantamento, tratamento e análise de notícias *online*. A escolha por esse tipo de fonte não foi arbitrária e visava a atender alguns aspectos relevantes. Primeiro, conforme já enunciamos, buscávamos aproximação com o social, de modo a calibrar a pesquisa de campo e evitar percepções pessoais e pontuais. Além disso, as observações *in situ* também não eram suficientes para nos responder sobre as possíveis atrações existentes nos espaços do estudo de caso.

Outra característica pertinente às notícias de jornais é que essas apresentam textos que não foram produzidos para atender à nossa investigação, ou seja, ao discorrerem sobre assuntos cotidianos que interessam àqueles envolvidos com a Universidade de Aveiro ou com a cidade de Aveiro, acabam por, de modo não comprometido, auxiliar-nos na distinção entre o que pode ser considerado ordinário, extraordinário ou ritual.

Finalmente, frequentemente notícias apresentam problemas comunitários, opiniões sobre fatos ocorridos na cidade, planos e projetos institucionais com suas respectivas críticas. Em outras palavras, as notícias informam-nos das controvérsias nas quais os humanos estão engajados. No primeiro capítulo, ao discorrermos sobre as proposições da ANT, afirmamos que as controvérsias são aquilo que permitem o social estabelecer-se. Assim, elas não são apenas o reconhecimento de conflitos existentes em uma comunidade, mas uma fonte importante de conhecimento de uma dada realidade sociomaterial.

Ao analisarmos uma notícia na qual estão expressas opiniões e posições diante de um tema controverso, os humanos nomeiam os atores e coletivos envolvidos e evidenciam os interesses existentes nas diferentes posições assumidas. Também vão tornando evidentes as mediações e desvios técnicos utilizados para sustentar as opiniões, as associações existentes etc. Ao percebermos os interesses, podemos identificar o que atrai ou não os humanos para os espaços abertos do campus e de sua envolvente, confirmar inferências feitas a partir de observações de campo e, eventualmente, podem ser um bom meio de perceber que situações poderiam representar urbanidade ou desurbanidade conforme os interesses dos atores. Em resumo, as notícias podem ser bastante informativas e oferecer ajustes aos dados obtidos a partir da pesquisa *in situ,* evitando interpretações enviesadas.

As notícias ainda podem nos ajudar a compreender os diferentes modos como as virtualidades participam das interações no estudo de caso, principalmente se considerarmos que a disponibilidade de ferramentas tecnológicas e informacionais correspondem a diferenciais competitivos entre cidades e mesmo entre instituições de ensino e pesquisa. Em suma, durante a pesquisa em jornais, estivemos atenta aos eventos anunciados na cidade de Aveiro ou no Campus de Santiago; aos atores humanos, não-humanos, associações e coletivos nomeados; aos interesses relacionados aos espaços do campus e de seu entorno; aos planos, projetos e ações interinstitucionais dos quais participam universidade e/ou Campus de Santiago.

A coleta de notícias *online* ocorreu entre fevereiro e março de 2020. De acordo com o que estava disponível virtualmente, foi possível acessar conteúdos publicados entre os anos de 2005 e 2019, somados aos dois primeiros meses de 2020. Para realização da busca, foram utilizadas como

palavras-chave: "Universidade de Aveiro"; "Rua da Pega"; "Santiago"; "Campus Universitário"; "Avenida da Universidade". Demos privilégio a portais de mídias nacionais e locais na internet, além das notícias publicadas nos *websites* institucionais da Universidade de Aveiro (UA) e da Câmara Municipal de Aveiro (CMA). No Apêndice D, está apresentada a lista de *websites* visitados na internet, bem como o título de cada notícia encontrada e seu respecitivo endereço eletrônico.

Ao total, foram 185 notícias levantadas e analisadas, não uniformemente distribuídas durante os anos de 2005 e 2020, o que se deve provavelmente aos mecanismos de arquivamento das publicações mais antigas por cada portal de notícias acessado. Dessa forma, conseguimos aceder a uma única notícia nos anos de 2005, 2006, 2009, 2012, 2014 e 2015. Nos anos de 2008 e 2013, foram levantadas 02 notícias, em cada. Já em 2007 e 2011, encontramos 03 notícias. Em 2017 e 2010 foram acessadas, respectivamente, 04 e 06 notícias. No ano de 2016, não encontramos qualquer notícia referente aos termos de busca utilizados. Referente ao ano de 2018, levantamos 25 notícias. O ano de 2019 foi o mais expressivo, com 134 notícias encontradas. Finalmente, foram levantadas 09 notícias nos dois primeiros meses de 2020.

Para o tratamento dos conteúdos apresentados nas notícias, convertemos cada uma em códigos numéricos, nos quais os primeiros números correspondem ao ano da publicação e o número seguinte organiza cada notícia em ordem cronológica. Dessa forma, a notícia 19.12, por exemplo, refere-se a um texto publicado depois daquele existente na notícia 19.11, ambas no ano de 2019. Após a leitura de cada texto, incluíamos em uma tabela que o indicava pelo código numérico e os tópicos de interesse sobre os quais versava. Listamos os atores sociais citados, fossem humanos, objetos, instituições, empresas etc. Quando necessário, incluíamos um breve resumo ou citação de trechos relevantes.

Essa primeira organização dos dados permitiu-nos observar a recorrência de alguns temas, posteriormente agrupados por tópicos de interesse (Quadro 05). As notícias analisadas apresentavam temas variados sobre a cidade de Aveiro, as áreas de entorno do campus e o próprio Campus. Assim, em um segundo nível de análise, listamos as notícias que de algum modo abordavam especificamente os espaços abertos do Campus e de seu entorno imediato.

Quadro 05 – Lista de notícias pesquisadas por temas de interesse

TEMAS	NOTÍCIAS
Arquitetura UA	08.02 11.04 20.14
Competição universitária	13.02 19.32 19.99 19.131
Estádio - Hospital - UA	10.07 15.01 19.03 19.08 19.42 19.86-19.88-19.89-19.90 19.115-19.118 19.128 19.133 19.134
Eventos	05.01 08.01 08.02 10.02 11.02 11.04 12.01 17.02 18.02 18.03 18.04 18.06 18.10 18.13 18.21 18.23 18.27 18.28 19.05 19.06 19.07 19.10 19.14-19.26 19.22-19.35 19.23 19.24 19.40 19.41 19.43 19.49 19.50 19.51 19.61 19.64-19.68 19.78-19.79 19.81-19.82-19.83 19.84 19.94 19.98 19.102 19.121 19.122 19.135 19.136 20.06 20.14
Inovação e sustentabilidade	10.06 13.01 19.01 19.18 19.20 19.28 19.30 19.32 19.49 19.63 19.65 19.75 19.77 19.98 19.114-19.124 19.121 19.127 19.131 20.06 20.07 20.09
Internacionalização	14.01 18.09 18.21 19.09 19.10 19.30 19.38 19.40 19.44 19.52 19.130 19.135 20.07
Mobilidade	18.11 18.15 18.17 19.08 19.42 19.46 19.48 19.59 19.62 19.63 19.65 19.72 19.84 19.97 19.108
Mobilidade - bicicletas	06.01 07.02 07.03 10.01 10.05 18.19 18.23 19.14-19.26 19.27 19.48 19.50 19.53 19.54 19.64-19.68 19.65 19.72 19.114-19.124 19.116 19.129 20.11
Mobilidade- estacionamento	10.05 19.80
Mobilidade - acessibilidade	17.01 19.06 20.01-20.02 20.04
Moradia estudantil	09.01 17.04 19.36
Moradia - Santiago	17.03
Obras públicas	17.03 18.11 18.15 18.17 18.23 19.03 19.07 19.08 19.27 19.42 19.46 19.48 19.54 19.59 19.62 19.69-19.70 19.71 19.72 19.86-19.88-19.89-19.90 19.97 19.104 19.105-19.106-19.125 19.108 19.109 19.111 19.112 19.133 19.134
Presença virtual	07.01 18.14 18.27 19.09 19.13 19.37
Ria de Aveiro	18.16 19.51 19.61 19.104 19.105-19.106-19.125 19.108 19.120
Segurança pública	10.03 11.02 19.11 19.12 19.48 19.59 19.101 19.119
Turismo	06.01 07.02 10.01 17.04 18.18 18.20 19.07 19.13 19.23 19.29 19.30 19.36 19.37 19.53 19.137

Fonte: a autora, 2020.

5.4 Terceira fase da pesquisa empírica: retorno aos objetivos e sistematização de perguntas exploratórias

Deixaremos a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos para o próximo capítulo. Nesta seção, trataremos de explicitar os procedimentos que foram utilizados para análise do material levantado, principalmente das anotações do diário de pesquisa, no qual foram sendo registradas as questões que nos ocorriam durante as atividades empíricas.

Algumas dessas questões levaram-nos a formatar a própria investigação; contribuíram para o reconhecimento de incertezas que envolvem o tema da urbanidade e que precisaram ser consideradas; conduziram-nos a ajustes teórico-metodológicos, quando incorporamos a Teoria Ator-Rede como abordagem capaz de nos oferecer meios de lidar com as incertezas e imprecisões encontradas.

Outras questões registradas diziam respeito a aspectos específicos do campo, ou da

metodologia, ou ainda estavam relacionadas diretamente aos objetivos desta investigação. Essas perguntas exploratórias, como as temos chamado, foram selecionadas e agrupadas em função de sua relação com o objeto e com os objetivos da pesquisa. A sistematização dessas questões ajudou-nos na análise dos dados obtidos. Além disso, permitiram uma espécie de checagem de tópicos a serem considerados durante o desenvolvimento das análises físico-espaciais e de situações (Quadro 06).

Reiteradamente afirmamos que o percurso no desenvolvimento desta tese não foi ortodoxo, marcado por uma série de contingências que tiveram impacto direto nas escolhas e nos resultados a serem aqui apresentados. O retorno frequente a este aspecto da investigação refere-se à dificuldade própria de elucidar esse processo por meio de um texto linear e coerente, já que diferentes fontes de informações foram consultadas e em momentos distintos. Houve muitos e diferentes estímulos e interferências ao longo de todo desenvolvimento. Diante disso, a atenção aos objetivos de pesquisas no processo de análise foi fundamental. Assim, listamos e agrupamos as perguntas exploratórias que pudessem contribuir para alcançarmos os objetivos pretendidos e elaboramos os meios pelos quais os dados obtidos poderiam ser analisados a fim de responder a cada questão (Quadros 07 a 09).

Quadro 06 – Lista de perguntas exploratórias.

QUADRO 06
Análise físico-espacial
- É possível movimentar-se pelo EF analisado? - O EF é aberto ou fechado? Tem barreiras ou não? - É plano? - O EF analisado está tratado ou não (manutenção)? - Há muitos acessos (soleiras) nesse EF? - O EF analisado permite visibilidade para além de seus limites? Programação do espaço: - Quais os usos e ocupações do entorno imediato? - Que funções o EF desempenha (recuo regulamentar; jardim; estoque de terra etc.)? - Existe mobiliário urbano nesse EF? - Existe algum tipo de desenho projetual nesse EF?
Análise das situações
- Que atores não humanos foram observados em cada situação? Como eles atuavam? - Quais eram as situações cotidianas e imediatas? - Foi observado algum possível uso ou apropriação desviante (depredação, violência, incivilidade ou até usos não previstos)? - Quais atores não-humanos identificados que não são dispositivos físico-espaciais, mas que desempenham papel importante nas situações observadas? - Que situações de movimentos e permanências observadas foram facilitadas pelo espaço construído? - Foi possível observar mantenedores e utilizadores interferindo no espaço (arquitetura como produto e re-criação)? - Foram identificadas tecnologias locacionais existentes (pontos de atração) no campo?

Fonte: a autora, 2023.

Quadro 07 – Perguntas exploratórias relacionadas ao primeiro objetivo específico e suas possibilidades de análise.

Perguntas exploratórias relacionadas ao primeiro objetivo específico	
Verificar a relevância dos espaços de fronteira estudados para a integração socioespacial do campus com a cidade emergente.	
Pergunta	Possibilidade de Análise
Por meio da observação, foi possível identificar situações nos EF que não envolvesse apenas humanos diretamente relacionados com a universidade? - Existe mobiliário urbano nesse EF? - Existe algum tipo de desenho projetual nesse EF?	- Análise dos registros de campo.
É possível reconhecer co-presenças e misturas nos EF estudados?	- Análise de situações. - Comparar situações no entorno, nos espaços abertos do campus e nos EF
Há alguma diferença entre o que ocorre nos espaços abertos *intra*, entre e fora do campus?	
Identificar como atores humanos e não-humanos interagem entre si nos EF do caso estudado.	- Analisar como os dispositivos físico-espaciais dos EF estudados participam das interações humanas; - Identificar atores humanos e não-humanos que participam das situações observadas.
Que relevância os EF do caso estudado têm para seu entorno imediato? No caso de Aveiro, os EF fizeram alguma diferença para ampliar os espaços de interação pública ou para integrar socialmente (situações de permanência e movimentos)?	- Análise físico-espacial. - Comparar situações no entorno com situações nos EF.
Como os atores humanos utilizam os espaços de fronteira, para quê? Como interagem entre si, nos espaços de fronteira? O que a urbanidade de uns pode representar em desurbanidade para outros?	- Análise dos registros de campo. - Análise de situações.
Como virtualidade e materialidade se combinaram nas situações observadas?	- Análise dos tipos de situações observadas e dos registros de campo.

Fonte: a autora, 2023.

Quadro 08 – Perguntas exploratórias relacionadas ao segundo objetivo específico e suas possibilidades de análise

Perguntas exploratórias relacionadas ao segundo objetivo específico	
Verificar a viabilidade de estabelecer princípios projetuais para intervenções em espaços de fronteira de campi universitários periféricos.	
Pergunta	Possibilidade de Análise
A partir do estudo de caso, é possível confirmar que movimentos, permanência e atração são bons requisitos para analisar as possibilidades de atuação do espaço aberto coletivo e público?	- Comparar o estabelecido por autor de referência (GEHL) com o que observamos empiricamente: permanências e movimentos (observação *in situ*), atração (observação *in situ* notícias e entrevistas).
Foram observadas situações de permanência nos EF de Aveiro? Elas foram possibilitadas pelo espaço de fronteira?	- Análise físico-espacial Considerar inventário do lugar – dispositivos físico-espaciais e mobiliário urbano. - Análise das situações, com posterior sobreposição com análise físico-espacial.
Como eram os movimentos nos EF estudados? Houve permanências? Que atores não-humanos mediavam essas situações?	- Análise dos tipos de situações observadas e dos registros de campo.
Que outros atores/dispositivos além dos dispositivos físico-espaciais ganham destacada importância? Como eles mediam ou exercem atração nas situações nos espaços de fronteira?	
A partir dos dados obtidos, é possível discernir o que pode tornar o entorno imediato do campus atrativo? Existe algum ponto de atração nos espaços de fronteira mencionados pelos entrevistados, lido nos jornais ou identificado pela observação?	- Análise dos registros de campo, das entrevistas e das notícias.

Comparativamente, o que podemos depreender das observações de cada espaço de fronteira?	Comparação entre características físico-espaciais dos EF e das situações observadas. - Comparar situações no entorno com situações nos EF.
O que é necessário fazer para um espaço de fronteira contribuir para integração socioespacial? É necessário colocar bancos, abrir janelas, entradas, deixar relvado, colocar calçadas etc? O que é previsível no projeto? O que é do social?	- Comparar EF mais programados com os menos programados.
O quanto pode ser previsto em projeto do espaço construído? Nas situações observadas, houve elementos, dispositivos ou questões que ultrapassam a arquitetura como projeto?	- Análise das situações

Fonte: a autora, 2023.

Quadro 09 – Perguntas exploratórias relacionadas ao terceiro objetivo específico e suas possibilidades de análise

Perguntas exploratórias relacionadas ao terceiro objetivo específico	
Analisar a validade de utilizar a urbanidade como categoria de estudo nesta investigação.	
Pergunta	Possibilidade de Análise
Urbanidade e integração socioespacial são a mesma coisa? Há algo que a adoção do termo "urbanidade" acrescente à noção de integração socioespacial utilizada neste estudo?	Análise e discussão teórica posterior às análises e discussões relacionadas aos dois primeiros objetivos específicos.
Em face dos resultados dos dados analisados nos dois outros objetivos, qual a viabilidade de pensar urbanidade? Ela ainda é uma categoria válida?	
É necessário redefinir urbanidade? É uma disposição projetual? Uma boa vontade? Uma experiência? Um recurso retórico?	

Fonte: a autora, 2023.

No próximo capítulo, deteremo-nos com mais atenção às discussões dos resultados. Antes de prosseguirmos, contudo, é necessário fazer uma ressalva quanto às limitações dos dados obtidos. Quando este texto vier a público, os dados levantados no recorte físico-espacial do estudo de caso já não corresponderão ao que poderá ser verificado empiricamente. Houve um distanciamento temporal maior do que desejávamos entre as pesquisas empíricas e a conclusão deste trabalho. Sobre isso, já nos demoramos em outras partes deste documento.

A atualização, sobretudo dos dados de campo, para a inclusão de mudanças ocorridas no entorno universitário e mesmo no próprio Campus de Santiago poderia ser um meio de driblar esse inconveniente. Apesar disso, resta-nos lembrar que o afastamento temporal apenas tornou ainda mais evidente uma limitação própria a qualquer trabalho dedicado ao estudo urbano, pois, sabemos, a realidade é dinâmica e toda pesquisa de campo, por mais aproximada e rigorosa que seja, é sempre limitada e provisória. Será sempre um desvio técnico, uma tradução conseguida a partir do congelamento momentâneo de um fluxo continuado de associações sociomateriais tais como são apreendidas pelo investigador.

Além disso, a contingência mais transformadora que se interpôs a esta investigação foi a pandemia de Covid-19, assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020 e que permaneceu como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional até o início de maio de 2023. O advento da pandemia provocou uma série de ajustes nos modos de interação entre humanos; a intensificação do uso de dispositivos de tecnologias informacionais e de comunicação; bem como efeitos sobre a saúde mental de muitos humanos que passaram a modificar seus comportamentos e modos de interação nos espaços coletivos e públicos. Assim, a ideia de retornar ao recorte de pesquisa traria tantos novos conteúdos que ensejaria uma outra investigação.

Finalmente, estamos convictas de que as limitações de representação próprias aos estudos urbanos não diminuem a capacidade de construção do conhecimento a partir dos debates e reflexões que ensejam. De outro modo, podemos imaginar esse esforço investigativo como uma pausa necessária à análise.

6. Caracterização físico-espacial do Campus de Santiago e seus espaços de fronteira

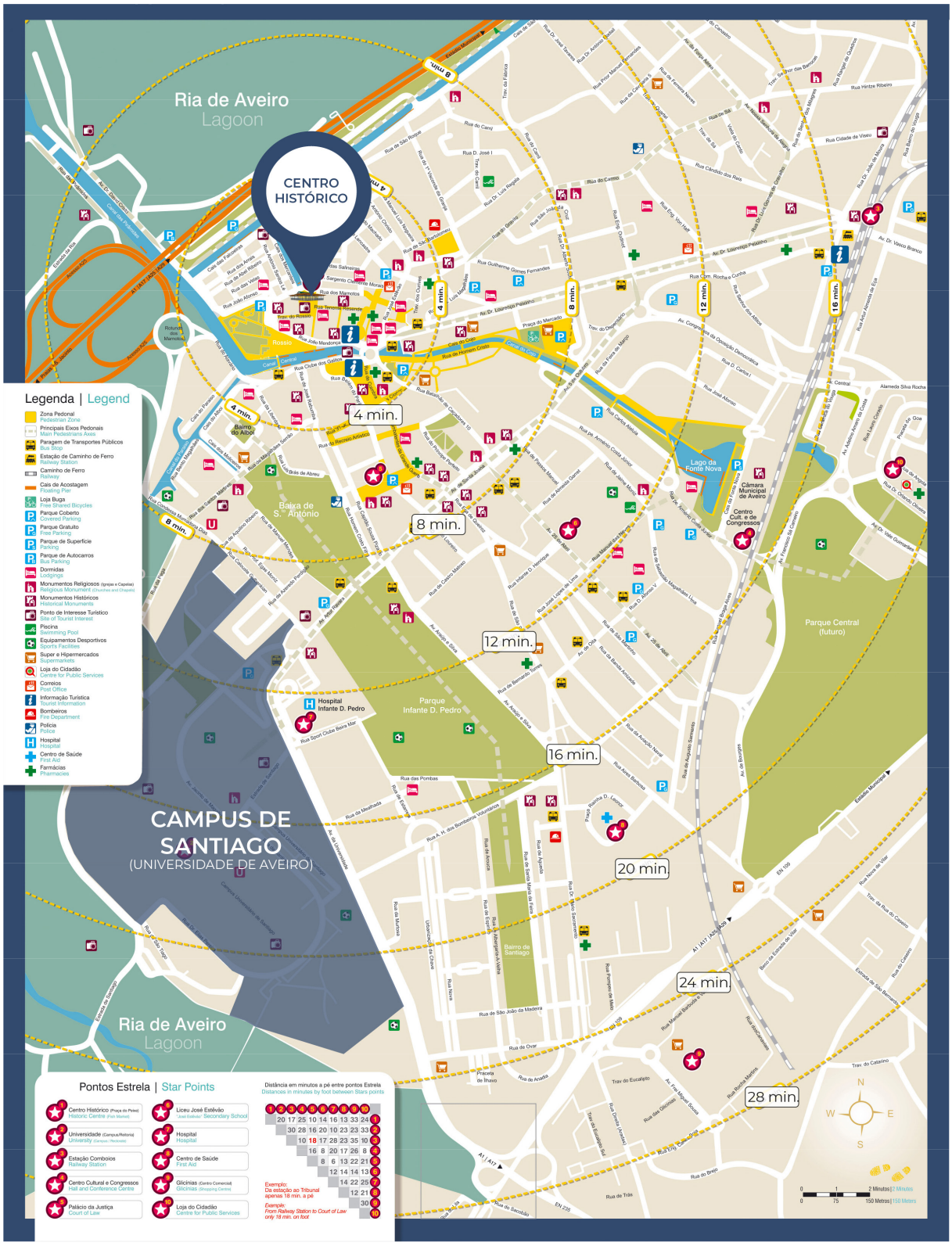
Neste capítulo, dedicaremo-nos à apresentação da caracterização físico-espacial do Campus de Santiago e seus espaços de fronteira. Antes de prosseguirmos, é importante ressalvar que, por interesse de nossa investigação, restringimos a área do Campus de Santiago a todo espaço construído dessa grande área contínua, circundada por vias públicas, que se limita a Norte com a R. de Calouste Gulbenkian; a Oeste, com a R. da Pega; a Leste, com a Av. João Jacinto de Magalhães e Av. da Universidade. Entretanto, há lotes com usos e ocupações universitárias separados do terreno central pelas vias públicas circundantes, a exemplo da Fábrica Ciência Viva, na R. de Calouste Gulbenkian; da Marinha Grande, na R. da Pega; e do Instituto Superior de Contabilidade e Administração (ISCA-UA), na Av. da Universidade (ver Mapa 03, na seção 4.2).

Em termos de localização, o Campus de Santiago da Universidade de Aveiro, pode ser considerado um campus universitário periférico, embora sua distância até o centro urbano não seja das mais expressivas. No mapa pedonal elaborado por técnicos da Câmara Municipal de Aveiro (CMA, Mapa 04), demonstra-se como esse campus está a um raio de cerca de 20 minutos de caminhada a partir da zona do Rossio, no centro histórico. A cidade de Aveiro é pequena e majoritariamente plana, o que facilita a circulação pedonal pela cidade.

No mapa de espaços de fronteira (Mapa 05), estão indicadas as várias entradas do campus, que servem para pedestres, ciclistas e veículos motorizados. Há um grande investimento público em infraestrutura para utilizadores de bicicleta e bastante incentivo para ampliação do uso desse meio de transporte, bastante conveniente para a geografia da cidade (pequena e plana). Por isso, foi possível identificar ao longo do Campus alguns trechos descontínuos de ciclovia (Mapa de Caminhos e Traçados - Mapa 11). E mesmo no espaço público circundante, a R. da Pega tinha uma ciclovia desgastada ao longo da margem da Ria. Existe oferta de transportes públicos coletivos, mas os horários eram bastante espaçados, sobretudo aos fins de semana.

No que se refere à acessibilidade regional, o campus margeia a Estrada Nacional 235 (EN235) em um trecho muito próximo ao cruzamento com outra importante Estrada Nacional, a EN109, que se estende de Norte a Sul do país, ligando a cidade do Porto a Leiria. Em relação aos transportes coletivos públicos, há ofertas que cobrem a cidade e a região. Ainda no mapa pedonal (Mapa 04), é possível ver a distância da estação de Comboios de Portugal (CP), contígua à estação rodoviária, em um raio de 20 minutos de caminhada até o Campus de Santiago. A linha de Aveiro está entre as ofertas de comboios urbanos do Porto, ligando essas duas cidades. Não é raro um fluxo diário intenso de pessoas que trabalham e estudam em cidades próximas tanto de uma quanto de outra

Mapa 04 – Mapa pedonal elaborado pela Câmara Municipal de Aveiro (CMA), editado pela autora



Fonte: *Website* institucional da CMA. Disponível em: https://www.cm-aveiro.pt/visitantes/mapa-da-cidade. Acesso: 16 set 2020. Imagem com edição da autora, 2023.

Mapa 05 – Mapa temático do Campus de Santiago, com indicação dos espaços de fronteira



Fonte: a autora, 2020.

região. Essa proximidade da Região do Porto garante a acessibilidade por meio aéreo, uma vez que o aeroporto do Porto é o mais próximo de Aveiro.

Conforme é possível observar no Mapa de Distribuição, Densidade, Compacidade e Marcos (Mapa 07), a densidade construtiva do campus de Santiago é bastante similar àquela encontrada a leste, no entorno da Av. da Universidade (EN235), visto ser uma área ocupada por outros grandes equipamentos urbanos, tais como escola, hospital, seminário etc., além de grandes conjuntos residenciais multifamiliares, como o Bairro de Santiago, a Urbanização Chaves e alguns outros edifícios existentes a norte, próximos à R. de Calouste Gulbenkian (EN 235) (Ver usos e ocupação do entorno imediato no Mapa 06). Apesar disso, ainda há núcleos residenciais unifamiliares no entorno do Campus que apresentam densidade construtiva bastante diferente, localizados a poente, ao longo da R. da Pega (o Bairro da Beira-Mar). Também há o Bairro da Misericórdia, alinhado ao Campus em sua face norte.

É possível ter uma percepção clara de conjunto não apenas pela compacidade do território como pelo gabarito das edificações e por seus revestimentos de fachada. Em geral, as edificações não passam dos quatro pisos e estão revestidas com tijolos cerâmicos. O fato de praticamente não haver vias de tráfego automotivo no interior do campus também contribui para uma percepção de compacidade.

A distribuição das edificações no Campus segue uma linha forte no sentido de norte a sul, com uma maior ocupação e densidade, na porção sul, onde os edifícios estão interligados por uma passarela coberta, conformando a alameda central do campus (Fotomontagem 18). Essa mesma alameda é um dos marcos do Campus. Na ficha de análise que Videira (2017, vol. 2, p.341) elaborou para o Campus de Santiago, além da alameda, a autora considerou como marcos os edifícios da Reitoria e do Complexo Pedagógico, que são espaços importantes de congregação da comunidade acadêmica (Fotomontagem 18). Na nossa análise, incluímos a praça central e a biblioteca, pois são referências de localização e identificação, além da importância institucional dos usos que esses edifícios abrigam. Há um vasto repertório de elementos notáveis no campus, conhecido como uma das maiores coleções da arquitetura contemporânea portuguesa (Toussaint *et al*, 2004. Apêndice D – Notícias 08.02, 11.04, 18.14,19.94, 20.14, ver Mapa 02 e Fotomontagem 17, na seção 4.2). Por isso, o próprio Campus de Santiago é um marco urbano, frequentemente incluído em roteiros turísticos na cidade de Aveiro (Apêndice D, Notícia 06.02).

A reconhecida qualidade arquitetônica do conjunto edificado do Campus de Santiago é conseguida não apenas pela variedade de edifícios projetados pelos mais renomados arquitetos portugueses, mas também devido aos espaços abertos que lhe servem de suporte. Uma diversidade

Mapa 06 – Usos e ocupações no entorno imediato do Campus de Santiago



Fonte: a autora, 2020.

Mapa 07 – Mapa temático com indicação das variáveis distribuição, densidade, compacidade e marcos



Fonte: a autora, 2020.

Fotomontagem 18 – Marcos arquitetônicos no Campus de Santiago











Fonte: 1,2,4,5 – a autora, 2018. 3 – PONTES, A. B. AMARO, C. SILVA, J. N. OLIVEIRA, P., 2018. Disponível em: http://planos.web.ua.pt/. Acesso: 09 jun 2023.

de espaços abertos dá força expressiva ao conjunto, tais como a praça central, a alameda e as passarelas cobertas.

O plano de ocupação do Campus de Santiago que é atualmente seguido corresponde àquele elaborado pelo CEFA-UP, sob coordenação de Nuno Portas, com especial atenção aos espaços abertos que deveriam servir de suporte para as edificações. Seja por determinações do plano, por decisões dos profissionais que interviram na área ou mesmo por heranças de planos anteriores, há no Campus de Santiago uma abundância de espaços abertos para uso coletivo (Mapa 08 e Fotomontagem 19).

No Campus, não existem impedimentos para o acesso e circulação pública de pedestres, ciclistas e automóveis. A organização dos espaços abertos é de tal modo que os estacionamentos e a circulação automotiva estejam restritos às áreas mais externas, restando um espaço concentrado livre para pedestres nas áreas mais centrais do Campus.

No mapa de **Circulação** (Mapa 09), inclusive, é notável a capilaridade dos passeios de pedestres, principalmente na porção mais ao sul do Campus. Também é possível perceber as vias públicas próximas. Os traçados de vias de circulação internas contornam o campus e dão acesso a bolsões de estacionamentos pagos, restritos e livres, geralmente nos espaços de fronteira ou em áreas próximas a eles. A distribuição de estacionamentos e de vagas está indicada no Mapa de Estacionamentos (Mapa 10).

É interessante destacar que a via de circulação interna que contorna o campus ao Sul torna-se importante eixo de ligação entre as vias públicas do Lugar de São Tiago com a Av. da Universidade. De outro modo, se não fosse possível circular pelo campus, os moradores do Lugar de S. Tiago ficariam ainda mais isolados da restante cidade, confinados entre a Ria de Aveiro e o campus universitário.

O privilégio ao pedestre é percebido claramente, sobretudo na porção sul do campus (Mapa 11 e Fotomontagem 20). Há muitas opções para circulação pedonal, inclusive, com as passarelas cobertas ao longo dos edifícios de departamentos. Em geral, os passeios para pedestres são bem mantidos e seguem as medidas adequadas a diferentes públicos e necessidades. Entretanto, com exceção de uma indicação de rota acessível por meio do uso de piso tátil sob as passarelas cobertas alinhadas à alameda central do campus, não havia dispositivos dedicados a facilitar o deslocamento de pessoas com deficiências visuais, de locomoção ou sonoras.

Nas áreas mais a noroeste do Campus já não se verifica a mesma ênfase nas superfícies caminháveis. Nessa região, a carência de passeios construídos para pedestres fica evidenciada pela existência de caminhos espontâneos que ligam as entradas (formais e informais) pela R. da Pega aos

diversos edifícios da UA. No entorno do Campus, percebe-se a escassez de superfícies apropriadas para pedestres, ao longo da R. da Pega e em grande trecho da Av. da Universidade.

Existem dois trechos descontínuos de ciclofaixa dentro do Campus, o primeiro inicia-se nas proximidades da esquina da R. de Calouste Gulbenkian com a Av. João Jacinto de Magalhães e segue até o gramado em frente ao edifício da reitoria. Nesse ponto, há opções de um ciclista seguir em rota não demarcada, imiscuído entre as áreas para pedestres, na praça e na alameda central, ou seguir pela faixa de rodagem da via de circulação interna do Campus, até encontrar um novo trecho de ciclofaixa, a cerca de 300m dali. A R. da Pega também dispunha de área para ciclofaixa demarcada, eventualmente ocupada por carros estacionados. À altura do levantamento de campo, só existiam duas ciclofaixas na cidade de Aveiro, a da R. da Pega e outra na Av. Lourenço Peixinho (Apêndice D – Notícia 07.03).

Há ainda duas passagens em nível no Campus. Uma, é a ponte pedonal sobre o Esteiro de São Pedro, um braço da Ria que passa entre o Campus de Santiago e o Campus do Castro. Assim, a ponte serve de ligação pedonal para aqueles que transitam entre os dois campi da UA. A segunda passagem em nível corresponde a uma passarela sem cobertura, construída para facilitar atravessamentos de pedestres na Av. da Universidade. Essa passarela inicia-se, do lado do Campus, entre os edifícios da Residência Universitária (B) e da Creche (G)[1], passa suspensa sobre a Av. da Universidade e encerra na calçada em frente à Escola Básica João Afonso. Ainda com o intuito de facilitar o percurso de pedestres, no interior do campus, existem as passarelas cobertas entre os edifícios departamentais, de modo a garantir abrigo para aqueles que precisem transitar entre diferentes departamentos.

A categoria de **elementos verdes** é um tanto controversa. Um dos ditos *outdoor rooms* (Videira, 2017; Alexander *et al*, 1977/2013) mais representativos no Campus de Santiago, a praça central, é o que dispõe de menor presença vegetal. Poderíamos dizer que, em conjunto, praça e alameda central conformam o coração do campus. Especificamente em torno da praça central estão localizados alguns dos principais edifícios de utilização coletiva da comunidade acadêmica, como reitoria, biblioteca, cantina entre outros. Sob o conjunto formado pela praça e as edificações que a emolduram, além de um estacionamento, está organizada uma série de serviços complementares em uma zona técnica, que passou a ser curiosamente referido pela comunidade acadêmica como "catacumbas" (Apêndice D – Notícias 18.23 e 19.56).

Ao norte da praça central, um edifício cuja cobertura segue a forma de uma arquibancada

1 Numerações e letras referentes às edificações do Campus de Santiago, conforme sinalética utilizada pela Universidade de Aveiro. A localização das edificações e legendas correspondentes podem ser encontradas no Mapa 03, seção 5.2.

Mapa 08 – Espaços abertos do Campus de Santiago



Fonte: a autora, 2020.

Fotomontagem 19 – Espaços abertos do Campus de Santiago



Vista da praça central com "arquibancada" ao fundo (edf. Q)



Gramado em frente à reitoria (25) e ao CIFOP (5), com edf. de cantinas ao fundo (6) e da biblioteca (fundo, à direita, edf. 17).



Vista da passarela coberta que contorna a alameda central



Alameda central, vista a partir do Sul.



Espaços gramados, ao fundo, edf. do depto. de Ordenamento (7)



Vista do tanque de detenção



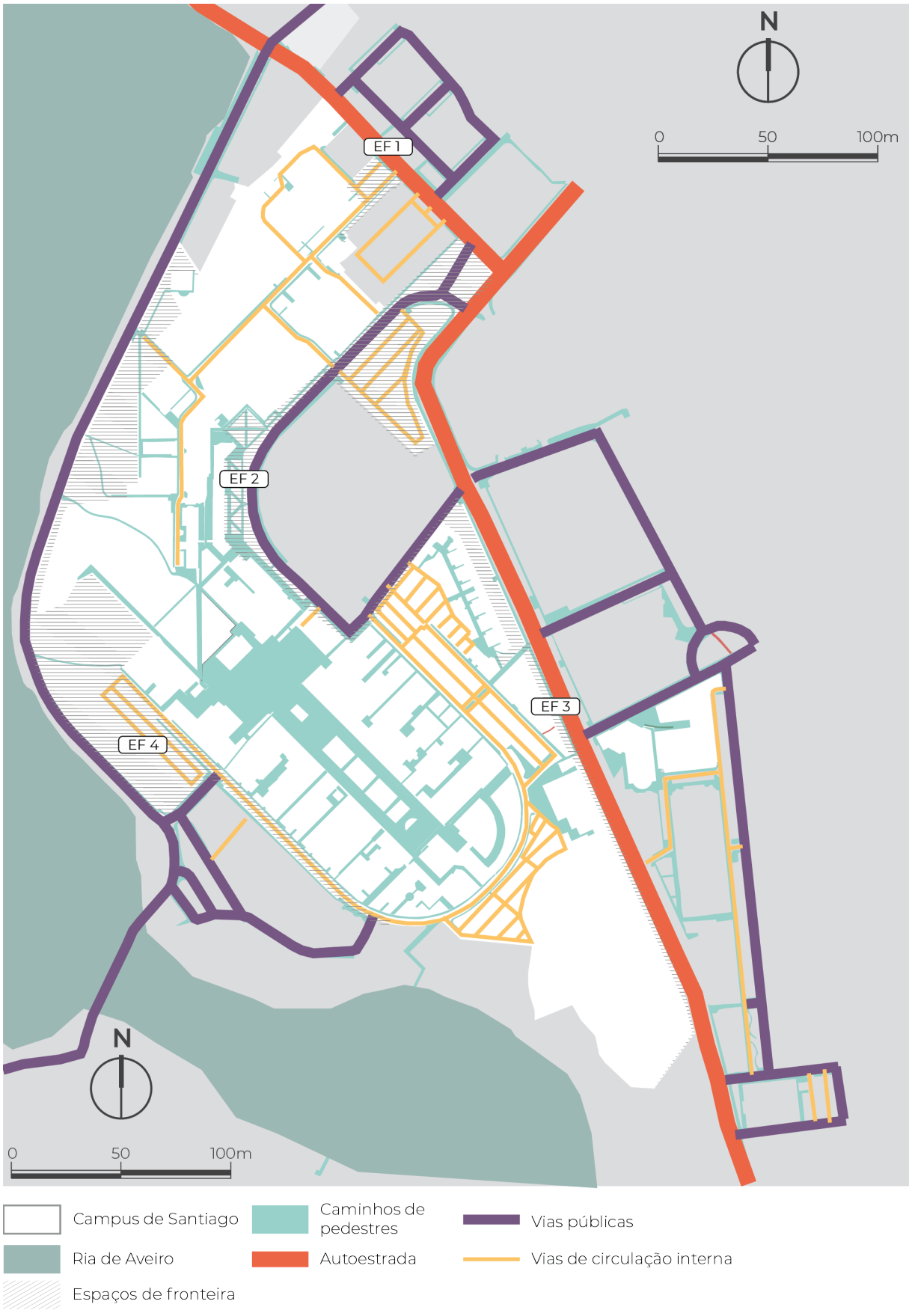
Vista da ciclofaixa, ao lado do dept° de Matemática (11)



Vista da área em solo natural com baixa manutenção. Na imagem, IEETA (24) e Dept° de Biologia (26).

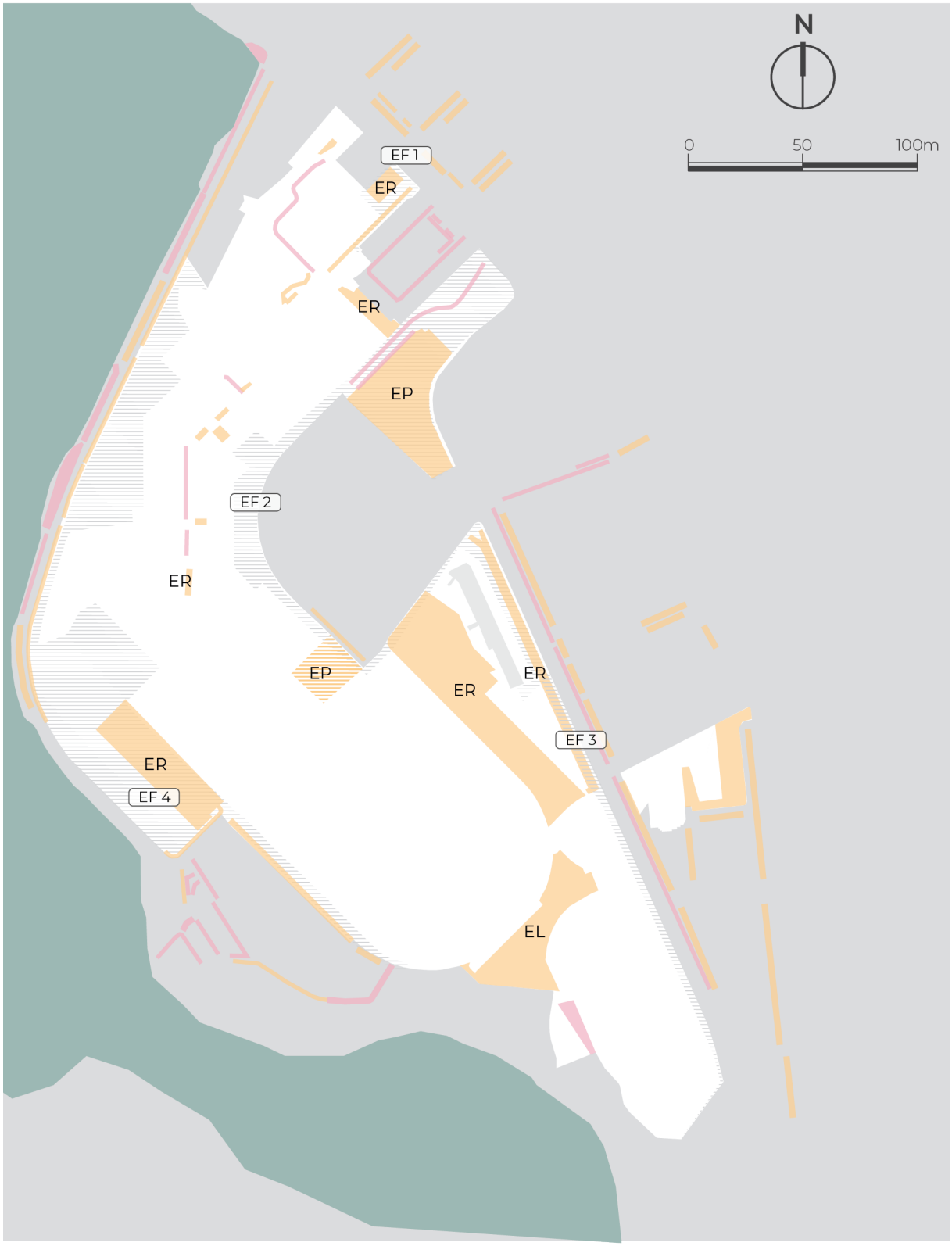
Fonte: a autora, 2018.

Mapa 09 – Mapa temático da variável "circulação"



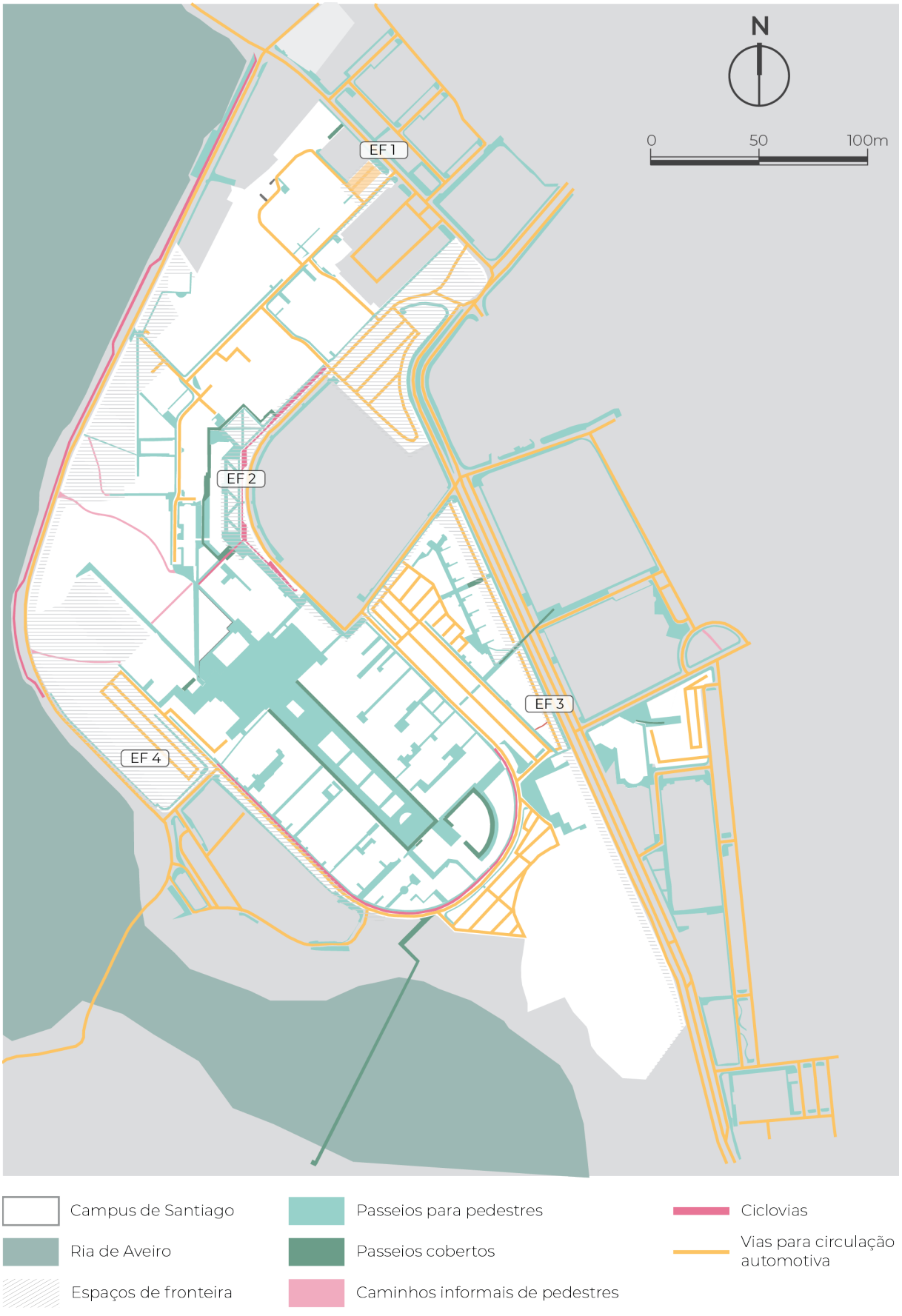
Fonte: a autora, 2020.

Mapa 10 – Estacionamentos no Campus de Santiago



Fonte: a autora, 2020.

Mapa 11 – Mapa temático da variável “caminhos”



Fonte: a autora, 2020.

Fotomontagem 20– Vias de circulação e entorno universitário



Vista da via de circulação interna



R. de Calouste Gulbenkian, vista a partir da Entrada Norte do Campus de Santiago.



Av. da Universidade, vista a partir da entrada do hospital Infante D. Pedro



Av. da Universidade, nas imediações do campo de futebol da UA.



Via local da Av. da Universidade, nas proximidades da Residência Universitária (B).



Estacionamento restrito, visto a partir do Pavilhão Aristides Hall (E).



Estacionamento do EF 4.1, visto a partir da praça central.



Vista da R. da Pega.

Fonte: a autora, 2018.

(Q) dá continuidade à superfície acessível a pedestres. Sobre o edf. Q, é possível ter uma visão panorâmica do conjunto formado pelos edifícios de departamentos e alameda central, ao longo de um eixo longitudinal que se inicia na praça central e segue em direção ao sul. Essa alameda constitui um espaço ajardinado, destinado à convivência acadêmica (Fotomontagem 21, imagem 02).

Devido ao tamanho da área que um campus universitário ocupa e até mesmo em função da permanência das referências iniciais dos primeiros campi estadunidenses, sobretudo os de F.L. Olmsted, a dimensão paisagística tem grande importância. Os elementos verdes, portanto, são recursos recorrentemente utilizados em espaços abertos coletivos de campi universitários, mas também podem indicar espaços deixados sem manutenção seja à espera de novas construções, seja por se tratar de um recuo para o qual não se pensou em nada mais efetivo além do cumprimento de uma regulamentação urbanística.

No Campus da UA, não há florestas, se bem que haja o espaço junto ao pequeno lago natural, circundado por vegetação ciliar. Apesar de estar muito perto da fronteira com a R. da Pega, o mais próximo que se chega desse lago é por meio de um passeio que se estende a partir da lateral da biblioteca (17) e que se encerra a uma distância tal do cercamento da área, que mal se consegue perceber a superfície da água (Fotomontagem 21, imagem 01).

No geral, a vegetação presente no campus é principalmente arbustiva, com algumas linhas de árvores utilizadas nas fronteiras com as vias públicas, na alameda central (Fotomontagem 21, imagem 02) e no jardim de uma da lagoa sanitária (Fotomontagem 21, imagem 03). Há abundância de espaços ajardinados, aqui diferenciados entre "espaços de solo natural" ou "vazio", que também podem ser gramados com baixa manutenção, uma vez que o estado de conservação da cobertura vegetal pode influir nas atividades que são desenvolvidas nesses espaços. No Mapa 12, é possível observar a representação da variável "elementos verdes" no Campus de Santiago.

Por trás da entrada principal da biblioteca (17) e da praça central, no nível das "catacumbas", uma grande área de gramados entrecortados por passeios para pedestres ocupa o pátio formado pela implantação do "edifício arquibancada" (Q), do CIFOP (5) e da biblioteca (17) (Fotomontagem 21, imagem 04). Na porção sul do Campus, os espaços entre os edifícios departamentais são ocupados por gramados, solo natural ou jardins mais tratados, com presença de bancos ou outro tipo de mobiliário (Fotomontagem 21, imagens 05 e 06). Há uma grande superfície de gramado também na frente do edifício da reitoria e em pequenas áreas de canteiros nas proximidades de outras edificações mais ao norte do Campus (Fotomontagem 21, imagem 07). Entre os edifícios departamentais na porção ao norte da praça central, há sempre pátios, largos e jardins que se formam na articulação dos edifícios e das passarelas cobertas (Fotomontagem 21, imagem 08).

No complexo esportivo, há uma vasta área em solo natural ou de gramado, com a presença de um campo de futebol circundado pela pista de atletismo. Esses espaços são de acesso restrito, cercado por alambrados, portanto, não acessíveis a qualquer um que esteja a circular pelo Campus. Em relação a superfícies permeáveis, a maioria das vagas dos estacionamentos são revestidas com pisos drenantes em blocos vazados.

Por orientação do plano do CEFA-UP, foram deixadas algumas pré-existências das terras agrícolas que anteriormente ocupavam o terreno. Assim, é possível encontrar ruínas de uma edificação às margens da R. da Pega, além de poços de água pelos jardins do campus. Outros elementos aquáticos são os espelhos d'água projetados na alameda central, o lago natural, um conjunto de lagoas sanitárias próximas à estação meteorológica, além da lagoa sanitária margeada por patamares ajardinados e arborizados (Fotomontagem 21, imagem 03).

Nos limites do Campus com a R. da Pega, vê-se uma vasta área de espaços como que deixados em solo natural. O fato de as demais áreas ajardinadas serem bem cuidadas e essas parecerem estar mais "ao acaso" dá-nos uma impressão de frente-fundo, de modo que esses espaços, juntamente com os desgastes da R. da Pega dão a impressão de fundos do Campus (Fotomontagem 19, imagem 08).

As variáveis **barreira, limites e fronteiras** (Mapas 05 e 13) são bastante importantes nesta investigação, uma vez que direcionam nossa atenção precisamente aos espaços de fronteira do Campus. Com exceção de algumas poucas áreas e dos controles de acesso nas edificações, não há restrições de circulação pedonal ou veicular a qualquer horário do dia no interior do Campus. Assim, conforme define Videira (2017), o Campus de Santiago é um recinto aberto, no qual a separação entre os domínios da universidade e do espaço público nem sempre está bem demarcada a partir dos elementos construtivos. Em algumas situações, os espaços abertos iniciados na fronteira do lote com o entorno adentram o Campus, sem que haja uma interrupção físico-espacial evidente.

Com o intuito de estabelecer um recorte de análise, utilizamos alguns critérios para definir "graus de interiorização". Assim, os espaços abertos mais reservados têm acesso restrito, a exemplo da área do pequeno lago natural, anteriormente mencionada, dos pátios internos das edificações ou das áreas do complexo esportivo. Os espaços abertos internos são aqueles que estão na continuidade dos espaços de fronteira, mas não há qualquer dúvida de que se esteja no interior do Campus, principalmente pela presença de edificações ou outros elementos construtivos que sirvam para demarcar os espaços.

Finalmente, os espaços de fronteira são aqueles que estão, grosso modo, entre os confrontantes, as vias públicas e as edificações universitárias. A depender do caso, nem sempre são percebidos

Fotomontagem 21 – Elementos verdes no Campus de Santiago



Fonte: a autora, 2018.

Mapa 12 – Mapa temático dos "elementos verdes"



Fonte: a autora, 2020.

com clareza como domínio universitário. A marcação desses espaços está no Mapa de Fronteira (Mapa 05). Identificamos quatro espaços de fronteira no Campus de Santiago.

O Espaço de Fronteira 1 (EF 1) margeia a R. de Calouste Gulbenkian (EN235), o Estabelecimento Prisional de Aveiro e o Bairro da Misericórdia. Compreende o recuo da residência universitária para docentes e a entrada norte do Campus. Nesse espaço, as barreiras físicas existentes entre campus e via pública servem para delimitação do espaço e marcação de entradas, sem criar qualquer obstáculo visual (Mapa 13). Por questões de segurança, muros altos separam o estabelecimento prisional. Na área onde está a entrada norte, consideramos que o EF 1 continua até encontrar os edifícios 1 e 37 (numeração conforme sinalética utilizada pela Universidade de Aveiro). A separação entre o Campus e o Bairro da Misericórdia é feita por cerca viva.

O Espaço de Fronteira 2 (EF 2) inicia-se ainda na R. de Calouste Gulbenkian (EN235), mas segue margeando um trecho da Av. da Universidade (EN235). Acompanha toda a extensão da Av. João Jacinto de Magalhães até essa encontrar-se com a R. Dom António Marcelino, na lateral do Seminário de Santa Joana Princesa, e finalizar na esquina dessa rua com a Av. da Universidade (EN235). Esse espaço é conformado por um grande estacionamento pago, o jardim na frente dos edifícios com fachadas para a Av. João Jacinto de Magalhães e o passeio da R. D. António Marcelino, no limite de outro bolsão de estacionamento restrito. É o espaço de fronteira mais integrado ao espaço público, praticamente sem barreiras e onde os limites entre domínios público e universitário podem ser meio difusos. É também o mais bem mantido, além de dar acesso à praça e à alameda central, principais espaços abertos de congregação acadêmica.

O Espaço de Fronteira 3 (EF 3) segue ao longo da Av. da Universidade. É dos espaços mais bem definidos, seja pela fachada dos edifícios, seja por meio de cercamento no trecho entre a Av. da Universidade (EN235) e a Pista de Atletismo. No EF 3, apenas a esquina da Av. da Universidade (EN235) com a R. D. António Marcelino corresponde a entrada e saída de automóveis. Em contrapartida, é possível que pedestres acessem o campus pela residência universitária para discentes (B); por meio da passagem superior nas imediações da R. Santiago; e em frente à R. Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro (Rua A.H.B.V. de Aveiro).

No que se refere à fronteira com o Campus do Castro, a própria Ria é uma barreira natural, condicionando toda a ligação entre os dois campi através da ponte pedonal. No EF 4, para separar a via de circulação interna das edificações do Lugar de São Tiago é utilizado um cercamento. A via de circulação interna é de tal modo necessária para o tráfego comum que, à primeira vista, parece ser uma via integrante do sistema viário público. Inclusive, algumas das entradas de automóveis nesse trecho do Campus dão-se a partir do encontro dessa via com a R. da Pega ou com a R. de S.

Mapa 13 – Mapa temático da variável "barreiras"



Fonte: a autora, 2020.

Tiago.

Os espaços de fronteira identificados no Campus de Santiago têm diferentes configurações e cumprem funções distintas, conforme veremos adiante. Dentro dos quatro espaços de fronteira existem estacionamentos, já que, por decisão do plano elaborado pelo CEFA-UP, esses espaços foram distribuídos pela periferia do Campus, de modo a liberar o interior para fluxo de pedestre. Ainda assim, o número de vagas ofertado parece ser insuficiente, dada a quantidade de ocupações irregulares improvisadas em alguns espaços do Campus e de seu entorno imediato, sobretudo ao longo da R. da Pega (próxima ao EF 4). No mapa de estacionamentos (Mapa 10), percebemos com clareza a distribuição de estacionamentos nas bordas do Campus, inclusive com a indicação de áreas em que existiam automóveis estacionados em espaços não demarcados para tal propósito.

Na sequência da caracterização físico-espacial do Campus, seguiremos na análise dos Espaços de Fronteira (EF) propriamente ditos, conforme anteriormente identificados e representados no Mapa de Espaços de Fronteiras (Mapa 05). Para o desenvolvimento desta análise, foram utilizados como guias a ficha de *Inventário do Lugar* e os parâmetros propostos nos *12 critérios para um espaço urbano de qualidade*, ambos do Instituto Gehl.

6.1 Análise físico-espacial do EF 1 – Entrada Norte

O Espaço de Fronteira 1 é plano, não contínuo e está dividido em dois trechos. Corresponde ao recuo em frente à residência universitária para docentes, interrompido pela presença do estabelecimento prisional de Aveiro, que separa o primeiro trecho do EF 1 da área onde está a entrada norte do Campus. Para o interesse de nossa investigação, dedicamos maior atenção apenas à porção do EF 1 que está localizada na entrada norte do Campus de Santiago.

Esse espaço de fronteira é o menor dos quatro analisados, com um perímetro de frente para a R. de Calouste Gulbenkian (EN235), ao norte, de aproximadamente 40m. A oeste, o EF 1 está no limite com o já referido estabelecimento prisional de Aveiro e, a leste, com o Bairro da Misericórdia, um conjunto de residências unifamiliares. Do outro lado da via, está localizado um conjunto de edificações multifamiliares de três pavimentos, distribuídas entre passeios de pedestres, estacionamentos e vias automotivas. As edificações estão recuadas em relação à R. de Calouste Gulbenkian graças a um largo canteiro gramado, na continuação do qual, bem à frente da entrada norte do Campus de Santiago, está disposto um pequeno parque infantil. Ao lado do conjunto residencial, existe um restaurante com ambiente interno e esplanada coberta com toldos,

na continuação do passeio público.

Embora as barreiras entre o Campus e seus confrontantes sejam bem demarcadas no EF 1, há bastante permeabilidade visual e possibilidade de atravessamentos sem grandes constrangimentos físicos. Por questões de segurança, há muros altos que separam o Campus do estabelecimento prisional, mas na frente da Rua de Calouste Gulbenkian, há apenas muretas baixas para demarcação de perímetro. Não existem portões de acesso ou cancelas que controlem entradas e saídas de pedestres ou de veículos no Campus. Cercas vegetadas, com aproximadamente 1,5m de altura, separam o Bairro da Misericórdia do Campus de Santiago (Fotomontagem 22).

O EF 1 tem uma função bem evidente de entrada automotiva e de pedestre para o Campus, provavelmente, a mais bem demarcada e sinalizada. Esse espaço de fronteira também serve como estacionamento de automóveis e para delimitação entre o Campus e seus vizinhos (Fotomontagem 23, Mapa 10). No momento em que foi desenvolvida a pesquisa empírica, o EF 1 estava em bom estado de conservação, com espaços limpos e bem mantidos.

A maior área do EF 1 é destinada à circulação ou o estacionamento de automóveis (Mapas 14 e 15). Ali, inicia-se uma via interna que segue até a metade do Campus, já no limite do EF 4, nas proximidades do edifício do Departamento de Ambiente e Ordenamento (7). Não existe ciclofaixa no EF 1 e o passeio para pedestres só está em um dos lados da via interna do Campus. É estreito e construído com pequenas pedras de formas irregulares, a calçada portuguesa. A via de circulação veicular é asfaltada, inclusive no estacionamento, onde as áreas das vagas têm superfície coberta com blocos vazados drenantes. Há demarcação de espaços para vagas de automóveis sobre o asfalto da via, alinhadas com a guia do passeio de pedestres (Fotomontagens 23).

Em relação à presença de elementos verdes, há muitos canteiros gramados e ajardinados, com arborização, no alinhamento da via de circulação interna. Do lado do passeio de pedestres, o canteiro ajardinado é limitado pelas cercas vegetadas que separam o Campus do Bairro da Misericórdia. No estacionamento restrito, embora parte do piso seja permeável, não há cobertura vegetal (Fotomontagem 24). Não existem marcos arquitetônicos no EF 1. No Apêndice C, está incluída a ficha de Inventário do Lugar realizada durantes as visitas de campo no EF 1, onde foram registradas a localização e disponibilidade de mobiliário urbano, tanto quanto o questionário adaptado da ficha modelo do Institulo Gehl[2].

No quadro 10, a seguir, está uma síntese da aplicação, no EF 1, da avaliação proposta nos *12 critérios de qualidade dos espaços públicos* propostos por Gehl. Segundo nossa análise, o EF 1 atende satisfatoriamente a metade dos critérios. A análise dos critérios de Gehl segue conforme o

2 Disponível em: https://gehlinstitute.org. Acesso: 01 mai 2021.

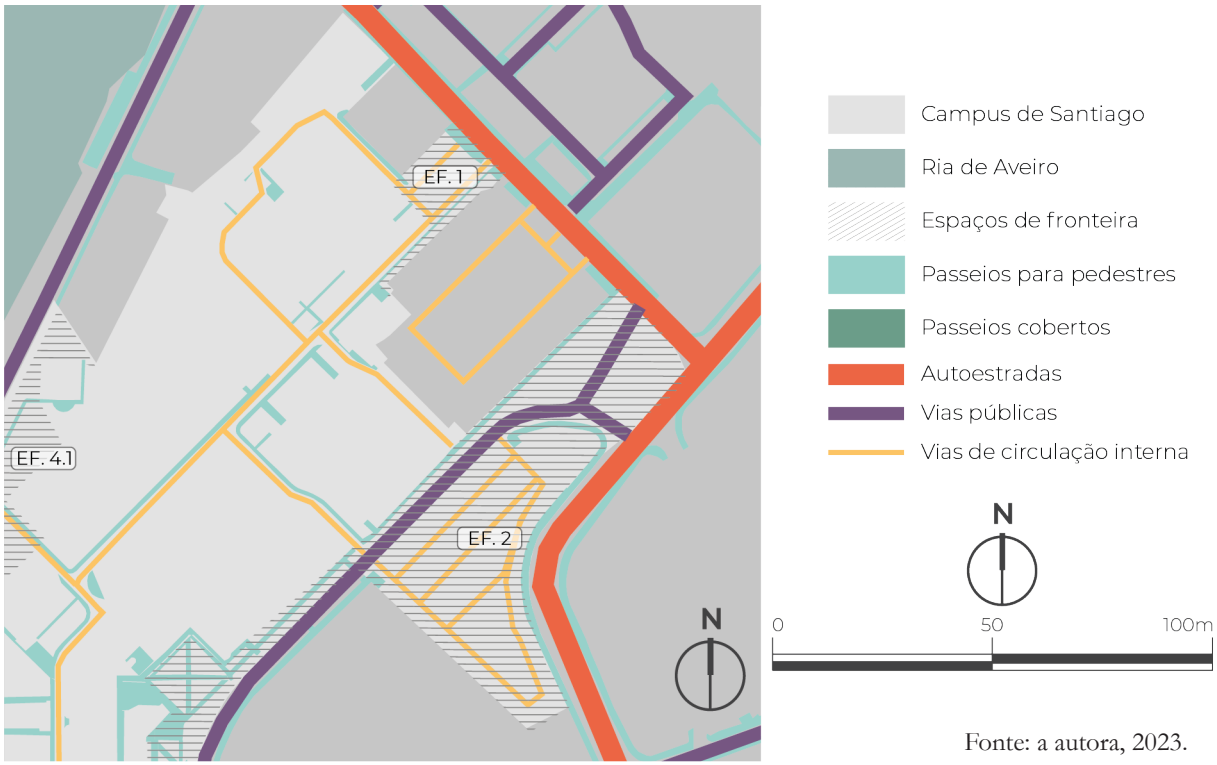
Mapa 14 – Caminhos no EF 1 – Entrada Norte



EF 1 - Mapa de traçados

Fonte: a autora, 2018-2023.

Mapa 15 – Circulação no EF 1 – Entrada Norte

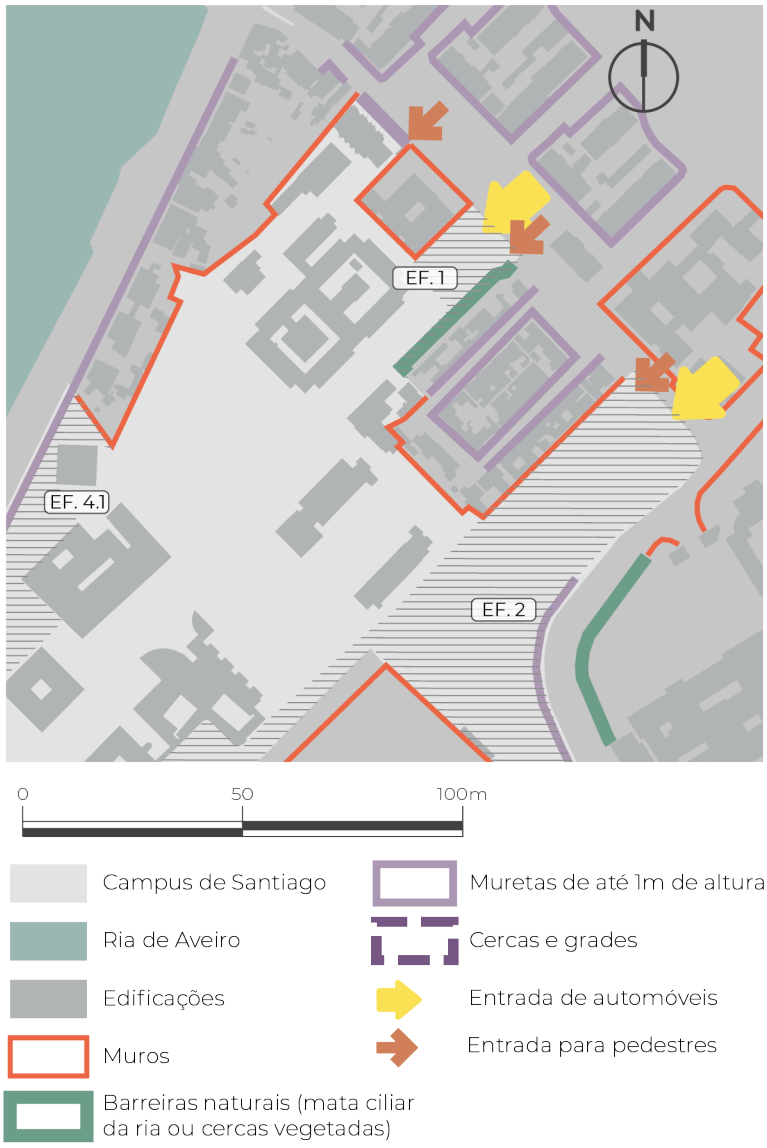


EF 1 - Mapa de circulação

Fonte: a autora, 2023.

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 22 – Barreiras no EF 1 – Entrada Norte





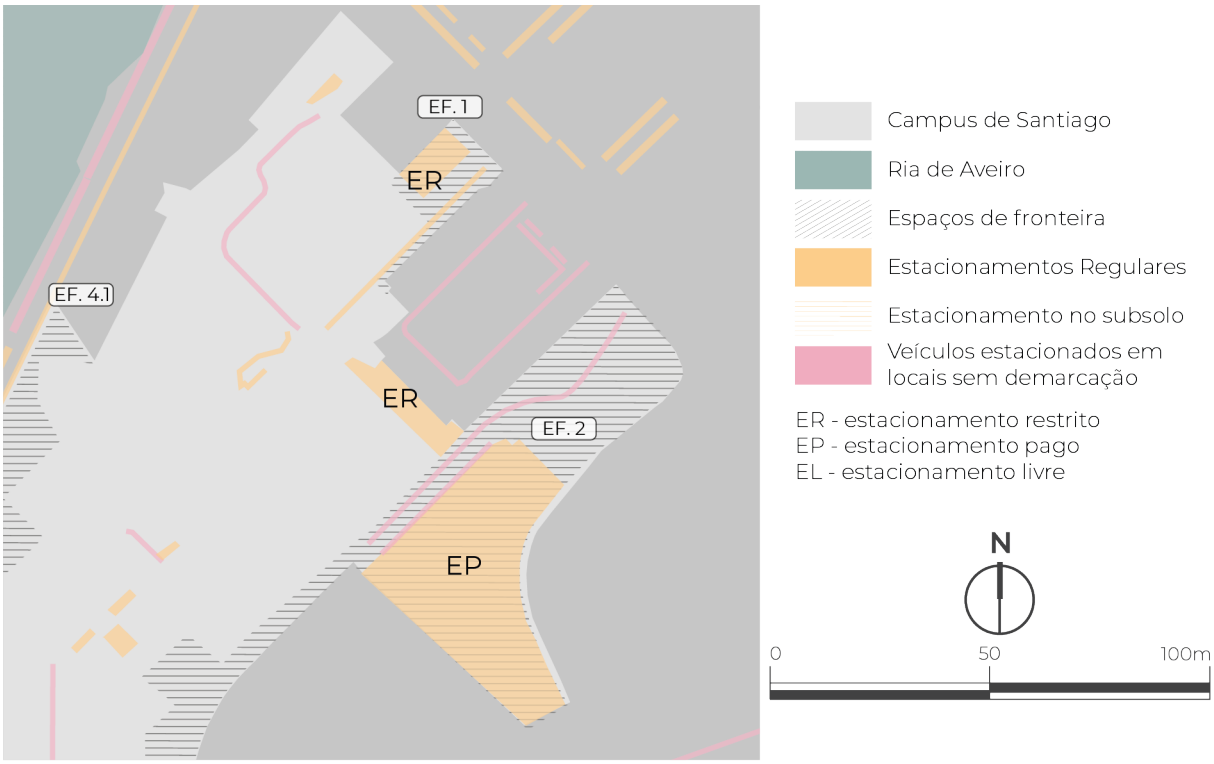






Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 23 – Estacionamento no EF 1 – Entrada Norte



EF 1 - Mapa de estacionamentos



Vagas alinhadas com passeio de pedestres



Estacionamento restrito no EF 1.

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 24 – Elementos verdes no EF 1 – Entrada Norte



EF 1 - Mapa dos espaços verdes



Fonte: a autora, 2018-2023.

Quadro 10 – Avaliação do EF 1, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl

PROTEÇÃO	**Proteção contra tráfego e acidentes.** O espaço é seguro para humanos de diferentes idades e habilidades? É possível andar ou pedalar sem medo de ser atropelado? —	**Proteção contra danos causados por outros.** O espaço é percebido como seguro de manhã e à noite? Há atividades em todos os horários? A iluminação garante segurança? ✓	**Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis.** Existe barulho, poeira, odor ou outro tipo de poluição? O espaço funciona bem quando está ventoso? Existe abrigo do sol forte, chuva ou pequenas inundações? —
CONFORTO	**Opções de mobilidade.** Esse é um espaço acessível? Existem elementos que podem limitar a caminhabilidade, o uso de cadeira de rodas ou de empurrar um carrinho? É evidente como se mover pelo espaço sem tomar um desvio ilógico? —	**Opções de Permanência.** O espaço tem elementos nos quais seja possível ficar e encostar-se, como uma fachada convidativa ou uma parada de ônibus, um banco, uma árvore, ou uma pequena saliência ou nicho? ✓	**Opções para sentar.** Existem boas opções para sentar, tais como bancos ou cadeiras? Ou só existem alternativas, tais como, escadas, muretas ou bordas de fontes? Existem assentos adequados que não sejam comerciais, i.e., que estar sentado não implique em gastar dinheiro? ✓
	Opções de vista. Os assentos existentes estão localizados em áreas onde há coisas interessantes para ver? ✗	**Opções para conversar.** É possível ter uma conversa nesse espaço? É evidente que há opções para humanos sentarem-se juntos para ter uma conversa? ✓	**Opções para brincar, exercitar-se ou jogar.** Existem opções de estar ativo em múltiplas épocas do dia e do ano? ✗
SATISFAÇÃO	**Escala humana.** As edificações e os espaços abertos têm escala humana? É possível perceber humanos no extremo do espaço como humanos ou perde-se essa noção com a distância? ✓	**Oportunidades de aproveitar o clima.** Aspectos climáticos foram levados em consideração? Existem opções de passar tempo no espaço em diferentes condições climáticas? Como os assentos estão localizados em função das variáveis climáticas? ✗	**Boa experiência estética e sensorial.** O local é bonito? Os elementos físicos do espaço têm um bom design e são elaborados com bons materiais? ✓

Legenda: ✓ Atende ao critério — Atende parcialmente ✗ Não atende ao critério

Fonte: a autora, 2022.

ordenamento apresentado no Quadro 02 da seção 3.3, entre os princípios projetuais que estamos a explorar nesta tese, a saber: autonomia de movimentos, possibilidades de permanência e atração.

Ao considerarmos os critérios "proteção contra tráfego e acidentes" e "opções de mobilidade", percebemos que o EF 1 lhes atende de modo parcial porque, embora haja um passeio de pedestres claramente separado do fluxo de automóveis, esse pode trazer alguns constrangimentos para pessoas com mobilidade reduzida ou necessidades especiais, pois são estreitos e construídos em pedras irregulares, que podem provocar trepidação em rodas ou prender saltos e bengalas. Ademais, não existem passeios no perímetro do estacionamento restrito, nem faixas de atravessamento para que alguém cruze a via de circulação interna em direção ao passeio existente.

Na R. de Calouste Gulbenkian, não há ciclofaixas, então, ciclistas dividem espaço com veículos automotores na faixa de rodagem. Os passeios para pedestres são amplos, revestidos de pequenas lajotas de concreto em formato hexagonal, parcialmente ocupados com lixeiras de coleta seletiva, sem que essas comprometam a área do fluxo pedonal. Há faixas para travessia de pedestres tanto na entrada norte do Campus quanto na via pública (ver mapa de inventário, Apêndice C).

Relacionada à "proteção contra danos causados por outros", o tema da segurança pública não

demonstrou ser um problema grave na cidade de Aveiro e no Campus de Santiago. Essa percepção foi confirmada durante as entrevistas realizadas e na pesquisa de jornais, com poucas notícias relacionadas a furtos no entorno do campus e nenhuma sobre qualquer tipo de intolerância.

No que tange à "proteção contra sensações desconfortáveis", não verificamos, no EF 1 e nem no seu entorno imediato, problemas com poluição que pudessem comprometer sua utilização. Entretanto, apesar de existir muitas áreas de sombra filtrada sob árvores, não há abrigos, marquises, passarelas ou outro tipo de área coberta capaz de proteger um pedestre em momentos de chuva ou vento excessivo.

Por estarem intrinsecamente relacionados, trataremos dos critérios "opções de permanência", "opções para sentar" e "opções para ouvir e conversar" de forma conjunta. Nesse sentido, alguns bancos de concreto, sob árvores, estão distribuídos no canteiro situado entre a cerca vegetada de limite com o Bairro da Misericórdia e o passeio para pedestre.

Apesar de existir um parque infantil bem em frente à entrada norte do Campus de Santiago, no EF 1 propriamente dito, não há espaços programados para dar "opções para brincar, jogar ou praticar atividade física". De um modo geral, o EF 1 permite "boa experiência estética e sensorial", pois é um espaço sempre limpo, bem mantido, com gramados aparados e com bastante arborização.

A "boa experiência estética e sensorial" permitida pelo EF 1 não o torna um ponto de atração em si. Não há "opções de vista", nem "espaços para jogos e brincadeiras", tampouco "oportunidades para aproveitar o clima". Em resumo, ao utilizarmos os critérios de Gehl para analisarmos os princípios de autonomia de movimentos, verificamos que essa não é plenamente alcançada, como também são limitadas as possibilidades de permanência. Ainda, a partir dos critérios considerados, não existem pontos atrativos nesse espaço.

Apesar disso, o EF 1 cumpre suficientemente bem sua função de entrada do Campus, amplia o espaço de interação pública em termos físico-espaciais, ao estar contínuo a ele, sem restrições de acesso e com disponibilidade de bancos sob as sombras filtradas das árvores. Acrescenta poucas funções ao entorno imediato, pois também há disponibilidade de bancos sob árvores no canteiro onde está o parque infantil, à frente. Oferece vagas demarcadas ao longo da guia que são de acesso não controlado.

6.2 Análise físico-espacial do EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães

O EF 2 é plano e contínuo, compreendendo uma extensão de aproximadamente 830m de perímetro de fronteira com vias públicas. Margeia a Av. da Universidade por cerca de 170m, por

meio de um estacionamento pago. Acompanha cerca de 640m da Av. João Jacinto de Magalhães até o encontro com a R. D. António Marcelino, que segue por aproximadamente 200m, até a esquina dessa com a Av. da Universidade. A noroeste, esse espaço de fronteira separa o campus de Santiago do Bairro da Misericórdia por cerca de 115m, ao passo que, no seu perímetro restante, dá continuidade aos espaços abertos, coletivos e públicos das vias circundantes. Ao norte do EF 2, há uma rotatória formada pelo encontro da Rua de Calouste Goulbenkian (EN235), da Av. Artur Ravara, da Av. João Jacinto de Magalhães e da Av. da Universidade (EN235). Além do Bairro da Misericórdia, no entorno imediato do EF 2 estão, a norte, o Conservatório de Música; a leste, o Hospital Infante D. Pedro[3] e o Seminário de Santa Joana Princesa (Fotomontagem 25).

Em geral, não há barreiras físicas no EF 2 que impeçam o acesso de pedestres e ciclistas do entorno imediato para o interior do Campus. Ainda assim, há dispositivos de delimitação de área em alguns trechos do perímetro. Entre o Bairro da Misericórdia e o EF 2, há uma cerca viva com aproximadamente 1,50m de altura. Do lado da Av. da Universidade, muretas baixas delimitam o estacionamento pago. Na R. D. António Marcelino, esferas foram colocadas no alinhamento da guia que separa o passeio de pedestres da faixa de rodagem; guias de balizamento foram instaladas no entorno do estacionamento restrito, que tem acesso controlado por cancelas (Fotomontagem 26).

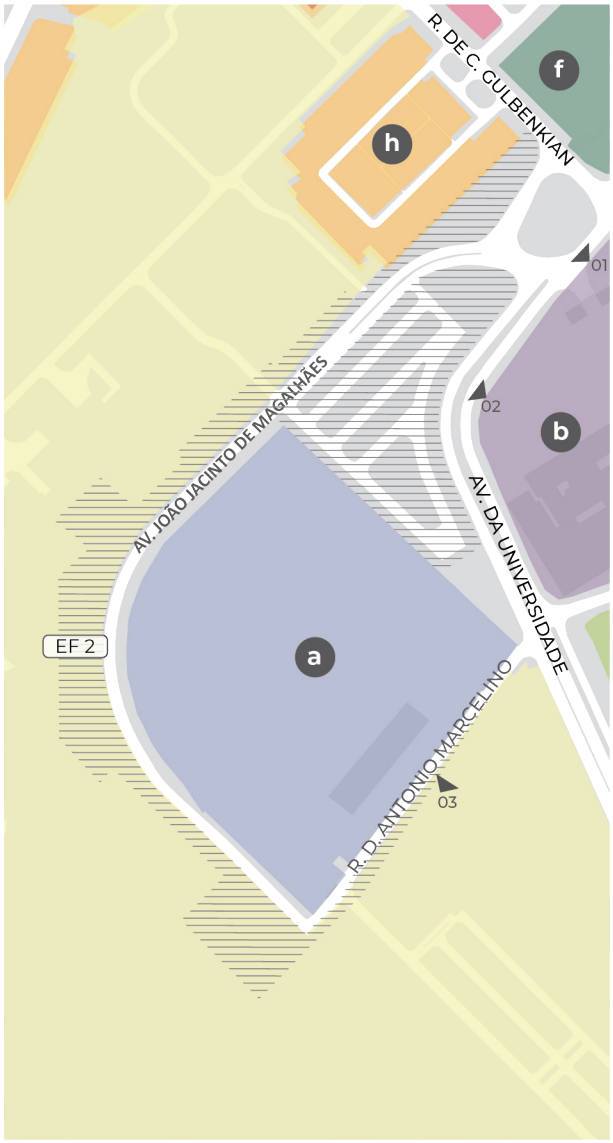
Esse espaço de fronteira atua como um grande jardim de entrada principal do campus para pedestres e ciclistas, sobretudo no trecho que margeia a Av. João Jacinto de Magalhães. Por meio do EF 2, o pedestre acessa os espaços abertos centrais e mais bem programados do Campus, tais como a praça e a alameda central, onde estão edifícios coletivos como a reitoria e a biblioteca. Além de entrada de pedestres, o EF 2 cumpre importante função de estacionamento, pois há uma área expressiva com disponibilidade de vagas pagas entre o campus, o seminário e o hospital. Ao longo do EF 2, há ainda um outro estacionamento pago sob o gramado em frente ao edifício da reitoria da UA e um estacionamento de uso restrito às margens da R. D. António Marcelino (Fotomontagem 27).

No momento em que foi desenvolvida a pesquisa empírica, o EF 2 estava em bom estado de conservação, principalmente nos jardins em frente à Av. João Jacinto de Magalhães, onde os espaços abertos são muito bem mantidos, sempre limpos, com gramado aparado e vegetação podada.

Não há fluxo de automóveis ao longo do EF 2, apenas alguns pontos de atravessamento para serviços de carga e descarga das edificações do Campus, para acesso aos estacionamentos ou no encontro com a via de circulação interna. A propósito, a Av. João Jacinto de Magalhães é uma via

3 Mais recentemente, referido como Centro Hospitalar Baixo Vouga

Fotomontagem 25 – Entorno do EF 2





Rotatória vista a partir da calçada do hospital



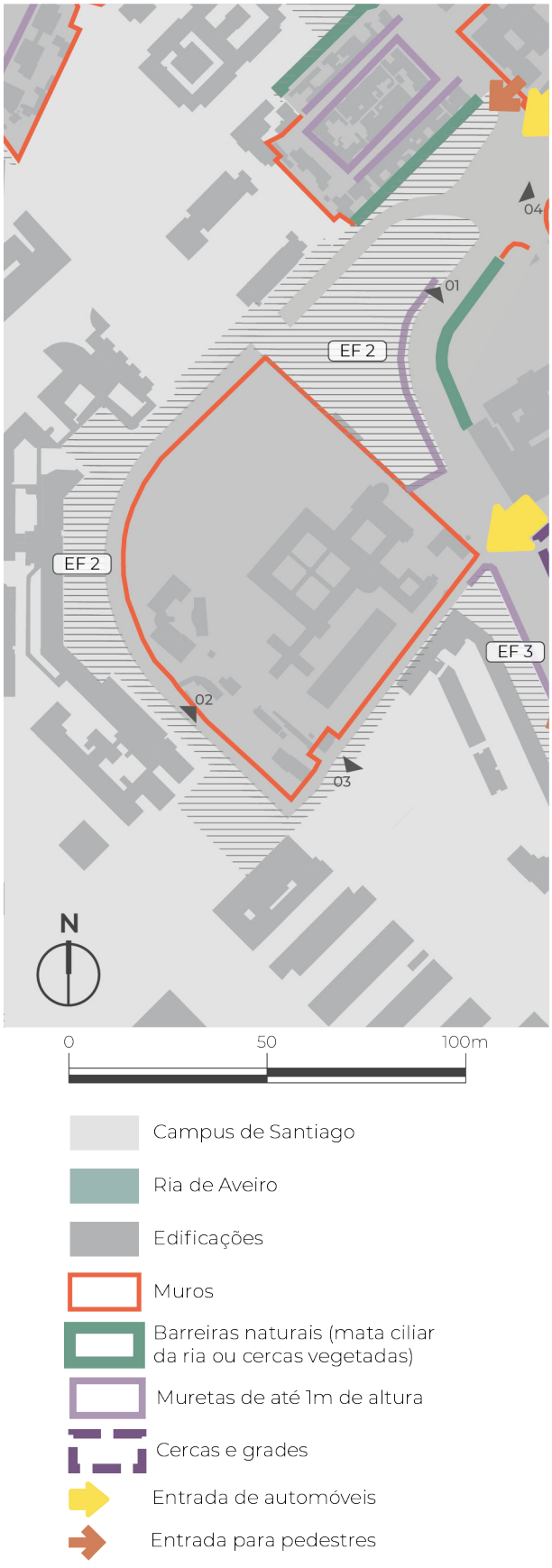
Vista da Av. da Universidade, em frente ao estaciomento



Vista da R. D. Antonio Marcelino, em frente à Residência Universitária

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 26 - Barreiras no EF 2 e entorno imediato





Mureta do estacionamento em frente ao hospital (V04)



Cerca vegetada no EF 2, Av. João Jacinto de Magalhães (V07)



Esferas e balizadores no estacionamento restrito (V06)



Cerca viva que separa o muro do bairro da Misericórdia do EF 2.

Fonte: a autora, 2018-2023.

pública que, juntamente com a R. D. António Marcelino, forma uma alça da Av. da Universidade, permitindo acesso automotivo às duas instituições: universidade e seminário (Fotomontagem 28).

Ao longo do EF 2, no trecho em que margeia a Av. João Jacinto de Magalhães, há disponibilidade de ciclofaixa, que se inicia na esquina da R. de Calouste Gulbenkian com a Av. João Jacinto de Magalhães e segue até o gramado em frente à reitoria. A ciclofaixa é bem mantida, com revestimento regular. Em sua extensão, estão distribuídos alguns bicicletários. Não há continuação de um circuito para bicicletas pela R. D. António Marcelino, inclusive, não existem espaços reservados para circulação de bicicletas nas vias públicas do entorno imediato.

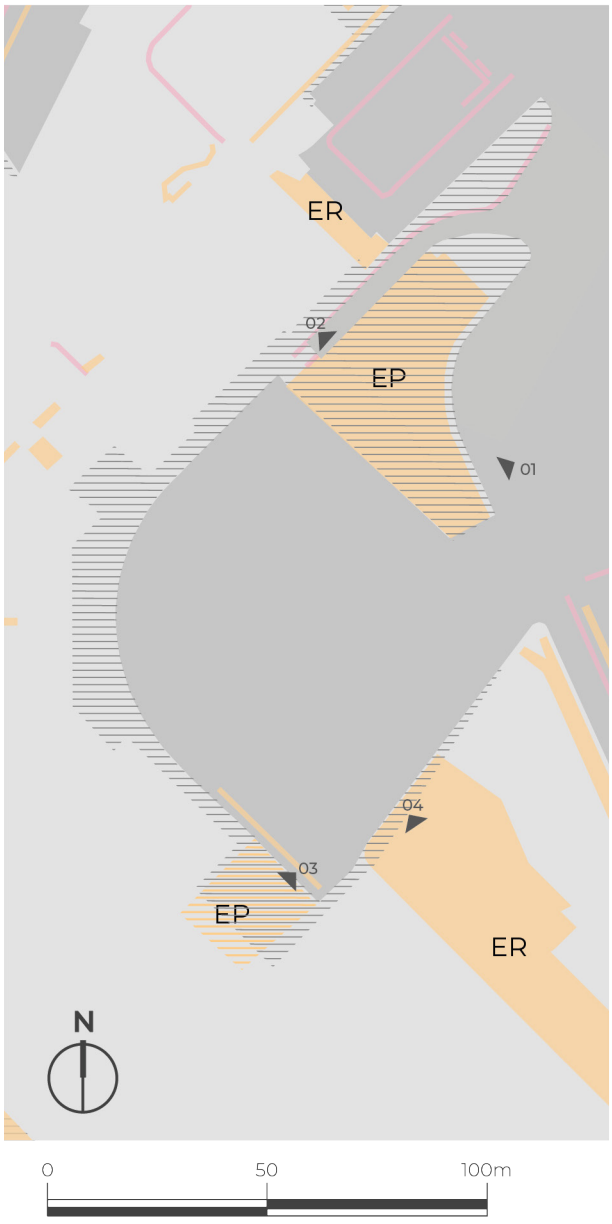
O EF 2 dispõe de muitas superfícies caminháveis, entre passeios e jardins, com pátios formados pela disposição das edificações. Há ainda passarelas cobertas que interligam edifícios departamentais contíguos a esse espaço de fronteira. Alguns dos edifícios têm entradas que se abrem para o próprio EF 2 ou nas proximidades dele. As superfícies caminháveis correspondem a variados tipos de pisos. Uma grande área de passeios para pedestres é revestida com calçada portuguesa, no mesmo padrão verificado no EF 1. Esses revestimentos não são necessariamente dos mais adequados quando se pensa em utilizadores com necessidades especiais de locomoção. Já nas proximidades do edf. da reitoria, bem como em toda praça central e estacionamentos, o piso é mais plano e uniforme, composto por lajotas de concreto.

Nas margens da R. D. António Marcelino, o passeio para pedestre é bastante estreito, impedindo que mais de uma pessoa circule em paralelo, sem que uma delas precise ir para a faixa de rodagem. O mesmo ocorre na calçada oposta, a do seminário, onde há também placas de sinalização bem a meio da calçada, já estreita. Na Fotomontagem 29, demonstramos as características físico-espacias dos caminhos.

No que se refere à presença de vegetação, especialmente nos jardins que margeiam a Av. João Jacinto de Magalhães, há muitos gramados e espaços ajardinados com árvores e arbustos. Cercas vegetadas são utilizadas para delimitar a ciclofaixa. A maior cobertura arbórea está no estacionamento pago e no jardim da lagoa sanitária. Em frente à reitoria, sobre o estacionamento do subsolo, está um grande gramado, sem arborização. Não existem "elementos verdes" na área que margeia a R. D. António Marcelino (Fotomontagem 30).

Um dos principais marcos arquitetônicos e simbólicos do Campus é o edifício da reitoria, localizado no entroncamento entre Av. João Jacinto de Magalhães e a R. D. António Marcelino. Por meio desse espaço de fronteira ainda é possível ter acesso visual a outros pontos de interesse no conjunto edificado, como o edifício da biblioteca e o conjunto de espaços abertos formado por praça e alameda central. Os marcos arquitetônicos foram apresentados anteriormente, no Mapa 07

Fotomontagem 27 – Estacionamentos no EF 2 e entorno imediato





Estacionamento pago visto a partir da Av. da Universidade (V03)



Estacionamento pago, visto a partir da Av. João Jacinto de Magalhães (V07)



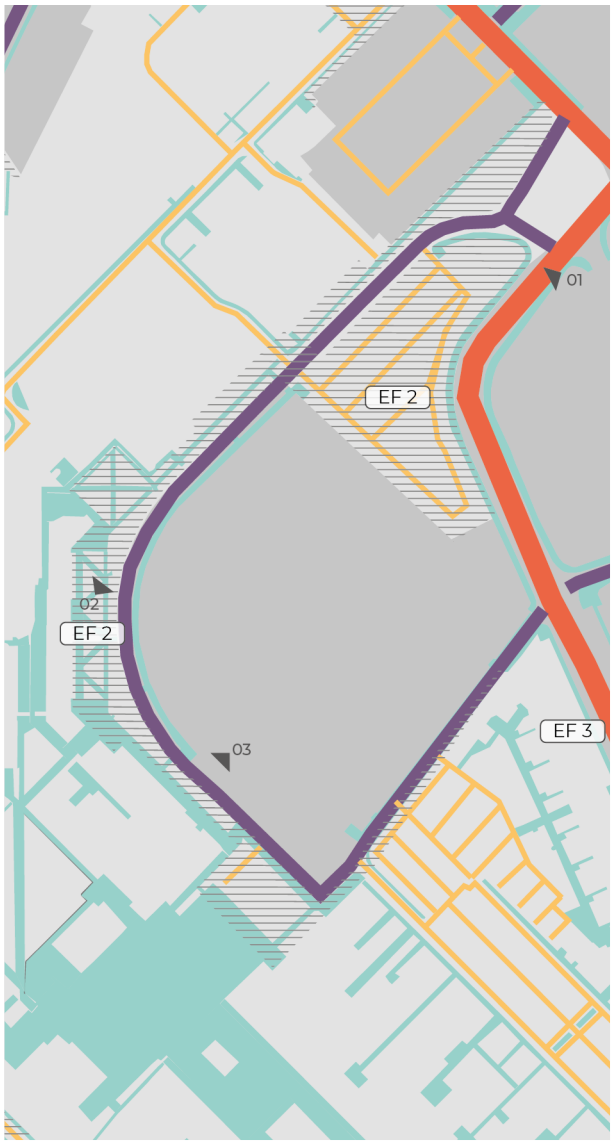
Entrada do estacionamento sob gramado (em frente à reitoria, V01)



Estacionamento restrito nas margens da R. D. Antonio Marcelino (V06)

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 28 – Circulação no EF 2 e entorno imediato









Fonte: a autora, 2018-2023.

e na Fotomontagem 18.

No que diz respeito aos critérios estabelecidos por Gehl, parte das informações estão sistematizadas na ficha do Inventário do Lugar, Apêndice C deste volume. Conforme ilustrado no Quadro 11, o EF 2 atende à maioria dos critérios, exceto naquilo que se refere à disponibilidade de espaços para exercícios físicos, jogos e brincadeiras. Dos critérios relacionados à autonomia de movimentos, podemos afirmar que o EF 2 tem a "proteção contra tráfego e acidentes" garantida a partir da disposição de elementos físicos tais como cercas vegetadas entre a via e a ciclofaixa, e entre essa e o passeio; esferas e balizadores no alinhamento dos passeios (ver Fotomontagem 26). Os pontos de atravessamento ou de entradas e saídas de estacionamentos são devidamente sinalizados com faixas de pedestres[4]. Assim, especialmente no trecho dos jardins em frente aos edifícios de departamentos, o EF 2 é seguro para humanos de diferentes idades e habilidades.

Sobre as "opções de mobilidade", conforme já enunciado anteriormente, quando analisamos a circulação e os caminhos, o EF 2 é acessível em sua maior porção, com passeios para pedestres bem dimensionados. No trecho que margeia a R. D. António Marcelino não há dimensionamento adequado para calçadas, mas isso não se torna um grande obstáculo para a circulação pedonal porque, ao longo do Campus, existem outros pontos de entrada e saída de pedestres em direção à Avenida da Universidade. Alcançar a avenida é quase que exclusivamente o objetivo de quem transita pela R. D. António Marcelino, já que para essa via só estão voltados alguns portões secundários do Seminário e uma das entradas e saídas do estacionamento restrito da Universidade. Aparentemente, não existem muitas atividades coletivas relacionadas à capela vinculada ao Seminário, com fachada principal voltada para essa rua, pois, não conseguimos perceber qualquer movimento ou utilização durante o período de nossas pesquisas de campo[5].

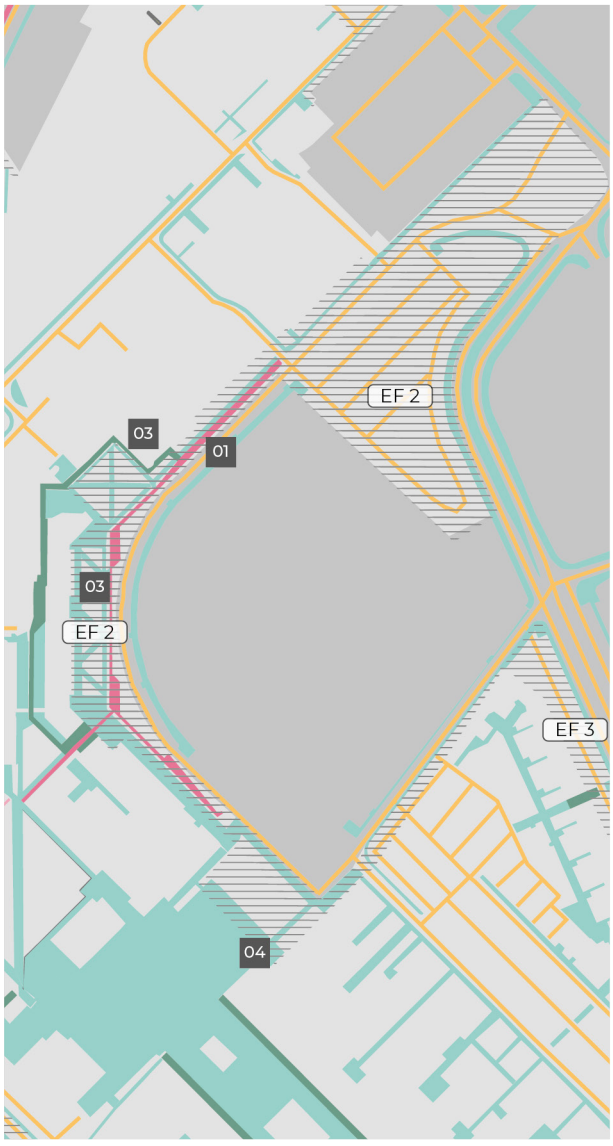
Há circulação de transportes coletivos na Av. João Jacinto de Magalhães e na Av. da Universidade, com pontos de parada abrigados próximos à entrada do hospital, nos dois sentidos da Av. da Universidade. Ainda nas imediações da entrada do hospital, está localizado um ponto de taxi. Embora exista a circulação constante de um veículo turístico nos arredores do Campus, não observamos a presença desse transporte nas proximidades do EF 2.

Semelhantemente ao que foi mencionado para o EF 1, neste espaço de fronteira a "proteção contra danos causados por outros", é um critério atendido. Especificamente a partir de nossas

4 Em Portugal, diz-se "passadeiras".

5 Durante a pesquisa de campo, buscamos os dias e horários de celebração de missas na internet. Realizamos visita no suposto horário, mas não percebemos qualquer movimento.

Fotomontagem 29 – Caminhos no EF 2 e entorno imediato





Passeio para pedestres no alinhamento do muro do seminário



Passarela coberta no edf. do Deptº de Eng. Mecânica... (9)



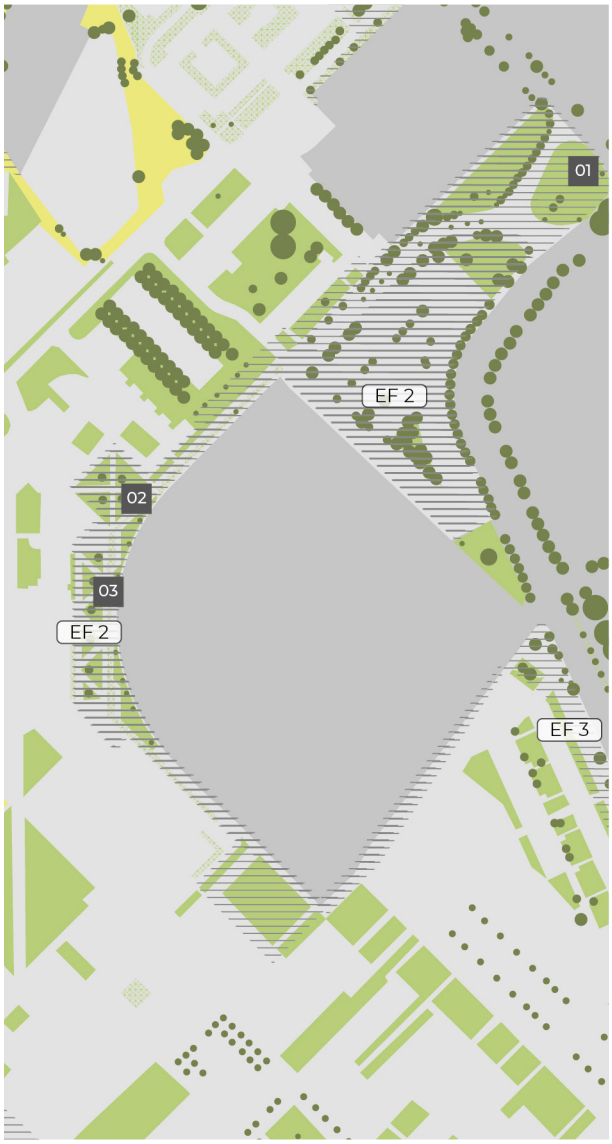
Rota acessível em frente ao edifício da Reitoria (25).



Passeio para pedestre no EF 2, em frente ao Deptº de Electrónica... (4).

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 30 – Elementos no EF 2 e entorno imediato











Fonte: a autora, 2018-2023.

Quadro 11 – Avaliação do EF 2, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl

PROTEÇÃO	**Proteção contra tráfego e acidentes.** O espaço é seguro para humanos de diferentes idades e habilidades? É possível andar ou pedalar sem medo de ser atropelado? ✓	**Proteção contra danos causados por outros.** O espaço é percebido como seguro de manhã e à noite? Há atividades em todos os horários? A iluminação garante segurança? ✓	**Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis.** Existe barulho, poeira, odor ou outro tipo de poluição? O espaço funciona bem quando está ventoso? Existe abrigo do sol forte, chuva ou pequenas inundações? ✓
CONFORTO	**Opções de mobilidade.** Esse é um espaço acessível? Existem elementos que podem limitar a caminhabilidade, o uso de cadeira de rodas ou de empurrar um carrinho? É evidente como se mover pelo espaço sem tomar um desvio ilógico? ✓	**Opções de Permanência.** O espaço tem elementos nos quais seja possível ficar e encostar-se, como uma fachada convidativa ou uma parada de ônibus, um banco, uma árvore, ou uma pequena saliência ou nicho? ✓	**Opções para sentar.** Existem boas opções para sentar, tais como bancos ou cadeiras? Ou só existem alternativas, tais como, escadas, muretas ou bordas de fontes? Existem assentos adequados que não sejam comerciais, i.e., que estar sentado não implique em gastar dinheiro? ✓
	Opções de vista. Os assentos existentes estão localizados em áreas onde há coisas interessantes para ver? ✓	**Opções para conversar.** É possível ter uma conversa nesse espaço? É evidente que há opções para humanos sentarem-se juntos para ter uma conversa? ✓	**Opções para brincar, exercitar-se ou jogar.** Existem opções de estar ativo em múltiplas épocas do dia e do ano? —
SATISFAÇÃO	**Escala humana.** As edificações e os espaços abertos têm escala humana? É possível perceber humanos no extremo do espaço como humanos ou perde-se essa noção com a distância? ✓	**Oportunidades de aproveitar o clima.** Aspectos climáticos foram levados em consideração? Existem opções de passar tempo no espaço em diferentes condições climáticas? Como os assentos estão localizados em função das variáveis climáticas? ✓	**Boa experiência estética e sensorial.** O local é bonito? Os elementos físicos do espaço têm um bom design e são elaborados com bons materiais? ✓

Legenda: ✓ Atende ao critério — Atende parcialmente ✗ Não atende ao critério

Fonte: a autora, 2022.

observações no espaço, percebemos diversas atividades sendo desenvolvidas em diferentes horários e dias de semana nas áreas do campus e de seu entorno.

No que se refere à "proteção contra sensações desconfortáveis", não verificamos qualquer tipo de poluição capaz de comprometer a utilização das áreas do Campus ou do entorno imediato do EF 2. Os utilizadores podem regular sua exposição às variações climáticas mesmo permanecendo nos espaços abertos, devido à disponibilidade de passarelas cobertas e de áreas de sombra filtrada sob árvores.

Em relação aos critérios "opções de permanência", "opções para sentar" e "opções para ouvir e conversar", há muitos bancos distribuídos ao longo dos jardins do EF 2, áreas de gramados, sombreadas, muretas e paradas para espera de ônibus. Além disso, esse espaço de fronteira articula-se física e espacialmente com uma série de outros espaços abertos e coletivos do Campus nos quais é possível permanecer: pátios, jardim da lagoa sanitária, praça central, alameda central, passarelas cobertas. No Mapa 08 e na Fotomontagem 19, anteriormente apresentados, foram evidenciados os tipos de espaços abertos e coletivos existentes no Campus.

Na área do estacionamento pago, afora sua função meramente instrumental, há uma

lanchonete que distribui 16 mesas, com quatro bancos cada, sob as árvores de um canteiro. Escusado dizer que o acesso a esse espaço está vinculado ao consumo dos serviços oferecidos pelo estabelecimento. Finalmente, no trecho alinhado à R. D. António Marcelino, não há qualquer banco ou mobiliário urbano instalado para viabilizar a permanência no local, a não ser na esquina com a Av. da Universidade, área que está contida no perímetro do EF 3, mais adiante analisado.

Nas vias públicas e demais lotes que compõem o entorno imediato do campus, as opções de permanência basicamente reduzem-se a espera de veículos, pois as paradas de ônibus oferecem abrigo e os únicos assentos disponíveis. A mureta que separa o estacionamento pago do passeio de pedestres da Av. da Universidade tem altura mais baixa do que a de um assento comum. Os espaços de fronteira dos lotes do conservatório, do hospital e do seminário são parcialmente visíveis para o transeunte, já que há cercas vegetadas e muros separando-os do espaço público. Os muros são complementados com gradis na parte superior, mais ou menos à altura do olho humano.

Não há muitos espaços ou dispositivos físico-espaciais programados para fornecer "opções para brincar, jogar ou praticar atividade física". Apesar disso, a presença da ciclofaixa e de áreas de gramado oferecem possibilidades para práticas de lazer ativo. Em geral, o EF 2 oferece "boa experiência estética e sensorial", com áreas bem mantidas, limpas, arborizadas, com gramado aparado e vegetação podada. A qualidade arquitetônica das edificações, bem como o estado de manutenção de suas fachadas, oferece uma boa experiência visual.

No que diz respeito a "opção de vista" e a "boa experiência estética e sensorial", conforme anteriormente afirmamos, há o enquadramento das fachadas das edificações universitárias, que formam uma amostra da arquitetura portuguesa contemporânea (anteriormente apresentada na seção 4.2, Mapa 02 e Fotomontagem 17). Ainda podemos fazer menção ao conjunto de espaços abertos bem mantidos e a disposição de algumas obras de arte pelo gramado em frente à reitoria ou ao painel cerâmico na fachada do CIFOP (edf. 5).

Associado ao critério "opções para brincar, jogar ou praticar atividade física", incluiríamos um outro denominado "opções para eventos em grupo ou atividades sociais", pois nesse espaço a presença do edf. da reitoria é destacada como um equipamento no qual a comunidade acadêmica congrega-se em reuniões e eventos, muitos com a participação de pessoas não diretamente relacionadas às atividades universitárias.

Uma vez que o Campus de Santiago é um elemento turístico na cidade de Aveiro, o percurso principal de acesso a pedestres presente no EF 2 exerce alguma atração para aqueles que desenvolvem passeios contemplativos ou turísticos. A possibilidade de percursos de bicicleta pela cidade de Aveiro, incentivada como prática de lazer e turismo também encontra no EF 2 um ponto

de atração, devido à presença de ciclofaixa e de bicicletários. Há a possibilidade de estabelecer um roteiro turístico em que o ciclista adentra o Campus pela ciclofaixa da Av. João Jacinto de Magalhães, atravessa-o pela praça central e segue pelas margens da Ria, na R. da Pega, em direção ao centro de Aveiro.

Existem muitos dispositivos físico-espaciais capazes de oferecer "opções para aproveitar o clima" no EF 2, como a disponibilidade de espaços cobertos para dias chuvosos; arborização que provê áreas de sombra filtrada para dias e horários mais quentes; gramados sob o sol para os dias amenos. Nos períodos ventosos, a proximidade de áreas cobertas rente a fachadas garantem uma permanência protegida no espaço aberto do Campus.

Em linhas gerais, no que diz respeito à análise físico-espacial do EF 2, podemos afirmar que é um espaço que oferece autonomia de movimentos para uma grande variedade de utilizadores, pois é plano, de acesso irrestrito, amplo, sem muitos desníveis, bem mantido e multimodal: há circulação de pedestres e ciclistas, com pontos de atravessamentos automotivos bem-sinalizados. No que se refere a utilizadores com deficiências visuais e motoras, não há dispositivos próprios como alarmes sonoros, sinalização de piso tátil, mapas táteis entre outros.

O EF 2 também oferece possibilidades de permanência, com disponibilidade de bancos, gramados e áreas ajardinadas. É um espaço que exerce atração para movimentos de turistas, ciclistas a passeio, pedestres em lazer contemplativo e para a comunidade acadêmica durante os intervalos de suas atividades.

6.3 Análise físico-espacial do EF 3 – Av. da Universidade

O EF 3 é plano e contínuo, compreendendo uma extensão de aproximadamente 700m no sentido norte-sul, que se inicia na esquina da R. D. António Marcelino com a Av. da Universidade e que segue margeando essa avenida até os limites com um posto de combustível, seu único confrontante direto. Toda extensão do EF 3 margeia a Av. da Universidade, que do lado oposto é entrecortada por vias transversais: na esquina com a R. do Sport Club Beira Mar estão o Hospital Infante D. Pedro e a Escola Básica João Afonso; no cruzamento com a R. Santiago estão a referida escola, um clube esportivo aparentemente desativado e a chegada da passarela elevada sobre a Av. da Universidade; na esquina da R. Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro (Rua A.H.B.V. de Aveiro) está o clube desativado e o Instituto Superior de Contabilidade e Administração da Universidade de Aveiro (ISCA-UA); finalmente, no cruzamento da R. do Ovar

com a Av. da Universidade está um edifício residencial com ocupações de uso misto no térreo e o Mercado de Santiago (Ver Fotomontagens 31e 32).

Além das vias públicas que entrecortam a Av. da Universidade no trecho em frente ao EF 3, há ainda travessas pedonais ou vias de circulação internas de conjuntos residenciais existentes no entorno, tais como a Urbanização Chaves e, por trás desse, o Bairro de Santiago. Um outro posto de combustível está localizado entre a Urbanização Chaves e a esquina da R. do Ovar. Na continuação da Av. da Universidade (EN235) no sentido sul, passados 400m do limite do EF 3 com o posto de combustível que lhe é contíguo, há o cruzamento dessa via com outra estrada nacional, a EN109.

No trecho do EF 3 que vai da esquina da Av. da Universidade com a R. D. António Marcelino até a frente do cruzamento da avenida com a Rua A. H. B. V. de Aveiro, os limites do espaço de fronteira com o passeio público são apenas delimitados por muretas baixas no mesmo padrão utilizado no estacionamento em frente ao hospital, no EF 2. Na sequência, logo após a entrada de pedestres, a própria fachada do Pavilhão Aristides Hall (edf. E) está colocada no alinhamento do gradil que lhe dá continuidade e que serve de barreira física, mas não visual, para o interior do Campus. Esse gradil segue até o final do EF 3, no encontro com o posto de combustível. As barreiras e limites estão representadas na Fotomontagem 32.

Nesse espaço de fronteira está localizada uma entrada preferencial para pedestres, nas imediações do Pavilhão Aristides Hall, onde há um cruzamento semaforizado entre a Rua A.H.B.V. de Aveiro e a Av. da Universidade[6]. Também é nesse EF 3 que se inicia uma passarela de passagem pedonal em nível sobre a Av. da Universidade. Além disso, o EF 3 desempenha função de estacionamento para os edifícios da residência universitária e para a creche e jardim de infância. Finalmente, no trecho mais ao sul, o EF 3 serve de impedimento a interferências externas durante a realização de práticas esportivas no campo e na pista de atletismo existentes no interior do Campus.

No momento em que foi desenvolvida a pesquisa empírica, o EF 3 não estaria incluído nos espaços mais bem mantidos da Universidade, com áreas de piso em solo natural recobertas por vegetação espontânea e alguns trechos de pavimento quebrado.

No EF 3, entre a esquina da R. D. António Marcelino e o final do edifício onde funciona a creche e o jardim de infância, há espaço para fluxo de veículos automotores, de modo a garantir acesso às vagas de estacionamento, distribuídas em linha, em posição perpendicular ao sentido do fluxo (ver Fotomontagem 33). Não existe disponibilidade de ciclofaixa nesse espaço de fronteira,

6 Houve alterações viárias e na entrada do Campus de Santiago nesse trecho, ocorridas após a realização das atividades de campo. Sobre essas alterações, fizemos nossas considerações ao final deste capítulo.

Fotomontagem 31 – Entorno imediato do EF 3



Vista da Av. da Universidade, com destaque para edifícios residenciais e posto de combustível



Vista da Av. da Universidade, com destaque para o ISCA-UA



Área do clube em desuso, vista a partir da passagem em nível sobre a Av. da Universidade



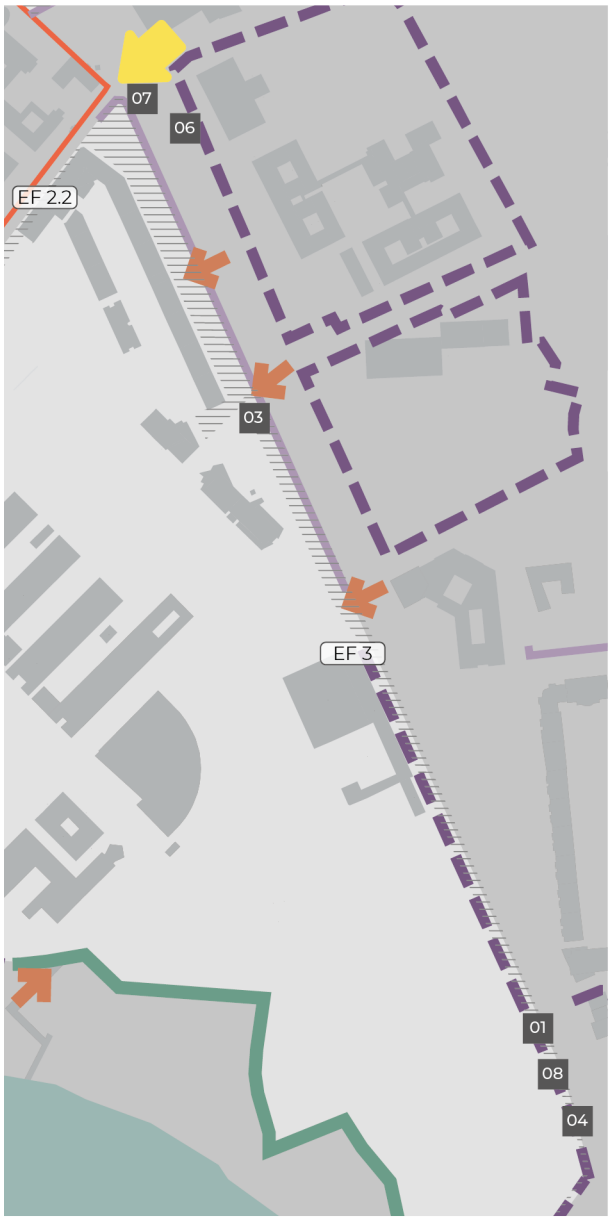
Mercado de Santiago e posto de combustível, vistos a partir do limite final do EF 3 do campus de Santiago



Bairro de Santiago

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 32 – Barreiras no EF 3 e entorno imediato





Mureta baixa de delimitação de área.



Muretas e esferas na esquina da Av. da Universidade com a R. D. Antonio Marcelino, em frente à residência universitária (B).



Gradil com vegetação arbustiva nas imediações do complexo esportivo.

Fonte: a autora, 2018-2023.

tampouco na Av. da Universidade ou em qualquer das vias públicas que a atravessam nas imediações do EF 3.

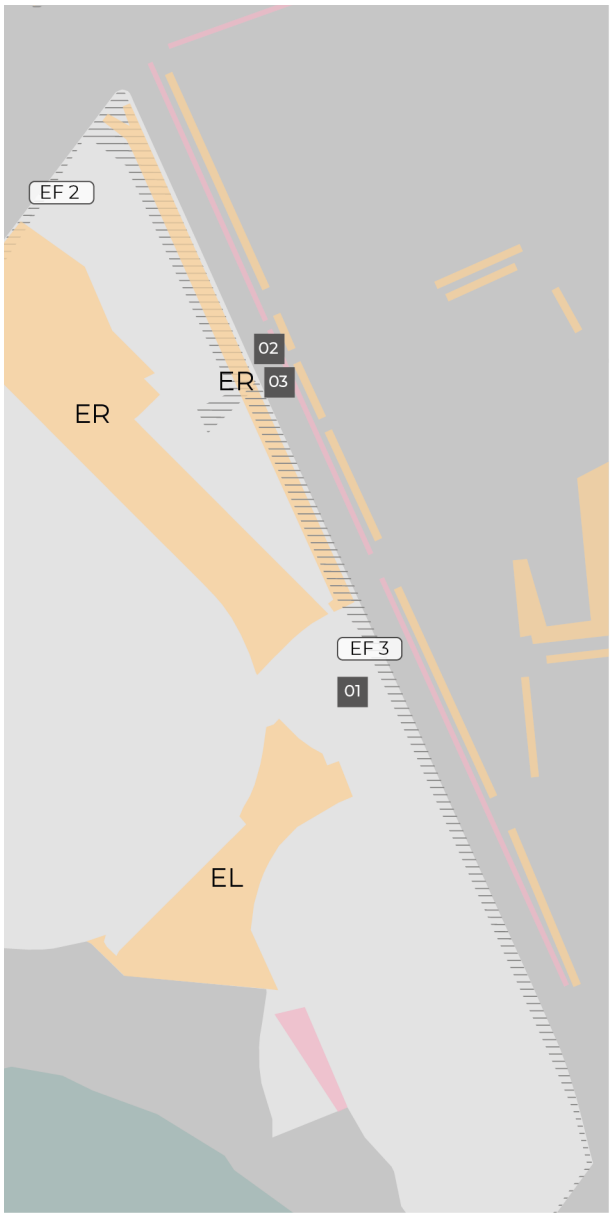
A não ser pela passagem em nível sobre a Av. da Universidade e pelo largo formado ao lado do Pavilhão Aristides Hall, na entrada para pedestres, não há muitas superfícies preparadas para a circulação pedonal nesse espaço de fronteira. Seguindo o padrão de revestimento dos passeios encontrados nos trechos anteriormente analisados, o piso do largo está revestido com calçada portuguesa. Na área de circulação dos veículos nos estacionamentos, as superfícies são recobertas com pisos vazados drenantes. As vagas, por sua vez, seguem com o mesmo revestimento de pedras utilizado no largo de entrada. Dos edifícios universitários próximos, apenas a residência possui uma de suas entradas voltada para o EF 3. Os edifícios do restaurante universitário, da creche e jardim de infância e do pavilhão têm acessos pelo lado oposto, voltados para o interior do Campus.

Apesar dos passeios de pedestres da Av. da Universidade alinhados ao EF 3 terem delimitação com guias de concreto, as superfícies estão em solo natural ao longo de toda extensão. No comprimento dos estacionamentos, os passeios são estreitos e com árvores plantadas bem no meio. Das imediações do Pavilhão Aristides Hall (E) até o limite com o posto de combustível, a área destinada ao passeio é espessa, com cerca de 7m de largura, mas permanece com superfície em solo natural. A circulação existente no EF 3 e seu entorno imediato, tanto quanto os caminhos, estão representados nas fotomontagens 34 e 35.

Há grande presença de elementos verdes no entorno imediato e no próprio EF 3 (Fotomontagem 36). Ao longo da Av. da Universidade está distribuída vasta arborização, tornando-a um grande corredor sombreado. Na frente da Urbanização Chaves, há superfícies de gramados com algumas árvores sobre grandes canteiros que organizam a área do estacionamento ali existente. Há vegetação arbustiva nas imediações da cerca do complexo esportivo e no limite com o posto de combustível. Nas proximidades da chegada da passarela pedonal sobre a Av. da Universidade, entre a residência e o restaurante universitário, há uma grande superfície gramada que continua pelo interior da residência, entre os blocos de quartos.

Embora as edificações nas proximidades do EF 3 integrem o conjunto arquitetônico, com autores renomados pelos quais o Campus de Santiago tornou-se referência internacional, nenhuma delas está entre os marcos principais. Apesar disso, especialmente a partir do largo formado na entrada para pedestres, na continuação do cruzamento semaforizado, é possível ver enquadradas algumas obras de maior destaque dentro do conjunto, dada sua posição, funcionalidade e relação com as demais, como o volume vertical e escultórico do depósito de água (J) e o Complexo Pedagógico Científico e Tecnológico (edf. 23).

Fotomontagem 33 – Estacionamento no EF 3 e seu entorno imediato





Estacionamento restrito, visto da frente do pavilhão Aristides Hall (E).



Estacionamento no EF 3, em frente à residência universitária, visto a partir da passagem em nível sobre a Av. da Universidade.



Estacionamento no EF 3, visto a partir da passagem em nível sobre a Av. da Universidade.

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 34 – Circulação no EF 3 e no seu entorno imediato



Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 35 – Caminhos no EF 3 e no seu entorno imediato



Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 36 – Elementos verdes no EF 3 e no seu entorno imediato









Fonte: a autora, 2018-2020.

Quanto aos critérios estabelecidos por Gehl, de acordo com o que está demonstrado no Quadro 12, o EF 3 é satisfatório apenas no que diz respeito à "escala humana" e parcialmente atender aos critérios "proteção contra danos causados por outros", "proteção contra experiências sensoriais desagradáveis" e "boa experiência estética e sensorial". A ficha do inventário do lugar para o EF 3 está apresentada no Apêndice C.

Dadas as questões a serem consideradas no critério "proteção contra tráfego e acidentes", existem muitas pendências para que o EF 3 lhe atenda satisfatoriamente. Exceto pelos pequenos trechos sob a passarela em nível e no largo da entrada para pedestres, não há superfícies caminháveis adequadas, seja na área de circulação nos estacionamentos ou nos passeios da via pública, deixados em solo natural. Ao longo do passeio que margeia o complexo esportivo, há um caminho pedonal espontâneo, bem próximo à guia, formado pela frequência do pisoteio de pedestres sobre a vegetação espontânea. Não há balizadores ou qualquer outro tipo de dispositivo de segurança entre o passeio e a faixa de rodagem que, válido relembrar, corresponde a um trecho de uma estrada nacional (EN235).

Apesar das inadequações do passeio público contíguo ao EF 3, do lado oposto da via existem passeios com dimensões adequadas, revestidos na maior parte com pisos de cimento, mas em muitos trechos com problemas de manutenção, com superfícies quebradas pelas raízes das árvores. A passarela suspensa é um importante dispositivo para garantir proteção contra tráfego, ao isolar o fluxo de pedestres e ciclistas do de automóveis no atravessamento da avenida. Ainda assim, somada ao cruzamento semaforizado, é insuficiente para cobrir um perímetro de aproximadamente 700m, para os quais confluem vias percorridas por pedestres oriundos de muitos edifícios residenciais multifamiliares existentes no entorno.

No que diz respeito às "opções de mobilidade", na Av. da Universidade existe fluxo de transportes coletivos que param nas paradas abrigadas na Rua A.H.B.V de Aveiro, bem próximos da esquina com a avenida. Passam por ali, mais de cinco linhas de ônibus utilizadas também por frequentadores da Universidade. O acesso ao Campus, para quem chega à Universidade de ônibus, é garantido pela presença do largo de entrada para pedestres. Em contrapartida, ao longo do EF 3, não há pisos adequados nos passeios para pedestres, que dificultam ou mesmo impossibilitam a circulação de pessoas com necessidades especiais.

Não há entradas de veículos ou pontos de atravessamento no EF 3 ao longo da Av. da Universidade. A entrada para o estacionamento da residência universitária está localizada na R. D. António Marcelino, próximo à esquina com a avenida. As vagas localizadas na frente da creche e jardim de infância são acessíveis a partir do estacionamento restrito, interno ao Campus.

Quadro 12 – Avaliação do EF 3, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl

PROTEÇÃO	**Proteção contra tráfego e acidentes.** O espaço é seguro para humanos de diferentes idades e habilidades? É possível andar ou pedalar sem medo de ser atropelado? ✗	**Proteção contra danos causados por outros.** O espaço é percebido como seguro de manhã e à noite? Há atividades em todos os horários? A iluminação garante segurança? —	**Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis.** Existe barulho, poeira, odor ou outro tipo de poluição? O espaço funciona bem quando está ventoso? Existe abrigo do sol forte, chuva ou pequenas inundações? —
CONFORTO	**Opções de mobilidade.** Esse é um espaço acessível? Existem elementos que podem limitar a caminhabilidade, o uso de cadeira de rodas ou de empurrar um carrinho? É evidente como se mover pelo espaço sem tomar um desvio ilógico? ✗	**Opções de Permanência.** O espaço tem elementos nos quais seja possível ficar e encostar-se, como uma fachada convidativa ou uma parada de ônibus, um banco, uma árvore, ou uma pequena saliência ou nicho? ✗	**Opções para sentar.** Existem boas opções para sentar, tais como bancos ou cadeiras? Ou só existem alternativas, tais como, escadas, muretas ou bordas de fontes? Existem assentos adequados que não sejam comerciais, i.e., que estar sentado não implique em gastar dinheiro? ✗
	Opções de vista. Os assentos existentes estão localizados em áreas onde há coisas interessantes para ver? ✗	**Opções para conversar.** É possível ter uma conversa nesse espaço? É evidente que há opções para humanos sentarem-se juntos para ter uma conversa? ✗	**Opções para brincar, exercitar-se ou jogar.** Existem opções de estar ativo em múltiplas épocas do dia e do ano? ✗
SATISFAÇÃO	**Escala humana.** As edificações e os espaços abertos têm escala humana? É possível perceber humanos no extremo do espaço como humanos ou perde-se essa noção com a distância? ✓	**Oportunidades de aproveitar o clima.** Aspectos climáticos foram levados em consideração? Existem opções de passar tempo no espaço em diferentes condições climáticas? Como os assentos estão localizados em função das variáveis climáticas? ✗	**Boa experiência estética e sensorial.** O local é bonito? Os elementos físicos do espaço têm um bom design e são elaborados com bons materiais? —

Legenda: ✓ Atende ao critério — Atende parcialmente ✗ Não atende ao critério

Fonte: a autora, 2022.

Mesmo que Aveiro seja uma cidade segura, sem grandes incidentes registrados e pela qual um pedestre possa circular livremente sem constrangimentos, descobrimos, a partir das entrevistas realizadas, que existia uma sensação de insegurança relacionada a estigmas sociais sobre áreas próximas desse entorno. Durante nossa visita, não constatamos qualquer intercorrência, mas, posteriormente, verificamos que a maioria das poucas notícias levantadas que se relacionavam com o tema da segurança pública diziam respeito a roubos ocorridos em edifícios próximos dali.

Em uma perspectiva comparativa entre os quatro espaços de fronteira do Campus, certamente esse seria considerado o que menos garantiria "proteção contra danos causados por outros", pois, do lado do Campus, há um longo perímetro sem entradas e saídas. Na via, o fluxo de veículos é intenso. Dessa forma, o EF 3 não oferece muitas possibilidades de escape em caso de um incidente no qual um pedestre sinta-se ameaçado.

O EF 3 garante parcialmente "proteção contra experiências sensoriais desagradáveis", pois, geralmente o espaço é limpo, sem grandes questões de poluição. Apesar disso, há fluxo intenso de veículos na Av. da Universidade, inclusive de tráfego de ambulâncias com alarmes sonoros que entram e saem com frequência da urgência do hospital, localizada na esquina da R. do Sport Club

Beira-Mar.

Dada a exuberância da cobertura arbórea do entorno imediato, restam muitas áreas sob sombras filtradas, onde é possível desviar da incidência solar direta. Por outro lado, não existem espaços abrigados que alguém possa proteger-se de chuvas e ventos no EF 3, a não ser na entrada principal da residência universitária, que conforma uma passagem coberta para o jardim interno da área, sem qualquer tipo de obstáculo para o transeunte (Fotomontagem 34, imagem 04).

No que diz respeito a "opções de permanência", "opções para sentar" e "opções para ouvir e conversar", ao longo de todo o EF 3, não existem bancos ou mobiliário urbano voltado para a permanência nesse espaço. A única exceção é um tratamento dado na esquina do estacionamento da residência universitária, entre a R. D. António Marcelino e a Av. da Universidade. Nessa pequena área, muretas foram colocadas de modo que servissem como bancos em volta de uma árvore.

No entorno imediato, apenas os espaços de fronteira do ISCA-UA e da Urbanização Chaves são acessíveis aos transeuntes e possuem algum tipo de tratamento físico-espacial de jardins ou largos calçados. Em nenhum dos casos há bancos ou mobiliários voltados à permanência de pessoas para o lado da Av. da Universidade. No ISCA-UA, há bancos localizados próximo à entrada principal do edifício, que está voltada para a Rua A.H.B.V. de Aveiro.

Do EF 3, é possível ver o espaço de brincadeiras para as crianças da creche e jardim de infância, bem como o complexo esportivo, contíguos a ele, mas não acessíveis a partir dele. Na verdade, não há qualquer espaço construído no EF 3 com o intuito de fornecer "opções para brincar, jogar ou praticar atividade física".

Se, por um lado, o corredor arborizado da Av. da Universidade oferece uma "boa experiência estética e sensorial", por outro, a ausência de espaços adequados para deslocamentos pedonais compromete tal apreciação. A qualidade arquitetônica das edificações do Campus de Santiago permanece como um grande atrativo estético. Apesar disso, especificamente no EF 3, há poucas aberturas, sacadas ou marquises no nível do piso que estejam voltadas para o espaço público da avenida.

Em relação à atração que o EF 3 possa exercer sobre os humanos, não podemos considerar que exista ali alguma "opção de vista" que mereça maior atenção, tampouco a "experiência estética e sensorial" é destacável. Como dito, não há "opções para brincar, jogar ou praticar atividade física", também não há "opções para eventos em grupo ou atividades sociais". De semelhante modo, não existem muitas "opções para aproveitar o clima", pois não há abrigos cobertos, nem bancos ou dispositivos que permitam o deixar-se no exterior, em atividade contemplativa ou recreativa.

Em suma, é possível afirmar que o EF 3 caracteriza-se por um perímetro extenso de fronteira com o espaço público da avenida, sem entrada e saída de veículos e sem suportes adequados para a circulação pedonal ao longo de sua extensão. O EF 3 está construído como um espaço pelo qual se atravessa, mais do que para ser percorrido ou onde se deva permanecer. Nesse sentido, não há dispositivos físico-espaciais que possam exercer algum tipo de atração, a não ser, precisamente, os pontos de atravessamento, principalmente em frente à Rua A.H.B.V. de Aveiro, onde estava o sinal semaforizado.

6.4 Análise físico-espacial do EF 4 – R. da Pega e Via de Circulação Interna

O quarto e último espaço de fronteira compreende uma extensa faixa sudoeste do Campus, de aproximadamente 1,2km, não contados os 350m de ponte pedonal sobre o Esteiro de São Pedro. Por questões de apresentação do conteúdo, subdividimos esse EF 4 em duas porções: o EF 4.1 – R. da Pega e o EF 4.2 – Via de Circulação Interna. Diferentemente dos demais espaços de fronteira, o EF 4 não é plano, possui um suave, mas perceptível declive que parte do interior do Campus em direção à R. da Pega, às margens da Ria de Aveiro.

O EF 4.1 inicia-se ao norte, a um pouco mais de 200m de distância da esquina da R. da Pega com a R. de Calouste Gulbenkian, exatamente quando se encerra uma sequência de residências unifamiliares, no Bairro da Beira-Mar. Segue no alinhamento com a R. da Pega por quase 800m, quando encontra com a esquina da via de circulação interna do Campus, local onde o interrompemos e consideramos o início da porção seguinte desse espaço de fronteira. O EF 4.1 tem como confrontante direto apenas uma residência ao norte. No restante de sua extensão, ele margeia o espaço público da R. da Pega, tendo em frente a Ria de Aveiro, onde também funcionam atividades da universidade, na Marinha Grande (Fotomontagem 37).

Na continuação, o EF 4.2 – Via de circulação interna inicia-se na esquina com a R. da Pega, segue por um percurso de cerca de 400m, que serve de limite entre o Campus e as edificações do Lugar de São Tiago e encerra no começo da ponte pedonal. Edificações residenciais multifamiliares no Lugar de S. Tiago são os confrontantes diretos desse espaço de fronteira, que não margeia nenhuma via pública, apenas encontra-se em uma esquina com a R. da Pega e, em outra, com a R. de São Tiago. Não incluímos a ponte pedonal como parte do espaço de fronteira porque essa liga dois campi da mesma instituição.

O Campus de Santiago é um pouco mais elevado do que a R. da Pega, desse modo, ao longo do EF 4.1, há muros de pedra para contenção do terreno que não ultrapassam 1m de altura, a não

ser nas proximidades do lago natural existente no Campus. Na porção em que o EF 4.1 está em frente a um grande estacionamento restrito da Universidade, nas proximidades da biblioteca (edf. 17) e da cantina universitária (edf. 6), seus limites com a via pública são demarcados com uso de estacas de madeira que fazem as vezes de balizadores.

No EF 4.2, na lateral do mesmo estacionamento, há uma mureta baixa que marca seu limite, ao passo que, do lado do Lugar de S. Tiago, as próprias edificações ou seus muros servem de barreira. Os limites dos lotes seguintes variam entre cercas (na maioria deles) ou muros. Na esquina da via de circulação interna com a R. de S. Tiago, já próximo à ponte pedonal, há um edifício residencial sem qualquer tipo de barreira física para o EF 4.2. Do outro lado dessa mesma esquina, segue uma área cercada em solo natural e, logo na sequência, o acesso à ponte pedonal sobre o Esteiro de S. Pedro (Fotomontagem 38).

Especialmente no EF 4.1, o afastamento deixado entre as edificações do Campus e o limite do lote possivelmente é superior ao exigido pelas normas urbanísticas incidentes na área. Por meio das entrevistas, fomos informadas de que tal solução de implantação do conjunto edificado tinha como objetivo preservar vistas das edificações para o grande panorama formado pela Ria de Aveiro. Dado que algumas últimas edificações a serem construídas estavam nas imediações do EF 4.1, podemos afirmar que esse espaço de fronteira também cumpre uma função de estoque de terras para construções futuras.

Soma-se ainda uma função evidente relacionada ao tema de preservação ambiental, com a presença de um lago natural cercado de mata ciliar; de preservação de pré-existências, com reminiscências de portões, muros e construções das quintas existentes antes da implantação do campus; e de estacionamento, com uma grande área ocupada por um estacionamento restrito.

Diferentes funções são assumidas pelo EF 4.2, pois atua ele próprio como via pública, garantindo a diminuição do isolamento do Lugar de São Tiago das áreas mais centrais da cidade. Não fosse a possibilidade de circulação por essa via, os residentes do Lugar de S. Tiago, comprimidos entre o campus universitário e a Ria, precisariam percorrer mais de 800m até a esquina da R. da Pega com a R. de Calouste Gulbenkian para, a partir daí, conseguirem seguir para qualquer destino que desejassem. Haveria também a possibilidade de seguirem pelo Castro, mas por esse trajeto, afasta-se ainda mais das regiões do centro da cidade. Além disso, até alcançar as imediações do Campus do Castro, as estruturas das vias não são as mais convidativas para um pedestre, pois os terrenos circundantes são grandes, com poucas e esparsas ocupações. Ali, não existem passeios ou qualquer tipo de separação para pedestres das estreitas faixas de rodagem.

Esse mesmo trajeto seria a única opção para residentes do Castro que desejassem locomover-

se a pé até os espaços mais centrais de Aveiro, não fosse o percurso pedonal permitido pela combinação da ponte entre os Campi de Santiago e do Castro e a via de circulação interna. No sentido oposto, podemos afirmar que a via de circulação interna é um importante dispositivo físico-espacial para facilitar acesso à Ria, de modo que ela evita que o próprio Campus de Santiago se torne uma barreira entre as demais áreas da cidade e a Ria de Aveiro. Nesse sentido, podemos afirmar sem engano que o EF 4.2, além de atuar como uma via pública, desenvolve uma importante função de integração espacial.

À primeira vista, o EF 4.1 não parece dos espaços mais cuidados, quase toda sua área é ocupada por solo natural com vegetação espontânea que é aparada em algumas porções, mas que, em outras, atinge alturas que dificultam a locomoção pelo espaço. Somada a isso, a inexistência de passeio público ao longo da mureta do Campus dá-nos uma sensação de espaço deixado, de fundo de lote, sobretudo quando colocado em oposição ao EF 2, paralelo a esse, do outro lado das edificações, que se assemelha a um grande percurso pedonal de chegada. A percepção muda um pouco a partir do estacionamento restrito e do EF 4.2, com espaços e revestimentos bem mantidos.

Com exceção do estacionamento restrito, não existe área para fluxo de automóveis ao longo do EF 4.1. Em oposição, o EF 4.2 caracteriza-se especialmente por corresponder a uma via de circulação interna que contorna o Campus. Ao longo de todo o EF 4.2, existe uma ciclofaixa de um lado da via e passeios para pedestres nos dois lados. No EF 4.1, não existe ciclofaixa e os percursos pedonais são poucos e sempre transversais, ligando as edificações a uma das três entradas e saídas do Campus pelo lado da R. da Pega, exclusivas para pedestres. Há ainda uma entrada improvisada e alguns caminhos espontâneos no EF 4.1, que ligam edifícios ou trechos de calçamento mais internos do Campus (para caminhos, circulação e estacionamentos nos EF 4.1 e 4.2, ver Fotomontagens 39 a 44).

No entorno imediato, na R. da Pega, é possível reconhecer um traçado existente no qual, do lado da Universidade há guias que delimitam o passeio para pedestres e desenham espaços para vagas de estacionamento. Do lado da Ria, a presença de uma guia indicava a existência de uma possível ciclofaixa, no mesmo nível que o asfalto da faixa de rodagem, limitada por outra guia que a separa do solo natural das margens da Ria. Em dois trechos, o desenho da ciclofaixa recua para garantir espaço para vagas de estacionamento, do mesmo modo como ocorre ao longo do que deveria ser o passeio pedonal no alinhamento do Campus. Já próximo à esquina da R. da Pega com a R. de Calouste Gulbenkian, em frente às residências do Bairro da Beira-Mar, forma-se um largo para pedestres, com bancos e arborização.

Fotomontagem 37 – Barreiras no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato



Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 38 – Barreiras no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato





Edifícios no Lugar de S. Tiago, separados do campus por cercas.



Vista do Lugar de S. Tiago, a partir da esquina da via de circulação interna com R. da Pega.

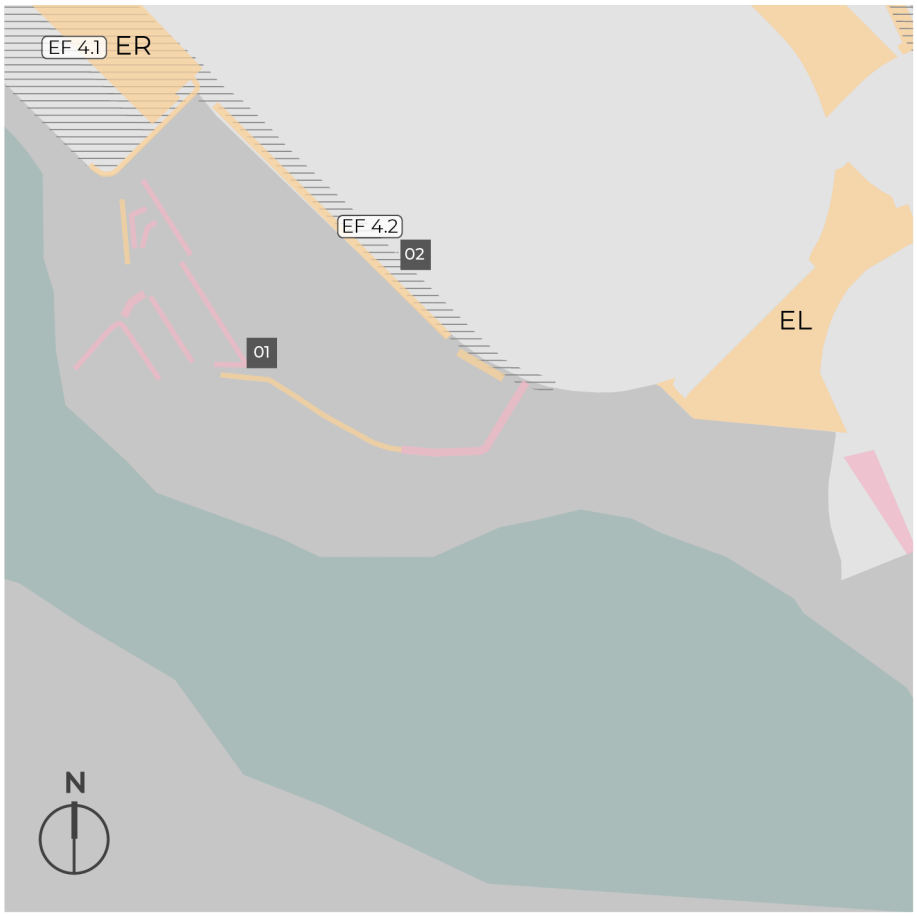
Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 39 - Estacionamentos no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato



Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 40 – Estacionamentos no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato





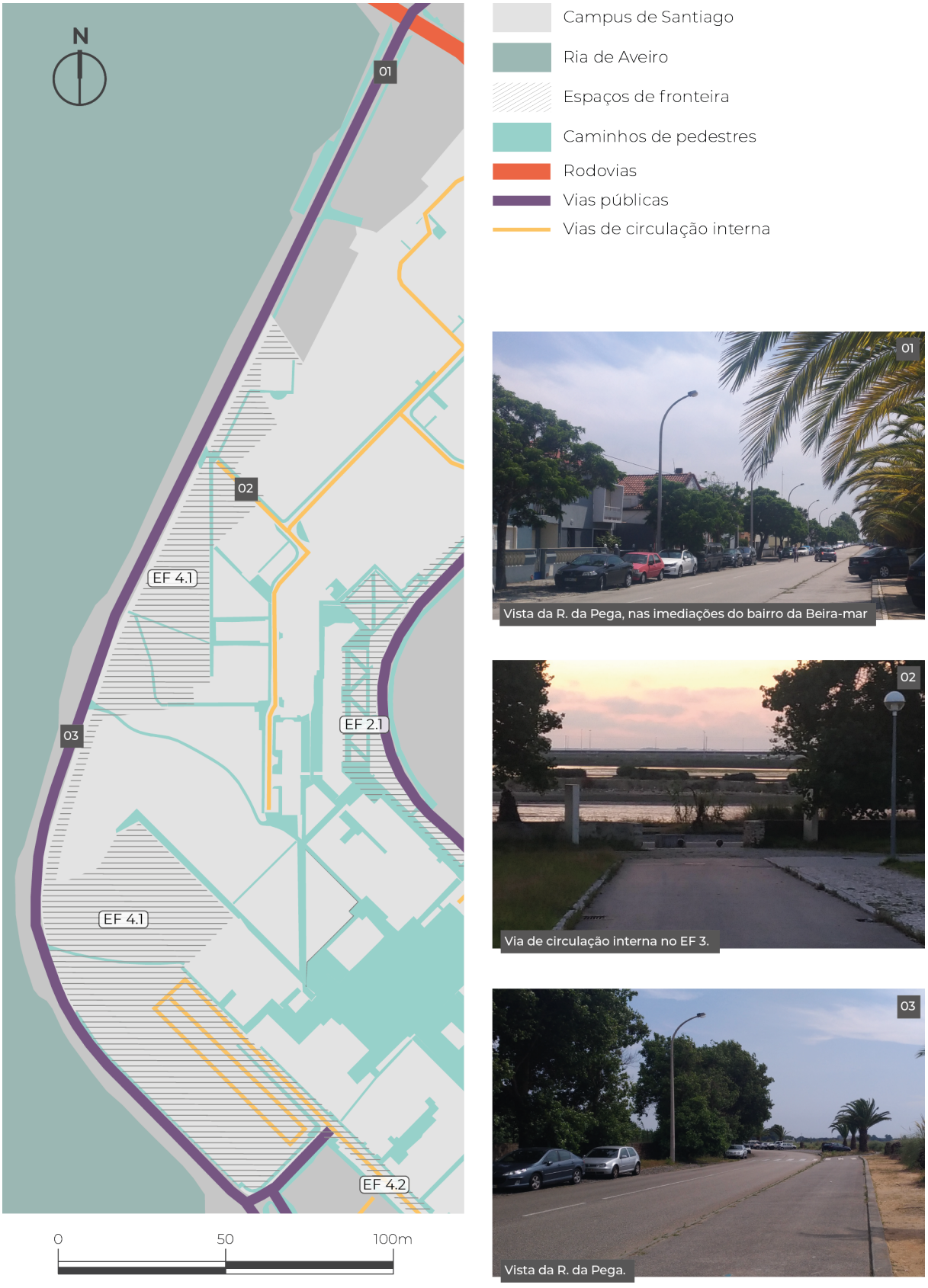
Carros estacionados no Lugar de S. Tiago.



Estacionamento na via de circulação interna (EF 4.2).

Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 41 – Circulação no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato



Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 42 – Circulação no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato





Via de circulação interna (EF 4.2).



Via de circulação interna do campus, vista da esquina da ponte pedonal.

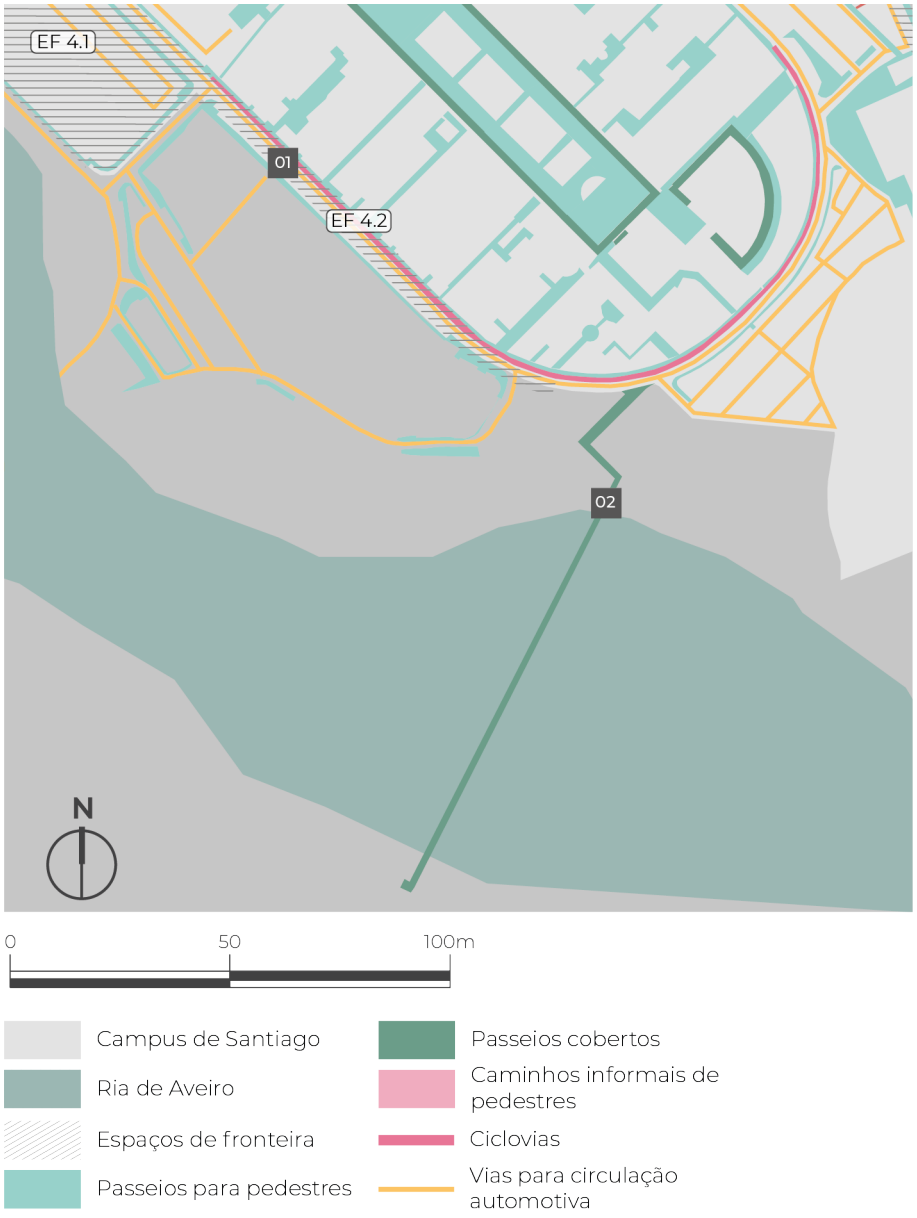
Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 43 – Caminhos no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato



Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 44 – Caminhos no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato





Passeio para pedestres e ciclofaixa na via de circulação interna.



Ponte pedonal sobre o Esteiro de S. Pedro.

Fonte: a autora, 2018-2023.

A propósito de vegetação, há muitos "elementos verdes" no EF 4 e entorno imediato, principalmente no EF 4.1. A maior parte da área do EF 4.1 está em solo natural, com cobertura de vegetação espontânea. Nas proximidades do lago natural, existe vegetação arbustiva e arbórea a contorná-lo, de tal modo que uma pessoa só consegue visualizá-lo por entre brechas de galhos e folhas. Na R. da Pega, ao longo do que deveria ser o passeio de pedestre, alinhado à mureta do Campus, árvores estão distribuídas em linha. Do lado da Ria, existem palmeiras robustas dispostas em linha, seguida por vegetação espontânea e arbustiva nas margens. Em alguns trechos, essa vegetação alcança altura tal que impede um humano de visualizar a lâmina d'água da Ria. Os elementos verdes do EF 4.1 estão representados na Fotomontagem 45.

No EF 4.2, há poucos "elementos verdes", com a presença de árvores nos limites de alguns lotes do Lugar de S. Tiago. Em contrapartida, há muitos canteiros em solo natural ou com gramados cuidados e passeios para pedestres nos recuos entre os edifícios departamentais da Universidade. Inclusive, é importante ressaltar que a separação que aqui se faz entre o EF 4.2 e esses espaços abertos mais internos ao Campus só existe em termos de representação e organização de ideias para interesse investigativo. Na prática, esses recuos vegetados entre edifícios departamentais estão na continuidade espacial da via de circulação interna. Assim também ocorre com os espaços em solo natural ou com vegetação espontânea na entrada da ponte pedonal e, em perspectiva, a vista da cobertura vegetal presente no Esteiro de S. Pedro e suas margens (Fotomontagem 46).

Os principais marcos arquitetônicos nas proximidades do EF 4.1 são o edifício da biblioteca (edf. 17) e a praça central; no EF 4.2, a vista da alameda central e do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico (edf. 23) é possibilitada pelos afastamentos entre os edifícios departamentais. A ponte pedonal é outro marco importante, com sua estrutura metálica que entrecorta e enquadra a paisagem formada pela combinação de construções humanas e recursos naturais. Finalmente, se não arquitetônico, a Ria de Aveiro é um marco paisagístico, ambiental e histórico da cidade de Aveiro, proporcionando um rico enquadramento paisagístico para o Campus de Santiago.

Em relação aos critérios de Gehl, segue o Quadro 13, com o resumo e, na sequência, nossas considerações a partir das visitas de campo, tomando como referência os princípios projetuais que temos analisado nesta tese. Informações mais sistematizadas relacionadas aos parâmetros de Gehl estão organizadas na ficha do Inventário do Lugar, Apêndice C deste trabalho.

É bem verdade que as características espaciais das duas porções do EF 4 são bastante diferentes, pois, se no EF 4.1 praticamente não há "opções de mobilidade" a não ser alguns trechos para atravessamentos pedonais, o EF 4.2 é marcado pela presença de via para circulação automotiva,

Quadro 13 – Avaliação do EF 4, a partir dos critérios estabelecidos por Gehl

PROTEÇÃO	**Proteção contra tráfego e acidentes.** O espaço é seguro para humanos de diferentes idades e habilidades? É possível andar ou pedalar sem medo de ser atropelado? ✓	**Proteção contra danos causados por outros.** O espaço é percebido como seguro de manhã e à noite? Há atividades em todos os horários? A iluminação garante segurança? –	**Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis.** Existe barulho, poeira, odor ou outro tipo de poluição? O espaço funciona bem quando está ventoso? Existe abrigo do sol forte, chuva ou pequenas inundações? –
CONFORTO	**Opções de mobilidade.** Esse é um espaço acessível? Existem elementos que podem limitar a caminhabilidade, o uso de cadeira de rodas ou de empurrar um carrinho? É evidente como se mover pelo espaço sem tomar um desvio ilógico? –	**Opções de Permanência.** O espaço tem elementos nos quais seja possível ficar e encostar-se, como uma fachada convidativa ou uma parada de ônibus, um banco, uma árvore, ou uma pequena saliência ou nicho? ✗	**Opções para sentar.** Existem boas opções para sentar, tais como bancos ou cadeiras? Ou só existem alternativas, tais como, escadas, muretas ou bordas de fontes? Existem assentos adequados que não sejam comerciais, i.e., que estar sentado não implique em gastar dinheiro? ✗
	Opções de vista. Os assentos existentes estão localizados em áreas onde há coisas interessantes para ver? –	**Opções para conversar.** É possível ter uma conversa nesse espaço? É evidente que há opções para humanos sentarem-se juntos para ter uma conversa? ✗	**Opções para brincar, exercitar-se ou jogar.** Existem opções de estar ativo em múltiplas épocas do dia e do ano? ✗
SATISFAÇÃO	**Escala humana.** As edificações e os espaços abertos têm escala humana? É possível perceber humanos no extremo do espaço como humanos ou perde-se essa noção com a distância? ✓	**Oportunidades de aproveitar o clima.** Aspectos climáticos foram levados em consideração? Existem opções de passar tempo no espaço em diferentes condições climáticas? Como os assentos estão localizados em função das variáveis climáticas? ✗	**Boa experiência estética e sensorial.** O local é bonito? Os elementos físicos do espaço têm um bom design e são elaborados com bons materiais? –

Legenda: ✓ Atende ao critério – Atende parcialmente ✗ Não atende ao critério

Fonte: a autora, 2022.

acompanhada de ciclofaixa em um dos lados e de passeio para pedestres com dimensões adequadas dos dois lados da via. Soma-se a isso a existência de uma ponte pedonal coberta que proporciona ligação entre os dois campi da Universidade de Aveiro, com a superação da barreira natural que seria o Esteiro de S. Pedro.

A "proteção contra tráfego e acidentes" é desnecessária no EF 4.1, dada a inexistência de circulação automotiva nesse espaço. No EF 4.2, foram colocados balizadores na ciclofaixa e há faixa de pedestres nos pontos de atravessamento. Existem bicicletários distribuídos no passeio do lado do Lugar de S. Tiago e vagas para estacionamento de veículos.

Embora Aveiro seja uma cidade segura, consideramos que o EF 4 atende apenas parcialmente ao critério "proteção contra danos causados por outros", pois o espaço do EF 4.1 não está sempre ocupado, com atividades em todos os horários. Há poucas construções que não sejam o próprio Campus em uma longa extensão de frente para a R. da Pega e para a Ria, onde as possibilidades físico-espaciais para circulação e permanência de pedestres são bem limitadas.

Se de um lado o EF 4.1 dispõe de um dos espaços em que é possível desfrutar da vista para a Ria, brisa marítima, som de pássaros (perceptível mesmo dos espaços mais centrais do campus);

Fotomontagem 45 – Elementos verdes no trecho EF 4.1 e no seu entorno imediato



Fonte: a autora, 2018-2020.

Fotomontagem 46 – Elementos verdes no trecho EF 4.2 e no seu entorno imediato





Espaço aberto entre edifícios universitários, visto da via de circulação interna.



Área em solo natural nas proximidades da ponte pedonal.

Fonte: a autora, 2018-2020.

por outro, a "proteção contra sensações desconfortáveis" fica comprometida quando se considera a ausência de dispositivos físico-espaciais que garantam a permanência no espaço de fronteira em condições de tempo que envolvam chuva, vento ou calor excessivo. No que se refere ao EF 4.2, existe um abrigo que protege um grande mapa de sinalização das edificações do Campus, próximo à esquina do estacionamento restrito do EF 4.1. Pode servir de abrigo provisório para chuvas e ventos, mas não está construído de modo a oferecer condições de permanência de pessoas sob si. Dos edifícios departamentais, nenhum dispõe de marquises para o lado da via de circulação interna. Finalmente, embora coberta, a ponte pedonal não oferece anteparo suficiente nos períodos ventosos, como nos relatou a entrevistada Ana Carneiro, ao elencar algumas das dificuldades enfrentadas por moradores da residência universitária do Campus do Castro.

Tanto no EF 4.1 quanto no EF 4.2, não há "opções de permanência", "opções para sentar" ou "opções para ouvir e conversar". Apesar do trecho de ciclofaixa existente na via de circulação interna, podemos afirmar que tampouco há "opções para brincar, jogar ou praticar atividade física" no EF 4 que tenham sido pensadas ou construídas para tal fim. Não podemos ignorar que a ambiência proporcionada pela Ria e a existência de marcos arquitetônicos visualmente alcançáveis contribuem para uma "boa experiência estética e sensorial" ofertada pelo entorno do EF 4. Em contrapartida, sobretudo no EF 4.1, não há muitos elementos construtivos, mobiliário ou soluções de "desenho do chão" que favoreçam o usufruto contemplativo das condições oferecidas pelo entorno.

Não restam dúvidas de que as "opções de vista" abundam no EF 4, mas, como dissemos, não há bancos, assentos, muretas, degraus ou qualquer outro tipo de dispositivo que permita a contemplação da paisagem. Mesmo na R. da Pega, a disponibilidade de bancos só ocorre em um trecho curto, antes de chegar às imediações da Universidade de Aveiro. Assim, de acordo com o que já afirmamos, apesar da "boa experiência estética e sensorial" do entorno, não há elementos no EF 4 que o tornem atrativo, pois não há ali recursos físico-espaciais que favoreçam a apreciação do espaço de fronteira em integração com seu entorno imediato, tampouco "opções para aproveitar o clima".

Em suma, o EF 4.1 é uma das porções de espaço de fronteira do Campus de Santiago com maior potencial atrativo, dado o panorama paisagístico da Ria, que é aproveitado, principalmente, a partir do modo como as edificações universitárias são implantadas no terreno do Campus. Nesse sentido, o EF 4.1 contribui decididamente para o enquadramento da paisagem a partir dos interiores dos edifícios. Da perspectiva do rés do chão, de quem transita pela cidade e pelo Campus, não há qualquer agenciamento (desenho do chão) que indique uma valorização desse espaço de fronteira,

a exemplo do tratamento dado ao EF 2, ao longo da Av. João Jacinto de Magalhães.

Embora o EF 4.2 não disponha de elementos físico-espaciais que ofereçam possibilidades de permanência, ele cumpre uma importante função de integração espacial, com superfícies preparadas para diferentes tipos de circulação: veicular, ciclável e pedonal. No EF 4, como em todo o restante do campus e de seu entorno, inexistem dispositivos próprios para facilitar o percurso de pessoas com deficiências, tais como sinais sonoros, pisos táteis e mapas táteis.

Os quatro espaços de fronteira atuam em funções diferentes em relação a seus entornos urbanos imediatos. O estreito EF 1, desempenha uma função bem demarcada de entrada automotiva, enquanto o EF 2 é o principal acesso de pedestres que chegam ao Campus a partir do centro da cidade. Esse é o espaço de fronteira mais bem mantido e programado, oferecendo opções para diferentes tipos de movimentos e permanências. Já o EF 3, está quase que restritamente construído para ser estacionamento e oferecer alguns pontos de atravessamento pedonal. O EF 4, por um lado, tem um potencial de atração considerável, por outro, é fundamental para integração físico-espacial do Campus com seu entorno imediato. A depender da intervenção sobre o EF 4, é possível converter o Campus em uma barreira física para residências e para o acesso de uma importante frente da Ria de Aveiro.

Na sequência da análise físico-espacial de que nos ocupamos neste capítulo, avançaremos na apresentação dos resultados obtidos a partir da observação de situações de movimentos e permanências de humanos em interação entre si e com os espaços de fronteira e abertos do campus, bem como seu entorno imediato. Tanto esses dados, quanto os relativos à pesquisa de jornais online e as discussões ensejadas pelas questões exploratórias estão desenvolvidos no próximo capítulo.

7. O social em interação: situações de campo e interesses em negociação

Por questões de organização de conteúdo, preferimos separar os resultados e discussões em dois capítulos. No anterior, apresentamos a caracterização físico-espacial do Campus de Santiago e de seus espaços de fronteira. Neste, dedicaremo-nos às situações de permanências e movimentos observadas em campo; além da identificação de alguns atores sociais, seus coletivos e interesses em negociações que têm repercussões nos espaços abertos, coletivos, públicos e de fronteira do entorno universitário. Ao fim do capítulo, retomaremos aos objetivos de pesquisa para discutir e analisar os resultados levantados, elaborar novas questões e apontar para novos desdobramentos investigativos.

7.1 Movimentos e permanências observados *in situ*

Em geral, as situações de movimentos e permanências observadas durante nossas visitas de campo envolviam atividades banais, imediatas e corriqueiras, mas nem por isso deixaram-nos de informar algumas sutilezas e de trazer *insights* capazes de agregar às discussões técnicas com as quais este trabalho pretende contribuir.

No que se refere à classificação proposta por Agier (2011), a imensa maioria das situações observadas de passagem ou permanência foram ordinárias; poucos eventos extraordinários; e nenhuma ritual. A escolha por incluir "eventos" como situações extraordinárias está amparada na constatação de que esses não ocorrem cotidianamente, embora a realização de eventos seja algo constante em universidades. Contudo, por ocasião de eventos, uma série de providências são tomadas, com a manipulação e inclusão de outros atores não-humanos, públicos diversos daqueles imediatamente relacionados com a universidade são atraídos.

No quadro 14, a seguir, apresentamos um resumo dos tipos de situações registradas na prática de campo. Na sequência, desenvolveremos uma breve explicação sobre cada uma delas. A descrição da situação registrada, bem como a localização onde foi observada estão representadas nos mapas de situações, que seguem no decorrer do texto. No Apêndice B está uma planilha geral detalhada com todas as situações observadas durante a pesquisa de campo. Algumas das situações registradas em campo estão exemplificadas nas Fotomontagens 47 e 48.

Consideramos três modalidades de movimentos recorrentes no entorno universitário do campus de Santiago: deslocamentos pedonais, com utilização de bicicletas e por meio de veículos motorizados. Não desenvolvemos contagens para os fluxos de pedestres e de veículos

Quadro 14 – Tipos de movimentos observados *in situ*

MOVIMENTOS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
Fluxo de pedestres	Observados em todos os pontos estacionários, sem contagem, registrado de modo perceptivo.
sozinhos	
em grupos (conversas)	5.1b, 5.1c, 5.11b, 5.11c, 5.11d , 5.12b, 5.13b, 5.13h, 5.14b, 5.13g, P6.5b, P6.1, 5.2b
em entrada e saída de edifícios	6.9c, 6.9b, 9.2c, 9.2d, 9.3b, 9.6b, 9.7b, 8.17c, 8.17g
em entrada e saída de veículos	P3.3, 5.13e, 8.17d, 8.17f, 8.24c, 8.25b, 8.3
em caminhada esportiva	4.2, 6.2, P7.1c, P7.2, 7.10, 8.18
passeio com o cão	P7.5, 8.58, 8.48, 9.3
em interação com o celular	8.50c, 8.17g, 8.17i, 8.19j, 8.24e, 8.25d, 8.19d, 8.19e, 8.12
com sacola de compras	6.9b, 9.3b, 8.24d, 8.3b, P7.1b,
em atividade de manutenção ou limpeza	5.25, 8.19b
Cadeirante	5.6
Fluxo de ciclistas	
em locomoção	4.3, 5.3B, 5.5, 5.7, 8.55, 8.56, 5.13, 5.14, 8.50, 4.8, 9.9, 4.7, 9.1, 9.4, 9.5, 9.7, 9.9, 9.14, 9.17, 9.18, 9.26, 8.8, 8.11, 8.14, 8.24 -, 8.24g
a passeio/lazer	5.8, 5.9, P6.1 (volta da praia), P7.1B, 4.5, 4.6, 8.26, 9.27, 7.7, 8.5, 8.15, 8.16
esportivo	4.4, 4.10, 6.8, 9.2, 9.6, P7.3, 8.17
Passeio com patis ou skate	P10.2
Fluxo de automotores	
motociclista	Motociclista - passa pela ponte uma moto ocupada por 2 homens (visita 9)
ônibus (linhas regulares)	P8.1
veículo turístico	8.17h, 8.24b, 8.24h (tuc-tuc), 8.26B, 9g, 8.7b
ambulâncias	6.9d, 6.9f
Excepcionais	
cão sozinho	V05
PERMANÊNCIAS	**REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS**
espera	4.1, 8.4, 8.24, 8.42, 9.16, 8.22, 8.23, 8.24c, 8.39b, 9.16, 9.19, 9.20, 9.30, 9.33
leitura	5.10, P7.5
conversa em saída de edifício	4.9, 5.1a, 5.3, 5.22, P6.2, P6.5, 8.54, 8.25, 9.22, 9.23
conversas em grupo	5.1 , 5.4, 5.11, P5.1, P5.2, P5.3, 8.28, 8.29, 8.30, 9.29, 9.37, 9.38
fumar	5.2, 5.24, 7.9, 8.9, 8.21, 8.35, 8.37, 8.47
interação com animal	5.12, P6.1, 7.1, 8.10, 8.57
descanso em hora de intervalo	P5.1, P5.2, P5.3, 9.30, 9.31
interação com o celular	5.15, P6.6, 6.7, 6.10, 7.5b, 8.1, 8.2, 8.4, 8.6, 8.10, 8.22, 8.31, 8.32, 8.41, 8.44, 8.51, 9.28, 9.30, 9.34
jogos e brincadeiras	P3.2, P6.4, 6.9, 7.2, 8.53, P10.3, P10.4
serviços de manutenção	8.8b, 8.36, 9.10, 9.12, 9.36
prática de pesquisa (?)	P3.1
contemplação	8.9, 8.13, 8.21
pesca	8.3, 8.7
cuidado com plantas	P7.1, 8.19, 9.36

Fonte: a autora, 2023.

motorizados, mas registramos em diário de campo a intensidade do fluxo em cada ponto de observação estacionária, e algumas situações específicas que nos chamavam a atenção dentro de cada uma dessas modalidades. No caso dos ciclistas, dado que não eram muitos ao mesmo tempo, conseguimos registrar as situações individualmente, incluindo descrições mais precisas sobre como as situações desenvolviam-se.

Frequentemente, estar a pé pela cidade é uma opção, como quem faz um passeio contemplativo, elege a caminhada como um modo de exercitar-se ou faz uma breve incursão até uma loja de conveniência próxima em busca de algum lanche ou coisa que o valha. Há ainda o fluxo dos que passam em direção à casa, a carregar sacolas de compras. Aqueles que levam os cães a passear, em certa medida, desenvolvem uma atividade compulsória, dadas as necessidades biológicas e de socialização dos animais domesticados. Outras vezes, o percurso de um pedestre corresponde ao necessário trajeto entre o veículo e seu destino, ou de entrada e saída de edificações. Finalmente, um pedestre pode ser alguém no desenvolvimento de atividade profissional de limpeza ou manutenção do espaço aberto ou alguém que sai de casa para deitar fora o lixo.

Em praticamente todos os pontos de observação, notamos a passagem de pedestres que portavam celulares nas mãos ou interagiam com seus aparelhos enquanto movimentavam-se. Especificamente na visita V05, durante o horário do almoço, percebemos muitos pedestres a passar com os olhos fitos nas suas telas[7]. É evidente que tal comportamento poderia estar relacionado ao senso de urgência que muitas vezes as dinâmicas de redes sociais despertam naqueles que passam períodos apartados de acompanhar o ambiente virtual, como em períodos corridos de aula. De outo modo, também é plenamente plausível que estivessem a realizar ações relacionadas a necessidades mais imediatas, como escolher o cardápio em um aplicativo do restaurante universitário.

Foram observadas situações com ciclistas em todos os espaços de fronteira, em diferentes espaços internos do Campus e em todo entorno universitário. Classificar os movimentos com o uso de bicicletas entre necessários ou opcionais é difícil. A rigor, poderíamos afirmar que grande parte dos ciclistas escolhe essa modalidade de deslocamento opcionalmente para realizar trajetos que poderiam igualmente ocorrer por meio de caminhadas, com usos de transportes coletivos ou automóveis. Dificilmente, a bicicleta apresenta-se como única possibilidade de locomoção para quem a utiliza. De todo modo, há situações nas quais não nos restam dúvidas de que o uso de bicicletas é opcional, como para práticas de passeios a lazer e turismo ou de exercício físico. Consideramos ciclistas em simples locomoção aqueles que se deslocavam sozinhos e que não possuíam nenhum indicativo específico.

7 Em português europeu, "ecrãs".

Fotomontagem 47 – Alguns tipos de movimentos observados em campo

Tipos de
movimentos
observados





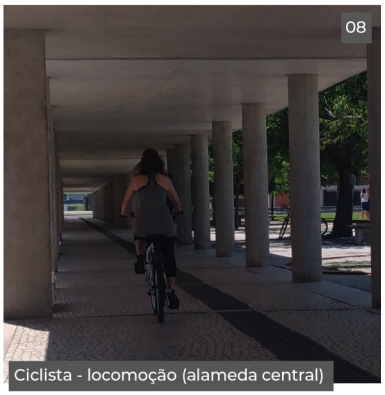
















Visitas:
01 - V05; 02 - V03; 03 -V09;
04 - V01; 05 - V09; 06 - V09;
07 - V07; 08 - V07; 09 - V07;
10 - V07.

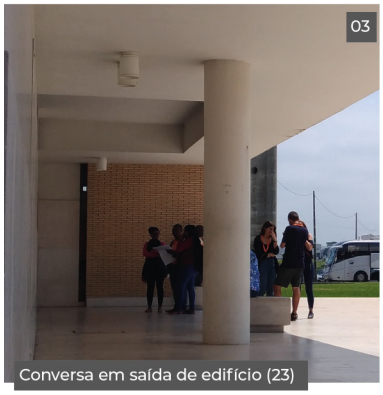
Fonte: a autora, 2018-2023.

Fotomontagem 48 – Alguns tipos de permanências observadas em campo

Tipos de
permanências
observadas





















Visitas:
01 - V09; 02 - V01; 03 -V09;
04 - V09; 05 - V05; 06 - V07;
07 - V09; 08 - V05; 09 - V10;
10 - V08.

Fonte: a autora, 2018-2023.

Quando os ciclistas seguiam em duplas ou grupos, em conversas ou utilizando as bicicletas de utilização gratuita de Aveiro (BUGA), registrávamos como ciclistas a passeio. Finalmente, quando os passavam trajando roupas de treino, capacetes e demais equipamentos de proteção pessoal, marcávamos como ciclistas esportivos. Registramos ainda outras práticas esportivas ou de lazer que faziam uso de rodas, como patins e skates. Ainda sobre rodas, mas de forma absolutamente necessária, apenas registramos a passagem de uma mulher com o uso de cadeira de rodas motorizada na ciclofaixa do EF 2.

No que diz respeito à circulação automotiva, parece que a distinção entre "necessária" e "opcional" se torna um tanto despropositada quando consideramos os veículos particulares. Nossos registros estavam dedicados a diferenciar os fluxos em razão da intensidade percebida em cada ponto de observação estacionária. No que se refere a outros tipos de veículos, como ambulâncias, ônibus ou de serviços e abastecimentos diversos, evidentemente, trata-se de deslocamentos necessários. A circulação de veículos turísticos é opcional, por estar relacionada a uma escolha tanto dos turistas por aquele serviço específico, quanto da empresa, pelo percurso a ser realizado.

Algumas das situações de permanência envolviam atividades realmente necessárias, a exemplo de espera (em pé ou sentado) por veículos, pela conclusão de algum evento ou por alguém. A espera poderia ocorrer diretamente no espaço aberto, nas proximidades de entrada de edifícios, em bancos de jardins, em paradas de ônibus, mas também por meio de utilização de veículos como assentos abrigados.

Outro grupo de atividades necessárias está relacionado aos serviços de obras, manutenção ou limpeza nos espaços abertos, coletivos e públicos. Nota-se que aqueles que desenvolvem essas atividades estabelecem pouca ou nenhuma interação com outros humanos e a realizam alternando movimentos e permanências pelo espaço. Coleta de lixo, poda de árvores, obras, inspeções são alguns exemplos desse grupo de atividades observadas em campo.

As saídas de edifícios para fumar também foram agrupadas às situações de permanência necessárias, pois ocorrem com a finalidade de evitar os constrangimentos ocasionados pela liberação de fumaça nos ambientes fechados. As breves pausas para o cigarro geralmente ocorriam próximas das entradas dos edifícios e frequentemente estavam associadas a uma postura contemplativa do fumante. Aliás, nas proximidades de entradas de edifícios ocorriam diferentes tipos de situações, tanto necessárias quanto opcionais: espera, contemplação, interação com celular, conversas...

A conversa em saída de edifícios foi uma constante. Indicavam encontros ocorridos nos interiores das edificações, nos momentos anteriores à despedida dos interlocutores. Essas situações exemplificam bem o entendimento dos espaços de fronteira como uma soleira, uma

zona de mediação entre interior e exterior. Denotam um espaço de segurança para aquele que está a atravessar diferentes domínios, com a porta bem ali a servir de garantia de retorno ao espaço seguro e conhecido.

As conversas são desses grupos de atividades com mais variedade de possibilidades. Podem envolver permanências e movimentos; podem ser entre duas pessoas ou em grupos; em entrada de edifícios ou nos espaços abertos; sob o sol pleno, à sombra de árvores, marquises ou passarelas; com interlocutores em pé ou sentados em bancos, muretas ou degraus. As conversas também podem ocorrer durante momentos de alimentação ou confraternização. Em consequência, também foi possível observar situações de descanso após almoço ou entre os intervalos de atividades acadêmicas. Nessas situações de descanso, era frequente ver grupos de pessoas em áreas gramadas e sombreadas dos espaços abertos mais internos do campus ou do EF 2, algumas poucas pessoas deitadas (ver Mapas16 e 18, adiante) .

As situações de jogos e brincadeiras não foram tão recorrentes, englobam desde crianças brincando em parque infantil até jovens em jogos coletivos com bolas ou bastões. Mesmo estando às margens de uma via de circulação veicular intensa, sempre visualizávamos crianças brincando no parque infantil da R. de Calouste Gulbenkian. Os gramados existentes no Campus são potenciais espaços para prática de atividades recreativas em grupo. Entretanto, restou-nos a reflexão de que atividades lúdicas também estão associadas ao potencial criativo e imaginativo de quem as pratica, como na situação em que meninas brincavam em uma superfície de piso drenante, no estacionamento em frente à residência universitária (EF 3). Outros tipos de atividades lúdicas ocorriam em situações de interação com cães domesticados nos jardins da alameda e do EF 2. A maioria das pessoas em interação com seus cães pareciam ser moradores do entorno universitário.

Observamos apenas duas situações de leitura: uma nas passarelas cobertas entre edifícios departamentais e outra de uma mulher, em um domingo pela manhã, em um dos bancos do EF 1. A escolha pela leitura no espaço aberto é uma das atividades mais notadamente opcionais, já que as interferências externas podem desconcentrar o leitor e a prática da leitura pode ser realizada em qualquer outro espaço.

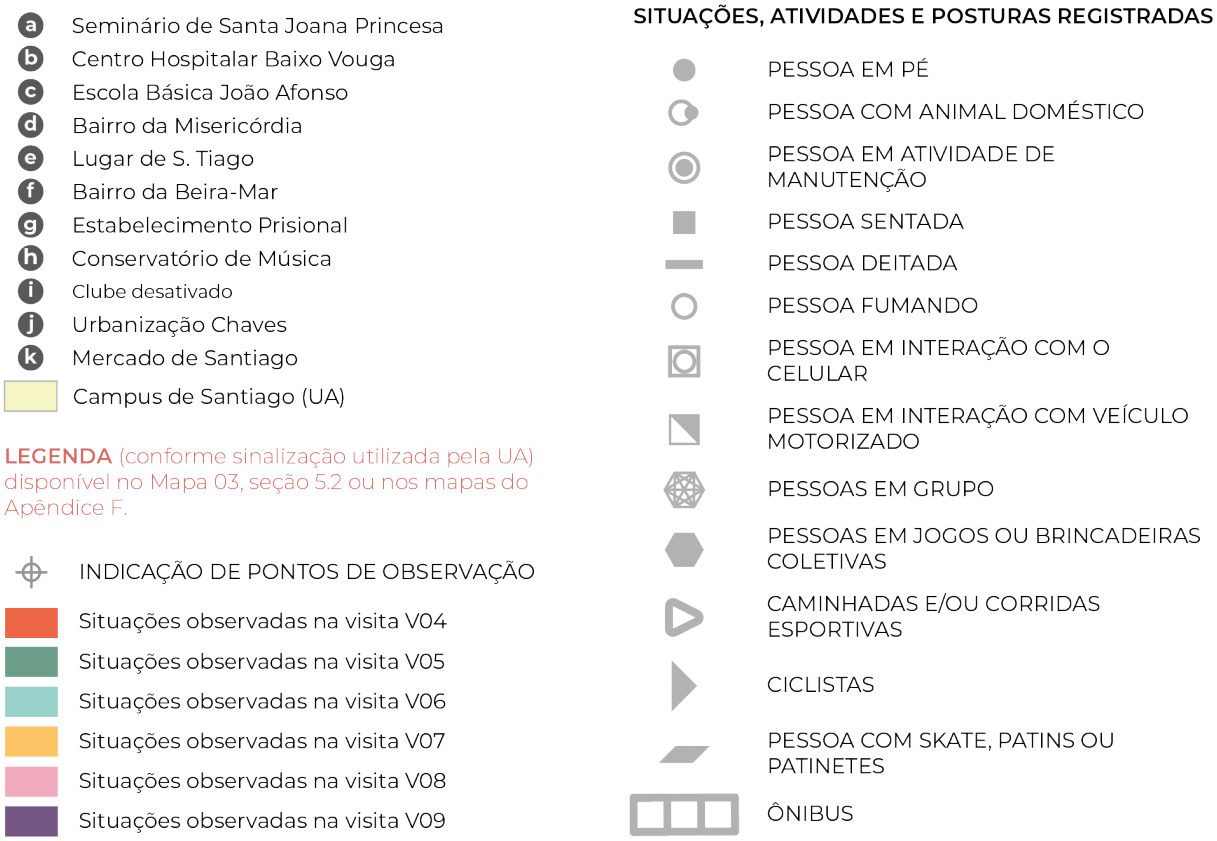
Algumas atividades observadas ocorreram exclusivamente no entorno imediato do EF 4. No Lugar de São Tiago, pudemos presenciar duas situações em que idosos cuidavam de plantas existentes no espaço público da rua, em frente de suas residências. Esses elementos vegetados pareciam estar ali por iniciativas particulares e não como uma composição paisagística organizada pela municipalidade. Outras duas situações foram observadas na R. da Pega e envolviam atividades de pesca na Ria de Aveiro.

Mapa 16 – Situações de permanências e movimentos observadas em campo



Fonte: a autora, 2018-2023.

LEGENDA



Independentemente de serem classificadas como necessárias ou opcionais, as situações de permanência que envolviam interações com automóveis e aparelhos celulares despertaram nossa atenção. No que se refere aos automóveis, para além de seu uso primário de locomoção, em algumas situações era utilizado como banco e abrigo em momentos de paradas rápidas, sobretudo em momentos de espera. Os automóveis atuam também como malas ou caixas, que auxiliam a carregar muitos objetos ao mesmo tempo (sacolas de compra, por exemplo), itens grandes ou pesados. Fazem às vezes de bancos; de área privativa no meio do espaço público; de abrigo para a chuva e vento; guarda-volumes para itens a serem utilizados em um momento posterior, como uma lancheira que se busca à hora do intervalo. A maioria das situações de permanência registradas que envolviam interação com automóveis ocorreram no entorno do EF 4.

As interações com celular foram uma constância e ocorriam tanto em movimentos como em permanências. A maioria dessas situações desenvolviam-se no interior do Campus, mas foi possível fazer registros de ocorrências em todos os espaços de fronteira e em áreas de entorno. Mais evidente do que as interações com automóveis, os usos de aparelhos celulares e *smartphones* ultrapassam suas funções primárias de comunicação por meio de chamadas de voz, interferem

nos comportamentos dos humanos e mediam diferentes situações de interação com o espaço em si e com outros humanos nos espaços coletivos. Com o uso de *smartphones*, visitantes e turistas conseguiam transitar por espaços desconhecidos, por meio de recursos de localização. Associado à contemplação, à realização de eventos e ao turismo, os celulares serviam para registros fotográficos.

Uma outra situação curiosa observada dizia respeito ao desenvolvimento de uma atividade lúdica no espaço aberto com a mediação de celulares, por meio de jogos eletrônicos interativos. Como não éramos participantes da situação, não podemos afirmar com certeza, mas dada a conjuntura, inferimos que dois jovens observados estavam jogando algo à semelhança do *Pokémon Go*.

O jogo baseia-se na captura de personagens supostamente dispersos pelo espaço aberto físico. Por meio de recursos de localização do *smartphone*, um mapa virtual equivalente ao local onde o jogador se encontra é reproduzido na interface do jogo. No mapa virtual, aparecem localizados os personagens a serem capturados, os pokémons. Assim, o jogador deve dirigir-se ao ponto indicado no mapa e, ao mirar a câmera de seu aparelho para o local, o aplicativo do jogo sobrepõe a imagem da câmera à do pokémon, dando a sensação de que o personagem a ser capturado está no mesmo local que o jogador.

Lançado em julho de 2016, com acesso gratuito, esse jogo tornou-se um fenômeno global, com centenas de milhões de *downloads* ainda no ano do lançamento, pois, proporcionava uma experiência de realidade aumentada e possibilidades de interação entre virtualidade e materialidade inovadoras. Principalmente nos anos seguintes ao de seu lançamento, era comum perceber jovens absortos, com celulares em punho, ávidos por capturarem personagens em áreas de espaços públicos de diversas cidades. Essa postura dos jogadores é facilmente reconhecível, pois, apesar de estarem em interação direta com seu entorno público, mantêm-se totalmente imersos na experiência virtualizada da qual participam. A utilização do jogo não esteve muito apartada de críticas. Entre outros pontos, apontava-se as questões de segurança envolvidas quando, com a atenção quase que exclusivamente direcionada à realidade virtual, os jogadores transitavam pelo "mundo real"[8].

A atenção visual voltada para as telas dos *smartphones* também está relacionada ao uso de diferentes tipos de aplicativos. É recorrente o desenvolvimento de conversas virtualizadas por meio de redes sociais ou usos mais utilitários, como a verificação do horário do ônibus ou a escolha do cardápio do restaurante universitário. Aliás, observamos que recorrer às telas era uma ação frequentemente assumida por aqueles que se encontravam sozinhos nos mesmos espaços abertos

8 Na página https://pt.wikipedia.org/wiki/Pok%C3%A9mon_GO#cite_note-8 (Acesso em 04 mai 2023), há uma seção intitulada "incidentes e controvérsias", na qual estão descritos alguns conflitos provenientes do uso do jogo, em diferentes lugares do mundo (são relacionadas referências de 29 notícias).

ocupados por grupos de pessoas em animadas conversas.

Poucas situações excepcionais foram registradas. Em uma das visitas, observamos um evento a decorrer no edifício da reitoria que parecia ser algo formal, como uma colação de grau ou algo do gênero. Havia ônibus fretado estacionado à frente do edifício e fluxo de pessoas em trajes sociais e de músicos portando estojos de instrumentos musicais. Em outra visita, um congresso internacional ocorria no interior do edifício do complexo pedagógico (edf. 23), quando se percebia muitas situações a acontecerem nas imediações do edifício e ouvia-se vários idiomas estrangeiros. Em uma das últimas visitas observamos um evento com atividades lúdicas direcionada a adolescentes. Eles todos trajavam roupas padronizadas e havia pessoas espalhadas pelos espaços mais centrais do Campus, à espera da conclusão dessas atividades.

Finalmente, chamou-nos a atenção algumas situações pouco usuais naquele entorno universitário, que poderiam representar algum tipo de controvérsia existente no convívio compartilhado daqueles espaços. Entre essas, destacamos um cão, com coleira, a passear sozinho pelo EF 2; um cão acompanhado, a tomar banho no espelho d'água da alameda central; abordagens de estranhos no estacionamento em frente ao hospital, no EF 2.

Em adição às situações observadas, poderíamos elencar uma série de indícios de usos e apropriações dos espaços abertos, coletivos e públicos do Campus de Santiago e de seu entorno imediato, alguns deles denunciando possíveis controvérsias no compartilhamento desses espaços. Por todo o campus, sobretudo nos seus espaços abertos mais internos e no EF 2, foram observadas bicicletas atadas a postes de iluminação, ao invés do uso dos bicicletários espalhados pela área. Ao longo da R. da Pega, havia carros estacionados onde deveria ser ciclofaixa ou passeio de pedestres. Os vasos de plantas colocados à porta de uma das casas na R. de S. Tiago possivelmente indicavam um esforço de reservar o espaço para evitar que um carro ali estacionado atrapalhasse as entradas e saídas de casa, que já se abria para a faixa de rodagem, dada a inexistência de calçada na rua. Ainda no lugar de S. Tiago, havia cadeiras de plásticos empilhadas deixadas sobre a calçada e varais com roupas estendidas sob as pérgolas de um jardim localizado na esquina da R. de S. Tiago com a R. da Pega.

7.1.1 Movimentos e permanências no EF 1 – Entrada Norte

Em geral, constatamos mais movimentos do que permanências no EF1. Na R. de Calouste Gulbenkian, havia fluxo intenso e contínuo de veículos automotores, enquanto passavam poucos automóveis pela entrada norte, com escassa movimentação veicular na via de circulação interna

nessas imediações. No entorno imediato, havia poucos, mas constantes pedestres a transitar pelos passeios públicos da rua, dos dois lados da via. Tanto no entorno quanto no EF 1, a maioria das situações de movimentos pedonais observadas cumpriam a rota de saída de edifício em direção ao carro estacionado ou o inverso, saída de carro estacionado para entrada em edifício. Ainda foi possível registrar uma situação de passeio com o cão no EF 1, bem como um jovem pedestre com fones de ouvido em interação com seu celular. Também foram notadas algumas poucas situações de movimento de ciclistas tanto no EF 1 quanto na R. de Calouste Gulbenkian, sempre sozinhos e com bicicletas particulares (Quadro 15, Mapa 17).

As situações de permanência registradas no EF 1 e entorno imediato foram escassas (Quadro 16, Mapa 17). Conforme mencionamos anteriormente, em um domingo pela manhã, no banco mais próximo da entrada do Campus, observamos uma mulher lendo uma revista. Em outra visita, notamos a presença de dois jovens a conversarem em pé no passeio de frente ao edifício onde funciona a encubadora de empresas (edf. 1). No entorno imediato, presenciamos uma mulher em interação com seu cão no Bairro da Misericórdia e a presença de crianças a usufruírem dos brinquedos do parque infantil da R. de Calouste Gulbenkian em mais de uma visita realizada.

Não identificamos nenhuma situação que pudesse indicar algum tipo de atração exercida pelo EF 1, a não ser para o desenvolvimento de atividades imediatas e corriqueiras. Entretanto, foi inusitado observar a prática da leitura nesse espaço. Não identificamos nenhum uso que pudesse, a princípio, ser considerado de algum modo desviante. Dos atores não-humanos presentes nas situações observadas, chama-nos a atenção as bicicletas e os cães domésticos.

De um modo geral, podemos afirmar que todas as situações observadas no EF 1, foram facilitadas pelo espaço construído e pela presença de elementos verdes e de mobiliário urbano: as brincadeiras infantis foram facilitadas pela disponibilidade do parquinho; a locomoção veicular, pelas vias asfaltadas; a circulação de pedestres por calçadas; e a pausa para leitura pela distribuição de bancos sob arborização.

Quadro 15 – Movimentos registrados no EF 1

EF 1 - R. DE CALOUSTE GULBENKIAN	
MOVIMENTOS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 1	
ciclista	8.55
passeio com o cão	8.58
Entorno imediato	
ciclista	8.56

Fonte: a autora, 2023.

Quadro 16 – Permanências registradas no EF 1

EF 1 - R. DE CALOUSTE GULBENKIAN	
PERMANÊNCIAS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 1	
leitura	P7.5
conversa em saída de edifício	8.54
Entorno imediato	
jogos e brincadeiras	8.53, P.10.4
interação com animal	8.57

Fonte: a autora, 2023.

Mapa 17 – Situações observadas no EF 1



Fonte: a autora, 2023.

7.1.2 Movimentos e permanências no EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães

Neste EF 2, observamos muitas permanências, embora ainda houvesse mais movimentos. Nas vias públicas do entorno imediato, percebemos fluxos com ritmos distintos. Na Av. da Universidade, entre o hospital e o estacionamento pago, observamos movimento intenso de

pedestres de todas as idades, desde bebês em carrinhos a idosos. O hospital gera um movimento constante, inclusive, em uma das visitas realizadas em um dia de fim de semana, o estacionamento pago em frente ao hospital estava com uma quantidade de veículos estacionados equivalente a um dia útil rotineiro.

A entrada principal do hospital está próxima dali, situada na frente da rotatória formada no encontro da R. Calouste Gulbenkian, Av. Artur Ravara, Av. da Universidade e Av. João Jacinto de Magalhães. Desse modo, tanto por trajeto veicular quanto pela presença da entrada do hospital e do Campus, essa área conforma um nó bastante movimentado. Ainda foi possível observar alguns ciclistas que também fazem uso da via e, às vezes, nesse trecho, até dos passeios de pedestres para se locomoverem na Av. da Universidade.

Outro ritmo já se percebe na Av. João Jacinto de Magalhães, com pouco tráfego de automóveis, mas constante. De semelhante modo, há um médio, mas frequente fluxo de ciclistas, seja pela ciclofaixa do EF 2 ou mesmo pelo asfalto da via pública. Enquanto isso, há um volume maior de pedestres a circular principalmente pelos passeios do EF 2, embora alguns poucos circulem também pelo passeio do seminário, sobretudo em dias e horários mais quentes, quando a arborização de dentro do lote faz sombra nesse passeio.

A diferença do volume de pedestres de um lado ou de outro da via pública possivelmente tem relação com a configuração físico-espacial dos passeios, já que, do lado da UA, são mais amplos, com jardins e bancos, ao passo que, do lado do seminário, a calçada tem medidas adequadas, mas cumpre apenas seu papel de espaço para circulação de pedestres e está delimitada por um muro.

Para além dessa questão, entretanto, é válido destacar a quantidade de pessoas diretamente relacionadas à Universidade (estudantes, professores, investigadores e funcionários) e que se dirigem ao Campus diariamente é imensamente superior ao público diário que se direciona ao seminário. Afora isso, o Campus acaba por compor a rota de moradores do Castro ou do Lugar de São Tiago, para alcançarem outras áreas da cidade de Aveiro. Há ainda aqueles que escolhem circular a passeio contemplativo ou para prática de exercício físico, sejam esses turistas, que incluem o Campus de Santiago em seus roteiros; sejam os próprios estudantes, professores, investigadores e funcionários da UA ou mesmo moradores do entorno.

Finalmente, na R. D. Antótnio Marcelino, o tráfego de veículos segue um ritmo semelhante ao da Av. João Jacinto de Magalhães, pois, em termos viários, essa rua funciona como uma continuação daquela avenida. Já a presença de pedestres e ciclistas nessa via é quase inexistente. Como demonstramos no capítulo anterior, não há ciclofaixas e os passeios de pedestres, de um lado e do outro da via, são estreitos. Somado a isso, há poucos destinos para um pedestre nessa via,

que a utiliza essencialmente para alcançar a Av. da Universidade, o que também se consegue por outros trajetos ao longo do Campus.

No que se refere aos movimentos observados no espaço de fronteira do campus propriamente dito, foi comum percebermos a passagem de grupos de 2 ou 3 pessoas, embora a maioria dos pedestres seguisse sozinha. Em geral, nos dias de semana, havia fluxo leve, mas contínuo em diferentes sentidos e a partir de diferentes origens (das entradas de pedestre da R. da Pega, da rotatória da entrada, da praça central, de dentro de edifícios etc.). Nos horários de intervalos, como os de almoço, notamos uma intensificação no fluxo de pedestres, frequentemente partindo dos edifícios departamentais em direção às áreas mais centrais do campus, onde estão algumas das cantinas e o restaurante universitário. Nesses momentos, ficou evidente o uso de celulares e *smartphones*, quando percebíamos uma quantidade expressiva de pessoas a caminhar de cabeça baixa, com sua atenção voltada para suas telas.

No EF 2, o maior fluxo de pedestres ocorria pelo passeio, mas alguns circulavam mais próximos às fachadas dos edifícios. Em fins de semana, o fluxo tornou-se bastante reduzido, com mais situações de movimentos observadas nos espaços abertos do interior do campus, como na alameda e na praça central.

A partir de nossas observações, podemos afirmar que o EF 2 é um trecho no qual havia bastante fluxo de pedestres e ciclistas. Não observamos nenhum ciclista esportivo a transitar nesse espaço, alguns pareciam ser pessoas que utilizavam bicicletas como meio de locomoção enquanto se observava uma presença frequente de grupos de ciclistas em passeios mais tranquilos e contemplativos. Em muitas das situações observadas, verificamos o uso de bicicletas fornecidas pelo programa *Bicicletas de Utilização Gratuita de Aveiro* (BUGA), que tinha como ponto de retirada mais próximo a loja BUGA da praça do mercado de Aveiro, a uma distância de 1,5km do campus de Santiago.

Tanto no EF 2 quanto na Av. João Jacinto de Magalhães, foram verificadas situações de passeio com o cão, de prática de corrida ou caminhada esportiva. Na praça central do campus, em visitas diferentes, percebemos a presença de pessoas a andar de *skateboard*. No Quadro 17, a seguir, apresentamos um resumo das situações de movimentos observadas no EF 2 e seu entorno, durante nossas visitas de campo. Essas situações também estão espacializadas no Mapa 18. A descrição de cada situação observada conforme escrita no diário de pesquisa está na planilha geral e nos mapas das visitas de campo (Apêndices B e E).

Pudemos registrar muitas situações de permanência que ocorreram durante nossas visitas no EF 2. Os humanos envolvidos nas situações observadas desenvolviam atividades diversas,

Quadro 17 – Movimentos registrados no EF 2

EF 2 - AV. JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES	
MOVIMENTOS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 2	
pedestres em grupos (2 ou mais)	5.1B, 5.1C, 5.11b, 5.11C, 5.11d , 5.12B, 5.13B, 5.13h, 5.14b, 5.13g, P6.5b , P6.1
caminhada esportiva	6.2
passeio com o cão	8.48
ciclistas em locomoção	5.13, 5.14, 8.50
ciclista a passeio/lazer	5.8, 5.9, P6.1 (volta da praia)
cadeirante	5.6
cão sozinho	5.3b
Entorno imediato	
pedestres em grupos (2 ou mais)	5.2B
pedeste em interação com celular	8.50c
caminhada esportiva	4.2 (Av. da Universidade), P7.1C (Av. João Jacinto de Magalhães)
ciclistas em locomoção	4.3 (Av. da Universidade), 5.3B, 5.5, 5.7 (Av. J.J. Magalhães)
ciclistas a passeio/lazer	P7.1B (JJMagalhães)
ciclistas esportivo	4.4 (Av. da Universidade)
entrada e saída de veículos	5.13E (J.J. Magalhães)
ônibus	P8.1 - ônibus da Linha 11, na Av. João Jacinto de Magalhães

Fonte: a autora, 2023.

mas banais e corriqueiras, tais como esperar por alguém, por um horário ou por um transporte; contemplar o espaço, o movimento ou desenvolver reflexão contemplativa; alimentar-se; descansar após o almoço; concluir uma conversa iniciada no interior do edifício antes de despedir-se do interlocutor; fumar, verificar o celular. As conversas eram frequentes e ocorriam em grupos de pessoas que podiam tanto permanecer em pé, como sentadas. Houve uma situação observada na qual pessoas permaneciam deitadas sobre o gramado, enquanto interagiam com outras sentadas, em um momento de sesta. Essas conversas foram observadas em espaços variados, sejam em áreas dos jardins, em bancos, sob as passarelas, próximo a saída de edifícios. Registramos situações de pessoas sentadas em diferentes lugares: cadeiras de bar, bancos, muretas, gramado, degraus, sob árvores.

No entorno imediato do EF 2, as situações de permanência observadas foram raras, incluindo espera por automóvel na parada de ônibus, interação com celular e abordagem de um casal a motoristas que utilizavam o estacionamento em frente ao hospital. Um resumo das principais situações de permanências observadas no EF 2 e seu entorno está apresentado no Quadro 18. No mapa 18 está a localização das situações observadas, que também podem ser verificadas nos mapas das visitas de campo, no Apêndice E.

Mapa 18 – Situações observadas no EF 2



Fonte: a autora, 2023.

Tratado como principal acesso de pedestres e ciclistas ao campus de Santiago, o EF 2 exerce atração para prática de passeios turísticos ou de lazer ativo e contemplativo. Observamos a presença constante de ciclistas a passeio na área e alguns que transitavam durante a prática de caminhada ou corrida esportiva.

Quadro 18 – Permanências registradas no EF 2

EF 2 - AV. JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES	
PERMANÊNCIAS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 2	
conversas em grupos	5.1 , 5.11, P5.1, P5.2, P5.3
conversas em saídas de edf.	5.3
fumar	5.2
interação com animal	5.12
descanso/ sesta	P5.1
interação com celular	8.41
espera	8.42
extra - evento?	6.1 – ônibus fretado em frente à reitoria (que está com muitas pessoas em trajes sociais entrando e saindo do prédio). Era um sábado fim de tarde.
Entorno imediato	
espera em parada de ônibus	Av. da Universidade: 4.1
pedeste em interação com celular	R. D. A. Marcelino: 6.10
abordagem de desconhecidos	Av. da Universidade: 4.4B – Um casal abordava todos os que deixavam seus carros no estacionamento pago em frente ao hospital.

Fonte: a autora, 2023.

No estacionamento pago, a presença de uma lanchonete é outro ponto de atração naquele espaço, que acaba por subverter a função meramente instrumental de um estacionamento, ao agregar espaços para congregar pessoas e para refeições. Só verificamos outros espaços com venda de alimentos que não seja uma das cantinas do Campus na R. de Calouste Gulbenkian, a cerca de 400m de distância do estacionamento; na Av. Artur Ravara, em frente ao parque da Macaca, a 500m; ou no Lugar de São Tiago, a 800m.

7.1.3 Movimentos e permanências no EF 3 – Av. da Universidade

No EF 3, foram observadas menos situações de movimentos do que no seu entorno imediato. Na Av. da Universidade, há sempre bastante movimento, principalmente veicular, que decorre em velocidade superior a observada em outras vias de entorno do Campus. Além de automóveis particulares, circulam por ali ambulâncias e ônibus regulares, que cobrem a área do Concelho de Aveiro. Apesar de não haver trecho de ciclofaixa nessa via, observamos muitos ciclistas, inclusive, em prática esportiva, equipados e vestidos com padrões de treino. O fluxo pedonal não é intenso, nem ocorre de modo regular ao longo de toda via.

No trecho entre a esquina com a R. D. António Marcelino e a passarela pedonal suspensa, passam poucos pedestres, de diferentes idades, muitos provavelmente por terem deixado seus carros estacionados na via local da Av. da Universidade para ir ao hospital ou a outra instituição por perto.

Em um período de 15 minutos, durante uma das observações estacionárias realizada, registramos entradas e saídas de cinco pessoas pela residência universitária e sete, atravessando a avenida sobre a passarela suspensa. Durante uma visita de campo realizada no domingo, permanecia a passagem frequente de ambulâncias e de pedestres que cruzavam a esquina da urgência do hospital.

Na sequência do percurso pela Av. da Universidade, as imediações da entrada de pedestres do EF 3 é, sem dúvida, o trecho com maior intensidade de fluxo pedonal. É o único cruzamento sinalizado e semaforizado da via pública para passagem de pedestres ao longo do comprimento do EF 3. A maior parte dos transeuntes entram ou saem do Campus de Santiago. Também é possível notar o fluxo de alguns ônibus, pelo menos umas cinco linhas diferentes passaram pela Rua A.H.B.V. de Aveiro no período de 30 minutos (nos pontos de observação 9c e 9d). Ainda nesse trecho é comum ver fluxo de ambulâncias.

Passada a esquina de maior movimento, encaminhamo-nos para a porção final do EF 3, em frente a edifícios residenciais multifamiliares e a um posto de combustível. Enquanto o fluxo de pedestres pelo lado da universidade era quase inexistente (durante 4 observações estacionárias, só registramos uma situação em que duas pessoas caminhavam juntas), percebia-se um fluxo baixo e constante de pessoas que entravam e saíam dos edifícios multifamiliares ou das travessas para pedestres existentes entre eles. A maioria era de jovens, pareciam estudantes, muitos com mochilas nas costas. A frequências de pedestres pela via nesse trecho é semelhante ao observado entre a esquina da urgência do hospital e a passarela suspensa.

Especificamente na área do EF 3, as poucas situações de movimentos registradas foram entradas e saídas da residência universitária, eventualmente com sacolas de compras. Em geral, os fluxos pelo EF 3, de pedestres ou ciclistas, ocorriam no sentido transversal, quase não se observava percursos a serem realizados no comprimento desse espaço de fronteira. A exceção ocorreu em algumas poucas situações observadas na área dos estacionamentos, paralela ao trecho no qual a calçada é estreita, em solo natural e com árvores no meio. Como esses estacionamentos são de uso restrito, nos momentos em que estavam menos ocupados, alguns pedestres convertiam as vagas em passeio público, de modo a evitar os obstáculos existentes no passeio da avenida.

Os pedestres que circulavam no entorno imediato do EF 3 basicamente estavam em entrada e saída de veículos estacionados ou edifícios: residenciais, hospitalares ou mesmo de loja de conveniência de posto de combustível. Foram registradas muitas situações de ciclistas em locomoção, alguns poucos pareciam estar a passeio, seguindo em dupla, com utilização de BUGA, inclusive. Das quatro visitas em que estivemos nas imediações do EF 3, foram registradas situações com ciclistas esportivos em três delas. No Quadro 19, apresentamos um resumo dos movimentos

observados no EF 3 e no seu entorno imediato.

Poucas situações de permanência foram registradas durante nossas visitas de campo no EF 3 e entorno imediato. Especificamente no espaço de fronteira, apenas observamos um homem com celular a desenvolver uma conversa mais longa do que o tempo de uma observação estacionária. Em companhia dele, duas crianças brincavam no gramado do estacionamento. Os três estavam próximos à entrada da residência universitária. No entorno, constatamos uma situação de conversa em saída de edifício sob a marquise da urgência do hospital, uma atividade de manutenção de pavimento no ISCA-UA e duas situações de espera (sentada e em pé) de ônibus (Quadro 20).

Não reconhecemos qualquer situação de movimento ou permanência que esteja relacionada a algum tipo de atração exercida pelo espaço de fronteira ou de seu entorno público. A maioria das situações observadas envolvia atividades corriqueiras, banais e necessárias. Deixa-nos o que pensar o fato de termos observado uma maior presença de ciclistas esportivos na Av. da Universidade do que nas vias do entorno imediato dos demais espaços de fronteira. Talvez, para esse público, a extensão do perímetro de via sem muitos atravessamentos, a velocidade do fluxo, combinadas com a proximidade de trechos mais expressos das estradas nacionais EN235 e EN109, sejam fatores que contribuam para a preferência de circulação por essa via, em detrimento das demais do entorno do Campus.

No Mapa 19, a seguir, estão espacializadas as situações de movimentos e permanências

Quadro 19 – Movimentos registrados no EF 3

EF 3 - AV. DA UNIVERSIDADE	
MOVIMENTOS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 3	
entrada e saída de edifício	6.9C , 6.9B
pedestre com compras	6.9B
ciclista em locomoção	4.8, 9.9
Entorno imediato	
ida à conveniência do posto	4.4C, 9.1b
ciclista em locomoção	4.7, 9.1, 9.4, 9.5, 9.7, 9.9, 9.14, 9.17, 9.18
ciclista a passeio/lazer	4.5, 4.6,
ciclista esportivo	4.10, 6.8, 9.2, 9.6
fluxo de ambulâncias	6.9D, 6.9f
entrada e saída de edifícios	9.2c, 9.2d -, 9.3b, 9.6b, 9.7b
passeio com o cão	9.3
pedestre com compras	9.3b
fluxo de ônibus	03 linhas

Fonte: a autora, 2023.

Quadro 20 – Permanências registradas no EF 3

EF 3 - AV. DA UNIVERSIDADE	
PERMANÊNCIAS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 3	
interação com celular	6.7
jogos e brincadeiras	6.9
Entorno imediato	
conversa em saída de edifício	4.9
serviços de manutenção	9.12
espera por transporte	9.16, 9.19

Fonte: a autora, 2023.

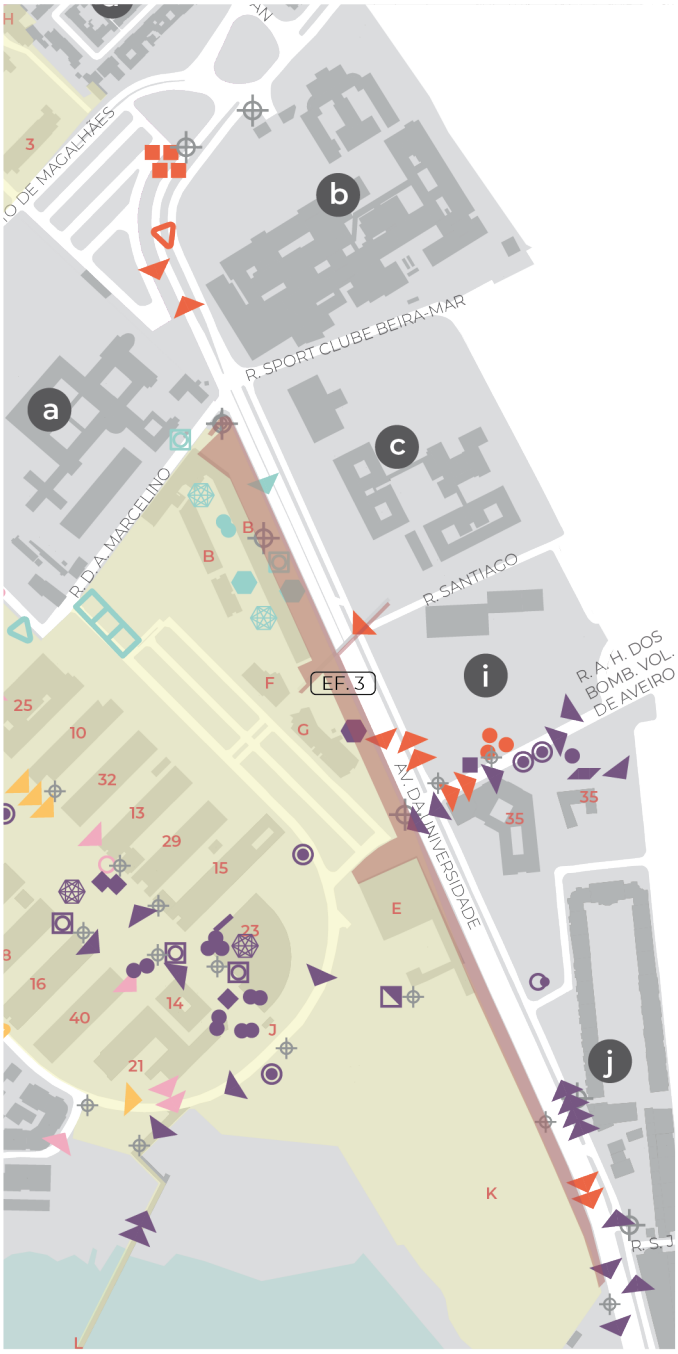
observadas no EF 3 e seu entorno imediato. O detalhamento de cada situação observada, com transcrição dos registros do diário de pesquisa estão nos Apêndices B e E.

7.1.4 Movimentos e permanências no EF 4 – R. da Pega e via de circulação interna

No EF 4.1 foram observados poucos movimentos e permanências. Durante o período de quatro pontos de observação estacionária, o principal movimento observado no EF 4.1 foi o de pedestres que entravam e saíam de edifícios e daqueles que atravessavam o espaço de fronteira para entrarem ou saírem de seus carros estacionados na R. da Pega. Alguns deles portavam celular. Percebemos que a primeira entrada do EF 4.1, entre os edifícios 19 e 33 (ver legenda do Mapa 03, na seção 4.2), está na continuação de um eixo de circulação pedonal movimentado e importante, que se liga direta e transversalmente aos passeios do EF 2 nas imediações dos edifícios do departamento de engenharia de materiais e cerâmica (edf. 9) e do departamento de biologia (edf. 8).

No EF 4.2, durante uma visita ocorrida numa quinta-feira à tarde, observamos um fluxo baixo, mas constante de pedestres em todas as direções, inclusive, com entradas e saídas de pessoas dos edifícios residenciais do Lugar de S. Tiago. De modo semelhante, fluxo baixo de automóveis e de ciclistas. Muitos pedestres portavam celulares ou realizavam ligações telefônicas enquanto se deslocavam. Em outra visita, desta vez numa quarta-feira em horário de almoço, o fluxo de pedestres era intenso, tanto pelo horário quanto pela realização de um congresso internacional no edf. do Complexo Pedagógico (edf. 23). O fluxo estava concentrado especialmente na entrada e saída da ponte pedonal, por onde passavam muitas pessoas com crachás a desenvolver animadas conversas em diferentes idiomas. Alguns desses transeuntes portavam seus celulares nas mãos, alguns a gravar áudios, outros a olharem para suas telas. Passava também um grupo de jovens a carregar estojos de instrumentos musicais no sentido do Campus de Santiago para o do Castro. Em

Mapa 19 – Situações observadas no EF 3



N

0 50 100m

LEGENDA

- a Seminário de Santa Joana Princesa
- b Centro Hospitalar Baixo Vouga
- c Escola Básica João Afonso
- i Clube desativado
- j Urbanização Chaves
- Campus de Santiago (UA)
- PONTOS DE OBSERVAÇÃO
- Situações observadas na visita V04
- Situações observadas na visita V06
- Situações observadas na visita V07
- Situações observadas na visita V08
- Situações observadas na visita V09

SITUAÇÕES, ATIVIDADES E POSTURAS REGISTRADAS

- PESSOA EM PÉ
- PESSOA COM ANIMAL DOMÉSTICO
- PESSOA EM ATIVIDADE DE MANUTENÇÃO
- PESSOA SENTADA
- PESSOA DEITADA
- PESSOA FUMANDO
- PESSOA EM INTERAÇÃO COM O CELULAR
- PESSOA EM INTERAÇÃO COM VEÍCULO MOTORIZADO
- PESSOAS EM GRUPO
- PESSOAS EM JOGOS OU BRINCADEIRAS COLETIVAS
- CAMINHADAS E/OU CORRIDAS ESPORTIVAS
- CICLISTAS
- PESSOA COM SKATE, PATINS OU PATINETES
- ÔNIBUS

Fonte: a autora, 2023.

outra visita, ocorrida em dia de fim de semana, registramos o movimento de uma pessoa a fazer caminhada esportiva no EF 4.2.

Foram registrados vários movimentos de ciclistas, tanto por simples deslocamento, a passeio (inclusive com uso de BUGA) e também como prática esportiva. Em mais de uma visita observamos, na via de circulação interna, a passagem de um veículo longo turístico com alto-falante, por meio do qual um guia apresentava o Campus e as construções nele contidas. Embora não tivesse sido um movimento comum de ser observado, registramos a passagem de uma motocicleta sobre a ponte pedonal.

Nas vias do entorno do EF 4, havia pouco tráfego veicular, a maioria relacionada a partidas e chegadas de estacionamentos. Na R. da Pega, o movimento de veículos, ciclistas e pedestres é baixo. Na visita em que seguimos um roteiro por toda a extensão da R. da Pega e da R. do Castro, não nos encontramos com nenhuma outra pessoa durante a realização do percurso. Em geral, a imensa maioria de pedestres observados na R. da Pega estavam em entrada ou saída de carros estacionados. Ainda assim, pudemos registrar situações de caminhadas esportivas; ciclista em simples locomoção; grupos de ciclistas em passeio e uma situação de prática de patinação. Também na R. da Pega observamos a passagem do veículo turístico, em uma das visitas.

Se o tráfego veicular é baixo na R. da Pega, tanto mais nas estreitas vias do Lugar de S. Tiago, com ocupação quase que exclusiva de residências unifamiliares ou pequenos edifícios multifamiliares de até quatro pisos. Passam poucos pedestres em entradas e saídas dos lotes. Poucos movimentos mereceram nota, todas corriqueiras, como ciclistas em locomoção, uma mulher que saiu para deitar fora o lixo e outra que chegava com sacolas de compras. No quadro 21, apresentamos um resumo dos movimentos observados no EF 4.

Não presenciamos muitas situações de permanência no EF 4 e no seu entorno imediato (Quadro 22). No trecho do EF 4.1, observamos situações de contemplação e pausas sob marquises próximas a saída de edifício, para fumar ou verificar qualquer coisa no celular. Em uma área de solo natural próxima à estação meteorológica (O), observamos um grupo de cinco a seis jovens em jogo coletivo com bola. Próximo dali, outro grupo de cinco rapazes testavam um drone. Observamos ainda menos situações de permanência no EF 4.2. Em geral, envolviam espera por veículo e conversa em saída de edifício.

No entorno do EF 4, na R. da Pega, registramos apenas dois tipos de situações de permanência: pesca na Ria e interações com celular para localizar-se, fotografar-se, telefonar a alguém ou responder a alguma mensagem. Também foi registrada situação de interação com celular no Lugar de S. Tiago, onde observamos ainda atividades de cuidado com plantas, contemplação,

Quadro 21 – Movimentos registrados no EF 4

EF 4 - R. DA PEGA E VIA DE CIRCULAÇÃO INTERNA	
MOVIMENTOS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 4.1 - R. DA PEGA	
entrada e saída de automóveis	
entrada e saída de edifícios	
EF 4.2 - VIA INTERNA	
caminhada esportiva	P7.2
ciclista em locomoção	9.26
ciclista a passeio/lazer	8.26, 9.27 (BUGA)
ciclista esportivo	P7.3, 8.17
entrada e saída de edifícios	8.17C, 8.17G
entrada e saída de veículos	8.17D, 8.17F, 8.25B
fluxo de veículo turístico	8.17h, 8.24b, 8.24h (tuc-tuc), 8.26B, no ponto 9g
pedestre em interação com celular	8.17g, 8.17i, 8.19j, 8.24e, 8.25d, 8.19d, 8.19e
pedestre com compras	8.24d
motociclista	Motociclista - passa pela ponte uma moto ocupada por 2 homens (visita 9)
Entorno - R. da Pega	
caminhada esportiva	7.10, 8.18
pedeste em interação com celular	8.12
ciclista em locomoção	8.8, 8.11, 8.14
ciclista a passeio/lazer	7.7, 8.5, 8.15, 8.16 (BUGA)
passeio com patins	P10.2
entrada e saída de veículos	8.3
pedestre com compras	8.3b
fluxo de veículo turístico	8.7b
Entorno - Lugar de S. Tiago	
pedestre com compras	P7.1b
saída de edf. para deitar o lixo fora	8.19b
ciclista em locomoção	8.24, 8.24g

Fonte: a autora, 2023.

espera dentro de automóvel estacionado e pessoas fumando na rua ou na varanda.

No mapa 20, estão espacializadas as situações de movimentos e permanências registradas nos dois trechos do EF 4. A descrição detalhada dessas situações, conforme registro em diário, consta na tabela do Apêndice B e nos mapas do Apêndice E.

Apesar de não dispor de grandes tratamentos físico-espaciais nem de muito mobiliário urbano, o EF 4.1 atrai pelo panorama que se alcança a partir dali, no qual é possível ver de frente uma laguna formada pela Ria de Aveiro, tanto que notamos algumas situações de movimentos e permanências contemplativos no espaço de fronteira e no entorno. A principal atração que o EF 4.2 exerce está relacionada às possibilidades de locomoção.

Mapa 20 – Situações observadas no EF 4



Fonte: a autora, 2023.

Quadro 22 – Permanências registradas no EF 4

EF 4 - R. DA PEGA E VIA DE CIRCULAÇÃO INTERNA	
PERMANÊNCIAS	REGISTRO DE SITUAÇÕES OBSERVADAS
EF 4.1 - R.DA PEGA	
prática de pesquisa (?)	P3.1 – *um grupo de cinco rapazes testavam um drone (prox. Ao IEETA)*
jogos e brincadeiras	P3.2
fumar	Um rapaz sai do edf. 33 para fumar. Fica encostado
interação com celular	8.10
contemplação	8.9, 8.13
EF 4.2 - VIA INTERNA	
espera por veículo	8.24C
conversa em saída de edifício	8.25
Entorno - R. da Pega	
interação com celular	P6.6, 8.1, 8.2, 8.4
pesca	8.3, 8.7
Entorno - Lugar de S. Tiago	
fumar	7.9, 8.21
cuidado com plantas	P7.1, 8.19
contemplação	8.21
interação com celular	8.22
espera dentro de automóvel	8.22, 8.23

Fonte: a autora, 2023.

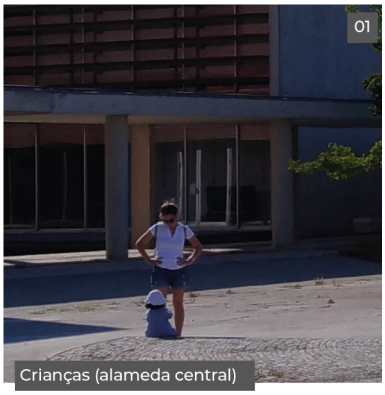
7.2 Urbanidades-desurbanidades no entorno universitário do Campus de Santiago

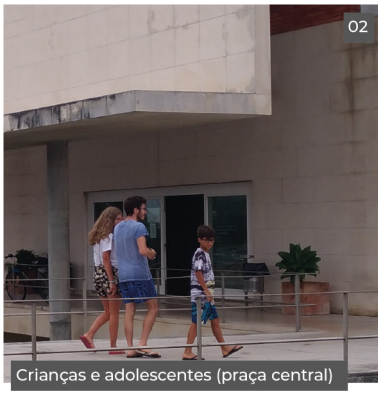
Durante a pesquisa *in situ* identificamos moradores, estudantes, funcionários da universidade, visitantes do hospital, turistas, acadêmicos visitantes, pedestres, ciclistas, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos entre os principais grupos de humanos observados em campo. Também fizemos menção a uma variedade de objetos e seres participantes das situações observadas, a exemplo de automóveis, celulares, animais de estimação e bicicletas. Nesta seção, acrescentaremos os resultados da pesquisa em jornais, com o intuito de aproximarmo-nos das urbanidades-desurbanidades, por meio do conhecimento de alguns atores sociais e coletivos que de algum modo atuam sobre o espaço construído do entorno universitário, os interesses que os impelem à ação, tanto quanto algumas controvérsias que possam surgir a partir do compartilhamento de um mesmo espaço urbano. Na Fotomontagem 49, apresentamos alguns tipos de atores humanos e não-humanos identificados em campo.

Considerar urbanidade-desurbanidade como um par indissociável (Rheingantz, 2012) implica reconhecer seu caráter relacional e relativo, na medida em que as urbanidades de uns atores podem representar desurbanidades para outros. Nesse sentido, entender os interesses em disputa e

Fotomontagem 49 – Atores humanos e não-humanos registrados nas atividades de campo

Alguns **atores sociais** observados nas situações de campo





















Visitas:
01 - V09; 02 - V01; 03 -V09;
04 - V09; 05 - V05; 06 - V07;
07 - V09; 08 - V05; 09 - V10;
10 - V08.

Fonte: a autora, 2018-2023.

acompanhar algumas controvérsias pode ser um meio para evitar percepções enviesadas, de deixar que os próprios atores nos contem sobre aquilo de que suas urbanidades são feitas. Ademais, investigar os interesses também é um bom modo de conhecer sobre o que efetivamente poderia atrair os coletivos humanos para a materialidade dos espaços abertos, coletivos e públicos que, ao fim, é um dos intuitos pretendidos quando dirigimos nossa atenção aos espaços de fronteira do campus universitário.

Em geral, os principais coletivos humanos identificados nas visitas de campo diziam respeito a moradores, turistas e, obviamente, integrantes da comunidade acadêmica. A partir da observação *in situ*, é muito difícil precisar outras diferenciações que também possam trazer informações sobre as formas de relação dos diversos humanos observados com seu espaço e sobre outros coletivos que, embora não diretamente presentes, têm agência em diversas situações.

A lista de notícias levantadas consta no Apêndice D deste volume. Para tornar a apresentação das informações mais clara e fluida, deixaremos em parênteses ao longo do texto apenas o código numérico correspondente às notícias nas quais estão as referências daquilo que estaremos a abordar. Como anteriormente explicado, o código da numeração segue em função do ano e da ordem cronológica com que as notícias foram publicadas.

7.2.1 Estudantes e comunidade acadêmica: moradia estudantil e internacionalização

No que se refere à comunidade acadêmica, percebemos a atuação constante da Associação Académica da Universidade de Aveiro (AAUAv), frente a variados temas de interesse estudantil como questões de moradia (Apêndice D, Notícia 17.04), melhoria nos espaços voltados aos estudantes dentro do campus (18.23, 19.56), suporte e recepção a alunos (10.05,19.10, 19.41, 19.81), organização e participação de eventos de interesse comunitário, principalmente relacionado ao uso de bicicletas (19.14, 19.50, 19.114, 19.129).

A questão da moradia estudantil enfrenta o do alojamento turístico de temporada, com o aumento do valor das locações e a indisponibilidade de leitos suficientes para todos os estudantes que necessitam. Em 2009 (09.01), informava-se que a UA dispunha de 850 camas em residências universitárias, mas que havia uma perspectiva de incremento da demanda para 1800 estudantes. Em 2017 (17.03), o então reitor afirmava que existiam 1100 vagas em residências universitárias, das quais, 270 eram destinadas a estudantes internacionais. Segundo notícia de 2019 (19.36), a questão da moradia estudantil ainda era um problema persistente, no qual apenas 20% dos "estudantes deslocados" conseguiam morar na cidade de Aveiro. O texto era assinado pelo "bloco de esquerda"

e indicava o aumento dos custos de habitação em decorrência das pressões turísticas como uma das causas para tal situação.

Ainda relativa à comunidade acadêmica, uma outra categoria comumente referenciada é a dos "estudantes internacionais" (14.01, 18.09, 18.23, 19.135) que são frequentemente nomeados quando a moradia estudantil é o assunto em pauta (17.04), mas também em eventos e programas que envolvem a edilidade, outras instituições e até empresas (19.10, 19.130). Um ator importante é a Rede Internacional de Estudante Erasmus (ESN), conhecida como a maior associação jovem da Europa. Em 2019, a UA recebia 200 estudantes estrangeiros vinculados à ESN (19.10). Na notícia 19.52, por ocasião da instalação de um Centro Local de Apoio e Integração Migrante (CLAIM) na Universidade de Aveiro, o então reitor afirmava a existência de 2,5mil estrangeiros vinculados à universidade, entre estudantes, professores, investigadores e funcionários.

A presença expressiva de alunos estrangeiros na Universidade de Aveiro denuncia um outro tema de interesse institucional não apenas para universidade, como também para diferentes atores sociais da cidade de Aveiro: a internacionalização. Segundo informações da UA, em 2018 estavam presentes na universidade mais de 600 alunos internacionais, de 85 países diferentes[9]. Em 2019, em cerimônia de boas-vindas aos estudantes estrangeiros vinculados à Rede Erasmus (ESN), anunciava-se uma parceria entre câmara municipal, UA, a Associação Académica da UA (AAUAv) e ESN para ofertas turísticas e culturais aos estudantes estrangeiros.

Em uma matéria de fins de 2019, discutia-se os problemas decorrentes do decréscimo populacional português e como as universidades poderiam ser estratégicas para garantir mão de obra jovem estrangeira. Assim, o autor anuncia o projeto RELOAD 2ii – Rede Local de Apoio e Desenvolvimento da Indústria e da Imigração, com o intuito de atrair profissionais qualificados para a região de Aveiro. A iniciativa é uma parceria da UA, da Associação Industrial do Distrito de Aveiro, da associação de empresas INOVARIA, dos municípios de Oliveira de Azeméis e Vagos, mais outras nove empresas (19.130).

Como é possível perceber, a internacionalização é um tema bastante atual na realidade da Universidade e da cidade de Aveiro. Isso traz consequências não apenas institucionais, mas também no cotidiano, nas práticas sociais nos espaços abertos, na incorporação de novos modos e costumes. Os vestígios dessa internacionalização são percebidos de diferentes modos. Em uma pesquisa fotográfica por 46 ruas da cidade de Aveiro, uma investigadora da UA identificou a presença de 22 diferentes idiomas, concluindo que "Aveiro é uma cidade multilíngue que segue as tendências globais" (Clemente, Apêndice D – Notícia 19.44). No âmbito dos espaços abertos e coletivos da

9 https://www.ua.pt/pt/factos-numeros. Acesso: 23 fev. 2020.

UA, mais de um entrevistado nesta investigação destacou os diferentes modos de apropriação em função das nacionalidades dos utilizadores.

7.2.2 Turismo em alta: planos, ações e turistas internacionais

Em notícia de 2017 (17.04) com o título "Preços do alojamento universitário aumentam em Aveiro devido ao turismo", afirmava-se que houve um aumento de 40% no número de visitas registradas no posto de atendimento turístico durante o ano de 2016, se comparado com o ano anterior. Ao afirmar que "Aveiro está na moda", o autor da notícia 19.13 trata dos avanços turísticos, da frequência de divulgação da cidade de Aveiro em blogues e websites de viagem. No texto, reconhece-se o papel da universidade, que "dá uma vida muito grande à cidade". A notícia 19.73 trata dos "dez lugares mais instagramáveis[10] de Aveiro, cidade e distrito", mas a Universidade de Aveiro não aparece na lista. Ainda em 2019 (19.53), um grupo de investigadores da UA ganhou um prêmio nacional pela elaboração de rotas SIG para itinerários turísticos cicláveis.

Em uma das notícias sobre o turismo com bicicletas, o autor do texto associa o sucesso das BUGA aos turistas internacionais (10.01). Embora sejam reiteradamente citados em diversas notícias que celebrem os temas da internacionalização e do interesse turístico de Aveiro, raramente os turistas são tratados com alguma subjetividade. Em relação a isso, a notícia 18.18 traz a público a investigação desenvolvida na UA sobre os benefícios do aumento da interação entre residentes e visitantes. Em oposição, na maioria das notícias sobre o tema do déficit de moradia estudantil, turistas e residentes (estudantes) são colocados como partes que têm interesses antagônicos.

Registramos alguns anúncios de eventos relacionados ao tema do turismo, principalmente encontros acadêmicos com participação social. Realizado na Universidade de Aveiro, o anúncio do workshop "Há excesso de turismo em Aveiro?" (19.06, 19.07) apresenta nomes de representantes e entidades de diferentes setores relacionados ao turismo. No mesmo ano, também na UA, houve a realização de um debate sobre o futuro do turismo, com a participação de candidatos ao parlamento europeu (19.23).

A cidade tem investido no turismo de eventos, com a formação de uma agenda "para consumidores de cultura e turistas, para quem vem possa voltar" (19.30). Em um discurso realizado por ocasião do aniversário da cidade, o então presidente da Câmara Municipal de Aveiro (CMA) fez menção ao evento de uma maratona internacional (19.41):

10 Instagramáveis: refere-se aos locais que podem render boas imagens fotográficas a serem publicadas no Instagram, uma rede social virtual de compartilhamento de imagens.

> A Maratona da Europa Aveiro 2019 marcou a nossa entrada na rota das maratonas europeias, convidando os Cidadãos para a festa da Europa e para a prática de hábitos de vida saudável, constituindo-se como um importante instrumento de promoção territorial, de atração de novos e diferentes universos de pessoas que a pretexto da prática do desporto viajam para conhecer novas terras, gentes e culturas, querendo afirmar a Maratona da Europa Aveiro como uma prova reconhecida oficialmente ao mais alto nível e com notoriedade à escala mundial.

A contraposição entre os interesses dos visitantes com os dos residentes é uma das que mais evidencia a importância de considerarmos o aspecto relacional das urbanidades-desurbanidades, pois esses dois coletivos estabelecem relações com os espaços construídos distintas. Em consequência, são diversos os modos como turistas e residentes interagem com os espaços abertos, coletivos e públicos do urbano. No caso de Aveiro, as interações de visitantes com os espaços da cidade e seus residentes são efêmeras, embora esses representem presença massiva de humanos nos espaços mais centrais da cidade. No entorno do Campus de Santiago, já não se nota tantos turistas. Ainda assim, durante nossas observações de campo, percebemos a presença de visitantes entre aqueles que desenvolviam atividades de lazer no campus e seu entorno imediato, principalmente atraídos pela coleção arquitetônica presente no campus e pelo enquadramento paisagístico da Ria. Quando não acessavam o campus por meio do veículo turístico, os principais visitantes chegavam a pé ou com uso de bicicletas, principalmente das zonas mais centrais (e turísticas) da cidade, a partir do EF 2.

7.2.3 Moradores do entorno universitário

Dos variados núcleos residenciais no entorno do campus de Santiago, a exemplo do bairro da Misericórdia, o Lugar de S. Tiago, o Castro, a Urbanização Chaves entre outros, apenas os moradores do bairro de Santiago são reiteradamente mencionados, uma vez que esse núcleo residencial é referido como "o maior bairro social de Aveiro" (17.03). Entre 2017 e 2019, foram publicadas notícias sobre obras de qualificação das construções do conjunto (17.03, 18.04, 19.112, 19.117). Em 2019, ocorreu a realização do LabCívico (19.17, 19.21, 19.23, 19.55, 19.78, 19.79, 19.141), uma iniciativa relacionada à "inovação cívica", com a elaboração de diversas oficinas em temas variados. Vinculados às atividades do LabCívico, descobrimos alguns outros coletivos atuantes no bairro, a exemplo das Florinhas do Vouga (17.03, 19.17, 19.55, 19.78, 19.79, 19.141) e dos "Amigos d'Avenida" (19.17).

O responsável por um projeto fotográfico realizado no bairro de Santiago em 2019, por ocasião do LabCívico, (19.141) afirmou que "quase todas as famílias [do bairro] têm cães e gatos". De

fato, durante nossas visitas de campo, os animais de estimação, nomeadamente cães domesticados, foram sempre observados em interação com humanos e até um sozinho nos espaços abertos do entorno imediato ou do campus de Santiago.

7.2.4 Mobilidade urbana: pedestres, ciclistas, automobilistas, bicicletas e obras públicas

O tema da mobilidade urbana é um dos mais discutidos e que envolve mais controvérsias em Aveiro. Em geral, desdobra-se em diferentes subtemas, como obras do sistema viário, melhorias do transporte público, circulação pedonal e o uso de bicicletas.

No que se refere às possibilidades de mobilidade por pessoas com necessidades especiais de locomoção, poucas notícias foram encontradas. Em 2017 (17.01), a Universidade de Aveiro noticiava a execução de uma rota de 1km de piso tátil. No ano de 2020 (20.01, 20.02), uma jovem é eleita personalidade do ano de 2019 por uma votação popular organizada por esse mesmo jornal que circulava a notícia. Sua ideia dizia respeito à criação de um sistema de partilha de cadeiras de roda em Aveiro. Na notícia, a jovem ganhadora dizia que a Aveiro é uma "cidade que se faz a pé". Enfatizar as possibilidades pedonais em Aveiro parece ter sido o interesse da Câmara Municipal, ao divulgar o mapa pedonal já referido anteriormente (Ilustração 31), no qual as distâncias entre pontos de interesse na cidade são marcadas em função dos minutos de deslocamentos pedonais.

Nas notícias levantadas, os pedestres (peões) eram costumeiramente citados em conjunto com os ciclistas, em debates sobre as intervenções públicas que ocorriam em Aveiro, assim como eram referidos os automobilistas. A ênfase central, entretanto, estava sobre bicicletas e ciclistas. Vinculado à Câmara Municipal, o programa das Bicicletas de Utilização Gratuita de Aveiro (BUGA) existe desde o início da década de 2000. Em dezembro de 2019, a Câmara anunciou o BUGA 2 (19.63, 19.65), que seria de utilização paga, com mais de 200 bicicletas distribuídas em 20 pontos da cidade. Em torno do interesse das bicicletas, descobrimos alguns coletivos organizados na cidade de Aveiro: a MUBi - Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta / Secção Local de Aveiro (19.48), a Ciclaveiro - Associação pela mobilidade urbana em bicicleta e a NBicla – Núcleo da Bicicleta da AAUAv. Essas associações são importantes coletivos na promoção de eventos (19.14, 19.26, 19.50, 19.64, 19.129) e nos debates públicos de interesses dos utilizadores de bicicletas (19.64, 19.48, 19.72).

Percebemos um grande interesse social em torno do uso e prática da atividade ciclística, com muitos textos levantados que noticiavam eventos; ações da sociedade civil e institucionais; discussões sobre o tema e críticas de obras públicas. Em 2006 e 2007 (06.01, 07.02 e 07.03), notícias

anunciavam as possibilidades de utilização das bicicletas gratuitas de Aveiro (BUGA) para seguir alguns roteiros turísticos pré-estabelecidos na cidade. Na notícia 07.03, afirmava-se que Aveiro possuía duas "pistas cicláveis", na R. da Pega e na Av. Dr. Lourenço Peixinho. Em 2010 (10.01), celebrava-se a primeira década do projeto BUGA. A ocasião era marcada por uma campanha de doação de bicicletas quebradas ou sem uso, a serem reparadas na loja BUGA. Para a campanha, articularam-se Câmara Municipal e Universidade.

No mês de setembro de 2018, a Universidade de Aveiro anunciava a aquisição de 239 bicicletas por meio do projeto U-Bike Portugal (18.19, 19.116). Ainda em 2018 (18.23), foi inaugurado um "self-service NBicla" no espaço de serviços (catacumbas) do Campus de Santiago, um totem onde estão disponíveis bombas para carregamento de pneus e ferramentas para reparos.

A questão da disponibilidade de transportes públicos foi mencionada pelos entrevistados Carlos Leão e Ana Carneiro, para os quais havia baixa circulação de ônibus no entorno do campus. Outras críticas semelhantes foram encontradas nas discussões a respeito de uma proposta de intervenção no centro da cidade, o Rossio. Nesse contexto, em setembro de 2018 (18.07), o deputado municipal Rui Alvarenga publicava um texto crítico no qual apontava necessidades de mobilidade persistentes na cidade de Aveiro: "os transportes públicos que temos, que seriam aceitáveis na década de oitenta do século passado, não têm nenhuma oferta intermodal, não são suficientemente apelativos, ligam minimamente as freguesias e não oferecem pontes rápidas e intuitivas para os concelhos vizinhos".

Em junho de 2019 (19.58), noticiava-se os debates existentes entre o representante da Câmara Municipal e os deputados municipais do Partido Socialista (PS), que se abstiveram de votar a aprovação do Plano Estratégico da Cultura (PEC, voltaremos a isso mais adiante). Na ocasião, entre outras críticas apontadas, dizia-se que "a Câmara "tem uma opção pelo automóvel" e não vai ao encontro do reforço dos transportes públicos, como tem sido exigido.".

Os automóveis particulares são basicamente citados em controvérsias inseridas no tema da mobilidade de Aveiro, quando se criticam planos, ações e obras da gestão municipal que privilegiam essa modalidade de deslocamento viário (19.48). A Universidade de Aveiro aparece eventualmente invocada pelo problema de excesso de fluxo de veículos e de áreas de estacionamentos que demanda (19.48), com um registro de uma queixa direcionada à comunidade acadêmica pelo estacionamento de veículos em uso indevido, nomeadamente, a ciclofaixa (10.05). Os carros ainda foram citados no anúncio da instalação de pontos de carregamento de veículos elétricos nos campi de Santiago e do Castro (19.01).

Diferentes eventos estiveram relacionados ao tema da mobilidade. Uma notícia divulgada na

página oficial da Universidade com o título "UA vai ser o primeiro campus universitário a acolher uma prova de resistência em BTT", dava-nos a saber que a prática de "BTT no campus de Santiago não é uma total novidade, já que é um espaço ocasional e sempre entusiasmante de treino para alguns atletas, nomeadamente do Somamaratonas. Foi essa experiência que inspirou a organização desta prova." (grifo nosso, 19.14, 19.26).

Em fins de maio de 2019 (19.50), a sociedade é convidada para um breve passeio ciclístico que aconteceria no dia 3 de junho, em comemoração do dia mundial da bicicleta. Na ocasião, seria apresentado um aplicativo, o *Biklio*, "que aproxima os utilizadores de bicicleta e o comércio local, atribuindo descontos, ofertas e benefícios a quem pedala no dia a dia". A programação do evento foi preparada pela Ciclaveiro em parceria com a NBicla. No mesmo ano, o "Dia Europeu Sem Carros" (19.84) era comemorado pelo Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA, com a oferta de café àqueles que se dirigissem à universidade sem o uso de automóvel.

O Núcleo de estudos culturais e ócio da UA (NECO), o grupo de estudos e pesquisas em lazer, espaço e cidade da Universidade Federal do Paraná (GEPLEC) e a Ciclaveiro organizaram "cicloconversas", com a presença de um ativista brasileiro (19.64). Também por iniciativa da Ciclaveiro, foi organizada uma campanha de recolha de bicicletas usadas, o "PedalAdar" (19.129).

Assim, percebe-se como o tema da mobilidade está no centro de interesse dos humanos residentes, dos coletivos organizados e das instituições presentes em Aveiro. As controvérsias e negociações relacionadas a esse tópico puderam ser constatadas nos espaços abertos do campus e de seu entorno universitário, seja pela disputa de vagas de estacionamento; pelos conflitos provenientes de veículos em locais inadequados; pelo excesso de automóveis em ruas estreitas e residenciais; pelas bicicletas deixadas pelo campus; pelas intervenções urbanas dedicadas a implementar melhorias no entorno universitário. Nesse tema, a Universidade de Aveiro é um ator relevante, pois, promove um fluxo diário expressivo de humanos que se direcionam à zona do Campus de Santiago por diferentes meios.

7.2.4.1 Obras públicas

Grande parte dos investimentos municipais esteve direcionada a obras viárias na cidade de Aveiro, inclusive no entorno universitário do Campus de Santiago. Em uma fala sobre o orçamento municipal, o presidente da Câmara afirmava: "Tudo que integra qualificação de espaço público, que integra rede viária, é aí que está o 'grande bolo'... Já era o maior investimento em 2019 e vai continuar a ser" (19.109).

Uma notícia de outubro de 2019 (19.109) anunciava o concurso para a requalificação da Av. Lourenço Peixinho, com intuito de reduzir o canteiro central para alargamento dos passeios laterais, inclusão de rotundas[11] e redução de velocidade, além de rearborização; "uma zona pedonal em forma de 'praça de eventos'". A referida notícia narra certa controvérsia no sentido de não ter havido discussões mais aprofundadas em torno do projeto, pelo menos segundo um vereador da oposição.

Em 2019, foram divulgadas muitas notícias, marcadas audiências públicas e realizados debates públicos sobre uma série de obras a serem realizadas pela Câmara Municipal. Uma delas referia-se precisamente à construção de uma ciclovia entre a estação de comboios e a Universidade de Aveiro, totalizando um percurso de 2,4km que incluía tanto pistas cicláveis segregadas quanto vias banalizadas[12] (19.27, 19.54, 20.11). Esse percurso ciclável envolvia alterações na configuração de praças e cruzamentos, inclusive no cruzamento da Av. da Universidade com a Rua A.H.B.V. de Aveiro, que passou a conformar uma rotunda de acesso veicular, pedonal e ciclístico ao Campus de Santiago, a partir da Av. da Universidade. Em maio de 2019 (19.48), com a obra da rotunda encaminhada, um texto crítico divulgado pela MUBi - Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta/Secção Local de Aveiro apontava os pontos que consideravam problemáticos na intervenção. A notícia dava conta de que uma jovem que passava pela passadeira[13] foi atropelada logo que a obra foi concluída. Em resposta às repercussões da conclusão da obra da rotunda do ISCA, uma notícia de julho de 2019 (19.72) trazia no título: "Presidente da Câmara vê motivações políticas nas críticas à rotunda do ISCA".

Segundo a Câmara, a rotunda do ISCA "é obra de qualificação da rede viária de enorme importância, dada necessidade de melhoria das condições de segurança para o peão, ciclista e automobilista, no cruzamento semaforizado existente na Avenida da Universidade com a Rua Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, junto ao ISCA-UA" (18.11, 18.15, 18.17, 19.08, 19.42). Na notícia 19.46, vereadores do Partido Socialista (PS) na Câmara Municipal pediam correções na rotunda e qualificação da Av. da Universidade. A notícia 19.59 apresentava o relato de uma reunião na Câmara sobre as possibilidades de melhoria da rotunda do ISCA-UA, quando até se cogitou modificar a localização da passagem pedonal em nível sobre a Av. da Universidade, a inclusão de lombas e passadeiras. Na 19.62 é apresentado comunicado sobre os ajustes na rotunda.

11 Em português brasileiro, "rotatórias".

12 Em português brasileiro, "vias compartilhadas."

13 No Brasil, "faixa de pedestres".

Para além da obra da rotunda do ISCA-UA, na notícia 19.97, comunicava-se a conclusão das obras viárias no encontro da EN109 com a Av. da Universidade (EN235). Em outubro de 2019 (19.108), o comunicado diz respeito ao início de obras de qualificação na R. da Pega: "com o objetivo de melhorar os eixos de circulação pedonais e cicláveis, privilegiando a qualificação do espaço público, o reforço da estrutura ecológica, a frente-Ria e a sua relação com a envolvente próxima (Universidade de Aveiro e centro da Cidade)". Em decorrência das obras da R. da Pega, houve questionamento quanto a retirada de árvores da rua, divulgado publicamente em notícia que apresentava tanto falas de representantes da oposição política, quanto do presidente da Câmara (19.111).

Essas e outras obras estão no âmbito do Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Aveiro (PEDUCA), um entre outros vários planos, projetos e ações institucionais que direta ou indiretamente atuam sobre o entorno universitário. A inauguração do PEDUCA ocorreu em dezembro de 2016. As obras de reestruturação urbana que ocorreram após nossas visitas de campo faziam parte do estabelecido no plano.

Apesar de não termos tido a possibilidade de continuar a pesquisa de campo no período em que as mais recentes obras públicas no entorno universitário ocorriam, acompanhar algumas controvérsias envolvendo esse espaço comum frente às intervenções institucionais existentes foram importantes meios de perceber como a cidade emergente vai sendo construída por meio de negociações, em que também são disputadas as urbanidades-desurbanidades, pois, os interesses dos coletivos e dos atores sociais são diversos.

7.2.5 Relações institucionais: a Universidade, a Câmara Municipal, empresas, coletivos organizados, planos, projetos e acordos.

Existe uma variedade de tópicos de interesse e controvérsias quando abordamos as relações entre a universidade e a cidade de Aveiro. O número de atores e coletivos envolvidos são incontáveis e vão desde atores humanos locais até coletivos internacionais alhures. Há uma série de pactos, planos e acordos em que a universidade se associa com a Câmara Municipal e outros atores sociais.

A universidade gera um impacto expressivo no cotidiano dos demais habitantes da cidade, conforme apontou o entrevistado Carlos Leão, que vê correlação nesse fato com problemas de mobilidade urbana e, nos seus termos, "uma série de indisciplinas nos espaços da cidade". Embora os entrevistados Carlos Leão e Carlos Coelho não reconhecessem muita interação entre a comunidade acadêmica e os residentes de Aveiro, no nível institucional, diversas iniciativas que

interferem no cotidiano daqueles presentes no entorno universitário são compartilhadas entre municipalidade, universidade, empresas e coletivos organizados.

7.2.5.1 PCI – Creative Science Park Aveiro Region

Em novembro de 2019 (19.127, 19.132), o novo Plano Diretor Municipal (PDM) de Aveiro entrava em vigor. Por meio desse plano, o Parque de Ciência e Inovação (PCI), localizado em Ílhavo, poderia expandir-se em direção a Aveiro, o que não era possível na regulação urbanística anterior. O PCI – *Creative Science Park Aveiro Region* é uma sociedade liderada pela Universidade de Aveiro, integrada também pela Câmara Municipal e diversas empresas. No parque estavam 80 entidades instaladas e representava uma movimentação diária de 400 pessoas.

Instalado no município de Ílhavo, o PCI teve sua criação anunciada em 2010 (10.06). A própria instalação do PCI foi alvo de controvérsia, com petição *online* em defesa dos interesses dos habitantes da Coutada, assinada por uma centena de pessoas a tentar impedir a instalação do parque (13.01). Esta notícia é uma reveladora exemplificação de como seguir controvérsias ajuda-nos a perceber os atores, formação de coletivos, mediações tecnológicas e disputas de interesses.

O PCI é contemporâneo a vários programas e planos municipais com o objetivo de promover a cidade de Aveiro por meio do apelo à inovação tecnológica, à sustentabilidade, ao turismo e à cultura, com bastante interesse na internacionalização, que coincide por um lado na valorização das relações com a União Europeia e por outro, no incentivo aos programas de intercâmbio acadêmico. Em um discurso proferido em 2019, por ocasião do aniversário da cidade, o presidente da Câmara Municipal anunciava a alteração da toponímia da Estrada Nacional 109 (EN 109) para Av. Europa, no trecho em que a estrada corta a cidade, como forma de "homenagear a Europa de forma permanente" (19.41).

Embora o PCI não exemplifique uma relação territorial diretamente relacionada ao entorno universitário do Campus de Santiago, ele demonstra os interesses organizados de empresas, instituições, universidades e demais centros de pesquisa na produção de grandes espaços para promoção de "Ciência e Inovação". Esses mesmos interesses estão patentes em diversas intervenções no campus de Santiago e seu entorno imediato, para que possam agregar valor competitivo frente a outras instituições também ocupadas em "Ciência e Inovação". Assim, realiza-se obras públicas e eventos, inclui-se tecnologias locacionais (totem NBicla, ponto de carregamento de veículos elétricos), incentiva-se a criação de aplicativos de monitoramento ou de prestação de serviços (*See.Sense*, *Biklio*) e várias outras mediações virtualizadas que adicionam "atração" aos

espaços universitários e de seu entorno, ao mesmo tempo em que influem nos modos de circulação humana pelos espaços urbanos.

7.2.5.2 Aveiro STEAM City

Em março de 2019, a CMA anunciava publicamente um projeto de "revolução tecnológica" (Apêndice D – Notícias 19.18, 19.20, 19.28), o Aveiro STEAM City, financiado por fundos europeus, liderado pela Câmara Municipal, "em parceria com a Universidade de Aveiro, Altice Labs, Instituto de Telecomunicações, da INOVARIA e do CEDES" (19.20). O projeto tem um apelo tecnológico, mas também de sustentabilidade, no qual diferentes ações estão programadas, desde a instalação de pontos de abastecimento de veículos elétricos até a elaboração e utilização de aplicativos para coleta de dados urbanos (19.114). Na apresentação pública do projeto, afirmava-se que "Aveiro vai ser exemplo europeu ao nível da tecnologia 5G" e que uma das principais linhas de ação do Aveiro STEAM City dirigia-se a "catapultar o uso das novas tecnologias no espaço público e implementar infraestruturas e tecnologias 5G".

Na transcrição do discurso realizado pelo presidente da Câmara Municipal durante as celebrações de aniversário da cidade de Aveiro, lemos (19.41):

> O projeto "Aveiro STEAM City"... vai concretizar múltiplas ações nas Escolas, nas Empresas, na sensibilização dos Cidadãos para o uso das novas tecnologias, na qualificação dos Recursos Humanos, na vivência urbana do espaço público, na aplicação das novas tecnologias do 5G e da internet das coisas, nos projetos-piloto nas áreas do ambiente, da energia e da mobilidade, visando dar um forte passo em frente no mundo digital e na qualidade integral do desenvolvimento.

7.2.5.3 Plano Estratégico para Cultura (PEC)

No mesmo ano de início do projeto Aveiro STEAM City, também se anunciava a candidatura da cidade de Aveiro como Capital Europeia da Cultura 2027, baseada "em 4 pilares fundamentais, que também integram a imagem da marca "Aveiro 2027": Cultura, Natureza, Tech & Soul" (20.07). De iniciativa da CMA, a candidatura tinha a UA e a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro como seus primeiros subscritores (20.07).

Nesse contexto, o Plano Estratégico para Cultura (PEC) foi formulado, permanecendo sob consulta pública durante alguns meses de 2019. O gestor cultural contratado para elaborar o documento de candidatura considerava que a UA tinha um papel central, uma vez que é necessário "apostar na internacionalização independentemente de ser Capital Europeia" (19.30).

7.2.5.4 Memorando "Mais Conhecimento Melhor Saúde em Aveiro"

No ano de abertura do curso de Medicina da Universidade de Aveiro, 2011, discutia-se a possibilidade de instalação do hospital universitário nos terrenos desativados do Estádio Mário Duarte (11.01), ao invés do local previamente estabelecido no Plano Diretor Municipal (PDM). Informava-se que o hospital de Aveiro iria integrar o Centro Hospitalar do Baixo Vouga, juntamente com os hospitais de Águeda e Estarreja. O memorando "Mais Conhecimento Melhor Saúde em Aveiro" (19.86) reúne a Câmara Municipal de Aveiro (CMA), o Centro Hospitalar Baixo Vouga (CHBV), a UA, entre outras instituições, que implica em ações efetivas para ampliação do Hospital Infante D. Pedro, gerando alterações significativas na envolvente do campus.

As ampliações do hospital, inclusive, eram uma das justificativas para a execução da obra de adequação viária realizada com a criação da rotunda do ISCA-UA, pois visava à "melhoria da sustentabilidade rodoviária para os edifícios da ampliação do Hospital Infante D. Pedro, a construir nos terrenos ocupados pelos antigos Armazéns da Câmara e pelo Estádio Mário Duarte" (18.11; sobre o mesmo tema: 19.08, 19.42, 19.86, 19.88, 19.90, 19.115, 19.118).

Uma controvérsia em torno das obras em decorrência da ampliação do hospital foi protagonizada pelo arquiteto Pompílio Souto que, em fins de 2019 (19.128), publicou uma nota em que fazia críticas à decisão de colocar o CHBV na Av. da Universidade e pedia esclarecimentos das entidades envolvidas. O autor afirmava que "esta é uma iniciativa inegavelmente controversa", correspondendo à uma "canibalização" de um importante trecho da "cidade consolidada, seja pela desmesurada dimensão da "zona monofuncional" que aí se estabeleceria, seja pelo enorme acréscimo de tráfego mecânico e de poluição que isso geraria". Em resposta (19.133), os representantes da CHBV, da CMA e da UA publicaram uma carta de esclarecimento público. Na sequência, o arquiteto retornou resposta à carta publicada pelos representantes das entidades (19.134).

Evidenciar as relações institucionais entre Universidade, Câmara Municipal, empresas e coletivos organizados por meio de planos, projetos e acordos formalizados ajuda-nos a perceber como há uma série de outros atores não-humanos que, virtualmente, também participam das interações humanas *com* e *nos* espaços do entorno universitário. Também ajudam-nos a refletir sobre o próprio "poder de escolha", pois, há poderes diferentes na negociação e manejo dos espaços abertos compartilhados. No nosso caso de estudo, toda uma "revolução tecnológica" ancorada na ideia de "Aveiro STEAM City" impõe uma série de novos atores não-humanos associados às experiências humanas nos espaços urbanos, ainda mais no entorno de uma universidade que

compete ativamente em *rankings* de excelência internacional.

7.2.6 Celulares, smartphones e dispositivos tecnológicos

Durante nossas visitas de campo, constatamos um constante uso de celulares no entorno universitário e, principalmente, nos espaços abertos do campus. O termo "telemóvel", especificamente, é pouco referido nas notícias levantadas, mas há uma série de indicativos de mediações possíveis a partir do uso de celulares. Na notícia 19.50, divulga-se um aplicativo para pôr em articulação ciclistas, comércios e serviços locais. Em fins de 2019 (19.114, 19.124), a CMA tomou a iniciativa de distribuir luzes "inteligentes" para ciclistas, capazes de monitorar os utilizadores e recolher dados que pudessem facilitar a utilização da administração municipal. Podiam participar da pesquisa aqueles que tivessem bicicletas próprias e *smartphones* com dados móveis. O nome do projeto era o Desafio da Mobilidade e decorreria até 2021.

Após o anúncio do projeto Aveiro STEAM City, muitas notícias nos jornais ocupavam-se de discutir temas relacionados às inovações tecnológicas. Um texto apresentava uma série de considerações a serem levadas em conta quando se trata das mediações tecnológicas inseridas no contexto das *smart cities*. O autor afirmava: "estas ferramentas não são neutras e os seus usos vão depender das opções dos responsáveis políticos" (19.75). Em outro texto, argumentava-se sobre os modos como crianças e adolescentes, referidos como "nativos digitais" (19.77) poderiam ser conduzidos a utilizar as tecnologias de informação e comunicação de "forma guiada e segura".

Ainda em 2019 (19.98), foi realizada uma "Mostra do sector das Tecnologias da Informação, Comunicações e Electrónica (TICE)", a quinta edição da *Techdays*. Na notícia levantada, afirmava-se que ""Aveiro Tech City" passa a ser "a nova assinatura e marca de comunicação" na construção das chamadas 'cidades inteligentes' (*smart cities*)". Em seu discurso durante a celebração dos 46 anos da Universidade de Aveiro, o reitor pediu "cuidado com a euforia tecnológica" (19.138). No início de 2020, divulgava-se texto no website institucional da UA, no qual se apresentava uma série de pesquisas e contribuições da universidade no âmbito do Aveiro STEAM City.

7.2.7 Sustentabilidade: inovação tecnológica, competição institucional e a ria de Aveiro

É curioso perceber como o par "inovação" e "sustentabilidade" é costumeiramente referido em conjunto. Essa combinação temática é foco de vários *rankings* de competição entre instituições universitárias, dos quais a Universidade de Aveiro participa (19.32, 19.99, 19.131). Os rankings

avaliam não apenas questões próprias ao desenvolvimento de ensino e pesquisa, mas também de critérios de sustentabilidade, como o *Green Metric World University*, criado pela Universidade da Indonésia (19.131). Na notícia 19.121, ficamos a saber que a UA passava a fazer parte da rede Campus Sustentável, que incluía outras universidades portuguesas.

Relacionada ao tema da sustentabilidade, a Ria de Aveiro é constantemente referida, especialmente no que diz respeito aos interesses em torno do turismo (19.06), das investigações (18.16, 19.51), e da preservação do patrimônio ambiental e da biodiversidade (19.51, 19.61). Na notícia 19.104, ficamos a saber das obras de dragagem da ria de Aveiro para garantir a navegabilidade em seus canais. Um coletivo organizado em função da ria é o MARIA - Movimento de Amigos da Ria de Aveiro, com agendamento de conferências para discutir os temas relacionados à ria de Aveiro (19.51).

7.2.8 Segurança pública

O tema da segurança pública não está entre as principais preocupações dos atores humanos relacionados ao entorno universitário. Nas entrevistas em que abordamos esse tópico, todos concordaram na resposta quanto à tranquilidade em que se vive na cidade de Aveiro e no entorno universitário. Essa percepção foi confirmada na fase de levantamento de notícias, quando encontramos poucas relacionadas a temas de violência urbana. Em uma delas, de maio de 2010 (10.03), falava-se de assaltos noturnos a estudantes universitários, durante o trajeto do centro da cidade ao Bar do Estudante, na porção mais ao Norte do campus de Santiago. A notícia dava conta de que a Associação Académica da Universidade de Aveiro (AAUAv) havia providenciado um ônibus entre o centro da cidade e o bar, diminuindo assim o número de ocorrências.

Em 2011 (11.02), noticiava-se que a Polícia de Segurança Pública de Aveiro (PSP) havia identificado três jovens suspeitos de roubo de eletrônicos portáteis durante as comemorações da semana acadêmica da Universidade de Aveiro. As demais notícias diziam respeito a roubos ocorridos no mercado de Santiago (19.11, 19.12, 19.101) e um na creche da Universidade de Aveiro (19.119), todos ocorridos fora do horário de funcionamento dos estabelecimentos.

7.2.9 Arquitetura do Campus de Santiago

No que se refere ao patrimônio arquitetônico da Universidade de Aveiro (UA), em 2008 (08.02), o edifício do departamento de Engenharia Civil do Campus de Santiago foi um dos

selecionados para representar a arquitetura portuguesa na mostra internacional Expo Saragoça. Em 2011 (11.04), durante as comemorações do 38º aniversário da Universidade, foram atribuídos títulos Honoris Causa aos arquitetos Siza Vieira, Souto de Moura e Alcino Soutinho por serem "figuras ímpares e protagonistas na construção da identidade da UA", e, juntamente com outros mestres, "responsáveis por transformarem o Campus Universitário num ícone da arquitetura nacional"".

A notícia 18.14 fala da criação do *website* Planos, elaborado por alunos do Departamento de Educação e Arte da Universidade de Aveiro para divulgação da arquitetura do campus. Em 2019, iniciava-se um ciclo de tertúlias na UA: "Arquitetura na Universidade de Aveiro: a obra e o tempo". O primeiro encontro contaria com a presença do arquiteto Adalberto Dias, autor dos projetos das residências universitárias de Santiago e do Castro (19.94). Na segunda sessão (20.14), estaria presente o arquiteto Carrilho da Graça, autor da ponte pedonal entre os campi de Santiago e do Castro.

É importante salientar o papel de "atração" exercido pela arquitetura do campus de Santiago, quando consideramos os coletivos de turistas e visitantes que circulam diariamente pelo entorno universitário. Apesar disso, na nossa pesquisa em notícias ou de campo, não encontramos nada que evidenciasse uma especial relação entre residentes do entorno universitário ou da cidade de Aveiro com a arquitetura dos edifícios em si. Em contrapartida, observamos muitos residentes pelos espaços mais abertos do campus, entre movimentos e permanências, o que nos serviu de confirmação do potencial dos espaços abertos de campi universitários para a integração socioespacial com os humanos do entorno.

Embora o aspecto relacional dos edifícios do Campus de Santiago não seja o foco da atenção das notícias levantadas, não podemos desconsiderar a influência da arquitetura como um coletivo de atores não-humanos, dispositivos físico-espaciais que mediam e interferem nas interações humanas nos espaços do campus e de seus espaços de fronteira. Nesse sentido, podemos nos referir à disponibilidade de passarelas cobertas no EF 2 e na alameda central do campus, que acrescentam possibilidades de permanências e movimentos nos espaços abertos. Enquanto a ausência de entradas e saídas de edifícios voltados para os EF 1, EF 3 e EF 4.2, juntamente com outros fatores, acaba por diminuir movimentos e permanências nesses espaços de fronteira.

7.3 De volta aos objetivos de pesquisa

No capítulo em que apresentamos os procedimentos da pesquisa empírica, ressaltamos como uma série de perguntas exploratórias nos ajudaram a construir as análises necessárias para atender

aos objetivos desta investigação. Nesta seção, voltaremos a essas questões, retomadas nos quadros 23 a 25, no ínicio de cada uma das subseções a seguir.

7.3.1 Relevância dos espaços de fronteira do caso estudado

Quadro 23 – Perguntas exploratórias referentes ao primeiro objetivo específico

Perguntas exploratórias relacionadas ao primeiro objetivo específico
Verificar a relevância dos espaços de fronteira estudados para a integração socioespacial do campus com a cidade emergente.
Por meio da observação, foi possível identificar situações nos EF que não envolvesse apenas humanos diretamente relacionados com a universidade?
É possível reconhecer co-presenças e misturas nos EF estudados?
Há alguma diferença entre o que ocorre nos espaços abertos *intra*, entre e fora do campus?
Identificar como atores humanos e não-humanos interagem entre si nos EF do caso estudado.
Que relevância os EF do caso estudado têm para seu entorno imediato? No caso de Aveiro, os EF fizeram alguma diferença para ampliar os espaços de interação pública ou para integrar socialmente (situações de permanência e movimentos)?
Como os atores humanos utilizam os espaços de fronteira, para quê? Como interagem entre si, nos espaços de fronteira? O que a urbanidade de uns pode representar em desurbanidade para outros?
Como virtualidade e materialidade se combinaram nas situações observadas?

Fonte: a autora, 2023.

A partir de nossa pesquisa de campo, constatamos que a imensa maioria das situações de movimentos e permanências pareciam envolver humanos diretamente relacionados com a universidade. Ainda assim, conseguimos perceber a presença de outros humanos que, aparentemente, não estavam tão estreitamente ligados àquela comunidade acadêmica, a exemplo de parentes de estudantes, turistas, moradores do entorno etc.

De todos os espaços de fronteira do Campus de Santiago, o EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães foi aquele no qual observamos uma maior presença de humanos não relacionados às atividades universitárias. Muitos ciclistas a passeio, às vezes a utilizar algumas das bicicletas gratuitas de Aveiro (BUGA). Frequentemente, circulavam em duplas ou em pequenos grupos de até cinco pessoas, com diferentes idades, alguns pareciam turistas, alguns grupos eram formados por casais com crianças. Aqueles que levavam seus cães a passear no EF 2 e demais espaços de fronteira podem até participar da comunidade acadêmica, mas quando passeavam, atuavam como moradores do entorno universitário.

As situações decorridas nos dois trechos do EF 4 – R. da Pega e Via de Circulação Interna eram opostas, se considerarmos a presença de humanos não diretamente relacionados às atividades universitárias. No trecho 4.1- R. da Pega, só registramos movimentos ou permanências de humanos

que pareciam ser estudantes, professores, investigadores ou funcionários da Universidade. No trecho EF 4.2 – Via de circulação interna, por realmente dar continuidade ao sistema viário envolvente, percebíamos o uso público da via, tanto por meio de automóveis, como também pedestres e ciclistas em simples locomoção, a passeio ou em práticas esportivas. Novamente, muitos dos pedestres e ciclistas observados poderiam ser integrantes da comunidade acadêmica, mas nas situações observadas, estavam a utilizar o espaço na condição de moradores do entorno universitário. Na via de circulação interna também passavam com regularidade transportes turísticos, que apenas circulavam por ali, em ritmo lento, para que o guia pudesse informar sobre as edificações do conjunto arquitetônico do Campus, mas não havia pontos de parada desses veículos no EF 4.

De todas as situações observadas nos EF 1 e 3, verificamos a presença de atores humanos não diretamente relacionados à Universidade nas únicas situações de permanência registradas em cada um desses espaços de fronteira. No EF 1 – Entrada Norte, constatamos a permanência de uma mulher que parecia morar em alguma residência do entorno imediato, mantinha-se, provavelmente, à espera de alguém. No EF 3 – Av. da Universidade, os atores observados pareciam estar em visita a moradores da residência universitária.

De modo geral, foi possível perceber co-presenças em alguns locais do EF 2 e do EF 4, quase que exclusivamente de grupos de universitários, apesar de verificarmos alguma co-presença de turistas e moradores, sobretudo nos dias de fins de semana e principalmente nos espaços abertos centrais do Campus ou no EF 2. Em nenhuma das situações observadas, a eventual presença de diferentes grupos humanos compartilhando o mesmo espaço rebateu-se necessariamente em interações entre esses diferentes coletivos.

Se considerarmos todas as situações observadas nos espaços abertos do Campus, de fronteira ou do entorno universitário, percebemos que a maioria dos movimentos, permanências com co-presenças ocorreram nos espaços mais centrais, nomeadamente, praça e alameda central, nos horários de entradas, saídas e intervalos das atividades acadêmicas. Mesmo em dias de fim de semana e fora dos horários de funcionamento institucional, a presença humana nesses espaços era sempre maior do que em qualquer espaço de fronteira do Campus, já que esses espaços mais centrais são facilmente acessíveis e com disponibilidade de recursos físico-espaciais que favorecem diferentes tipos de usos e atividades.

Em comparação entre os espaços de fronteira e seus entornos imediatos, na R. de Calouste Gulbenkian percebemos muito mais movimentos e permanências do que no EF 1. O oposto ocorre no EF 2, onde se desenvolviam muito mais atividades imediatas e opcionais do que no espaço público da Av. João Jacinto de Magalhães e da R. D. António Marcelino. Os movimentos eram

intensos na Av. da Universidade, no trecho próximo ao EF 2, mas praticamente só observamos situações que envolvessem atividades imediatas, todas relacionadas à mobilidade, pois mesmo as permanências eram esperas em paradas de ônibus.

Ao longo da Av. da Universidade, no trecho em que é margeada pelo EF 3, basicamente ocorrem movimentos necessários, com fluxo constante de automóveis, pedestres em entradas e saídas de edifícios ou de veículos estacionados e ciclistas em locomoção. Ainda assim, verificamos alguns movimentos opcionais, de ciclistas esportivos a transitarem pela faixa de rodagem das vias. O volume de movimentos observados na avenida não encontra correspondência no que se passa ao longo do EF 3, onde não há entrada ou saída de automóveis; os pedestres e ciclistas apenas cruzam o Campus nos pontos de atravessamentos, quase que exclusivamente pela entrada de pedestres localizada em frente ao cruzamento da avenida com a R. A.H.B.V. de Aveiro.

A despeito da ausência de passeios para pedestres na R. da Pega e da frequência de carros estacionados sobre a ciclofaixa, foi possível verificar atividades de lazer e práticas de exercícios. De semelhante modo, apesar da ausência de maior tratamento físico-espacial no EF 4.1 – R. da Pega, observamos algumas situações de lazer que decorriam, precisamente, pela falta de uma programação físico-espacial mais limitante. Para o EF 4.1 não se abrem muitas entradas de edifícios, não há muitas superfícies com passeios de pedestres, ao invés de lotes vizinhos à frente, descortina-se um belo panorama formado pela Ria. Assim, um local propício para jogos coletivos que demandem espaços amplos sem interferências de transeuntes. No interior do campus, a marquise da biblioteca oferece uma vista quase panóptica. Ali posicionada, uma pessoa consegue ver descortinar-se, num raio de 180°, a Ria de Aveiro, a praça e a alameda central. Somado a isso, ali é possível permanecer próximo a uma entrada de edifício, protegido de sol, chuva e vento. Assim, em todas as visitas verificamos sempre muitas situações de permanência nesse espaço, seja de conversa, pausa para fumar, contemplação, interação com celular entre outras.

No que se refere à relevância dos espaços de fronteira do Campus de Santiago para seu entorno urbano imediato, podemos considerar diferentes relações. Em certa medida, o EF 1 amplia as possibilidades de interação pública, pois, ainda que seus limites sejam bem definidos, não impedem a circulação de qualquer um que deseje um minuto de pausa no meio de um percurso realizado na via pública, por exemplo. Além de ser uma entrada para o campus, o EF 1 parece um espaço propício à reclusão.

O EF 2 efetivamente amplia o espaço de interação pública, seja pela sensação física de amplitude conseguida com o largo recuo ocupado por jardins, passeios e ciclofaixa, seja pela

variedade de movimentos e permanências imediatas e opcionais que comporta. No EF 2 ainda estão dispostos estacionamentos, sendo que em um deles está acrescido o uso de bar e/ou lanchonete. Diferentemente, o EF 3 amplia espacial, física e visualmente o espaço coletivo da avenida da Universidade, mas não em termos funcionais. Sequer há possibilidades de percursos ao longo dele, apenas pontos de atravessamentos para pedestres em quatro locais específicos.

O trecho EF 4.1 é marcado por recuos espessos, de modo que a edificação mais próxima do limite do terreno (edf. 33) dista 18m desse e a mais longe (edf. 7), mais de 150m. Esse largo afastamento garante uma sensação de amplitude que remete formalmente à vastidão da porção de água da Ria bem à sua frente. A despeito disso, não há acréscimo de funções ao espaço público da R. da Pega, uma vez que não existem pontos preparados para contemplação, permanências ou percursos pedonais ao longo desse espaço. Em contrapartida, o EF 4.2 efetivamente ampliou o espaço público ao dispor de uma via de circulação interna associada ao sistema viário coletivo da cidade de Aveiro. Esse espaço não oferece opções para permanências, mas é contíguo à alameda central, onde pudemos observar diversas atividades opcionais a serem desenvolvidas mesmo por humanos que pareciam não estar diretamente vinculados à Universidade.

A partir de nossas observações *in situ*, podemos afirmar que o EF 1 basicamente é utilizado para acesso ao Campus, para estacionamento, eventualmente, para uma espera e, algumas vezes, como uma rota mais reservada para passeio com o cão. A imensa maioria dos humanos observados em situação desenvolviam atividades sozinhos.

No EF 2, os humanos observados ocupavam-se de uma pluralidade de atividades: esperar, contemplar, fumar, comer, conversar, passear, levar o cão a passeio, descansar, praticar exercício etc. Nesse espaço, muitos humanos permaneciam sozinhos, mas a maioria das situações registradas envolviam grupos de duas ou mais pessoas. O EF 3 basicamente era utilizado para entrar ou sair do campus ou para estacionar carros, ainda que houvesse sempre poucos carros estacionados. Apesar do pouco tratamento espacial nas imediações do complexo esportivo, a presença de um "caminho desejante" evidencia a recorrência de percursos pedonais realizados ao longo desse trecho.

As duas porções do EF 4 foram utilizadas de modos diferentes. O trecho EF 4.1 basicamente era atravessado para entrar ou sair do campus (em entradas específicas), para contemplação, prática de jogos e brincadeiras e, aparentemente, práticas de pesquisa (utilização de drone). O trecho EF 4.2 é majoritariamente utilizado para circulação, não apenas por necessidade, mas também para simples passeio, turismo ou prática esportiva.

Algumas situações observadas nos espaços abertos e de fronteira do Campus, bem como no entorno universitário levaram-nos a pensar sobre possíveis controvérsias nas quais as urbanidades

de alguns pudessem representar desurbanidades para outros. Alguns exemplos diziam respeito ao uso do espaço público para estender roupas; abordagens inesperadas no estacionamento; um cão a passear sozinho pelo Campus; um outro cão a brincar no espelho d'água da alameda central; a colocação de vasos de plantas sobre o asfalto em frente à entrada de residência.

Após a realização das entrevistas e o levantamento das notícias, verificamos que efetivamente o estacionamento de veículos particulares ao longo das vias públicas envolventes é um ponto de conflito entre comunidade acadêmica e residentes do entorno imediato. Conforme observamos, no Lugar de S. Tiago, essa questão é agravada pelo fato de algumas vias serem estreitas, sem calçadas e com portas de entrada de residências abrindo-se diretamente para o asfalto da via. Nessas situações, os limiares, espaços de fronteira das residências com o espaço público e coletivo da via, são precisamente as soleiras das portas. Nesse sentido, podemos entender o gesto de dispor vasos de plantas em frente à entrada como uma tentativa de construir uma lacuna, um espaço preservado em que se possa chegar à casa sem um automóvel desconhecido atravessado à porta.

No que se refere às combinações entre virtualidade e materialidades, constatamos principalmente as que se concretizam por meio do uso de celulares. A primeira e mais óbvia utilização desses aparelhos diz respeito às possibilidades de comunicação com aqueles que estão alhures. Nesse sentido, enquanto interagiam com o espaço físico, alguns humanos gravavam áudios, digitavam ou faziam chamadas a outros. Esse tipo de atividade era bastante comum em saídas de edifícios, durante a realização de pequenos percursos entre edifício e o carro ou entre edifícios do Campus. Também é comum em momentos de pausas e descansos, sobretudo quando o utilizador se vê só entre grupos de outros humanos.

Outras possibilidades são o uso de aplicativos para funções específicas, como escolher cardápio da cantina ou coisa que o valha. Associado ao potencial turístico do Campus e da Ria, o uso de celulares para localização em mapas ou para realizar registros fotográficos que poderão servir de conteúdo para redes sociais. Ainda é possível utilizar o celular para o desenvolvimento de atividades lúdicas no espaço, como jogos virtuais combinados à materialidade do espaço aberto. A partir dos jornais, podemos perceber que as virtualidades servem como veículos de debates sobre intervenções nos espaços, para reclamar de "incivilidades" ou para enaltecer aspectos de qualidade físico-espacial. Os aplicativos mediam as relações dos diversos coletivos, que alternam virtualidades e materialidades com novos roteiros (*Biklio*) e com fornecimento de dados para políticas públicas.

De um modo resumido, podemos afirmar que todos os espaços de fronteira do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro são integrados visual e espacialmente, sem imposição de barreiras rígidas. O EF 3 e o trecho EF 4.1 são potencialmente relevantes para integração

socioespacial do Campus com a cidade emergente. O EF 4.1 está localizado de frente para a Ria e, por isso, tem uma verdadeira vocação para espaços de contemplação e lazer. Ali, o potencial de contribuir para ampliar o espaço de interação pública é patente, já que o campus, em certa medida, ocupou essa frente para a Ria, colocando-se entre esse patrimônio ambiental de Aveiro e a restante cidade.

O EF 3, por sua vez, é ilustrativo das dinâmicas inerentes à formação de cidade emergente, quando às vias expressas vai sendo adicionada uma série de dispositivos para viabilizar circulação de pedestres. Já que a Av. da Universidade é um trecho de autoestrada, a maioria das entradas e saídas das parcelas urbanas foram construídas voltadas para as vias de trânsito local, de modo a garantir maior segurança aos utilizadores e evitar interferência na velocidade de tráfego da autoestrada. Entretanto, quando o movimento de pedestres vai sendo incorporado a esse trecho, a ausência de entradas e saídas tanto quanto de tratamento para os espaços de fronteira começa a se fazer notar. Nesse ponto, encontrava-se o trecho da Av. da Universidade durante o período de levantamento de campo. Não apenas as edificações do campus universitário, mas a grande maioria das edificações do entorno imediato do EF 3 abriam-se para vias perpendiculares ou paralelas à avenida.

Um exemplo do potencial do espaço de fronteira com maior tratamento físico-espacial é encontrado no EF 2, que é o espaço de fronteira com maior pluralidade e diversidade de humanos observados a desenvolver algum tipo de atividade. Essa realidade é reveladora quando consideramos que nas proximidades da maior porção desse espaço só estão locados a universidade e o seminário católico e que a principal avenida que o margeia basicamente existe para separar e dar acesso a essas duas instituições.

Sobre as possibilidades de estabelecer generalizações a partir do estudo de caso, parece-nos precipitado, pois, trata-se de um caso único e específico. Há uma variedade de temas e tópicos de interesse que podem não ser comuns em outras geografias. Em outros casos, os humanos organizam-se de modos diferentes, os coletivos formados são outros, por consequência, as urbanidades-desurbanidades envolveriam questões diferentes.

7.3.2 Verificação da viabilidade de "autonomia de movimentos", "possibilidades de permanência" e "atração" como princípios projetuais

Quadro 24 – Perguntas exploratórias referentes ao segundo objetivo específico

Perguntas exploratórias relacionadas ao segundo objetivo específico
Verificar a viabilidade de estabelecer princípios projetuais para intervenções em espaços de fronteira de campi universitários periféricos.
A partir do estudo de caso, é possível confirmar que movimentos, permanência e atração são bons requisitos para analisar as possibilidades de atuação do espaço aberto coletivo e público?
Foram observadas situações de permanência nos EF de Aveiro? Elas foram possibilitadas pelo espaço de fronteira?
Como eram os movimentos nos EF estudados? Houve permanências? Que atores não-humanos mediavam essas situações?
Que outros atores/dispositivos além dos dispositivos físico-espaciais ganham destacada importância? Como eles mediam ou exercem atração nas situações nos espaços de fronteira?
A partir dos dados obtidos, é possível discernir o que pode tornar o entorno imediato do campus atrativo? Existe algum ponto de atração nos espaços de fronteira mencionados pelos entrevistados, lido nos jornais ou identificado pela observação?
Comparativamente, o que podemos depreender das observações de cada espaço de fronteira?
O que é necessário fazer para um espaço de fronteira contribuir para integração socioespacial? É necessário colocar bancos, abrir janelas, entradas, deixar relvado, colocar calçadas etc? O que é previsível no projeto? O que é do social?
O quanto pode ser previsto em projeto do espaço construído? Nas situações observadas, houve elementos, dispositivos ou questões que ultrapassam a arquitetura como projeto?

Fonte: a autora, 2023.

De um modo geral, percebemos mais movimentos do que permanências e mais atividades necessárias do que opcionais, nos espaços de fronteira estudados e nos seus entornos imediatos. Importante destacar a frequência de situações de movimentos opcionais, como de pessoas a passeio ou em prática esportiva. Das poucas situações de permanência, a maioria desenvolvia-se no EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães, que, de todos, dispõe de maior programação do espaço construído, de mais mobiliário urbano e para onde se abrem várias entradas de edifícios universitários. A única situação de permanência observada no EF 1 – Entrada Norte foi facilitada pela disponibilidade de um banco para espera ou pausa no percurso.

No EF 3 – Av. da Universidade, só registramos uma permanência, relacionada à proximidade de uma entrada de edifício. Foram dessas breves saídas do interior, em que se permanece próximo a portas, para falar ao telefone, fumar ou encerrar uma conversa já iniciada, antes dos interlocutores despedirem-se. Nessa mesma situação, a despeito das limitações físico-espaciais, duas crianças improvisavam brincadeiras acrobáticas enquanto esperavam.

Seja no EF 4 – R. da Pega e Via de Circulação Interna ou no seu entorno imediato, não havia programação físico-espacial ou disponibilidade de mobiliário urbano para facilitar permanências.

Apesar disso, constatamos situações nas quais os utilizadores driblavam as limitações do espaço durante suas permanências. Principalmente no trecho EF 4.2 – Via de Circulação Interna, a ausência de saída de edifícios também contribuía para a escassez das pequenas pausas observadas em outros espaços de fronteira. No Lugar de S. Tiago, as poucas situações de permanências observadas envolviam interação com elementos e objetos incluídos no espaço público pelos próprios moradores, como vasos e plantas. Cadeiras empilhadas sobre a calçada, bem como permanências no interior de automóveis enquanto se atende a uma chamada telefônica ou se espera por alguém são exemplos de situações nas quais os utilizadores "redesenham" ou *co*-criam o espaço construído, adicionando a ele recursos para permanência.

De acordo com o que consta em muitos textos no campo da arquitetura e do urbanismo (Gehl, 1971/2010, 1986; Hertzberger, 1991/1996; Alexander, 1977/2013), alguns dispositivos físico-espaciais atuaram em favor de garantir condições de permanência nos espaços de fronteira e em seus entornos imediatos, a exemplo de: "espaços para sentar", como bancos, muretas e degraus; de entradas de edifícios voltadas para o espaço de fronteira, ainda mais quando posicionadas sob a proteção de marquises ou passarelas cobertas; de elementos verdes bem cuidados; e de dispositivos de proteção que não se tornem barreiras visuais. Afora esses recursos físico-espaciais, verificamos a relevância de outros objetos e seres a atuar nas interações observadas, tais como celulares, câmeras fotográficas, bicicletas, cigarros, carros, animais domesticados etc.

Sem dúvidas, as bicicletas são dos atores não-humanos mais recorrentes nas situações observadas. Não podemos precisar sobre o quão espontâneo é o interesse coletivo no uso de bicicletas, principalmente porque elas são objeto de políticas institucionais (totem de serviços NBicla, projeto U-Bike) e públicas (construção de ciclofaixas, BUGA, dispositivos de monitoramento). O interesse em torno das bicicletas é evidenciado por uma variedade de coletivos organizados (CiclaVeiro, Ciclaveiro, NBicla, MUBi) e eventos realizados (PedalAdar, Cicloconversas, Campanhas, Prova BTT). Por meio da utilização de bicicletas, humanos interagem de modos diferentes com os espaços construídos, desde o desenvolvimento dos deslocamentos mais utilitários e solitários até como prática recreativa, esportiva ou de turismo, que envolvam grupos de pessoas já conhecidas entre si.

Apontar o uso de celulares e *smartphones* nos espaços pode soar um tanto banal, até mesmo atrasado. Em verdade, embora tenhamos plena consciência de que nossas interações humanas e sociais estejam cada vez mais mediadas por telas e por objetos tecnológicos, ainda não exploramos o suficiente o quanto essas interações estão imiscuídas em nossas atividades cotidianas nos espaços de fronteira, abertos, coletivos e públicos do urbano. Os humanos combinam de diferentes modos

as possibilidades oferecidas pelos dispositivos tecnológicos à materialidade dos espaços pelos quais circulam.

Os carros particulares, como já dissemos anteriormente, para além de representarem uma questão controversa da mobilidade urbana, foram observados em interação, quando atuam de diferentes e complementares modos nas interações humanas com os espaços abertos, coletivos e públicos. Inclusive, podem atuar como dispositivos de mediação e proteção, à semelhança dos próprios espaços de fronteira.

Em praticamente todas as visitas observamos situações de movimentos e permanências que envolviam interação com cães. A imensa maioria dos humanos observados em campo correspondiam a jovens e adultos, mas constatamos também a presença eventual de idosos e crianças, que, de certa forma, denunciavam as proximidades das moradias do entorno universitário.

Considerando as situações observadas, os espaços abertos do Campus de Santiago oferecem possibilidades para práticas, com segurança, de lazer ativo e contemplativo. Dado o interesse verificado no uso de bicicletas, podemos afirmar que as ciclofaixas existentes nos EF 2 e 4 são elementos atrativos para muitos utilizadores. A ambiência própria das margens da Ria é outro ponto de atração, tanto quanto a própria Ria em si, que tem a frente da laguna quase toda ocupada pelo Campus de Santiago. Não há pontos de atração nos espaços de fronteira que tenham sido especialmente referidos nas entrevistas realizadas ou nas notícias de jornais levantadas.

Se não podemos assegurar a integração socioespacial a partir da disposição de elementos construtivos e da organização do espaço construído, conseguimos, ao menos, criar condições para co-presenças, ao dispormos de alguns mobiliários que possam facilitar a ocorrência de atividades opcionais nos espaços de fronteira, conforme estabelecido em muitos dos referenciais bibliográficos apresentados ao longo deste trabalho.

Dispositivos como marquises em entradas de edifícios contribuem para uma "integração controlada", na qual um humano fica livre para escolher o grau de sua exposição pública. Nesse quesito, o tema da segurança pública tem especial importância. Por não representar um problema grave na cidade de Aveiro, não percebemos comportamentos humanos condicionados por receio de abordagens violentas, nem dispositivos ou recursos físico-espaciais para atender a esse tipo de demanda. Em outras geografias, contudo, questões de violência urbana estariam entre os principais tópicos de interesse e controvérsia de entornos universitários. Nesses casos, as possibilidades de "integração controlada" poderiam favorecer uma sensação de segurança àqueles que, estando no espaço aberto de fronteira, poderiam facilmente refugiar-se no interior, em uma situação na qual

se sintam ameaçados. Nesse sentido, faz-nos falta a contraposição de um estudo de caso no qual houvesse mais controvérsias envoltas no tema da segurança pública.

Se considerarmos a bibliografia existente, verificaremos que não há muita novidade em constatar as possibilidades de situações de movimentos e permanências por meio do "desenho do chão" do espaço construído, com a utilização de dispositivos físico-espaciais a exemplo de portas, marquises, bancos e outros. Entretanto, já não são tão previsíveis as combinações entre materialidades e virtualidades, a partir dos modos como os humanos utilizam os dispositivos de tecnologia de informação e comunicação. Tampouco, as negociações contidas no par urbanidades-desurbanidades ou os modos como mantenedores e utilizadores vão paulatinamente *co*-criando o espaço originalmente construído, de maneira a torná-lo cada vez mais próximo do atendimento de seus interesses. Nesse sentido, questionamo-nos se "flexibilidade" seria um quarto princípio projetual a ser considerado.

Outra imprevisibilidade que dificulta a associação direta entre a configuração do espaço construído e a integração socioespacial diz respeito às maneiras como humanos podem se evitar ou agrupar. Uma aproximação prática, então, seria considerar as urbanidades-desurbanidades a partir da investigação dos interesses em disputa entre os diferentes atores sociais.

Parece-nos que garantir possibilidades de que diferentes humanos desenvolvam atividades opcionais nos espaços de fronteira, abertos e públicos é algo que um projetista ou alguém que intervenha sobre o espaço construído deva ter em mente, quando se pretende contribuir para co-presença e mistura social. Nesse sentido, é necessário recorrer ao entendimento do que efetivamente é capaz de atrair os diferentes públicos ao espaço.

Em compensação, em algumas situações, como no trecho do EF 4.2, seu potencial atrativo está precisamente nas diferentes possibilidades de movimentos. Evidente que tal atração existe na medida em que não sobram melhores alternativas para os moradores do entorno imediato. Mas também, não devemos desconsiderar, pela qualidade construtiva das vias e passeios, com condições de atender à maioria dos utilizadores com segurança.

Ainda que a autonomia de movimentos possa, em dadas situações, corresponder ao que atrai os públicos humanos, prover condições para que situações de permanências possam acontecer é um ponto de partida de um projeto para espaços de fronteira. Especialmente no EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães, pudemos constatar como um espaço de fronteira aberto, de livre circulação, com alguma programação, mesmo que colocado entre dois grandes lotes institucionais, consegue atrair e ser ocupado por diferentes humanos, tanto de frequentadores da própria Universidade, quanto de moradores do entorno universitário ou mesmo visitantes e turistas.

A atração é um bom requisito para se ter em conta, sobretudo pelo interesse crescente dos diferentes públicos humanos nos dispositivos tecnológicos. Dada a frequência de situações observadas em que havia algum tipo de interação com celulares, podemos inferir que a disponibilidade de acesso gratuito à rede de internet sem fio possa exercer uma atração até maior para permanência, do que um banco bem-posicionado no espaço aberto. A propósito, o requisito "atração" é aquele que menos está associado aos dispositivos físico-espaciais, representa um ponto de extrapolação dos domínios restritos do espaço construído em direção à compreensão dos interesses e associações do social ao qual se pretenda atender.

Em decorrência da revisão de literatura e da análise dos dados levantados na pesquisa empírica, questionamo-nos sobre a validade de incluir o princípio da "flexibilidade". Outra consideração relacionada às práticas projetuais e ao estabelecimento de princípios diz respeito à reflexão em torno da compreensão do projeto como um processo contínuo, um relacionamento do projetista com a arquitetura enquanto produto (Till, 2009), que passa a ser de outros vários atores humanos que interagem e agregam significados, usos, funções, objetos, serviços etc. Nesse sentido, as considerações de Rybczynnski (1999) sobre a prática de projeto de Olmsted talvez possa contribuir na formulação dessa compreensão, pois, ao criar espaços com elementos vegetados, portanto, com seres vivos, Olmsted não tinha de imediato um espaço construído tal como imaginado. Era preciso estabelecer uma relação continuada com sua obra para ir, no processo, desenvolvendo seu projeto e manejando o espaço construído.

Passando em resumo, parece-nos que os princípios projetuais "autonomia de movimentos", "possibilidades de permanência" e "atração" são necessariamente abrangentes para darem conta de uma variedade de arranjos sociomateriais que possam emergir em diferentes contextos urbanos, considerando a multiplicidade das urbanidades de humanos com modos diversos de se relacionar *no* e *com* o espaço construído. Assim, uma breve aproximação com a realidade sociomaterial onde se pretende intervir auxilia na compreensão do que pode tornar um espaço de fronteira atrativo. De todos, esse é o princípio mais trabalhoso, mais ambíguo e incerto, que requer maior sensibilidade e comprometimento daquele ocupado no projeto ou intervenção sobre os espaços universitários.

Em termos gerais, um espaço construído que contribuísse para a ampliação dos espaços de interação pública ofertaria condições para movimentos e permanências opcionais. Apesar disso, a exemplo do EF. 4.2, nem sempre é necessário garantir permanências para que um espaço de fronteira possa contribuir para ampliação do espaço de interação pública. Finalmente, resta-nos pôr em xeque os mesmos princípios em cenários diversos, nos quais a segurança pública seja um

tema urgente; ou em casos nos quais o campus não seja tão aberto e integrado espacialmente com seu entorno imediato; ou ainda em diferentes estágios de ocupação do entorno universitário, i.e, de formação da cidade emergente.

7.3.3 A aplicabilidade da urbanidade enquanto categoria de estudo dos espaços abertos, coletivos e públicos do urbano

Quadro 25 – Perguntas exploratórias referentes ao terceiro objetivo específico

Perguntas exploratórias relacionadas ao terceiro objetivo específico
Analisar a validade de utilizar a urbanidade como categoria de estudo nesta investigação.
Urbanidade e integração socioespacial são a mesma coisa? Há algo que a adoção do termo "urbanidade" acrescente à noção de integração socioespacial utilizada neste estudo?
Em face dos resultados dos dados analisados nos dois outros objetivos, qual a viabilidade de pensar urbanidade? Ela ainda é uma categoria válida?
É necessário redefinir urbanidade? É uma disposição projetual? Uma boa vontade? Uma experiência? Um recurso retórico?

Fonte: a autora, 2023.

Integração socioespacial e urbanidade são ideias correlatas, como decalques uma da outra, pois, a urbanidade tende à integração socioespacial do mesmo modo como a desurbanidade tende à segregação socioespacial. Para efeito de prática projetual e investigativa, não devem ser entendidas como objetivos concretamente alcançáveis e verificáveis, pois as urbanidades-desurbanidades são latências presentes nos atores e nas associações de atores que conformam uma dada realidade sociomaterial.

Se não é passível de determinação, considerar urbanidades-desurbanidades acrescenta a ambiguidade necessária, o "relativismo relativista" (Latour, 1991/2019, p.139) , uma calibragem para escapar de uma utilização retórica do termo "urbanidade", acompanhada da imposição de ideias e valores próprios daquele que o enuncia. A propósito, ao assumir o par urbanidades-desurbanidades proposto inicialmente por Rheingantz (2012), estamos a considerar a existência de uma série de comportamentos, negociações, acordos e desacordos, ditos e não ditos, presentes nas situações da vida urbana, sobretudo na experiência do convívio compartilhado do espaço aberto, coletivo e público.

A partir de nossas digressões e da análise de dados do estudo de caso, consideramos que o par urbanidades-desurbanidades serve como essa importante calibragem, se quisermos, na prática profissional, manter uma postura propositiva ética e inclusiva para com os diversos utilizadores

dos espaços que eventualmente projetamos, intervimos ou gerenciamos. Entretanto, a ideia de "contribuir para urbanidade" pode ser um pouco falaciosa, pois tal intenção, em grande medida escapa da atuação dos "fazedores de cidade".

Ao longo do tempo, a ideia de urbanidade passou a comportar diversos sentidos. Por isso, como categoria de estudo precisa permanecer abrangente para dar conta da polissemia própria do termo, que trata de comportamentos, modos de vida, experiências, interações e relações no espaço urbano, sobretudo, os públicos e compartilhados por desconhecidos entre si. Desse modo, torna-se necessário que, a cada trabalho que se valha da ideia de urbanidade, exista uma definição precisa sobre aquilo que está sendo considerado.

A elaboração de projetos que tomem como princípios "autonomia de movimentos", "possibilidades de permanência" e "atração" tenderão a favorecer a presença de humanos nos espaços abertos, coletivos e públicos. É um ponto de partida, mas não o de chegada, nem garantia para urbanidade e integração socioespacial.

Em relação ao que anteriormente definimos como urbanidade, acrescentaríamos a ideia de um "dever de urbanidade", à semelhança daquele presente na atividade profissional de advogados. No caso de projetistas, trata-se de uma disposição projetual inerente à sua atuação, uma predisposição para, por meio de seus projetos, contribuir para integração socioespacial. É "dever" porque precisa ser mais do que uma boa-vontade, mas sim a constatação da evidente atuação e agência social (virtualizada) de projetistas nas urbanidades-desurbanidades daqueles outros atores sociais que diariamente relacionam-se *com* e *no* espaço construído das cidades.

Por fim, a urbanidade continuará eventualmente sendo utilizada como um argumento retórico para promotores de empreendimentos, atores humanos em negociação de interesses ou até no discurso especializado. Nesse sentido, explorar as possibilidades e limitações teóricas e práticas desse termo oferece-nos recursos teóricos capazes de reconhecer-lhe os significados. Por isso mesmo, ainda que trabalhoso, não deveríamos nos esquivar de explorar os múltiplos sentidos e acepções da urbanidade, principalmente se a considerarmos como uma categoria de estudo do convívio urbano em espaços compartilhados *em presença*.

Ao fim desta investigação, reconhecemos o quanto foi proveitosa a adoção do Campus de Santiago da Universidade de Aveiro como estudo de caso. Tido como referencial arquitetônico e de integração físico-espacial, ofereceu-nos oportunidade de investigar diferentes relações físico-espaciais de fronteira com seu entorno imediato. Enquanto campus tardio, deu-nos condições de analisar um entorno universitário em vias de consolidação. Apesar das concepções urbanísticas no

âmbito dos projetos dos edifícios e do plano do CEFA-UP, bem como da qualidade arquitetônica dos espaços construídos do Campus de Santiago, percebemos algumas controvérsias na realidade empírica, que não está limitada às nossas representações gráficas e conceituais.

Durante nossa investigação empírica, percebemos um *gap*, um distanciamento existente entre, por um lado, as concepções arquitetônica e urbanisticamente bem executadas e, por outro, as complexidades de relações e conflitos de interesse entre atores humanos em interação com esses mesmos espaços bem concebidos. A inquietação provocada por esse hiato (Fortuna, 2019) foi suficiente para que, ao longo desta investigação, não nos desviássemos da urbanidade enquanto categoria de estudo, entendendo que essa possa ser uma chave de leitura por meio da qual estejamos em busca de, também, integrar as virtualidades projetuais às materialidades experienciadas.

8. Conclusão

Concluir um trabalho como este é das tarefas mais difíceis porque, de um lado, nunca consideramos que efetivamente temos um produto finalizado e acabado. Por outro, a dinâmica própria dos fenômenos urbanos, a reflexão continuada que vai descortinando novas perspectivas, na medida em que nos debruçamos sobre o tema, instigam-nos a continuar no aprofundamento, principalmente daquelas questões que não nos pareceram suficientemente apuradas. Entretanto, esta é uma investigação exploratória e, como tal, uma de suas principais contribuições é precisamente levantar possibilidades para que outras pesquisas possam ser desenvolvidas a partir das questões aqui apresentadas.

A utilização do termo "urbanidade" neste estudo deu-nos oportunidade de deter-nos em verdadeiras digressões teóricas, metodológicas e práticas, em um vai-e-vem entre revisão de literatura e pesquisa empírica possibilitada pelo alinhamento com as proposições da Teoria Ator-Rede. Uma construção teórica, "a urbanidade enquanto integração socioespacial", combinada com um recorte físico-espacial mais preciso, o dos "espaços de fronteira de campi universitários periféricos" conformam o nosso objeto de estudo que, de certa forma, já demonstra esse esforço de dar atenção a temas considerados urgentes e iminentes como a formação de cidades emergentes nos entornos universitários, sem desviar de incertezas persistentes que estão no bojo de nossas teorizações sobre os arranjos sociomateriais do urbano.

Apesar de não serem os únicos espaços onde universidades organizam-se, os campi universitários periféricos são modos de implantação aos quais amplamente recorre-se. Além disso, dão-nos oportunidade de investigar o processo de formação de uma cidade emergente, para a qual os espaços de fronteira do campus poderiam contribuir acrescentando funções e ampliando o espaço de interação pública, ao favorecer movimentos e permanências nos espaços abertos, coletivos e públicos.

Diante das necessidades desta investigação, pareceu-nos oportuno utilizar o Campus de Santiago da Universidade de Aveiro (Portugal) como estudo de caso; dado que é completamente aberto; dispõe de diferentes relações de fronteira com seu entorno imediato; e foi objeto de prática laboratorial de profissionais e estudantes de Arquitetura, conduzido por um arquiteto com interesse no papel dos espaços coletivos no urbano alargado. O Campus de Santiago foi inicialmente implantado em terras rurais, atualmente, considera-se que está em um trecho da cidade consolidada. Finalmente, a Universidade de Aveiro participa ativamente de programas voltados para inovação e sustentabilidade, nos quais diferentes instituições cooperam e competem entre si.

Ao passar em resumo os objetivos específicos desta tese, podemos afirmar que os espaços de fronteira do Campus de Santiago desempenham importantes funções socioespaciais, por meio da integração espacial do Campus com o entorno imediato e por meio da continuação viária que permitem. Especificamente no caso estudado, não fosse a forma como o espaço construído do Campus foi disposta, ele próprio se interporia como uma barreira entre a cidade e sua frente de ria, tanto quanto isolaria uma comunidade inteira, a dos moradores do Lugar de São Tiago, que ficariam apartados das áreas mais centrais da cidade.

Se a integração espacial é conseguida pelo desenho do espaço construído, a integração socioespacial propriamente dita é algo que extrapola as competências da Arquitetura e do Urbanismo. Ainda assim, consideramos que incentivar a presença de diferentes humanos em um mesmo espaço físico compartilhado pode ser um ponto de partida, um antídoto a um processo crescente de evitamento social. Nesse sentido, sobretudo o EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães tem demonstrado como um espaço de fronteira pode atuar na disponibilidade de opções para movimentos e permanências de diferentes humanos nos entornos universitários.

De outra perspectiva, o EF 4.2 – Via de circulação interna é um demonstrativo de como um espaço de fronteira pode ser relevante para integração socioespacial ao contribuir com o "desenho do chão" da cidade emergente e diminuir distâncias físicas entre determinadas zonas urbanas da restante cidade. As reflexões desenvolvidas a partir da constatação do potencial paisagístico do EF 4.1 – R. da Pega ajudam-nos a perceber por que a co-presença de diferentes humanos e a densidade de encontros pode ser um ponto de partida para integração socioespacial, mas não sua garantia. Uma vez que o turismo de massa é uma realidade na cidade de Aveiro, a valorização dos espaços construídos na frente da Ria certamente atrairia um volume expressivo de visitantes para a área, o que poderia ser conflituoso com o interesse de manutenção de um espaço mais propício ao pensamento contemplativo. Nesse sentido, percebemos a contribuição de considerar o par urbanidade-desurbanidade como indissociável, pois, a despeito da promoção de opções de movimentos e permanências, o compartilhamento de um mesmo espaço construído terá um aspecto relativo e relacional, implicará em negociações e eventuais conflitos de interesses.

Especificamente o EF 3 – Av. da Universidade é aquele mais ilustrativo da mutabilidade do espaço a partir da implantação de um campus universitário periférico. Se durante as atividades de campo desta investigação, o EF 3 assumia poucas funções e, nesse sentido, contribuiria de modo limitado para a ampliação do espaço de interação pública, nos anos seguintes o próprio espaço de fronteira e seu entorno imediato foram alvos de obras públicas e institucionais que modificaram o espaço, adicionando novos dispositivos físico-espaciais. Os debates e controvérsias em torno

das obras, encontrados nas notícias levantadas, demonstram alguns dos diferentes interesses em negociação na formação dessa cidade.

O conflito entre via rápida e a formação de uma cidade emergente no entorno universitário é patente no EF 3 e é uma questão recorrente em muitos outros casos de campi universitários periféricos. Um estudo interessante, portanto, seria a tentativa de mapear a formação dessa cidade por meio da mutabilidade do espaço e das controvérsias decorrentes, sobretudo com a inclusão das mudanças mais recentes e da influência das mediações tecnológicas decorrentes da iniciativa Aveiro STEAM City. Caberia aqui também indicar a possibilidade de um trabalho dedicado a recuperar e mapear as controvérsias existentes na formação do entorno universitário do Campus de Santiago, desde as discussões para a implantação do Campus, até as questões em que os atores humanos interessados estão engajados.

Ainda sobre as relações urbanas do Campus de Santiago, parece-nos que uma investigação que extrapole o entorno imediato e que busque analisar um recorte mais alargado seria bastante conveniente. A cidade de Aveiro dispõe de muitos espaços públicos e coletivos bem mantidos, inclusive nas proximidades da Universidade. Assim, consideramos o proveito de pesquisas que possam até mesmo utilizar os princípios aqui estabelecidos.

No que se refere à viabilidade de estabelecer os princípios projetuais explorados nesta investigação, podemos afirmar que a integração socioespacial não é algo alcançável a partir do espaço construído, tampouco é previsível em projeto, embora projeto e espaço construído participem do social e das diversas interações dos humanos *nos* e *com* os espaços urbanos. Ainda assim, "autonomia de movimentos", "possibilidades de permanência" e "atração" são princípios focados na promoção de co-presença de diferentes grupos humanos nos espaços de fronteira, abertos, coletivos e públicos. Ou seja, representa um esforço inicial, um antídoto ao efeito perverso do poder da escolha e das possibilidades de combinação entre materialidade e virtualidade, que seria o evitamento com possível intolerância às diferenças sociais.

No âmbito desta investigação, esses princípios pareceram-nos adequadamente abertos para a consideração de diferentes tipos de arranjos sociomateriais, sem a imposição de padrões construtivos pré-estabelecidos que eventualmente possam corresponder a morais normativas de grupos específicos. Nesse sentido, esta investigação poderia ser replicada para outros diferentes casos de campi universitários em outras localidades urbanas, que lidem com diferentes urgências. A contraposição e comparação de casos a partir dos mesmos princípios contribuiria na confirmação, ajuste ou refutação dessas proposições.

Como um escape que serve de regulagem, o princípio "atração" é um dos mais difíceis

de abordar. Por meio dele, passamos a incorporar a agência de outros atores não-humanos e a considerar os diversos interesses que estão no bojo das variadas urbanidades-desurbanidades. Assim, esse princípio impõe um certo afastamento físico-espacial temporário para compreender os atores sociais que interagem com o espaço construído, tanto quanto os modos como agrupam-se em seus coletivos e aquilo que os impele à ação.

Assumir as possibilidades de co-criação de utilizadores e mantenedores do espaço construído conduziu-nos a refletir sobre a viabilidade de um quarto princípio, a flexibilidade, bem como a concepção do projeto do espaço não como um documento estático e prévio à construção, mas como um processo continuado e relacional, do qual participam não apenas os projetistas especialistas. Não foi possível aprofundarmos nessas reflexões que parecem dar oportunidade a novos trabalhos. Assim, uma continuação na investigação desses princípios poderia decorrer de pesquisas experimentais, a partir da observação de interações humanas em espaços de fronteira onde são incluídos dispositivos móveis, manipuláveis pelos utilizadores do espaço.

Apesar da conveniência de manter a abrangência dos princípios projetuais utilizados nesta investigação, reconhecemos que a tensão entre incertezas e urgências permanece inerente à prática dos "fazedores de cidade". Nesse sentido, reconhecemos a persistência dessa lacuna entre "princípios necessariamente abrangentes" e o estabelecimento de roteiros e guias construtivos a serem seguidos. Explorar como os princípios aqui utilizados poderiam materializar-se em projetos e intervenções, parece ser mais um caminho frutífero para estudos experimentais.

Recorrer ao termo "urbanidade" nesta investigação proporcionou uma série de digressões teóricas, de muitos modos, oriundas também da vivência profissional e de pesquisa empírica da investigadora. Em muitos momentos, no decorrer da investigação, indagávamo-nos sobre o fato de estarmos a conduzir duas investigações em uma: sobre uma questão mais prática e concreta a respeito de um recorte espacial definido como espaços de fronteira em campi universitários periféricos; e outra mais teórica, destinada a discutir o emprego conceitual de um termo tornado acadêmico.

Apesar da inquietação em torno dessas duas linhas de pesquisa, não conseguimos desvencilhar uma da outra, pois, parecia-nos que se tratava de um movimento de costura necessária, um deslocamento de um lado a outro de uma superfície, o tecer da frente e do verso de uma mesma questão. É o esforço de aproximação entre o que é objetivamente dado a partir da experiência do espaço urbano e do que construímos cognitiva, coletiva, técnica e retoricamente a respeito disso. Nesse percurso, percebemos que "urbanidade" pode ser uma categoria de estudo (empírica) do urbano de variadas pesquisas que busquem semelhante aproximação.

A falta de problematização do termo "urbanidade" pode deixá-lo parecer um termo frouxo, "um conceito vago", o que vai na contramão da intenção de investigar as interações e mediações que existem nas sociomaterialidades dos espaços de fronteira, abertos, coletivos e públicos sobre os quais estudamos, teorizamos e intervimos. Entendida de uma perspectiva empírica, sem estabilizar o "social", a urbanidade pode ser uma importante chave de leitura para incorporarmos em nossos estudos a atuação de uma pluralidade de outros seres e objetos que atuam nas materialidades e virtualidades de nossas experiências urbanas. A ANT é uma promissora abordagem para contribuir nesses estudos.

Embora reconheçamos a polissemia do termo urbanidade, esperamos ter contribuído um pouco mais no aprofundamento das discussões sobre suas possibilidades e limitações. A urbanidade é uma latência que tende à integração social, assim como a desurbanidade tende à segregação. Em decorrência, urbanidade-desurbanidade são um par indissociável (Rheingantz, 2011, 2012). As urbanidades-desurbanidades são experiências próprias do convívio do espaço urbano compartilhado, variadas conforme são diversos os atores sociais e seus arranjos. Em outros termos, podemos afirmar que urbanidades-desurbanidades são múltiplas, relacionais e relativas, o que também implica reconhecer que o espaço urbano é aquele onde ocorrem negociação de interesses e disputas.

O "relativismo relativista" (Latour, 2010/2016, p.39) do par urbanidade-desurbanidade parece adequado para evitarmos romantizar a pobreza, em recortes urbanos nos quais co-presença e densidade possam denunciar, na verdade, o suprimento de funções não atendidas pelos espaços privados, sobretudo em contextos habitacionais. De outro modo, também permite que tenhamos em conta que mesmo em situações estruturais e infraestruturais precárias existem urbanidades.

Nesta tese, consideramos o estudo da urbanidade de uma perspectiva citadina e humana. Entendemos que essa não é uma concepção exclusiva e nem excludente para o tema, que poderia estar dedicado a responder à questão: podemos afirmar que existe urbanidade em arranjos sociomateriais rurais que façam uso de serviços infraestruturais urbanos? Parece-nos uma indagação promissora, embora não nos tenhamos ocupado dela, já que a urbanidade enquanto integração socioespacial implicaria em considerar a experiência do convívio entre diferentes no espaço urbano compartilhado. Essa é uma condição imposta por arranjos mais citadinos, que nos colocam a manejar proximidades e distâncias físicas e sociais. A urbanidade de outros seres e objetos não-humanos, ainda que não tenha sido o foco de nossa atenção, é um caminho de investigação teórica possível, principalmente tendo em conta temas relacionados a inovação e sustentabilidade.

Outro ponto relativo ao estudo da urbanidade sobre o qual não nos detivemos diz respeito

à possibilidade de admitirmos um "dever de urbanidade" relacionado à atuação profissional dos "fazedores de cidade". De escritórios alhures, projetistas, mantenedores, gestores etc., atuam de modo virtualizado nos espaços construídos com os quais outros humanos interagem. Esse aspecto conduz-nos a considerar uma das limitações do uso da Teoria Ator-Rede, pois, o poder de atuação de diferentes atores sociais e coletivos não é simétrico. Aliás, tampouco é simétrico o poder de escolha dos diferentes atores sociais.

Em resposta à nossa pergunta central, afirmamos que intervenções físico-espaciais em espaços de fronteira de campi universitários periféricos podem contribuir para a integração socioespacial, embora não possa dar-lhe garantias, já que isso ultrapassa seu poder de agência. Para tanto, torna-se necessário que aqueles que intervêm estejam conscientes que urbanidades-desurbanidades envolvem experiências de interações sociais com atores não-humanos para além daqueles dispositivos físico-espaciais do espaço construído.

Para uma intervenção arquitetônica com intenção de "contribuir para urbanidade", faz-se necessária uma aproximação empírica ao emaranhado das sociomaterialidades. Apesar disso, sabemos que há uma série de pressões e urgências práticas que recaem sobre a atuação profissional de projetistas. Assim, ainda que os princípios projetuais aqui propostos não correspondam a garantias de integração socioespacial, eles demonstram uma "disposição para", um primeiro passo, ao contribuírem no fornecimento de condições para que co-presenças de diferentes atores humanos em um mesmo espaço compartilhado possam ocorrer.

A partir de nosso estudo de caso, pudemos verificar que a intervenção em espaços de fronteira de um campus universitário periférico pode contribuir para a formação, com qualidade, da cidade emergente em seu entorno na medida em que: adiciona funções ao espaço aberto, coletivo e público; disponibiliza um espaço de mediação para os diferentes humanos do entorno universitário; e amplia os espaços de interação pública, ao possibilitar movimentos e permanências necessárias e opcionais.

A relevância e atualidade das discussões sobre entornos universitários e espaços de fronteira de campi periféricos deve-se ao papel (ainda) central das universidades na sociedade do conhecimento. Quando instaladas em dadas localidades periféricas, as universidades tornam-se agentes promotores na formação dessa cidade que emerge no entorno universitário.

Embora discutir urbanidades-desurbanidades, novamente, ressoe como uma voz dissonante, no que se refere a entornos universitários, parece-nos uma chave de leitura oportuna ao considerarmos as lógicas de competição e cooperação universitárias, que colocam ideias de internacionalização, inovação e sustentabilidade no foco dos interesses e dos discursos. Em última instância, as ações

institucionais direcionam-se para materialidade (e finitude) dos recursos "naturais", tanto quanto para promoção de objetos e ideias tecnológicas e virtualizadas.

Às conclusões previamente colocadas neste texto, somaram-se novas indagações e possibilidades de extrapolações desta investigação. Precisamente, tais questões representam um dos resultados pretendidos com este estudo exploratório, por meio do qual não se objetivou comprovar hipóteses específicas ou esgotar os temas a que nos dedicamos. Ao contrário, pretendíamos estabelecer uma abertura, um ponto de fuga que contribuísse para a formulação de novas questões.

Uma extrapolação à nossa investigação, mas que se relaciona diretamente à ideia da formação da cidade emergente no entorno universitário diz respeito à influência dos usos habitacionais na envolvente do campus sobre os fluxos pedonais em curtos deslocamentos. A partir da observação dos movimentos do entorno do EF 3 – Av. da Universidade, constatamos a persistência de movimentos entre campus e conjuntos residenciais em um trecho urbano com pouco tratamento físico-espacial para realização desses percursos, um conflito inerente aos espaços viários do urbano alargado em processo de consolidação.

Outra questão paralela para a qual não tivemos respostas convincentes diz respeito aos estacionamentos. No caso do Campus de Santiago, a deliberada escolha por localizar bolsões de estacionamentos nas bordas do Campus deixou-nos a indagação: são barreiras, vazios ou continuidades espaciais? Investigar as possibilidades de atuação de estacionamentos e carros particulares, inclusive com adição de funções aos espaços normalmente tidos como vazios e monofuncionais poderia ser instigante.

As situações observadas nas atividades de campo desta investigação foram banais e corriqueiras, o que nos leva a considerar que este trabalho possa ser, com as devidas correções e adequações, utilizado como piloto para outros variados casos. Que outras questões de interesse e temas urgentes surgiriam a partir da investigação de outros casos?

É possível estabelecer contraposição entre casos à semelhança do Campus de Santiago, que sejam abertos e integrados espacialmente com o entorno imediato, mas que sejam contrastantes no que diz respeito à segurança pública, por exemplo. Assim, seria possível investigar a atuação do espaço construído nas fronteiras de campi universitários tomando como referência um tópico de interesse específico que foi pouco explorado para o caso aqui estudado. Contrapor estudos de caso em que os "tempos" da cidade em formação no entorno universitário sejam diferentes também parece um caminho possível para pôr à prova essa ideia a respeito da formação de cidade emergente no entorno universitário.

Contribuir, retomar e atualizar o debate técnico em torno de temas como "urbanidade",

"espaço de fronteira" e "campus universitário" era um dos resultados esperados desta investigação que pensamos ter alcançado na medida em que tentamos: mapear uma série de incertezas que estão no bojo de nossas proposições sobre o tema da urbanidade; incluir a agência de outros objetos e seres que atuam nos espaços compartilhados do urbano; explorar possibilidades de incorporar interações entre materialidades e virtualidades. Se fomos bem-sucedidas no poder de explicação? Sob pena de presunção, deixamos a cargo dos leitores julgarem. No entanto, consideramo-nos exitosas por conseguir, de um modo mais ou menos sistematizado, dar evidência a uma série de imprecisões e ampliar as possibilidades de desdobramentos de investigações correlatas.

Reconhecer que os espaços construídos participam das urbanidades-desurbanidades de um modo não previsível em projeto e nem constante ajuda-nos a evitar utilizar uma ideia retórica de urbanidade associada a configurações socioespaciais pré-determinadas. Apesar disso, por meio de intervenções físico-espaciais, ainda é possível criar condições para que situações de movimentos e permanências *em presença* possam acontecer.

A combinação da Teoria Ator-Rede com a Etnografia Urbana pareceu-nos oportuna, já que os instrumentos etnográficos nos auxiliam a estabelecer procedimentos mais operativos da pesquisa empírica, mesmo tendo em conta uma perspectiva em que a empiria é central. A abertura oferecida pela Teoria Ator-Rede é valiosa, mas angustiante. Não partir de predefinições, "partir em meio às coisas" é a um só tempo instigante e exaustivo, pois, uma investigação não se faz apenas com esforço cognitivo, formulação de questões e estudo empírico. Existem prazos, burocracias, contingências, relações interpessoais entre outros fatores que se interpõem no percurso investigativo.

Ainda sobre as limitações na utilização da ANT nesta investigação, fazemos referência ao reconhecimento das interações entre materialidade e virtualidade. As constatações em torno dessas interações foram ocorrendo no desenvolvimento da pesquisa, sem que conseguíssemos aprofundar mais na investigação sobre as associações que enredam materialidades e virtualidades. Uma alternativa a essa limitação em um estudo futuro seria, precisamente, uma investigação da presença dos espaços urbanos no ambiente virtual. Ou mesmo uma netnografia a partir da utilização de aplicativos e da distribuição de tecnologias locacionais.

Correndo o risco de termos esgotado as possibilidades de explorar as várias ambiguidades e possibilidades da metáfora, temos a considerar que esta tese efetivamente correspondeu a uma digressão de uma investigadora que se permitiu temporariamente suspender suas atividades exclusivamente práticas e propositivas para demorar-se em incertezas e elucubrações sobre sua própria prática profissional. Na introdução deste volume fizemos menção a um caso vivencial e prático, uma cidade em formação no entorno de uma universidade pública no interior da Paraíba

(Brasil).

Podemos afirmar que o campus que motivou nossos estudos ainda está numa fase posterior de formação de seu entorno citadino, com traços de ruralidade e necessidades estruturais tão prementes que compará-lo ao caso de estudo parece dizer respeito a momentos bastante diferentes. Mesmo assim, toda elucubração de que nos ocupamos contribuiriam para desenvolver investigações equivalentes ou mesmo elaborar projetos que tomem como referência os princípios dos quais nos ocupamos.

Aliás, a pluralidade e diversidade de situações em que espaços universitários são construídos no Brasil, tanto quanto o impacto que as universidades representam para muitas localidades onde são implantadas parecem abrir um campo investigativo promissor e necessário. Por fim, esperamos não ter cansado aqueles que se dedicaram à leitura destas páginas, mas sim, que tenhamos sido capazes de deixá-los intrigados e entusiasmados com as possibilidades investigativas, com os questionamentos que, de certo, também podem ter-lhes ocorrido.

Referências

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade. Lugares, situações, movimentos.** Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro nome, 2011.

AGUIAR, Douglas. Urbanidade e a qualidade da cidade. In: AGUIAR, D. NETTO, V. (org.). **Urbanidades.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.61-79.

AGUIAR, D. NETTO, V. (org.). **Urbanidades.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.61-79.

ALBERTO, Klaus Chaves. Rudolph Atcon, entre o educacional e o urbanístico. **VI enanparq – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.** Porto Alegre: 2016. p.3-16. Disponível em: <https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s25-00-alberto-k-inhan-g.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

ALEXANDER, Christopher. *A city is not a tree.* ***Architectural Forum.*** V. 122, Nº 1, Abr 1965, p.58-62. Disponível em: <http://en.bp.ntu.edu.tw/wp-content/uploads/2011/12/06-Alexander-A-city-is-not-a-tree.pdf>. Acesso: 14 fev 2019.

ALEXANDER, Christopher. ISHIKAWA, Sara. SILVERSTEIN, Shlomo. (1977) **Uma linguagem de padrões.** Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

AMORIM, Inês. **História da Universidade de Aveiro – A construção da Memória.** 1973-2000. Aveiro: Universidade, 2001.

ANDRADE, Luciana. Onde está a urbanidade: em um bairro central de Berlim ou em uma favela carioca? In: AGUIAR, D. NETTO, V. (org.). **Urbanidades.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.189-207.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. (1988) A ideologia do "lugar público" na arquitetura contemporânea (um roteiro). In: **O lugar da arquitetura depois dos modernos.** São Paulo: Edusp, 2015. 3 ed. 1 reimp. p.95-155.

ASCHER, François. (2001) **Os novos princípios do urbanismo.** Tradução de Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

ASSIS, Machado de. (1881) **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ATCON, Rudolph P. **Manual para o planejamento integral do campus universitário.** Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. FAU, 1970.

BALSINI, Andre Reis. **Espaços de transição: entre a arquitetura e a cidade.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2014. 296p.

BATALLA, Cecilia Ribalaygua. MANZANO, David Cabrera. *Espacios Libres Universitarios: experiencia internacional en su tratamiento como entornos de innovación y aprendizaje*. In: **Ciudad y Territorio Estudios**

Territoriales – CyTET. Vol. XLIX. Cuarta época. Nº 192, verano 2017. Gobierno de España. p. 319-334.

BERMAN, Marshall. (1982) **Tudo o que é sólido desmancha no ar.** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BIALESTOWSKI, Alice. *La démolition-reconstruction de L'Université du Mirail à Toulouse*. **AMC**: 2015. Online. Disponível em: <https://www.amc-archi.com/photos/la-demolition-reconstruction-de-l-universite-du-mirail-a-toulouse,3321/vue-aerienne-de-l-universit.1>. Acesso: 05 dez 2019.

BORJA, Jordi. *Barcelona y su urbanismo. Éxitos pasados, desafíos presentes, oportunidades futuras*. In: BORJA, J. ***La ciudad conquistada.*** Madrid: Alianza Editorial, 2003. p. 21-34.

BOURDIN, Alain. (2010) **O Urbanismo depois da crise.** Tradução de Margarida Souza Lôbo. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

CABRAL, Renata Campello. **Mario Russo, um arquiteto italiano racionalista em Recife**. Recife: Editora Universitária, 2006.

CALDENBY, C., 2009. *Universitetet og Byen – To Traditioner / The University and The City – Two Traditions*. In: SCHMIDT, C. (ed). ***Campus og Studiemiljø - fysiske rammer til morgendagens universiteter / Campus and Study Environment - physical framework for universities of the future.*** Copenhagen: The Danish University and Property Agency under the auspices of the Danish Ministry of Science, Technology and Innovation, 2009.

CALVO, Daniel Malet. U*nderstanding international students beyond studentification: A new class of transnational urban consumers. The example of Erasmus students in Lisbon (Portugal)*. In: ***Urban Studies.*** Online. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0042098017708089. Acesso: 06 jun. 2021.

CALVO-SOTELO, Pablo Campos. ***La Evolución histórica del Espacio físico de la Universidad. Impulsos conceptuales, paradigmas arquitectónicos, estrategias institucionales y propuestas recientes de innovación***. Madri: Universidad Carlos III de Madrid, 2011.

CARREÑO, Manuel Antonio. (1853) ***Manual de Urbanidad y buenas maneras.*** Lima: Benito Gil, 1875.

CAVACO, Cristina Soares Ribeiro. Os espaçamentos ilegítimos ou a condição suburbana do vazio. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS URBANOS - VAZIOS ÚTEIS, 2007, Lisboa. **Actas** [...]. Lisboa: ISCTE, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/5803613/Espa%C3%A7amentos_Ileg%C3%ADtimos_A_Condi%C3%A7%C3%A3o_Suburbana_do_Vazio. Acesso: 07 jun. 2023.

CEFA-UP. **Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro.** Trabalho integrado no protocolo com a Universidade de Aveiro (1987/89). Porto: FAUP, 1989.

CHARLE, Christophe. VERGER, Jacques. (1994) **História das universidades.** Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

CHOAY, Françoise. (1994) *El reino de lo urbano y la muerte de la ciudad*. In: RAMOS, A.M. (ed.). ***Lo Urbano en 20 autores contemporáneos***. Barcelona: Edicions UPC, 2004. p.61-72.

CIAM, CongressoInternacional de Arquitetura Moderna. **Carta de Atenas.** Atenas, 1933. Disponível: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%20 1933.pdf. Acesso: 06 jun. 2021.

CORBUSIER, Le. (1923) ***Vers une architecture.*** Paris: Flammarion, 2008.

COSTA, Cátia Santana Alves. **Edifício e Espaço de Transição. Estratégias de projeto que geram urbanidade na cidade de Lisboa.** Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2016. 514p.

COSTA, Rosali Ferraz da. **Campus Joaquim Amazonas: da relação entre a gestão institucional e a conservação de um patrimônio urbano.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016. 216p.

COULSON, Jonathan. ROBERTS, Paul. TAYLOR, Isabelle. ***University Planning and Architecture. The search for perfection***. Nova York: Routledge, 2015.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). (1994) **Pesquisa social: teoria, criatividade e método.** Petrópolis: Vozes, 2002. 21 ed.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. (1991) **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. São Paulo: Editora 34, 2020. 3ed. 3reimp.

DEN HEIJER, Alexandra Cornelia. ***Managin the University Campus – Information to support real estate decisions.*** Delft: Eburon Academic Publishers, 2011.

DOBER, Richard. ***Campus Landscape: functions, forms, features.*** New York: John Wiley & Sons, 2000.

DOMINGUES, Álvaro. A Rua da Estrada. In: **Cidades – Comunidades e Territórios**. Dez. 2010. n.20/21. pp. 59-67. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3461/1/ Cidades2010-20-21_Domingues.pdf. Acesso: 12 jul. 2021.

DOMINGUES, Álvaro. Retóricas do território. In: **Território Casa Comum.** Catálogo de Exposição. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, 2015. p.28-37.

DONZELOT, Jacques. *La nouvelle questione urbaine*. ***Esprit***, N.258 (11), nov. 1999. pp.87-114. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24278387>. Acesso em: 30.08.2017.

EUROPA. Conselho da. ***Manifesto for a new urbanity. European Urban Charter II.*** Strasbourg: Council of Europe Publishing, 2009.

FARÍAS, Ignacio. *Ensamblajes urbanos: la TAR y el examen de la ciudad*. **Athenea Digital** - 11(1): marzo 2011. p.15-40.

FERNANDES, Ana. Decifra-se ou te devoro: Urbanismo corporativo, cidade-fragmento e dilemas da prática do urbanismo no Brasil. In: GONZALES, S. FRANCISCONE, J. PAVIANI, A.

(orgs.). **Planejamento e Urbanismo na atualidade brasileira.** São Paulo/Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013. p.83-108.

FERRO, Lígia. **Da rua para o mundo. Etnografia Urbana Comparada do Graffiti e do Parkour**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

FORTUNA, Carlos. Urbanidades Invisíveis. **Tempo soc**. [online]. 2019, vol.31, n.1, pp.135-151. Epub 25-Abr-2019. ISSN 0103-2070. http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.151257. Acesso em: 29.05.2019.

FRAMPTON, Kenneth. (1980) **História Crítica da Arquitetura.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRÚGOLI JR. Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GABORGGINI, Flávia Brito. **Por uma arquitetura dos espaços abertos. A reabilitação do campus da Unicamp no século XXI.** Campinas: Editora Unicamp, 2016.

GARRET, Almeida. (1845) **Viagens na minha terra**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GAUCHET, Marcel. ***La démocratie contre elle-même***.Paris: Gallimard, 2002.

GEERTZ, Clifford. (1973) **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008. 1ed. 13 reimp.

GEHL, Jan. SVARRE, Brigitte. **A vida na cidade: como estudar.** Tradução de Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2018.

GROAT, Linda. WANG, David. ***Architectural Research Methods.*** New Jersey: John Wiley & Sons, 2013. 2 ed.

GRUET, Stéphane. ***Le Mirail: Mémoire d'une ville – Histoire vécue du Mirail de sa concepción à nos jours.*** Toulouse: Editions Poïesis, 2008.

GUGGENHEIM, Michael. *Im/Mutable Im/Mobiles. From the Socio-Materiality of Cities towards a Differential Cosmopolitics*. In: BLOK, A. FARIAS, I. (ed.). ***Urban Cosmopolitics. Agencements, Assemblies, Atmosphere***. London: Routledge, 2016. p.63-81.

HABRAKEN, Nicolaas John. (1961) ***Supports: an alternative to mass housing.*** Londres: The Architectural Press, 1972.

HARMAN, Graham. (2007) A importância de Bruno Latour para a filosofia. Tradução de Thiago de Araújo Pinho. **Revista Prelúdios**. v.7, n.7, p.121-143. Salvador, jan-jun/2019. Disponível em: https://www.academia.edu/56654104/A_Import%C3%A2ncia_De_Bruno_Latour_Para_a_Filosofia_Texto_Original_Por_Graham_Harman. Acesso: 28.05.2022.

HASHIMSHONY, Rifca. HAINA, Jacov. *Designing the University of the Future*. ***Planning for higher education,*** v.34, n.2, 2006. p.5-19.

HASKINS, Charles Homer. (1923) **A ascensão das universidades**. Tradução de Nilton Ribeiro. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio Editora, 2015.

HERTZBERGER, Herman. (1991) **Lições de Arquitetura.** Tradução de Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 1 ed.

HILLIER, Bill. HANSON, Julienne. ***The social logic of space.*** New York: Cambridge University Press, 1984.

HOEGER, Kerstin. *Campus and the City – A Joint Venture?* In: CHRISTIAANSE, K. HOEGER, K. (ed.). ***Campus and the City - Urban Design for the Knowledge Society***. Zurich: Gta Verlag, ETH Zurich, 2007.

HOLANDA, Frederico de. Urbanidade: arquitetônica e social. In: AGUIAR, D. NETTO, V (org.). **Urbanidades.**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.163-187.

INDOVINA, Francesco (1990). *La ciudad difusa*. In: RAMOS, A.M. (ed.). ***Lo Urbano en 20 autores contemporáneos***. Barcelona: Edicions UPC, 2004. p.49-60.

INNERARITY, Daniel. (2004) **A sociedade invisível. Como observar e interpretar as trasnformações do mundo actual**. Lisboa: Editora Teorema, 2009.

INNERARITY, Daniel. (2006) **O novo espaço público.** Tradução de: Manuel Ruas. Lisboa: Teorema, 2010.

JACOBS, Jane. (1961) **Morte e Vida de grandes cidades.** Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

JEFFERSON, Thomas. ***Letter to Wilson Cary Nicholas. Monticello, Apr 2, 1816***. Disponível em: <https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/03-09-02-0429>. Acesso: 08 fev. 2020.

KRAFTA, Rômulo. Impressões digitais da urbanidade. In: AGUIAR, D. NETTO, V. (org.). **Urbanidades.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.115-133.

KOOLHAAS, Rem. (1994) *La Ciudad Genérica*. In: RAMOS, C.A. (ed.). ***Lo urbano en 20 autores contemporáneos.*** Barcelona: Edicións UPC, 2004. p.73-81.

LACOUR, Claude. PUISSANT, Sylvette. *Re-Urbanity: Urbanising the Rural and Ruralising the Urban.* ***Environment and Planning A: Economy and Space***. V.39, n.3. 2007. Online. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a37366>. Acesso: 06 jun. 2021.

LATHAM, Alan. *Urbanity, Lifestyle and Making Sense of the New Urban Cultural Economy: Notes from Auckland, New Zealand.* ***Urban Studies.*** V.40, n.9, 2003. Online. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1080/0042098032000106564>. Acesso: 06 jun. 2021.

LATOUR, Bruno. (1991) **Jamais fomos modernos, ensaio de antropologia simétrica.** Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2019. 1 ed.

LATOUR, Bruno. (2010) **Cogitamus, seis cartas sobre as humanidades científicas.** Tradução

de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora 34, 2016. 1 ed.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede.** Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. 1 ed. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LATOUR, Bruno. *¿El cosmos de quién? ¿Qué cosmopolítica?: Comentarios sobre los términos de paz de Ülrich Beck*. **Revista Pléyade**. Online. n.14, jul-dez 2014, p.43-59. Disponível em: <http://www.revistapleyade.cl/wp-content/uploads/14-Latour.pdf>. Acesso: 23 set. 2019.

LATOUR, Bruno. HERMANT, Emilie. (1998) ***Paris: invisible city*.** Traduzido do francês por Liz Carey-Libbretch e corrigido por Valérie Pihet. 2006. Online. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/node/95.html>. Acesso: 01 nov. 2019.

LATOUR, Bruno. YANEVA, Albena. "*Give me a gun and I will make all buindings move": an ant's view of architecture*. In: GEISE, Reto (ed). **Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research.** Basel: Birkhauser, 2008. p.80-89.

LAW, John. *Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity*. In: Systems ***Practice***, n.5, 1992. p.379-393. Disponível em: <http://heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf>. Acesso: 12 set. 2019.

LEFEBVRE, Henri. *L'irruption de Nanterre au sommet*. In: ***L'Homme et la société***, Nº 8, 1968. Au dossier de la révolte étudiante. p. 49-99. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/homso_0018-4306_1968_num_8_1_3105>. Acesso: 04 dez. 2019.

LEIRA, Eduardo. *Bilbao: balance provisional de uma importante transformación urbana*. In: BORJA, J. MUXI, Z. ***Urbanismo en el siglo XXI*.** Barcelona: Ediciones UPC, 2004. p.35-50.

LENGLART, Denis. VINCE, Agnés. ***Universités, écoles supérieures.*** Paris: Éditions du Moniteur, 1992.

LYNCH, Kevin. (1960) **A imagem da cidade.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Pàulo: WMF Martins Fontes, 2018. 3 ed.

LYNCH, Kevin. (1981) **A boa forma da cidade.** São Paulo: Edições 70, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. RBCS. v.17, n.49, 2002. p.11-29. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. Acesso: 10 jun. 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia urbana. In: FORTUNA, C. LEITE, R.P. (org). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos.** Coimbra: Almedina, 2009. p.101-113.

MARCUSE, Peter (1995). *No caos, sino muros: El postmodernismo y la ciudad compartimentada*. In: RAMOS, A.M. (ed.). ***Lo Urbano en 20 autores contemporáneos***. Barcelona: Edicions UPC, 2004. p.83-90.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, O. VAINER, C. MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTIN, John. ALLEN, Mark. *Students in my backyard: housing at campus edge and other emerging trends in residential development*. In: ***Planning for Higher Education.*** v.37, n.2. jan-mar 2009. p.34-43.

MARTIN, Leslie. MARCH, Lionel. ***Urban Space and Structure***. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

MARTINS, Luis Miguel Madruga. Arquitectura universitária: o campus como elemento arquitectónico. Dissetação (Mestrado Integrado em Arquitectura) - Faculdade de Arquitectura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, 2017. 184p.

MARTINS, Marta. Condomínios Habitacionais fechados: (im)precisões conceptuais. Apontamentos para um debate sobre urbanidade e autonomia, segregação e qualidade de vida. In: Sociologia. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. V. XXVI, 2013. p. 61-80.

MATOS, Maria Madalena Aguiar da Cunha. **As cidades e os campi, contributos para o estudo dos territórios universitários em Portugal.** Dissertação (Doutorado em Engenharia do Território) – Instituto Superior Técnico. Lisboa, 1999. 668p.

MENDES, Sérgio Correia de Araújo Almeida. **A revisão do plano geral da Universidade de Aveiro e a construção do campus de Santiago**. Tese (Doutorado em Arquiteturas e Projetos Arquitetônicos) – Universidad de Valladolid. Valladolid, 2013. 470p.

MERLIN, Pierre. *¿Campus o regreso a la ciudad? Las relaciones espaciales ciudad-universidad.* In: BELLET, C. GANAU, J. (ed.). ***Ciudad y Universidad. Ciudades universitarias y campus urbanos.*** Lleida: Editorial Milenio, 2006. p.183-201.

MILHEIRO, A. AFONSO, J. PORTAS, N. BANDEIRA, P. **Nuno Portas: prémio Sir Patrick Abercrombie: UIA 2005.** Lisboa: Caleidoscópio/ Ordem dos Arquitectos, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). (1994) **Pesquisa social: teoria, criatividade e método.** Petrópolis: Vozes, 2002. 21 ed.

MOL, Anemarie. (1999) Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In: NUNES, João Arriscado. ROQUE, Ricardo (org). **Objectos impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência.** Santa Maria da Feira: Rainho & Neves Lda, 2008. Tradução de Gonçalo Praça. pp.63-77.

MOREIRA, Bruno. *Uncertainity in contemporary urban planning concepts and methods. What We (still) can learn from Garden Cities and New Towns.* In: MARCOLIM, P. FLORES, J. (ed.). ***20th Century New Towns. Archetypes and Uncertainities. Conference Proceedings.*** Porto: CEAA, Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2014. p.245-262.

MORRIL ACT. (1862) ***Donating Public Lands to the Several States and Territories which may provide Colleges for the Benefit of Agriculture and Mechanic Arts.*** Cap. CXXX. U.S. National Archives & Records Administration. Disponível em: <http://www.ourdocuments.gov/doc.php?doc=33&page=transcript>. Acesso: 03 dez 2019.

NETTO, Vinicius. A urbanidade como devir do urbano. In: AGUIAR, D. NETTO, V (org.). **Urbanidades.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.33-59.

NETTO, V. AGUIAR, D. KRAFTA,R. RHEINGANTZ, P. VARGAS, J. FIGUEIREDO, L. Epílogo. Aproximações da urbanidade: um diálogo eletrônico. In: AGUIAR, D. NETTO, V (org.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.235-275.

OCDE. ***The Knowledge-Based Economy. Paris: Organisation for Economic Co-operation and development***, 1996. Disponível em: <http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=OCDE/GD%2896%29102&docLanguage=Em>. Acesso: 29 jan. 2020.

PANERAI, Philippe. CASTEX, Jean. DEPAULE, Jean-Charles. (1997) ***Urban Forms. The death and life of the urban block***. Translated by Olga Vitale Samuels. Oxford: Elsevier, Architectural Press, 2004.

PECHMAN, Robert Moses. Quando Hannah Arendt vai à cidade e encontra com Rubem Fonseca; Ou da cidade, da violência e da política. In: NASCIMENTO, D. BITTENCOURT, J.B. (orgs.). **Dimensões do urbano, múltiplas facetas da cidade**. Chapecó: Argos, 2008. pp.189-215.

PÉREZ, F.J.M. SÁNCHEZ, C.B. *Los campus como fragmentos de ciudad: la Universitat Politècnica de València*. In: ***Ciudad y Territorio Estudios Territoriales – CyTET***. Vol. XLIX. Cuarta época. Nº 192, verano 2017. Gobierno de España. p.283-294.

PINA, João Pedro Carvalho. **A cidade do sal. Um contributo para a integração das salinas no espaço urbano de Aveiro.** Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014. 109p.

PORTAS, Nuno. (1997) A formação urbana de Vila Viçosa: um ensaio de interpretação. In: **Os tempos das formas vol. I: a cidade feita e refeita.** Guimarães, Universidade do Minho, 2005. p.55-66.

PORTAS, Nuno. *Espacio público y ciudad emergente*. In: ***La arquitectura del espacio público, formas del pasado, formas del presente***. Sevilha: Junta de Andalucía/Triennale di Milano, 1999. p.55-57.

PORTAS, Nuno. (2003) *De una ciudad a otra: perspectivas periféricas*. In: In: RAMOS, A.M. (ed.). ***Lo Urbano en 20 autores contemporáneos***. Barcelona: Edicions UPC, 2004. p.221-229.

PORTAS, Nuno. BARATA, J. P. Martins. A Universidade Na Cidade: Problemas Arquitectónicos e De Inserção No Espaço Urbano. In: **Análise Social**, V. 6, Nº. 22/24, 1968, p. 492–509. Disponível em: <www.jstor.org/stable/41008315>. Acesso: 03 dez 2019.

PORTAS, Nuno. DOMINGUES, Álvaro. CABRAL, João. **Políticas Urbanas 2: transformações, regulações e projectos.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

PRATO, Giuliana B. *European Urban Traditions: an Antropologist's View on polis, urbs and civitas*. **Diogenes.** I-II, fev. 2018. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0392192117740023>. Acesso em: 25.05.2019

RAINIE, Lee. WELLMAN, Barry. ***Networked: the socail operating system.*** Cambridge: MIT Press, 2014.

RAMOS, Ángel Martín. (ed.). ***Lo Urbano en 20 autores contemporáneos.*** Barcelona: Edicions UPC, 2004.

RAPOPORT, Amos. ***Human aspects of urban form. Toward a Man-Environment Approach to Urban Form Design***. Oxford: Pergamon, 1977.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. O [controverso] significado de urbanidade. **Colóquio de Pesquisa do Proarq**, v.1. Rio de Janeiro, 2011.Disponível em:< http://www.prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/2011-proarq-coloq_pesq-o-controv-signif_urbanidade.pdf>. Acesso: 06 jun. 2021.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Narrativas ou Traduções de Urbanidade. In: AGUIAR, D. NETTO, V (org.). **Urbanidades.**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.135-161.

RHEINGANTZ, Paulo A. AZEVEDO, Giselle A. BRASILEIRO, Alice. ALCANTARA, Denise de. QUEIROZ, Mônica. **Observando a qualidade do lugar. Procedimentos para a avaliação pós-ocupação.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

RHEINGANTZ, Paulo A. PEDRO, Rosa M.L.R. ANGOTTI, Fabíola B. SBARRA, Marcelo H. GUERRA, Juliana M. C*ontributions of science–technology studies and actor–network theory to urban studies. **Area Development and Policy,*** 2019. DOI: 10.1080/23792949.2019.1631196. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23792949.2019.1631196>. Acesso: 16 set. 2019.

RYBCZYNSKI, Witold. *Why We need Olmsted Again? **The Wilson Quarterly,*** V. 23, N. 3 Summer, 1999. p. 15-21.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A PUC-SP, O capitalismo universitário e Francisco. **Outras palavras**. Online. dez. 2018. Disponível em: <https://outraspalavras.neht/direitosouprivilegios/a-puc-sp-o-capitalismo-universitario-e-francisco/>. Acesso em: 29 jan. 2020.

SANTOS, Fernando Seabra. ALMEIDA FILHO, Naomar. **A quarta missão da universidade, internacionalização universitária na sociedade do conhecimento.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira do. VOGEL, Arno (coord.). (1980) **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo: Projeto, 1985. 3 ed.

SAX, David. **A vingança dos analógicos: por que os objetos analógicos ainda são importantes.** Tradução de Alexandre Matias. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

SEGAUD, Marion. (2010) **Antropologia do Espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar.** Tradução de Eric R. R. Heneaut. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016.

SCHUYLER, David. *Frederick Law Olmsted and the Origins of Modern Campus Design. **Planning for higher education***. V.25, winter 1996-97.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. ESPAÇO PÚBLICO, SER-AÇÃO E URBANIDADE

– por uma arquitetura humanista e um planejamento sensível. In: SCOCUGLIA, J. B. C. (org.). **Cidade, Cultura e Urbanidade.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SEGAWA, Hugo. "Rio de Janeiro, México e Caracas: Cidades Universitárias e modernidades, 1936-1942". **RUA – Revista de Arquitetura e Urbanismo**. Salvador, v.7, 1999. p.38-74.

SENNETT, Richard. **Construir e Habitar, ética para uma cidade aberta.** Tradução de Clóvis Marques. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SIMMEL, Georg. (1902) A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973. p.11-25.

SKOCPOL, T; SOMERS, M. *The uses of comparative history in macro-social inquiry.* ***Comparative Studies in Society and History,*** v.22, n°2, 1980, p.174-197.

SOLÀ-MORALES, Manuel. P*ara una urbanidad material (Conferencia impartida en la Université du Quebéc à Montreal, Montreal, septiembre de 2005).* In: ***De cosas urbanas***. Gustavo Gili: Barcelona, 2008. p146-153.

STENGERS, Isabelle. (2007) A proposição cosmopolítica. **Revista do Istituto de Estudos Brasileiros.** Online. Brasil, n.69, abr 2018, pp.442-464. Disponível em: http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464. Acesso: 06 jun. 2021.

TA, T. M. T. ZIEGER, A. SCHOUMERUS, G. CAO, T.D. DETTLING, M. DO, X.T. MUNGEE, A. DIEFENBACHER, A. AGERMEYER, M.C. HAHN, E. *Influence of urbanity on perception of mental illness stigma: a population based study in urban and rural Hanoi, Vietnam.* ***International Journal of Social Psychiatry.*** Online. V.62, n.8, 2016.p.685-695. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0020764016670430>. Acesso: 07 jul 2020.

TILL, Jeremy. ***Architecture Depends***. Cambridge: MIT Press, 2009.

TOUSSAINT, Jean-Yves. ***Projets et usages urbains. Fabriquer et utiliser les dispositifs techniques et spatiaux de l'urbain.*** *Geography. Université Lumière – Lyon II,* 2003. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00473722>. Acesso: 06 jun. 2021.

TOUSSAINT, Michel. ARROTEIA, Jorge Carvalho. PORTAS, Nuno. **Universidade de Aveiro: trinta anos de arquitectura.** Lisboa: White & Blue, 2004.

TRIGUEIRO, M. PACIFICAÇÃO DA CIDADE: A URBANIDADE LEGITIMADA, O caso dos espaços públicos do grand ensemble Les Minguettes, em Lyon. In: AGUIAR, D. NETTO, V (org.). **Urbanidades.**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p.81-113.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TURKLE, Sherry. ***Alone together, why we expect more from technology and less from each other***. New York: Basic Books, 2011.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação – 1998.** Online. Paris, 9 de outubro de 1998. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educação/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>. Acesso: 03 dez 2019.

VAN EYCK, Aldo. (1961). *The medicine of Reciprocity Tentatively Illustrated.* In: LIGTELIJN, V. ***Aldo Van Eyk, Works.*** Berlim: Birkhäuser, 1999. p.88-90.

VENTURA, Thaísa Folgosi Fróes. **Interface entre espaço público e privado: a influência da legislação na produção do espaço urbano.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

VIANNA, Fabiano Borba. Revisitando Toulouse – Le Mirail: da utopia do presente ao futuro do pretérito. **Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP.** 25 (47), p.34-50. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v25i47p34-50>. Acesso: 05 dez 2019. 197p.

VIDEIRA, Maria Luísa Cannas da Silva Kuhn. ***Campus as a city – city as a campus: a morphological approach tu university precincts in urban context.*** Tese (Doutorado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico. Lisboa, 2017. 787p.

VIEIRA, Inês Silva. **Entre o espaço público e o espaço privado. Contributos e ambiguidades no desenho urbano.** Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto. Porto, 2017. 234p.

WHYTE, William Foote. (1943) **Sociedade de Esquina. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

WHYTE, William Foote. (1980) ***The social life of small urban places.*** Nova Iorque: *Project for Public Places,* 2004. 3 reimp.

YANEVA, Albena. ***Mapping controversies in architecture.*** Farnham/Burlington: Ashgate, 2012.

YIN, Robert K. (1984) **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001. 2ed.

ZARECOR, Kimberly Elman. *What Was So Socialist about the Social City? Second World Urbanity in Europe.* ***Journal of Urban History.*** Online. V.44, n. 1, 2017. p.95-117. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0096144217710229>. Acesso: 07 jul 2020.

ZERLANG, Martin. *The university and the city.* ***GeoJournal.*** V.43. Nº 3. Online. Kluwer Academic Publishers, 1997. p.241-246. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1006825013983>. Acesso: 06 dez. 2019.

Apêndices

A Modelo de mapa base

B Tabela de situações observadas

C Fichas de inventário dos espaços de fronteira
EF 1 – Entrada Norte
EF 2 – Av. João Jacinto Magalhães
EF 3 – Av. da Universidade
EF 4 – R. da Pega e via de circulação interna

D Lista de notícias levantadas

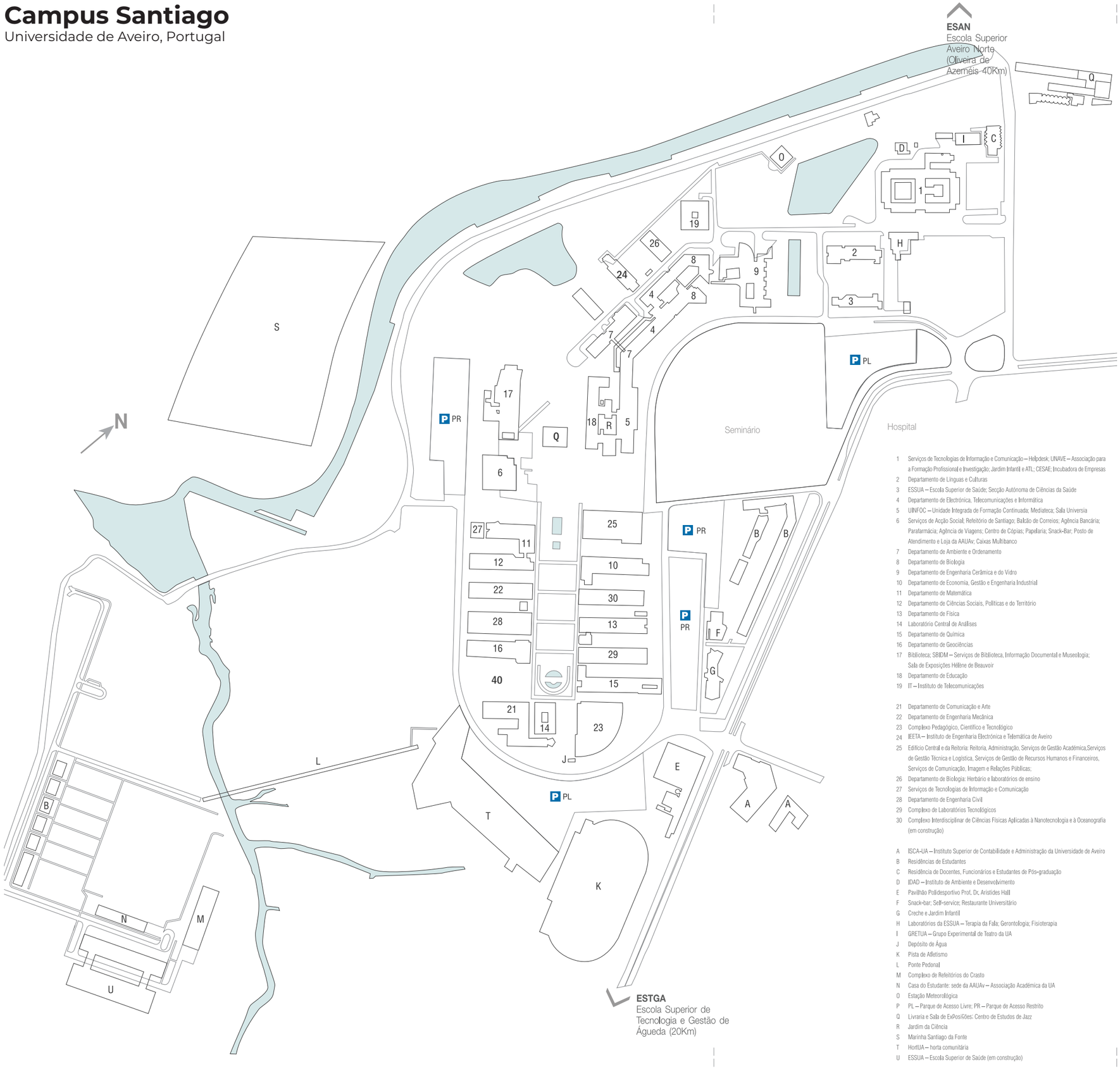
E Mapas de Itinerário, Pontos de Observação Estacionária e de Situações observadas em campo.
Mapa 21 – Mapa do Itinerário da Visita V01.
Mapa 22 – Mapa do Itinerário da Visita V02.
Mapa 23 – Mapa do Itinerário da Visita V03.
Mapa 24 – Mapa do Itinerário da Visita V04.
Mapa 25 – Mapa de Situações – Visita V04.
Mapa 26 – Mapa do Itinerário da Visita V05.
Mapa 27 – Mapa de Situações – Visita V05.
Mapa 28 – Mapa do Itinerário da Visita V06.
Mapa 29 – Mapa de Situações – Visita V06.
Mapa 30 – Mapa do Itinerário da Visita V07.
Mapa 31 – Mapa de Situações – Visita V07.
Mapa 32 – Mapa do Itinerário da Visita V08.
Mapa 33 – Mapa de Situações – Visita V08.
Mapa 34 – Mapa do Itinerário da Visita V09.
Mapa 35 – Mapa de Situações – Visita V09.
Mapa 36 – Mapa do Itinerário da Visita V10.

Apêndice A

Modelo de mapa base

Campus Santiago

Universidade de Aveiro, Portugal



1 Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação – Helpdesk; UNAVE – Associação para a Formação Profissional e Investigação; Jardim Infantil e ATL; CESAE; Incubadora de Empresas
2 Departamento de Línguas e Culturas
3 ESSUA – Escola Superior de Saúde; Secção Autónoma de Ciências da Saúde
4 Departamento de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5 UINFOC – Unidade Integrada de Formação Continuada; Mediateca; Sala Universia
6 Serviços de Acção Social; Refeitório de Santiago; Balcão de Correios; Agência Bancária; Parafarmácia; Agência de Viagens; Centro de Cópias; Papelaria; Snack-Bar; Posto de Atendimento e Loja da AAUAv; Caixas Multibanco
7 Departamento de Ambiente e Ordenamento
8 Departamento de Biologia
9 Departamento de Engenharia Cerâmica e do Vidro
10 Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial
11 Departamento de Matemática
12 Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território
13 Departamento de Física
14 Laboratório Central de Análises
15 Departamento de Química
16 Departamento de Geociências
17 Biblioteca; SBIDM – Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia; Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
18 Departamento de Educação
19 IT – Instituto de Telecomunicações

21 Departamento de Comunicação e Arte
22 Departamento de Engenharia Mecânica
23 Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24 IEETA – Instituto de Engenharia Electrónica e Telemática de Aveiro
25 Edifício Central e da Reitoria: Reitoria, Administração, Serviços de Gestão Académica,Serviços de Gestão Técnica e Logística, Serviços de Gestão de Recursos Humanos e Financeiros, Serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas;
26 Departamento de Biologia: Herbário e laboratórios de ensino
27 Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28 Departamento de Engenharia Civil
29 Complexo de Laboratórios Tecnológicos
30 Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia (em construção)

A ISCA-UA – Instituto Superior de Contabilidade e Administração da Universidade de Aveiro
B Residências de Estudantes
C Residência de Docentes, Funcionários e Estudantes de Pós-graduação
D IDAD – Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E Pavilhão Polidesportivo Prof. Dr. Aristides Hall
F Snack-bar; Self-service; Restaurante Universitário
G Creche e Jardim Infantil
H Laboratórios da ESSUA – Terapia da Fala; Gerontologia; Fisioterapia
I GRETUA – Grupo Experimental de Teatro da UA
J Depósito de Água
K Pista de Atletismo
L Ponte Pedonal
M Complexo de Refeitórios do Crasto
N Casa do Estudante: sede da AAUAv – Associação Académica da UA
O Estação Meteorológica
P PL – Parque de Acesso Livre; PR – Parque de Acesso Restrito
Q Livraria e Sala de ExPosiÇões: Centro de Estudos de Jazz
R Jardim da Ciência
S Marinha Santiago da Fonte
T HortUA – horta comunitária
U ESSUA – Escola Superior de Saúde (em construção)

VISITA DE CAMPO

Data: .....

Objetivo: .....

.....

.....

Observações:

.....

Investigadora: Helen Palmeira (U.Porto/PDA)

Apêndice B

Tabela com situações observadas em campo

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v03	passagem	terça-feira	10h-13h	EF 4.1	P3.1	gramado próximo ao	pessoas em grupo			um grupo de cinco rapazes testavam um drone (prox. Ao IEETA)	drone
v03	tanque de coleta de águas pluviais	terça-feira	10h-13h	EF 4.1	P3.2	proximidades da estação metereológica	jogos e/ou brincadeiras			um grupo de 5-6 jovens pareciam jogar em grupo, mas não consegui identificar o tipo de jogo	
v03	tanque de coleta de águas pluviais	terça-feira	10h-13h	entorno	P3.3	R. da Pega e R. do Castro			entrada e saída de veículos	"Todas as pessoas que cruzamos na Rua da Pega estavam saindo ou entrando em carros. Não cruzamos com nenhum pedestre no trecho da rua da Pega antes de chegar às marinhas. Também não cruzamos com pedestres na R. do Castro."	automóveis
v03	passagem	terça-feira	10h-13h	entorno	P3.4	marinha grande	pessoas em grupo			Três jovens sentados no pier da marinha	pier
v04, ponto B	Na parada de ônibus	quinta-feira	11h55-12h10	entorno	4.1	parada de ônibus	espera - coletivo			havia cerca de 4 pessoas na parada de ônibus	parada de ônibus assento
v04, ponto B	Na parada de ônibus	quinta-feira	11h55-12h10	entorno	4.2	Av. da Universidade			caminhada e/ou corrida esportiva	um homem fazia caminhada esportiva	
v04, ponto B	Na parada de ônibus	quinta-feira	11h55-12h10	entorno	4.3	Av. da Universidade			ciclista - locomoção	um jovem de bicicleta por cima da calçada	bicicleta calçada
v04, ponto B	Na parada de ônibus	quinta-feira	11h55-12h10	entorno	4.4	Av. da Universidade			ciclista - esportivo	um ciclista esportivo	farda bicicleta
v04, ponto C	Posto de combustível	quinta-feira	14h-14h15	entorno	4.5	Av da Universidade			ciclista - passeio/lazer	um casal utilizando BUGAs	BUGA bicicleta
v04, ponto E	Esquina do ISCA	quinta-feira	14h35-14h50	entorno	4.6	Av da Universidade			ciclista - passeio/lazer	passaram mais duas pessoas com BUGAs	BUGA bicicleta
v04, ponto E	Esquina do ISCA	quinta-feira	14h35-14h50	entorno	4.7	Av da Universidade			ciclista - passeio/lazer	e outros dois ciclistas com bicicletas particulares	bicicleta
v04, ponto F	Entrada da Residência Universitária	quinta-feira	14h51-15h06	EF 3	4.8	Av da Universidade			ciclista - locomoção	passou um ciclista pela passarela pedonal	bicicleta passarela pedonal
v04, ponto G	Esquina com o hospital	quinta-feira	15h07-15h22	entorno	4.9	saída do hospital	conversa			três mulheres conversando na saída do hospital	
v04, ponto G	Esquina com o hospital	quinta-feira	15h07-15h22	entorno	4.10	Av da Universidade			ciclista - esportivo	passou um ciclista esportivo	farda bicicleta
v05, ponto A	Jardins do Edf. 9	quarta-feira	11h15-11h30	EF 2					trânsito veicular	O trânsito de carros é leve, mas constante	
v05, ponto A	Jardins do Edf. 9	quarta-feira	11h15-11h30	EF 2					fluxo de pedestres	É comum passarem grupos de 2-3 pessoas, embora a maioria dos pedestres passassem sozinhos. Fluxo leve, mas frequente	
v05, ponto A	Jardins do Edf. 9	quarta-feira	11h15-11h30	EF 2	5.1	jardim em frente ao edf 9	conversa			Chegam três garotas nos bancos ao lado do meu, duas sentam e uma permanece em pé, conversam	bancos

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v05, ponto A	Jardins do Edf. 9	quarta, tarde	11h15-11h30	EF 2	5.2	edf 9	fumando contemplação			Uma moça senta no degrau sob a passarela coberta, começa a fumar. Volta para dentro do edf. Depois de uns 10min	degrau cigarro passarela coberta
v05, ponto A	Jardins do Edf. 9	quarta-feira	11h15-11h30	EF 2	5.3	frente do edf 9	conversa			três mulheres conversando na frente da entrada do edf 9	entrada
v05, ponto B	Arcadas do Edf. 9	quarta-feira	11h30-11h45	EF 2					fluxo de pedestres	passa uma menina com véu fluxo de pedestres em diferentes sentidos e a partir de diferentes entradas (da R. da Pega, da rotatória da entrada, da praça central, de dentro de edifícios etc)	
v05, ponto B	Arcadas do Edf. 9	quarta-feira	11h30-11h45	interno	5.4	edf 8	grupo de pessoas - conversa			Percebo um grupo de jovens em conversa para além do edf 8	
v05, ponto B	Arcadas do Edf. 9	quarta-feira	11h30-11h45	entorno	5.5	Av João Jacinto Magalhães			ciclista - passeio e/ou locomoção	passa um ciclista na Av. João Jacinto de Magalhães, no sentido universidade - centro	bicicleta
v05, ponto B	Arcadas do Edf. 9	quarta-feira	11h30-11h45	EF 2	5.6	ciclofaixa			cadeirante	passa uma garota em cadeira rolante motorizada	cadeira rolante motorizada ciclofaixa
v05, ponto B	Arcadas do Edf. 9	quarta-feira	11h30-11h45	entorno	5.7	Av João Jacinto Magalhães			ciclista - locomoção	passa um outro ciclista no sentido universidade-centro	bicicleta
v05, ponto B	Arcadas do Edf. 9	quarta-feira	11h30-11h45	EF 2	5.8	ciclofaixa			ciclista - passeio/lazer	passam 4 ciclistas, 2 de BUGAs e 2 de bicicletas particulares. Não é possível saber se são moradores ou turistas	bicicleta BUGA ciclofaixa
v05, ponto B	Arcadas do Edf. 9	quarta-feira	11h30-11h45	EF 2	5.9	ciclofaixa			ciclista - passeio/lazer	Passam 3 rapazes com BUGAs. Parecem estudantes, mas podem ser turistas	bicicleta BUGA ciclofaixa
v05, ponto C	Arcadas do Edf. 8 (costas para rua)	quarta-feira	11h47-12h02	interno					fluxo de pedestres	pessoas vindo da direção da R. da Pega	
v05, ponto C	Arcadas do Edf. 8 (costas para rua)	quarta-feira	11h47-12h02	interno	5.10	passarela entre edf 8 e 9	leitura			Uma garota lendo, sentada sob a passagem coberta	passagem coberta livro
v05, ponto C	Arcadas do Edf. 8 (costas para rua)	quarta-feira	11h47-12h02	interno	5.11	edf 8	grupo de pessoas - conversa			Saem do edf um grupo de aprox 7 pessoas com uma mulher que parece ser a professora. Permanecem conversando no corredor externo, depois de alguns minutos de conversa, voltam para o interior do edf.	corredor externo
v05, ponto C	Arcadas do Edf. 8 (costas para rua)	quarta-feira	11h47-12h02	EF 2	5.12	frente do edf 9	Interação com animal			uma mulher com crachá brinca com seu cão no pátio em frente ao edf 9	cão crachá

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v05, ponto D	frente do edf. 4	quarta-feira	12h05-12h20	EF 2					fluxo de pedestres	fluxo intenso de pessoas muitas pessoas de cabeça baixa, olhando a tela do celular. A maioria passa pelo passeio, algumas passam rente ao passeio, algumas poucas passam pela calçada do seminário	
v05, ponto D	frente do edf. 4	quarta-feira	12h05-12h20	EF 2	5.13	ciclofaixa			ciclista - locomoção	Passa mais um ciclista na ciclofaixa	bicicleta ciclofaixa
v05, ponto D	frente do edf. 4	quarta-feira	12h05-12h20	EF 2	5.14	ciclofaixa			ciclista - locomoção	Outro ciclista na ciclofaixa	bicicleta ciclofaixa
v05, ponto E	arcada interna do edf. 7	quarta-feira	12h25-12h40	interno					fluxo de pedestres	fluxo intenso de pessoas, muitas em grupos, casais, algumas sozinhas. Algumas com os olhos no celular. A maioria do fluxo de pessoas é de quem sai das imediações dos edf. 6,7,8,9,4 em direção ao edf. 6 (cantinas)	
v05, ponto E	arcada interna do edf. 7	quarta-feira	12h25-12h40	interno	5.15	gramado	interação com celular			Um homem passa cruzando a passarela, para e fica consultando o celular por alguns minutos	celular
v05, ponto E	arcada interna do edf. 7	quarta-feira	12h25-12h40	interno	5.16	passarela coberta (edf. 4-7)			ciclista - locomoção	Um rapaz cruza o campus por baixo da passarela, de bicicleta	bicicleta passagem coberta
v05, ponto E	arcada interna do edf. 7	quarta-feira	12h25-12h40	interno	5.17	jardins internos - edf. 7	comida			Três mulheres almoçando por trás de onde estou	refeição
v05	passagem	quarta-feira	12h40-13h15	EF 2	P5.1	jardins em frente ao edf 8	grupo de pessoas - conversa			Quatro garotas sentadas na grama sob a sombra filtrada de uma árvore	grama árvore
v05	passagem	quarta-feira	12h40-13h15	interno	P5.2	jardins da lagoa sanitária	conversa			Um casal conversa no jardim, sobre o gramado	
v05	passagem	quarta-feira	12h40-13h15	interno	P5.3	jardins da lagoa sanitária	conversa			Três jovens conversam sentados sob as árvores	árvores
v05, ponto F	Edf. 24, primeiro degrau	quarta-feira	13h50-14h05	interno					fluxo de pedestres	muitos, em diversos sentidos, cruzando a praça muitos passam, poucos permanecem. Muita saída do edf. 6. Só uma pessoa interagindo com celular	
v05, ponto F	Edf. 24, primeiro degrau	quarta-feira	13h50-14h05	interno	5.18	Edf. 24/q	contemplação		ciclista - passeio/lazer	Um casal chega de BUGAs, encostam as bicicletas na arquibancada e sobem. Parece que ela está mostrando alguma coisa da paisagem	BUGA bicicleta paisagem arquibancada
v05, ponto F	Edf. 24, primeiro degrau	quarta-feira	13h50-14h05	interno	5.19	Edf. 24/q	conversa e contemplação			Um casal senta na arquibancada. Depois de uns 10 min, sai	arquibancada
v05, ponto F	Edf. 24, primeiro degrau	quarta-feira	13h50-14h05	interno	5.20	marquise da biblioteca	grupo de pessoas descanso			Pelo menos 10 pessoas em pé, sob a marquise	marquise

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v05, ponto F	Edf. 24, primeiro degrau	quarta-feira	13h50-14h05	interno	5.21	edf. 6	descanso			Tem um rapaz sentado na borda da escada que desce para as catacumbas	degraus
v05, ponto F	Edf. 24, primeiro degrau	quarta-feira	13h50-14h05	interno	5.22	frente do edf. 6	conversa			três mulheres conversando na frente do edf. 6	
v05, ponto F	Edf. 24, primeiro degrau	quarta-feira	13h50-14h05	interno	5.23	praça central	serviço de manutenção			passa o senhor limpando o jardim	instrumentos de trabalho
v05, ponto G	De costas para o edf. 24, ao lado da esplanada do bar	quarta-feira	14h07-14h22	interno					fluxo de pedestres	apenas um casal passou por cima do gramado a maioria sobe pela rampa, mas cerca de 1/3 sobe pelas escadas. Fluxo constante de pessoas, mas no final do tempo de observação, já quase não tinha pessoas passando por perto	
v05, ponto G	De costas para o edf. 24, ao lado da esplanada do bar	quarta-feira	14h07-14h22	interno	5.24	edf 18	fumando contemplação			Um homem sai do edf. 18 para fumar, passa uns 5 min ali contemplando	cigarro
v05, ponto G	De costas para o edf. 24, ao lado da esplanada do bar	quarta-feira	14h07-14h22	interno	5.25	gramado em frente à biblioteca	serviço de manutenção			passa um senhor com cortador de grama	cortador de grama
v06, ponto A	Edf. 24, degrau mais alto	sábado	19h40-19h55	interno					fluxo de pedestres	passam alguns casais pela praça, ciclistas cruzam também. Descem algumas pessoas pelas catacumbas	
v06, ponto A	Edf. 24, degrau mais alto	sábado	19h40-19h55	EF 2	6.1	frente da reitoria		evento		parece estar tendo algum evento porque tem um ônibus fretado parado em frente à reitoria e várias pessoas vestidas com trajes de festa	trajes de festa ônibus
v06, ponto A	Edf. 24, degrau mais alto	sábado	19h40-19h55	EF 2	6.2	frente da reitoria			caminhada e/ou corrida esportiva	passa um homem fazendo caminhada	
v06, ponto A	Edf. 24, degrau mais alto	sábado	19h40-19h55	interno	6.3	Edf. 24/q	conversa			Na arquibancada, já estavam sentados dois rapazes, que permanecem até depois da minha saída	arquibancada
v06, ponto A	Edf. 24, degrau mais alto	sábado	19h40-19h55	interno	6.4	praça central			ciclista - passeio/lazer	passam um casal com duas crianças andando de bicicleta	bicicletas
v06, ponto A	Edf. 24, degrau mais alto	sábado	19h40-19h55	EF 2	6.5	frente da reitoria			ciclista - locomoção	chega um ciclista, estaciona sua bicicleta no bicicletário e desce as escadas das catacumbas	bicicleta bicicletário
v06, ponto A	Edf. 24, degrau mais alto	sábado	19h40-19h55	interno	6.6	praça central			skate	passa uma garota andando de skate	skate
v06	passagem	sábado	19h55-20h21	interno	P6.1	alameda central do campus	Interação com animal			Na alameda, uma garota com cachorros	cão

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v06	passagem	sábado	19h55-20h21	interno	P6.2	Residência universitária	grupo de pessoas - conversa			Um grupo de pessoas (3 ou 4) conversam sentados nos degraus próximos à porta de entrada	entrada degraus
v06	passagem	sábado	19h55-20h21	interno	P6.3	jardins da Residência Universitaria	comida			Dois rapazes preparavam um churrasco	grelha carne
v06	passagem	sábado	19h55-20h21	interno	P6.4	Residência universitária	jogos e/ou brincadeiras			Um casal jogando frescobol	raquetes e bola
v06	passagem	sábado	19h55-20h21	interno	P6.5	Residência universitária	grupo de pessoas - conversa			Um outro grupo de 3 ou 4 rapazes com bicicletas, conversam sentados em um canteiro	biciletas batente do canteiro
v06, ponto B	esquina da Artur Ravara com Av da Universidade	sábado	20h21-20h36	EF 3					ambulâncias	passaram 3 ambulâncias durante meu tempo de observação	
v06, ponto B	esquina da Artur Ravara com Av da Universidade	sábado	20h21-20h36	EF 3					fluxo de pedestres	fluxo de pedestres que cruzam a esquina da urgência do hospital	
V06, ponto B	esquina da Artur Ravara com Av da Universidade	sábado	20h21-20h36	EF 3	6.7	Residência universitária	interação com celular - conversa			Na frente da RU, um homem conversa no celular. Ao final dos 15 min, permanece na mesma ligação	celular
V06, ponto B	esquina da Artur Ravara com Av da Universidade	sábado	20h21-20h36	entorno	6.8	Av da Universidade			ciclista - esportivo	passa um ciclista esportivo na rua	bicicleta trajes de esporte
V06, ponto B	esquina da Artur Ravara com Av da Universidade	sábado	20h21-20h36	EF 3	6.9	jardins da Residência Universitaria	jogos e/ou brincadeiras			Duas meninas de aprox 12 anos de idade brincam de acrobacias e abrir escala no gramado. Sempre próximas do homem que fala ao celular (6.12)	gramado
V06, ponto B	esquina da Artur Ravara com Av da Universidade	sábado	20h21-20h36	entorno	6.10	Av. Artur Ravara - seminário	interação com celular - conversa			Tem uma garota encostada no muro do seminário, conversando ao celular	celular
V06	passagem	sábado	pós 20h36	entorno	P6.6	R. da Pega	interação com celular - fotografia			Nos banquinhos da R. da Pega, dois garotos tiram fotos de si e do pôr-do-sol	celular bancos
V06	passagem	sábado	pós 20h36	campus					pedestres	grupos de jovens retornando da praia	
v07, ponto A	tanque de coleta de águas pluviais	domingo	11h-11h15	EF 2					pedestres	pouco movimento de pedestres	
v07, ponto B	alameda central	domingo	11h30-11h45	interno					pedestres	jovens cruzam a praça central	
v07, ponto B	alameda central	domingo	11h30-11h45	interno	7.1	alameda central do campus	Interação com animal			Uma mulher a brincar com seu cão, de grande porte que se joga no lago e passa ali uns 5 min.	Lago Cão
v07, ponto B	alameda central	domingo	11h30-11h45	interno	7.2	alameda central do campus	jogos e/ou brincadeiras			No gramado, um homem brinca com um menino de aprox. 2 anos, com bola	bola gramado

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v07, ponto B	alameda central	domingo	11h30-11h45	interno	7.3	alameda central do campus	contemplação e/ou espera			Um rapaz sentado sob a passarela coberta	passarela coberta banco
v07, ponto B	alameda central	domingo	11h30-11h45	interno	7.4	alameda central do campus	conversa e contemplação			Um casal no banco semi-ciruclar	banco
v07, ponto B	alameda central	domingo	11h30-11h45	interno	7.5	alameda central do campus			ciclista - passeio/lazer	um casal com um menino de aprox. 10 anos, de bicicleta	bicicleta
v07, ponto C	fonte da R. de S. Tiago	domingo	12h10-12h25	entorno					geral	pouco movimento, apenas alguns ciclistas e pedestres a passeio e/ou exercício	
v07, ponto C	fonte da R. de S. Tiago	domingo	12h10-12h25	entorno	7.6	marinha grande		turismo?		um ônibus fretado cheio de gente, saindo da marinha	ônibus
v07, ponto C	fonte da R. de S. Tiago	domingo	12h10-12h25	entorno	7.7	R da Pega			ciclista - passeio/lazer	passaram três ciclistas a lazer	bicicleta
v07, ponto C	fonte da R. de S. Tiago	domingo	12h10-12h25	entorno	7.8	fonte de Santiago	retirada de água			Na frente da fonte, tinha um carro com dois homens e uma menina de aprox. 10 anos, pegando água	fonte água carro
v07, ponto C	fonte da R. de S. Tiago	domingo	12h10-12h25	entorno	7.9	esquina da R. da Pega com a R. de S. Tiago	fumando			Um homem em pé, na rua, fumando	cigarro
v07, ponto C	fonte da R. de S. Tiago	domingo	12h10-12h25	entorno	7.10	campus			caminhada e/ou corrida esportiva	Sai da R. da Pega, cruza o campus em direção ao centro, um rapaz fazendo caminhada	
v07	passagem	domingo	pós 12h25	entorno	P7.1	R. de São Tiago	Cuidado com plantas			Um senhor cuidando das plantas na frente da sua casa	plantas
v07	passagem	domingo	pós 12h25	EF 4.2	P7.2	via interna			caminhada e/ou corrida esportiva	passa um outro rapaz fazendo caminhada	
v07	passagem	domingo	pós 12h25	EF 4.2	P.7.3	via interna			ciclista - esportivo	um ciclista esportivo na ciclofaixa da universidade	bicicleta trajes de esporte
v07	passagem	domingo	pós 12h25	interno	P.7.4	via por trás do edf. 8			Passeio com cão	Um casal jovem passeia com seu cão	cão
v07	passagem	domingo	pós 12h25	EF 1	P.7.5	jardim da entrada norte	leitura			Uma mulher sentada no banco lendo sua revista	banco revista
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno					geral	pouco movimento de carros, pedestres e bicicletas	
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno					trenzinho	passa o trenzinho turístico	
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.1	R. da Pega	interação com celular - localização			Duas mulheres (turistas?) param para confirmar localização no celular	celular app de localização
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.2	esquina da R. da Peg	interação com celular - conversa			Um rapaz em pé sob o guarda-corpo da ria, conversa ao celular	celular guarda-corpo ria

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (Nº)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.3	R. da Pega	pesca automóvel - guarda-volumes			Um casal que pescava na Ria, coloca o pescado na mala do carro e parte	pescado instrumentos de pesca carro (mala) ria
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.4	R. da Pega	interação com celular - conversa automóvel - assento			Uma jovem para o carro na rua e fica falando no celular	celular automóvel
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.5	R. da Pega			ciclista - passeio/lazer	Passam dois homens e uma menina de bicicleta	bicicleta
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.6	R. da Pega		Serviços de manutenção		Um homem fazendo movimentação de terra na ria com um trator	trator ria
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.7	R. da Pega	pesca automóvel - guarda-volumes			Um homem que pescava sozinho, limpa seu peixe, põe em uma sacola na mala do carro	peixe instrumentos de pesca carro (mala) sacola
v08, ponto A	praceta da R. da Pega	quinta-feira	15h-15h53	entorno	8.8	R. da Pega			ciclista - locomoção	Passa um homem de bicicleta	bicicleta
v08, ponto B	em frente a entrada de Robótica	quinta-feira	15h36-15h51	EF 4.1					pedestres	a via interna do campus parece ser um importante trecho de circulação. Fora os carros estacionados, não há ninguém na rua. Passam apenas uma moça com celular na mão e uma ciclista em conversa paralela com motociclista	
v08, ponto B	em frente a entrada de Robótica	quinta-feira	15h36-15h51	EF 4 .1	8.9	frente do edf. 33	Fumando Interação com celular			Um rapaz sai do edf. 33 para fumar. Fica encostado na fachada e pega o celular	celular cigarro
v08, ponto B	em frente a entrada de Robótica	quinta-feira	15h36-15h51	EF 4.1	8.10	frente do edf. 33	interação com celular - conversa			Um rapaz sai do edf. 33 para falar ao celular	celular
v08, ponto B	em frente a entrada de Robótica	quinta-feira	15h36-15h51	entorno	8.11	R. da Pega			ciclista motociclista	Passa uma jovem de bicicleta em paralelo com um motociclista que seguem devagar, em conversa	bicicleta moto
v08, ponto B	em frente a entrada de Robótica	quinta-feira	15h36-15h51	entorno	8.12	R. da Pega			caminhada e/ou corrida esportiva	Uma jovem caminhando na ciclofaixa da R. da Pega	ciclofaixa
v08, ponto C	entrada do IEETA	quinta-feira	15h55-16h10	EF 4.1					pedestres	poucas pessoas entrando e circulando pelo campus.	

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v08, ponto C	entrada do IEETA	quinta-feira	15h55-16h10	R. da Pega					geral	pouco fluxo de pedestres, ciclistas e automóveis	
v08, ponto C	entrada do IEETA	quinta-feira	15h55-16h10	EF 4.1	8.13	mureta lateral do edf. 19 (imediações do EF 4.1)	Contemplação			Um rapaz sentado sobre a mureta do edf. 19, passa mais de 15 min contemplativo	mureta
v08, ponto C	entrada do IEETA	quinta-feira	15h55-16h10	entorno	8.14	R. da Pega			ciclista - locomoção	Passa um homem com dois adolescentes vestindo uniformes de times com padrões diferentes pela ciclofaixa	bicicleta ciclofaixa
v08, ponto C	entrada do IEETA	quinta-feira	15h55-16h10	entorno	8.15	R. da Pega			ciclista - passeio/lazer	Um senhor faz um passeio contemplativo e calmo de bicicleta	bicicleta
v08, ponto D	esquina da R. da Pega com via interna	quinta-feira	16h25-16h40	entorno					fluxo de pedestres	a imensa maioria está indo pegar o carro estacionado alguns com celular na mão	
v08, ponto D	esquina da R. da Pega com via interna	quinta-feira	16h25-16h40	entorno					tráfego de veículos	fluxo de entrada e saída de automóveis nessa esquina, pessoas pegando seus carros no estacionamento à frente	
V08, ponto D	esquina da R. da Pega com via interna	quinta-feira	16h25-16h40	entorno	8.16	R. da Pega			ciclista - passeio/lazer	Um casal e duas meninas passeiam. O casal utiliza BUGAs	bicicleta BUGA
V08, ponto D	esquina da R. da Pega com via interna	quinta-feira	16h25-16h40	EF 4.1	8.17	Saída da via interna da UA			ciclista - esportivo	Sai um ciclista esportivo da UA	bicicleta trajes de esporte
V08, ponto D	esquina da R. da Pega com via interna	quinta-feira	16h25-16h40	entorno	8.18	R. da Pega			caminhada e/ou corrida esportiva	Passa um casal fazendo caminhada	
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	entorno					trenzinho	trenzinho	
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	entorno					geral	fluxo de entrada e saída das residências quase nenhum movimento de automóveis	
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	entorno	8.19	R. de São Tiago	Cuidado com plantas			Uma senhora cuida de plantas na frente da sua casa	plantas
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	interno	8.20	área entre edf. 11 e 12	pessoas em grupo			Um grupo de pessoas, em pé, reunidas na área livre entre	
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	entorno	8.21	edf. de frente para a via interna	Contemplação/ Fumando			Um casal contemplativo, fuma na varanda do 2° andar	varanda cigarro

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	entorno	8.22	edf. na frente da via interna	interação com celular - conversa automóvel - assento			Uma mulher conversa ao celular dentro do carro estacionado durante todo o tempo de observação	celular automóvel
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	entorno	8.23	edifício em frente à via interna	automóvel - assento			um homem chegou no estacionamento do carro, parou e ficou lá dentro	automóvel
V08, ponto E	estacionamento privativo edf. multifamiliar	quinta-feira	17h01-17h16	entorno	8.24	R. de São Tiago			ciclista - locomoção	Sai uma jovem de bicicleta da R. de São Tiago	bicicleta
V08, ponto F	esquina da R. S. Tiago com a via interna	quinta-feira	17h23-17h38						fluxo de pedestres	Pedestres em todas as direções, entrada e saída da R. de Santiago	
V08, ponto F	esquina da R. S. Tiago com a via interna	quinta-feira	17h23-17h38						tuc-tuc	passa um tuc tuc pela rua da universidade	
V08, ponto F	esquina da R. S. Tiago com a via interna	quinta-feira	17h23-17h38						trenzinho	passa o trenzinho turístico	
V08, ponto F	esquina da R. S. Tiago com a via interna	quinta-feira	17h23-17h38						geral	pouco movimento veicular e de ciclistas	
V08, ponto F	esquina da R. S. Tiago com a via interna	quinta-feira	17h23-17h38	EF 4.2	8.25	Via interna	Conversas em saída de edfs.			Três jovens conversam na saída de um edifício	
V08, ponto F	esquina da R. S. Tiago com a via interna	quinta-feira	17h23-17h38	EF 4.2	8.26	Via interna			ciclista - passeio/lazer	Passam dois adolescentes de bicicleta em direção à ponte pedonal	bicicleta ponte pedonal
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05						fluxo de pedestres	Horário de saída (provavelmente circulação constante de pedestres, em todas as direções. os que passam só, frequentemente estão com celular	
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	interno	8.27	frente do edf. 23	pessoas em grupo			Quatro jovens em pé na frente do edf. 23	
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	EF 4.2	8.28	Estacionamento em frente ao reservatório	Conversas			Três jovens conversam em pé no estacionamento	

Tipos de Situação										
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	interno	8.29	banco semi-circular	pessoas em grupo			Um grupo de pessoas sentadas e em pé no banco semi-circular conversam animadamente. Parecem ser uma turma de idiomas em confraternização de fim de semestre	
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	interno	8.30	banco semi-circular	conversas			Duas meninas e dois rapazes conversando em extremos opostos do banco semicircular	banco
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	interno	8.31	banco semi-circular	interação com celular			No meio do banco, uma jovem sozinha interage com seu celular	celular banco
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	interno	8.32	passarela interna, alameda	interação com celular			Um rapaz sozinho, no banco sob a passarela coberta, interage com seu celular	celular banco
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	interno	8.33	Jardim por trás do banco circular	Alimentação/ Contemplação			Um rapaz tomando sorvete em pé, embaixo da sombra de uma árvore	sorvete
v08, ponto G	sob a passarela da alameda central	quinta-feira	17h50-18h05	interno	8.34	passarela interna, alameda			ciclista - locomoção	Passa um jovem ciclista sob a passarela	bicicleta passarela coberta
v08, ponto H	sob a passarela, em frente ao edf. 23	quinta-feira	18h05-18h20	interno					fluxo de pedestres	Horário de saída (provavelmente) fluxo menor, menos gente. Muitas ainda passam com celular	
v08, ponto H	sob a passarela, em frente ao edf. 23	quinta-feira	18h05-18h20	interno	8.35	passarela interna, alameda	Contemplação/ Fumando			Uma senhora em pé, fumando	cigarro
v08, ponto H	sob a passarela, em frente ao edf. 23	quinta-feira	18h05-18h20	interno	8.36	alameda central do campus	Atividades de manutenção			Um rapaz faz inspeção em caixas de passagem no meio do gramado da alameda	
v08, ponto H	sob a passarela, em frente ao edf. 23	quinta-feira	18h05-18h20	interno	8.37	alameda central do campus	Fumando			Um senhor em pé, no meio da esplanada, fumando	cigarro
v08, ponto H	sob a passarela, em frente ao edf. 23	quinta-feira	18h05-18h20	interno	8.38	alameda central do campus			ciclista - locomoção	Passa um jovem ciclista pela esplanada	bicicleta
v08, ponto H	sob a passarela, em frente ao edf. 23	quinta-feira	18h05-18h20	interno	8.39	banco semi-circular	conversas			Duas pessoas no banco conversando	banco
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50						fluxo de pedestres	fluxo de pessoas cortando a praça central	
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.40	banco em frente ao CIFOP	conversas			Um jovem casal conversando no banco	banco

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	EF 2	8.41	mureta da rampa do estacionamento sob praça central	interação com celular			Um rapaz sozinho, sentado sobre a mureta da rampa de acesso ao estacionamento, interage com o celular	celular mureta
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	EF2	8.42	frente da reitoria	espera pessoas sentadas			Duas mulheres sentadas nas esculturas de pedra em frente à reitoria	esculturas de pedra
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.43	edf. q/24	pessoas sentadas			Sobre o edf. Q tem umas 10 pessoas sentadas, inclusive, um cachorro	cão arquibancada
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.44	praça central	pessoas em grupo pessoas em espera interação com celular - fotografia			Um grupo de pessoas estão no centro da praça central fotografando-se enquanto aguardam o fim de alguma atividade com adolescentes que está sendo realizada no campus	celular
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.45	gramados da UA (entre biblioteca e catacumbas)		jogos em grupo		Parece estar tendo algum tipo de evento de férias com	
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.46	praça central	fotografar		skate	Passa um rapaz com skate na praça central acompanhado de outro com uma câmera fotográfica que registra seus movimentos	skate câmera fotográfica
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.47	frente da biblioteca	Fumando			Duas pessoas fumando na frente da biblioteca	cigarro
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	EF 2	8.48	em frente à reitoria			Passeio com cão	Uma senhora passeia com seu cachorro	cão
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.49	praça central			ciclista - locomoção	Passa um ciclista pelo meio da praça central	bicicleta
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.50	frente da reitoria			ciclista - locomoção	Passa um ciclista em frente à reitoria	bicicleta
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.51	alameda central do campus	interação com celular - conversa			Um rapaz em pé, na frente do edf. 11, fala ao celular	celular
v08, ponto I	em frente a reitoria	quinta-feira	18h35-18h50	interno	8.52	frente do edf. 9	pessoas em grupo			tem um grupo de aprox. 50 adolescentes com camisetas semelhantes jogando no gramado	
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	EF 1					geral	fluxo constante de veículos. além dos carros, não passa muita gente na rua.	

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	EF 1					fluxo de pedestres	entrada e saída para pegar carros estacionados um jovem com fone e celular	
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	entorno	8.53	Playground dos conjuntos residenciais da R. Calouste Gulbenkian	jogos e/ou brincadeiras			Crianças brincando no playground do canteiro da R. Calouste Gulbenkian	playground
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	interno	8.54	imediações do EF 1, frente do edf. 1	Conversa			Dois meninos conversando, em pé	
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	EF 1	8.55	saída do campus			ciclista - locomoção	Passa um ciclista na minha frente	bicicleta
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	entorno	8.56	Av. Calouste Gulbenkian			ciclista - locomoção	Passam pela minha frente, em sentido contrário, um senhor e uma senhora	bicicleta
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	entorno	8.57	bairro da Misericórdia	Interação com animal			Uma senhora guarda compras na sua casa e brinca com o cão	cão
v08, ponto J	jardins em frente ao estacionamento do edf. 1	quinta-feira	19h10-19h25	EF 1	8.58				Passeio com cão	Uma senhora passeia com seu cachorro e entra na UA	cão
v09, ponto A	Posto de gasolina	quarta-feira	10h55-11h10	entorno					geral	fluxo constante de automóveis em velocidade mais alta do que nas outras ruas de entorno do campus. Passam pouquíssimos pedestres	
v09, ponto A	Posto de gasolina	quarta-feira	10h55-11h10	entorno	9.1	R. do Ovar			ciclista - locomoção	Sai uma mulher da R. do Ovar	bicicleta
v09, ponto B	Em frente à travessa de Santiago	quarta-feira	11h12-11h27	entorno					geral	fluxo constante de automóveis, ciclistas esportivos e a passeio, pedestres que entram e saem da travessa	
v09, ponto B	Em frente à travessa de Santiago	quarta-feira	11h12-11h27	entorno	9.2	Av. da Universidade			ciclista - esportivo	Passa um grupo de 4 ciclistas esportivos fardados iguais	bicicleta fardas

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v09, ponto B	Em frente à travessa de Santiago	quarta-feira	11h12-11h27	entorno	9.3	jardim da Urbanização Chaves			Passeio com cão	Passa uma mulher a passear com seu cão	cão
v09, ponto B	Em frente à travessa de Santiago	quarta-feira	11h12-11h27	entorno	9.4	Posto de combustível - Av. da Universidade			ciclista - locomoção	Um ciclista vai ao posto calibrar seu pneu e depois segue	bicicleta bomba de ar
v09, ponto B	Em frente à travessa de Santiago	quarta-feira	11h12-11h27	entorno	9.5	Av. da Universidade			ciclista - locomoção	Passa outro ciclista	bicicleta
v09, ponto B	Em frente à travessa de Santiago	quarta-feira	11h12-11h27	entorno	9.6	Av. da Universidade			ciclista - esportivo	Lá vem outro ciclista esportivo	bicicleta farda
v09, ponto B	Em frente à travessa de Santiago	quarta-feira	11h12-11h27	entorno	9.7	Av. da Universidade			ciclista - locomoção	Passa outro rapaz de bicicleta	bicicleta
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	entorno					ônibus	Linha 14 pela rua dos bombeiros Linha 01 da rua dos bombeiros Linha 03 da rua dos bombeiros	
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	entorno					trenzinho	passa o trenzinho turístico cheio de crianças cantando	
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	entorno					ambulâncias	passam duas ambulâncias, uma pela a rua e outra pela av	
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	entorno					pedestres	a maioria passa cruzando a Av da Universidade, saindo ou entrando no campus	
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	EF 3	9.8	creche	crianças brincando			Há crianças brincando na área externa da creche	
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	campus	9.9	campus			ciclista - locomoção	um senhor atravessa o campus no sentido Av. da Universidade - R. da Pega	bicicleta
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	interno	9.10	gramado entre edf. 23 e estacionamento	serviço de manutenção		ciclista - locomoção	Passa um funcionário recolhendo o lixo das lixeiras	lixeiras
v09, ponto C	cruzamento do ISCA	quarta-feira	11h30-11h45	campus	9.11	campus				Sai uma mulher e um rapaz da Rua A.H.B.V de.Aveiro e entram no campus	bicicleta
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno					ambulâncias	saiu uma ambulância pela R. Estarreja	
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno					ônibus	linha 5 linha 8	

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno					geral	Trânsito mais leve do que na Av. da Universidade A maioria dos pedestres passam pelos espaços abertos do ISCA (EF 3), cruzando-o	
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	EF 3	9.12	frente do ISCA	serviço de manutenção			Dois homens trabalhando na pavimentação	pavimentação britadeira
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	EF 3	9.13	frente do ISCA			patins	Uma menina de aprox. 8 anos com patins acompanha uma mulher pela frente do ISCA	patins
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno	9.14	R. A. H. B. V.de Aveiro			ciclista - locomoção	Uma jovem passa pela Rua A.H.B.V. de Aveiro de bicicleta	bicicleta
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno	9.15	R. A. H. B. V.de Aveiro			ciclista - locomoção	Um rapaz segue pela rua e dobra na R. Nova	bicicleta
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno	9.16	R. A. H. B. V.de Aveiro	espera - coletivo			Uma senhora sentada na parada de ônibus	parada de ônibus assento
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno	9.17	R. A. H. B. V.de Aveiro			ciclista - locomoção	Passa mais um ciclista na rua	bicicleta
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	EF 3	9.18	Estacionamento do ISCA			ciclista - locomoção	passa um ciclista pelo estacionamento do ISCA	bicicleta
v09, ponto D	parada de ônibus, em frente ao ISCA	quarta-feira	11h48-12h03	entorno	9.19	R. A. H. B. V.de Aveiro	espera - coletivo			Um senhor espera o ônibus em pé, encostado na parada	parada
v09, ponto E	estacionamento perto do ginásio	quarta-feira	12h50-13h05	interno					geral	fluxo contínuo de entrada de saída de automóveis do estacionamento, que está cheio, mas não lotado. Fluxo constante de entrada e saída de ginário.	
v09, ponto E	estacionamento perto do ginásio	quarta-feira	12h50-13h05	interno	9.20	Estacionamento em frente ao ginásio	automóvel - assento, espera			Um rapaz dentro do carro no estacionamento em frente ao ginásio	automóvel
v09, ponto E	estacionamento perto do ginásio	quarta-feira	12h50-13h05	EF 4.2	9.21	Via interna			ciclista - locomoção	passa um senhor de bicicleta pela via interna	bicicleta
v09, ponto F	via interna, em frente à entrada do edf. de artes	quarta-feira	13h05-13h20	EF 4.2					fluxo de pedestres	fluxo intenso de pessoas - está ocorrendo evento inernacional. Basicamente, fluxo pela ponte pedonal e de entrada e saída do edf. 23	

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v09, ponto F	via interna, em frente à entrada do edf. de artes	quarta-feira	13h05-13h20	EF 4.2					tráfego de veículos	entrada e saída de automóveis no estacionamento	
v09, ponto F	via interna, em frente à entrada do edf. de artes	quarta-feira	13h05-13h20	interno	9.22	edf. 23	conversa			Duas mulheres conversam em pé sob a coberta do edf. 23	coberta de edf
v09, ponto F	via interna, em frente à entrada do edf. de artes	quarta-feira	13h05-13h20	interno	9.23	edf. 23	pessoas em grupo - conversa			Três pessoas conversam em pé na frente do edf. 23	coberta de edf entrada de edf. 23
v09, ponto F	via interna, em frente à entrada do edf. de artes	quarta-feira	13h05-13h20	EF 4.2	9.24	Via interna			ciclista - locomoção	passa outro ciclista, na frente do edf. 23	bicicleta
v09, ponto F	via interna, em frente à entrada do edf. de artes	quarta-feira	13h05-13h20	interno	9.25	Estacionamento em frente ao reservatório	serviço de manutenção			O mesmo senhor da limpeza (9.10)	lixeiras
v09, ponto G	ponte pedonal	quarta-feira	13h22-13h37	EF 4.2					fluxo de pedestres	muitos com crachás, falando diferentes idiomas: francês, inglês, português brasileiro etc. Alguns pedestres caminham com celular na mão, apenas carregando, gravando áudio, vendo a tela... Jovens com carregam cases de instrumentos	
v09, ponto G	ponte pedonal	quarta-feira	13h22-13h37	EF 4.2					trenzinho	passa o trenzinho turístico na via interna	
v09, ponto G	ponte pedonal	quarta-feira	13h22-13h37	EF 4.2					motociclista	passa pela ponte uma moto ocupada por 2 homens	
v09, ponto G	ponte pedonal	quarta-feira	13h22-13h37	EF 4.2	9.26	Via interna e ponte pedonal			ciclista - locomoção	Um ciclista que passa na frente do edf. 21, atravessa a via para entrar na ponte pedonal	bicicleta ponte pedonal
v09, ponto G	ponte pedonal	quarta-feira	13h22-13h37	EF 4.2	9.27	Ponte pedonal			ciclista - passeio/lazer	Um casal com BUGAs sai da ponte pedonal em direção a caixa d'água	bicicleta ponte pedonal
v09, ponto H	lateral interna do edf. 23 (alameda)	quarta-feira	13h45-14h00	interno					fluxo de pedestres	fluxo intenso de pessoas, entrada e saída frequente do edf. 23 algumas pessoas com celular na mão, falando ao celular ou vendo a tela uma menina com fones de ouvido	
v09, ponto H	lateral interna do edf. 23 (alameda)	quarta-feira	13h45-14h00	interno	9.28	alameda central do campus	interação com celular - conversa			Um homem em pé, a falar no celular	celular
v09, ponto H	lateral interna do edf. 23 (alameda)	quarta-feira	13h45-14h00	interno	9.29	banco semi-circular	pessoas em grupo - conversa			Muitas pessoas conversam em pé ou sentadas, a maioria em pé	banco semi-circular

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v09, ponto H	lateral interna do edf. 23 (alameda)	quarta-feira	13h45-14h00	interno	9.30	edf. 23 e jardim em fl	interação com celular contemplação/ descanso			Um homem senta no vaso/cinzeiro em frente ao edf. 23 para ver o celular. Depois, senta encostado no tronco da árvore do jardim em frente	celular vaso/cinzeiro árvore
v09, ponto H	lateral interna do edf. 23 (alameda)	quarta-feira	13h45-14h00	interno	9.31	edf. 23	descanso deitado			Um homem com crachá de evento deita na sombra do edf. 23, passou 5min e depois voltou para dentro do edf.	coberta de edf.
v09, ponto H	lateral interna do edf. 23 (alameda)	quarta-feira	13h45-14h00	interno	9.32	jardim em frente ao edf. 23	conversa e contemplação			Um homem observa a escultura no jardim e conversa com outro sobre ela	escultura de pedra
v09, ponto H	lateral interna do edf. 23 (alameda)	quarta-feira	13h45-14h00	interno	9.33	jardim em frente ao edf. 23	contemplação			dois homens em pé parados sob as árvores aproveitam a sombra	árvores
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno					geral	pouco fluxo de pedestres, mas constante, principalmente sob as passarelas. Alguns ciclistas	
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.34	passarela interna, alameda	interação com celular		ciclista - locomoção	Um rapaz com bicicleta, vê seu celular encostado no banco. Depois de um tempinho, sai	celular banco passarela
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.35	alameda central do campus			ciclista - locomoção	Passa um ciclista sob a passarela	bicicleta passarela coberta
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.36	alameda central do campus	serviço de manutenção			Alguém poda os arbustos	arbustos serra
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.37	frente do edf. 40	conversa			Duas mulheres em pé sob o sol, conversando	sol
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.38	alameda central do campus	grupo de pessoas - conversa			Um grupo de jovens conversam	
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.39	alameda central do campus			ciclista - locomoção	Um rapaz de camisa social pega sua bicicleta que estava encostada numa árvore e sai	bicicleta árvore
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.40	alameda central do campus			ciclista - locomoção	Passa um outro ciclista	bicicleta
v09, ponto I	banco circular (alameda)	quarta-feira	14h02-14h17	interno	9.41	alameda central do c	conversa e contemplação			Sentam duas mulheres nos bancos da alameda	bancos
v10	passagem	quinta-feira	16h-20h	interno	P.10.1	tanque de coleta de águas pluviais	comida e conversa			piquenique sob as árvores	
v10	passagem	quinta-feira	16h-20h	entorno	P.10.2	R. da Pega			patins	um rapaz passeia de patins na R. da Pega	
v10	passagem	quinta-feira	16h-20h	interno	P10.3	praça central e alameda central	grupo de pessoas			grupos de adultos com crianças menores de 5 anos	

Tipos de Situação											
Visita/Ponto	Local do Ponto	Dia da semana	Horário	Área	Situação (N°)	Local	Ordinária	Extraordinária	De passagem	Descrição	Atores Relevantes
v10	passagem	quinta-feira	16h-20h	entorno	P10.4	Playground dos conjuntos residenciais da R. Calouste Gulbenkian	jogos e/ou brincadeiras			um casal acompanhava crianças que brincavam no playground	
v10	passagem	quinta-feira	16h-20h	interno	P10.5	praça central e alameda central			ciclistas - passeio	ciclistas a passeio cruzam o campus	

Apêndice C

Fichas de inventário dos espaços de fronteira (EF)

EF 1 – Entrada Norte
EF 2 – Av. João Jacinto Magalhães
EF 3 – Av. da Universidade
EF 4 – R. da Pega e via de circulação interna

Ficha de Inventário do EF 1 – Entrada Norte



d Bairro da Misericórdia
g Estabelecimento Prisional

Edifícios da UA
(conforme sinalização utilizada pela instituição)

C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da Univ. de Aveiro
1	UNAVE - Associação para a Formação Profissional e Investigação/ UNIFOC - Unidade Integrada de Formação Continuada/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA - Incubadora de empresas da UA

LEGENDA

Locais para sentar

- Bancos # 04
- Cadeiras móveis #
- Cadeiras de café (privado) #
- Assentos (outros) #

- Árvore
- Áreas vegetadas

- Toldo/ Abrigos
- Arcadas/ Passagens cobertas

- Lixeira/ Container de reciclagem
- Poste de iluminação
- Arte urbana/ Remanescências

- P — Parque infantil
- S — Espaços para esportes
- W — Elementos aquáticos
- E — Estacionamento
- C — Cafés/ bares/ lanches
- A — Parada de ônibus (autocarro)
- B — Bicicletário
- Ciclovia
- Passeio de pedestre
- Passagem superior
- = Faixa de travessia

Obstáculos para caminhada/ cadeira de rodas

- Superfície (pavimento quebrado, entradas de carro etc.)
- Objeto (pilares, bancos, postes etc.)

Barreiras físicas e delimitadores

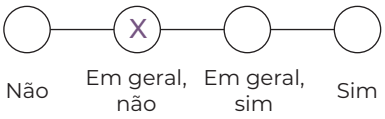
- Cerca/ grade
- Muro
- Cercas-viva
- Mureta de até 1m
- Pontaletes, balizadores e jardineiras

- Edifícios
- Lotes vizinhos
- Superfícies de água
- Áreas de estacionamento
- Espaços abertos internos (campus)

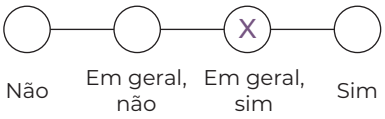
Questionário

Orientações: Este é um questionário baseado na experiência do pesquisador em campo. Responda às questões sobre o espaço construído estudado, considerando também como diferentes humanos poderão sentir-se nesse espaço.

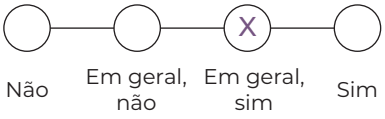
1 O espaço tem áreas de sombra ou abrigadas?



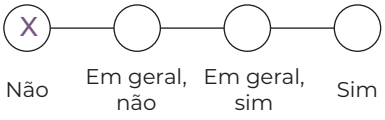
2 O espaço tem áreas de permanência sob o sol durante condições climáticas mais frias?



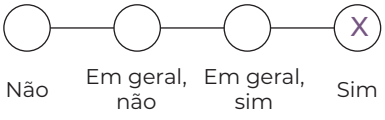
3 O espaço tem áreas para passar tempo/sentar e descansar?



4 O espaço tem áreas para atividades/jogos?



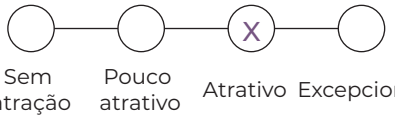
5 Você consegue, confortavelmente, manter uma conversa com outra pessoa nesse espaço?



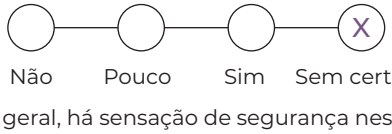
6 Quão intensa é a presença de vegetação (árvores, plantas etc.)?



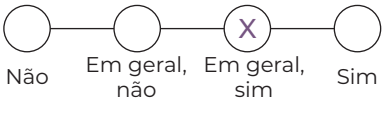
7 Como você avalia o ambiente visual?



8 O espaço parece ser bem iluminado à noite?



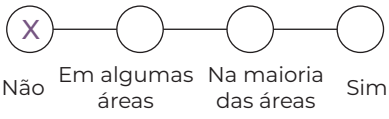
9 Em geral, há sensação de segurança nesse espaço?



10 Se há pouca segurança no espaço, explique o porquê (marque todas as aplicáveis).

- ☐ Dominado por tráfego de automóveis
- ☐ Outras pessoas
- ☐ Falta de outras pessoas
- ☐ Falta de iluminação
- ☐ Estado da limpeza
- ☐ Outro: _____

11 Algum cadeirante conseguiria utilizar esse espaço?

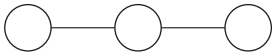


Circulação pelo asfalto, apenas

12 Se o espaço tem barreiras físicas, é possível... (marque todas as aplicáveis)

- ☒ Ver através ou por cima
- ☐ Sentar sobre elas
- ☐ Saltar por cima dela
- ☐ Caminha em volta

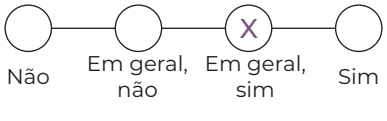
13 Se houver fluxo de veículos no entorno, indique o volume aproximado do tráfego.



Alto: estrada nacional em perímetro urbano.

Baixo: via interna do campus.

14 Há segurança ao atravessar a via?



COMENTÁRIOS:

Entrada norte, acesso para veículos.

Ficha de Inventário do EF 2 – Av. João Jacinto de Magalhães



a Seminário de Santa Joana Princesa
d Bairro da Misericórdia

Edifícios da UA
(conforme sinalização utilizada pela instituição)

B
Residência de estudantes

3	Antiga Reitoria; Gabinete dos antigos reitores; CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar; CICECO - Instituto de Materiais de Aveiro; Instituto Confúcio; TEMA - Tecnologia Mecânica e Automação
4	Departamento de Electrónica, Telecomuncações e Informática
5	Departamento de Educação e Psicologia/ Mediateca/ UATEC - Unidade de Transferência de Tecnologia da UA
7	Departamento de Ambiente e Ordenamento
8	Departamento de Biologia
9	Departamento de Engenharia de Materiais e Cerâmica
25	Edifício Central e da Reitoria

LEGENDA

Locais para sentar

■	Bancos	# 13
□	Cadeiras móveis	#
△	Cadeiras de café (privado)	# 64*
⊠	Assentos (outros)	#

*mesas com 4 cadeiras + 4 bancos

- Árvore
- Áreas vegetadas
- Toldo/ Abrigos
- Arcadas/ Passagens cobertas
  Abrigo: parada de ônibus e bicicletário
- Lixeira/ Container de reciclagem
- Poste de iluminação
- Arte urbana/ Remanescências
  Esculturas e mural na praça central
- **P** Parque infantil
- **S** Espaços para esportes
- **W** Elementos aquáticos
  Lagoa sanitária
- **E** Estacionamento
- **C** Cafés/ bares/ lanches
  Bar no estac. junto do Seminário
- **A** Parada de ônibus (autocarro)
  Com abrigo e assentos
- **B** Bicicletário Coberto e descobertos
- Ciclovia
- Passeio de pedestre
- Passagem superior
- = Faixa de travessia

Obstáculos para caminhada/ cadeira de rodas

- × Superfície (pavimento quebrado, entradas de carro etc.)
- ⊗ Objeto (pilares, bancos, postes etc.)

Barreiras físicas e delimitadores

- Cerca/ grade
- Muro
- Cercas-viva
- Mureta de até 1m
- Pontaletes, balizadores e jardineiras
  Esferas protegem a calçada do estac. da R. D. António Marcelino

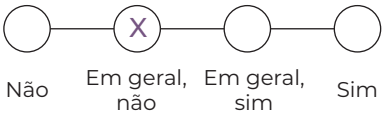
Passeio muito estreito na R. D. A. Marcelino, com postes no meio.

- Edifícios
- Lotes vizinhos
- Superfícies de água
- Áreas de estacionamento
- Espaços abertos internos (campus)

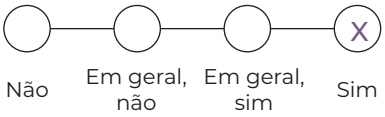
Questionário

Orientações: Este é um questionário baseado na experiência do pesquisador em campo. Responda às questões sobre o espaço construído estudado, considerando também como diferentes humanos poderão sentir-se nesse espaço.

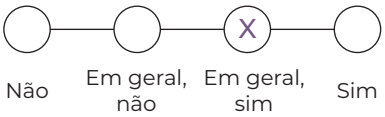
1 O espaço tem áreas de sombra ou abrigadas?



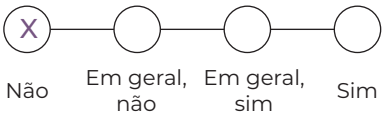
2 O espaço tem áreas de permanência sob o sol durante condições climáticas mais frias?



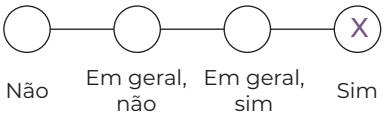
3 O espaço tem áreas para passar tempo/sentar e descansar?



4 O espaço tem áreas para atividades/jogos?



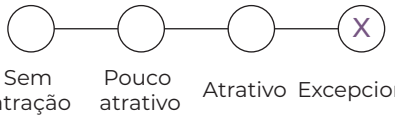
5 Você consegue, confortavelmente, manter uma conversa com outra pessoa nesse espaço?



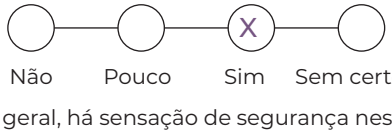
6 Quão intensa é a presença de vegetação (árvores, plantas etc.)?



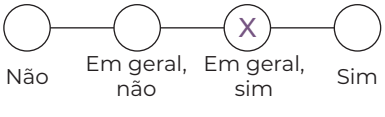
7 Como você avalia o ambiente visual?



8 O espaço parece ser bem iluminado à noite?



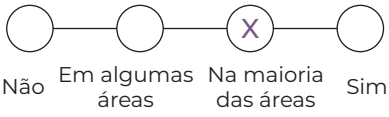
9 Em geral, há sensação de segurança nesse espaço?



10 Se há pouca segurança no espaço, explique o porquê (marque todas as aplicáveis).

- ☐ Dominado por tráfego de automóveis
- ☐ Outras pessoas
- ☐ Falta de outras pessoas
- ☐ Falta de iluminação
- ☐ Estado da limpeza
- ☐ Outro: _____

11 Algum cadeirante conseguiria utilizar esse espaço?



Circulação pelo asfalto, apenas

12 Se o espaço tem barreiras físicas, é possível... (marque todas as aplicáveis)

- ☒ Ver através ou por cima
- ☒ Sentar sobre elas
- ☒ Saltar por cima dela
- ☒ Caminha em volta

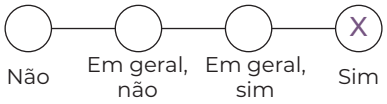
13 Se houver fluxo de veículos no entorno, indique o volume aproximado do tráfego.



Alto: estrada nacional em perímetro urbano.

Baixo: via interna do campus.

14 Há segurança ao atravessar a via?



COMENTÁRIOS:

Principal acesso para pedestres com origem a partir da Estação de Comboios. É o espaço de fronteira mais bem mantido.

1 Sombras de algumas árvores, arcadas do edf. 9

3 Principalmente ao longo da Av. João Jacinto de Magalhães

6 Ao longo da Av. João Jacinto de Magalhães, o EF está bastante vegetado. Na R. D. António Marcelino, a vegetação é escassa.

11 Os passeios não são acessíveis na R. D. António Marcelino.

Ficha de Inventário do EF 3 – Av. da Universidade



Edifícios da UA
(conforme sinalização utilizada pela instituição)

B	Residência de estudantes
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração

O trecho do campo de esportes é um dos poucos cercados.

LEGENDA

Locais para sentar

- Bancos #_____
- Cadeiras móveis #_____
- Cadeiras de café (privado) #_____
- Assentos (outros) #_____

- Árvore
- Áreas vegetadas
- Toldo/ Abrigos
- Arcadas/ Passagens cobertas
- Lixeira/ Container de reciclagem
- Poste de iluminação
- Arte urbana/ Remanescências
- P — Parque infantil
- S — Espaços para esportes
  Campo de futebol e pista de atletismo
- W — Elementos aquáticos
- E — Estacionamento
- C — Cafés/ bares/ lanches
- A — Parada de ônibus (autocarro)
  Com abrigo e assentos
- B — Bicicletário
- Ciclovia
- Passeio de pedestre
- Passagem superior Passarela pedonal
- = Faixa de travessia

Obstáculos para caminhada/ cadeira de rodas

- × Superfície (pavimento quebrado, entradas de carro etc.)
- ⊗ Objeto (pilares, bancos, postes etc.)

Barreiras físicas e delimitadores

- Cerca/ grade
- Muro
- Cercas-viva
- Mureta de até 1m
- Pontaletes, balizadores e jardineiras

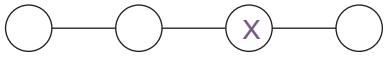
Passeio em solo natural ao longo da Av. da Universidade. Muitas árvores no meio.

- Edifícios
- Lotes vizinhos
- Superfícies de água
- Áreas de estacionamento
- Espaços abertos internos (campus)

Questionário

Orientações: Este é um questionário baseado na experiência do pesquisador em campo. Responda às questões sobre o espaço construído estudado, considerando também como diferentes humanos poderão sentir-se nesse espaço.

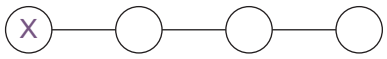
1 O espaço tem áreas de sombra ou abrigadas?



2 O espaço tem áreas de permanência sob o sol durante condições climáticas mais frias?



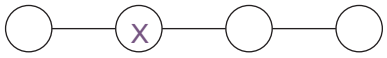
3 O espaço tem áreas para passar tempo/sentar e descansar?



4 O espaço tem áreas para atividades/jogos?



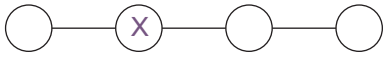
5 Você consegue, confortavelmente, manter uma conversa com outra pessoa nesse espaço?



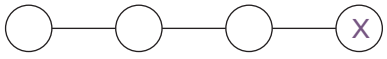
6 Quão intensa é a presença de vegetação (árvores, plantas etc.)?



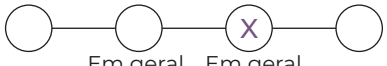
7 Como você avalia o ambiente visual?



8 O espaço parece ser bem iluminado à noite?



9 Em geral, há sensação de segurança nesse espaço?



10 Se há pouca segurança no espaço, explique o porquê (marque todas as aplicáveis).

- ☐ Dominado por tráfego de automóveis
- ☐ Outras pessoas
- ☐ Falta de outras pessoas
- ☐ Falta de iluminação
- ☐ Estado da limpeza
- ☐ Outro: _____

11 Algum cadeirante conseguiria utilizar esse espaço?

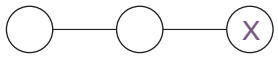


Circulação pelo asfalto, apenas.

12 Se o espaço tem barreiras físicas, é possível... (marque todas as aplicáveis)

- ☒ Ver através ou por cima
- ☒ Sentar sobre elas
- ☒ Saltar por cima dela
- ☒ Caminha em volta

13 Se houver fluxo de veículos no entorno, indique o volume aproximado do tráfego.



Alto: estrada nacional em perímetro urbano.

Baixo: via interna do campus.

14 Há segurança ao atravessar a via?



COMENTÁRIOS:

Fronteira com a Av. da Universidade

1 A Av. da Universidade é bastante arborizada

4 As áreas de esportes são internas ao Campus, com acesso controlado

5 Faltam espaços para permanência

6 Bastante presença de árvores de grande porte. Canteiros gramados.

14 Trânsito rápido e poucas áreas de travessia.

Ficha de Inventário do EF 4 – R. da Pega e Via de circulação interna



e Lugar de S. Tiago

Edifícios da UA (conforme sinalização utilizada pela instituição)

L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
6	Serviços de Acção Social/ Refeitório de Santiago...
11	Departamento de Matemática
12	Departamento de Ciências Sociais, Política e do Território
16	Departamento de Geociências

(continua, abaixo)

17	Biblioteca, Informação, Documental...
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Departamento de Comunicação e Arte
22	Departamento de Engenharia Mecânica
24	IEETA - Instituto de Engenharia Electrónica e Telemática de Aveiro
26	Departamento de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Departamento de Engenharia Civil
33	Edifício das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem

LEGENDA

Locais para sentar

- Bancos #_____
- Cadeiras móveis #_____
- Cadeiras de café (privado) #_____
- Assentos (outros) #_____

Árvore

Áreas vegetadas
Muitas áreas com cobertura vegetal espontânea

Toldo/ Abrigos Parada de ônibus

Arcadas/ Passagens cobertas

Lixeira/ Container de reciclagem

Poste de iluminação

Arte urbana/ Remanescências
Ruínas de casa rural

P Parque infantil

S Espaços para esportes

W Elementos aquáticos

E Estacionamento

C Cafés/ bares/ lanches

A Parada de ônibus (autocarro)
Com abrigo e assentos

B Bicicletário

Ciclovia

Passeio de pedestre

Passagem superior Ponte pedonal

= Faixa de travessia

Obstáculos para caminhada/ cadeira de rodas

× Superfície (pavimento quebrado, entradas de carro etc.)

⊗ Objeto (pilares, bancos, postes etc.)

R. da Pega: passeios em solo natural com árvores no meio

Barreiras físicas e delimitadores

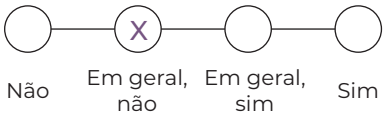
- Cerca/ grade
- Muro
- Cercas-viva
- Mureta de até 1m
- Pontaletes, balizadores e jardineiras

- Edifícios
- Lotes vizinhos
- Superfícies de água
- Áreas de estacionamento
- Espaços abertos internos (campus)

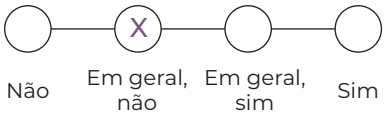
Questionário

Orientações: Este é um questionário baseado na experiência do pesquisador em campo. Responda às questões sobre o espaço construído estudado, considerando também como diferentes humanos poderão sentir-se nesse espaço.

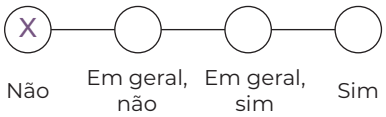
1 O espaço tem áreas de sombra ou abrigadas?



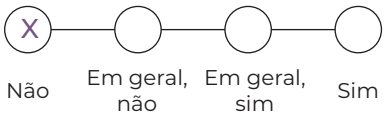
2 O espaço tem áreas de permanência sob o sol durante condições climáticas mais frias?



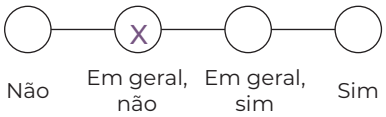
3 O espaço tem áreas para passar tempo/sentar e descansar?



4 O espaço tem áreas para atividades/jogos?



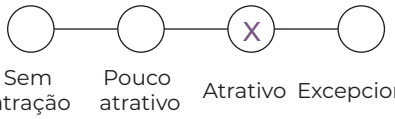
5 Você consegue, confortavelmente, manter uma conversa com outra pessoa nesse espaço?



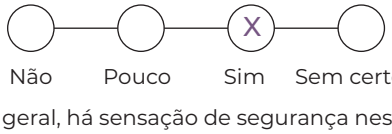
6 Quão intensa é a presença de vegetação (árvores, plantas etc.)?



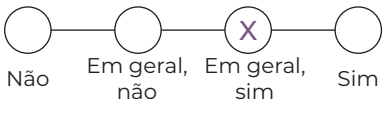
7 Como você avalia o ambiente visual?



8 O espaço parece ser bem iluminado à noite?



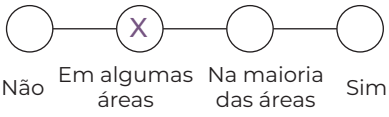
9 Em geral, há sensação de segurança nesse espaço?



10 Se há pouca segurança no espaço, explique o porquê (marque todas as aplicáveis).

- ☐ Dominado por tráfego de automóveis
- ☐ Outras pessoas
- ☐ Falta de outras pessoas
- ☐ Falta de iluminação
- ☐ Estado da limpeza
- ☐ Outro: _____

11 Algum cadeirante conseguiria utilizar esse espaço?

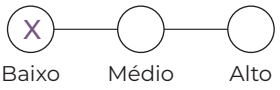


Circulação pelo asfalto, apenas.

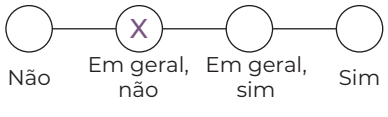
12 Se o espaço tem barreiras físicas, é possível... (marque todas as aplicáveis)

- ☒ Ver através ou por cima
- ☐ Sentar sobre elas
- ☒ Saltar por cima dela
- ☐ Caminha em volta

13 Se houver fluxo de veículos no entorno, indique o volume aproximado do tráfego.



14 Há segurança ao atravessar a via?



COMENTÁRIOS:

Fronteira com a R. da Pega e com o Lugar de S. Tiago

6 R. da Pega: bastante arborizada

11 Ao longo da rua interna do Campus

Apêndice D

Lista de notícias levantadas na pesquisa empírica

Apêndice G - Lita de notícias levantadas na pesquisa empírica.

ANO	CÓDIGO	REFERÊNCIA
		JORNAL DE NOTÍCIAS
2005	05.01	Homenageados antigos reitores da universidade ZING, Jesus. Homenageados antigos reitores da universidade. Jornal de Notícias. 26 jun 2005. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2005/homenageados-antigos-reitores-da-universidade-487209.html>.
2006	06.01	Passeios de bicicleta para conhecer melhor a cidade ROCHA, Paula. CARMO, José. Passeios de bicicleta para conhecer melhor a cidade. Jornal de Notícias. 14 ago 2006. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2006/passeios-de-bicicleta-para-conhecer-melhor-a-cidade-564583.html>.
2007	07.01	Second Life Universidade de Aveiro expulsa dois visitantes da ilha inaugurada hoje LUSA. Second Life Universidade de Aveiro expulsa dois visitantes da ilha inaugurada hoje. Jornal de Notícias. 24 mai 2007. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2007/second-life-universidade-de-aveiro-expulsa-dois-visitantes-da-ilha-inaugurada-hoje-673414.html>.
	07.02	Ver a cidade com a buga ZING, Jesus. Ver a cidade com a buga. Jornal de Notícias. 19 ago 2007. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2007/ver-a-cidadecom-a-buga-708203.html>.
	07.03	Cicloturismo | Aveiro JORNAL DE NOTÍCIAS. Cicloturismo | Aveiro. Jornal de Notícias. 19 ago 2007. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2007/cicloturismo-aveiro-708202.html>.
2008	08.01	Desfile do Enterro animou noite de Aveiro JORNAL DE NOTÍCIAS. Desfile do Enterro animou noite de Aveiro. Jornal de Notícias. 03 mai 2008. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2008/desfile-do-enterro-animou-noite-de-aveiro-937933.html>.
	08.02	Edifício da Universidade entre os melhores da Expo Saragoça JORNAL DE NOTÍCIAS. Edifício da Universidade entre os melhores da Expo Saragoça. Jornal de Notícias. 19 jul 2008. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/edificio-da-universidade-entre-os-melhores-na-expo-saragoca-969529.html>.
2009	09.01	Universidade certifica casas para estudantes COSTA, João Paulo. Universidade certifica casas para estudantes. Jornal de Notícias. 06 jul 2009. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/universidade-certifica-casas-para-estudantes-1296577.html>.
2010	10.02	64 mil finos à esperada festa académica ZING, Jesus. 64 mil finos à esperada festa académica. Jornal de Notícias. 23 abr 2010. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/64-mil-finos-a-esperada-festa-academica-1551177.html>.
	10.03	Autocarro aumentou segurança de estudantes ROCHA, Paula. Autocarro aumentou segurança de estudantes. Jornal de Notícias. 22 mai 2010. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/autocarro-aumentou-seguranca-dos-estudantes-1575721.html>.
	10.04	Universitários sedentários e pouco amigos de vegetais ZING, Jesus. Universitários sedentários e pouco amigos de vegetais. Jornal de Notícias. 20 jun 2010. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/universitarios-sedentarios-e-pouco-amigos-de-vegetais-1597853.html>.
	10.05	Carros estacionam na ciclovia junto à Universidade de Aveiro AMSILVA. Carros estacionam na ciclovia junto à Universidade de Aveiro. Jornal de Notícias. 05 set 2010. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/cidadao-reporter/noticias/carros-estacionam-na-ciclovia-junto-a-universidade-de-aveiro-1655921.html>.
	10.06	Parque de Ciência arranca em 2011 AMSILVA. Parque de Ciência arranca em 2011. Jornal de Notícias. 29 set 2010. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/ilhavo/parque-de-ciencia-arranca-em-2011-1673442.html>.

		COSTA, João Paulo. PSD quer novo hospital junto da universidade de Aveiro. Jornal de Notícias. 08 fev 2011. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/psd-quer-novo-hospital-perto-da-universidade-de-aveiro-1778297.html>.
2013	13.02	**Universidade em que nasceu o Sapo e a Via Verde faz 40 anos** COSTA, João Paulo. Universidade em que nasceu o Sapo e a Via Verde faz 40 anos. Jornal de Notícias. 16 dez 2013. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/sociedade/educacao/universidade-em-que-nasceu-o-sapo-e-a-via-verde-faz-40-anos-3589602.html>.
2015	15.01	**Construção de novo hospital em Aveiro "está fora da agenda"** JORNAL DE NOTÍCIAS. Construção de novo hospital em Aveiro "está fora da agenda". Jornal de Notícias. 24 jul 2015. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/construcao-de-novo-hospital-em-aveiro-esta-fora-da-agenda-4697740.html>.
2017	17.02	**Desfile académico de Aveiro banhado a cerveja e chuva** FILIPE, Salomé. Desfile académico de Aveiro banhado a cerveja e chuva. Jornal de Notícias. 11 mai 2017. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/galerias/desfile-academico-de-aveiro-banhado-a-cerveja-e-chuva-8469151.html>.
	17.04	**Preços do alojamento universitário aumentam em Aveiro devido ao turismo.** JORNAL DE NOTÍCIAS. Preços do alojamento universitário aumentam em Aveiro devido ao turismo. Jornal de Notícias. 24 set 2017. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/precos-do-alojamento-universitario-aumentam-em-aveiro-devido-ao-turismo-8794074.html>.
2018	18.02	**Polémica com imagens de ditadores na Semana Académica de Aveiro.** COSTA, Zulay. Polémica com imagens de ditadores na Semana Académica de Aveiro. Jornal de Notícias. 23 abr 2018. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/polemica-com-imagens-de-ditadores-na-semana-academica-de-aveiro-9280133.html>.
2019	19.10	**Aveiro passa a oferecer cultura aos alunos internacionais.** FILIPE, Salomé. Aveiro passa a oferecer cultura aos alunos internacionais. Jornal de Notícias. 13 fev 2019. Online. Disponível em: < https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/aveiro-passa-a-oferecer-cultura-aos-alunos-internacionais-10574727.html>.
	19.124	**Sensores nas bikes recolhem dados para avisar de perigos** COSTA, Zulay. Sensores nas bikes recolhem dados para avisar de perigos. Jornal de Notícias. 28 fev 2019. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/especial/sensores-nas-bikes-recolhem-dados-para-avisar-de-perigos-11560095.html>.
	19.130	**Capacitação, integração e demografia** FERREIRA, Paulo Jorge. Capacitação, integração e demografia. Jornal de Notícias. 10 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.jn.pt/opiniao/convidados/capacitacao-integracao-e-demografia-11600360.html>.
		DIÁRIO AS BEIRAS
2010	10.01	**Aveiro com a Buga na ponta do pé** DIARIO AS BEIRAS. Aveiro com a Buga na ponta do pé. Diário As Beiras. 01 abr 2010. Online. Disponível em: < https://www.asbeiras.pt/2010/04/aveiro-com-a-buga-na-ponta-do-pe/>.
2011	11.02	**PSP identificou três suspeitos de roubos durante festa académica de Aveiro.** FRNAKLIN, Agostinho. PSP identificou três jovens suspeitos de roubos durante festa académica de Aveiro. Diário As Beiras. 27 mai 2010. Online. Disponível em: <https://www.asbeiras.pt/2011/05/psp-identificou-tres-jovens-suspeitos-de-roubos-durante-festa-academica-de-aveiro/>.
	11.04	**Siza Vieira, Alcino Soutinho e Souto de Moura honoris causa na Universidade de Aveiro.** FRNAKLIN, Agostinho. Siza Vieira, Alcino Soutinho e Souto de Moura honoris causa na Universidade de Aveiro. Diário As Beiras. 10 dez 2011. Online. Disponível em: <https://www.asbeiras.pt/2011/12/siza-vieira-alcino-soutinho-e-souto-de-moura-honoris-causa-na-universidade-de-aveiro/>.
2012	12.01	**Competição de ciência leva mais de 13 mil jovens a Aveiro.** MARQUES, Paulo. Competição de ciência leva mais de 13 mil jovens a Aveiro. Diário As Beiras. 21 abr 2012. Online. Disponível em: <compe://com.asbeiras.pt/2012/04/competição-de-ciencia-leva-mais-de-13-mil-jovens-a-aveiro/>

		em Aveiro. IM. Mais de cem assinam petição para impedir construção do Parque de Ciência e Inovação em Aveiro. Diário As Beiras. 10 jan 2013. Online. Disponível em: <https://www.asbeiras.pt/2013/01/mais-de-cem-assinam-peticao-para-impedir-construcao-do-parque-de-ciencia-e-inovacao-em-aveiro/>.
2014	14.01	Estudantes sírios em Aveiro esperam um dia regressar a país dilacerado pela guerra. LUSA. Estudantes sírios em Aveiro esperam um dia regressar a país dilacerado pela guerra. Diário As Beiras. 13 mar 2014. Online. Disponível em: <https://www.asbeiras.pt/2014/03/estudantes-sirios-em-aveiro-esperam-um-dia-regressar-a-pais-dilacerado-pela-guerra/>.
		WEBSITE INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO - NOTÍCIAS
2017	17.01	Universidade de Aveiro inaugura piso tátil UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Universidade de Aveiro inaugura piso tátil. Universidade de Aveiro. 03 mai 2017. Online. Disponível em: < https://www.ua.pt/pt/noticias/11/50290>.
2018	18.03	ECOMARE de portas abertas para dar a conhecer resultados do investimento europeu. UNIVERSIDADE DE AVEIRO. ECOMARE de portas abertas para dar a conhecer resultados do investimento europeu. Universidade de Aveiro. 22 mai 2018. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/54587>.
	18.14	"Planos": o campus da UA como nunca ninguém o viu UNIVERSIDADE DE AVEIRO. "Planos": o campus da UA como nunca ninguém o viu. Universidade de Aveiro. 17 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/55462>.
	18.18	Turistas e residentes: qualidade de vida aumenta com maior interação UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Turistas e residentes: qualidade de vida aumenta com maior interação. Universidade de Aveiro. 24 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/55704>.
	18.23	Novo espaço para incentivar comunidade a viver a UA em toda sua plenitude UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Novo espaço para incentivar comunidade a viver a UA em toda sua plenitude. Universidade de Aveiro. 07 nov 2018. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/56143>.
	18.27	AAUAv estréia websérie "A Vida Académica na Prática" UNIVERSIDADE DE AVEIRO. AAUAv estréia websérie "A Vida Académica na Prática". Universidade de Aveiro. 13 dez 2018. Online. Disponível em: < https://www.ua.pt/pt/noticias/0/56819>.
2019	19.01	"Campi" da UA já têm postos de carregamento de veículos elétricos UNIVERSIDADE DE AVEIRO. "Campi" da UA já têm carregamento de veículos elétricos. Universidade de Aveiro. 10 jan 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/56955>.
	19.05	Aveiro e UA juntam-se às celebrações do Ano Internacional da Tabela Periódica UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Aveiro e UA juntam-se às celebrações do Ano Internacional da Tabela Periódica. Universidade de Aveiro. 22 jan 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/57045>.
	19.06	Há excesso de turismo em Aveiro? UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Há excesso de turismo em Aveiro?. Universidade de Aveiro. 09 jan 2019. Online. Disponível em: < https://www.ua.pt/pt/noticias/0/56941>
	19.09	Livraria, Loja UA, e CTT agregados no mesmo espaço UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Livraria, Loja UA e CTT agregados no mesmo espaço. Universidade de Aveiro. 08 fev 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/57186>
	19.14	UA vai ser o primeiro campus universitário a acolher uma prova de resistência em BTT UNIVERSIDADE DE AVEIRO. UA vai ser o primeiro campus universitário a acolher uma prova de resistência BTT. Universidade de Aveiro. 19 fev 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/57298>
	19.32	UA em primeiro lugar nacional em três critérios de sustentabilidade UNIVERSIDADE DE AVEIRO. UA em primeiro lugar nacional em três critérios de sustentabilidade. Universidade de Aveiro. 05 abr 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/57801>.

		UNIVERSIDADE DE AVEIRO. UA inaugura Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes. Universidade de Aveiro. 04 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/58210>.
	19.56	Espaço de estudo aberto 24h no Snack-Bar da Universidade de Aveiro UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Espaço de estudo aberto 24h no Snack-Bar da Universidade de Aveiro. Universidade de Aveiro. 11 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/59253>.
	19.80	Candidaturas a lugares de estacionamento na UA decorrem entre 1 e 8 de outubro UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Candidaturas a lugares de estacionamento na UA decorrem entre 1 e 8 de outubro. Universidade de Aveiro. 11 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/60947>.
	19.81	UA recebe novos estudantes com mega piquenique UNIVERSIDADE DE AVEIRO. UA recebe novos estudantes com mega piquenique. Universidade de Aveiro. 13 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/ua-recebe-novos-estudantes-com-mega-piquenique-2/>.
	19.83	Mega piquenique de acolhimento invade a alameda da UA UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Mega piquenique de acolhimento invade a alameda da UA. Universidade de Aveiro. 16 set 2019. Online. Disponível em: < https://www.ua.pt/pt/noticias/0/60971>.
	19.84	Comunidade académica desafiada a deixar o carro em casa UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Comunidade académica desafiada a deixar o carro em casa. Universidade de Aveiro. 16 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/60975>.
	19.87	Espaço Grelhados (Snack da Universidade de Aveiro) a funcionar desde outubro UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Espaço Grelhados (Snack da Universidade de Aveiro) a funcionar desde outubro. Universidade de Aveiro. 19 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/61625>.
	19.89	Espaço Grelhados (Snack da Universidade de Aveiro) a funcionar desde outubro UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Espaço Grelhados (Snack da Universidade de Aveiro) a funcionar desde outubro. Universidade de Aveiro. 19 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/61625>.
	19.93	Encomenda online das refeições de Takeaway já disponível nas Cantinas de Santiago e do Castro UNIVERSIDADE DE AVEIRO. Encomenda online das refeições de Takeaway já disponível nas Cantinas de Santiago e do Castro. Universidade de Aveiro. 25 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/61051>.
	19.121	UA faz parte da Rede Campus Sustentável UNIVERSIDADE DE AVEIRO. UA faz parte da Rede Campus Sustentável. Universidade de Aveiro. 26 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/61776>.
	19.131	UA é uma das universidades mais sustentáveis do mundo UNIVERSIDADE DE AVEIRO. UA é uma das universidades mais sustentáveis do mundo. Universidade de Aveiro. 09 dez 2019. Online. Disponível em: < https://www.ua.pt/pt/noticias/11/62048>.
	19.139	A alimentação nos campi da UA UNIVERSIDADE DE AVEIRO. A alimentação nos campi da UA. Universidade de Aveiro. 18 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/11/62177>.
2020	20.09	UA estuda como valorizar as pessoas e equipar o território para o futuro digital UNIVERSIDADE DE AVEIRO. UA estuda como valorizar as pessoas e equipar o território para o futuro digital. Universidade de Aveiro. 31 jan 2020. Online. Disponível em: <https://www.ua.pt/pt/noticias/9/62460>.
		PÚBLICO
2017	17.03	O maior bairro social de Aveiro é cada vez mais parte da cidade. SANTANA, Maria José. O maior bairro social de Aveiro é cada vez mais parte da cidade. Público. 23 jul 2017. Online. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904>.

		SANTANA, Maria José. Laboratório para a participação cívica nasce num bairro de Aveiro. Público. 13 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/03/13/local/noticia/bairro-aveiro-laboratorio-participacao-civica-1865299>.
	19.104	Em poucos meses, já foram dragados 100 mil metros cúbicos de areia da ria de Aveiro SANTANA, Maria José. Em poucos meses, já foram dragados 100 mil metros cúbicos de areia da ria de Aveiro. Público. 25 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/10/25/local/noticia/meses-ja-dragados-100-mil-metros-cubicos-areia-ria-aveiro-1891398>.
	19.114	Aveiro distribui sensores para conhecer os percursos dos ciclistas urbanos LUSA. Aveiro distribui sensores para conhecer os percursos dos ciclistas urbanos. Público. 13 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/11/13/p3/noticia/aveiro-distribui-sensores-para-conhecer-os-percursos-dos-ciclistas-urbanos-1893598>.
	19.141	Um fotógrafo à procura de outros natais, no Bairro de Santiago SANTANA, Maria José. MIRANDA, Adriano. Um fotógrafo à procura de outros natais, no Bairro de Santiago. Público. 24 dez 2019. Online. Disponível em: <5T55S://5T5.publico.pt/2019/12/24/local/noticia/fotografo-procura-natais-bairro-santiago-1897935>.
2020	20.01	Joana quer cadeiras de rodas partilhadas em Aveiro – e é a P3rsonalidade 2019 PÚBLICO. Joana quer cadeiras de rodas partilhadas em Aveiro – e é a P3rsonalidade 2019. Público. 06 jan 2020. Online. Disponível em: <5https://www.publico.pt/2020/01/06/p3/noticia/joana-quer-cadeiras-rodas-partilhadas-aveiro-p3rsonalidade-2019-1899381>.
		NOTÍCIAS DE AVEIRO
2018	18.06	'Parque da Cidade' dá visibilidade ao corredor verde de Aveiro NOTÍCIAS DE AVEIRO. 'Parque da Cidade' dá visibilidade ao corredor verde de Aveiro. Notícias de Aveiro. 28 jul 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/parque-da-cidade-da-visibilidade-ao-corredor-verde-de-aveiro/>.
	18.07	Rossio insustentável ALVARENGA, Rui. Rossio insustentável. Notícias de Aveiro. 08 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/rossio-insustentavel/>.
	18.09	UA acolhe 410 estudantes estrangeiros de 38 países NOTÍCAS DE AVEIRO. UA acolhe 410 estudantes estrangeiros de 38 países. Notícias de Aveiro. 11 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/ua-acolhe-410-estudantes-estrangeiros-de-38-paises/>.
	18.10	UA recebe estudantes com mega piquenique NOTÍCAS DE AVEIRO. UA recebe estudantes com mega piquenique. Notícias de Aveiro. 12 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/ua-recebe-novos-estudantes-com-mega-piquenique/>.
	18.11	Aveiro: rotunda do ISCA pronta em meio ano NOTÍCAS DE AVEIRO. Aveiro: rotunda do ISCA pronta em meio ano. Notícias de Aveiro. 13 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-rotunda-do-isca-pronta-em-meio-ano/>.
	18.13	Piquenique aguçou apetite dos caloiros pela UA NOTÍCAS DE AVEIRO. Piquenique aguçou apetite dos caloiros pela UA. Notícias de Aveiro. 17 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/piquenique-agucou-apetite-dos-caloiros-pela-ua/>.
	18.16	Recriação do torrão da Ria de Aveiro – uma tradição ancestral NOTÍCAS DE AVEIRO. Recriação do torrão da Ria de Aveiro – uma tradição ancestral. Notícias de Aveiro. 21 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/recriacao-do-torrao-da-ria-de-aveiro-uma-tradicao-ancestral/>.
	18.17	Nó da Avenida da Universidade/ Novo acesso ao Parque da Cidade de Aveiro CÂMARA DE AVEIRO. Nó da Avenida da Universidade/ Novo acesso ao Parque da Cidade de Aveiro. Notícias de Aveiro. 22 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/no-da-avenida-da-universidade-novo-acesso-ao-parque-da-cidade-de-aveiro/>.

		NOTICIAS DE AVEIRO. Mais de duas centenas de bicicletas a caminho da UA. Notícias de Aveiro. 27 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/mais-de-duas-centenas-de-bicicletas-a-caminho-da-ua/>.
	18.20	Um novo Aveiro está a nascer... BARRETO, Catarina. Um novo Aveiro está a nascer... Notícias de Aveiro. 28 set 2018. Online. Disponível em: < https://www.noticiasdeaveiro.pt/2534-2/>.
	18.21	Mais de duas centenas de bicicletas a caminho da UA NOTÍCIAS DE AVEIRO. Voluntários da Erasmus Student Network juntam-se em Aveiro. Notícias de Aveiro. 01 nov 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/voluntarios-da-erasmus-student-network-juntam-se-em-aveiro/>.
	18.25	António Alves é candidato à presidência da AAUAv NOTÍCIAS DE AVEIRO. António Alves é candidato à presidência da AAUAv. Notícias de Aveiro. 07 dez 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/antonio-alves-e-candidato-a-presidencia-da-aauav/>.
	18.26	Nova direção da AAUAv eleita com quase 2660 votos NOTÍCIAS DE AVEIRO. Nova direção da AAUAv eleita com quase 2660 votos. Notícias de Aveiro. 12 dez 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/nova-direcao-da-aauav-eleita-com-quase-2660-votos/>.
	18.28	Universidade de Aveiro/45 anos: Reitor reafirma vocação para gerar "conhecimento" NOTÍCIAS DE AVEIRO. Universidade de Aveiro/45 anos: Reitor reafirma vocação para gerar "conhecimento". Notícias de Aveiro. 18 dez 2018. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/universidade-de-aveiro-reitor-reafirma-vocacao-para-gerar-conhecimento-nos-45-anos/>.
2019	19.04	Iniciativa urbanística da Câmara de Aveiro no Rossio - parecer PLATAFORMA CIDADES. Iniciativa urbanística da Câmara de Aveiro no Rossio - parecer. Notícias de Aveiro. 19 jan 2019. Online. Disponível em: < https://www.noticiasdeaveiro.pt/iniciativa-urbanistica-da-camara-de-aveiro-no-rossio-parecer/>.
	19.07	"Esticar a cidade" para acomodar crescimento turístico NOTÍCIAS DE AVEIRO. "Esticar a cidade" para acomodar crescimento turístico. Notícias de Aveiro. 31 fev 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/esticar-a-cidade-para-acomodar-crescimento-turistico/>.
	19.11	Três talhos, dois quiosques e dois escritórios assaltados em Aveiro NOTÍCIAS DE AVEIRO. Três talhos, dois quiosques e dois escritórios assaltados em Aveiro. Notícias de Aveiro. 15 fev 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/tres-talhos-dois-quiosques-e-dois-escritorios-assaltados-em-aveiro/>.
	19.12	Assaltos: Vigilância vídeo e alarme no mercado de Santiago só após melhoramentos NOTÍCIAS DE AVEIRO. Assaltos: Vigilância vídeo e alarme no mercado de Santiago só após melhoramentos. Notícias de Aveiro. 15 fev 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/assaltos-vigilancia-video-e-alarme-no-mercado-de-santiago-so-apos-melhoramentos/>
	19.17	'Lab Cívico' surge em Aveiro para "aprofundar a democracia participativa e envolver comunidades locais". NOTÍCIAS DE AVEIRO. 'Lab Cívico' surge em Aveiro para "aprofundar a democracia participativa e envolver comunidades locais". Notícias de Aveiro. 01 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/lab-civico-surge-em-aveiro-para-aprofundar-a-democracia-participativa-e-envolver-as-comunidades-locais/>
	19.22	XPERIMENTA! Vem conhecer, experimentar e viver a UA NOTÍCIAS DE AVEIRO.XPERIMENTA! Vem conhecer, experimentar e viver a UA. Notícias de Aveiro. 16 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/xperimenta-vem-conhecer-experimentar-e-viver-a-ua/>.
	19.27	Aveiro: Ciclovia entre Universidade de Aveiro (UA) e a estação da CP passa pelo Centro de Congressos NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Ciclovia entre Universidade de Aveiro (UA) e a estação da CP passa pelo Centro de Congresso. Notícias de Aveiro. 20 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-ciclovia-entre-universidade-de-aveiro-ua-e-a-estacao-da-cp-passa-pelo-centro-de-congressos/>

		NOTICIAS DE AVEIRO. "Sal de Aveiro" procura idéias para dar vida a antigas marinhas. Notícias de Aveiro. 28 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/sal-de-aveiro-procura-ideias-para-dar-vida-a-antigas-marinhas/>
	19.30	Estratégia cultural aponta para tornar Aveiro "a cidade que melhores condições dá aos artistas" NOTÍCIAS DE AVEIRO. Estratégia cultural aponta para tornar Aveiro "a cidade que melhores condições dá aos artistas". Notícias de Aveiro. 02 abr 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/estrategia-cultural-aponta-para-tornar-aveiro-a-cidade-que-melhores-condicoes-da-aos-artistas/>
	19.33	Aveiro: Alterações de circulação viária no Bairro de Santiago NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Alterações de circulação viária no Bairro de Santiago. Notícias de Aveiro. 20 abr 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-alteracoes-de-circulacao-viaria-no-bairro-de-santiago/>.
	19.36	Bloco de Esquerda quer um gabinete de apoio aos estudantes na freguesia da Glória e Vera Cruz NOTÍCIAS DE AVEIRO. Bloco de Esquerda quer um gabinete de apoio aos estudantes na freguesia da Glória e Vera Cruz. Notícias de Aveiro. 24 abr 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/bloco-de-esquerda-quer-um-gabinete-de-apoio-aos-estudantes-na-freguesia-da-gloria-e-vera-cruz/>
	19.38	Aveiro quer aproveitar a rede "EuniverCities" para fortalecer a candidatura a Capital Europeia da Cultura NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro quer aproveitar a rede "EuniverCitie" para fortalecer a candidatura a Capital Europeia da Cultura. Notícias de Aveiro. 8 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-quer-aproveitar-a-rede-eunivercities-para-fortalecer-a-candidatura-a-capital-europeia-da-cultura/>
	19.40	Projetar na Europa "a cultura aveirense como fator de diferenciação do território" e internacionalização NOTÍCIAS DE AVEIRO. Projetar na Europa "a cultura aveirense como fator de diferenciação do território" e internacionalização. Notícias de Aveiro. 12 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/projetar-cultura-aveirense-como-factor-de-diversificacao-do-territorio-e-internacionalizacao/>
	19.41	"Estamos apostados no aprofundamento da integração europeia e no crescimento da Cidade, do Município e da Região de Aveiro" NOTÍCIAS DE AVEIRO. "Estamos apostados no aprofundamento da integração européia e no crescimento da Cidade, do Município e da Região de Aveiro". Notícias de Aveiro. 13 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/estamos-apostados-no-aprofundamento-da-integracao-europeia-e-no-crescimento-da-cidade-do-municipio-e-da-regiao-de-aveiro/>.
	19.42	Aveiro: Rotunda do ISCA-UA aberta ao trânsito NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Rotunda do ISCA-UA aberta ao trânsito. Notícias de Aveiro. 21 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-rotunda-do-isca-ua-aberta-ao-transito/>.
	19.44	E se a paisagem nos contasse histórias? Uma nova perspectiva da cidade de Aveiro CLEMENTE, Mariana. E se a paisagem nos contasse histórias? Uma perspectiva da cidade de Aveiro. Notícias de Aveiro. 22 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/e-se-a-paisagem-nos-contasse-historias-uma-nova-perspetiva-da-cidade-de-aveiro/>.
	19.45	Aveiro: Obras em Azurva, São Bernardo, Mercado de Santiago e Teatro Aveirense NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Obras em Azurva, São Bernardo, Mercado de Santiago e Teatro Aveirense. Notícias de Aveiro. 22 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-obras-em-azurva-sao-bernardo-mercado-de-santiago-e-teatro-aveirense/>.
	19.46	PS pede correções junto à nova rotunda do ISCA e requalificação da avenida da Universidade NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: OS pede correções junto à nova rotunda do ISCA e requalificação da avenida da Universidade. Notícias de Aveiro. 23 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/ps-pede-correcoes-junto-a-nova-rotunda-do-isca-e-requalificacao-da-avenida-da-universidade/>.

		NOTICIAS DE AVEIRO. Aveiro: 280 artistas animam Festival dos Canais, Gilberto Gil de regresso. Notícias de Aveiro. 23 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/280-artistas-animam-festival-dos-canais-gilberto-gil-de-regresso/>.
	19.48	Rotunda do ISCA negligencia protecção dos utilizadores vulneráveis – MUBi. MUBi. Rotunda do ISCA negligencia protecção dos utilizadores vulneráveis - MUBi. Notícias de Aveiro. 28 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/rotunda-do-isca-negligencia-proteccao-dos-utilizadores-vulneraveis-mubi/>.
	19.51	Ria de Aveiro: I Conferência do MARIA NOTÍCIAS DE AVEIRO. Ria de Aveiro: I Conferência do MARIA. Notícias de Aveiro. 03 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/ria-de-aveiro-i-conferencia-do-maria/>.
	19.53	Guia SIG para percursos turísticos em Aveiro vale prémio nacional NOTÍCIAS DE AVEIRO. Guia SIG para percursos turísticos em Aveiro vale prémio nacional. Notícias de Aveiro. 04 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/guia-sig-para-percursos-turisticos-em-aveiro-vale-premio-nacional/>.
	19.55	Almoço comunitário reforçou laços a fechar o Lab Cívico Santiago NOTÍCIAS DE AVEIRO. Almoço comunitário reforçou laços a fechar o Lab Cívico Santiago. Notícias de Aveiro. 11 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/almoco-comunitario-reforcou-lacos-em-santiago/>.
	19.58	Aveiro: Presidente rejeita críticas ao Plano Estratégico da Cultura NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Presidente rejeita críticas ao Plano Estratégico da Cultura. Notícias de Aveiro. 14 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-presidente-rejeita-criticas-ao-plano-estrategico-da-cultura/>.
	19.59	Rotunda do ISCA vai receber melhoramentos por razões de segurança viária NOTÍCIAS DE AVEIRO. Rotunda do ISCA vai receber melhoramentos por razões de segurança viária. Notícias de Aveiro. 21 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/rotunda-do-isca-vai-receber-melhoramentos-por-razoes-de-seguranca-viaria/>.
	19.63	Aveiro: 'BUGA 2' a concurso por 600 mil euros para trazer mais de duas centenas de bicicletas e 20 estações. NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: 'BUGA 2' a concurso por 600 mil euros para trazer mais de duas centenas de bicicletas e 20 estações. Notícias de Aveiro. 27 jun 2019. Online. Disponível em: < https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-buga-2-a-concurso-por-600-mil-euros-para-trazer-mais-de-duas-centenas-de-bicicletas-e-20-estacoes/>.
	19.64	Aveiro: Cicloconversa com Jorge Brand (Goura) NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Cicloconversa com Jorge Brand (Goura). Notícias de Aveiro. 27 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-cicloconversa-com-jorge-brand-goura/>.
	19.69	Aveiro/ Centro Comercial Glicínias – obras de urbanização CÂMARA DE AVEIRO. Aveiro/ Centro Comercial Glicínias – obras de urbanização. Notícias de Aveiro. 02 jul 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-centro-comercial-glicinias-obras-de-urbanizacao/>.
	19.71	Aveiro: Câmara admite readquirir lojas do mercado de Santiago se o preço for "baratinho" NOTÍCIAS DE AVEIRO Aveiro: Câmara admite readquirir lojas do mercado de Santiago se o preço for "baratinho". Notícias de Aveiro. 04 jul 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-camara-admite-readquire-lojas-do-mercado-de-santiago-se-o-preco-for-baratinho/>.
	19.72	Aveiro: Presidente da Câmara vê motivações políticas nas críticas à rotunda do ISCA NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Presidente da Câmara vê motivações políticas nas críticas à rotunda do ISCA. Notícias de Aveiro. 06 jul 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-presidente-da-camara-ve-motivacoes-politicas-criticas-a-rotunda-do-isca/>.
	19.73	Não brinquemos com a participação cívica! TAVARES, Sara. Não brinquemos com a participação cívica!. Notícias de Aveiro. 14 jul 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/nao-brinquemos-com-a-participacao-civica/>.

	MONIZ, João. A Política das Smart Cities. Notícias de Aveiro. 18 jul 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/a-politica-das-smart-cities/>
19.77	Alertas e incertezas em torno da questão: como são usadas as TIC pelas crianças e jovens? LOUREIRO, Maria João. Alertas e incertezas em torno da questão: como são usadas as TIC pelas crianças e jovens?. Notícias de Aveiro. 25 ago 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/alertas-e-incertezas-em-torno-da-questao-como-sao-usadas-as-tic-pelas-criancas-e-jovens/>
19.86	Aveiro: Adjudicada a demolição do 'velhinho' estádio Mário Duarte NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Adjudicada a demolição do 'velhinho' estádio Mário Duarte. Notícias de Aveiro. 19 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-adjudicada-a-demolicao-do-velhinho-estadio-mario-duarte/>.
19.96	Câmara volta a tramar utilizadores de bicicleta MUBi. Câmara volta a tramar utilizadores de bicicleta. Notícias de Aveiro. 06 out 2019. Online. Disponível em: < https://www.noticiasdeaveiro.pt/camara-volta-a-tramar-utilizadores-de-bicicleta/>.
19.97	Aveiro: Concluída a rotunda da antiga EN 109 com a Rua Sacobão NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Concluída a rotunda da antiga EN 109 com a Rua Sacobão. Notícias de Aveiro. 09 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-concluida-a-rotunda-da-antiga-en-109-com-a-rua-do-sacobao/>.
19.98	"Aveiro Tech City" é a nova marca da cidade dos canais, agora também tecnológicos NOTÍCIAS DE AVEIRO. "Aveiro Tech City" é a nova marca da cidade dos canais, agora também tecnológicos. Notícias de Aveiro. 10 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-tech-city-e-a-nova-marca-da-cidade-dos-canais-agora-tambem-tecnologicos/>.
19.101	Dois homens assaltam mercado e levam centenas de quilos de fruta em Aveiro NOTÍCIAS DE AVEIRO. Dois homens assaltam mercado e levam centenas de quilos de frutas em Aveiro. Notícias de Aveiro. 19 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/dois-homens-assaltam-mercado-e-levam-centenas-de-quilos-de-fruta-em-aveiro/>.
19.109	Aveiro: Qualificação urbana continua a levar a maior fatia do orçamento camarário NOTÍCIAS DE AVEIRO. Dois homens assaltam mercado e levam centenas de quilos de frutas em Aveiro. Notícias de Aveiro. 29 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-qualificacao-urbana-continua-a-levar-a-maior-fatia-do-orcamento-camarario/>.
19.110	Escola Ciência Viva envolve 750 alunos do concelho de Aveiro NOTÍCIAS DE AVEIRO. Escola Ciência Viva envolve 750 alunos do concelho de Aveiro. Notícias de Aveiro. 05 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/escola-ciencia-viva-envolve-750-alunos-do-concelho-de-aveiro/>.
19.111	Aveiro: Câmara nega "cortes radicais" de árvores NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Câmara nega "cortes radicais" de árvores. Notícias de Aveiro. 08 nov 2019. Online. Disponível em: < https://www.noticiasdeaveiro.pt/21872-2/>.
19.112	Mais uma empreitada de reabilitação em Santiago NOTÍCIAS DE AVEIRO. Mais uma empreitada de reabilitação em Santiago. Notícias de Aveiro. 08 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/mais-uma-empreitada-de-reabilitacao-em-santiago/>.
19.115	Programa funcional de novos edifícios do Hospital de Aveiro "em pleno desenvolvimento" NOTÍCIAS DE AVEIRO. Programa funcional de novos edifícios do Hospital de Aveiro "em pleno desenvolvimento". Notícias de Aveiro. 13 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/programa-funcional-de-novos-edificios-do-hospital-de-aveiro-em-pleno-desenvolvimento/>.
19.116	UA contrata fornecimento de 239 bicicletas NOTÍCIAS DE AVEIRO. UA contrata fornecimento de 239 bicicletas. Notícias de Aveiro. 13 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/ua-contrata-fornecimento-de-239-bicicletas/>.

		NOTICIAS DE AVEIRO. Aveiro: 24 habitações sociais requalificadas passam para os inquilinos. Notícias de Aveiro. 13 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-24-habitacoes-sociais-requalificadas-passam-para-os-inquilinos/>.
	19.119	Furtos e atos de vandalismo obrigaram a encerrar creche da Universidade de Aveiro NOTÍCIAS DE AVEIRO. Furtos e atos de vandalismo obrigaram a encerrar creche da Universidade de Aveiro. Notícias de Aveiro. 16 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/furto-e-atos-de-vandalismo-obrigaram-a-encerrar-creche-da-universidade-de-aveiro/>.
	19.120	Ria de Aveiro acolhe "uma das maiores intervenções arqueológicas em Portugal na última década" NOTÍCIAS DE AVEIRO. Ria de Aveiro acolhe "uma das maiores intervenções arqueológicas em Portugal na última década". Notícias de Aveiro. 22 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/ria-de-aveiro-acolhe-uma-das-maiores-intervencoes-arqueologicas-em-portugal-na-ultima-decada/>.
	19.127	Novo PDM de Aveiro vai permitir a ampliação do PCI NOTÍCIAS DE AVEIRO. Novo PDM de Aveiro vai permitir a ampliação do PCI. Notícias de Aveiro. 29 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/novo-pdm-de-aveiro-vai-permitir-a-ampliacao-do-pci/>.
	19.128	Aveiro/ Ampliação do Hospital: Apelo a um esclarecimento público que tarda... NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro/ Ampliação do Hospital: Apelo a um esclarecimento público que tarda.... Notícias de Aveiro. 03 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-ampliacao-do-hospital-apelo-a-um-esclarecimento-publico-que-tarda/>.
	19.133	Informação pública sobre a ampliação do Hospital de Aveiro (CHBV, CMA e UA) NOTÍCIAS DE AVEIRO. Informação pública sobre a ampliação do Hospital de Aveiro (CHBV, CMA e UA). Notícias de Aveiro. 11 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/informacao-publica-sobre-a-ampliacao-do-hospital-de-aveiro-chbv-cma-e-ua/>.
	19.134	A ampliação do Hospital / Resposta à informação pública da CMA, UA e CHBV SOUTO, Pompílio. A ampliação do Hospital / Resposta à informação pública da CHBV, CMA e UA. Notícias de Aveiro. 16 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/a-ampliacao-do-hospital-resposta-a-informacao-publica-da-cma-ua-e-chbv/>.
	19.136	Aveiro: Mercado de Santiago recebe 'enCanto do Natal' NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Mercado de Santiago recebe 'enCanto do Natal'. Notícias de Aveiro. 16 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-mercado-de-santiago-recebe-encanto-do-natal/>.
2020	20.07	Marca 'Aveiro 2027' aproxima candidatura da Capital Europeia da Cultura à cidade NOTÍCIAS DE AVEIRO. Marca 'Aveiro 2027' aproxima candidatura da Capital Europeia da Cultura à cidade. Notícias de Aveiro. 27 jan 2020. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/marca-aveiro-2027-aproxima-candidatura-da-capital-europeia-da-cultura-a-cidade/>.
	20.11	Aveiro: Execução do trajeto ciclável entre a UA e a Estação da CP NOTÍCIAS DE AVEIRO. Aveiro: Execução do trajeto ciclável entre a UA e a Estação da CP. Notícias de Aveiro. 05 fev 2020. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aveiro-execucao-do-trajeto-ciclavel-entre-a-ua-e-a-estacao-da-cp/>.
	20.12	Envolver jovens é um ponto chave do ClairCity REIS, Johnny. Envolver jovens é um ponto chave do ClairCity. Notícias de Aveiro. 19 fev 2020. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/envolver-jovens-e-um-ponto-de-chave-do-claircity/>.
	20.13	Biblioteca da UA aberta 24x7, a partir de 12 de outubro de 2020 NOTÍCIAS DE AVEIRO. Biblioteca da UA aberta 24x7, a partir de 12 de outubro de 2020. Notícias de Aveiro. 20 fev 2020. Online. Disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/biblioteca-da-ua-aberta-24x7-a-partir-de-12-outubro-de-2020/>.

2018	18.15	Cedência de parcela para reformulação do nó ISCA-UA CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Cedência de parcela para a reformulação do nós ISCA-UA. Câmara Municipal de Aveiro. 20 set 2018. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/cedencia-de-parcela-para-reformulacao-do-no-isca-ua>.
	18.24	Protocolo de colaboração com a AAUAV CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Protocolo de colaboração com a AAUAV. Câmara Municipal de Aveiro. 30 nov 2018. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/protocolo-de-colaboracao-com-a-aauav>.
2019	19.03	Novo parque de estacionamento provisório aberto ao público CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Novo parque de estacionamento provisório aberto ao público. Câmara Municipal de Aveiro. 18 jan 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/novo-parque-de-estacionamento-provisorio-aberto-ao-publico>.
	19.08	Condicionamentos de trânsito no acesso ao ISCA-UA CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Condicionamentos de trânsito no acesso ao ISCA-UA. Câmara Municipal de Aveiro. 06 fev 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/condicionamentos-de-transito-no-acesso-ao-isca-ua>.
	19.28	Acordo de parceria do projeto UIA – Aveiro STEAM City CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Acordo de parceria do projeto UIA – Aveiro STEAM City. Câmara Municipal de Aveiro. 22 mar 2019. Online. Disponível em: < https://www.cm-aveiro.pt/inovacao/aveiro-steam-city/noticia/acordo-de-parceria-do-projeto-uia-aveiro-steam-city>.
	19.34	Alterações de circulação viária no bairro de Santiago CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Alterações de circulação viária no bairro de Santiago. Câmara Municipal de Aveiro. 22 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/alteracoes-de-circulacao-viaria-no-bairro-de-santiago>.
	19.54	Adjudicada obra da via ciclável UA – estação CP CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Adjudicada obra da via ciclável UA – estação CP. Câmara Municipal de Aveiro. 06 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/adjudicada-obra-da-via-ciclavel-ua-estacao-cp>.
	19.62	Rotunda do ISCA-UA | Redutores de velocidade CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Rotunda do ISCA-UA | Redutores de velocidade. Câmara Municipal de Aveiro. 26 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/obras-municipais/noticia/rotunda-do-isca-ua-redutores-de-velocidade>.
	19.65	CM Aveiro avança com a "BUGA 2" CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. CM Aveiro avança com a "BUGA 2". Câmara Municipal de Aveiro. 27 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/cm-aveiro-avanca-com-a-buga-2>.
	19.70	CC Glicínias – obras de urbanização CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. CC Glicínias – obras de urbanização. Câmara Municipal de Aveiro. 03 jul 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/cc-glicinias-obras-de-urbanizacao>.
	19.90	Requalificação da zona do antigo estádio Mário Duarte CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Requalificação da zona do antigo estádio Mário Duarte. Câmara Municipal de Aveiro. 20 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/requalificacao-da-zona-do-antigo-estadio-mario-duarte>.
	19.100	Protocolo de cooperação entre a CMA e a Universidade de Aveiro CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Protocolo de cooperação entre a CMA e a Universidade de Aveiro. Câmara Municipal de Aveiro. 17 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/protocolo-de-cooperacao-entre-a-cma-e-a-universidade-de-aveiro>.

		CAMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Rua da Pega entra em obra. Câmara Municipal de Aveiro. 22 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/rua-da-pega-entra-em-obra>.
	19.118	Protocolo Ampliação e Requalificação do Hospital CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Protocolo Ampliação e Requalificação do Hospital. Câmara Municipal de Aveiro. 13 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/protocolo-ampliacao-e-requalificacao-do-hospital>.
	19.132	Entrada em vigor do novo PDM de Aveiro CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. Entrada em vigor o novo PDM de Aveiro. Câmara Municipal de Aveiro. 10 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/entrada-em-vigor-do-novo-pdm-de-aveiro>.
		AVEIRO MAG
2019	19.13	Não há dúvida: Aveiro está na moda SANTANA, Maria José. Não há dúvida: Aveiro está na moda. AVEIROMAG. 16 fev 2019. Online. Disponível em: < https://www.aveiromag.pt/2019/02/16/aveiro-na-moda/>.
	19.18	Projeto de “revolução” tecnológica apresentado dia 8 pela câmara de Aveiro SANTANA, Maria José. Projeto de “revolução” tecnológica apresentado dia 8 pela câmara de Aveiro. AVEIROMAG. 2 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/03/02/projeto-de-revolucao-tecnologica-apresentado-dia-8-pela-camara-de-aveiro/>.
	19.19	As dinâmicas cívicas que estão a mudar (nosso) mundo! MOTA, José Carlos. As dinâmicas cívicas que estão a mudar (nosso) mundo!. AVEIROMAG. 2 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/03/02/as-dinamicas-civicas-que-estao-a-mudar-o-nosso-mundo/>.
	19.20	Aveiro vai ser exemplo europeu ao nível da tecnologia 5G SANTANA, Maria José. Aveiro vai ser exemplo europeu ao nível da tecnologia 5G. AVEIROMAG. 8 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/03/08/aveiro-vai-ser-exemplo-europeu-ao-nivel-da-tecnologia-5g/>.
	19.23	Candidatos ao Parlamento Europeu debatem o futuro do turismo na UA SANTANA, Maria José. Candidatos ao Parlamento Europeu debatem o futuro do turismo na UA. AVEIROMAG. 16 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/03/16/candidatos-ao-parlamento-europeu-debatem-o-futuro-do-turismo-na-ua/>.
	19.24	Plataforma Cidades: eles refletem sobre o que é preciso para se ser feliz na cidade SANTANA, Maria José. Plataforma Cidades: eles refletem sobre o que é preciso para se ser feliz na cidade. AVEIROMAG. 20 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/03/20/plataforma-cidades-eles-refletem-sobre-o-que-e-preciso-para-se-ser-feliz-na-cidade/>.
	19.25	Aveiro tornou-se uma galeria imprevisível de arte urbana FILIPE, Salomé. Aveiro tornou-se uma galeria imprevisível de arte urbana. AVEIROMAG. 20 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/03/20/aveiro-tornou-se-uma-galeria-imprevisivel-de-arte-urbana/>.
	19.26	Prova de resistência em BTT marcada para dia 30 no campus da UA AVEIROMAG. Prova de resistência BTT marcada para dia 30 no campus da UA. AVEIROMAG. 20 mar 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/03/20/prova-de-resistencia-em-btt-marcada-para-dia-30-no-campus-da-ua/>.
	19.35	UA dá a conhecer o que melhor sabe fazer numa mostra aberta a todos AVEIROMAG. UA dá a conhecer o que melhor sabe fazer numa mostra aberta a todos. AVEIROMAG. 24 abr 2019. Online. Disponível em: < https://www.aveiromag.pt/2019/04/24/ua-da-a-conhecer-o-que-melhor-sabe-fazer-numa-mostra-aberta-a-todos/>.
	19.37	Os dez lugares mais instagramáveis de Aveiro, cidade e distrito FREITAS, Isadora. UA Os dez lugares mais instagramáveis de Aveiro, cidade e distrito. AVEIROMAG. 28 abr 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/04/28/os-dez-lugares-mais-instagramaveis-de-aveiro-cidade-e-distrito/>.

		SANTANA, Maria José. Vizinhos são chamados a conviver, esta sexta-feira, no Bairro de Santiago. AVEIROMAG. 21 mai 2019. Online. Disponível em: < https://www.aveiromag.pt/2019/05/21/vizinhos-sao-chamados-a-conviver-esta-sexta-feira-no-bairro-de-santiago/>.
	19.49	Eco Aventura: Aveiro prepara-se para viver uma semana "verde" AVEIROMAG. Eco Aventura: Aveiro prepara-se para viver uma semana "verde". AVEIROMAG. 30 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/05/30/eco-aventura-aveiro-prepara-se-para-viver-uma-semana-verde/>.
	19.50	Segunda é dia de pedalar e, em Aveiro, isso vai dar direito a descontos SANTANA, Maria José. Segunda é dia de pedalar e, em Aveiro, isso vai dar direito a descontos. AVEIROMAG. 31 mai 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/05/31/segunda-e-dia-de-pedalar-e-em-aveiro-isso-vai-dar-direito-a-descontos/>.
	19.61	Biodiversidade da Ria de Aveiro volta a ser tema de conversa AVEIROMAG. Biodiversidade da Ria de Aveiro volta a ser tema de conversa. AVEIROMAG. 24 jun 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/06/24/biodiversidade-da-ria-de-aveiro-volta-a-ser-tema-de-conversa/>.
	19.68	Ativista brasileiro vem a Aveiro falar sobre a sua experiência em defesa das bicicletas AVEIROMAG. Ativista brasileiro vem a Aveiro falar sobre a sua experiência em defesa das bicicletas. AVEIROMAG. 30 jun 2019. Online. Disponível em: < https://www.aveiromag.pt/2019/06/30/ativista-brasileiro-vem-a-aveiro-falar-sobre-a-sua-experiencia-em-defesa-das-bicicletas/>.
	19.74	Quarta-feira é dia de mais uma conversa sobre a biodiversidade da ria AVEIROMAG. Quarta-feira é dia de mais uma conversa sobre a biodiversidade da ria. AVEIROMAG. 30 jun 2019. Online. Disponível em: < https://www.aveiromag.pt/2019/06/30/ativista-brasileiro-vem-a-aveiro-falar-sobre-a-sua-experiencia-em-defesa-das-bicicletas/>.
	19.82	Estendam-se as toalhas na relva. Esta segunda há mega piquenique na UA AVEIROMAG. Estendam-se as toalhas na relva. Esta segunda há mega piquenique na UA. AVEIROMAG. 15 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/09/15/estendam-se-as-toalhas-na-relva-esta-segunda-ha-mega-piquenique-na-ua/>.
	19.88	Demolição do antigo Estádio Mário Duarte prestes a avançar AVEIROMAG. Demolição do antigo Estádio Mário Duarte prestes a avançar. AVEIROMAG. 19 set 2019. Online. Disponível em: < https://www.aveiromag.pt/2019/09/19/demolicao-do-antigo-estadio-mario-duarte-prestes-a-avancar/>.
	19.94	Arquitetura da Universidade de Aveiro inspira ciclo de tertúlias e visitas AVEIROMAG. Arquitetura da Universidade de Aveiro inspira a ciclo de tertúlias e visitas. AVEIROMAG. 29 set 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/09/29/arquitetura-da-universidade-de-aveiro-inspira-ciclo-de-tertulias-e-visitas/>.
	19.99	Ecomare: Chegar à final do RegioStars 2019 já teve um sabor de vitória SANTANA, Maria José. Ecomare: Chegar à final do RegioStars 2019 já teve um sabor de vitória. AVEIROMAG. 10 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/10/10/ecomare-chegar-a-final-do-regiostars-2019-ja-teve-um-sabor-a-vitoria/>.
	19.102	Plataforma Cidades e Mestrado em Planeamento também vão debater o PDM AVEIROMAG. Plataforma Cidades e Mestrado em Planeamento também vão debater o PDM. AVEIROMAG. 20 out 2019. Online. Disponível em: < https://www.aveiromag.pt/2019/10/20/plataforma-cidades-e-mestrado-em-planeamento-tambem-vao-debater-o-pdm/>.
	19.103	Aveiro: MUBi critica "a crescente motorização da cidade" AVEIROMAG. Aveiro: MUBi critica "a crescente motorização da cidade". AVEIROMAG. 22 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/10/22/aveiro-mubi-critica-a-crescente-motorizacao-da-cidade/>.
	19.105	Moliço e dragagens na Ria de Aveiro SILVA, José Figueiredo da. Moliço e dragagens na Ria de Aveiro. AVEIROMAG. 26 out 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/10/26/molico-e-dragagens-na-ria-de-aveiro/>.

		AVEIROMAG. Festivais de Outono prestes a viver os seus últimos três concertos. AVEIROMAG. 26 nov 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/11/26/festivais-de-outono-prestes-a-viverem-os-seus-ultimos-tres-concertos/>.
	19.129	Tem uma bicicleta encostada na garagem? Pode doá-la ao "PedalAdar" AVEIROMAG. Tem uma bicicleta encostada na garagem? Pode doá-la ao "PedalAdar". AVEIROMAG. 08 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/11/26/festivais-de-outono-prestes-a-viverem-os-seus-ultimos-tres-concertos/>.
	19.135	À mesa do CUFC, o Natal voltará a ser celebrado de forma multicultural AVEIROMAG. À mesa do CUFC, o Natal voltará a ser celebrado de forma multicultural. AVEIROMAG. 16 dez 2019. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2019/12/16/a-mesa-do-cufc-o-natal-voltara-a-ser-celebrado-de-forma-multicultural/>.
2020	20.02	Antiga aluna da UA eleita "Personalidade de 2019" AVEIROMAG. Antiga aluna da UA eleita "Personalidade de 2019". AVEIROMAG. 06 jan 2020. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2020/01/06/antiga-aluna-da-ua-eleita-personalidade-de-2019/>.
	20.04	UA dá mais um (bom) exemplo de inclusão com novo vídeo AVEIROMAG. UA dá mais um (bom) exemplo de inclusão com novo vídeo. AVEIROMAG. 12 jan 2020. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2020/01/12/ua-da-mais-um-bom-exemplo-de-inclusao-com-novo-video/>.
	20.06	Desafios para a década em debate na Universidade de Aveiro AVEIROMAG. Desafios para a década em debate na Universidade de Aveiro. AVEIROMAG. 19 jan 2020. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2020/01/19/desafios-para-a-decada-em-debate-na-universidade-de-aveiro/>.
	20.14	Carrilho da Graça marca segunda sessão sobre arquitetura na UA AVEIROMAG. Carrilho da Graça marca segunda sessão sobre arquitetura na UA. AVEIROMAG. 24 fev 2020. Online. Disponível em: <https://www.aveiromag.pt/2020/02/24/carrilho-da-graca-marca-segunda-sessao-sobre-arquitetura-na-ua/>.
		DIÁRIO DE AVEIRO
2019	19.78	O bairro de Santiago visto pelos mais novos DIÁRIO DE AVEIRO. O bairro de Santiago visto pelos mais novos. DIÁRIO DE AVEIRO. 01 set 2019. Online. Disponível: < https://www.diarioaveiro.pt/noticia/47986>.
	19.79	Entrevista: "Foi uma experiência que não quero deixar morrer" DIÁRIO DE AVEIRO. Entrevista: "Foi uma experiência que não quero deixar morrer". DIÁRIO DE AVEIRO. 03 set 2019. Online. Disponível: <https://www.diarioaveiro.pt/noticia/48043>.
	19.138	Universidade de Aveiro: Reitor pede cuidado com a "euforia tecnológica" DIÁRIO DE AVEIRO. Universidade de Aveiro: Reitor pede cuidado com a "euforia tecnológica". DIÁRIO DE AVEIRO. 17 dez 2019. Online. Disponível: < https://www.diarioaveiro.pt/noticia/51686>.

Apêndice E

Mapas de Itinerário, Pontos de Observação Estacionária e de Situações observadas em campo.

Mapa 21 – Mapa do Itinerário da Visita V01.
Mapa 22 – Mapa do Itinerário da Visita V02.
Mapa 23 – Mapa do Itinerário da Visita V03.
Mapa 24 – Mapa do Itinerário da Visita V04.
Mapa 25 – Mapa de Situações – Visita V04.
Mapa 26 – Mapa do Itinerário da Visita V05.
Mapa 27 – Mapa de Situações – Visita V05.
Mapa 28 – Mapa do Itinerário da Visita V06.
Mapa 29 – Mapa de Situações – Visita V06.
Mapa 30 – Mapa do Itinerário da Visita V07.
Mapa 31 – Mapa de Situações – Visita V07.
Mapa 32 – Mapa do Itinerário da Visita V08.
Mapa 33 – Mapa de Situações – Visita V08.
Mapa 34 – Mapa do Itinerário da Visita V09.
Mapa 35 – Mapa de Situações – Visita V09.
Mapa 36 – Mapa do Itinerário da Visita V10.

Itinerário visita V01 | 17 abr 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 17.04.2018
Horário: 11-13h30/14h30-17h
Objetivo: Reconhecimento de campo.

Percurso realizado a pé.
Início: Estação de Comboios de Aveiro; R. de Coimbra; Travessa da R. Direita; R. Gustavo Ferreira Pinto Basto; Praça do Marquês do Pombal; R. Cap. Sousa Pizarro; Av. Artur Ravara; Av. João Jacinto Magalhães; Esplanada Central do Campus de Santiago; Ponte Pedonal; Campus do Castro; Ponte Pedonal; Esplanada Central; passeio entre o gramado posterior ao edf. 5; saída localizada ao lado do edf. 19; percurso pela via interna carroçável do campus até a saída na R. de Calouste Gulbenkian; R. dos Santos Mártires; R. 16 de Maio; Jardim do Alboi; R. da Liberdade; R. da Arrochela; R. de José Rabumba; R. do Clube dos Galitos; Av. Lourenço Peixoto; Estação de Comboios de Aveiro.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

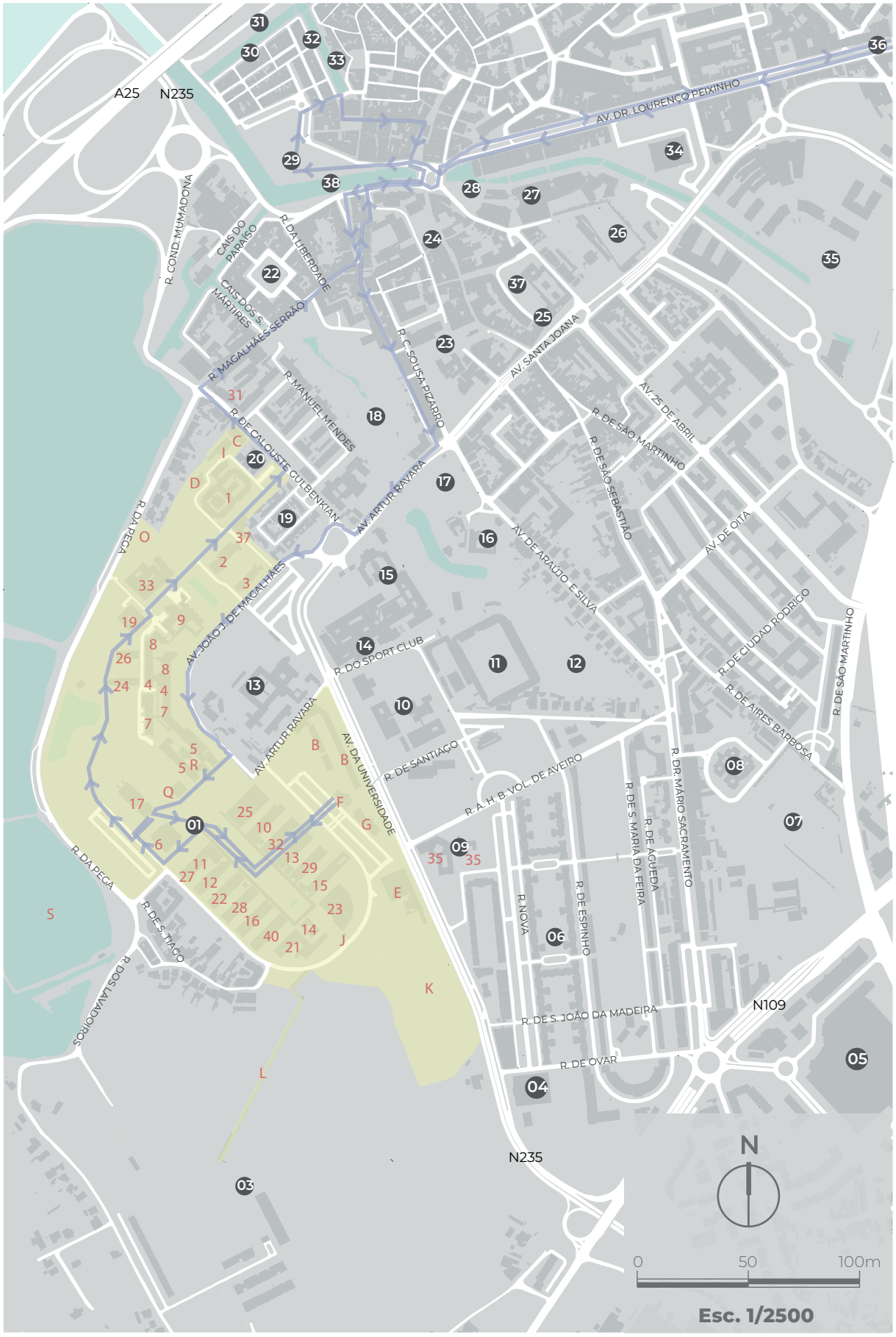
1	UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2	Depto. de Línguas e Culturas
3	Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4	Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5	Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6	Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7	Depto. de Ambiente e Ordenamento
8	Depto. de Biologia
9	Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10	Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11	Depto. de Matemática
12	Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13	Depto. de Física
14	Laboratório Central de Análises
15	Depto. de Química
16	Depto. de Geociências
17	Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Depto. de Comunicação e Arte
22	Depto. de Engenharia Mecânica
23	Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24	IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25	Edifício Central e da Reitor
26	Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Depto. de Engenharia Civil
29	Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31	Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32	CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33	Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37	CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B	Residência de estudantes
C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D	IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da Univ. de Aveiro
J	Depósito de Água
K	Pistas de atletismo
L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
Q	Livraria e Sala de Exposições
R	Jardim da Ciência
S	Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01	Campus de Santiago da UA
03	Campus do Castro da UA
04	Mercado de Santiago
05	Shopping Center Glicínias Plaza
06	Bairro de Santiago
07	Cemitério Sul de Aveiro
08	Centro de Saúde de Aveiro
09	Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10	Escola Básica João Afonso de Aveiro
11	Estádio Mário Duarte
12	Parque dos Amores
13	Seminário de Santa Joana Princesa
14	Centro Hospitalar Baixo Vouga
15	Hospital Infante D. Pedro
16	Polícia Judiciária de Aveiro
17	Parque Infante Dom Pedro
18	Parque de Santo Antonio
19	Bairro da Misericórdia
20	Estabelecimento prisional de Aveíro
22	Jardim do Alboi
23	Praça do Marquês do Pombal
24	Câmara Municipal de Aveiro
25	Catedral de Aveiro
26	Cemitério Central de Aveiro
27	Shopping Center Forum Aveiro
28	Praça Humberto Delgado
29	Jardim do Rossio
30	Cais das Falcoeiras
31	Parque dos Remadores Olímpicos
32	Cais dos Mercanteis
33	Cais dos Botirões
34	Mercado Manuel Firmino
35	Jardim Fonte Nova
36	Estação de Comboios de Aveiro
37	Parque de Santa Joana
38	Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Itinerário visita V02 | 16 mai 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 16.05.2018
Horário: 10-17h
Objetivo: Observação de campo, tendo em consideração lugares indicados na entrevista com estudante internacional. Realização de entrevista com um professor.

Percurso realizado a pé.
Início: Estação de Comboios de Aveiro; Av. Lourenço Peixoto; R. João Mendonça; Jardim do Rossio; Largo do Rossio; Largo da Praça do Peixe; R. Ten. Rezende; R. Domingos Carrancho; R. do Clube dos Galitos; R. de José Rabumba; R. Homem Cristo Filho; Av. Artur Ravara; Av. João Jacinto Magalhães; Biblioteca da UA (17).
Pausa para o almoço: ida ao Restaurante Universitário (F)
Retorno à biblioteca. Percurso pelo espaço aberto do campus de Santiago em frente à R. da Pega; passagem pelos edf. 24, 26 e 19; seguindo pela via carroçável até a saída do campus na R. Calouste Gulbenkian; R. dos Santos Mártires; R. Homem Cristo; Travessa das Barcas; Largo de São Abraz; R. do Clube dos Galitos; R. de Viana do Castelo; Av. Dr. Lourenço Peixinho; Estação de Comboios de Aveiro.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

1 UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2 Depto. de Línguas e Culturas
3 Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4 Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5 Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6 Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7 Depto. de Ambiente e Ordenamento
8 Depto. de Biologia
9 Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10 Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11 Depto. de Matemática
12 Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13 Depto. de Física
14 Laboratório Central de Análises
15 Depto. de Química
16 Depto. de Geociências
17 Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19 IT - Instituto de Telecomunicações
21 Depto. de Comunicação e Arte
22 Depto. de Engenharia Mecânica
23 Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24 IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25 Edifício Central e da Reitor
26 Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27 Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28 Depto. de Engenharia Civil
29 Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31 Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32 CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33 Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35 ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37 CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40 CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B Residência de estudantes
C Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G Creche e Jardim Infantil
I GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da Univ. de Aveiro
J Depósito de Água
K Pistas de atletismo
L Ponte pedonal
O Estação meteorológica
Q Livraria e Sala de Exposições
R Jardim da Ciência
S Marinha Santiago da Fonte

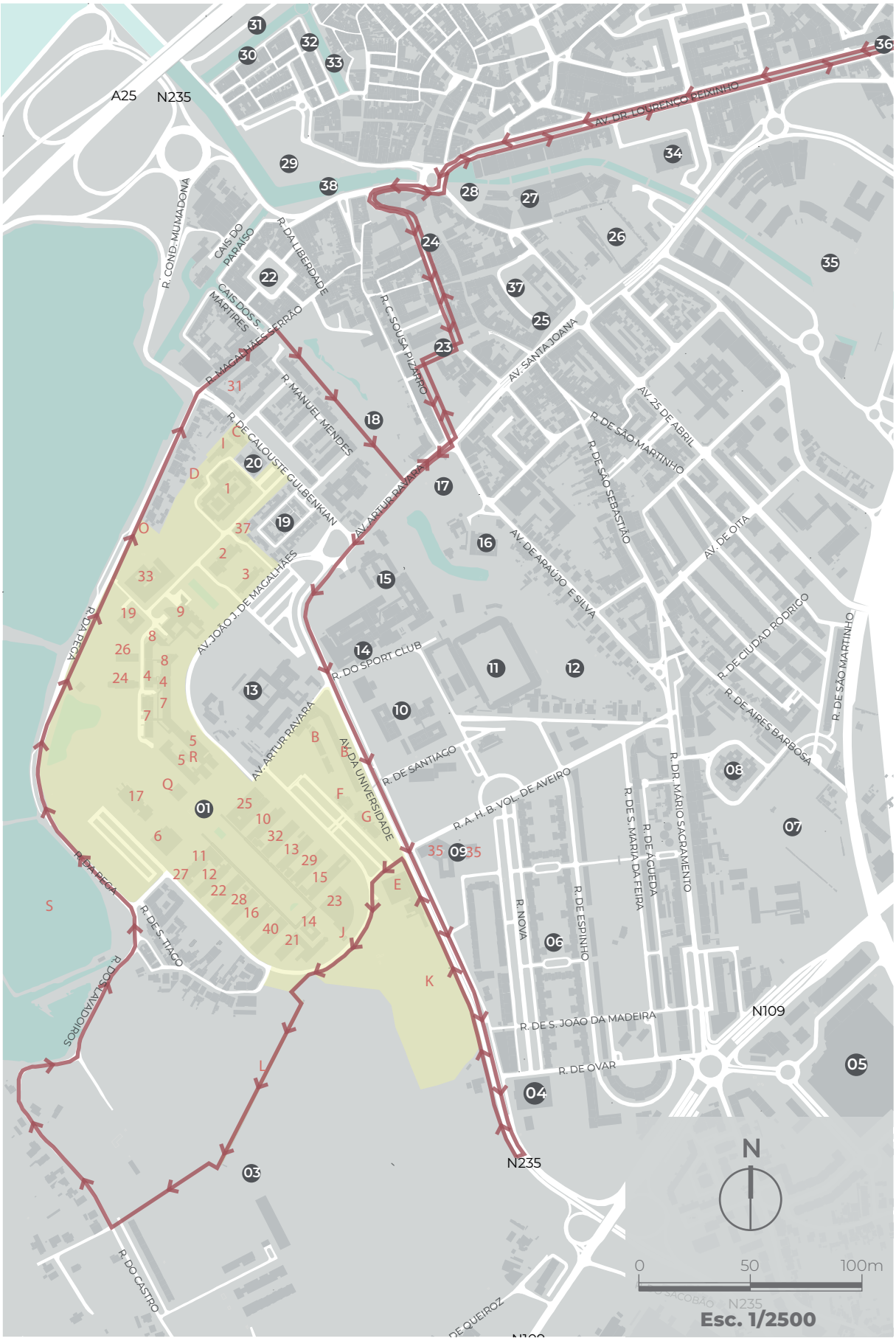
ENTORNO

00

01 Campus de Santiago da UA
03 Campus do Castro da UA
04 Mercado de Santiago
05 Shopping Center Glicínias Plaza
06 Bairro de Santiago
07 Cemitério Sul de Aveiro
08 Centro de Saúde de Aveiro
09 Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10 Escola Básica João Afonso de Aveiro
11 Estádio Mário Duarte
12 Parque dos Amores
13 Seminário de Santa Joana Princesa
14 Centro Hospitalar Baixo Vouga
15 Hospital Infante D. Pedro
16 Polícia Judiciária de Aveiro
17 Parque Infante Dom Pedro
18 Parque de Santo Antonio
19 Bairro da Misericórdia
20 Estabelecimento prisional de Aveíro
22 Jardim do Alboi
23 Praça do Marquês do Pombal
24 Câmara Municipal de Aveiro
25 Catedral de Aveiro
26 Cemitério Central de Aveiro
27 Shopping Center Forum Aveiro
28 Praça Humberto Delgado
29 Jardim do Rossio
30 Cais das Falcoeiras
31 Parque dos Remadores Olímpicos
32 Cais dos Mercanteis
33 Cais dos Botirões
34 Mercado Manuel Firmino
35 Jardim Fonte Nova
36 Estação de Comboios de Aveiro
37 Parque de Santa Joana
38 Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Itinerário visita V03 | 22 mai 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 22.05.2018
Horário: 10-13h
Objetivo: Percurso e observação pela área envolvente da UA.

Percurso realizado a pé.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

1 UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2 Depto. de Línguas e Culturas
3 Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4 Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5 Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6 Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7 Depto. de Ambiente e Ordenamento
8 Depto. de Biologia
9 Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10 Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11 Depto. de Matemática
12 Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13 Depto. de Física
14 Laboratório Central de Análises
15 Depto. de Química
16 Depto. de Geociências
17 Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19 IT - Instituto de Telecomunicações
21 Depto. de Comunicação e Arte
22 Depto. de Engenharia Mecânica
23 Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24 IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25 Edifício Central e da Reitor
26 Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27 Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28 Depto. de Engenharia Civil
29 Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31 Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32 CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33 Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35 ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37 CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40 CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B Residência de estudantes
C Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G Creche e Jardim Infantil
I GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da Univ. de Aveiro
J Depósito de Água
K Pistas de atletismo
L Ponte pedonal
O Estação meteorológica
Q Livraria e Sala de Exposições
R Jardim da Ciência
S Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01 Campus de Santiago da UA
03 Campus do Castro da UA
04 Mercado de Santiago
05 Shopping Center Glicínias Plaza
06 Bairro de Santiago
07 Cemitério Sul de Aveiro
08 Centro de Saúde de Aveiro
09 Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10 Escola Básica João Afonso de Aveiro
11 Estádio Mário Duarte
12 Parque dos Amores
13 Seminário de Santa Joana Princesa
14 Centro Hospitalar Baixo Vouga
15 Hospital Infante D. Pedro
16 Polícia Judiciária de Aveiro
17 Parque Infante Dom Pedro
18 Parque de Santo Antonio
19 Bairro da Misericórdia
20 Estabelecimento prisional de Aveíro
22 Jardim do Alboi
23 Praça do Marquês do Pombal
24 Câmara Municipal de Aveiro
25 Catedral de Aveiro
26 Cemitério Central de Aveiro
27 Shopping Center Forum Aveiro
28 Praça Humberto Delgado
29 Jardim do Rossio
30 Cais das Falcoeiras
31 Parque dos Remadores Olímpicos
32 Cais dos Mercanteis
33 Cais dos Botirões
34 Mercado Manuel Firmino
35 Jardim Fonte Nova
36 Estação de Comboios de Aveiro
37 Parque de Santa Joana
38 Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Itinerário visita V04 | 21 jun 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 21.06.2018
Horário: 11-15h

Chegada pela estação de comboios de Aveiro. Percurso realizado a pé.
Início: Av. Lourenço Peixinho; Rua de Coimbra; R. dos Combatentes da Grande Guerra; Praça do Marquês do Pombal; R. Cap. Sousa Pizarro; Av. Artur Ravara; Chegada ao Ponto 01.

01 **Ponto 1:** Em frente à entrada do Hospital Infante D. Pedro.

02 **Ponto 2:** Na parada de ônibus, de costas para o muro do hospital, de frente para o estacionamento

Ida ao *Glicínias Plaza* para almoço.
Av. da Universidade; R. Oliveira de Azeméis; R. Dr. Mário Sacramento; Av. D. Frei Miguel de Bulhões e Sousa; Shopping Center Glicínias Plaza.
Recomeço: Av. D. Frei Miguel de Bulhões; R. de Ovar; Av. da Universidade.

03 **Ponto 3:** De frente para a Av. da Universidade, no cruzamento com a R. de S. João da Madeira

04 **Ponto 4:** De frente para a Av. da Universidade, de costas para edf. Residencial, em uma passagem de pedestre para a R. Nova

05 **Ponto 5:** Esquina da Av. da Universidade com a R. da A. Hum. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro. De costas para o Campus de Santiago

06 **Ponto 6:** De frente para a Av. da Universidade e de costas para a Residência Universitária

Do ponto 6 ao 7: Contorno a Escola de Ensino Básico João Afonso de Aveiro pela R. de Santiago, R. de Estarreja, R. do Sport Clube Beira-Mar

07 **Ponto 7:** Esquina da Av. Artur Ravara com a Av. da Universidade, de costas para o Seminário de Santa Joana Princesa

Retorno: Av. Artur Ravara; R. Cap. Sousa Pizarro; Praça de Marquês de Pombal; R. Gustavo Ferreira Pinto Basto; Praça da República; R. de Viana do Castelo; Av. Lourenço Peixinho; Estação de Comboios de Aveiro.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

1	UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2	Depto. de Línguas e Culturas
3	Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4	Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5	Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6	Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7	Depto. de Ambiente e Ordenamento
8	Depto. de Biologia
9	Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10	Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11	Depto. de Matemática
12	Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13	Depto. de Física
14	Laboratório Central de Análises
15	Depto. de Química
16	Depto. de Geociências
17	Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Depto. de Comunicação e Arte
22	Depto. de Engenharia Mecânica
23	Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24	IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25	Edifício Central e da Reitor
26	Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Depto. de Engenharia Civil
29	Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31	Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32	CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33	Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37	CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B	Residência de estudantes
C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D	IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da UA
J	Depósito de Água
K	Pistas de atletismo
L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
Q	Livraria e Sala de Exposições
R	Jardim da Ciência
S	Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01	Campus de Santiago da UA
03	Campus do Castro da UA
04	Mercado de Santiago
05	Shopping Center Glicínias Plaza
06	Bairro de Santiago
07	Cemitério Sul de Aveiro
08	Centro de Saúde de Aveiro
09	Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10	Escola Básica João Afonso de Aveiro
11	Estádio Mário Duarte
12	Parque dos Amores
13	Seminário de Santa Joana Princesa
14	Centro Hospitalar Baixo Vouga
15	Hospital Infante D. Pedro
16	Polícia Judiciária de Aveiro
17	Parque Infante Dom Pedro
18	Parque de Santo Antonio
19	Bairro da Misericórdia
20	Estabelecimento prisional de Aveíro
22	Jardim do Alboi
23	Praça do Marquês do Pombal
24	Câmara Municipal de Aveiro
25	Catedral de Aveiro
26	Cemitério Central de Aveiro
27	Shopping Center Forum Aveiro
28	Praça Humberto Delgado
29	Jardim do Rossio
30	Cais das Falcoeiras
31	Parque dos Remadores Olímpicos
32	Cais dos Mercanteis
33	Cais dos Botirões
34	Mercado Manuel Firmino
35	Jardim Fonte Nova
36	Estação de Comboios de Aveiro
37	Parque de Santa Joana
38	Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Situações observadas. V04 | 21 jun 2018



LEGENDA - Situações

INDICAÇÃO DE PONTOS DE OBSERVAÇÃO

PESSOA EM PÉ

4.9 Nesse ponto foi possível observar 3 mulheres que permaneceram conversando na saída do hospital.

PESSOA SENTADA

4.1 Havia cerca de 4 pessoas na parada de ônibus.

CAMINHADAS E/OU CORRIDAS ESPORTIVAS

4.2 Um homem fazendo caminhada esportiva.

CICLISTAS

4.3 Nesse tempo, também passou uma jovem de bicicleta, por cima da calçada.

4.4 [...] e um ciclista esportivo na avenida.

4.5 Também passou um casal utilizando as bicicletas gratuitas de Aveiro (BUGAs)

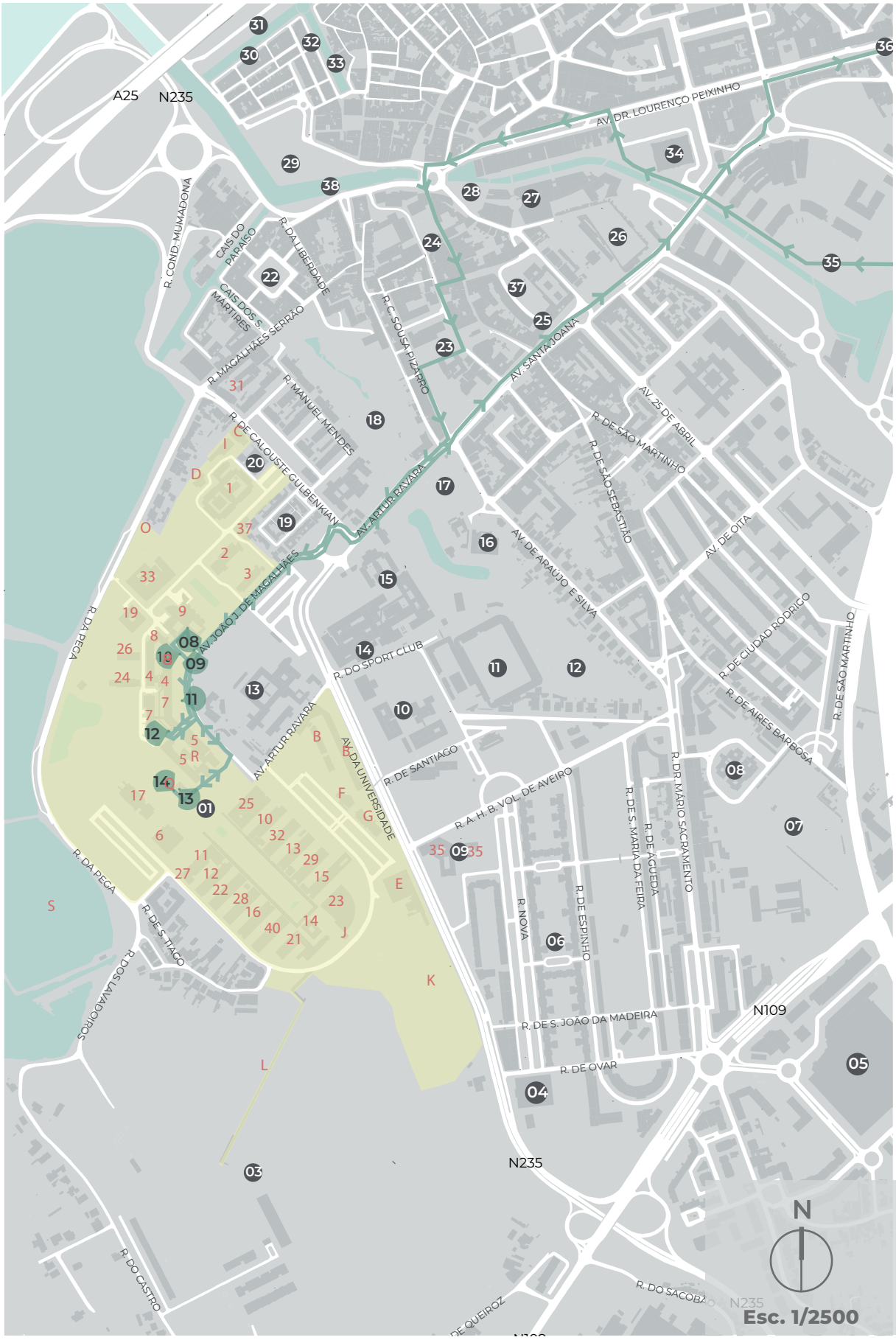
4.6 Passaram mais duas pessoas com BUGAs...

4.7 ...e outros dois ciclistas com bicicletas particulares.

4.8 Passou um ciclista pela passarela

4.10 Passou um ciclista esportivo.

Itinerário visita V05 | 27 jun 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 25.06.2018
Horário: 11-16h20

Chegada pela estação de comboios de Aveiro.
Percurso realizado a pé.
Início: R. Dr. Arlindo Vicente; R. do Sr. dos Aflitos; R. Carlos Silva Melo Guimarães; Praça do Mercado; Travessa do Mercado; Av. Dr. Lourenço Peixinho; R. de Coimbra; R. dos Combatentes da Grande Guerra; Travessa da Rua Direita; R. Gustavo Ferreira Pinto Basto; Praça de Marquês de Pombal; R. Cap. Sousa Pizarro; Av. Artur Ravara; Av. João Jacinto Magalhães. Chegada ao Ponto 08.

08 Ponto 08: Nos bancos do jardim do Edf. do Depto. de Eng. Cerâmica e do Vidro (9).

09 Ponto 09: Nas arcadas do Edf. do Depto. de Eng. de Eng. Cerâmica e do Vidro (9).

10 Ponto 10: Nas arcadas do Edf. do Depto. de Biologia (8), de costas para a rua.

11 Ponto 11: Nos bancos do jardim em frente ao Edf. do Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática (4). De frente para a rua.

12 Ponto 12: No pátio interno do Edf. do Depto. de Ambiente e Ordenamento

Pausa para o almoço.
Ida a um café na esquina da Av. Artur Ravara com a R. Homem Cristo Filho.
Recomeço: Av. Artur Ravara; Av. J. Jacinto Magalhães; Esplanada central do Campus de Santiago.

13 Ponto 13: Sentada nos degraus do Edf. da livraria e Sala de Exposições (24).

14 Ponto 14: De costas para o Edf. da livraria e Sala de Exposições, ao lado da esplanada do bar.

Retorno: Av. João Jacinto Magalhães; Av. Artur Ravara; Av. Santa Joana; Av. 5 de Outubro; R. do Eng. Oudinot; Av. Dr. Lourenço Peixinho; Estação de Comboios de

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

1	UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2	Depto. de Línguas e Culturas
3	Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4	Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5	Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6	Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7	Depto. de Ambiente e Ordenamento
8	Depto. de Biologia
9	Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10	Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11	Depto. de Matemática
12	Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13	Depto. de Física
14	Laboratório Central de Análises
15	Depto. de Química
16	Depto. de Geociências
17	Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Depto. de Comunicação e Arte
22	Depto. de Engenharia Mecânica
23	Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24	IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25	Edifício Central e da Reitor
26	Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Depto. de Engenharia Civil
29	Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31	Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32	CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33	Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37	CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B	Residência de estudantes
C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D	IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da UA
J	Depósito de Água
K	Pistas de atletismo
L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
Q	Livraria e Sala de Exposições
R	Jardim da Ciência
S	Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01	Campus de Santiago da UA
03	Campus do Castro da UA
04	Mercado de Santiago
05	Shopping Center Glicínias Plaza
06	Bairro de Santiago
07	Cemitério Sul de Aveiro
08	Centro de Saúde de Aveiro
09	Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10	Escola Básica João Afonso de Aveiro
11	Estádio Mário Duarte
12	Parque dos Amores
13	Seminário de Santa Joana Princesa
14	Centro Hospitalar Baixo Vouga
15	Hospital Infante D. Pedro
16	Polícia Judiciária de Aveiro
17	Parque Infante Dom Pedro
18	Parque de Santo Antonio
19	Bairro da Misericórdia
20	Estabelecimento prisional de Aveíro
22	Jardim do Alboi
23	Praça do Marquês do Pombal
24	Câmara Municipal de Aveiro
25	Catedral de Aveiro
26	Cemitério Central de Aveiro
27	Shopping Center Forum Aveiro
28	Praça Humberto Delgado
29	Jardim do Rossio
30	Cais das Falcoeiras
31	Parque dos Remadores Olímpicos
32	Cais dos Mercanteis
33	Cais dos Botirões
34	Mercado Manuel Firmino
35	Jardim Fonte Nova
36	Estação de Comboios de Aveiro
37	Parque de Santa Joana
38	Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Situações observadas. V05 | 27 jun 2018



LEGENDA - Situações

INDICAÇÃO DE PONTOS DE OBSERVAÇÃO

PESSOA EM PÉ

5.4 Param mais outras três mulheres para conversar na frente da entrada do edf. 9.

5.20 Um casal chega de BUGAs, encosta as bicicletas no anfiteatro e sobe. Parece que a moça está mostrando algo na paisagem para o rapaz.

5.24 Três mulheres, em pé, conversam encostadas ao edf. 6.

PESSOA COM ANIMAL DOMÉSTICO

5.11 Uma funcionária ou professora brinca com sua cadela no pátio em frente ao edf. 9.

PESSOA EM ATIVIDADE DE MANUTENÇÃO

5.25 Passa o senhor limpando o jardim.

5.29 Um funcionário com cortador de grama.

PESSOA SENTADA

5.1 Assim que eu sento, chegam três alunas que ficam a conversar no banco ao lado. Duas sentadas e uma em pé. [...] As três meninas retornam ao edifício após uns 10 minutos.

5.9 Uma menina sentada na arcada, lendo

5.16 Percebo que tem 3 mulheres sentadas almoçando, atrás de onde estou.

5.18 Um casal "escondido" nos degraus [...]

5.19 [...] e três estudantes sentados sob as árvores.

5.21 Na outra ponta, outro casal. Todos no último degrau da arquibancada. [...] Depois de uns 10 minutos sentados, o casal finalmente sai da arquibancada.

5.23 Tem um rapaz sentado na borda da escada que desce para as catacumbas.

PESSOA FUMANDO

5.3 Uma moça sentada no degrau da arcada para fumar [...] Após uns 5-7 minutos, a moça volta para o interior do edifício.

5.28 Um homem, sai do edf. 18 para fumar e passa uns 5min ali, contemplando

PESSOA EM INTERAÇÃO COM O CELULAR

5.14 Um homem que passa cruzando a passarela em direção a ria, para e fica consultando o celular, por uns 3-5min

PESSOAS EM GRUPO

5.2 Percebo quatro alunos a conversar para além da arcada, já próximo ao edf. 8 (Depto. de Biologia)

5.17 Quatro meninas sentadas no jardim à sombra filtrada de uma árvore de médio porte

5.10 Sai do interior do corredor onde estou, um grupo de alunos com a professora (aprox. 7 pessoas). [...] O grupo de professora mais alunos permanecem conversando no fundo do corredor onde estou. [...] Depois de uns 7 minutos de conversa, todos voltam para o interior do edifício.

5.22 Quando cheguei, não havia tanta gente assim sob a marquise da biblioteca, mas agora já há mais ou menos 10 pessoas. No fim dos 15 minutos, a marquise da biblioteca permanece lotada.

PESSOA COM DEFICIÊNCIA

5.6 Uma menina de cadeiras de rodas motorizada

CICLISTAS

5.5 Passa um jovem de bicicleta, fora da ciclofaixa, do outro lado da rua, no sentido universidade-centro.

5.7 Passa um ciclista pelo outro lado da via, no sentido universidade-centro.

5.8 Passam 4 ciclistas pela ciclofaixa (3 com BUGAs e 1 com bicicleta parrticular), não é possível para saber se são moradores da cidade ou turistas.

5.9 Passam mais 3 rapazes de BUGAs, parecem alunos, mas podem ser turistas.

5.12 Passa um ciclista na ciclofaixa.

5.13 Outro ciclista na ciclofaixa.

5.15 Um rapaz cruza a passarela pedonal, de bicicleta.

5.20 Um casal chega de BUGAs, encosta as bicicletas no anfiteatro e sobe. [...] O casal de ciclista que parou para subir no edf. Q, depois de uns 5 minutos segue na direção da caixa d'água.

5.26 Passa mais um e depois mais outro ciclista
5.27 pela praça.

5.30 Passa um rapaz de bicicleta na rampa.

Itinerário visita V06 | 07 jul 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 07.07.2018
Horário: 19-22h

Chegada pela estação de comboios de Aveiro.
Percurso realizado a pé.
Início: R. Dr. Arlindo Vicente; R. do Sr. dos Aflitos; R. Carlos Silva Melo Magalhães; Praça do Mercado; Travessa do Mercado; R. de Agostinho Pinheiro; R. Fernão de Oliveira; R. Manuel Firmino; Largo da Apresentação; Praça 14 de Julho; R. Domingos Carrancho; R. de Coimbra; R. dos Combatentes da Grande Guerra; Praça do Marquês de Pombal; R. Cap. Sousa Pizarro; Av. Artur Ravara; Av. João Jacinto Magalhães; Esplanada Central do Campus de Santiago.

15 Ponto 15: Sobre o degrau mais alto do Edf. da Livraria e Sala de Exposição (24).
Do ponto 15 ao 16: Visita ao piso inferior do Edf. 6; percurso pelo estacionamento contíguo, em frente à R. da Pega; subida pela escadaria ao lado do Edf. 6; percurso pela alamada, sob as arcadas contíguas aos Edf. 25,10 e 30; na sequência, deflexão entre os Edf. 30 e 13; passagem pelo estacionamento localizado à frente, seguindo pela Av. Artur Ravara, até alcançar o ponto 16.

16 Ponto 16: Na praceta da Residência Universitária (B), esquina da Av. Artur Ravara com a Av. da Universidade.

Retorno: Av. Artur Ravara; Av. João Jacinto Magalhães; passagem por baixo do Edf. 7 para seguir em direção da R. da Pega; R. da Pega; R. de Calouste Gulbenkian; R. de Aquilino Ribeiro; R. Manuel Mendes; passagem para o Parque de Santo Antonio; Parque de Santo Antonio, Av. Artur Ravara; R. Cap. Sousa Pizarro; Praça do Marquês de Pombal; R. Gustavo Ferreira Pinto Basto; R. de Luis de Cipriano; Praça Humberto Delgado; Shopping Center Forum Aveiro; R. Homem de Cristo; R. João Mendonça; R. Domingos Carrancho; Praça 4 de julho; Largo da Apresentação.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

1 UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2 Depto. de Línguas e Culturas
3 Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4 Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5 Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6 Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7 Depto. de Ambiente e Ordenamento
8 Depto. de Biologia
9 Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10 Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11 Depto. de Matemática
12 Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13 Depto. de Física
14 Laboratório Central de Análises
15 Depto. de Química
16 Depto. de Geociências
17 Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19 IT - Instituto de Telecomunicações
21 Depto. de Comunicação e Arte
22 Depto. de Engenharia Mecânica
23 Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24 IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25 Edifício Central e da Reitor
26 Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27 Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28 Depto. de Engenharia Civil
29 Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31 Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32 CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33 Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35 ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37 CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40 CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B Residência de estudantes
C Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G Creche e Jardim Infantil
I GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da UA
J Depósito de Água
K Pistas de atletismo
L Ponte pedonal
O Estação meteorológica
Q Livraria e Sala de Exposições
R Jardim da Ciência
S Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01 Campus de Santiago da UA
03 Campus do Castro da UA
04 Mercado de Santiago
05 Shopping Center Glicínias Plaza
06 Bairro de Santiago
07 Cemitério Sul de Aveiro
08 Centro de Saúde de Aveiro
09 Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10 Escola Básica João Afonso de Aveiro
11 Estádio Mário Duarte
12 Parque dos Amores
13 Seminário de Santa Joana Princesa
14 Centro Hospitalar Baixo Vouga
15 Hospital Infante D. Pedro
16 Polícia Judiciária de Aveiro
17 Parque Infante Dom Pedro
18 Parque de Santo Antonio
19 Bairro da Misericórdia
20 Estabelecimento prisional de Aveiro
22 Jardim do Alboi
23 Praça do Marquês do Pombal
24 Câmara Municipal de Aveiro
25 Catedral de Aveiro
26 Cemitério Central de Aveiro
27 Shopping Center Forum Aveiro
28 Praça Humberto Delgado
29 Jardim do Rossio
30 Cais das Falcoeiras
31 Parque dos Remadores Olímpicos
32 Cais dos Mercanteis
33 Cais dos Botirões
34 Mercado Manuel Firmino
35 Jardim Fonte Nova
36 Estação de Comboios de Aveiro
37 Parque de Santa Joana
38 Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Situações observadas. V06 | 07 jul 2018



LEGENDA - Situações



INDICAÇÃO DE PONTOS DE OBSERVAÇÃO



PESSOA EM PÉ

6.9 ... dois meninos preparavam um churrasco.



PESSOA COM ANIMAL DOMÉSTICO

6.7 Sigo pela esplanada, vejo que há uma moça com cachor-



PESSOA SENTADA

6.3 Na arquibancada onde estou, tem dois meninos sentados já antes de mim e que ficarão até depois de eu sair.



PESSOA EM INTERAÇÃO COM O CELULAR

6.12 Quando chego, vejo um senhor de meia idade, em pé, conversando no celular, nas imediações da entrada da residência. [Ao final dos 15 min] o senhor permanece ao

6.15 Tem uma moça em pé, encostada nos muros do seminário, falando ao celular.

6.16 Nos banquinhos da esquina da rua [da Pega], dois rapazes estão parados, tirando fotos no celular. Do pôr-do-sol e de si



PESSOAS EM GRUPO

6.8 [Na residência,] percebi que havia um grupo de 3 ou 4 estudantes sentados próximos à porta, conversando.

6.11 Um outro grupo de 3 ou 4 meninos, com bicicletas, conversando, sentados em um canteiro.



PESSOAS EM JOGOS OU BRINCADEIRAS COLETIVAS

6.10 Havia um casal jogando frescobol.

6.14 Aparece uma menina de uns 12 anos, fazendo estrelinha no estacionamento da residência. Depois de uns 2 minutos, aparece outra menina, de idade semelhante. As duas ficam por ali, fazendo estrelinha e abrindo escala no gramado. Estão sempre por perto do senhor com o celular, devem



CAMINHADAS E/OU CORRIDAS ESPORTIVAS

6.2 Passa um homem fazendo caminhada.



CICLISTAS

6.4 Passam mais ciclistas, desta vez, um casal com crianças.

6.5 Chega um ciclista, estaciona a bicicleta no bicicletário e desce no edifício de serviços.

6.13 Passa um ciclista esportivo na rua.



PESSOA COM SKATE, PATINS OU PATINETES

6.6 Passa uma menina andando de skate.



ÔNIBUS

6.1 Parece estar tendo algum evento tipo formatura porque tem um ônibus fretado parado à frente, pessoas com roupas de festa [...] O ônibus fretado vai embora.

Itinerário visita V07 | 08 jul 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 08.07.2018
Horário: 11-13h30

Percurso realizado a pé.
Início: Largo da apresentação; Praça 14 de Julho; R. Domingos Carrancho; R. João Mendonça; R. de Coimbra; R. Combatentes da Grande Guerra; Praça do Marquês de Pombal; R. Cap. Sousa Pizarro; Av. Artur Ravara; Av. João Jacinto Magalhães; Av. Artur Ravara, em frente à Capela de N. Sra. da Ajuda. Retorno pela Av. João Jacinto de Magalhães até encontrar o ponto 17.

17 Ponto 17: Em frente à lagoa sanitária

Do ponto 17 ao 18: Av. João Jacinto Magalhães até a esplanada central do Campus de Santiago; frente do Edf. 25; deflexão pela passarela em frente ao edf. 10.

18 Ponto 18: Sentada sob a passarela, em frente ao edf.10.

Do ponto 18 ao 19: Cruzamento da esplanada, passando entre o edf. 12 e 22; R. dos Lavadoiros.

19 Ponto 19: esquina do Parque do Inglês.

Retorno: R. de S. Tiago; Via interna do Campus até encontrar o estacionamento contíguo à R. da Pega; percurso pelo térreo dos edf. 6 e 17, em direção ao passeio na lateral do edf. 17, que conduz ao pequeno lago. Percurso pelos passeios localizados nos gramados próximos aos edf. 5, 7, 4. Deflexão na lateral do edf. 26, em direção à R. da Pega. Retorno ao campus, pelo passeio ao edf. 33, deflexão em direção à saída do campus mais à frente, na R. de Calouste Gulbenkian; R. do Dr. José de Azevedo Perdigão; Parque de Santo Antonio; passagem pela passarela suspensa até o Parque Infante Dom Pedro; R. de Castro Matos; Av. de Araújo e Silva; Av. Santa Joana; Av. 5 de Outubro; R. do Eng. Oudinot; Av. Lourenço Peixinho; Estação de Comboios de Aveiro.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

1	UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2	Depto. de Línguas e Culturas
3	Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4	Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5	Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6	Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7	Depto. de Ambiente e Ordenamento
8	Depto. de Biologia
9	Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10	Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11	Depto. de Matemática
12	Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13	Depto. de Física
14	Laboratório Central de Análises
15	Depto. de Química
16	Depto. de Geociências
17	Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Depto. de Comunicação e Arte
22	Depto. de Engenharia Mecânica
23	Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24	IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25	Edifício Central e da Reitor
26	Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Depto. de Engenharia Civil
29	Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31	Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32	CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33	Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37	CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B	Residência de estudantes
C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D	IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da UA
J	Depósito de Água
K	Pistas de atletismo
L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
Q	Livraria e Sala de Exposições
R	Jardim da Ciência
S	Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01	Campus de Santiago da UA
03	Campus do Castro da UA
04	Mercado de Santiago
05	Shopping Center Glicínias Plaza
06	Bairro de Santiago
07	Cemitério Sul de Aveiro
08	Centro de Saúde de Aveiro
09	Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10	Escola Básica João Afonso de Aveiro
11	Estádio Mário Duarte
12	Parque dos Amores
13	Seminário de Santa Joana Princesa
14	Centro Hospitalar Baixo Vouga
15	Hospital Infante D. Pedro
16	Polícia Judiciária de Aveiro
17	Parque Infante Dom Pedro
18	Parque de Santo Antonio
19	Bairro da Misericórdia
20	Estabelecimento prisional de Aveíro
22	Jardim do Alboi
23	Praça do Marquês do Pombal
24	Câmara Municipal de Aveiro
25	Catedral de Aveiro
26	Cemitério Central de Aveiro
27	Shopping Center Forum Aveiro
28	Praça Humberto Delgado
29	Jardim do Rossio
30	Cais das Falcoeiras
31	Parque dos Remadores Olímpicos
32	Cais dos Mercanteis
33	Cais dos Botirões
34	Mercado Manuel Firmino
35	Jardim Fonte Nova
36	Estação de Comboios de Aveiro
37	Parque de Santa Joana
38	Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Situações observadas. V07 | 08 jul 2018



LEGENDA



INDICAÇÃO DE PONTOS DE OBSERVAÇÃO



PESSOA EM PÉ

7.8 Na frente da fonte, tinha um carro com dois homens e uma menina dos seus 10 anos, pegando água.

7.11 Vejo um senhor cuidando das plantas que estão na frente



PESSOA COM ANIMAL DOMÉSTICO

7.1 Assim que chego, vejo uma mulher a brincar com o cachorro. Ele, enorme, se joga no lago e diverte-se no banho por ali, uns 5 minutos. [...] A mulher com cachorro para mais à frente,

7.13 Tem um casal jovem, de seus 35 anos, a passear com o



PESSOA SENTADA

7.3 Na passarela do outro lado, em frente a mim, tem um outro rapaz sentado.

7.4 Daqui, vejo que há um casal no banco semicircular.

7.14 Uma mulher sentada, lendo uma revista.

PESSOA FUMANDO

7.9 Um homem, desconfiado com minha presença, está na

PESSOAS EM JOGOS OU BRINCADEIRAS COLETIVAS

7.2 No gramado, um pai brinca de bola com seu filho de mais ou menos 2 anos.

CAMINHADAS E/OU CORRIDAS ESPORTIVAS

7.10 Sai da universidade para R. da Pega, em direção ao centro de Aveiro, um rapaz fazendo caminhada esportiva.

7.11 Passa outro rapaz fazendo caminhada.

CICLISTAS

7.5 Passa um casal com o filho de uns 10 anos, de bicicleta.

7.7 Passaram uns três ciclistas a lazer.

7.12 Um ciclista esportivo na ciclofaixa da universidade.

ÔNIBUS

7.6 Um ônibus fretado cheio de gente saindo da Marinha.

Itinerário visita V08 | 12 jul 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 12.07.2018
Horário: 15-21h

Percurso realizado a pé.
Início: Estação de Comboios de Aveiro; Av. Lourenço Peixinho; R. do Clube dos Galitos; R. Homem Cristo Filho; R. da Arrochela; R. dos Santos Mártires; R. da Pega.

20 Ponto 20: Na praceta da R. da Pega.

21 Ponto 21: R. da Pega, em frente ao edf. 33.

22 Ponto 22: Entrada localizada entre os edf. 26 e 24.

Do ponto 22 a 23: Percurso pela R. da Pega até uma entrada de pedestre que dá acesso ao estacionamento. Contorno da área do estacionamento até a saída de automóveis do Campus de Santiago

23 Ponto 23: Esquina da R. dos Lavadoiros.

24 Ponto 24: Estacionamento de edifícios residenciais que ficam de frente para o Campus de Santiago

25 Ponto 25: Na esquina da R. de S. Tiago com a via interna do Campus, em frente ao edf. 21.

26 Ponto 26: Sentada sob a passarela, em frente ao edf. 15.

27 Ponto 27: Sentada sob a passarela, em frente ao edf. 29.

28 Ponto 28: Esplanada central do Campus de Santiago, em frente ao edf. 25.

Do Ponto 28 ao 29: Av. João Jacinto de Magalhães; Deflexão pela via entre o tanque de coleta de águas pluviais e os edf. 2 e 3; Percurso contornando o edf. 1, pela via em que estão localizados os edf. D e I; saída pela passagem de pedestre do edf. C; R. de Calouste Gulbenkian; Retorno ao Campus de Santiago pela entrada de veículos.

29 Ponto 29: Sentada em frente ao estacionamento do edf. 1.

Retorno: Saída pela R. de Calouste Gulbenkian; Contorno das vias do Bairro da Misericórdia; R. do Dr. José de Azevedo Perdigão; Parque de Santo Antonio; Av. Artur Ravara; Av. Santa Joana; R. Carlos Aleluia; R. Homem de Cristo; R. Viana do Castelo; Av. Lourenço Peixinho; Estação de Combois de Aveiro.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

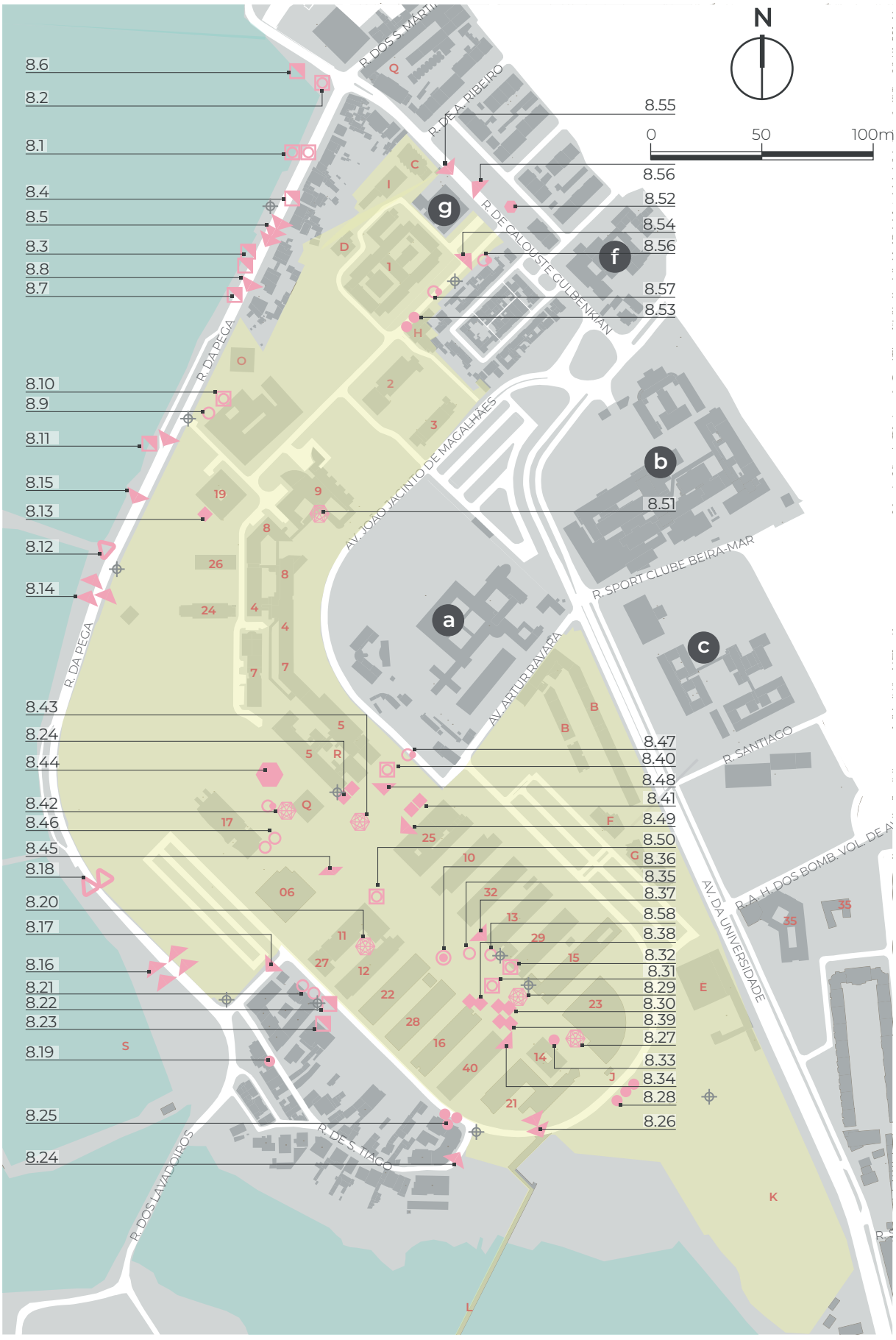
1	UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2	Depto. de Línguas e Culturas
3	Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4	Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5	Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6	Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7	Depto. de Ambiente e Ordenamento
8	Depto. de Biologia
9	Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10	Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11	Depto. de Matemática
12	Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13	Depto. de Física
14	Laboratório Central de Análises
15	Depto. de Química
16	Depto. de Geociências
17	Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Depto. de Comunicação e Arte
22	Depto. de Engenharia Mecânica
23	Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24	IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25	Edifício Central e da Reitor
26	Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Depto. de Engenharia Civil
29	Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31	Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32	CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33	Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37	CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B	Residência de estudantes
C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D	IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da UA
J	Depósito de Água
K	Pistas de atletismo
L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
Q	Livraria e Sala de Exposições
R	Jardim da Ciência
S	Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01	Campus de Santiago da UA
03	Campus do Castro da UA
04	Mercado de Santiago
05	Shopping Center Glicínias Plaza
06	Bairro de Santiago
07	Cemitério Sul de Aveiro
08	Centro de Saúde de Aveiro
09	Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10	Escola Básica João Afonso de Aveiro
11	Estádio Mário Duarte
12	Parque dos Amores
13	Seminário de Santa Joana Princesa
14	Centro Hospitalar Baixo Vouga
15	Hospital Infante D. Pedro
16	Polícia Judiciária de Aveiro
17	Parque Infante Dom Pedro
18	Parque de Santo Antonio
19	Bairro da Misericórdia
20	Estabelecimento prisional de Aveíro
22	Jardim do Alboi
23	Praça do Marquês do Pombal
24	Câmara Municipal de Aveiro
25	Catedral de Aveiro
26	Cemitério Central de Aveiro
27	Shopping Center Forum Aveiro
28	Praça Humberto Delgado
29	Jardim do Rossio
30	Cais das Falcoeiras
31	Parque dos Remadores Olímpicos
32	Cais dos Mercanteis
33	Cais dos Botirões
34	Mercado Manuel Firmino
35	Jardim Fonte Nova
36	Estação de Comboios de Aveiro
37	Parque de Santa Joana
38	Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Situações observadas. V08 | 12 jul 2018



LEGENDA

INDICAÇÃO DE PONTOS DE OBSERVAÇÃO

PESSOA EM PÉ

8.19 Bem na casinha de porta e janela em frente à rua, uma senhora cuida das plantas que estão colocadas na frente de sua casa. Ela passa uns 10min cuidando da planta. Na frente de sua casa não tem calçada, então, a planta é uma tática para evitar carros estacionados na porta

8.25 Saem três meninas da R. de Santiago. Elas param um pouco à minha esquerda, mais ou menos a uns 15m, ainda na frente do edf. residencial e estão em pé, conversando.

8.28 Ao fundo, na calçada do estacionamento, em frente à caixa d'água, 3 jovens conversam.

8.33 Um rapaz sai do edf. 23 e fica comendo em pé, no gramado, embaixo da árvore.

8.53 Vejo dois meninos em pé, conversando, nas imediações do edf. H.

8.35 Uma senhora fumando à minha direita.

PESSOA COM ANIMAL DOMÉSTICO

8.42 Sobre o edf. Q, tem umas 10 pessoas sentadas, incluindo um cachorro

8.47 Passa uma senhora a passear com seu cão na calçada da reitoria. [...] A senhora passa novamente. Percebo que ela está fazendo caminhada.

8.56 A senhora entra na rua por trás de mim [...] Vem das compras e, guarda as coisas, come uma melancia e brinca com o cão.

8.57 Uma senhora a passear com seu cachorro, entra na UA.

PESSOA EM ATIVIDADE DE MANUTENÇÃO

8.36 Um rapaz no jardim da esplanada faz inspeção: tira uma tampa de visitação e analisa a infraestrutura que está por ali.

PESSOA SENTADA

8.13 Um rapaz sentado, contemplativo, na mureta da lateral do edf. 19. [Ao fim dos 15min,] o rapaz permanece sentado.

8.30 Duas meninas estão sentadas na ponta mais próxima a mim. Na outra ponta, dois meninos. [...] Acaba meu tempo de observação e todos que estavam sentados no banco semicircular permanecem lá.

8.38 Mais duas pessoas no banco semicircular, sentados.

8.39 Um jovem casal sentado nos bancos

8.41 Duas mulheres sentadas nas esculturas em frente à entrada da reitoria.

PESSOA FUMANDO

8.9 Um rapaz sai do edf. 33 para fumar [...] O rapaz fumando agora está usando o celular.

8.21 Um casal fuma, contemplativo, na varanda do 2º andar do edifício residencial.

8.36 Um senhor na esplanada, em pé, fumando.

8.46 De onde estou, consigo ver que há duas pessoas a fumarem na frente da biblioteca.

8.58 Uma senhora fumando à minha direita.

PESSOA EM INTERAÇÃO COM O CELULAR

8.1 Assim que chego, duas turistas param para consultar a rota no celular.

8.2 Um rapaz sob o guarda-corpo da ria, conversa ao celular.

8.10 Um rapaz sai do edf. 33 para usar o celular.

8.22 Uma moça no carro, falando ao celular, durante todo o tempo [de observação]

8.31 No meio do banco semicircular, uma menina sozinha com seu celular.

8.32 Outro menino, no banco após o meu, com celular.

8.40 Um rapaz sozinho sentado na mureta da rampa do estacionamento, utilizando o celular.

8.50 Um rapaz em pé, nas imediações do edf. 11, falando ao celular.

PESSOA EM INTERAÇÃO COM VEÍCULO MOTORIZADO

8.3 Um casal que pescava na ria, coloca a pesca na mala do carro e partem.

8.4 Um carro estaciona do outro lado da rua, na minha frente, dentro, uma moça fala ao celular.

8.6 Há um trator com um homem trabalhando na Ria.

8.7 Acabo de ver que tem um homem, mais à frente, pescando. [...] O senhor que estava pescando, abre a mala do carro, limpa seu peixe e guarda numa sacola.

8.11 Passa uma moça na bicicleta em paralelo com um motociclista. Conversam enquanto se deslocam

8.22 Uma moça no carro, falando no telefone, durante todo o tempo [de observação].

8.23 Um senhor que chegou no estacionamento do prédio, parou o carro e permaneceu dentro dele.

PESSOAS EM GRUPO

8.20 Observo que há pessoas na área livre entre os depto. de matemática (11) e serviço social (12).

8.27 Quatro meninos, em pé, na frente do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico (23).

8.29 No banco semicircular, um grupo de mais de 3 estudantes. [...] O pessoal que estava sentado, sai e permanece conversando em pé, próximo de mim. Estão falando em inglês e em português. Parece serem de uma turma de idiomas. Alguém está com uma embalagem plástica de bolo, o que sugere que fizeram algum tipo de confraternização de fim de semestre [...]. Acaba meu tempo de observação e

8.42 Sobre o edf. Q, tem umas 10 pessoas sentadas,

8.43 No centro da praça está um grupo de organizadores de atividades. Parecem aguardar o fim das atividades com os adolescentes. Enquanto isso, fotografam-se no meio da praça.

8.51 Há 4 pessoas em pé na frente do edf. 9, próximos à porta.

PESSOAS EM JOGOS OU BRINCADEIRAS COLETIVAS

8.44 Estão acontecendo atividades de férias, por isso, há um grupo de uns 50 adolescentes em jogos coletivos com bastão sobre o gramado.

8.52 Saio pela lateral da Residência Universitária para a rua, onde vejo que há crianças brincando no playground do canteiro.

CAMINHADAS E/OU CORRIDAS ESPORTIVAS

8.12 Passa uma moça fazendo caminhada na ciclofaixa. [...] A menina que passou fazendo caminhada, passa retornando agora.

8.18 Passa um casal jovem fazendo caminhada na R. da Pega.

CICLISTAS

8.5 Na minha frente, passam dois homens com uma menina de mais ou menos 10 anos, andando de bicicleta.

8.8 Passa um senhor de meia idade, de bicicleta.

8.11 Passa uma moça na bicicleta em paralelo com um motociclista. Conversam enquanto se deslocam

8.14 Vejo passar pela ciclofaixa um grupo de dois meninos de uns 15 anos, com padrões (não iguais) de treino de futebol, com um senhor de meia idade. Estão de bicicleta.

8.15 Lá vem mais um ciclista fazendo um passeio tranquilo, contemplativo. É um senhor de meia idade.

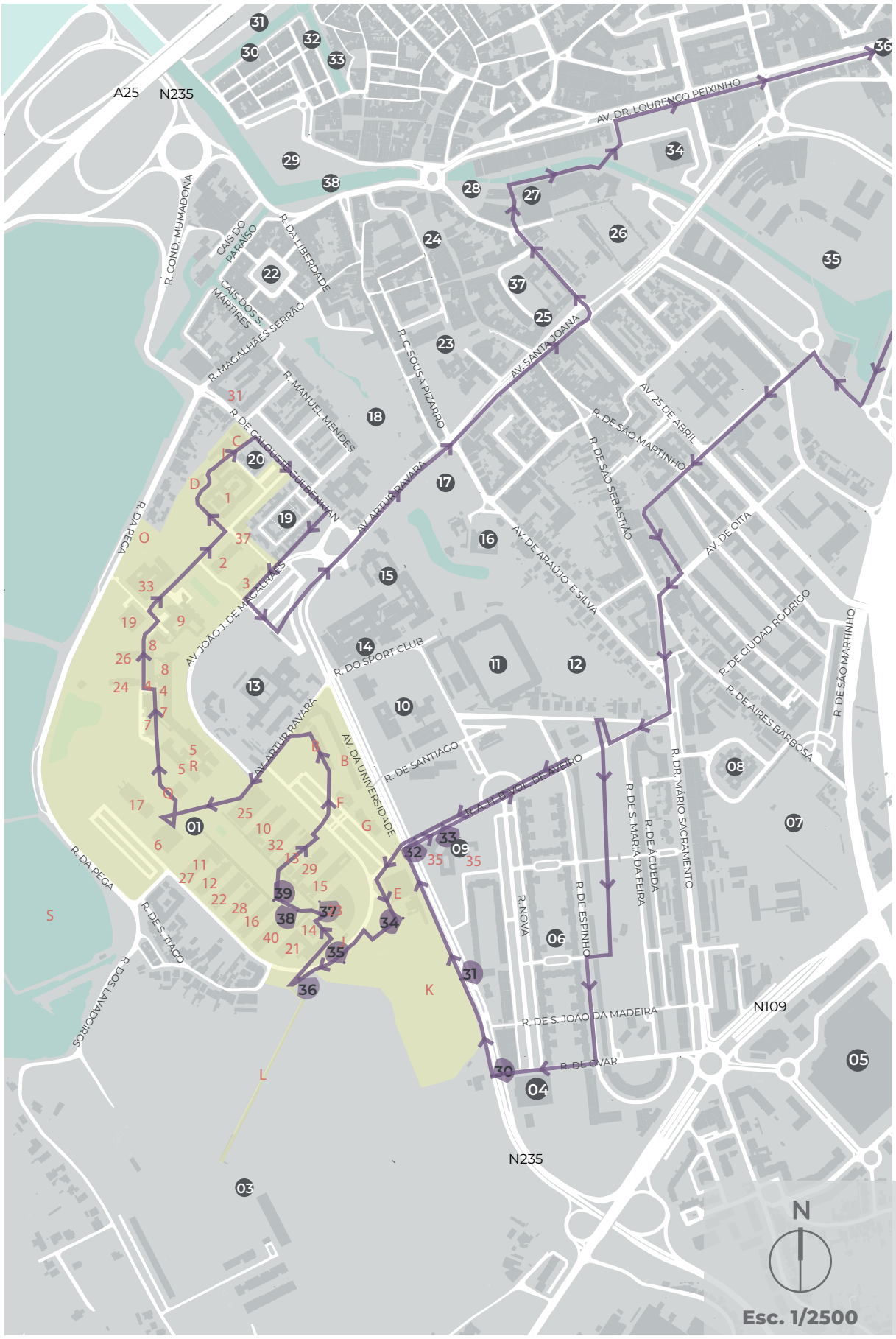
8.16 Vejo passar na R. da Pega um casal com BUGA's e duas meninas com outras bicicletas [...] Passa novamente um grupo de ciclistas que parece uma família, são o mesmo grupo de há pouco.

8.17, 8.24, 8.26, 8.34, 8.37,8.48,8.49,8.54,8.55, 8.56

PESSOA COM SKATE, PATINS OU PATINETES

8.45 Na praça, passa um menino com skate e com uma câmera fotográfica na mão.

Itinerário visita V09 | 25 jul 2018



ROTEIRO DA VISITA

Data: 25.07.2018
Horário: 10-18h20

Percurso realizado a pé.
Início: Estação de Comboios de Aveiro; R. Dr. Arlindo Vincente; R. do Sr. dos Aflitos; R. Carlos L. Silva Guimarães; Cais da Fonte Nova; R. Pe. Arménio Alves da Costa Jr.; R. Gustavo Silva (escadaria); R. de Dr. Manuel das Neves; R. José Joaquim Lopes de Lima; R. da Aviação Naval; Av. de Oita; R. Dr. Mário Sacramento; R. Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro; Parque de Santiago; R. de Espinho; R. de Ovar; Av. da Universidade.

30 Ponto 30: Posto de combustível, em frente ao Mercado de Santiago.

31 Ponto 31: Av. da Universidade, em frente à pista de atletismo da UA.

32 Ponto 32: Cruzamento da Av. da Universidade com a R. Assoc. Hum. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

33 Ponto 33: Parada de ônibus em frente ao ISCA-UA.

Pausa para o almoço. Percurso até à lanchonete localizada na mesma rua. Retorno pela R. Assoc. Hum. Bombeiros Voluntários de Aveiro até o Campus de Santiago.

34 Ponto 34: Estacionamento próximo ao Ginásio (E).

35 Ponto 35: Em frente à entrada do Edf. 21.

36 Ponto 36: Ponte pedonal (L).

37 Ponto 37: Sentada na lateral do edf. 23.

38 Ponto 38: Sentada no banco circular da esplanada

39 Ponto 39: Na esplanada, em frente ao edf. 16.

Retorno: Percurso pelo Campus de Santiago saindo pelo espaço entre os edf. 13 e 29; estacionamento, residência universitária (B); esplanada central; edf. 6; escadaria; passeio localizado no gramado posterior ao edf. 5 até pátio interno do edf. 7; até retornar à via interna carroçável até a esquina do edf. 1; contorno pelo edf. 1 pela via em frente aos edf. D e I; saída do campus pela passagem de pedestre do edf. C; R. de Calouste Gulbenkian; Av. João Jacinto Magalhães; Estacionamento; Bar; Av. Artur Ravara; Av. Santa Joana; R. Batalhão de Caçadores; Shopping Center Forum Aveiro; R. Homem de Cristo; Praça do Mercado; Travessa do Mercado; Av. Lourenço Peixinho; Estação de Comboios de Aveiro.

LEGENDA 2 (conforme sinalização utilizada pela UA)

1	UNAVE /UNIFOC/ Jardim de Infância e ATL/ IEUA
2	Depto. de Línguas e Culturas
3	Antiga Reitoria; CESAM; CICECO; Instituto Confúcio; TEMA
4	Depto. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
5	Depto. de Educação e Psicologia/ /UATEC
6	Serviços de Acção Social/ Serviços/ Centro de Saúde Universitário - Instalações Centrais
7	Depto. de Ambiente e Ordenamento
8	Depto. de Biologia
9	Depto. de Engenharia de Materiais e Cerâmica
10	Depto. de Economia, Gestão e Eng. Industrial e Turismo
11	Depto. de Matemática
12	Depto. de Ciências Sociais, Política e do Território
13	Depto. de Física
14	Laboratório Central de Análises
15	Depto. de Química
16	Depto. de Geociências
17	Biblioteca, Informação Documental e Museologia/ Sala de Exposições Hélène de Beauvoir
19	IT - Instituto de Telecomunicações
21	Depto. de Comunicação e Arte
22	Depto. de Engenharia Mecânica
23	Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico
24	IEETA - Instituto de Eng.Electrónica e Telemática de Aveiro
25	Edifício Central e da Reitor
26	Depto. de Biologia: Herbário e Laboratórios de Ensino
27	Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação
28	Depto. de Engenharia Civil
29	Complexo de Laboratórios Tecnológicos
31	Fábrica da Ciência Viva/IEUA - Incubadora de Empresas
32	CICFANO - Complexo Interdisciplinar de Ciências Físicas Aplicadas à Nanotecnologia e à Oceanografia
33	Edf. das Comunicações Óticas, Comunicações Rádio e Robótica
35	ISCA - Instituto Superior de Contabilidade e Administração
37	CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar
40	CCCI - Complexo das Ciências de Comunicação e Imagem
B	Residência de estudantes
C	Residência de docentes, funcionários e pós-graduandos
D	IDAD - Instituto de Ambiente e Desenvolvimento
E	Pavilhão Poliesportivo Prof. Aristides Hall
F	Snack-Bar/Self-Service/Restaurante Universitário
G	Creche e Jardim Infantil
I	GRETUA - Grupo Experimental de Teatro da UA
J	Depósito de Água
K	Pistas de atletismo
L	Ponte pedonal
O	Estação meteorológica
Q	Livraria e Sala de Exposições
R	Jardim da Ciência
S	Marinha Santiago da Fonte

ENTORNO 00

01	Campus de Santiago da UA
03	Campus do Castro da UA
04	Mercado de Santiago
05	Shopping Center Glicínias Plaza
06	Bairro de Santiago
07	Cemitério Sul de Aveiro
08	Centro de Saúde de Aveiro
09	Instituto Superior de Contabilidade e Administração da UA (ISCA-UA)
10	Escola Básica João Afonso de Aveiro
11	Estádio Mário Duarte
12	Parque dos Amores
13	Seminário de Santa Joana Princesa
14	Centro Hospitalar Baixo Vouga
15	Hospital Infante D. Pedro
16	Polícia Judiciária de Aveiro
17	Parque Infante Dom Pedro
18	Parque de Santo Antonio
19	Bairro da Misericórdia
20	Estabelecimento prisional de Aveíro
22	Jardim do Alboi
23	Praça do Marquês do Pombal
24	Câmara Municipal de Aveiro
25	Catedral de Aveiro
26	Cemitério Central de Aveiro
27	Shopping Center Forum Aveiro
28	Praça Humberto Delgado
29	Jardim do Rossio
30	Cais das Falcoeiras
31	Parque dos Remadores Olímpicos
32	Cais dos Mercanteis
33	Cais dos Botirões
34	Mercado Manuel Firmino
35	Jardim Fonte Nova
36	Estação de Comboios de Aveiro
37	Parque de Santa Joana
38	Canal Central de Aveiro

Campus de Santiago (UA)

Situações observadas. V08 | 25 jul 2018



LEGENDA

INDICAÇÃO DE PONTOS DE OBSERVAÇÃO

PESSOA EM PÉ

9.19 Chegou mais um senhor para esperar por ônibus. Ficou em pé, encostado na parada.

9.22 Duas mulheres conversam sob o edf. 23, já em uma área próxima à caixa d'água (J).

9.23 Três pessoas conversam em pé, na frente do edf. 23.

9.28 Muitas pessoas a conversar em pé ou sentadas. A maioria em pé.

9.31 Um homem observa a escultura e conversa com outro sobre ela.

9.32 Dois homens parados sob as árvores aproveitam a sombra.

9.36 Tem duas mulheres em pé por trás de mim a conversar sob o sol.

PESSOA COM ANIMAL DOMÉSTICO

9.3 Passa uma mulher a passear com o cão.

PESSOA EM ATIVIDADES DE MANUTENÇÃO

9.10 Passa o senhor da limpeza externa. Está limpando as lixeiras

9.12 Há dois homens trabalhando na pavimentação.

9.25 O rapaz da limpeza do campus está lá no estacionamento.

9.35 Lá ao longe, alguém poda os arbustos. [...] Ouço o som da máquina de poda.

PESSOA SENTADA

9.16 Vem uma senhora para a parada onde estou.

9.40 Sentam mais duas mulheres nos bancos da esplanada.

PESSOA DEITADA

9.30 Um senhor com crachá (parece ser estrangeiro) deita na sombra do edifício, na minha lateral. [...] passou 5 minutos de descanso e depois voltou-se para dentro do edf. 23.

PESSOA EM INTERAÇÃO COM O CELULAR

9.28 Um homem em pé, a falar no celular.

9.29 Um rapaz senta no cinzeiro para ver o celular. [...] agora está parado sob a árvore, sentado encostado no caule.

9.33 Um rapaz com uma bicicleta , vê seu celular encostado no banco. Passa um tempinho e sai.

PESSOA EM INTERAÇÃO COM VEÍCULO MOTORIZADO

9.19 Vejo que há um menino sentado dentro do carro estacionado, vidros abertos.

PESSOAS EM GRUPO

9.37 Mais abaixo, na esplanada, um grupo de 5 a 6 alunos conversam.

PESSOAS EM JOGOS OU BRINCADEIRAS COLETIVAS

9.8 Há crianças brincando na creche. De onde estou, ouço suas

CICLISTAS

9.1 Sai uma senhora de bicicleta da R. do Ovar.

9.2 Passa um grupo de 4 ciclistas esportivos fardados iguais do outro lado da avenida.

9.4 Um ciclista vai ao posto calibrar o pneu e depois sai.

9.5 Passa outro ciclista na avenida.

9.6 Lá vem outro ciclista esportivo.

9.7 Passa outro rapaz de bicicleta.

9.9 Um senhor de meia idade atravessa a universidade de

9.11 Sai uma moça e um ciclista da rua dos bombeiros, ambos passam na minha frente.

9.14 Uma ciclista ao fundo, na R. Nova. [...] A ciclista passa pela minha

9.15 Um outro ciclista passa pela rua e dobra nessa mesma R. Nova.

9.17 Passa mais um ciclista na rua.

9.18 Passa um ciclista pelo estacionamento do ISCA.

9.20 Passa um senhor de bicicleta.

9.24, 9.26, 9.27, 9.34, 9.38, 9.39

PESSOA COM SKATE, PATINS OU PATINETES

9.13 Uma menina de mais ou menos seus 8 anos, de patinete, acompanha a mãe, na frente do ISCA. Passam pela frente e seguem.